

COMISSÃO ESTADUAL DE LITERATURA

COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL
1641 - 1820/22**

VOL. I — TOMO 5

SECRETARIA DA CULTURA
ESPORTES E TURISMO

JOSE DE SAUD CASTELO

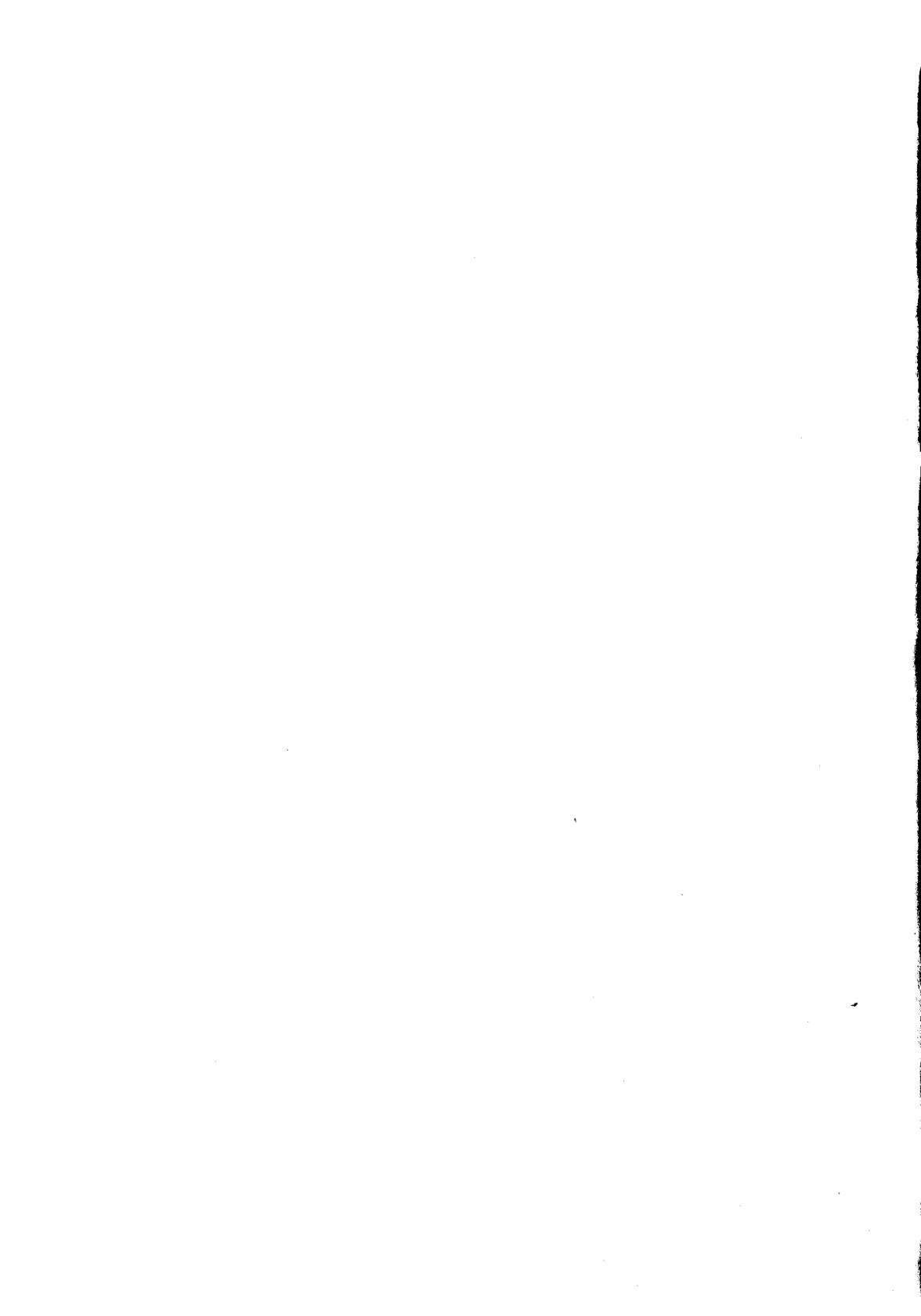
O MOVIMENTO ACADÊMICO NO BRASIL

z-Pr-10

COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

- Nº 1 - José de Saad Castello: HISTÓRIA DO ROMANTISMO
- Nº 2 - Francisco de Sales Torres Homem: POESIA BRASILEIRA DO SÉCULO XVIII. ANTOLOGIA DA POESIA PATRIÓTICA. I VOL.
- Nº 3 - José Adolpho Castello: ANTOLOGIA DO ROMANTISMO LINGÜÍSTICO
- Nº 4 - José Adolpho Castello: TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO. I VOL.
- Nº 5 - Poeta de Alagoas: A ESCOLA ROMANTICA NO BRASIL
- Nº 6 - José Adolpho Castello: TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO. II VOL.
- Nº 7 - Francisco Porto: TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO. III VOL. - ANOS ACADÊMICOS
- Nº 8 - João Maria Leite: POESIA E LINGÜÍSTICA
- Nº 9 - Francisco de Sales Torres Homem: DO ROMANTISMO AO MODERNISMO
- Nº 10 - José Adolpho Castello: O MOVIMENTO ACADÊMICO NO BRASIL - 1841 - 1842 - VOL. I - TOMO I
- Nº 11 - Francisco de Sales Torres Homem: BRITO EXATA - LETRAS FRANCÊSAS
- Nº 12 - Vicente de Paulo Vicente de Alencar: PAGUNHEM VANDILLA - INSPERADA
- Nº 13 - Antônio Augusto de Almeida Leal: POESIAS DE INDIANISMO
- Nº 14 - José Adolpho Castello: O MOVIMENTO ACADÊMICO NO BRASIL - 1841 - 1842 - VOL. I - TOMO I
- Nº 15 - José Adolpho Castello: O MOVIMENTO ACADÊMICO NO BRASIL - 1841 - 1842 - VOL. I - TOMO I
- Nº 16 - Vicente de Paulo Vicente de Alencar: FALAM OS ESCRITORES - VOL. I
- Nº 17 - Vicente de Paulo Vicente de Alencar: FALAM OS ESCRITORES - VOL. II
- Nº 18 - José Adolpho Castello: O MOVIMENTO ACADÊMICO NO BRASIL - 1841 - 1842 - VOL. I - TOMO I
- Nº 19 - Vicente de Paulo Vicente de Alencar: APPASSIONATA - OS AMORES DE BERTHOVEN

0154



VOLUMES JÁ EDITADOS NESTA COLEÇÃO:

- N.º 1 — *João Pacheco*
ANTOLOGIA DO CONTO PAULISTA
- N.º 2 — *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Netto e Péricles Eugênio da Silva Ramos*
ANTOLOGIA DA POESIA PAULISTA, I VOL.
- N.º 3 — *José Aderaldo Castello*
ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERÁRIO PAULISTA
- N.º 4 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, I VOL.
- N.º 5 — *Pires de Almeida*
A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL
- N.º 6 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, II VOL.
- N.º 7 — *Pessanha Póvoa*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, III VOL. — ANOS ACADÊMICOS
- N.º 8 — *Dante Moreira Leite*
PSICOLOGIA E LITERATURA
- N.º 9 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
DO BARROCO AO MODERNISMO
- N.º 10 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 1
- N.º 11 — *Francisco de Assis Barbosa*
BRITO BROCA — LETRAS FRANCESAS
- N.º 12 — *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*
FAGUNDES VARELLA — DISPERSOS
- N.º 13 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
POETAS DE INGLATERRA
- N.º 14 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 2
- N.º 15 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 3
- N.º 16 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES — VOL. I
- N.º 17 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES — VOL. II
- N.º 18 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 4
- N.º 19 — *Octacílio de Carvalho Lopes*
APPASSIONATA — (OS AMORES DE BEETHOVEN)

Castello, José Aderaldo

O movimento academicista no Brasil; 1641-1820/22. São Paulo [1969-

v. (Conselho Estadual de Cultura. Comissão de Literatura. Coleção textos e documentos 10, 14, 15

1. Literatura brasileira - Sociedades, etc.
I. Conselho Estadual de Cultura. Comissão de Literatura. II. t III. série

DC-869.9062



José Aderaldo Castello

Pesquisa, planejamento e supervisão:

— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação do texto:

— ISAAC NICOLAU SALUM

— YÉDDA DIAS LIMA

— NEUSA PINSARD CACCESE

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL
1641 - 1820/22**

VOL. I — TÔMO 5



**CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
SÃO PAULO**

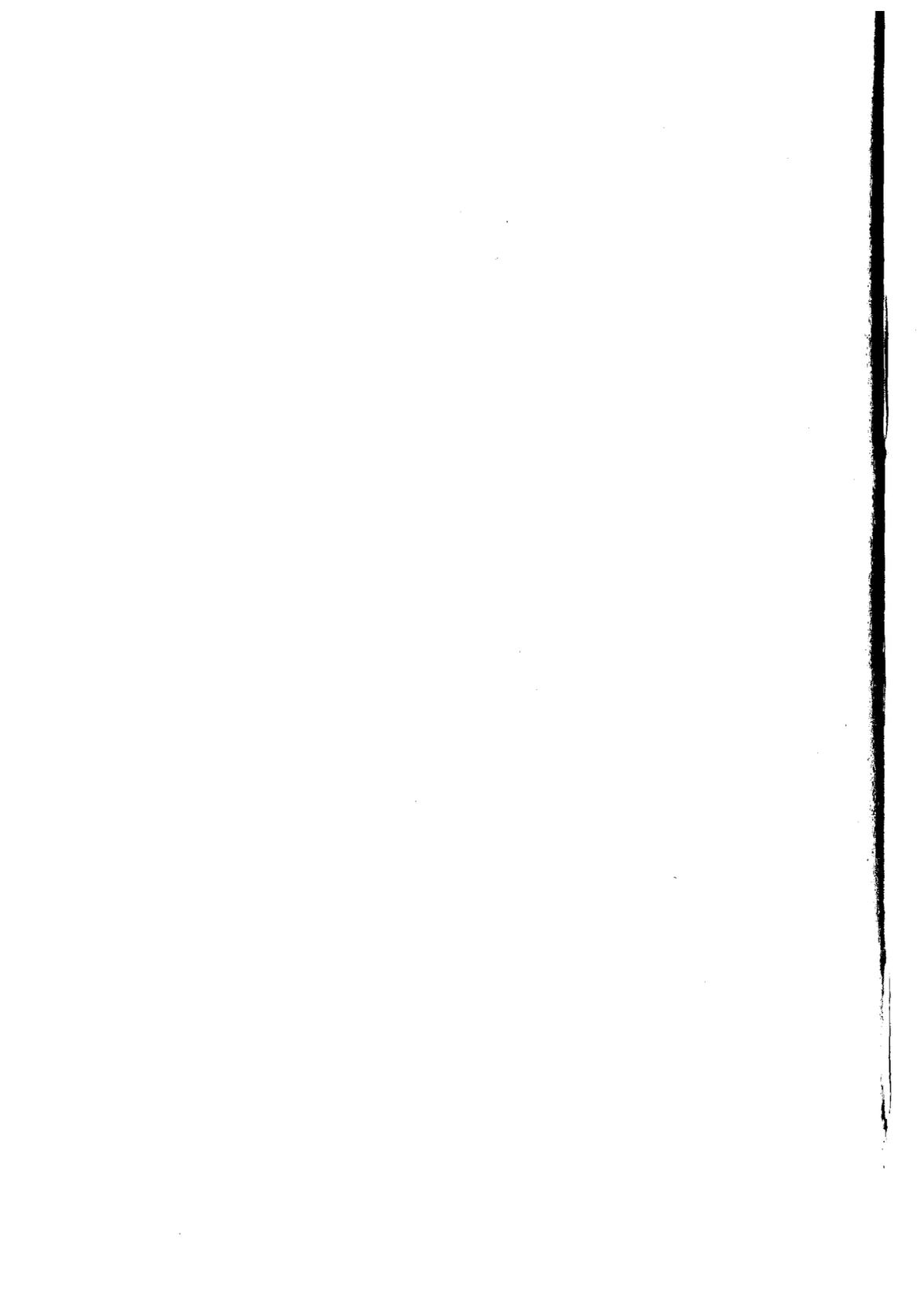
A edição dos inéditos da Academia
Brasílica dos Esquecidos, compreendida até o tomo anterior, contou com a colaboração especial do

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
BRASILEIRO DO RIO DE JANEIRO

Academia Brasílica dos Esquecidos – 1724

Continuação

Conferências Altercadas e Resolutas



DISSERTAÇÕES ALTERCADAS, E RESOLUTAS, PARA
MELHOR AVERIGUAÇÃO DA VERDADE
NA HISTÓRIA DO BRASIL.

O Padre Frei Bernardo do Amaral, sendo Prior dêste Real Mosteiro de Alcobaça, mandou pôr êste Livro, no Cartório do mesmo Mosteiro que com outros três mais que tratam da mesma matéria, se acharam no espólio do Senhor Mestre Frei João César.

Ano de 1761.



DISSERTAÇÃO PRIMEIRA

Da Origem, e que coisas sejam Política, História, Dissertação, e Brasil.

Ordenou-me Excelentíssima e sempre memorável esta Academia dos Esquecidos, que proponha como lente nela, dissertações políticas desentranhadas na história dêste nôvo mundo do Brasil, grande Olimpo, grande vôo, grande favor vosso; desproposicionado Atlante, manifesto perigo, e nenhum merecimento meu: não digo, Senhores, que venho violento para a cadeira digo (,) sim (,) que concorro obedientíssimo à Lição: não exagero minha insuficiência, que fôra ofender a vossa Soberania, se foi, ou não foi a eleição boa, é verdade que haveis de ver, e ouvir muito brevemente: se o meu pouco talento conseguir a ventura de satisfazer as obrigações da sua incumbência, sem dúvida que foi à eleição vossa; se claudicar no desempenho, foi a debilidade minha. O sacrifício não se enobrece só pelo holocausto; a melhor vítima é a obediência. As academias [Brixiense], e Pistoriense, (1) uma chamada dos Errantes, a última dos Diligentes, ambas pintavam a Lua com sua Epígrafe, a primeira **non errat errando**: a outra, **errat in errans**: e diz Picinelli (2) que com estas Letras significavam seus acadêmicos uma Religiosa obediência, protestando ao mundo que se errantes errassem, não erravam; porque diligentes, e prontos obedeciam, **non errat errando errat in errans**.

§ 1.º

Dá a política decoroso assunto à história, tem a história na política o melhor exemplar: filhas de um mesmo Pai; porque de um afeto só constante sempre para aproveitar aos homens; nasceram irmãs legítimas estas duas sublimes faculdades: a primeira história que reconheceu o mundo foi a narração, e princípio do mesmo mundo: a primeira política que

(1) ORAEUS ICON., 11.

(2) PICINEL., *Mund. Simb.*, lib. 1, cap. 8, n. 262.

advertiram os homens foi a que principiou nos rudimentos dos mesmos homens: a primeira história foi a da criação do mundo grande, a primeira política foi a sociedade primitiva do mundo breve; antes de haver política sim teve argumento a história; muito porém antes de haver história já a política tinha motivado aos homens não poucas utilidades: a matéria da história teve princípio antes do princípio do mundo, no seu primeiro caos.

Ante mare, et terras, et quod tegit omnia caelum,
Unus erat toto naturae, uultus in orbe quem dixere
chaos (3)

A utilidade da política antes de haver história já tinha participado muitos bens ao mundo pequeno qual é o homem como lhe chamam os Gregos, o Microcosmo: a primeira história do mundo, como já dissemos, foi a origem da sua primeira criação, **In principio criauit Deus Caelum, et terram** (4); e dêste princípio foi sempre vida, Moisés o primeiro historiador, que escreveu a criação do mundo, dois mil novecentos e cinqüenta anos depois da mesma criação, e mil e quinhentos, e doze anos antes do glorioso nascimento de Cristo Nosso Senhor, assim o refere o **Teatro da Vida Humana**, tomo 3.º, Lit. H., pág. 60, Lit. B, pelo que bem se conclui que se depois de tantos anos subseqüentes à Criação do mundo, escreveu o primeiro cronista a sua história, certo é que já muitos anos antes de haver história, viviam os homens com civilidade, porquanto anteriormente já habitavam em comunhão, e republica a persuações do fratri-cida Caim, primogênito de Adão (5), e o primeiro político que fêz, e murou a Cidade de Henoque: não é menos antiquada a esclarecida nobreza da política; já vêdes, Senhores, o nobilíssimo berço, em que a história nasceu, e se criou.

§ 2.º

Define-se a política uma faculdade civil, com que a pessoa, ou pessoas que presidem na Soberania do Govêrno, entendem na administração das coisas públicas, ou particulares: deduz a Etimologia do **Polis**, que em Grego val o mesmo que Cidade; e de **Itiqui**, que corresponde ao que chamamos Ética, ou moral filosofia, é a política parte potencial da virtude da prudência, e conserva com a da justiça uma grande semelhança: na defi-

(3) OVID., *Meth.*, lib. 1, in princ.

(4) GENES., lib. I., in princ.

(5) GENES., lib. I., cap. 4.

nição que lhe damos a partícula faculdade civil, é gênero transcendente para o direito civil, e para a razão de estado: as mais partículas são espécie, com que se distingue a política da jurisprudência, porque esta tem por objeto o regimento da república; por fim a quietação dela, por preceitos viver honestamente, não ofender a outrem, e dar a cada um o que é seu: a política porém suposto que é faculdade civil, e tem administração no govêrno das coisas públicas, ou particulares; contudo não só cuida em que se dê o seu a cada um; não só entende para que não se ofenda a outrem, não só persuade que se viva honestamente: porque além destes preceitos, ensina também outros muitos; como são conservar o domínio dos povos, estender a possessão dos Estados, conciliar os ânimos dos vizinhos, intimidar o rancor dos êmulos, disciplinar a malícia; sustentar a guerra, estabelecer a paz, defender o rumo, felicitar o Império, presidir as praças, reedificar as fortalezas, prover os celeiros, multiplicar os erários, abundar as terras, abaratecer as [anonas]; remediar o presente, aprender do passado, e acautelar o futuro: êstes e outros empregos iguais, são a intendência, e boa administração da política, mais felizmente expressados neste grave soneto, que treslada o Padre Dom Rafael Blutreau no seu **Vocabulário Português** (6).

Cobrar y administrar con buena cuenta
 No dar a quien por si no lo merece,
 No quitar lo que al otro pertenece,
 No permitir que el premio pare en venta:

Pagar las deudas que el descuido aumenta
 Y moderar el gasto que empobrece
 Tener en el que más custo parece
 Providencia prudente, y no avarienta:

Socorrer las fronteras sin tardanza
 Mantener en su honor a la malicia
 Fomentar del comercio la ordenanza

Formar artes fabriles con pericia,
 Alentar las virtudes, y labranza
 Y sobre todo, administrar justicia.

O que assim advertido bem se mostra que muitos destes cuidados não são objeto da jurisprudência, e parece que fica

(6) BLUTREAU, *ubi supra*, f. 577.

manifesto, que nas palavras da definição; isto é, com que a pessoa, ou pessoas que presidem na Soberania do Governo, entendem na administração das coisas públicas, ou particulares; se distingue essencialmente esta faculdade da outra jurisprudente: a política porém dilata a sua intendência com mais ampla jurisdição: porque administra as coisas públicas, ou particulares, e muito bem pode administrá-las em vários empregos com diverso respeito, sem que lhe seja necessário dar o que é seu a cada um: e por isto ainda que a política seja parte da prudência **gubernatrice** (sic); contudo São Tomás, Aristóteles, Lefrio, Molina, Teólogo, e outros muitos Digníssimos com muita razão a diversificam das mais espécies; a saber Economia, Legisladora, e Militar (7).

§ 3.º

É a história uma voz grega, que significa na razão das coisas passadas; e daqui vejo chamar-lhe M. Túlio a melhor testemunha dos tempos, relatora dos séculos, Luz da verdade, vida da memória, e mestra da vida (8). Traz a história sua etimologia da palavra grega **Isimi**, que quer dizer eu sei, define-se verdadeira narração das coisas passadas, decorosamente referidas, segundo a série dos tempos em que sucederam: a partícula narração é gênero, transcendental para a oratória, e para a poesia; porque ambas estas científicas artes, se valem também da narração: a oratória para persuadir o útil, e honesto, o provável a Poesia para cantar o deleitável, e o verossímil, as mais partículas são diferença; porquanto a História escreve as coisas que sucederam realmente, como se obraram, segundo a série, e ordem dos tempos em que aconteceram: a oratória sim refere as coisas como aconteceram, mas não as relata tão estreita, e rigorosamente: porque pode antepor, ou pospor os sucessos, conforme ao melhor arbítrio do orador (9): a poesia expõe seus argumentos não como foram verdadeiramente sucedidos, mas sim como deviam ser obrados, e para este fim tem o Poeta jurisdição de inventar, fingir, diminuir, ou acrescentar tudo quanto melhor lhe parecer (10).

(7) DOM TOMÁS, q. 50, art. 4; ARIST., lib. 6, *Ethicos*, cap. 8; LEF., *De Iust et Iuri*, 1, cap. 2, n.º 3; MOL., *De Iust. et Iuri*, tract. 1, disp. 1; ASSOR., tomo 1, lib. 3, cap. 26, qe. 3.

(8) CICER., *De Orator.*, lib. 2 ad q., *Trat. DOM RAPHAEL BLUTR., Vocab. Port.*, tomo 4 litet., *H. Verbo Histor.*, f. 39.

(9) LUCIAN., apud LANG. APOLIN., tomo 1, *Verbo Historia*.

(10) PONTAN., *De Inst. Poétic.*, cap. 4.º, in fin.

§ 4.º

Dissertação se diz tôda aquela disputa que se controverte com palavras a fim de se exprimir clara e especialmente a sentença melhor, em qualquer questão: deduz a sua etimologia do freqüentativo **disserto dis sertas** (de quem é nome e derivado) e significa disputar ou declarar com palavras; êste val o mesmo que o verbo **dissero**, que segundo o L^éxico de Uveterano, quer dizer; e exprimir clara e especialmente a sentença de cada um; **Dissere nihil aliud est quam clare et specialiter sententiam suam exprimere** (11). Deduz a sua origem esta voz dissertação não menos que das primeiras mantilhas do universo, porque depois de criar Deus Nosso Senhor esta grande máquina, e formosura do mundo, depois que criou a Luz, o dia, a noite, o firmamento, o mar, a terra, as árvores, os frutos, os astros, os signos, o Sol, a Lua, as Estrêlas, os Brutos, os peixes, as aves, e todos os mais viventes, répteis, voláteis, e aquários; logo criou o homem à sua imagem, e deu-lhe a Eva para sua consorte e nossa primeira mãe: como porém, astuciosa a serpente fatal inimiga do gênero humano, maquinasse transtornar-lhe tanto bem, e de um só golpe privá-lo da vida, na cabeça do primeiro Pai; com ânimo dobrado entrou a controverter com Eva esta infausta e especial dissertação: perguntou-lhe porque motivo ordenara a Adão o Senhor que não comessem de tôdas as árvores do Paraíso. **Cur praecepit uobis Deus?** Respondeu Eva. **Cui respondit mulier:** instou a Serpente, **Dixit autem Serpens** (12). Deliberou-se Eva finalmente a morrer, e comeu da árvore da Ciência: **uidit igitur mulier et tulit de fructu illius, et comedit.**

Foi isto uma disputa com palavras, foi isto um argumento com razões? É certo que sim: e pois que assim é certo, também o é, que tanto dos princípios do mundo principiou a ter origem a dissertação.

A partícula disputa, é gênero que se pode considerar bem, tanto a respeito das academias de Marte, como a respeito das palestras de Apolo, tanto se pode entender dos jogos, como dos acertos, tanto dos espetáculos (sic), como dos quesitos, tanto das batalhas, como das questões, tanto dos aproches, como dos argumentos; porque tanto os aproches, tanto as batalhas, tanto os espetáculos, tanto os jogos; como os acertos, como os quesitos, como as questões, como os argumentos, tudo e todos, sim são disputas, mas tudo, e todos não são dissertações: e por isso as mais partículas, isto é, com palavras a fim de se exprimir clara,

(11) UVETER., apud LEXIC. CALVIN., verbo **disserere**.

(12) **Genes.**, lib. 1, cap. 3.

e especificamente a sentença melhor em qualquer questão; são diferença: pois dizendo-se disputa com palavras: já se distingue a dissertação da disputa das forças, já se discriminam os acertos dos jogos; os quesitos, dos espetáculos, as questões, das batalhas; e os argumentos dos aproches: tanto pode a diferença com palavras: que faz própria, e muito especial de Minerva a mesma disputa, que no seu gênero era promiscuamente transcendental a Palas; assim como presidente da guerra como tutelar da Sabedoria.

§ 5.º

É o Brasil uma grande parte da América, é a América a quarta parte do mundo; e certamente não bem conhecida dos primeiros séculos — **Universum terrarum orbem** (diz Abrão Ortélio) **ueteres in tres partes diuisere Africam, Europam; Assiam, sed in nuenta America etc** (13). Chamou-se América de Américo Vespúcio grande matemático, e cosmógrafo de nação Florentino, que o Senhor Rei Dom Manuel da gloriosa e feliz memória, mandou reconhecer, sondar, e demarcar a terra, e costas desta segunda Lusitânia Ocidental, e nôvo mundo do Brasil: assim o referem Solorzano, em o tratado **De Iur, Indiar.**, o Padre Simão de Vasconcelos na **Crônica da Companhia de Jesus nesta Província** (14).

Acha-se o Brasil situado em forma triangular debaixo da zona tórrida, e principia pontualmente do meio dela para a parte austral correndo ao trópico de Capricórnio, e dêste entra pela zona temperada, tal espaço que ainda não se sabe certamente: como escrevem os nossos historiadores; e sem suspeita Jorge Maregrávio autor Alemão na sua **História Natural do Brasil** (15).

Principia êste grande estado da parte do Norte desde o grande Pará, por outro nome chamado o Rio das Amazonas, e finda na parte do Sul, em outro Rio não menos seu igual, chamado da Prata; inclui o nosso Brasil o melhor espaço de mais de dez mil léguas em circunferência (16). O seu clima é cáldido sem excesso, estende-se todo retalhado em rios, cheio de frutas, abundante de caças, fecundo de madeiras, enriquecido de preciosidades, como são esmeraldas, bálsamos, óleos, prata,

(13) **ABRANH. ORTEL.**, in **Teatr. Orb. Tabul. Brasil.**

(14) **SOLORZ.**, de **Iur. Ind.**, tom. 1, lib. I, cap. 4., n. 6; **VASCONC.**, lib. 1, **Das notíc. do Brasil**, n.º 18.

(15) **JORG. MAREGRAV.**, **Histor. Natur. Brasil.**, lib. 8, cap. 1, in **princ.**

(16) **FRANC. DE BRITO FR.**, **Guer. Brasil**, lib. 1, n.º 29.

açúcar, tabaco, e sobretudo é mineral de muito ouro, com que pródiga a mesma terra continuamente está tributando adorações ao seu Invictíssimo Monarca, e envia a El-Rei Nosso Senhor em opulentíssimas frotas todos os anos milhões e milhões de cabedal, muitas arrôbas, e mais arrôbas de finíssimo ouro: são os seus ares muito acomodados para a saúde, e as suas águas muito úteis para a boa passagem da vida humana: não trato com mais extensão da sua Latitude, e Longitude, graus em que fica, e demarcações que o terminam porque fôra deslumbramento grande emprender, usurpar tal emprêsa, que tão condignamente recomendou esta soberana academia à suma diligência, e notórios estudos do Licenciado Caetano de Brito Figueiredo chanceler digníssimo na Relação dêste Estado.

No seu primeiro descobrimento foi chamado o Brasil região, ou Província de Santa Cruz: sem dúvida porque sendo vista a primeira vez das nações Européias, o descobriu Pedro Álvares Cabral na segunda oitava da Páscoa 24 de abril do ano 1500 (17): em altura de dez graus até dezesseis e meio, quatrocentas, e cinqüenta léguas ocidentais à costa de África, segundo a estimativa dos Pilotos: e sendo em três de maio do dito ano, o General acompanhado da maior parte da sua Soldadesca desembarcou com tôdas as demonstrações de alegres júbilos, e com grandes salvas de muita artilharia, e logo fêz erigir o primeiro altar, cantou-se missa, e houve a primeira pregação que ouviu o Brasil: entendo que os felizes operários desta primeira cultura, na dilatada vinha do Senhor seriam os Religiosos do seráfico Padre São Francisco por se acharem também neste descobrimento: é memória que traz o mesmo Padre Simão de Vasconcelos (18); e por ser filho da Companhia é testemunha sem suspeita. Esta matéria porém como especial e privativamente pertence explanar ao Sapientíssimo Senhor o muito Reverendo Doutor Gonçalo Soares da Franca, êle com a sua costumada energia dirá melhor do que eu a verdade específica desta dissertação.

No dia pois três de maio, fêz o General Pedro Álvares pôr no mais alto de uma grande árvore o Troféu invictíssimo da nossa redenção, levantando por bandeira da fé o estandarte real da Vera Cruz, para que servisse de pirâmide à eternidade e firmíssima escada por onde subissem os habitadores do Brasil, a gozar venturosos, da suma fluência do mesmo Deus.

Por esta tão pia como religiosa ação no mesmo dia três de maio deu logo o General a tôda esta Província o nome de terra da Santa Cruz que ao depois a introdução do vulgo, instigado

(17) FRANC. DE BRITO Fre., d.º hb. 1, n.º 18.

(18) PADRE VASC., d.º hb. 1.º, n.º 9 et n.º 10.

mais da sua cobiça converteu à denominação de Brasil; sem dúvida mais inclinados os homens, ao nome de outro pão, bem diferente nos afetos do Sagrado Lenho da Cruz (19), como mostraram os usos das tintas pelo curso dos mais anos subseqüentes: desta tão grosseira metamorfose de nomenclaturas, dolorosa, e gravemente se lastimam os nossos insignes portuguezes, João de Barros, na *Década Primeira*, lib. quinto, capítulo segundo; Pedro de Maris, no diálogo quinto, *De Vária Historia*, capítulo segundo, página trezentos e trinta e oito; Frei Antônio de São Romão, lib. 1.º, *Da História Índica Oriental*, capítulo onze, página cinqüenta e sete: a conversão dêste nôvo nome de Brasil referem o Padre Simão de Vasconcelos, Francisco de Brito, Francisco Antônio de Sousa de Macedo, Solorzano Jorge Maregrávio, e o Padre Dom Rafael Bluteau.

(19) VASC., do lib. 1., n.º 2; FRANC. DE BRITO., Fre., lib. 1, n.º 23; SOUZ. de Mac. Lusit., liber in proem., § 3.º, n.º 5; SOLOZ., de Iuri Ind., tomo 1, lib., cap. 4, n.º 40; MAREGR., de Natur. Hist. Bras., lib., 8, cap. 1.º, in princ.; BLUTR., Vocab. Port., tomo 2, Liter. B., Verbi Brasil, pág. 185.

DISSERTAÇÃO SEGUNDA

Da Divisão da Política, História, Dissertação, e Brasil.

Irado e Ressentido Deus Senhor Nosso de haver feito no Paraíso por suas próprias mãos ao Protoplasmo (Adão digo) decretou na mente divina sepultar o mundo todo com dilúvio universal, para que no imenso de suas águas se submergissem tantas ofensas; quantas a malícia dos homens bárbaramente cega havia cometido, contra a Majestade do mesmo Deus: é porém o Senhor tão misericordioso, que no próprio instante, que prescreveu o Castigo, logo também acautelou o remédio, ordenando ao Patriarca Noé (1) que edificasse o portentoso artefato daquela grande arca delineada, e repartida pela presciência da sua direção, a fim de que salvas as poucas relíquias dos viventes sobrenadassem, e vencessem o mesmo dilúvio para que moradores da terra a presidissem e gozassem pacientemente segunda vez.

Sucedeu pois que no ano seiscentíssimo da idade de Noé (2), nos dezessete dias do segundo mês principiou a experimentar o mundo a fatal execução do Divino decreto, porque logo sentiu a terra. Lamentaram os homens, escurecer-se o dia, perturbar-se a luz, cobrir-se o Sol, enlutar-se o firmamento, tremer o universo, cintilar o fogo, bramir o mar, sibilar o Sul, crescerem vapores, condensarem-se as nuvens, denegrirem-se os ares, limitarem-se os horizontes, desatarem-se as [iadas], romperem-se as correntes do abismo; e abriram-se as cataratas do céu; tudo era horror, tudo era estrondo, tudo era perturbação, tudo eram relâmpagos, tudo eram estalidos, tudo eram raios em todo o Céu, tudo era chuva, em tôda a terra tudo era chuva; da parte do Sul tudo era chuva; da parte do Norte tudo era chuva; da parte de Leste tudo era chuva; da parte de Oeste tudo era chuva, finalmente de tôda a parte tudo era chuva; em todo o lugar tudo era chuva, tudo o que se via era chuva, tudo o que se escutava eram chuvas, chuvas, e mais chuvas, águas, e mais águas; inundação e mais inundação.

(1) Genes, lib. 1, cap. 6.

(2) Genes, cap. 6.

Choveu incessantemente por espaço de quarenta dias; sem interpolação, ou intervalo algum; cresceram as águas, sôbre os mais agigantados montes em altura de quinze covados, e porfiou o dilúvio (3) todo o tempo de cento e cinquenta dias, mas depois que passaram logo se foram diminuindo as águas, limpando-se os horizontes, resplandecendo os Céus, rindo-se a aurora, adelgaçando-se o ar, luzindo o Sol; apareceu a bonançosa Iris, divisaram-se os montes, reverdeceram as árvores, quando assim depois de passados quarenta e sete dias, manda Noé à pacífica pomba que saia segunda vez da arca: mas, apenas rompeu os ares, quando a pouco espaço, descobriu terra a formosa avezinha, e voltando precursora da paz, presenta a Noé um ramo de oliveira, alegraram-se os companheiros, extingue-se o dilúvio. Louvam todos ao Céu, e gozam segunda vez da terra; para que convalescentes no horroroso mal de tão prolixas trevas, possuissem seguros a tranqüila fruição das maiores felicidades.

Viveram os homens nos primeiros séculos depois do dilúvio universal, sem a menor perturbação; naqueles primitivos tempos gozavam geralmente os habitantes do mundo, do sossêgo (,) da paz, da opulência, e da abundância, não se experimentava castigo, não se conhecia mêdo, não se temiam vinganças, não se receavam justiça, não se desembainhavam espadas, não se haviam trombetas: ignorava-se o comércio, não se conhecia a navegação; tudo era comum, nada era particular; ó mil vêzes venturoso século? Ó idade justamente chamada de ouro? (4) Pois assim como êste entre os outros metais, resplandece príncipe da estimação dos homens, assim também a respeito das mais idades do mundo foi sem dúvida a primeira de ouro a mais preciosa.

Persistiu esta felicidade por tempo de duzentos, e quarenta, e nove anos desde o dilúvio universal até o reinado de Nino, como refere Fábio Pictor no livro primeiro que escreveu do século de ouro e logo preocupados os homens da ambição de reinar, seguiu-se a segunda idade a que se deu o nome de prata (5): nesta principiam os mortais a decidirem os domínios, terminarem os Reinos, distinguirem as posses, e desterrarem a Comunhão: nesta idade da prata se abriu a terra, se exercitou a agricultura, se levantaram as casas, e tiveram princípio as habitações.

Seguiu-se a terceira idade de cobre em que tiveram princípio os rigores de Marte, e os desvelos de Belona (6) mas neste tempo nem ainda as guerra conheciam fraudes, nem as cam-

(3) Genes, d.º lib. 1, cap. 7, Sim. maiol, dier. canicul. collog., 1, p. 24.

(4) OVID., Met., lib. 1.º, v. 82.

(5) OVID., lib. 1.º, v. 113.

(6) OVID., lib. 1.º, v. 125.

panhús estratagemas. Chegou finalmente a quarta, e última idade de ferro, que é a que chora presentâneamente o mundo todo, porque nesta principiou a desterrar-se e romper em absurdos, a vida humana; fugiu a vergonha, fugiu a verdade, fugiu a fé, e substituíram-lhes o lugar o dolo, a fraude, a violência, a cobiça e a traição (7).

O que suposto já vêdes, Senhores, que da segunda idade da prata principiou a divisão a ter origem: no primeiro estado da felicidade viviam os homens em comum; depravou-se o mundo, e persuadiu a razão natural, que se dividissem os domínios, e tratasse cada um do que era seu particularmente: assim o decidiu Hermodeniano: mas não procedeu sem exemplares o direito das gentes (8), porque olhando para o firmamento admirou dividida essa azul esfera em onze Céus; o globo celeste em cinco Zonas; o mundo grande em quatro idades, o mundo breve em quatro repartições: divide-se o mundo em quatro partes: compõe-se o homem de quatro humores, reparte-se o ano em quatro estações, quatro são os elementos, tem a navegação rumos opostos, constam os rumos de ventos contrários, os ventos repartem-se em partidas; e as partidas em quartas: finalmente não há ciência que não se divida, não há mais matéria que se explique melhor sem divisão *Facilius enim* (diz Sêneca) *per partes incognitionem totius adducimur* (9). Logo para que nos expliquemos mais fácilmente justo será que entremos a dividir as próprias matérias, que definimos na nossa primeira dissertação.

§ 1.º

Divide-se a Política em três espécies, a saber, Monarquia, Aristocracia, e Democracia (10): Monarquia é o govêrno de um só Príncipe Soberano, e independente de outra alguma aprovação deduz a sua etimologia das palavras gregas, *monos*, que significa um só, e *Archos* que quer dizer Príncipe (11): Aristocracia, é o govêrno de poucos, e dos mais nobres, e virtuosos do principado, que em latim se chama *status optimatum*: Democracia é o govêrno de muitos, ou quando uma grande parte dos cidadãos administra o Império gozando todos os comandantes simultâneamente do direito da Majestade (12). Destas três espécies de poli-

(7) OVID., lib. 1, v. 127.

(8) L. *ex hoc iure*, 5; De Iust., et Iur., ubi Igid. Lusit., 1.ª part., cap. 4.º n.º 1.

(9) SENEC., ad Lucill. Epistol., 39: *in princip.*

(10) ARIST., Polit., lib. 3, cap. 10.

(11) BOBADIL., Politic., tomo 1.º, lib. 1, cap. 1, n.º 14.

(12) LAN., APOL. Uerb. politic.

tica, o Governo Monárquico, é sem dúvida o melhor; sucede-lhe o aristocrático, que prefere ao último da Democracia: assim o sentiram os escritores antigos Gregos, Latinos, Hebreus, Teólogos, Filósofos, Juristas, Oradores, Historiôgrafos, e Poetas, e com maior digestão, e clareza Cassânio no **Catálogo da Glória do Mundo**, parte doze (,) consideração cinqüenta e cinco, **Hissídio Lusitano de Iusti. et Iur.**, primeira parte, capítulo três, número cinco.

Do governo monárquico usa presentâneamente a maior parte do mundo, e já nos séculos passados o praticaram também os Impérios dos Assírios, dos Persas, dos Gregos, e dos Romanos: da Aristocracia usaram antigamente Grécia e Roma, hoje ainda se governam aristocráticamente os Venezianos: a mesma Roma, e Grécia se regeram em diversos tempos, com a política democracia, atualmente a observaram os Genoveses, Holandeses, e Cantões de Suíça.

Tem estas três espécies de política (13) outras três contrárias espécies que se verificam quando alguma das três primeiras degenera daquele utilíssimo fim, a que só deve atender que é o do bem comum, porque então o governo do Rei não é monárquico, é tirano, a Aristocracia é oligarquia, a Democracia é Timocracia: assim o ensinam Aristóteles, Patrício Cermenato, Arquito Pitágoras, Simâneas, e outros muitos autores que cita e segue o douto Bobadilha nas suas **Políticas**, tomo um, livro primeiro, capítulo primeiro, número treze; Molina Theolog. **De Iust. et Iur.**, tomo primeiro, **tract.** dois, **disp.** vinte e três, número treze, Hissídio d., parte primeira, capítulo três, número cinco.

Escreveram antigamente **Política** Pitágoras e seus discípulos, Charondas, e Zeluco; escreveram Parmênides, Zenão, Arquito Torentino, Homero, Hipaso, Hipódamo, Falcas, Heráclito, Ésclines, e outros muitos, Platão porém, e Aristóteles melhor que todos; como fizeram nas mais matérias que trataram: dos modernos poderá recitar uma grande turba de autores porque são inumeráveis os que escreveram de profissão preceitos políticos, incidentalmente serão muito poucos os escritores que não tocassem algum **prolôquio maximor**, ou apôtema político: de presente direi só os que nos acompanham, e são Plutarco, Cornélio, Tácito Vicente Cartário, Duro de Pásculo, João Húrmio, Frederico Fúrio, Coriolano, Hipólito dos Montes, Francisco Guicetardino, Dom Antônio de Mirandela e Bolonha, Solorzano, Bobadilha, Dom Francisco de Quevedo, Dom Diogo Savedra Taxardo, os Padres Francisco de Garan, e Luís Inglares, ambos esclarecida

(13) **BOBADILL.**, de lib. 1, cap. 1, n.º 14; **MOLIN.**, **De Iust. et Iuri**, tomo 1, **tract.** 2, **disp.** 23, n.º 2.

glória da sagrada companhia de Jesus, Justo Lípsio, e Dom Francisco Manoel.

Tem finalmente a política por matéria a república, por objeto o bem comum; e por fim o bom govêrno; seu inventor foi Sócrates, o seu texto é Aristóteles.

§ 2.º

Divide-se a História em muitos membros, a saber universal, e particular, a história universal trata *v.e.* de todo o mundo, de todo o Estado; a particular escreve de alguma pessoa, de alguma Cidade, de algum Reino determinadamente em indivíduo: subdivide-se a História em Eclesiástica, secular, militar, e natural: subdivide-se mais em história, anais, diários a que os Gregos chamaram Efeméridas; em breviários, epítomes.

A história expõe as facções passadas desde o princípio até o fim, sem interpolação; os anais referem os sucessos, não desde o seu princípio, mas desde alguns anos, observada porém a ordem de cada um; e na mesma forma sucessivamente daí em diante, os diários relatam os acontecimentos de cada dia, especificando-os como sucederam em cada Sol, os epítomes, ou breviários recopilam lacônicamente as narrações, que testemunham.

Divide-se mais a história em rigorosa, e menos rigorosa, a rigorosa é a verdadeira história, a menos rigorosa é a fingida ou intelectual. Tem a história por fim a verdade, por objeto a imitação do bem; por matéria as coisas passadas: foi o primeiro historiôgrafo Moisés; são seu texto Políbio e Luciano. Infinitos são os Autores que escreveram história; fazermos catálogo de todos é impossível, e assim só faremos lembrança de alguns relatando-os pelas espécies de nossa divisão.

Escreveram História universal Moisés Paulo Osório, Destro Darcionense, Sabélico Soromeno, Presbítero Pistoriense, Beroso e Josefo, Frei Bernardo de Brito, André dos Anjos: escreveram história particular Cádimo Milésio, Calímio Súrío, Bondo Toroliviense, Andronio, Arriano, Quinto Cúrsio, o Bispo Dom Jerônimo Osório, Jacinto Freire de Andrade, Damião de Góis, Duarte Nunes de Leão; e melhor que todos o muito Reverendo Arcebispo que foi desta Metrópole e Santa Sé da Bahia o Padre Dom Sebastião Monteiro da Vide na **História da Vida, e Morte da Madre Sórór Vitória da Encarnação** glorioso exemplar do muito esclarecido Convento de Santa Clara do Destêrro desta Cidade.

Escreveram História Eclesiástica Anastácio Laterense, Esipo Fortunato, Pulomio Lucente, Sócrates Constantino Polítano, Paulo Diácono, Segisberto Menaco, Ricardo Carsulano Lan-

dulfo Cônego; Gonçalo Mescas, Frei Luís de Sousa, Frei Manuel da Esperança, o Padre Francisco de Santa Maria, melhor do que êstes o Mestre Politano Dom Rodrigo da Cunha autor da **História Eclesiástica da Igreja Lxa.** todos êstes porém excede vantajosa, e felizmente o Senhor Reverendo Doutor Gonçalo Soares da Franca nas suas eloqüentíssimas **Dissertações sôbre a História do Brasil** que já tão devidamente temos admirado nesta academia, e veneraremos respectivos pela continuação das mais conferências que desde antes se forem seguindo para o futuro.

Escreveram História Secular Eliodoro Lampsídio Agastias Grego, Amiano, Marcelino, Herodiano, Heródoto, Isíquio, Pausânias Cesariense, Gaspar Estaco, Alvaro Lôbo, Luís Martinho de Azevedo. Escreveram História Militar Alábio Gôsto, Anfídio Bosso Crispo Salústio, Dario Frigio, que compôs em Grego a **Guerra Troiana**, Cápío Ópio, que continuou os comentários de Júlio César, e escreveu a **Guerra dos Espanhóis.** Dom Henrique Catalina de Ávila as **Guerras de França** (.) Tamiano Estrada as **Guerras de Flandres**, o Conde Dom Luís de Meneses as **Guerras de Portugal restaurado**, Francisco de Brito Freire a **Guerra do Brasil**, o Monge Frei Rafael de Jesus a **Restauração de Pernambuco e das mais capitánias confinantes**: cai porém o silêncio o incansável desvêlo dêstes e outros muitos Historiadores, porque mais venturosamente que todos têm desempenhado esta grande emprêsa os laboriosos estudos do Senhor Doutor Inácio Barbosa Machado meritíssimo Juiz de fora nesta Cidade e sapientíssimo Lente de história militar nesta academia.

Escreveram história natural Plínio, Aristóteles compôs da história dos animais dez livros, Banino escreveu três tomos da história das plantas, Frei Francisco Garcia do Vale escreveu em castelhano a história natural e moral desde o princípio do mundo, Jorge Maregrávio escreveu em latim a história natural Brasília, mas a todos êstes, e aos mais que adiante emprenderam tão subido empenho já desde agora os tem vencido o Senhor Caetano de Brito de Figueiredo digníssimo Chanceler da Relação dêste Estado.

Escreveram anais **Quadrigário Suma**: **quam** Metastenez Cornélio Tácito; do Reino de Aragão temos história escrita por anais em quatro tomos; o Poeta Ênio também compôs os seus versos escrevendo por anais.

Escreveram breviário, ou epítomes (que vale o mesmo) **Bairão das Ações de Alexandre**; Fego Trariano escreveu o epítome dos olímpíonicos em dois livros; em quatro os Faustos Romanos, Trajano Patricio escreveu o epitome dos tempos, no principado de Justiniano; Sabino Massário deu Faustos ao prelo: Manuel de Faria e Sousa escreveu epítome das histórias portu-

guêsas em castelhano, o Padre Francisco de Santa Maria escreveu diários; e por diários também com mais elegância que todos; tem escrito as grandezas, e memórias de Portugal dando-lhes o título de **Faustos Lusitanos**; o mesmo Senhor Doutor Inácio Barbosa Machado, como confessará mais devedora a veneração geral quando tivermos a felicidade de os reverenciarmos manifestos nas vozes da imprensa para glória da pátria, e admiração do mundo todo.

Escreveram história rigorosa todos os historiógrafos, que temos relatado, e outros muitos que não repetimos para não abusarmos da benévola dissimulação com que nos faz tão conhecido favor auditório tão conspícuo, tão sábio, tão singular.

Escreveram história menos rigorosa Ovídio nas fábulas do seu **Metamorfoses**, Natal Conde nas suas **Meteorologias**, João Pocácio **Da Geração dos Deuses**; Esiodoro do Nascimento, **Das Divindades**; nesta classe entram também o Filósofo Esopo, e o seu melhor tradutor Fedro nos apólogos, e fábulas morais: da mesma sorte entram também nesta categoria de história fabulosa, os livros celebrados dos antigos cavaleiros andantes, Amadis de Garça, Amadis de Grécia; D. Olivanti de Laura Floris Marte de Hircania Palmerim de Inglaterra, Palmerim de Oliva, Dom Bilianis Reinaldos de Montalvão, e o famoso Dom Quixote de la Mancha.

Escreveu finalmente história discursiva ou história intelectual o único Fênix que nos vãos da sua pena excedeu as perspicácias das maiores Águias que escreveram história, o grande Antônio Vieira, varão ilustre, e religioso exemplar da Companhia de Jesus, na sua jamais vista outra semelhante empresa da história do futuro assombro verdadeiramente só digno do seu desmedido talento, e tão desmedido, por agigantado, que êle só poderia cabalmente louvar-se a si próprio: e assim não profane, não a minha rudez os aplausos de um Herói; que pelas suas singulares Letras e conhecidas virtudes se fêz a credor dignamente em todo o mundo de uma bem merecida, e universal veneração.

§ 3.º

Dissemos no parágrafo quarto da nossa dissertação primeira que esta se definia em comum; disputa, que se controverte com palavras a fim de se exprimir clara e especialmente a sentença melhor, em qualquer questão: do que se infere, que segundo fôr, a hipótese, ou a matéria sujeita da disputa tal será a dissertação que se controverta: se a contenda fôr sobre Teologia, será Teológica a dissertação; se de Filosofia, será Filosófica, se de Geometria, será Geométrica, se de Álgebra, será

Aritmética, se de Magia, será Mágica, se de Cânones, será Canônica, se (de) Direito Civil (,) será Jurisprudente; se de Polícia (,) será Política, se de Oratória (,) será Retórica; se de Poesia, será Poética; se de História, será Histórica; se de Latim, será Gramática (;) se de Ortografia (,) será Ortógrafa; se de Guerra (,) será Militar; se de Feridas, será Cirúrgica; se de Navegação (,) será Náutica; se de Canto (,) será Música; se de Agricultura, será de Rerústica; se de Caça, será Venatória; se de Textura (,) será Lanífera; finalmente se fôr a controvérsia fabril, será mecânica a dissertação, e assim dizemos, que quantas são, e possam ser as espécies das disputas, tantos serão os membros opostos desta nossa divisão.

Tem por matéria a dissertação, tôda a que foi ou possa ser disputável, por objeto, tem a opinião melhor, para fim averiguação da verdade: para conhecimento da que se propõem as dúvidas, se consideram as respostas, se formam as instâncias, e discorrem as distensões; devem porém os argumentos serem moderados porquanto se a dissertação fôr nímia imoderadamente ou por capricho, ou por vaidade, ou por espírito de contradição, tão longe está de ser semelhante controvérsia afeto louvável, exercício virtuoso ou empenho científico, que necessariamente há de produzir efeitos contrários, e a dissertação que sômente se devia alterar a fim de se conhecer a verdade e concluir a sentença melhor; se contrverter nímiamente imoderada, é preciso que se há de perturbar o certo, escurecer o claro, e confundir-se totalmente a melhor opinião: é pensamento do Sêneca, e também foi de Aquiles Boéquio no seu símbolo quinquagésimo (14).

Sôbre esta matéria, e as muitas utilidades que se seguem das dissertações moderadas; se nos abria um largo argumento para o discurso; mas por não sermos prolixos muito de propósito preterimos êste emprêgo que acharam os curiosos felizmente ponderado pela muita, e costumada erudição do Padre Picinelli em repetidos lugares do seu **Mundo Simbólico** (15).

Vários foram os Autores que escreveram seus livros e tratados, com o título de dissertações; recontaremos alguns dos que temos notícia. Erédio Ático, médico antigo, escreveu dissertações sôbre a natureza, e a fôrça da dor; Sêneca escreveu uma grave dissertação **De Pereginone Pucherrima**; Marco Antônio Terácio escreveu um livro que intitulou **Dissertações Críticas à Língua Hebráica**; o Doutor José Vela de Orenha escreveu em dois tomos, **Dissertações Jurídicas**, e **Casos Julgados nas Relações de Espanha, e de Granada**.

(14) SENEC., *Epist.* 108, p. mihi 634, Lit. A.

(15) PICINEL., *Mund. Simbol.*, lib. 9, n.º 198, n.º 558, lib. 1, n.º 81, lib. 12, n.º 1933, 273, lib. 15, n.º 78, lib. n.º 156, lib. 25, n.º 74.

§ 4.º

Dividiu-se o Brasil nos primeiros anos do seu descobrimento em catorze Capitâneas, ou Províncias (16); a saber Maranhão (,) Tamaracá (que é a mais antiga) (,) Bahia (,) Pernambuco (,) Pará (,) Ceará (,) Rio Grande (,) Paraíba (,) Sergipe del-Rei, Ilhéus, Pôrto Seguro (,) Espirito Santo, Rio de Janeiro (,) São Vicente: hoje porém consta de algumas destas, e outras mais, excetas as que a Majestade de El-Rei Nosso Senhor tem comprado, e unindo a Coroa Real fazendo-as da sua immediata protecção. Tem o Brasil onze governos distintos, a saber, Maranhão que é sôbre si; Paraíba, Pernambuco, Sergipe del-Rei, Espirito Santo, Rio de Janeiro, Santos, Nova Colônia, São Paulo, Minas Geraes, mas todos êstes últimos nove subordinados presentâneamente à grandiosa Metrópole de todo o Estado que é esta sublime cidade da Bahia (17).

Hoje mais que nunca venturosa, pois sacrifica, obedece, tributa, e adora; por simulacro à grandeza, por vítima os corações; por holocausto a fé, por culto os entendimentos, por incenso o amor; por altar as vontades, por turíbulo as memórias; por troféu as esperanças, com que vivamente se promete conseguirá por mais tempos a suave fruição, que tanto a ilustra, no adorado, e apetecido jugo, que para si sômente deseja reverenciando respectiva o majestoso império do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses do conselho de Sua Majestade que DEUS Guarde, Alferes-mor do Reino, Alcaide-mor da Vila de Alenquer, Comendador da Ordem de Cristo, e das Comendas de São Pedro de Alomar, São João do Rio Frio; Vice-Rei, e Capitão General de mar, e terra do Estado do Brasil, a cujas soberanas proezas, e sempre esclarecidas façanhas reverente todo o mundo, saudosa Ásia, engrandecida Europa, felicitada América, e com justa emulação tôda a África, pelas vozes da immortalidade, pelas sonoras cem línguas da fama cultam (sic) sacrificios, repetem adorações, confessam rendimentos, e protestam vassalagens; cultos já muito de antes sempre devidos, e desde agora imortais para o futuro eternamente.

Escreveram do Brasil Alberto Vespuciano *Epítome das Navegações* (,) ano de 1501. Abraão Hortélio no *Teatro do Mundo, Tábua Brasilica*, Américo Vespúcio *Tratado das Navegações* (,) ano 1497: Cristóvão Colombo na *Navegação das Ilhas não Conhecidas*, Gonçalo Fernández de Oviedo no *Livro das Coisas do Nôvo*

(16) DOM RAFAEL BLUTREAU, *Vocab. Port.*, tomo 2, *Verb. Brasil.*; FRANCISCO DE BRITO REI FREIRE, *Guer. Brasil*, lib. 1, n.º 36, JORGE MAREGRAV.

(17) *De Histor. Natur. Bras.*, lib. 8, cap. 1, verso *dividitur Brasilia*.

Mundo, Guilherme Pinson na *História do Brasil*, Jorge Maregrávio na *História Natural Brasileira*, Luís Cadamusto na *Navegação para as Novas Terras* (,) impressa no ano de 1504. Sorzano *Do Direito das Índias*, e no livro que intitulou também *Política* delas: Autores Portugueses Bartolomeu Guerreiro, Dom Francisco Manoel, Francisco de Brito Freire, João de Medeiros Correia, Luís Serrão Pimentel, o Conde da Ericeira, Dom Luís de Meneses, Manuel Calado, Pedro de Magalhães de Gandavo, o Monge Frei Rafael de JESUS, o Padre Dom Rafael Blutreau, o Padre Simão de Vasconcelos, e Simão Estação da Silveira.

DISSERTAÇÃO TERCEIRA

Se os Índios Bárbaros do Brasil têm alguma espécie de política?

Ponderamos Senhores na nossa primeira dissertação que coisa era política, e que coisa era história; dissemos na segunda, que o fim da história era a verdade, e o objeto a imitação do bem que a política tinha por objeto o bem comum, e por fim, o bom governo; motivos por que discorremos naquela primeira dissertação que estas duas utilíssimas faculdades eram em tudo irmãs legítimas, como filhas de um mesmo pai; que era só o desejo de aproveitar aos homens: grande é a semelhança que tem a política com a história, muita é a utilidade que a história tributa magnificamente à política; é a história verdadeira narração das coisas passadas, e para a política poder exercitar o seu fim, e cumprir com o seu objeto, não podia ter mais eficaz meio do que a verdade da história, como vida que é da lembrança e mestra da vida.

Nada nos persuade mais, dizem os retóricos do que são os exemplos, e as autoridades; e para os políticos persuadirem aos príncipes, aos Reis, aos Monarcas, aos Imperadores, o bom governo, e o bem comum, que melhores exemplos, que mais sentenciosas autoridades podiam ter do que os testificados nas histórias, e as escritas pelos sábios historiadores.

Principiou Justo Lípsio (1) a escrever as políticas que mais especificamente pertenciam aos principados, e disse que a invenção, e ordem desta obra era tóda muito sua particular, mas que as palavras, e as sentenças que acompanham eram alheias, e tresladadas dos escritores antigos, e especialmente dos historiógrafos do que se conclui, que tem a história uma notável analogia, com a política; ou que é a política muito germanada com a história: e assim preciso era que ordenando cientificamente esta excelentissima academia que se dissertasse sôbre a história do Brasil, e que nela se lesse uma cadeira de política, decretasse também que a tal política se disputasse, e resolvesse sôbre a

(1) JUSTO LÍPSIO, *Polít. in Concil. ad Lector. Circa.*

história do Brasil para melhor averiguação da verdade e inteira notícia desta ocidental, e nova Lusitânia.

§ 1.º

Fêz Deus Senhor Nosso ao primeiro homem no Paraíso, e formou-o de um pouco de barro para que a vil fragilidade de matéria tão fraca lhe avisoasse a memória da sua criação, e refreada assim a soberba de seus pensamentos, não conspirasse gigante atrevido contra a majestade do soberano Criador: um pouco limo de terra quis o Senhor retratar a sua imagem, e conglutinando com suas próprias mãos aquela lutuosa massa, nela organizou o composto de Adão em figura direita olhando para o Céu que era o Paraíso melhor para onde o criava, no mesmo barro lhe apartou o cabelo, lhe dilatou a testa, lhe arqueou as sobrancelhas, lhe abriu os olhos, lhe perfilou o nariz, lhe coloriu as faces, lhe rasgou a bôca, lhe partiu a barba, lhe proporcionou o colo, lhe fortaleceu os ombros, lhe musculou os braços, lhe torneou as mãos, lhe estendeu o peito, lhe engrossou o ventre, lhe igualou as colunas, e lhe abreviou as plantas dos pés: com sua soberana bôca lhe inspirou a vida, e lhe infundiu a alma, enriqueceu-o de sentidos, dotou-o de potências, e o encheu de virtudes multiplicadas.

Reparo porém que ao coração do homem ocultou Deus no mais íntimo do peito; e ali o prendeu com fibras, a que costumamos chamar cordas do coração: mas por que assim? Seria por ventura; porque sendo o coração o primeiro móvel da vida, justo era que estivesse guardado como jóia! Seria por ventura porque sendo o coração o príncipe dos membros do corpo justo era que estivesse no centro do peito, animando a todos com espíritos vitais! Seria por ventura, porque sendo o coração humano melhor oficina do amor; justo era que estivesse escondido como em Sacrário para as oblações! Seria por ventura porque sendo o coração dos homens muitas vêzes mais fero que as feras, justo era que estivesse prêso com cordas para segurança dos mortais! Seria por ventura porque sendo o coração o presidio da fortaleza, justo era que estivesse circunvalado, com o antemural de tantas linhas? Tudo poderia bem ser; mas a razão que agora discorro; é que pois como o coração do homem havia de ser o sólio, o trono, o tabernáculo de seu ânimo, assim como êste havia de ser coisa mais oculta, e impenetrável, os mesmos homens, desde logo quis o Senhor mostrar nas primeiras mantilhas do mundo como ficava oculto, resguardado, e escondido o coração humano: lá disse um douto, que para mais sossêgo da vida racional, seria

muito concentrado à razão, que tivesse um postigo o peito do homem por onde se lhe pudesse ver, e escutar o coração. É este o centro dos cuidados todos, e por isso no latim se chama **cor**, e diz São Isidoro que traz a sua etimologia de outro nome latino **cura** que significa cuidado.

Este é o coração dos homens, este é o ânimo dos mortais, sempre o ânimo, e o coração se recataram escondidos sem que nunca jamais se quisessem permitir aos olhos; mas que remédio discorreria o entendimento humano para ocorrer a perigo tão prejudicial? Inventou uma arte, praticou uma tal ciência de nações, e segundas intenções que por ela seguiu aos homens a sua melhor conservação.

Foi a arte, a vida política, pois como diz São Tomás (2), toda é ordenada para a felicidade especulativa; e com razão, porque da política como arte maior de todas as artes, em que se compreendem tanto as mecânicas, como todas as virtudes morais, no sentir de Alberto Magno (3), recebem os homens da política os interesses mais importantes; quer o Príncipe estabelecer a paz, e dispõe-se político para a guerra, pretende segurar a aliança, e protesta uma neutralidade, julga necessário deportar um poderoso, e por ocorrer a algum distúrbio despacha-o para partes remotas para se valer das faculdades dos súditos, enriquece-os com prêmios; pela muita despesa dos gastos, se não pode pagar os serviços; laureia os beneméritos com fôlhas ou de papel, ou de ramos, mas quase tudo infrutífero; para danificar as forças dos inimigos, diminuiu-lhes os soldados prometendo maiores soldos; reconhece a debilidade do seu exército, e maquina no contrário a diversão: estas e outras muitas utilidades consagra a política aos soberanos, e aos particulares, ensina também outros muitos dogmas, não menos proveitosos.

Pretende o súdito granjear a graça do Príncipe, e reveste-se político da sua inclinação para conseguir o lugar, adora a imagem no valido que o há de propor; o bom ministro de estado, para se eximir do menosprêzo, ou inveja de seus êmulos, faz artificioso, que pareça total resolução do Rei a que êle lhe participou a primeira face, conversando a outro propósito acidentalmente, esta é a política, estas são, e outras muitas as comodidades que facilita e daqui vejo dizer-se que não podia o homem conseguir outra alguma maior virtude do que a Majestosa arte da política **prostatorem nullam homo [asequitur] dice Plutarcho.** (4)

(2) D. TOMÁS, *Ethic.*, lib. 10, sect. 11.

(3) ALBERT. MAGNO, *Eth.* 1, lib. 7.

(4) PLUTARC., in *Vit. Caton. maior.*

Supostas pois as breves notícias, que temos ponderado, como proemiais da nossa incumbência, tanto nesta como na primeira e segunda dissertações antecedentes; justo parece que entremos já a discutir alguma matéria mais contraída a nossa primária obrigação; que é rigorosamente disputarmos dissertações políticas acêrca da verdade da história do Brasil; e porque esta vem a ser a nossa primeira dissertação política nos parece congruente alterar a questão se os primeiros habitadores do Brasil tiveram nos seus princípios alguma política? Mais claro; havemos dissertar se os Índios do Brasil, antes de ser descoberto e conquistado pelos portugueses, tinham, ou não política, viviam, ou não com algum exercício de civilidade.

§ 2.º

Nesta intrincada disputa a parte negativa se prova manifestamente pelas razões seguintes: primeira porque é incontroverso, que a base fundamental do Estado é a religião, como escreveu Sinésio ao seu Arcádio (5): da religião disse Plínio, que constava a vida humana; sem piedade para com Deus; não pode haver política entre os homens, e por esta razão dizia Plutarco que a primeira coisa que havia de haver num Reino, era o respeito de Deus, entendendo que mais fácil seria edificar-se uma república sem Sol, que sem veneração à divindade, o mesmo sentiu Aristóteles quando disse, *in omni republica primum est curatio rerum diuinarum*: (6) do que tudo se infere, que sem religião, sem piedade, sem reconhecimento da Majestade divina não pode haver república racional, não pode haver política discreta, não pode ter jurisdição a majestade humana.

Os Índios primeiros habitadores do Brasil, não conheciam fé, não professavam religião, não adoravam a Deus, eram bárbaros, eram feros, eram insociáveis; e tanto que até parece que em sinal da sua barbaridade lhes negou o autor da natureza as letras **T, L, R**, e acrescenta Jorge Maregrávio (7) que também lhes faltam o **S**, e o **Z**: como se dissesse a própria natureza que os Índios do Brasil, nem tinham fé, nem tinham Lei, nem tinham Rei, nem tinham Ciência, nem tinham Zêlo de Deus. Logo bem se segue que êstes homens bárbaros não tinham política, não tinham civilidade.

(5) SINÉS., *Orat. d. Reg.*, PLÍN., *De Natur. Histor. lib. 4, cap. 19.*, MAR. TUL., *De Natur. Deor.*, Plutarc. cont. Epicur. sentent.

(6) ARIST., *Polític.*, lib. 7.

(7) MAREGR., *De Nat. Histor. Brasil.*, lib. 8, cap. 11; VASC., lib. 1, *Das Notic. do Bras.*, n.º 116; idem MAREGR., d. lib. 8, cap. 8, n.º 1.

Segunda razão; porque a política, como dissemos é uma faculdade civil, e se os Índios tivessem alguma política, necessariamente haviam de ter alguma civilidade: referem os historiadores tratando desta formosa, e Grande parte do mundo, que se os nacionais eram bárbaros, eram feros, eram insociáveis; eram insociáveis porque viviam dispersos pelas brenhas, e vagavam como reses às manadas; eram feros porque o prato do seu maior aprêço era o de carne humana, que comiam vorazmente com maior gôsto (8): eram bárbaros, porque sem honestidade, e sem vergonha andavam de todo nus, e só as mulheres cobriam com um ramo verde o mais imodesto, de que tanto se peja a pudicícia dos racionais: não se compadece bem a malícia do pecado com a inocência da nudez, os meninos enquanto inocentes, nem se pejaram nem nos escandalizam de andarem despidos; no Paraíso (9) nossos primeiros pais, assim que pecaram logo abriram os olhos; e vendo que estavam nus a tôda a pressa se vestiram de fôlhas de figueira; contra a Igreja Católica houve uns hereges que se chamaram Adamitas, e seguiam a seita de andarem de todo nus, e porque assim andam os negros em Guiné; por isso são os homens mais brutos que reconhece a racionalidade.

Os Antropófagos, diz Ravisio Textor (10) que comiam carne humana; e o mesmo vício, testemunha também, que praticavam os Escoseses na idade de Jerônimo: os Semitas, os Nômades, e os Sauromatas, sim vagavam pelos campos, sem domicílio, a sua câmara era a terra, a sua cobertura o Céu, mas todos estes homens, tôdas estas nações, foram certamente o escândalo da civilidade, e abominável exemplo da política cristã; logo da mesma sorte, se os Índios do Brasil viviam com tão escandalosos costumes, com barbaridade tão manifesta, com fereza tão irracional, é certo que não tinham política, e que passavam como feras sem comunhão.

Terceira razão porque a sociedade política deduz a sua origem de Deus, e da natureza humana; no princípio do mundo depois que o Senhor tinha criado Adão no Paraíso (11) disse, que não era bem que estivesse o homem só, e logo lhe fêz para companhia outro seu semelhante: pela Lei da natureza, e instinto da razão se inclinam os homens por causa interna à sociedade política, e como causa externa e secundária o persuade a comodidade da vida a que se congreguem em comunhão; do

(8) BRIT. FRÊ., *Guerr. Bras.*, lib. 1, n.º 51; VASC., lib. 1.º, *Das Notic. do Bras.*, d., n.º 116

(9) *Genes.*, lib 1, cap. 3.

(10) *Tx.*, in offic. lib. 4, cap. 93, *PLIN.*, *De Natur. Histor.*, lib. 6, Cap. 28.

(11) *Genes.*, lib. I, cap. 2.

que se manifesta e a experiência o mostra, que só para os homens se criou a política; pois vemos que os brutos não têm república; e se a têm as abelhas são hieroglífico do Reino, como diz Piério Valeriano (12), por isso também foram chamadas as Aves das Musas, e são hieroglífico da eloquência (;) os Índios do Brasil eram tão bárbaros, eram tão brutos, como temos mostrado, e dizem Francisco de Brito Freire (13) e o Padre Simão de Vasconcelos que nos primeiros descobrimentos da América houvera grande dúvida, se os habitadores desta quarta parte do mundo eram justamente capazes dos Sacramentos Sagrados da Santa Igreja de Roma, entendendo-se que não eram homens racionais, mas sim uma nova espécie de sensitivo: e nesta conformidade, verossímil é, que sendo tão brutos, que não pareciam homens não teriam entre si sociedade: disse-o terminadamente tratando das notícias do Brasil o mesmo Padre Vasconcelos (14) nos mais costumes são como feras sem política, sem prudência, sem quase rastro de humanidade.

§ 3.º

Pela parte afirmativa propugnam os seguintes fundamentos: primeiro porque os Índios do Brasil ainda que rudes, não eram tão brutos, que não cuidassem da melhor comodidade com que pudessem passar a vida, antes com disposição acertada tinham repartidas as estações do ano para em certos tempos habitarem certas partes, e outras, em outras; e se a causa como dissemos secundária, e externa da política, é a melhor comodidade da vida humana; cuidando os Índios do Brasil da sua comodidade em melhor passagem, segundo as estações do ano, fertilidade, e abundância dos sítios (15); é sem controvérsia que se governavam pelos ditames da política, e que não eram tão bárbaros, que parecessem irracionais.

Segundo fundamento porque a maior prova da sociedade política é a comunhão, e a mesma sociedade, já dissemos que o primeiro político, que houvera no mundo fôra o fraticida Caim, quando edificara a Cidade de Henoque (16), por maneira que enquanto os homens não viveram sociáveis em comunhão, e civilidade, não eram políticos; eram agrestes, e pareciam que pastavam como brutos pelos campos: reduziram-se à povoação, viveram em

(12) PIER. VALERIAN., *Hierogl.*, lib. 26.

(13) BRIT. FRE., *Guerr. Bras.*, lib. 1, n.º 51 e n.º 55.

(14) VASC., *de.*, lib. 1, n.º 116.

(15) JORGE MAREGR., *d. lib.* 8, cap. 12, *in princ.*

(16) *Dissert.* 1, § 5.º, *in fin.*

cidades, como urbanos, e foram políticos: logo assim que houver comunhão, assim que houver sociedade precisamente há de haver política entre os homens.

Isto suposto, antes que o Brasil fôsse descoberto, e seus Índios conquistados pelos Portuguezes; já os primeiros habitantes da América viviam em comunhão, e sociáveis: a mais conjunta sociedade que pode haver é a do matrimônio, e tanto que o direito comum lhe chama sociedade legal, antes dos Índios serem conquistados já celebravam seus matrimônios, em que tinham costumes particulares, e diz Francisco de Brito Freire que pôsto fôsem tão incultos e ferinos (17), contudo respeitavam os Índios religiosamente a virtude da continência castigando com asperíssimos suplícios os que adulteravam a fidelidade do matrimônio.

De alguma sorte também viviam em comunhão porque escrevem os nossos historiadores, que todo êste dilatado âmbito do Brasil constava do melhor de cento e cinqüenta nações, com seus idiomas diferentes, e que já então tinham como ainda hoje têm entre si, crudelíssimas guerras, e é sem dúvida, que nestas haviam de guardar tal, ou qual gênero de governo, tal ou qual ordem na vigilância, e distribuições de seus exércitos: e diz mais o Padre Vasconcelos (18) que nas consultas de suas guerras tinham por costume elegerem quatro, ou cinco Índios, dos mais anciãos, valorosos, e experientes nas guerras passadas, para que assim eleitos, entrassem em consistório, e ali sós resolviam, o que se devia obrar, elegendo de seus nacionais um forte Capitão, para que árbitro da Campanha governasse despótico a guerra enquanto não cometessem alguma covardia, ou sonhada ou verdadeira: a êste Capitão competia também persuadi-los como seu praticante; e como cronista referir-lhes as histórias de seus antepassados.

Outros Índios haviam (sic), que se conservavam ainda com mais semelhança de comunidade humana, porque formavam barracas compridas, sôbre esteios de paus, cobertos com fôlhas de palmeiras, ou pindobas, sem repartimento algum entre meio, onde assistiam vinte, e trinta casaís cada um com seu rancho de esteio, a esteio; onde tinham seu fogo, e seu cachorro, companheiros, que se conservam inseparáveis para maior guarda, comodidade, e abrigo de suas vidas, tão rústicas, certamente, como arriscadas. E não são estas ações realmente políticas, não são êstes costumes da sociedade, e comunhão humana? É certo que sim; e

(17) PADRE VASC., d., lib. 1, n.º 117; FRANC. DE BRITO FR., d., lib. n.º 51.

(18) VASC., d., lib. 1, n.º 127.

pois que assim é certo; também o é que os Índios do Brasil tinham pôsto que rudes, e ferros; alguma política ainda antes de serem conquistados pelos Portugêses.

Terceiro fundamento, porque os primeiros habitantes do Brasil eram verdadeiramente homens racionais, e capazes de serem admitidos ao Grêmio da Igreja Romana, assim o definiu por Bula pontificia a Santidade de Paulo III, no ano de 1537 (19): e assim vemos hoje no Brasil muitos Índios já congregados à Igreja Católica com inumeráveis aldeias onde seus religiosíssimos Párcos lhes administram desveladamente o melhor pasto espiri-tual das almas; e seus cuidadosos administradores os ensinam, defendem, e utilizam também na vida temporal: é coisa que vemos, e como o vemos, não necessita de outra alguma confirmação.

E pois é certo, que os tais Índios são realmente homens não se pode negar, que necessariamente haviam de ter entre si alguma política, porquanto a definição do homem não é só ser animal racional, porque é também ser sociável, civil, e político juntamente: assim o testemunha o Filósofo, e assim o refere M. Túlio (20). *Hoc solum animal homo natum est pudoris, ac uerecundiae particeps, appetens coniunctionem hominum ac societatem*: o mesmo resolveu H. Florentino, e trata profundamente o Espanhol Solorzano. A definição deve exprimir a natureza do seu definido, e se este é o homem na definição que relatamos; segue-se pois logo, que repugnaria a natureza de homens a não viverem os Índios do Brasil ainda antes de conquistados, com política, e comunhão; não é só discurso meu; porque já tinham sido argumento do famoso Pedro Gregório (21), falando dos primeiros homens que habitaram no mundo, a quem doutamente Solorzano.

§ 4.º

Nesta curiosa questão que problemáticamente se pode muito bem seguir por ambas as partes encontradas, com razões tão equivalentes; como o nosso instituto só deve ser averiguação da verdade na utilíssima história do Brasil. Certos de que se acham mais próximos à verdadeira opinião, todos os que discor-

(19) FREI AGOST. DE ÁVILA, *Histor. de Mexic.*, cap. 33; BRITO FR^o, lib. 1, n.º 55; PADRE VASC., d., lib. 1, n.º 6.

(20) ARISTOT., lib. 1, *Politic.*, cap. 2; CICER., *De Amict. L. ut. uin.*, 3, p. 8, *Iust., et Iur.*

(21) PEDRO GREG., *De Republ.*, lib. 1, cap. 2; SOLORZ., *De Iur. Ind.*, tomo II, lib. 1, cap. 23, n.º 3.

rem distinguindo a diversidade dos casos, por isso nesta nossa dissertação faremos precisa diferença de política rigorosa, e estreitamente considerada; e de política considerada mais larga, e amplamente: se considerarmos a política rigorosa, ou estritamente enquanto a faculdade se viu com que a pessoa ou pessoas que presidem na Soberania do Governo, entendem na administração das coisas públicas, ou particulares, dizemos que os Índios bravos, habitadores do Brasil não tinham, nem têm política: se porém a considerarmos, mais larga, e amplamente como sociedade, e comunhão, tal ou qual da vida humana; dizemos, que os primeiros habitadores do Brasil, já no tempo do nosso descobrimento tinham e têm dêste ou daquele modo, esta tal sociedade, e comunhão política.

Corroborase a verdade desta distinção; porque é certo que a rigorosa política se divide em três espécies, a saber, Monarquia, Aristocracia, Democracia, como explicamos mais largamente, na nossa segunda dissertação, onde também dissemos que nestas três espécies de Governo os presidentes dêle gozavam essencialmente do direito da Majestade; isto é do mero, e supremo Império com que mandam nos súditos os Soberanos (22); regalia que é somente própria e muito especial da Majestade; seis graus de Império mero distingue os Juristas como com Bartolo, Panormitano, segue Molina Teólogo; e é certo que os Índios do Brasil não praticavam algum dêstes Governos; porquanto nenhum jugo de subordinação toleram bem; como refere Guilherme Pinson (23) Do que se colhe que é sem a menor controvérsia, não usarem os tais Índios bárbaros de política alguma, rigorosamente considerada enquanto faculdade civil.

Enquanto porém considerada menos rigorosa, e mais amplamente, como comodidade para a vida humana; é também verossímil que tinham os tais Índios sua semelhança de política, maiormente na guerra, onde costumavam obedecer prontísimos ao seu Capitão, ou Rei pequeno; inda que na paz disse Elias Herclino que o veneravam menos (24); êste e os mais costumes dos Índios que ponderamos pela parte afirmativa desta resolução; bem persuadem que tinham, inda que bravos os primeiros habitadores do Brasil seus requisitos de política, e quase uns arremedos de república, pouco menos, que a das abelhas; em que reparou Claudiano uma admirável, e majestosa reverência com que obe-

(22) PADRE BENEDICT. Pr.^a, Elucid., lib. 1. aliud 10; se et. 1, n. 295; Glos., in cap. ad sedem, de offic. ordin. eum, BART. PANOR. [...] MOLIN., De Inst. et Iur., tomo IV, trat. e disp. 6. n.º 1.

(23) GUILHELM. PISON, de medic. Brasil., lib. 1, pág. 7, v. iugum seruitutis.

(24) JORGE MAREGR., De Histor. Natur. Bras., lib. 8, cap. 13, v. regulum.

decem, e contribuem para o seu Rei obsequiosamente, gratas, e respectivas.

**Stridula docturum pratis examina Regem nascertem
uenerantur apes, et publica mellis iura petunt tra-
duntque fauos (25).**

Ambrósio diz que os Índios, e os Sarmatas não têm tanta reverência, e observância política como guardam exemplarmente obsequiosos estas avezinhas; coroemos finalmente a dissertação com palavras do mesmo Santo. **Non Indi non populi Sarmatarum tantam quantam apes reuerentiam deuotionis obseruanti (26)**: quem nega tanta reverência, pressupõe alguma, e daqui se colhe que é sem a dúvida menor que os Índios do Brasil antes do nosso descobrimento, já viviam com civilidade, e comunhão, menos ou mais rigorosa, desta ou daquela sorte política.

(25) CLAUD., in IV Consul. Honor.

(26) DOM AMBROS., V Hexam., cap. 21 et 25.

DISSERTAÇÃO QUARTA

Se foi conveniente ao Estado a conquista do Brasil, que se reduzissem os Índios, se os nacionais, por modo de República a grandes povoações.

Ofendido, saudoso, e lastimado Agenor Rei de Fenícia, pelo imperviso (sic) rapto de sua Infante, e mais querida Europa; justamente iracundo ordenou ao Príncipe Cadmo, que discorrendo pelo universo a procurasse solícito, e fôsse certo, de que se voltasse à sua presença, sem restituir a seus braços a mais bela menina de seus olhos; que não só o havia de condenar por desgraçado a um aspérrimo degrêdo, mas que nem ainda todo o sangue augusto de Cadmo, poderia lavar a negra nódoa de seu coração, da sua púrpura, e da sua honra.

Obedeceu Cadmo ao preceito do Pai, deixa temeroso as delicias do pátrio ninho; vaga pelos Reinos estranhos, discorre tôda a Ásia, investiga tôda a terra, não há monte por mais eminente, que se lhe dificulte, não há vale por mais dilatado que não examine, não há bosque por mais espêsso que não penetre, mas tudo infrutífero, tudo frustrâneo, e tudo debalde: pois que remédio, diz Cadmo, à sua comitiva? Temos feito tôdas as diligências humanas; mas tôdas sem fruto, porque não temos a menor notícia de minha Irmã Europa: Agenor meu pai não se comisera da nossa fadiga; eu vivo prófugo da minha pátria, vós por minha pouca ventura sois ainda que inculpados companheiros precisos da minha pena; pois que remédio? Já não considero mais outro algum do que perdermos as memórias de Fenícia, e rogarmos ao Céu que nos determine terra, em que vivamos seguros das iras de Agenor.

Nesta aflição implorou Cadmo a benignidade de Apolo, e não lhe saiu ociosa a sua rogativa, porque enternecido o preclaro filho de Vulcano, diz Ovidio (1), que ordenara a Cadmo, que deixasse o primeiro desígnio e melhorando de emprêgo, empreendesse edificar uma cidade, e que o lugar seria, onde visse uma novilha isenta até então do laborioso jugo do arado, pastando solitária, e a seu arbítrio pela campanha, que lhe observasse o

(1) OVID., Met., lib. 3 v. 9, et sequent.

movimento, e para onde guiasse, êle a seguisse até o sítio, em que fizesse a novilha servil mimosa cama de esmeraldas sôbre a verde alcatifa das boninas, e aí constituísse Cadmo para obelisco da sua memória, eterna circunvalação à nova cidade.

Tudo obedeceu, e experimentou assim êste afligidíssimo manco, e certo já do território, onde havia de erigir a cidade, para melhor dar princípio a sua construção; providente, ordena a seus companheiros que entrem pela espessura, e veja se podem descobrir água, que servindo de claro espelho ao nôvo edificio, fôsse ao mesmo compasso recreação, elemento, e alimento da-quele ideado e preferido povo: dão os criados do Príncipe cumprimento pronto a sua ordem; observam uma e muitas vêzes a louçania, e amenidade da Campanha; quando descobrem a fonte Dirce, e junto dela por guarda uma terrível, e medonha serpente, tão fera, tão cruenta, e tão venenosa, que não só os acometeu, mas a todos matou lastimosamente. Tardaram os mensageiros, e principiou a sentir Cadmo a sua ausência; pretende minorar tão justo desassossêgo, segue pelo caminho, e depois de poucos passos, acha mortos os companheiros; e sôbre os cadáveres a horrorosa serpente dilacerando-lhes o corpo, comendo-lhes a carne, e lambendo-lhes o sangue.

Amargamente sentiu o Príncipe acontecimento tão fúnebre, e fazendo própria aquela desgraça instigado da dor pretende tomar vingança do Dragão, que pelo furibundo do aspecto, pelo levantado do colo, pelo intumescido das rôscas, pelo inveterado das conchas, pelos silvos da língua, pelas escumas da bôca, pelo disforme dos dentes, pelo truculento dos olhos, se fazia tremenda a todo o magnânimo coração. Mas nem por isso se amedrontou o valerosíssimo de Cadmo, antes reforçando os multiplicados espíritos da sua valentia, recobrou com a morte da serpente, maior vida para seus companheiros, eternizando-os na lembrança dêste triunfo sempre imortais pelo invencível esforço de tão forte vencedor.

Esta valorosa vingança e justificada satisfação daquelas mortes, foi sem dúvida tanto do agrado da Deusa Palas, que aparecendo em pessoa ensinou a Cadmo, que arrancasse a triplicada dentadura da serpente morta, e que semeando-a na terra, haviam de nascer inumeráveis homens, de que haviam de sair os primeiros habitantes da futura Cidade que determinava edificar tão religiosamente.

Assim o fêz o filho de Agenor, semeou, e espargiu pela terra os agudos dentes da horrível cobra, e apenas se espalharam pelo campo quando logo principiaram a mover-se os terrões, e crescerem dos sulcos exércitos de lanças, numa grande multidão de sementes, morriões, capacetes, e golas douradas; foram-se des-

coabrindo ombros, peitos, braços, e armadas mãos: finalmente produziu e vingou em tal forma a nunca vista seara de escudos, e nova colheita de combatentes, que tremeu, e temeu Cadmo êste nôvo e formidável exército; e dispondo-se já para o segundo conflito, foi a empunhar as armas, mas disse-lhe um dos bisonhos, e recém-nascidos guerreiros que não se intromettesse na guerra civil, que êles pretendiam disputar, e só entre si próprios controverter: e travando-se logo uns com outros, foi tão sangüinolenta a batalha, tão furibunda a peleja, que de tão inumerável turba de homens só ficaram com vida cinco vencedores; os quais por ordem da Deusa desistiram das armas, dando-se as mãos de fiéis amigos, e companheiros para ajudarem todos a edificar a nova Cidade por então chamada Cadméia, e ao depois Tebas, em memória reverente, da espôsa de Zeto (,) nora de Júpiter, e cunhada de Anfião (2).

Já vêdes Senhores, que os dentes do Dragão dispersos pelo campo, sim produziram homens, mas tão ferros, como as mesmas feras, tão bárbaros, como os próprios brutos, todos discordes, sem civilidade, com irascência, com arrogância, sem comunhão: na segunda conferência tratamos da divisão do Brasil, agora porém discorrendo em sentido contrário ponderaremos no equilíbrio da razão, se foi conveniente ao Estado do Brasil; que se congregassem, e reduzissem a povoações os Índios naturais da terra, que antes de conquistados pelos Portuguezes, viviam vagos pelas brenhas como irracionais.

§ 1.º

No Parágrafo segundo da precedente dissertação dissemos com Maregrávio (3), Francisco de Brito Freire, e o Padre Simão de Vasconcelos, que os Índios primeiros habitadores do Brasil viviam pelos Sertões de todo nus, assim homens, como mulheres, sem domicilio certo, que vagavam como brutos dispersos, e sem casas pelos matos: barbaridade em que se assemelham muito com aquêles homens armados, oriundos, e reproduzidos dos dentes de cobra, que semeou Cadmo na campanha de Beócia .

No ano de mil, e quinhentos e cinquenta e oito segundo o cômpto melhor e que segue como o mais verossímil o mesmo Padre Simão de Vasconcelos (4) chegando a esta Bahia Mem de Sá terceiro Governador dêste Estado o primeiro negócio, que

-
- (2) NICOERAT., *De Reb. Cypreis Leon. Steb. Cant. del Amor., Higin., lib. 1, fábula 7.*
 (3) JORGE MAREGR., *d. lib. 8, cap. 6. FRCº. DE BRITO FRE., d. lib. 1, n.º 51; VASC., lib. 1, Das Notic. do Bras., n. 16.*
 (4) PADRE VASC., *lib. 2, Da Coron. da Comp., n. 47.*

pôs em execução, foi o dos Índios; porque suposto que alguns tivessem assentado paz com os Governadores antecedentes, contudo havia certeza de que os Índios conquistados viviam sem moderação nos ritos do Gentilismo anterior, matando, e comendo seus inimigos, passando a vida a modo de reses, escondidos pelos Sertões: da mesma sorte se verificava a notícia de bem, como de antes faziam os Índios terríveis guerras uns aos outros, com notório prejuizo dos que tinham abraçado nossa Santa Fé Católica. Considerando porém o nosso Governador os meios mais eficazes para ocorrer a distúrbio tão pernicioso; resolveu que era necessário prover de remédio a estas demasias; pondo Leis, que servissem de freio no precipício de tão fera barbaridade, e logo mandou publicar um bando com gravíssimas penas aos transgressores das Leis seguintes.

Primeira que nenhum dos nossos confederados ousasse mais dali em diante comer carne humana. Segunda, que não se fizesse guerra sem justa causa; aprovada por êle Governador, e mais adjuntos do seu conselho. Terceira, que os Índios se juntassem em povoações grandes em forma de república; e que nelas edificassem Igrejas a que acudissem os Cristãos a satisfazer as obrigações do seu estado; e os catecúmenos, para se instruírem na doutrina da fé.

Estas Leis que foram tão justas, e certamente ditadas com o ardentíssimo zêlo do bem comum, tiveram contra si aos princípios o desagrado e menos [aceitação] do vulgo: das razões que então davam só repetiremos as com que contradiziam o aldeamento das futuras povoações dos Índios, que é matéria total da presente dissertação.

§ 2.º

Consistia pois o primeiro fundamento desta parte negativa em considerar que os Índios do Brasil por sua natureza eram homens livres; tanto porque assim se presumia de direito comum, como porque a liberdade era prerrogativa natural, e enquanto não se prova o contrário tôda a pessoa se presumia livre naturalmente (5).

De mais que os Senhores Reis dêste Reino por várias provisões, cartas, resoluções, decretos absolutos tinham declarado os Índios do Brasil por homens livres; e mais claramente a Majestade do Senhor Rei Dom João o Quarto de gloriosa memória os julgou ao depois livres com Lei expressa, promulgada no

(5) L. LIBERTAS, 4, H. d. stat. hom. Menoch., de praesump., lib. 1, qe. 13, n.º 3. Pacian. d. probat., cap. 53., an. 1.

ano de 1655: o mesmo se decidiu na Cúria Romana por Bula de São Paulo III dada no ano de 1537 (6): e nesta conformidade ainda que se achassem os Índios confederados, e sujeitos aos Portuguezês, nem por isso os devíamos reduzir ao Estado de cativos, porque isto, ou tanto mais era, que se congregassem, e unissem em aldeias: privando-os da sua mais querida liberdade que era viverem vagos pelos Sertões sem Lei, a seu gôsto, e na mesma forma em que sempre viveram e os tinham criados seus primeiros pais.

Dizia-se mais que a liberdade era uma faculdade natural de poder cada um obrar de si, e das suas coisas como lhe parecesse melhor, e que se aos Índios os obrigássemos a viverem em povoações, era sem dúvida privarmo-lhes desta sua faculdade, pois ninguém poderia negar, que era infringi-la; se obrigássemos a um homem livre, que vivesse num certo lugar continuamente.

Cícero chama a liberdade, faculdade de obrar como, e donde cada um muito quizer (7); e daqui vem, que nos atos das manumissões, e ainda hoje nas cartas de alforrias quando se liberta o escravo diz o Senhor, que dali em diante poderá ir o libertino para onde muito quizer, a sua vontade, e livremente: nesta forma se deve entender a Pérsio nas *Sátiras*, terceira, e quarta digo e quinta, e a Plauto naquele verso.

**Mea quidem Herele causa liber esto
atque ito, quo uolis. (8)**

É terminante a resolução de Solorzano, *De Iur. Indiar.*, tomo um, lib. um, capítulo três, número quarenta e oito e quarenta e nove, que assim o considera e certamente livres os Índios Americanos.

Segundo fundamento; porque juntos os Índios em povoações grandes era juntarmo-los, e unirmo-lhes mais as fôrças para que com maior perigo nosso pudessem entrar no pensamento de sacudirem de seus colos o devido jugo que lhes tinham principiado a pôr as armas portuguezas: pelo que se conclui que juntá-los em corpo de república, era juntarmos nos mesmos exércitos inimigos contra nossas cabeças com perigo manifesto de nossas vidas.

Terceiro fundamento, porque espalhados os Índios, e vivendo como feras pelas montanhas não tinham polícia, nem quase discurso, e como bárbaros andavam uns com outros em

(6) FRANCISCO DE BRITO F.º, *Guerr. Bras.*, lib. 10, n.º 821.

(7) M. TUL., *Parado*, 10,5.

(8) PLAUT., in *Menech.*, m.

guerras contínuas, e que enquanto as disputavam entre si, não se lembrariam de a fazer a nossa conquista; de mais que ainda no caso que nos fizessem guerra, não poderiam fazê-la tão vigorosa como se depois de doutrinadas vissem e aprendessem domésticos, o exercício das nossas armas; pois tomando o pulso as nossas fôrças refletiriam de mais perto nas nossas direções. E com maior razão porque juntar os Índios em aldeias era trazer-mos para nossas casas uns inimigos precisamente necessários, porquanto vindo a conhecer o império das nossas Leis, já com mais uso de razão, não haviam os Índios quererem sujeitar-se a uns homens estrangeiros; pois a seu respeito assim se deviam julgar no Brasil os Portuguezes; finalmente que ficando os Tapuias tão perto, e quase contíguos às nossas portas, eram muito mais para temer inimigos dentro de casa domésticos, e já doutrinados em povoações, e assim era indubitável ser prejudicial a nossa conquista mandarem-se reduzir a aldeias os Índios nossos confederados.

§ 3.º

Em observância da dita Lei a favor da redução dos Índios propugnam mais vigorosas as razões seguintes. Primeira, porque para justificarmos melhor o direito da nossa causa, era seu primeiro necessário a conversão, e doutrina dos mesmos Índios, pois para êste fim, e só por êste respeito concederam os sumos Pontífices Nicolau V, Calixto III, e Xisto IV aos Senhores Reis de Portugal, Dom Afonso V e ao Infante o Senhor Dom Henrique V filho do Senhor Rei Dom João o Primeiro as conquistas da África, Guiné, Ilhas da Madeira, e dos Açôres, e mais adjacentes como consta das Bulas que lhes concederam, e a que se refere a Santidade de Leão X; quando confirmou a mesma graça concedendo mais ao Senhor Rei Dom Manuel a conquista da Índia por Bula de 3 de novembro, ano, 1514.

Mas como na Bula da divisão, e linha imaginária, que havia conseguido o Sumo Pontífice Alexandre VI a El-Rei Dom Fernando de Castela em 7 de maio de 1400, noventa e três anos (9); se acharam lesos, e prejudicados os Portuguezes; perfeitissimo o nosso Rei, e Senhor Dom João o Segundo reclamou aquella primeira repartição, ao mesmo Santíssimo Padre, e por bula de 7 de junho do ano seguinte, 1494; nos foram concedidas mais duzentas e setenta léguas; além das primeiras cem que nos havia concedido na Bula da primeira divisão, e linha imaginária:

(9) SOLÓRZ., *De Iur. Ind.*, tomo I, lib. 2, cap. 24, an. 15.

demarcação em que ao depois se compreendeu este nôvo império, e subsequente conquista do Brasil (10).

Tôdas porém como dizíamos, nos foram facultadas estas conquistas debaixo da mesma obrigação, e para o próprio fim da doutrina dos Índios, e sua conversão a nossa santa fé: no que não há dúvida, e também a não pode haver que para esta conversão se propagar com mais dilatado, e conhecido aumento da fé católica, foi muito conveniente reduzirem-se a colônias os mesmos Índios, porque nas Igrejas de suas povoações aprendiam os verdadeiros dogmas da doutrina cristã e exercitavam os mais atos de legítimos filhos do sagrado Evangelho: o que não sucederia tão fâcilmente se continuassem na fereza de viverem embrenhados pelos sertões.

Segunda razão, porque os Índios do Brasil enquanto montanhesees, e dispersos pelos matos, eram homens bárbaros, selvagens, e quase como brutos irracionais, e isto nascia do nenhum trato que tinham com os Portuguezes; pois como viviam entre feras, eram feros, e como habitavam entre brutos, eram brutos; o menino Abdes pela criação que teve agreste entre petulantes cabras, foi reputado como fera dos caçadores del-Rei, seu pai Ateon por fazer vida dos montes seus próprios criados o tiveram por cervo, e como veado o perseguiram e o mataram (11).

Não é menos poderosa a companhia, tanto pode como isto a criação e o motivo desta Metamorfose vem a ser; porque o homem ainda que é racional nesta vida, contudo depende dos sentidos exteriores; e é preciso, que estes sejam toscos, e grosseiros naqueles, que vivem pelos montes extraídos do comércio das gentes; e daqui vem que da mesma sorte é forçoso que nestes homens assim segregados do trato político, tôdas as obras que dependem da razão sejam também grosseiras, e tôscas, por consequência necessária; e tanto mais tôscas e grosseiras; quanto forem mais grosseiros, e toscos os sentidos exteriores: tôda esta doutrina é tão certa, como verdade física e ciência experimental.

Do que agora discorrendo em sentido contrário; também não é menos provável, que assim como é possível que um homem verdadeiramente racional por meio da criação agreste, e do tôsco uso dos sentidos externos; pode perder a galhardia do juízo: isto é o acúmen do entendimento; e chegar a aparecer bruto; assim também por efeito da criação política e trato civil com os homens; pudera o que foi de antes agreste apurar-se nos sentidos exteriores, e reformar-se por tal modo nas obras da

(10) P. VASC., lib. 1, Das Notíc. do Bras., n.º 13 et 14; FRANC. DE BRITO FR^e Guer. Bras., lib. 1, n.º 88, n.º 89.

(11) OVID., Met., lib. 3, v. 230.

razão que pareça ao depois outro homem nôvo, ou ao menos de si próprio muito diferente.

Mesmo Abdes ainda que era príncipe do seu nascimento pelo trato rude que teve com cabras silvestres, criado nos montes, chegou a ser reputado por bruto (12). Oh quanto pode o tratamento! Ao depois porém êste próprio Abdes doutrinado já com política na Côrte de seu Pai, por maneira recobrou o perdido que não só foi príncipe mas chegou a ser Rei.

De Temístocles refere Plutarco (13), que sendo muito licencioso na puerícia sem ensino, ou exercício algum literário; ao depois tratando com Anaxágoras, e ouvindo a seu mestre o filósofo Melisso em tal forma mudara de sistema que chegara a dizer de si aludindo ao que fôra de antes; que também de potros ferozes se podiam domesticar generosíssimos Ginetes, contanto que fôsem bem doutrinados: nada pode tanto como o exemplo; os homens mais acreditam nos olhos, do que os ouvidos; sem companhia não há fruição de algum bem que seja jocundo; são sentenças do Sêneca (14) donde proveio dizer Lângio, que nenhuma coisa inclina mais para o justo os ânimos honestos, e ainda os propensos ao mal do que a conversão dos bons, porque esta paulatinamente se introduz nos peitos, e sendo freqüentes o ver, e ouvir, têm força de mandatos.

Isto suposto, os Índios domesticados, e reduzidos a aldeias nelas haviam de viver, aprender, e tratar com os padres, seus párocos, e com o seu eficaz exemplo, com o seu ensino, com a sua modéstia, com a sua política haviam trocar necessariamente a fereza em civilidade, a grosseria em prudência, a barbaridade em virtude, a rudeza em comunhão: e ninguém poderá justamente negar que todos êstes interêsses resultavam o favor dos Índios e para conveniências notórias de todo o Estado do Brasil.

Agora me parece que reparo melhor em que os dentes da cobra, que semeou Cadmo na vastíssima campanha de Beócia, sim produziam homens, e ainda que nasceram juntos como logo vagaram dispersos — também apareceram armados; ainda que todos eram filhos da mesma terra, como se fôsem capitães inimigos da própria espécie, não perdoavam ao mesmo sangue, nem à mesma naturalidade, eram ainda mais feros do que as próprias feras porque estas regularmente não ofendem outro bruto da mesma espécie seu semelhante: aquêles porém tão feramente se ofendiam, tão mortalmente se maltratavam, que só com as vidas, acabaram as suas oposições: mas assim que os poucos homens que ali escaparam da morte se reduziram à vida sociável,

(12) PADRE VASC., lib. 2, *Das Notic. do Bras.*, n.º 9.

(13) PLUTARC., in *Vit. Themist.*, post. princ.

(14) SÊNEC., *Epist.* 6, prop. fin.; LANG. APOLYANT., *Verbo Conuersatio.*

se congregaram em república. se recolheram a Tebas, logo tudo foi concórdia, logo tudo foi consonância, logo tudo foi entre êles sociedade, política, mas devido tudo ao artificioso instrumento de Anfião: admiravelmente o ponderou Macóbrio (15), e não com menos profundidade Túlio Solino. *Non quod Lira Saxa duxit, neque enim par est id ita gestum uideri, sed quod affatus suauitate homines rupium incolas, incultis moribus rudes ad obsequiis ciuilibus pelloxerit disciplinam.*

Terceira razão, porque vivendo os nacionais do Brasil dispersos pelos matos, e habitadores dos serros, ainda que pela companhia pareciam Sócios dos Tigres, das Onças, e das cobras; contudo os pais, os filhos, os maridos, as espôsas, os parentes, os amigos, todos lamentavam continuamente a peçonha, a fezeza, a crueldade das mesmas cobras, das mesmas onças, e dos mesmos Tigres, uns sendo pastos de seus ventres, outros horrível despôjo de suas garras, e muitos demonstração negra da sua malignidade.

Congregados os Índios em povoações grandes, a mesma companhia as paredes das casas, os cercados dos povos, a vizinhança das aldeias, os livravam de tão manifestos infortúnios, e de fatalidades tão eminentes tudo considerou terminante com Galeno, Lactânio, Terminiano, Tápia, Simâneas, Hipólito dos Montes, João Botero, Calixto Ramires, o sapientíssimo Solorzano, não transcrevemos a autoridade porque é um pouco dilatada, mas sem dúvida merecedora de tôda atenção; e que podem ler os curiosos no tomo segundo, *De Iur. Indiar. lib. um, capítulo vinte e três, número seis.*

§ 4.º

Os fundamentos desta segunda sentença ponderados na balança da verdade, sem dúvida, que pesam muito mais do que as argúcias da primeira opinião; e assim seguindo a parte afirmativa dizemos que foi muito prudente, útil, louvável, católica, e política a Lei ou instituto que promulgou o Governador Mem de Sá ordenando que os Índios do Brasil se congregassem em aldeias, e se reduzissem a povoações, assim o entendemos firmis-simamente e acrescentamos mais, que não só foi conveniente e útil mandar Mem de Sá congregar os Índios por modo de república, mas que foi preciso, e muito necessário.

E se não pergunto que coisa é ser necessário? Necessário (diz Aristóteles) (16), que aquilo que não se pode verificar de

(15) MACOB., in *Son. Scipion.*, lib. 2, cap. III; TUL. SOLIN., *De Miracul. Mund.*, cap. XI.

(16) ARIST., lib. 4, *Met.*; LANG., *Apolyanth. uerbi necessit.*

outra sorte, ou como explica Lângio, necessário é tudo aquilo que ordenado de alguma força é preciso que assim se faça; e que força pergunto pode haver mais eficaz, do que a veemência da razão. Cícero (17) disse que esta era a poderosa Rainha de tôdas as ações humanas, porque imperava a parte do ânimo [sugecível]; não menos que o Senhor manda ao servo, o Rei ao vassalo, o Pai ao filho, isto suposto a boa razão ordenava que os Índios do Brasil vivessem aldeados, e juntos em povoações grandes, logo necessário era que se unissem, e congregassem, com comunhão vivendo em repúblicas como homens.

Que a boa razão ditasse que os Índios dêste grande Estado se reduzissem a aldeias, além dos fundamentos sólidos que deixamos ponderados pela parte afirmativa; propugna mais em seu favor a sentença do mesmo Túlio (18), que com ser gentil confessou que não havia ação melhor, nem mais do agrado de Deus que viverem os homens congregados em povoações. *Nihil est enim illi princepe Deo, qui omnem hunc mundum regit quod quidem in terris, fiat acceptius; quam consilia caeptusque hominum iure sociat, quae ciuitatis appellantur.*

Êste foi o sentir de um gentio, guiado sòmente pela luz da razão natural, ouçamos agora a um religioso católico instruído melhor com a verdade do Evangelho. *Primam moderationis curam* (diz o Padre José da Costa) *esse debere, hos ferinos, si luestres quae homines ad humanitatem traducere urbanis quae institutis accomodare; frustra diuina, et caelestia docebis, quem ne humana quidem capere aut curare perspicias* (19): logo bem se segue que pois era tão justo, e racionável, que os Índios se aldeassem; também era necessário que se unissem em república, e que habitassem em congregação.

Muitas acepções de necessidade distinguem os Teólogos, (.) Filósofos, e Juristas; deixo as mais que podem ler os curiosos no *Elucidário* do Padre Bento Pereira e trato só da divisão, que com Silvestre *in summa* segue o mesmo Padre três espécies considera êle, a saber, necessidade absoluta, necessidade oportuna, necessidade proficua: absoluta é a necessidade que temos daquilo sem que não se pode sustentar a vida humana, necessidade oportuna é aquela sem que não se pode viver cômodamente: proficua se diz aquela necessidade sem que não podemos útilmente passar: a necessidade que consideramos havia para se aldearam os Índios; entendemos ser a do segundo modo; isto é, a necessidade oportuna, pois sem se congregarem

(17) M. TÚL., 2, *Tusculor.*

(18) *idem* TÚL., *De Republ.*, lib. 6.

(19) PADRE JOSEPH DA COSTA, *apud* SOLORZ., *De Iur. Ind.*, tomo II, lib. 1, cap. 23, n.º 23.

em povoações os Índios primeiros habitadores do Brasil, não se poderiam sustentar, e viver tão oportunamente: ouvi Senhores, as palavras do mesmo Padre Bento Pereira (20) *secunda dicitur opportuna, et est eius sine quo uita comode sustentari nequit qualis necessitas indumenti, et domorum*. O lugar não necessita de maior aplicação.

Os Índios do Brasil dispersos pelos matos, nem tinham camisas, nem se vestiam de roupas; porque geralmente homens, e mulheres todos andavam nus, e todos viviam errantes pelo sertão: logo é certo, que assim segregados, careciam de casas, e necessitavam de roupas, e para se obviar a esta tão oportuna necessidade, necessário, e preciso foi, que se unissem, e vivessem com povoações: em têrmos alegando outros muitos Autores o resolve profundamente falando dos Índios da América o famoso Solorzano d. tomo 2.º, lib. um. capítulo vinte e três, número dezenove.

§ 5.º

Contra o que não basta o primeiro fundamento da parte negativa, porque dado que ninguém, possa com razão negar que os Índios do Brasil são homens livres por sua condição, negamos contudo que seja privá-los das prerrogativas da liberdade obrigarem-nos a que vivessem em Aldeias com república; porque o mesmo Cícero alegado da parte contrária, no mesmo lugar em que disse que a liberdade era um poder de obrar, e viver cada um como e onde quisesse, aí também acrescentou, que só vivia como queria todo aquêl que obrava como era justo: *quid est enim libertas? Potestas uiuendi, ut uellis: quis igitur uiuit, ut uult: nisi qui recta sequitur* (21). Quem só quer o que é razão êsse vive sòmente como quer, porque vive regulado pelos ditames da justiça, e pela *synderesis* da prudência: mas isto não é privar-se da liberdade, é sim viver ajustado à razão e gozar das felicidades da virtude.

A liberdade, Senhores, não é sòmente faculdade natural de poder cada um fazer de si, e das suas coisas o que lhe parecer melhor absolutamente, porque a liberdade se define, uma faculdade natural do que cada um quiser obrar, se não fôr proibido por alguma força ou por alguma razão; no parágrafo antecedente (22), mostramos a grande força da razão que justamente ditava, que os Índios primeiros habitadores do Brasil vivessem em al-

(20) PEREIRA, *Elucid.*, lib. 1, *Elucid.* 3, n.º 42.

(21) CÍCER., *De Parad.*, 5.

(22) *Et libertas* 1: *Iust. et Iur. person. plures laudans*, SOLORZ., d. tomo 2, lib. 1, cap. 1, n.º 17.

deias, reduzidos a povoações: logo já lhes não permitia a razão, o bem comum, a força da equidade que vivessem pelos matos como brutos do que se manifesta que não foi infringir-lhes a liberdade, obrigá-los a que vivessem congregados em república, e se reduzissem a povoações com civilidade política.

Duas são as espécies, que distinguu Aristóteles (23) de cativoiro: um natural, outro civil; o cativoiro natural é o com que os homens mais rudes, e robustos do corpo, são mais aptos para obedecer, e serem governados em seus bens do que são capazes para se governarem a si próprios, e menos para poderem mandar sobre os outros homens: o cativoiro civil vem a ser aquê-le por cuja razão os escravos, assim aquilo, que são, como quanto adquirem, tudo é de seus Senhores, que devidamente fazem seu tudo quanto lhes pode provir dos tais seus escravos: esta duplicidade de cativoiros distinguem admiráveis a Teologia e Jurisprudência do Padre Molina, *De Iust. et Iur.*, tratado dois, disp. trinta e dois, desde o número um e pelos mais que se seguem.

Do que se colhe, que o Governador Mem de Sá em resolver, e ordenar que os Índios se congregassem e reduzissem a aldeias, não foi gravar-lhes o Estado de livres, reputando-os como escravos; foi sem regê-los, e governá-los naturalmente mandando-lhes que obrassem uma ação reta; assim como pode bem mandar o pai ao filho, o Rei ao vassalo, o espôso à mulher, e o tutor ao pupilo; êstes sim mandam, sim governam, sim obrigam, como superiores, mas não obrigam, não governam, não mandam, como o fazem, e mandam os Senhores aos seus escravos: profundamente São Tomás: *Tunc aliquis dominatur alicui, ut seruo; quando eum, cui dominatur ad propriam utilitatem sui, iscilicet dominantis refert; tunc uero dominatur aliquis alteri, ut libero (notese ut libero) quando dirigit ad bonum proprium eius, qui dirigitur, uel ad bonum commune.*

Da mesma sorte também não obsta o segundo fundamento da parte negativa, enquanto dizíamos que juntos os Índios em povoações grandes era unirmo-lhes as forças, e que poderiam com mais perigo nosso empreenderem a ousadia de intentarem sacudir de seus colos o bem merecido jugo que lhes tinham pôsto as armas portuguezas: porque se responde, que juntá-los em povoações não era congregar totalmente a todos os Índios do Brasil numa sociedade, numa só aldeia, numa só redução: e suposto que era sim ordenar-se-lhes que vivessem unidos em colônias; isso mais era repartir, e separar-lhes as forças, do que unir-lhes, e coadunar-lhes o poder: tôda uma nação de Índios dispersa pelos

(23) *ARIST., Politic., lib. 1, cap. 3 et cap. 4.*

matos, valia o mesmo, que se estivessem todos juntos, não para sociedade da vida humana; sim para a expedição da Guerra, pois sem serem tão facilmente sentidos das nossas armas, poderiam práticos do país comunicarem-se pelos íntimos das brenhas, e invadirem talvez por assalto aos Europeus.

Aldeados porém os Índios, era forçoso darem-se-lhes padres que os doutrinassem na nossa santa fé católica, e que os educassem melhor na vida temporal: diligência, em que vínhamos a ter sem desconfiança sua entre êles umas vigilantes espécies que lhes observassem os dízimos; e de qualquer movimento de que se pudesse conjecturar, pretendiam empreender algum sinistro projeto, os mesmos padres dariam logo notícia, e com esta ao princípio bastaria menos remédio para preservar do achaque futuro a nossa conquista: o que não sucederia assim se depois de ateadado e prêsado mais ativamente o fogo se lhe applicasse a providência; prevista porém a chama no fumo da rebeldia, antes de fragrar as labaredas da traição não era necessário derramar tanto sangue para extinguir, e apagar o incêndio de qualquer levantamento, ou sublevação mal intencionada.

Finalmente não obsta o terceiro, e fundamento último; porque suposto, que um dos fins principais; por amor de que se ordenava a congregação dos Índios, fôra para que se reduzissem a civilidade, nem por isso haviam de cessar as guerras, que sempre tiveram uns com outros; porque os bravos agrestes, e ferozes Índios habitadores das matas, e cidades das brenhas como não estavam sujeitos as nossas Leis, haviam de aborrecer, como inimigos, e opostos dos Índios mansos os já nossos confederados; e assim, era certo que haviam de continuar como de antes, a guerra entre si na mesma forma; e desta sorte se seguiam maiores seguranças aos Portuguezes; e isto por muitas razões.

A primeira porque enquanto os Índios se combatiam, e queimavam uns aos outros, viviam os Lusitanos com mais sossêgo. Segunda porque os Índios mansos como necessitavam da nossa amizade para o seu socorro; da nossa companhia para a sua direção haviam de obedecer-nos, haviam de gratular-nos, e precisamente nos haviam de guardar fidelidade. Terceira conveniência porque se os mais Índios nos fizessem Guerra tínhamos os nossos confederados juntos nas aldeias para que auxiliares, e parciais, mais prontamente refizessem [recultar], e nos ajudassem no transporte dos comboios. De mais que ainda no caso que a continência da Guerra se mostrasse de alguma sorte infausta aos Europeus, das aldeias dos nossos Índios, se haviam de situar mais adentro para o sertão, ficavam as povoações Indianas servindo de antemural aos primeiros ímpetos e barbaridade dos Tapuias.

E nesta forma tão longa estava de nos ser pernicioso ficarem as futuras aldeias perto das nossas povoações, que nos era utilíssimo na realidade pois ainda no caso suposto, de que pretendessem os Índios rebelar-se contra os Portuguezes como não ficavam dentro das nossas praças; e nelas vivíamos com doutrina militar; não devíamos temer, que nos assaltassem repentinamente: e que aldeados, quando orgulho de algum atrevido intentasse desleal alguma traição, com aviso dos padres administradores das próprias aldeias ou pela oculta inteligência de algum fiel, e nosso confederado, que a revelasse, ou por outro algum indício, ou leve conjectura da tal inconfidência, seria mais fácil recairmos na desconfiança da sublevação, para que descoberta a verdade, e averiguada a culpa se impor severamente a justa, e última pena ao traidor.

Coroe finalmente êste pensamento, e com êle o discurso à experiência, e resultância daquele justificado castigo, que deu o próprio Governador Mem de Sá a trezentas aldeias de Índios bravos assistentes nas margens do Rio Paraguaçu, contrários, e capitais inimigos das nossas aldeias, em razão de que sociáveis se confederaram com as nossas armas: referem o successo o eloqüente Josepho no livro que escreveu **De Gestis Mem de Sa**, lib. três, página quarenta e seis e página sessenta e nove, que cita, e segue o Padre Simão de Vasconcelos, lib. dois, **Da Choronica da Companhia de Jesus**, dêste Estado do Brasil, número cinqüenta e cinco, e cinqüenta e seis, onde diz, que enfraquecidos, e destroçados aquêles bárbaros voltaram as costas e deram a fugir pelas matas, e que estas lhes não foram de refúgio, porque os nossos Índios agravados, e que pelejaram da nossa parte lhe seguiram o alcance, e quais lóbos irados, entre ovelhas medrosas, e desgarradas fizeram estrago lastimoso; e tingindo a verdura da campanha rubricaram com o sangue dos inimigos mortos o portentoso triunfo desta vitória sempre imortal.

Êste Senhores, o fruto de se aldearem os Índios, estas são as notórias conveniências, que resultaram ao Brasil de se congregarem os novos conquistadores, digo, conquistados em povoações.

DISSERTAÇÃO QUINTA

Da política com que se governam os Índios do Brasil, nas suas aldeias, e qual seja mais conveniente, se serem seus magistrados os patrícios, ou se os Estrangeiros.

Visteis Senhores, na dissertação passada a necessidade oportuna, que tinha o Estado do Brasil, de que se reduzissem a povoações os seus primeiros habitantes, e que para êste fim estatuiria o Governador Mem de Sá, que vivessem os Índios em aldeias, com sociedade política por modo de república: esta zelosa e prudente disposição despertou eficazmente a nossa curiosidade para procurarmos, e sabermos o êxito feliz, que tivera esta Lei tão precisa, como necessariamente oportuna, e fazendo tôda a diligência por nos certificarmos da sua observância, concluímos que prontamente se lhe dera a possível execução; e que nesta Bahia no ano de 1555, se erigiram quatro aldeias (1); de que foram primeiros Párcos os Reverendos Padres da Companhia de JESUS: a primeira junto ao Rio Vermelho, que pouco depois se mudara para outra chamada aldeia de São Paulo; a segunda de São Sebastião, meia légua distante desta cidade; a terceira do Espírito Santo, perto do Rio de Joanne; a quarta de São João no sítio que pelo tempo em diante, se chamou a tapera de Boirangaoba (2). As primeiras aldeias, que se erigiram, e aperfeiçoaram em São Paulo, então capitania de São Vicente, foram as de Martim Afonso Tibiriçá, e de João Caiubi senhor de Jaraibatiba, ambos Índios nobres, e dos mais opulentos daquela província.

Depois destas se foram criando, e erigindo por tôdas as partes, e capitanias do Brasil outras muitas aldeias, umas que têm consumido o tempo, outras que posteriormente se tresladaram a diversos lugares: faremos um breve catálogo das que temos notícia, que se acham existentes, e são as seguintes.

Os Religiosos Monges de São Bento administram na cidade da Paraíba as aldeias chamadas uma Nossa Senhora da Conceição da Jacoca, outra Octinga; na cidade de São Paulo em distância de meia légua, tem mais a aldeia dos Pinheiros.

(1) P. VASC., lib. 2, da coron. da Companhia, n.º 5.

(2) Idem, VASC., lib. 1, d. Coronic, n.º 160.

Os Religiosos Carmelitas calçados administram pertencentes ao convento desta Cidade as Aldeias do Rio Real, e da Taparutuba. Na Capitania de Pernambuco são administradores da aldeia do Siri.

Os Religiosos Carmelitas descalços administram a Aldeia de Macarandápio distante desta cidade vinte e cinco léguas, antigamente administraram mais dez aldeias, que presentemente governam os Religiosos Capuchinhos Indianos; a saber a aldeia do Iraporã, a do Cavallo, a do Aracapá, a do Pambu, a da Vargem, a do Axará, a do Rodela, a do Matoará, a de São Pedro do Jacaré, e finalmente a do Pacatuba.

Os Religiosos Capuchos da Província de São Francisco do Rio de Janeiro administram a aldeia de Santo Antônio dos Guarulhos, termo da Vila de São Salvador, nos Campos dos Oitacazes, pertence ao convento de Santo Antônio daquela cidade, a aldeia de São Miguel, que pertence ao convento da cidade de São Paulo; a aldeia de São João que pertence ao convento de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Itanhaém.

Os Religiosos Capuchos desta Província de Santo Antônio da Bahia administram as aldeias do Tapicuru, a do Masacará, e ambas pertencem ao Convento do Bom JESUS, sito na cidade de Sergipe de El-Rei tem mais as Aldeias da Alagoa e a de Nossa Senhora das Neves da Jacobina, pertencentes ao convento de Paraguaçu, administram mais as aldeias do Juazeiro do Pontal, do Coripó, do Unhunhum, do Cural dos Bois; sitas no Rio de São Francisco pertencentes ao convento de Nossa Senhora da Porciúncula da Vila do Penedo; tem mais a aldeia de Santo Amaro da Alagoa, pertencente ao Convento de Santa Maria Madalena da Vila das Alagoas; tem mais a Aldeia de Una que pertence ao Convento de São Francisco da Vila de Serinhaém; estas últimas seis aldeias tôdas estão dentro da Capitania de Pernambuco: o Convento de Santo Antônio da Cidade da Paraíba administra a aldeia do Cariri, e são doze as que administram dignissimamente êstes exemplares Religiosos.

Os muito Reverendos Padres da Companhia administram pertencentes ao Colégio de Olinda Cidade de Pernambuco, as aldeias do Ibiapaba, do Guajuru, das Guarairas; êste Real Colégio da Bahia administra as aldeias do Saco, dos Morcegos, da Canabraba, da Natuba, do Juru, do Espírito Santo, do Sirinhaem, do Mairai, dos Ilhéus, de São João do Patatiba: pertencentes ao Colégio do Espírito Santo, são as aldeias dos Reis Magos, e do Reritiba: ao Colégio do Rio de Janeiro pertencem as aldeias do Cabo Frio, de São Barnabé, de São Lourenço, e a de Itinga. O Colégio de São Paulo administra as aldeias da Paraíba, da Taquaquintiba, do M Boi, do Itapuirica.

No distrito do pôrto do Cavalo, capitania de Pernambuco reside o Governador dos Índios chamado Dom Sebastião Pinheiro Camarão que governa várias aldeias, de que não temos cabal noticia do seu número certo; temos porém a noticia que de tempos a esta parte, se levantara com uma que tinham os religiosos carmelitas calçados nas mesmas circunvizinhas daquelle pôrto, e que de sua mão lhe pusera o dito Governador para Pároco um Sacerdote clérigo secular.

Têm os Índios assim Infantes como adultos seu modo de Governó pelo que toca ao espirital, certamente muito digno de louvor, de que faz memória particular o Padre Simão de Vasconcelos, lib. dois, da **Coronica da Companhia**, desde o número sexto até o número undécimo: nêle o podem ler os curiosos; o que não repetimos por ser matéria, que toca privativamente a crudição do Senhor Reverendo Doutor Gonçalo Soares da Franca meritíssimo lente, nesta academia, da **História Eclesiástica do Brasil**.

Do govérno temporal que exercitam os Índios em suas aldeias diremos com breve narrativa as poucas noticias, que achamos dispersas por vários lugares, e com algum trabalho nosso.

São os pobres Índios, por condição inata [desides] (3): preguiçosas, (sic) e homens em tudo muito para pouco; quanto têm, tudo comem no dia de hoje sem que cuidem de alguma sorte no de amanhã, futuro certamente, vivem de suas lavouras, o contrato que mais freqüentes exercitam, é o da locação de obras, pois servem aos Portuguezes de lhes conduzirem cargas e de os acompanharem em suas viagens; as mulheres lhes criam seus filhos, manifestando-lhes o primeiro, e suave néctar com que se nutre a natureza humana nos rudimentos da infância; correspondendo a inocência da vida à sincera, e primitiva candidez, que bebemos no branco leite com que as amas nos alimentam meninos da nossa primeira e necessária criação: mas como êstes miseráveis homens não são capazes de ajustarem preços, sem que os enganem; nem de administrarem os [selários], que tanto lhes custam; pareceu útil dar-se-lhes administradores que os governassem quase com o poder e faculdade de tutores, ou curadores seus; porque êstes os mandam trabalhar, e beneficiar suas lavouras, e quando alguns moradores das vilas, ou cidades carecem de que os sirvam em algum dos sobreditos ministérios os tais administradores são os que ajustam os preços dos contratos, designam os Índios que hão de sair das aldeias, e declaram o tempo, em que a elas necessariamente se hão de recolher; o prêmio que me-

(3) PADRE VASC., lib. 1, das notíc. do Brasil, n.º 118; FRANCISCO DE BRITO FRº., Guerr. Bras., n.º 52.

receram do seu trabalho o administrador o recebe, sem que possam os Portuguezes pagar aos Índios em dinheiro, mas devem satisfazê-lo ao dito administrador, que tem obrigação de empregar o tal prêmio nos misteres de que os Índios que o ganharam têm necessidade mais urgente: esta economia com que se devem governar os Índios nas aldeias, se colige de várias condições expressadas no regimento que em fevereiro do ano de 696 foi servida a Majestade do Senhor Rei Dom Pedro Segundo da saudosa memória dar aos Excelentíssimos Governadores do Estado do Brasil sôbre a liberdade dos mesmos Índios, e mais expressamente por ordem do mesmo Senhor, em janeiro de 698 o estatuiu assim Artur de Sá e Meneses, Governador que foi do Rio de Janeiro e Minas Gerais no regimento que fêz ao procurador dos Índios aldeados da repartição do sul da vila então, e hoje cidade de São Paulo nos parágrafos terceiro, quarto, quinto, sexto, décimo-quinto, e décimo-sexto.

Por alvará de 23 de novembro de 1700 anos foi servido o mesmo Senhor Rei Dom Pedro Segundo resolver, que se desse uma légua de terra em quadra a cada uma destas aldeias do Brasil para cônica, e necessária sustentação de seus Índios, com cláusula que constaria cada aldeia ao menos de cem casais, dando piedosa e providentemente a forma como se devia fazer a sua demarcação, e impôs graves penas aos sismeiros, e donativos que de alguma sorte impedissem o uso das suas terras aos Índios naturais desta nova Lusitânia.

Como todos êles têm a mesma preguiça (4), natureza, e inclinação, entendo que todos os Índios do Brasil usaram pouco mais, ou menos dêste Govêrno econômico, e só se distinguirá nas nomenclaturas dos Governadores ou de seus Curadores, para dizer melhor: são porém as capitâneas do Norte em alguma coisa diferentes; e vem a ser que os Índios de Pernambuco têm seu Capitão-mor, e seu Governador que como já dissemos atualmente é Dom Sebastião Pinheiro Camarão, que reside no sítio do Pôrto do Calvo, descendente de Dom Diogo Pinheiro Camarão, primeiro sucessor neste Govêrno de seu primo, e em tudo justamente primeiro Governador dos Índios, Dom Antônio Felipe Camarão, de quem trataremos mais particularmente na dissertação seguinte.

Os da repartição do Sul da Cidade de São Paulo têm seu procurador geral, e cada aldeia particularmente tem seu Capitão Índio: da parte do Norte o Governador e da parte do Sul o procurador geral, são os que têm jurisdição sôbre os Índios para os mandarem prender e castigar, quando cometem culpa, que

(4) *Idem*, FRANCISCO DE BRITO FR.^e, d. lib. 1, n.º 50.

sem ser crime grave, é contudo digna de demonstração por ser culpa de coisa ilícita; e para isso determina e manda autuar as causas que pertencem, e se controvertem entre os Índios particularmente assim se colhe do regimento do dito Procurador geral, nos parágrafos décimo-sétimo, décimo-oitavo, e vigésimo-sexto, que é o parágrafo último do dito regimento.

Continuando pois na averiguação do Govêrno, costumes, e forma da república nas aldeias dos Índios, achamos no livro primeiro da **Guerra Brasília**, número cinqüenta e seis, uma célebre memória, que nos pareceu justo não a passar em silêncio: e vem a ser que diz o seu Historiógrafo que sendo Governador do Brasil Francisco de Brito Freire, por indústria, e afagos seus, trouxera dos Sertões, a muitos Índios Tapuias, até então indomáveis; e que êstes se reduziram a sociedade dos Portuguezes, abalando-se voluntariamente dos escondidos, e remotos seios das mais longínquas brenhas com suas famílias; que regularmente não constam de mais pessoas que de suas mulheres, e filhos, aos quais se fizeram duas novas povoações, e em cada uma sua Igreja constituindo-se-lhes seu modo de Govêrno político, com Ouvidores, e Juizes, eleitos entre os mais idôneos dos mesmos Tapuias assim congregados nas duas aldeias voluntariamente.

§ 1.º

Esta notícia nos excitou à reminiscência daquela bem altercada questão, que disputam muitos autores, tanto políticos como Juristas, qual é mais conveniente aos povos, se serem governados por peregrinos, ou se pelos seus próprios naturais? Da resolução desta controvérsia pende também a verdade da nossa questão principal, e assim trataremos de uma, e outra em comum para que expressada e resolvida a primeira fiquemos também concluindo a verdade da segunda que é particularmente a matéria desta nossa quinta dissertação.

Desta controvérsia trataram Francisco Patrício, de **Instit. Republ. lib. três**, título segundo; Xaniar, de **offic. iudic.**, primeira parte, q.º 1, número noventa e quatro; Cassan, no **Catálogo da glória do Mundo**, parte onze, consid. vinte e dois; Mastrill, de **Magistr.**, lib. 2, cap. 7; Siman., de **Republic.**, lib. oitavo, capítulo seis; Boball., nas suas **polit.** tomo um, lib. um, capítulo doze, desde o número vinte e três: dos nossos Portuguezes trataram desta questão os dois famosos senadores Domingos Antunes Portugal, de **donat. Reg.**, parte segunda, lib. 1.º, capítulo vinte e nove, número cento e cinqüenta e seis; Diogo Guerreiro Camacho de Aboim, de **numer. iudic.**; Orfanor, na primeira parte da **Rubrica** desde o número cento e trinta e sete; o noticioso glosador

Manuel Alvares Pegas nos comentários à ordenação do Reino, tomo cinco, lib. primeiro, Tt.^o sessenta e cinco, na Rubrica glos. primeira desde o número vinte e seis.

A parte negativa, e que não é útil aos povos serem seus patricios os Magistrados; se prova primeiramente, porque sendo o ministro natural da mesma povoação, é muito para temer, que não administre retamente Justiça livre, e como devia ser senhor de todos seus afetos; porquanto favorecendo com amor mais do que é lícito; a seus parentes, e parciais, molestaria por ódio a seus êmulos, e a seus competidores assim o reconhece Cassâneo no *Catálogo da glória do Mundo*, parte onze, d. consid. vinte dois. Demais que confiado o Ministro na parcialidade dos amigos, e dos parentes mais fãcilmente se faria licencioso, e petulante: por estas razões ordenaram sem dúvida os Reis de França Carlos V e Felipe o Formoso uma Lei que não pudesse vizinho algum ser Magistrado (5) na terra de que era natural, o Imperador Marco Aurélio mandou que nenhum Capitão pudesse ser Governador na pátria em que nasceu; em Espanha há uma Lei das partidas, que expressamente declara, que seria como sacrilégio procurar, ou pedir o filho de alguma Vila ou Cidade ser seu Magistrado. **Y aun seria como sacrilegio** (são as palavras da Lei) **se algun hombre** (6) **se entremetiese de pedir o de ganar officio de juzgador en aquella tierra donde es natural: la sospecha puede haber que queria mas este ayudar a sus parientes, y desayudar a los que mal quisiese o tomar algo; que por parar bien a la tierra; o dar a cada uno su derecho: esta Lei foi tirada de outra não menos eloqüente, que promulgaram os Imperadores Arcádio, e Eutrópio, que por ser terminante, cuidamos não será repreensível repeti-la. Nequís sine sacrilegii cumine desiderandum intelligat gerendae ac suscipiendae administrationis officium intra eam Prouinciam, in qua Prouincialis, et ciuis habetur.** (7)

Segundo fundamento porquanto não há homem neste mundo tão bem aventurado, que em tudo seja absolutamente perfeito; o Sol padece eclipses, a Lua tem minguentes, os Astros são Estrêlas que erram; os planêtas se umas vêzes se exaltam, outras se humilham; todo o Estado tem decadência, não há formosura sem senão, não há saúde grande sem acidente: o maior gôsto lá tem seu enfado; não se eximiu por formosa a deidade de Vênus das murmurações de Momo (8); dizia Crates, que era impossível achar-se um homem tão cabal, que nunca se deslizesse, ou tivesse

(5) BOBADILL., *polit.*, tomo 1, lib. 1, cap. 12, an. 23.

(6) L. 11. tit., 18, parte 1.

(7) L. *nequís 3, quod de eum. sacrilegt.*

(8) CRAT., *apud LAERT.*

alguma omissão, e exemplificava êste seu apótema com a Rainha dos pomos em que é quase impossível achar-se de todo sãos, e bem sazoados os rubis da sua saborosa, e cordial preciosidade: não há coisa tão perfeita, tão provida, e louvável diz Justo Lipsio (9) que não possa a maledicência e detração dos homens envelhecê-la, aniquilá-la, e diminuí-la.

Na pátria os defeitos são mais conhecidos, e vivendo os do Magistrado na memória dos subalternos, sem dúvida, que hão de gostar muito, manifestarem aquêles impropérios, que calariam modestos a não serem supeditados; Platão dizia, que se envergonhavam os súditos de obedecerem a superior, que conheciam defeituoso (10).

Terceiro fundamento porque o vulgo, como regularmente é ignorante em tudo discorre às cegas, e diz o Filósofo, que se persuade, que os que são seus iguais em alguma coisa, o são também em tôdas, e em tudo, e por tudo, e assim quando algum patricio manda com jurisdição na sua terra, e conhece que outros o igualam, ou no sangue, ou na riqueza, ou na qualidade, ou em outra qualquer virtude; crê o vulgo firmemente que o tal Magistrado não pode ser melhor, ou maior, que os mais filhos da mesma pátria: e por isso com repugnância, com descomedimento, com ludíbrio, com menosprêzo, e inveja executam suas ordens. Todos êstes fundamentos que temos ponderados foram consideração prudentíssima do Doutor Angélico, Santo Tomás, escrevendo ao Evangelho de São Mateus. *Minus in patria sua homines, quam apud exteros honorantur, quod multi, qui cognoscunt in firma eorum semper in memoriam illa reducunt: etiam malitia quadam defectus magis, quam uirtutis considerantur errat propterea multum iniudicando populus, cumque alios pares esse uidet genere, uel alta ratione, ominino pares eos esse credit.* (11)

Do que tudo se segue que não pode ser útil à república, que seus patricios exercitem a jurisdição dos Magistrados: e êste foi o motivo por que os Romanos mandaram chamar das Regiões estranhas, e mais [longiaias] os julgadores que lhes haviam de decidir as suas causas, como testemunha o Sêneca escrevendo da Ira no seu terceiro livro. (12).

Numa Pompílio não era cidadão Romano e foi tirado do Campo Sabino a rogos dos Padres conscritos, para reinar em Roma; nesta também reinou L. Franquínio Prisco, que foi filho

(9) IUST. LYPSE, lib. de una religione.

(10) Guerr. de munes. iud. orph., 1 parte, rubric. n.º 139.

(11) D.º TOMÁS, in Math.

(12) SENEC., De Ira, lib. 3, cap. 33.

do Grego de Marato M. Perpena, foi Grego de nação, Lúcio Cornélio Baldo, era de nação, L. Cornélio Baldo, era natural de Cádis (sic); e ambos foram cônsules na grande cabeça do mundo; o Imperador Nerva nasceu em Nárnia, cidade de Úmbria, e elegeu a Aurélio Vítor, que não era nacional de Itália, mas sim de Espanha: todos êstes exemplos refere José Lângio na questão sétima *das elegantes* que escreveu *de magistratu*: onde mostra que os filhos da mesma terra, são prejudiciais à república; se na própria pátria exercitam alguma jurisdição e acrescenta com Bodino (13), e Simâneas, que governando os naturais é forçoso que se originem grandes distúrbios às povoações: porque pela ambição do Império se haviam de fomentar parcialidades, e é muito para temer que da abundância do coração delire a língua, e passando das palavras, às obras, se sigam, e lamentem nos povos, rapinas, mortes, e dissoluções; tudo em notório prejuízo do bem comum.

§ 2.º

Contra os peregrinos, e forasteiros dos povos proclamam não menos equivalentes as razões seguintes. Primeira porque os peregrinos; como são homens estrangeiros não têm parentes, não têm amigos, e vivem nos povos, sem apaniguados; e para os conseguirem, para os granjearem, faz-se-lhes preciso despendem inumeráveis favores, mil benefícios, todo o gênero de galantaria; mas tudo com vilipêndio do magistrado à custa da república, e as mais das vêzes, com ofensa da justiça: o julgador que sentença com afeição a causa do parcial, o juiz que por vestir o amigo se despe da própria e boa reputação, porque de uma sorte julga o pleito do pobre, por outro modo determina a pretensão do rico; o desvalido não tem razão, para o companheiro sempre se acha favor, êste ministro não faz justiça o Deus nos livre da sua balança? Ouvi Senhores, ao venerável Beda. *Nam personam iudices exuit, quisquis, amicum induit, et qui aliter causam pauperis, aliter causam potentis, aliter solalis, et aliter auditi ignoti, statera utique librat iniqua.* (14) A êstes perigos se expõem as repúblicas que dado nelas os Estrangeiros administram justiça; ou têm nos povos alguma jurisdição. Assim o sentiu Eberêncio no seu *Eunuco*; cujas palavras por serem dignas de tôda a veneração, as transcreve fielmente Cassânio no *Catálogo da glória do mundo*, parte undécima, consideração vinte, e duas, versos unde eberentius.

(13) **BODIN., De Republ., lib. 6, cap. 5.**

(14) **BED., in prou., cap. 11.**

Segunda razão porque sendo os magistrados estrangeiros, é muito para reear, que tragam consigo novas práticas, novos costumes, e precisas perturbações; as suas perniciosas ruínas da república são as novidades; bem como as mutações no verão, e outono são prejudicialíssimas à saúde do corpo humano; assim também dizia Plutarco (15), que tódã a novidade era nocivamente fatal ao corpo político das povoações, e tanto é isto assim, que ainda no caso que a novidade seja útil, sempre pela mudança do costume anterior diz Santo Agostinho (16), que resulta à república perturbação. *Ipsa mutatio consuetudinis, etiam quae adiuvat utilitate, noitate perturbat.* Licurgo nas Leis que deu ao Lacedemônios, não só desterrou aos Estrangeiros, mas ainda proibiu aos nacionais peregrinarem fora de suas pátrias, e a razão era porque não trouxessem à república costumes novos, práticas ruins, e instituições mal formadas; de que haviam nascer abortos necessários (17), discursos novos, e vários afetos que precisamente haviam de perturbar a boa consonância, e civil organização da república; e se tão grande mal pode provir dos Estrangeiros, bem se manifesta que não podem ser úteis para magistrados.

Terceira razão, porque o primeiro necessário para governar bem é conhecer o magistrado, a república, e os particulares costumes dos cidadãos; os homens forasteiros, não podem ter cabal conhecimento da república, e dos seus costumes particulares; porquanto os peregrinos por via de regra só cuidam de suas conveniências; razão por que diz Cícero (18) que são prejudiciais ao bem comum; e Aristóteles (19) discorreu, que não podiam governar bem. Demais que a experiência é muito boa testemunha, que dois contrários não podem habituar bem num mesmo lugar; os estrangeiros são postos aos patricios; logo os naturais de um povo, não podem viver nêle bem, sendo governados por peregrinos; porque êstes falando regularmente são pobres, e faltos de cabedais nas suas pátrias, e por isso buscam as alheias, para melhorarem de fortuna, donde provém, que entrando a mandar em povoações estranhas e muitas vêzes com officios temporais, não podem contrair, nem ainda apetercer maiores familiaridades: cuidam mais dos seus interêsses, e diz o mesmo Filósofo, que são como pragas da república que só tratam de comer, e fazer mal ao bem comum. *Experientia quoque testatur contraria in eodem loco cohabitare non posse, peregrinos, et aduenas,*

(15) PLUTARC., apud LANG., Apoliant. Urb. Nouitas.

(16) D. AUGUST., epist. 118.

(17) PLUTARC., in uita Licurc., pag. mihi 38, n.º 44.

(18) CICER., De Offic., lib. 1, pag. mihi 57.

(19) ARISTOT., Rethor., lib. 1.

fructum ciuitatis deuorare, non secus atque locustae segeti nocere solent. (20)

As repúblicas mais bem instruídas que venerou o mundo, foram as da antiga Roma, de Cartago, e de Atenas; hoje a mais bem governada é a de Veneza; e de tôdas diz Francisco Patriçio (21) que negavam aos Estrangeiros os magistrados, dos Massilienses contra Estrabão (22) que só davam as judicaturas aos seus patrícios já de mais tempos naturalizados com três gerações: dos cidadãos de Saragossa refere Deodoro, que sòmente a seus antigos moradores, e das mais conspícuas famílias, elegiam para magistrados: os Estrangeiros, já dissemos, que occasionam sedições e muitas vezes fazendo-se mais poderosos, lançam fora das cidades aos mesmos naturais; como fizeram já os Aqueus aos Tresênios; os Túrios aos Sibaritas, os Sâmios aos Zaqueus; os Calcidenses aos Anfipóletus: os sagrados cânones proibem, que exercitem jurisdição, os Estrangeiros; e contra os peregrinos está finalmente a sentença do Eclesiástico. *Coram extraneo non facies consilium, nescis enim quid pariet* (23).

§ 3.º

Temos ponderado, que nem os patrícios, nem os Estrangeiros, são convenientes para servirem nos povos de magistrados; o que suposto, agora pergunto, e quais serão os sujeitos aptos, úteis, e idôneos para serem ministros nas povoações? A pergunta é natural; e a resposta não tem contraditor. Sabeis Senhores, quais são os sujeitos mais profícuos para os magistrados? São os que nem são naturais dos mesmos povos, nem são estrangeiros totalmente: mas dirá alguém ser patrício ou ser estrangeiro, são têrmos opostos, são têrmos contrários, nos contrários é contrária a razão, e são contrários também os efeitos; logo se o magistrado não é patrício há de ser Estrangeiro, se não é estrangeiro há de ser patrício necessariamente a dúvida assim como é sofisticada, tem fácil solução porque entre estrangeiros, e patrícios há um Estado meio que são os mesmos nacionais (24): vê os Ulisiponenses, e Conimbrisenses, todos são Lusitanos, não são estrangeiros, mas contudo uns a respeito dos outros não são patrícios, porque todos não são naturais da mesma cidade: são sim nacionais, porque uns e outros são Portuguezes; não são patrícios

(20) *Idem*, ARIST., politic., cap. 3.

(21) FRANC. PATRIC., de republ., lib. 3, tit. 2.

(22) ESTRAB., lib. 4, Geograph.

(23) CAP., peregrinl., 12, cap. legis Eccles., 13, caus. 3, qe. 6, Eccles., cap. 8, prop. fin.

(24) L. fin. ff. d. edend. L. qui accusare ff. d. accusat.

porque todos não foram nascidos na mesma cidade, não são estrangeiros os Ulissiponenses em Coimbra; nem os Conimbrienses em Lisboa; porque uns, e outros são nascidos em Portugal, nenhum destes são vassallos de Rei estrangeiro, de diversa coroa, de diferente Reino, destes pois nacionais, e não patrícios da própria terra devem ser os magistrados, que lhe administrem justiça.

Com Sêneca dissemos no parágrafo primeiro desta nossa dissertação, que políticos os Romanos mandaram chamar das regiões mais remotas os magistrados que elegiam para seus julgadores; **euocati ex longinquis regionibus iudices sedent iudicaturi** (25): entra Justo Lúpsio a comentar, com a sua costumada erudição este lugar do Sêneca, e diz no número duzentos e oitenta e quatro: **Euocati, qui equestris ordinis honestioris erant in decurias iudicum coiciebantur: idque ex hominibus prouinciis, sed eum Pliniana hac restrictione** (26): diz Justo Lúpsio, que os romanos sim chamavam para seus julgadores os cavalheiros, mais honestos, que habitavam nas mais remotas províncias; mas que isto se devia entender debaixo da restrição, com que Plínio falara: e se consultarmos ao Corifeu da história natural acharemos no livro trinta e três: no fim do capítulo primeiro, que nos princípios da cidade de Roma não haviam (sic) mais do que quatro decúrias de juizes, cada uma constava de mil homens, e porque eram ainda poucos mandavam chamar ministros das mais províncias remotas, para que nenhum dos novos cidadãos exercesse nelas a nobilíssima jurisdição dos magistrados. **Iudicum quoque** (27), principiam as palavras de Plínio, **non nisi quatuor decurrae fueri primo: uixque singula miliam in decuriis iuuenta sunt; non dum prouinciis ad hoc minus admissis: seruatumque in hoc dieinum est ne quis enouis ciuibus iniis iudicaret**, do que se colhe que ainda os Romanos chamavam das províncias remotas os julgadores contudo nem eram estrangeiros, nem eram patrícios, e naturais da mesma Roma, eram sim Latinos, vassallos, e súditos dos mesmos Romanos; o mesmo Justo Lúpsio. **Notentur ista et uide, et uocatos, quidem et prouinciis, sed ueteres ciues id est, qui et coloniis ibi Romanis** (28).

O cônsul Lutácio, que foi o Romano primeiro que declarou a guerra contra Cartago pretendeu consultar as sortes da cidade de Preneste, e foi-lhe proibido pelo senado, decretando-se, que era mais conveniente administrar a república pelos auspícios

(25) SENEC., de Ira lib. 3, cap. 33.

(26) Et ibidem, Iust. Lips., n.º 284.

(27) PLIN., De Natur. Histor., lib. 33, cap. 1, in fin.

(28) JUST. LYPS., ubi supra.

pátrios, e não pelos forasteiros; refere o caso Valério Máximo (29). Nos nacionais cessa o receio de que saibam os segredos do Estado; porque têm a presunção de que conhecem os costumes, e as observâncias da república; não ignoram as Leis do reino, não têm contra si a suspeita, de que serão parciais: e por isso com muita razão os Senhores Reis de Portugal ordenaram que fôsse a julgar nas suas povoações notáveis juizes de fora; como se vê da rubrica, e princípio do título sessenta e cinco: lib. um: da nossa ordenação: assim o entende o nosso famoso senador Domingos Antunes Portugal. *Reges nostri inuictissimi inciuitatibus, et oppidis notabilibus deputauerunt iudices oriundos ex aliis locis regni quos foraneos iudices appellamus* (30). O primeiro Rei e Senhor que mandou aos povos Lusitanos Juizes de fora, foi o felicíssimo, e muito poderoso Rei o Senhor Dom Manuel como relatam o Padre Frei Luís Cassegas, e Damião de Góis (31).

Com esta meia via, e distinção, que seguimos parece que se concilia bem a contradição das duas opiniões, que ponderamos; e porque não se ajuize que foi só discurso nosso, também a defende por verdade política a jurisprudência de Manoel Álvares Pegas (32), cujas palavras ainda que sejam compridas, como são terminantes, é lícito transcrevermo-las. *Experientia et doctissimas, et procomporto habemus iustitiam huius regni, praecipue a iudicibus forensibus sustineri: quia cum non sint ex illa ciuitate, aut oppido, operantur, quae Bobadilla, et ab eo relatis placent ad rectam iustitiae administrationem; et cum sint Lusitani et ex eodem regno, moribus Lusitanis, et amore utuntur; accessant ea quae in peregrinis, et exteris a Cassaneo timentur.*

O que suposto também se mostra indubitável que não é conveniente aos povos notáveis do Brasil serem governados por seus nacionais; mas sim por varões forasteiros, e Portuguêses, que sejam verdadeiros, e legítimos vassallos del Rei nosso Senhor. O que se corrobora melhor com a ciência experimental; pois todos os soberanos, e Excelentíssimos senhores Viso-Reis, que felizmente governam êste opulentíssimo Estado do Brasil, foram e atualmente maior que todos é um tão grande príncipe natural de Lisboa, como reconhece o mundo, e publicará eternamente a Bahia; sempre devedora as muitas felicidades, e contínuos favores, com que se nobilita no suave, e venturoso vice-reinado do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses.

(29) VALER. MAXIM., lib. 1, cap. 3, *De Peregr. Releg.*, n.º 1.

(30) PORTUG., *De Donat., Reg.*, 2 parte, lib. 1, cap. 29, n.º 159.

(31) CASSEG., in *Uit. de D. Fr. Bertol. dos Martyr.* lib. 3, cap. 10; DAM. DE GÓIS, parte 4, § fin.

(32) PEG., in *Comm. ad ord.*, in 1, tomo 5, tt.º 65, in *rubr-glos.* 1, n.º 28.

Os mais Senhores Governadores desta grande metrópole de tôda a nova Lusitânia ocidental como das mais praças, e cidades principais do Brasil, todos foram pela maior parte, reinóis Portuguezes, e verdadeiros vassallos da mesma coroa Lusitana; da mesma sorte os ministros tanto togados, como locais; togados todos os desta Relação da Bahia: locais criando-se no Brasil dois Desembargadores Juizes do Fisco; um nesta cidade outro na do Rio de Janeiro; quinze ouvidorias gerais; a saber do Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Ceará, Alagoas, Sergipe del Rei, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paranaguá, Rio das Mortes, Ouro Preto, Rio das Velhas, Serro do Frio, Pitangui; cinco Juizes de fora como são o desta cidade, Rio de Janeiro, Pernambuco, e Vila de Santos: dois superintendentes do Tabaco, um nesta cidade, e outro de Pernambuco; de próximo manda El-Rei nosso Senhor criar de nôvo, nas Minas Gerais, um Juiz de fora dos órfãos, com assistência me dizem em Vila Rica, e Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo.

E pois que o dito senhor, e os mais soberanos seus predecessores foram servidos de tomarem a majestosa resolução de mandarem tantos Excelentíssimos Viso-Reis, retos Governadores, e científicos magistrados, a governarem, e administrarem justiça no Brasil e todos ou quase todos êstes grandes homens, varões ilustres e cavaleiros soberanos, foram nascidos em Portugal; é certo, que o mais útil para o mesmo Brasil é e será sempre, que seja governado, e presidido, por Heróis Portuguezes sim; mas não por homens naturais das mesmas terras do Brasil, em que hajam de governar ou terem alguma outra jurisdição.

Não se diga porém que desta nossa sentença se infere uma grande dificuldade contra a política do governador que na **guerra Brasília** diz Francisco de Brito Freire, que nomeara juizes, e ouvidores naturais dos mesmos Índios que reduzira as duas aldeias; porque se responde, que estas não eram povoações notáveis; mas sim povos pequenos, e pobres, e nestes bem podiam ser julgadores os patrícios da mesma terra, como limita com Baldo, Puteo Aviles, Menóquio, Escala Patavino, o mesmo Bobadilha, tomo um, **lib.** um, capítulo doze, número vinte e nove.

E a razão de diferença vem a ser; porque em semelhantes povoações pequenas, não há regularmente negócios, nem pleitos de grande suposição, nem os conselhos têm posses ou rendas tão pingues que possam sustentar ministros letrados, e por isso providente a mesma Lei do Reino admite nas Vilas pequenas os naturais delas, para juizes ordinários que só servem por tempo de um ano (33), e usam de varas vermelhas para distinção de

(33) ORD., in 1.º tt.º 65, § 1.

juizes de fora, que usam de varas brancas (34), pelos sinais se distinguem uns homens dos outros homens; umas coisas das outras coisas; a vara vermelha é sinal do amor com que devem os Juizes Ordinários governar a sua pátria, unir, e conservar aos seus Municipais; a vara branca é uma continuada, e [co mental] advertência, que está persuadindo aos Juizes de fora, e aos mais julgadores letrados (35), a pureza da vida, e candor de consciência com que devem administrar justiça.

Este é o uso, êste é o costume, esta é a observância, e esta finalmente é a disposição da nossa Lei pátria; e quando o costume de algum povo, desde o seu princípio praticou eleger para magistrados aos seus mesmos patrícios; sem dúvida que neste caso é mais conveniente, que prefiram os naturais aos forasteiros; os mesmos cidadãos aos peregrinos: Cassâneo que tanto impugna o Govêrno dos patrícios, nesta hipótese, também admite por mais útil esta própria limitação. *Plurimum tamen ualet consuetudo a qua difficile est recedere: sed si ab initio constitatur tutius ciues quam peregrini imperabunt* (36).

Demais que havendo justa causa ainda nas povoações notáveis costuma dispensar o Príncipe para que algumas vêzes ocupem os próprios naturais a regalia de magistrados: no sistema da nova criação daquelas aldeias precedia tão justa causa para que fôsem nelas ouvidores, e juizes os mesmos Tapuias; como considera no lugar alegado o dito historiador; porque relata que o fim para que se erigiram as duas aldeias, fôra para atrair dos sertões aquêles homens bárbaros, aquêles Índios selvagens, não por fôrça sim por indústria; não por violência, sim por vontade; pois sejam embora diz Francisco de Brito Freire (37) seus juizes os mesmos Tapuias; porque cometendo os Índios alguma culpa digna de pena ou de outra qualquer demonstração severa; para exemplo dos mais, recebam uns dos outros o castigo, e sòmente da nossa mão os favores; para que atraídos desta benignidade, os Índios mansos se confirmem na obediência, e os bravos, e montanhesees, com esta notícia se facilitem a procurarem a nossa sociedade: e sendo êste o louvável desígnio daquele Governador prudente; bem se conclui, que não se contradiz a sua discreta política com a legítima consequência desta nossa dissertação.

(34) L. Stigmata Cod. d. Fabric., lib. 10, ubi D.D.

(35) PEG., ad Ord. d. lib. 1 tt 65, § 1, glos. 3, an. n.º 1.

(36) CASAN., De Consid., 22, parte 11.

(37) FRANC. DE BRITO Fre., d. lib. 1, n.º 56, junto ao fim.

DISSERTAÇÃO SEXTA

Do generoso despacho que deu El-Rei Dom Felipe o primeiro de Portugal a Dom Antônio Felipe Camarão e qual seja maior política, se dilatar o merecimento com a esperança do prêmio, ou antepor o galardão à súplica do beneficiário?

Depois, que a glória dos Monarcas Lusitanos fêz em África aquela lastimosa pausa, que originou a perda do Senhor Rei Dom Sebastião; pondera Dom Francisco Manuel (1), que logo [vailara] a república entre a justiça, e a violência; até que declarada fortuna, preterira como cega a razão, e pondo-se da parte do maior poder, viera o Império de Luso às mãos de El-Rei Dom Felipe segundo de Castela, e primeiro dêste nome em Portugal.

Em junho do ano 1580; conforme o cômputo de Manuel de Faria e Sousa (2), a que parece se inclina também o Monge Frei Rafael de Jesus; ou em dezembro de 1581 anos, segundo a história do conde de Ericeira, Dom Luís de Meneses; na vila de Tomar chamou a côrtes a Majestade Espanhola; onde por afagos, uns, por lisonjeiros, outros, muitos por medrosos, e não poucos por corruptos; juraram Rei, e Senhor de Portugal ao prudente, e sô legítimo Rei de Castela, Dom Felipe segundo.

Mas como a intrusão desta posse foi alcançada por veredas tão torcidas, não poderão dali em diante continuarem mais direitos os progressos de Portugal, e suas conquistas. Que calamidades que infortúnios, que perdas, que naufrágios, que decadências, que diminuição não sentiram, não choraram, não padeceram, as praças, as repúblicas, os vassallos, e os domínios de Lusitânia? Digam o Reino, digam o mundo e Portugal todo, digam Europa na trégua de Holanda; digam África nas perdas de Angola, e Mina, digam Ásia nas perdas de Ormus, e mais fortalezas; digam finalmente a nossa América nas incomparáveis perdas da Paraíba, Bahia, e Pernambuco: e ouviremos com escândalo da valentia

(1) DOM FRANC. MANUEL, *Epanaph.* 5, pág. 575.

(2) MANUEL DE FARIA, *Epith. de las Histor. Portug.*, parte 4, cap. 1, n.º 7; FREI RÁPH. DE IES. *Castriot. Lusit.*, parte 1, lib. 2, n.º 24; DOM LUÍS MENE., *Portug. restaur.*, tomo 1, lib. 1, pág. 30.

nas vozes da fama, que o descuido, ou propósito de Castela somente tirava, ou tendia ao último fim da nossa destruição; pois no curso de sessenta anos, que tantos correram do infeliz juramento dado a Felipe segundo no ano de 1580 até o primeiro de dezembro de 1640 anos, em que se empreendeu, e conseguiu, na cidade de Lisboa aquela venturosa ação, importantíssima proeza, com que a fidelidade Lusitana sacudiu de seus ombros o violento jugo, que nos tinham impôsto tanto contra justiça as sem razões dos Espanhóis (3).

Em tanto descuido, em tanta frouxidão da parte de Castela, e da nossa parte uma extraordinária dissídia uma pouca ventura; acho porém escrito nos anais da fama, um acontecimento, uma memória digna realmente de perpetuar a lembrança no tempo da eternidade; e para que se immortalize na veneração do mundo, da sorte que podemos, lhe construímos altar no breve campo dêste papel repetindo o sucesso, como assunto adequado para a presente dissertação.

Foi o caso, que chegando a notícia de El-Rei Dom Felipe quarto de Castela, e terceiro dêste nome na nossa Lusitânia as muitas proezas, e grande merecimento do famoso maioral dos Índios Tobaiaries, chamado Poti, quando gentio; e depois de católico, Antônio Felipe Camarão, que tanto significa na língua da terra o nome de Poti, sem que precedesse súplica, ou petição da parte do dito Antônio Felipe, o Soberano Monarca, por magnificência só da sua grandeza o despachou gloriosamente, com o pôsto de Governador, e Capitão General daquela nação, e mais Índios da América, Cavaleiro, e Comendador da Ordem de Cristo, com o título de Dom, e fôro de Fidalgo: referem esta generosa mercê Francisco de Brito Freire (4), o Padre Rafael de Jesus no seu **Castrioto Lusitano**, parte primeira, lib. nove, número cinquenta e dois.

§ 1.º

Ó valha-me Deus, e que veementes são as fôrças da justiça, e as eficácias do merecimento? É possível, que no calamitoso govêrno dos castelhanos, sendo então tudo dissídios, tudo descuidos, tudo negligências para o que respeitava as coisas, e aumentos de Portugal; fôsse tão eficaz o poder da justiça que se lembrasse tanto El-Rei Dom Felipe dos assinalados feitos de Dom Antônio Felipe Camarão? Seriam por ventura estas bem

(3) DOM LUÍS DE MENES, tomo 1, lib. 2, pág. 99; FR. RAPH DE JES. d. parte 1, lib. 5, n.º 13; SOUZ. DE MACED., **Lusit. Liber.**, lib. 3, cap. 3, n.º 1.

(4) FRANC. DE BRITO, **Guerr. Bras.**, lib. 4, n.º 357.

merecidas mercês [aborsos] da negligência, ou milhares da obrigação? Seriam por ventura despendidas tantas graças porque acertasse alguma vez por êrro aquêlo domínio, em que o costume de errar se tinha feito natureza, tanto à custa da nossa Lusitânia? Seria por ventura, que como o beneficiário era Índio, não se quebrantava o propósito de não melhorar em coisa alguma a nação Portuguêsa, bem poderia ser alguma destas a causa de tão avantajado favor; por hora porém depostas tôdas estas razões, diremos acertivamente que tão esclarecido prêmio fora necessário efeito da virtude, e desempenho devido da Majestade.

São as trevas efeito do escuro, é o escuro efeito da sombra; é a sombra efeito da noite, é a claridade efeito da Luz; é a Luz efeito do dia, é o dia efeito do Sol: é o frio efeito da neve, é o calor efeito do fogo: por maneira que não pode haver fogo sem calor; neve sem frio, Sol sem dia, dia sem Luz, Luz sem claridade; noite sem sombra, sombra sem escuro, escuro sem trevas: e a razão de tudo isto não é outra mais, do que como o escuro é a causa das trevas, a sombra causa do escuro, a noite causa da sombra, a Luz causa da claridade, o dia causa da Luz; o Sol causa do dia; a neve causa do frio, e o fogo causa do calor, não podem estar estas causas sem produzirem os seus efeitos (5), do que procede, que onde houver fogo há de haver calor; onde cair neve há de haver frio, onde fizer Sol há de continuar-se dia, onde fôr dia há de resplandecer Luz, onde raiar Luz há de haver claridade, onde chegar a noite, há de haver sombra, onde estiver sombra há de ser escuro, onde fôr escuro hão de morar trevas; isto suposto, o merecimento é causa do prêmio, o Galardão é o efeito da virtude, logo onde houver virtude, há de seguir-se prêmio, o merecimento há de causar galardão.

Que seja a [munisência] efeito da virtude, e o merecimento causa do prêmio; é indubitável porquanto aquilo é efeito de alguma causa que originado dela se produz como subsequente (6); e a causa diz o Filósofo que é tudo o que, ou de que, ou com que, ou por amor de que se faz, ou obra alguma coisa: o prêmio deve seguir ao merecimento, exercita-se a virtude com os olhos no galardão; logo é o galardão efeito da virtude; assim como é causa do prêmio o merecimento: por êstes princípios persuadia Luculo ao seu soldado vencedor que pois tão valerosamente expugnara as fôrças do inimigo, que entrasse com pé direito, e fôsse para onde o chamava o seu merecimento, pois era justo que assim como fôra tão claro no valor, assim devia

(5) L. Haec stipulatio, § diuus, sb. ut. legat. non caueat.

(6) L. 3, ff. ex quib. caus. maior., ARIST., lib. 2, Phisicor.

também ser preclaro no galardão: refere Horácio a prática, e continuou Ovídio a persuasão de semelhante política (7).

Dificile est fateor, sed tendit in ardua

Virtus, et talis meriti gratia maior erit (8)

Sirva de confirmação aquêlê discreto emblema de Dom João Batista Mazaleno (9), quando pintou um lambique no fogo, com esta letra; *sudorit in precium*: significando, que os laboriosos suores do merecimento se remuneram depois com os prêmios da virtude: como se dissera, que apurado merecimento no suor do trabalho se sublima a virtude merecendo a maior estimação; mais claro, quer dizer que assim como apurada a matéria nos suores do filtro produz a quinta essência de mais valor; assim também sublimada a virtude pelo suor do merecimento, emana como por essência o prêmio da estimação: o merecimento produz o prêmio, a virtude é mãe benigna da felicidade, São Bernardo *uirtus gradus est a de gloriam, uirtus mater gloriae est* (10). Logo não foi sem algum fundamento dizermos, que a graça com que El-Rei Dom Filipe Quarto premiara a Dom Antônio Felipe Camarão fôra virtuoso efeito do seu valor, e remuneração precisa ao seu merecimento: a respeito de Dom Antônio foi o despacho efeito forçoso dos seus serviços; da parte del-Rei, foi obrigação e desempenho devido da Majestade.

Temos provado, a meu ver a primeira parte do pensamento, passemos a comprovar a segunda brevemente. Todos sabem que a obrigação é um vínculo porque estamos adstritos a fazer, ou omitir alguma coisa (11); o príncipe está adstrito pelo direito da natureza a premiar o vassalo que o serve bem; em tal forma que diz Ulpiano; que neste caso a mercê não é rigorosamente liberalidade gratuita (12), mas sim uma quase espécie de permutação, e um motivo vem a ser, porque tôda a criatura por instinto da natureza se move para beneficiar aquela pessoa, que o serviu, aquêlê homem que lhe fêz bem: *omnis enim creatura mouetur ad benefaciendum ei, qui sibi benefacit*. O príncipe recebe o bom serviço do vassalo, logo por instinto natural, e pelos motos puros de seu preexcelso ânimo deve e está obrigado a premiar, e fazer bem ao súdito que o serviu (13).

(7) HORAT., lib. 2, Epist. 2, verso 32, 37.

(8) OVD., De Pont., lib. 4, elegia 2.

(9) PICINELLE, *Mundi Simb.*, tomo 2, lib. 17, n.º 77.

(10) D. BERNARDO, in *Sermon.*, 2, d. s. uic. Sore.

(11) Solas, disp. 3, De Lege Sect. 2, n.º 20.

(12) L. sed. et. st. lege 28, § consul. uit. ff. de petit. hered.

(13) Glos. ibidem, uerbe obligauerunt.

Relata Xenofonte, que os Persas decretaram por Lei que se pudesse acusar como delinqüente de um grave crime todo o que recebendo algum benefício o não remunerasse com agradecimento, deve o príncipe premiar de justiça ao benemérito, assim o discorre Alexandre de Alexandre (14) e assim o corrobora melhor o famoso Solorzano (15). *Et hanc, praemiorum in benemerentis remunerationem, et distributionem omnibus quidem hominibus, et perfetim regibus, non solum ciuili uerum et naturali lege ac ractione, imo, et instinctu quodam iniunctam esse passim iura nostra proclamant.*

O que suposto Dom Antônio Felipe Camarão tinha feito notórios e grandes serviços neste Brasil à Coroa de Portugal, que naquele tempo ornava como diadema a majestosa frente do Leão Espanhol; e como El-Rei Dom Felipe quarto havia recebido do valente Americano tão bons serviços, é certo, que premiá-lo tão generosamente foi obrigação, e desempenho devido da Majestade.

Assim o reconheço sem controvérsia, mas refletindo na magnificência, com que honrou um Felipe, a outro Felipe; não reparo na grandeza, e liberalidade da mercê, reparo sim no modo, poucas vêzes visto, com que o Rei premiou ao Camarão: não reparo no excesso do favor; porque ainda que o beneficiário fôsse Índio de nascimento, e por isso homem filho só da fortuna, e do seu valoroso coração: todos sabem que é própria e soberana regalia do príncipe poder fazer grandes os que nasceram pequenos, e como a graça deve sempre exceder, e contrapesar mais que o merecimento na balança do prêmio (16); pois como diz Túlio o Rei é semelhante a um campo fértil, porque assim como êste costuma produzir mais opimos e multiplicados frutos, do que foi liberal a mão do lavrador provido, que o semeou, assim também fecundo o Monarca deve corresponder grandioso, com maiores mercês do que foram os serviços que lhe fizeram.

Conta Pausânias que os Atenienses collocaram antigamente no majestoso frontispício da sua fortaleza as três graças. Pasi-téia, Agália, e Eufasine; dando a entender discreta a antigüidade, que não só devemos distribuir igual benefício; ao favor que recebemos, mas que somos obrigados a remunerar, com recompensa maior a galantaria que nos fizeram, e para explicarem com mais energia os Atenienses esta sua opinião, pintaram as três graças tôdas com as mãos dadas em circunferência, para que

(14) ALEX. AB ALEX. *Genial*, lib. 5, cap. 1.

(15) SOLORZ., *Politic.*, emblema 78, n.º 13.

(16) CICER., *De Offic.*, lib. 1.

assim, quando uma nos desse as costas, as outras duas pondo em nós os seus belos olhos nos continuassem os favores multiplicados.

Implicitis ultris; cur uertitur altera?

gratus fenerat: huic remanent, una ab unte duae. (17)

Sabeis Senhores, diz Alciato, porque uma graça ausenta da nossa a sua vista, e duas nos permitem seus olhos benignamente? É para nos insinuarem que deve ser maior o prêmio do que o serviço, maior a remuneração que o merecimento assim o declara Vicêncio Cartário no seu **Teatro Etônio**, idolátrico, político, e histórico. E com menos palavras, e mais elegância Alexandre de Alexandre nos seus **Geniais**. **Ideo non in merito gratias unam auersam, duasque nos aspicientes ueteres effinxere; quia germinata gratia et cumulator ad nos redire debet (18).**

O que assim advertido torno a repetir que não reparo, em que fôsse a mercê grande, reparo sim que nos diga o Padre Frei Rafael de Jesus que El-Rei Dom Felipe dispendera tôdas essas graças sem que pedisse Dom Antônio Felipe Camarão: não ignoro que a magnificência é atributo da majestade; e tanto que Sêneca chama aos príncipes planêtas benéficos (19), e como na terra são os Reis imagens de Deus, é preciso que sejam grandiosos, e liberais; pois como considera João Tungere (20), **Deus dicitur a dando** e para os monarcas persuadirem melhor que são Deuses na terra, devem imitar na repartição dos prêmios aos influxos copiosos do mesmo Céu.

Mas ainda temos em pé a minha admiração porque pela semelhança da imagem, Rei na terra, com o protótipo, Deus nos Céus; se fortalece mais o meu reparo, o altar não constitui ao Simulacro a divindade; os rogo(s) sim, a súplica, as petições, os sacrificios são os que lhe conferem a soberania: Deus Senhor nosso, quer que todos os dias o roguemos, que cotidianamente lhe peçamos: **Panem nostrum quotianum, da nobis hodie (21)**, em tal forma, que no seu Evangelho nos deixou o mesmo Cristo esta doutrina; **Petite et dabitur uobis: quaerite, et inuenietis (22): pulsate, et aperietur uobis**. Com êste exemplo, com esta verdade, com esta sentença:

Scilicet exemplis in paruis grandibus uti.

(17) **ALCIAT., embl. 162.**

(18) **CHARTAR., De Imag. Deor., imag. 87, pág. 227; ALEX. AB. ALEX., Genial lib. 5, cad. 1.**

(19) **SENEC., De Clem., lib. 1, cap. 3.**

(20) **TUNGER., Ehtim. uerb. Deus, apud SOLORZ., d. embl. 78, n.º 27.**

(21) **S. MAT., Evang., cap. 6 e cap. 7.**

(22) **S. MAT., Evang., cap. 6 e cap. 7.**

Como premiou pois a Majestade sem petição ao Governador dos Índios? Respondo, que com a doutrina do mesmo Cristo: Deus sim quer que lhe peçam, que o roguem, que o supliquem; mas sem a súplica, sem o rôgo, sem a petição muitas vêzes nos faz favor, porque sem petições conhece a nossa necessidade, e o nosso tal, ou qual merecimento. **Scit enim pater uester quid opus sit uobis; ante quam petatis eum** (23). Assim também a semelhança do protótipo, a imitação do exemplar, os Monarcas Deuses da terra para premiarem não é necessário que os roguem, que os importunem, que os molestem; porque os grandes príncipes à imitação dos Imperadores Romanos têm como seu livro de razão em que escrevem os serviços, que lhes fazem os vassallos para em melhor tempo os premiarem com munificência.

A êstes Livros chamou Tertuliano (24), volumes de matrícula, **Matrices Beneficiorum, et curiosorum**, como testemunham Palmélio e o famoso cerda: do Senhor Rei Dom João o Quarto da feliz e sempre eterna lembrança temos tradição, que usaria de semelhante Livro, máxima já muitos anos antes exercitada por aquêle Herói supremo, e perfeitíssimo Príncipe o Senhor Rei Dom João o segundo; de quem historiam Manoel de Faria e Sousa (25), e o seu cronista Resende que conservava semelhante Livro; assunto, a que na academia dos Anônimos de Lisboa escrevemos há anos êste

SONETO

Mais Livro de razão que de lembrança
 Venera a eternidade êsse volume
 Liberal onde ó Rei claro resume
 Feliz o reino eterna segurança:

Sublime o braço teu timbres alcança
 Sem número imortais que o sacro cume
 Celebra, como efeito do alto Nume
 Que perfeito as idades te afiança:

(23) MAT., *Evang.*, d., cap. 6.

(24) TERTUL., *apud SOLORZ.*, d. *embl.* 78, n.º 45.

(25) M. DE FARIA, *Epithom.*, p.º 3, cap. 14, n.º 16; GARCIA DE RESENDE, *Choron. e vida del Rei Dom João o segundo*, cap. 174, *in fin.*

De razão mais, que em Livro verdadeiro
Te dizes devedor de altas vitórias,
De que foi breve Campo o mundo inteiro;

Nesse pois Livro d'ouro, em que as histórias
Já te confessas devedor primeiro
Credor te escreves das maiores glórias.

Assuero Rei dos Persas tinha debaixo de seus domínios cento e vinte e sete Províncias, e com viver Mardoqueu (26) distante da sua presença, assim que teve notícia de seus serviços, logo o enriqueceu com muitas, e importantes mercês, dizendo que notavelmente sentia, não ter mais cedo conhecimento do grande Herói: donde veio aconselhar Carlos Seribano (27) elegantíssimamente aos príncipes, e Monarcas do mundo que se quisessem ter e servir-se de Mardoqueus; imitassem a manuficência e a lembrança de Assuero. Mas pudéramos dizer por obviarmos, porém a maior prolixidade passamos brevemente a decidir a matéria principal desta nossa dissertação.

§ 2.º

Será pois hoje primário empenho do discurso averiguarmos a verdade, dissertando se seria mais útil dilatar El-Rei Dom Felipe Quarto o merecimento de Dom Antônio Felipe Camarão, com a esperança do prêmio; ou se fôra mais conveniente adiantar a generosidade da mercê, a petição do beneficiário, ainda que notôriamente tão benemérito? A primeira parte desta disputa, e que seria mais útil entreter a Dom Antônio com a esperança do prêmio, a fim de lhe dilatar o merecimento, se prova politicamente com as razões seguintes. Primeira porque os homens regularmente falando mais trabalham, e merecem pela expectativa da mercê, que pelo amor da virtude: pela preciosa fruição das honras se emprega o desvêlo do sábio no estudo das Letras; pela primazia dos postos, se expõe o soldado ao perigo das armas, pela utilidade dos ofícios se desvela o político nos empregos das ocupações, pelas prerrogativas das prelaturas, se purifica o Religioso na observância de suas Leis, para recolher frutos, cultiva o Lavrador incansavelmente os campos; para des-

(26) ESTER, cap. 6.

(27) CARL. SERIBAN., in *Polít. Chro.*, lib. 2, cap. 3.

cansar na segurança do pôrto se sujeita o navegante às inconstâncias do mar; até o Católico mais Cristão aviva sua fé com boas obras para gozar na pátria celeste a Glória eterna na visão Beata.

**Magnum iter ascendo sed dat mihi
gloria uires, non iuuat ex facili laeta
corona iugo (28).**

Se pois é certo que regularmente falando pela a que ficam do prêmio, se desvela tanto o empenho dos mortais, logo parece que mais útil seria para o serviço do Rei, dilatar a Dom Antônio o Galardão; pois com esta expectativa do futuro aumentaria de presente maiores realces ao seu merecimento: assim o entendeu o Savedra pintando uma medalha da ordem militar de São Tiago com esta Letra; **Pretium uirtutis (29)**, e no discurso da empresa diz estas palavras. **Porque entre tanto (s) mantenidos los pretensores con esperanzas sirven con mayor fervor.**

Segunda razão porque antecipado o prêmio antes pareceria dívida, que mercê; e quiçá presumisse Dom Antônio, e murmurasse o mundo, que o Rei o despachara de justiça, e não por graça: adiantar o benefício, é pretender o desempenho, quem procura desempenhar-se publicasse devedor; quem satisfaz a obrigação paga o que deve, o que paga não beneficia liberal ao seu credor: o súdito pelo direito da vassalagem deve sentir ao Rei, como a seu legítimo Senhor; e por este princípio muitos Autores políticos e dignísimos Juristas se capacitaram (30), e seguem a opinião de que no rigor de direito, não está obrigado o príncipe, a remunerar com prêmios os serviços dos vassallos: e assim para que não parecesse obrigação de justiça devia El-Rei dilatar o prêmio e não antecipar o despacho a Dom Antônio. Ouvi Senhores, ao mesmo Dom Diogo Savedra Faxardo (31): **Algunas veces suele ser conveniente suspender la repartición de los premios, porque no paresca que se deben de justicia.**

Terceira razão porque tôda a celeridade é madrasta da justiça se o príncipe fôr em premiar nîmiamente apressado, poderá ofender a virtude inadvertido (32); necessária é tôda a consideração para se usar bem do prêmio, e do castigo, as faces dos Lictores, e insígnias dos Cônsules Romanos (33) eram uns molhos de varas, que estavam unidas com ligaduras, e as Coroas

(28) PROPET., lib. 4, eleg. 11.

(29) SAVEDR., **Empresas Polit.**, empresa 23.

(30) **Cum Afflicti. et Pinell. refert Solorz., d. emblem. 78, n.º 32.**

(31) SAVED., d. empr. 23.

(32) VALASC., **de iudic. perfect.**, rubr. 15., annot. 1., n.º 11.

(33) ALEX. AB. ALEX., **Genial, lib. 1, cap. 27.**

sendo de ramas só então se compunham depois que as proezas se consumavam, para que no entanto, que se desatavam as faces, e se colhiam as ramas, se intromettesse algum tempo, entre o delinquir, e o castigar, entre o premiar, e o merecer, para que com mais acôrdo pudesse a consideração ponderar o merecimento, e o demérito: se o príncipe excede a sinderesis da prudência, assim na distribuição da pena, como no dispêndio do favor; fica desculpado o delíto, e queixosa a virtude, em ódio da severidade pois com razão igual de merecimentos, se dá mais prêmio a um; do que a outro benemérito, e fica este invejoso, e desagradecido: dados os prêmios inconsideradamente em pouco se constitui devedor o agradecimento: ó quanto se arrepende depressa o que ligeiramente beneficia: El-Rei de Castela Dom Afonso o Sábio diz mesma Lei das partidas; *que era menester temperamiento, asi como hacer bien do conviene; y como, y quando, y otrosí en saber refermar el mal y tolerado, y escarmentado en los tiempos, y en las sazones, que es menester, cantando los echos, cuales son, o quien los hace, y de que manera y en cuales lugares, y con estas dos cosas se endereza el mundo haciendo bien a los que bien hacen, y dando peña y escarmiento a los que lo merecen* (34).

Para que não exceda o Monarca a igualdade da justiça na repartição dos prêmios, racionável é que seja muito considerado na distribuição das mercês, porque de outra sorte se exporia ligeiro a penitência do favor, e quase sem remédio ou com menoscabo da justiça; resultâncias cada uma igualmente indecorosas à majestade, e para que não evaporem um, ou outro impropério da regalia suprema, expediente é sem dúvida dispender o galardão com prudência, não precipitada: do que se prova que em antecipar o Monarca Espanhol a Dom Antônio Felipe Camarão o despacho, sim procedeu Generoso, mas não decretou considerado: e assim mais conveniente seria que dilatasse o prêmio para aumentar o merecimento ao Governador dos Índios.

§ 3.º

A segunda parte da nossa dissertação e que fôra mais útil adiantar a generosidade da mercê a súplica do benemérito, isto é que fôra muito acertado que El-Rei Dom Felipe fizesse tão grandes honras a D. Antônio, sem que este pedisse remuneração de seus serviços, se manifesta com os seguintes fundamentos. Primeiro, porque como deixamos ponderado neste discurso; o prêmio que dá o príncipe, não se deve contrapesar com o mere-

(34) *lib. 5. tt. 1., p.º 1.*

cimento do vassalo, mas sim dispender-se segundo o excesso da mão, que o distribui: Alexandre Magno por um mediano obséquio mandou dar um talento a um soldado; replicou o pobre venturoso, que era excessivo prêmio porque um talento era dar-lhe o valor de uma cidade, mas respondeu-lhe a munificência da maior honra de Macedônia; **non quaero quid te accipere deceat, sed qui ne dare (35)**. A dádiva não se há de regular pela pobreza que a recebe, mas sim pelo braço magnânimo, que a reparte; quem dá cedo, dá duas vêzes; e tanto é maior o benefício, quanto é menos a demora que o retarda; a *tardança na concessão da liberalidade*, insinua que a participa a magnificência contra seu gôsto, e que a dispense com bom ânimo persuade o coração benigno que a distribui a tôda a pressa: duas coisas diz o Sêneca que perde o benfeitor, que retarda a mercê ainda que o (sic) conceda; desperdiça o tempo e diminui a presunção da sua boa vontade. **Tarde uelle, nolentis est (36)**. Logo para o príncipe mostrar que não despacha o benemérito constringido deve antecipar com presteza o Galardão: para dar o prêmio mais avantajado deve não deferir com esperanças ao merecimento.

Segundo motivo porque já dissemos, que a graça do Príncipe, não devia ser permutação: o donativo é um dispêndio da liberalidade que sem a menor coação se deve prestar voluntariamente: se precedesse a súplica de Dom Antônio para o Rei lhe conceder os favores com que o honrou, perderia o despacho a natureza da graça e transformar-se-ia ou em venda, ou em obrigação, não lucra graciosamente o que pelo preço consegue o bom despacho multiplica assim o favor, quem o concede liberal, remetindo o tormento de que o suplique o benemérito rubricando nos padrões das faces os juros, e a vergonha da sua pobreza quando com as vozes da petição constrange a que o favoreça o seu benfeitor; nenhuma coisa custa mais cara, diz o mesmo texto da Filosofia moral, do que é a mercê que se compra na almoeda das petições; honestíssimamente pedimos a Deus porque tácitamente, e sem vozes, lhe rogamos entre nós mesmos os favores que lhe pedimos (37). Do que se mostra que El-Rei Dom Felípe em adiantar as mercês que deu ao Governador dos Índios, sem que para isso lhe fizesse Dom Antônio petição alguma; procedeu liberalmente grandioso e politicamente liberal.

Terceiro fundamento porque o fim mais urgente para que se instituíram os prêmios foi pelo amor da república, e melhor serviço dos soberanos, porquanto instigados os bons com a emulação dos beneméritos premiados estudassem no bom pro-

(35) SENEC., *De Benef.*, lib. 2, cap. 16.

(36) *Idem*, SENEC., *d. lib.* 2, cap. 5, *in fin.*

(37) SENEC., *De Benef.* *d. lib.* 2, cap. 1, *in fin.*

cedimento para se enobrecerem como os mais valerosos; visitou Alexandre Magno o mausoléu de Aquiles, antigamente erigido no promontório de Tróia, a que os Autores chamaram Sigeu, e refere Plutarco (38) que depois de observadas as devidas cerimônias dos séculos passados, respectivo àquele grande conquistador do mundo lhe escrevera nos Livros da eternidade com a tinta das Lágrimas o melhor sonetafeú para a veneração dos mortais: Aquiles foi o mais famoso Herói dizia Alexandre que admirou o universo, constituindo: o imortal na lembrança dos homens e se Atropos lhe cortou a vida, não poderá o esquecimento extingüir-lhe a fama; Homero foi o seu cronista, não pode a minha inveja igualar a Aquiles nesta ventura.

Entrou Júlio César no majestoso templo que construiu em Cádiz, reverente o gentilismo às proezas de Hércules, e conta Suetônio que vendo idolatradas com altar as valerosas façanhas do mesmo Alexandre; gemendo, e chorando confessara com virtuosa inveja, que êle, César, tinha obrado pouco na mesma idade, em que o neto de Júpiter tinha vencido muito; pois havia triunfado do mundo todo: por maneira que o nome de Alexandre fêz um César, e o nome de César produziu inumeráveis Alexandres de Quinto Máximo (39); e Públio Cipião historia Salústio, que nas estátuas dos insignes Romanos estudaram o valor e sentiam ferver-lhes o sangue em seus generosíssimos corações eternizada na história a vida do grande Antônio, deu à Igreja Católica um Santo Agostinho (40); faltou insensivelmente nas Legiões de Roma aquêle seu primitivo esforço, e não especulou Vegécio (41) com muito trabalho, qual fôsse o motivo desta decadência, porque logo entendeu, que nascera esta falta porque devendo-se os primeiros postos a quem os tinha merecido com gloriosas ações, preterida esta integridade, se davam ao depois ao que levava à Campanha uma boa presença, um precioso elmo, um importante vestido, uma rica banda, uma soberba pluma: e com esta justíssima queixa, os veteranos abatidos por se verem pospostos não se empenhavam nos perigos; de que não recebiam honra, nem comodidade, e os soldados mancebos refletindo, que se premiava a lisonja, e não a valentia retiravam-se das ocasiões da batalha, porque achavam por mais fácil caminho os bastões, e as dignidades; assistindo nas ante-câmaras com levantarem esta ou aquela cortina conseguiam as maiores mercês, e os melhores lugares: com a falta do prêmio, esfriasse o zêlo dos beneméritos, e vigorasse descaradamente a petulância dos malé-

(38) PLUTARC., in *Vita Alex. Magn.*

(39) SUET., in *Vita Caesar August.*

(40) SALUST. IUGURT., in *proem. ribaden., in eius vit.*

(41) VEGEC., *De Remihit., apud inglar. uerd.* 15. § 15.

volos, e discorrem lógicos, e perversos não se remuneram os bons, pois não há de haver castigo para os maus, é juízo do Admirato (42).

São os cargos transcendentais, e também equívocos; da mesma sorte que se dão dignamente ao benemérito, podem conferir-se também ao incapaz mas com esta especialidade, que os próprios cargos, que no digno são honras, no inepto são cargos, e imposturas; a gineta na mão do benemérito pode subir a ser bastão, a vara na mão do indigno, é pior do que aguilhada: para ocorrer porém a êstes perniciosos danos da república ideou a antigüidade coroas, a política veneras, e o mundo estátuas; sabeis se nhores, que coisa é a tiara, é o diadema, é a púrpura, é a Coroa, é o pálio, é o cetro, é o bago, é o bastão, é a mitra; é a grinalda? São umas insígnias de honra, e uns incitamentos da virtude: e que fez a política para obrigar os homens a que emprendessem todo o generoso de valor, tudo o que fôsse generosa ação que fez? Erigiu estátuas, designou veneras, e multiplicou-lhes coroas: e porque uma cavalaria, uma só singularidade não seriam as que bastassem (sic) para nobilitar a todos os beneméritos, não somente compôs, circumferiu, e illustrou coroas de uma matéria, mas de muitos (sic), e com diversas formas; de todos os metais fez coroas, a antigüidade, do ouro e esta foi sem dúvida a Coroa mais preciosa, chamada **aurum coronarium**, como de maior primazia fez coroas de prata, de cobre, de Estanho, de metal e até de ferro, de pau de marfim, de ramas, e finalmente de flôres, Polidoro Virgílio diz (43), que o inventor da coroa fôra Líbero, porque fôra o primeiro que se coroara de hera, Josefo (44) nas suas **Antigüidades** refere que Moisés muitos anos antes de Líbero fizera coroas de ouro; Célio Rodigino (45) conta, que os Reis do Egitto foram os primeiros inventores da Coroa; não trato por comuns das militares como são triunfais, murais, navais, ovais, obsidionais, cívicas, valares, castrensens, oliaginas mirtias, laureais, rosiais, rostratas, áureas, gematas e contortas, porque destas, e outras muitas de suas matérias, formas, e casos, em que se permitiam; tratam especificamente Plínio na sua **História Natural**, lib. 16, capítulo 4 e lib. 22, capítulo 2; Áulio Gélio, nas **Noites Áticas**, lib 5, capítulo 6; Raviso Textor na sua **Officina**, lib. 3, capítulo 37; Cassânio, no **Catálogo da Glória do mundo**, parte 1, consideração 38; e em duas mais suas subsequentes.

Não se inventou uma só ordem de cavalaria porque muitas têm sido no mundo as ordens militares; cinqüenta e três conta

(42) SCIP. ADMIRAT., apud SOLORZ., emblem. 78, n.º 6, in fin.

(43) POLID., De Inuentor. Rer. lib. 2, cap. 17.

(44) JOSEPH., De Antig. Iud., lib. 3, cap. 8.

(45) CEL. RODIGIN., Lect. antig., lib. 13, cap. 61.

Frei Jacinto de Deus (46), que se instituíram, e cresceram sem regra determinada, mais que uns estatutos, que não foram confirmadas, são sessenta e uma seguintes; a ordem de São Tiago, a ordem de São Sepulcro, a dos Templários, a de São Lázaro, a de São João Batista de Malta, a dos Teutônicos, a de São João Arconense, e São Tomás Mártir, a de Santa Maria Gloriosa, a de São Salvador, a de São Bento de Avis e Dicalatrava, a dos Gladíferos, a de São Julião do Pereiro, a do Monte Gáudio, a de São Jorge de Alfama, a da Ala de São Miguel, a de Alcântara, a dos Mercenários, a de Trujilo, a da Monteza, a de Nosso Senhor Jesus Cristo, a de Santo Estêvão, a de São Maurício, a de São Bernardo, a da Conceição da Madre de Deus, a do Monte do Carmo, a de Santa Catarina do Monte Sinai, a do Cão, a da Banda, a da Calça, a da Jarreteira, a de São Jorge, a da Tábua Redonda, a do Noé, a de São Miguel de França, a da Anunciação, a do Porco-Espinho, a do Tufão, a do Cisne, a do Cordão, a de Santa Maria do Elefante, a do Cipreste, a da Pomba, a do Dragão, a dos Húngaros, a dos Seráficos, a da Espiga, a dos Nautas, a da Lua, a dos Armênios, a de São Jorge do Império, a de São Pedro, a de Santa Cruz de Borgúndia, a do Santo Espírito, a do Sangue do Redentor, a do Lírio, a de Cristo de São Domingos, a dos Marianos, a da Madresilva, a dos Namorados, a de São Tiago da Espada; até os gentios formaram sua ordem de cavalaria; de tôdas estas ordens militares, seus institutos, origens, inventores, procissões, cerimônias, lugares onde se instituíram, e diferentes veneras de que usaram, trata com individual notícia o sobredito Padre Jacinto de Deus no livro que intitulou **Escudo dos Cavaleiros das Ordens Militares** parte primeira que distribuiu em sessenta e um capítulos.

Inumeráveis foram os Heróis, e varões ilustres, a que decorosamente erigiu estátuas para eterna memória das suas proezas respectiva à antigüidade; não repetimos o catálogo de seus nomes, por não apurarmos mais o sofrimento benigno de tão douto, e conspícuo auditório; remetemo-nos ao mesmo Ravísio Textor, que na sua **Officina** faz lembrança de muitos no capítulo 39 do livro 3 onde o podem ler os curiosos.

Mas é certo que tôda estas estátuas e tôdas estas ordens militares, que tôdas estas coroas, ideou a antigüidade; a polícia, a providência para emulação dos bons e estupidez dos maus: das Estátuas disse o Cassâneo (47): **Honor consistit, et habetur in praemium uirtutis exercetione statuae in publicum.**

(46) FR. JACINT., **Escud. dos Caval. in sum. de umas e outras ordens.**

(47) CASSAN., in **Cath. Glor. Mund.** parte 1, consid — 35.

Das ordens militares disse o Dom Diogo Savedra Faxado nas *Mimas Políticas*, emprêsa 23, página 143, onde pinta apensa de um cordão uma concha, e dentro nela o hábito de São Tiago, com esta letra *peritium uirtutis*. Das coroas finalmente disse-o o mesmo Textor na *Officina*, lib. 3, capítulo 37, no princípio: *Variæ fuerunt olim coronae quibus pensabatur hominum uirtus ut exignauis topor executeretur, et in generosis uirtus cresceret*.

Se êstes pois são os prêmios, os preços, os estímulos da virtude, do merecimento, e do valor; tanto se incitara o valor mais, mais o merecimento, mais a virtude; quanto fôr maior o prêmio, a mercê, e o galardão; justo foi logo, que adiantasse El-Rei Dom Felipe Quarto o despacho a Dom Antônio Felipe Camarão, sem que êste se fatigasse na pretensão da súplica, no rôgo da mercê, no peditório do favor.

Esta segunda parte, que é sem dúvida a mais verossímil, se deve contudo entender com seu temperamento, e diferença, porque nem a pressa há de ser muita, nem a demora há de ser nímia; o mais seguro caminho, é o do meio; assim que o príncipe conhecer com ponderação o merecimento do vassalo; e conhecida já a sua ciência, a sua valentia, a sua verdade, e o seu bom préstimo; então deve logo fazer-lhe mercê, e dar-lhe o offício, enriquecê-lo com a graça, adiantá-lo na cadeira. Fortina Lente, ensinava o grande Sófocles; e êste apótema foi tão bem recebido que em Roma o seguiu tanto por máxima Augusto César, que ficou por adágio, como transcreve Erasmo nas suas *Cliliadas* (48). Nada é mais conveniente, que a cultura dos campos, sendo porém imoderada o muito trabalho é prejudicial, as plantas crescem mais com a rega medíocre, com a imódica sufocam-se; até o estudo excessivo debilita na utilidade da compreensão; os melhores pomos são os maduramente sazonados na aritmética a *mediana* chama-se regra de ouro; os Atenienses desterraram da Grécia ao valeroso Aristides pelo delicto de afetar parecer muito justo; os de Efeso deportaram Hemodoro da sua cidade pelo excesso do seu bom procedimento, na guerra púnica deu-se por colega Paulo Emílio a Terêncio Varrão para que a madureza de Emílio; assim na idade, como no conselho, servisse de corretório à intrepidez de Terêncio; as celeridades de Marcelo pôs o Senado com offício, a ponderação de Fábio Máximo; são reflexos, que acumula Cláudio Minois, comentando o *Emblema vigésimo* do profundo Alciato, onde pinta uma seta, e nesta revolta uma remora, com esta epígrafe; *maturandum*. É a remora símbolo

(48) ERASM., *Clili. ad uerbi tarditas*.

da tardança; é a Seta Hieroglífico da celeridade, e para que ambas procedam com mediania, as calcinou o consulto com êstes versos (49)

Haec tarda est, uolitant spicula missa manu (50).

Ne nimium praeceps, neu mora longa nimis.

Hoc tibi declaret connexum echeneid telum:

Haec tarda est, uoliant spicula missa manu (2)

Estude pois o príncipe a ser considerado em canonizar a virtude do benemérito; exceto inteiramente do seu valor, então com toda a pressa o despache grandioso com glória do Galardão; assim o reconhece o Savedra (51), e assim o desempenhou melhor El-Rei, Dom Felipe Quarto, enriquecendo ao Governador dos Índios do Brasil com o hábito de Cristo, com o título de Dom Antônio Felipe Camarão, e com o fôro de fidalgo de sua Casa Real.

(49) PIER. VALER. Hieroglyph., lib. 30, et. lib. 42.

(50) ALCIAT., Emblem. 20.

(51) SAVEDRA, d. Empres. 23.

DISSERTAÇÃO SÉTIMA

Da pena que deu o Governador Mem de Sá
às arrogâncias do soberbo Cururupeba.

Inumeráveis foram os fabulosos Deuses que reverenciou idólatra a barbaridade do Gentilismo, a Saturno atribuíram os Mitológicos a agricultura, Apolo a medicina, a Júpiter o poder, a Hércules o valor, a Marte a guerra, a Mercúrio a eloquência, a Vulcano o fogo, a Zéfiro o ar, a Cibeles a terra, a Netuno as águas, a Vênus a formosura, a Nemesis a justiça, a Minerva a ciência, a Ceres a abundância, a Juno a riqueza, e a Diana a castidade: não só para as virtudes fingiram ídolos dos poetas mas até aos vícios construíram altar os licenciosos assim o refere Plínio (1) no livro segundo da sua **História**, e acrescenta que Demócrito recopilara tôda a mantida caterva dos falsos Deuses a duas só fingidas Deidades; benefício, e pena.

Errou Demócrito no conhecimento da verdade com o gentio; alucinou-se porém com a experiência dos mortais; olhou para os efeitos, e não percebeu a superioridade da primeira causa, refletiu nos meios, mas ignorou o princípio. Lembrou-se do que disse Aristóteles (2), que o prêmio e o castigo são os meios mais eficazes, que constituem bons aos cidadãos, e como cego para as Luzes do Céu, não via a Majestade Suma do verdadeiro Deus idólatra com os Assírios, adorava Demócrito a pena, e o benefício por divindades.

Para se ilustrarem sempre imortais com as aclamações do triunfo, costumavam políticos os sábios gregos esculpírem no prófido de elevadas colunas os bem merecidos prêmios, que haviam de enobrecer triunfantes os seus combatentes, julgando com esta inscrição, que o prêmio era o melhor incitamento da benemerência: assim entenderam também muitos discretos, que ajuizaram, que a dicção **praemium** valia o mesmo, que, **praeuium**; (3) porque entenderam, que era o benefício antecedente esti-

(1) PLIN., *De Natur. Hist.*, lib. 2., cap. 7, post princ.

(2) ARIST., lib. 1, *Ethic.*, cap. 1.

(3) P. MENDON., in *Uerida*, lib. 5, problem. 39.

mulo para a virtude que era o galardão o maior preço e aprêço da ciência, e do valor.

Largamente cuido mostramos a verdade dêste apótema político, no dilatado discurso da dissertação passada; e porque então discorreremos as conseqüências e utilidades do prêmio, nos pareceu proporcionado empenho dissertarmos agora sôbre as utilidades, e conseqüências do castigo, como colateral do prêmio, e contra distinto do galardão: para o que consultando com algum vagar a história do Brasil achamos na que escreveu o Padre Simão de Vasconcelos na crônica da Companhia uma notícia, que nos persuadimos será com digno argumento para o presente discurso.

É pois o caso que sendo no ano do Senhor 1558, habitava na jurisdição, e vasto território desta Baía (4), um principal Índio por extremo arrogante; assim pela multidão de seus arcos, como pela situação aspérrima em que vivia o soberbo Cururupeba; epíteto, ou nomenclatura, que desempenhava assazmente jactancioso, pois se Cururupeba no idioma vernáculo vale o mesmo que capo bufador; petulante o tal Índio proferia tão ignominiosas injúrias contra as nossas armas, que publicamente chegou a dizer, que os portuguezes eram covardes, que não se atreviam a provar suas fôrças, que desprezava nossas Leis, que havia de conservar seus ritos, matar e comer a seus contrários, e que o próprio faria aos Portuguezes também quando lhe quisessem impedir tão generosas ações.

Voaram com as penas de Ícaro estas loucuras a notícia de Mem de Sá, e suposto que por loucuras mais mereciam lástima, do que vindicta; entendendo contudo o nosso Governador que as arrogâncias dêste bárbaro poderiam servir de mau exemplo para os mais determinou impor-lhe tal castigo, que só no de Cururupeba os mais todos aprendessem. *Accipe nunc Danaum insidias, et crimine ab uno disce omnes. Namque; ut conspectu in medio turbatus inermis* (5); e servisse de abater os fumos a uma faisca, que desprezada, poderia excitar para o futuro algum incêndio maior pelo que acautelando-se de presente resolveu como útil ao seu govêrno meter em espanto com a pena daquele Índio, a ousadia dos mais, que quisessem imitá-lo num exemplo tão mau, como pernicioso.

Elegeu Mem de Sá resolutos soldados, deu-lhes instruções secretas; e quando menos o esperava o arrogante Cururupeba, respeitou eminente, com formidável âmagô, a truculenta espada dos Portuguezes, que estava para descarregar o penetrante golpe sôbre aquela orgulhosa Cervis, que parecia recusar o majes-

(4) P. VASC., *lib. 2, Da Coronic. n.º 53.*

(5) VERG., *Aenida, lib. 2, v. 65.*

toso jugo, que lhe impusera valerosamente o suave império do braço Lusitano; pois dando furiosos a um só tempo, sôbre as aldeias, aquêles filhos de Marte encheram os ares de estrondo, os campos de balas, os Índios de mêdo, as casas de fogo, de tal sorte meteram a tudo, e a todos em tal confusão, que os des-cuidados que a sono sôlto dormiam, quando quizeram convalescer do letargo, e pôr-se em defesa; já lamentavam rendidos seus arcos, abrasados os tegúrios, presos, feridos, e mortos todos aquêles, que podiam fazer resistênciã à nossa satisfação: os mais fugindo pelo escuro da noite, à primeira luz do dia se acharam entre a espessura das brenhas, ficando desamparado, e só o pobre Cururupeba; já não **capo** bufador, mas sim humilde, e manietado, prêso, donde veio trazido a esta cidade sem mais se inchar com a louca flatulência a que o tinha elevado a ridícula jactância do seu esvaecimento.

Foi apresentado ao nosso Governador e logo metido em âspera, e comprida prisão, que divulgada aos mais Índios, serviu de tal horror, que diz o Padre Vasconcelos bem como ovelhas medrosas foram buscar o aprisco de suas Aldeias de que não ousavam sair espavoridos, nem dentro em seus currais se davam por seguros, porque ainda ali retumbavam a seus ouvidos os horrosos ecos de Leão, irado, que os amedrontava e comprimia: assim ficaram os Índios todos dêste Brasil à vista do severo castigo, que padeceu petulante o soberbo Cururupeba seu maioral.

Não menos vigorosas, são as resultâncias do suplício; pois na execução da pena o delinqüente se reforma, o virtuoso se edifica, o perverso se amedronta, e vive com segurança a República: Cururupeba prêso reduziu a tanta consternação os mais Índios seus apaziguados, que humildes, e medrosos rogavam ao Céu como grande ventura terem a felicidade de se restituírem à obediência dos Portuguezes: São Cipriano (6) disse que o castigo de poucos, era melhor exemplo de muitos, e por isso os Romanos praticavam discretos que acontecendo no seu exército alguma vez delinqüir-se contra as leis da honestidade logo mandava sortear os criminosos e no soldado sôbre que caía o azar, de ser décimo em número, também caía sôbre sua garganta o horrível cutelo da justiça, vindo a pagar com a própria vida, não só a pena da sua culpa, mas também a malícia dos sócios igualmente réus, porém melhor sucedidos, pois sendo todos cúmplices do delicto não eram semelhantes na satisfação do crime; e advertiu M. Túlio (7), que políticos usaram os Romanos dêste sorteamento, para que o mêdo chegasse a todos, e só alguns padecessem o rigor acerbo do castigo mais exemplar.

(6) D. CIPRIAN., in *Serm. de Lapsis*.

(7) CICER., *procluent*.

E sem dúvida que por êste motivo discorreu Quintiliano (8) quando disse, que a pena não pertencia mais ao delicto, do que ao exemplo; porquanto justamente considerou, que amedrontados os homens com o terror do suplício, executado no delinqüente, não se animariam intrépidos a cometerem outras tais culpas, porque devem-se pagar maiores ou semelhantes penas; em têrmos o ordenou assim o Sábio Rei Dom Afonso de Castela, numa Lei das partidas ca la justicia no solamente debe ser cumplida en los hombres por los yerros, que hacen, más aun porque los que la vieren tomen en de miedo, y escarmiento para guardarse de hacer cosa porque merescan recibir otro tal (9).

Para êste fim, e exemplo dos mais, religiosíssima a anti-güidade na observância do castigo; não só o executa nos homens facinorosos, mas ainda nos homens brutos, e o que mais é, que também justicava os insensíveis.

No Pritâneo de Atenas, assim como se singularizava aos beneméritos com a suprema honra de lhes dar de comer todos os dias no Senado, assim também Demóstenes conta, que ali se julgavam os homicídios, que faziam alguns insensíveis; e refere Suidas que caindo a estátua de Nicôneo o premiara mortalmente um homem, e que seus herdeiros seguindo a acusação, fôra condenada, e submergida a estátua no mar: e ponderou Tornero (10), que esta sentença não fôra destituída de razão.

Testemunha o melhor historiador da natureza que Políbio, e Cipião (11) afirmavam haverem (sic) visto em algumas cidades de África, afixos em cruces e castigados por homicidas a vários Leões; e que era tão eficaz exemplo, que os mais temerosos, vendo justicadas as feras da sua espécie, fugiam logo espavoridos para os matos, sem que dali em diante por muitos tempos voltassem a infestar aquêles povos; o que notando Justo Lípsio (12) no tratado **De Cruce** explica profundamente êste assombro da naturalidade. **Polibium cum specione in Africa, Leones homicidas crucifixos, uidisse, quim caeteri metu paenae similis absterrentur eadem noxa.** E daqui tomou motivo Picinelli para pintar discretamente um Leão, pôsto numa cruz com esta epígrafe, **ut det paenas et terreat** (13).

Assim se atemorizam os mais vendo castigado o delicto de um criminoso; assim temeram os mais Índios notando o seu

(8) QUINT., *De clamat.*, 274.

(9) *lib. 3, tt. 27, parte 3.*

(10) TOR., *lib. 1, Select.*, cap. 10.

(11) PLIN., *De Natur. Hist.*, *lib. 8, cap. 16.*

(12) IUST. LIPS., *De Cruce.*, *lib. cap. 6.*

(13) PICINEL., *Mund. Simbol.*, *lib. 5, cap. 26, n.º 479.*

maioral Cururupeba de Capo bufador, reduzido e humilde nas ignomínias de uma abjecta prisão, eu já não reparo na resultância dêste castigo, reparo sim que entendendo Mem de Sá ser a ou-sadia de Cururupeba, pelo seu mau exemplo, tão prejudicial ao sossêdo de nossa conquista lhe impusesse sômente a pena de prisão, o reparo parece reflexo com fundamento legítimo; e porque o considero merecedor de tôda a advertência, o mesmo reparo nos dará assunto para a presente dissertação.

§ Único

Advertiu, e reparou bem o nosso Governador que a temeridade de Cururupeba, seria de muito mau exemplo; e por isso pernicioso à República, certamente; se pois esta petulância era de tão pernicioso consequência; como lhe não deu maior castigo Mem de Sá? Os crimes, e os absurdos, de que resulta à república pernicioso exemplo devem ser castigados com maior severidade (14); na campanha o primeiro soldado, que foge para exemplo perde a vida; pelo exemplo o servo que vende ao Senhor, com cláusula, que seja apartado da mesma pátria, tem pena de morte? Os ministros que pela incorrupta preeminência de seus cargos deviam ser exemplares na observância das Leis (15), se delinqüirem na sua administração para exemplo dos mais devem ásperamente ser castigados na mesma província, em que governavam e delinqüiram. É tão eficaz o impulso do exemplo, que por êle se faz punível com o delito consumado (16), o que na sua verdadeira definição não foi crime perfeito! Finalmente Cláudio Saturnino decide que muitas vêzes se exacerba a pena, porque a força do exemplo assim o requer. *Non nunquam euenit, ut aliquorum maleficiorum supplicia exacerbantur: quoties nimirum multis personis grassantibus, exemplo opus sit* (17).

Se pois Mem de Sá entendeu que a jactância de Cururupeba podia ser de tão mau exemplo como sômente o condenou a cárcere? Muitos Juristas seguem que a prisão não é pena, porque só é segurança; mais claro que a cadeia não deve servir ao delinqüente de suplício porque foi instituto para segurar os criminosos *carcer enim* é texto de Ulpiano, *ad continendos homines, non ad puniendos haberi debet* (18). A dúvida é tão equivalente, que nos necessita a indagarmos; se é ou não o cárcere pena, se é ou não é suplício a prisão e dizemos, que em alguns casos tam-

(14) L. OMNE, 6, § in acie., f. d. remihit. L. moueor 4, cod., si seru. export.

(15) AUTH., ut iudic. Sine quoque suffrag., § siquis, in fin.

(16) L. siquis seruo, 20, ff. de furt.

(17) L. ut facta, 26 § fin, ff. de pen.

(18) L. autem damnum, 8 §, solent in fin, ff. d. paen.

bém a cadeia é castigo, que também é o cárcere reato: e ainda dizemos mais, que não só é qualquer pena a prisão, mas que pode esta ser suplício grave: a questão de sua natureza é própria-mente jurídica; faremos porém muito, pela tratarmos por termos políticos, e com exemplos morais.

Para prova da nossa doutrina, antes de tudo devemos especular, que coisa seja pena (19)? Pena Senhores, é tudo aquilo que se impõe ao delinqüente, para sua aflição, e refreamento do delicto: a cadeia em muitos casos é suplício; e suposto que também é verdade, que por direito civil é proibida a pena de prisão; esta contudo de direito canônico (20) é praticada dos Persas, Siracusanos, Misênios, e de outras nações contam Alexandre de Alexandre (21), Célio Rodigino (22), e Valério Máximo (23), que impunham aos criminosos a pena de cárcere, casos há, em que a Lei do Reino determina pena de prisão aos delinqüentes (24).

Que misérias, que calamidades, que despesas, que ingrati-dões, não tolera, não chora, não sofre, não experimenta, um prêso infeliz nas angústias de um cárcere, na sujeição de uma cadeia? Com justificado motivo lhe chamaram os Autores, estância péssima, instrumento da morte, sepultura de vivos, compêndio de perturbações: Casiodoro considera o cárcere seminário de lamentos, centro do pranto, privação do sossêgo, síncope do dia, morada da noite, casa da tristeza, hospício de Plutão: na cadeia não padece o Réu prêso só um martírio; porque experimenta infinitos pesares; antes que sinta o último infortúnio da morte, muitas vêzes perde a vida; no antecipado susto de maior mal; na prisão decai o ânimo, e padece o corpo, decai melancólico o ânimo, com o receio futuro, padece o corpo porque na cadeia num só tempo se conturbam os sentidos todos; entorpece-se a [perspicácia] da vista, pela escassez da luz, que mal clarifica o tronco, de que nasce o fruto amargo, de se obtundirem, e cegarem os olhos; os rugidos das correntes, e as declamações dos mais presos, se pela companhia minoram alguma vez o sentimento do pesar; muitas pelo dissonante, e choroso das vozes ofendem os ouvidos certamente, imundo, e fétido o cárcere não só desordena o olfato, mas quase que impossibilita a um prêso das delícias do cheiro; debilita-se o gôsto; porque a prolongada inédia faz perder a estimação do paladar; o tato finalmente

(19) P. BENED. PR.^a, *Elucid.*, lib. 1, *Elucid.* t. 8, sect. 4, n.º 154.

(20) SOLORZ., *De Parui Cid.*, lib. 1, cap. fin.

(21) ALEX AB. ALEX., lib. 3 *genial.*, cap. 5.

(22) CAELIUS RODIG., lib. 17, *lect. antig.*, cap. 8.

(23) VALER. MAX., lib. 3, cap. 3 et 8.

(24) BOBADIL., *Politie* 2 tomo, lib. 3, cap. 15 n.º 6, *ord. in* 5, tt.º 80, § 4.

se perde; porque os grillhões e algemas, com o grave pêso do ferro de tal sorte oprimem, e fatigam a atividade das mãos, e pés, que não pode jamais tocar, e menos suster o uso algum do corpo; ainda que seja menos pesado: não é uma só a consternação de um prêso muitas, e repetidas mortes são as que tolera sepultado no cárcere um delinqüente: *non est unum*, conclui Casiodoro, *clausis ex itium multifaria morte perimitur, qui carceris esqualore torquetur* (25).

Se pois tão penoso gravame se continua a um prêso na cadeia; já se vê que pela aflição que padece é verdadeiro castigo a pena de prisão: assim a entendem nervosamente Guasim., *De Reor. Defens.*, Mateus *De Recrimin.*, Tiroqueu *De Paen. temperand.*, Bobadilha nas suas *Políticas*, Líbano Anteoquênio, o Padre Bento Pereira sirva de confirmação o texto *nal. nemo.*, 2 cod., *De Exactorib. Tributor*, lib. 10, *carc. paenaliu carc. hominum noxiorum est*, mais claro se lia no código antigo como refere a glosa marginal ao mesmo Texto; *carcer paena est hominum noxiorum est, et officialium* (26).

Mas ainda poderá argüir alguém, dizendo demos embora, que seja o cárcere suplício, que seja pena a prisão: não se pode negar que a cadeia é castigo leve, que é uma pena levíssima; e sendo a culpa de Cururupeba grave pela natureza, enorme pela circunstância; e pelas conseqüências muito prejudicial a pena de prisão ficou sendo improporcionada a tanta demasia, a tão grande petulância a blasfêmia tão soberba.

E que seja o suplício do cárcere sòmente um castigo leve, se manifesta, porque se voltarmos os olhos aos séculos passados, e os castigos presentes, acharemos que o rigor da justiça para horror dos delitos inventara as penas do suplício, da vindicta da multa, da repreensão do castigo, da emenda, da infâmia, do dano, da mudança do Estado, da correção acharemos, que inventara mais para castigo dos maus a pena da [bazea], da seta, da túnica, do cilício, das grelhas, da coroa de ferro, do degrêdo, da relegação, da deportação, dos açoites, das Galés, dos metais, da morte civil, da morte natural, das tenazes, do cutelo, da fôrça, da aspa da cruz, do garrote, do fogo, dos quartos das pedras, do arrasto pelas ruas, do banimento, do pregão público, do fogo, e água, da confiscação dos bens, da cadeia ao pé do braço ao pescoço, da mão cortada, da abusão da língua, da Analesis, do flagro do sulco, do catomo, das rédeas, das varas, dos azorragues, dos tratos, do flagelo, do jejum, da precipitação da polé, do cutelo

(25) CASIOD., lib. 11, uar. in form. indult.

(26) QUAS., *De Reor., Defens.* 5, cap. 4, n.º 86; MATH., *De Recrim. countrou.* 67, n.º 12; TIRAQ., *De Paenae Temp.*, caus. 41, n.º 21, in fin; P. BENTO P.^a, d. lib. 1, elucid. 8, sect. 5, n.º 169.

da degradação verbal, e real, da privação, da suspensão, da irritação, da dificação, do eptímio, da latomia, do penedo Trapéio do corvo do Lete, do báratro da casa, do Talião das duas, das covas, do aneon Tuliano do Sextrício, dos carros das feras, do ceramon, da âncora, do nexo ao cadáver do Calasis, da Aporafanidosis, da mides, e união de mel e Leite do crurifrágio, do cepo, do tronco, da golilha da carga de armas, do Nervo da roda, da marca do ferrête, do garfo, da unha de ferro, do anzol de metal, do touro de bronze, e dos couros de boi.

Todos êstes castigos, e outros muitos de cujas crueldades, casos, e circunstâncias, em que se praticavam, e nações, que os impunham; trataram Alexandre de Alexandre, Pedro Fábio, Célio Rodigínio, Raviso Textor, o **Teatro da Vida Humana**, o Padre Bento Pereira, Solorzano (27), com outros muitos autores, diz que foram mais de seiscentos os gêneros de castigos que ideara a crueldade dos homens: porém é certo que tôdas estas penas, ou pela acerbidade da dor, ou pela infâmia, ou pela vergonha da publicidade, ou pela perda dos bens, ou pelo último suplicio sem dúvida, que eram todos castigos mais rigorosos do que a pena da prisão.

Muito embora não usasse Mem de Sá do inexorável rigor da Lei de Dragão, terrível legislador dos Atenienses; de que disse Demade, que escrevera as Leis com sangue, e não com tinta, era a morte para êste a menor pena da menor culpa, não dava lugar ao perdão tanto para quem quebrantava tôda a Lei, como para o que transgredia a menor sílaba: porém justo era, que executasse a cônica com respondência da Lei de Radamanto (28).

Si quod quisque fecit, idem patiat, et ipse,
id iustum fiet, denique iudicium (29).

Ofendeu Cururupeba com a blasfêmia, com demasia, com petulância, a obediência ao Governador a autoridade da Lei, a valentia da nação: e só lhe dá por castigo a limitada pena do cárcere? Não considerou Mem de Sá que êste Índio arrogante podia servir de mau exemplo para a sua gente! Como pois logo se satisfez só com a pena de cadeia, e ao menos não se executa nêle a de Talião? *Quod quisque fecit, patiat.*

(27) ALEX. AB. ALEXAND., d. lib. 3, cap. 5; PETR. FABRI, 1, **Semistr.**, cap. 18; CAEL. RODIG., d. lib. 10, cap. 5; RAVIS. TEX. in **Offic.**, lib. 3, cap. 13; **teatr. ut. human. uerb. supplít.**, P. BENEDIT. PEREIRA, d. lib. 1, **elucid.** 8, sct. 4 et 5; SOLORZ., **Polit. embl.** 15, n.º 22.

(28) CAEL. RØDIG., d. lib. 10.

(29) SOLORZ., d. **emblem.** 73, n.º 4.

Não repareis Senhores, que chame blasfêmia ao crime de Cururupeba, porque ainda, que reconheço, que blasfêmia no rigoroso (30), e estrito significado, quer dizer a injúria escrita, verbal, ou mental, contra a honra de Deus Nosso Senhor, ou de seus Santos; contudo tomada latamente, em acepção menos rigorosa, blasfêmia vale o mesmo que vitupério, e execração ou maledicência proposta contra qualquer pessoa constituída em dignidade, ou conspícua por excelência; porque se deduz da voz Grega **Blaptem Fimin** (31), que na língua Latina quer dizer Blasfêmia; assim entendeu São Jerônimo a Epístola de São Paulo ad Titum, cap. 3, in princ. *Admone illos principus, et potestatibus subditos esse, dicto obedire, ad omne opus bonum paratos esse neminem blasphemare.*

O que suposto seja-nos permitido chamarmos a Cururupeba blasfemo na petulância de que o argüimos; e passemos a indagar que pena seja a determinada contra a blasfêmia, nas Leis de Castela tem pena de prisão: assim o testifica como testemunha de casa o mesmo Bobadilha, tom. 2, lib. 3, cap. 13, (32) onde cita a L. 5, tt. 4, lib. 8, da recopilação, o mesmo segue Azevedo, na L. 15, tt. 6, n.º 11 e 13, da mesma recopilação lib. 3: as palavras de Bobadilha são as seguintes: **Por Leys reales tenemos casos, donde la cárcel, se puede y debe dar por pena, como es, en caso de blasfemia pela Ley, do nosso Reino, o que diz mal da Magestade humana pena tem arbitraria: logo já se manifesta, que Mem de Sá em punir somente com pena de prisão ao petulante Cururupeba, não procedera frouxo mas sim ajustado às mesmas Leis.**

Assim o entendo; mas cuida, que ainda nos poderá dizer algum escrupuloso, que dado seja a prisão pena, não podemos negar, que fôra diminuto o castigo, que dera a tanta blasfêmia o nosso Governador por declinarmos o porfia, concedermos a instância, e dizemos que nessa própria diminuição da pena, mostrara Mem de Sá, que era político, e grande Governador porque para um herói, para um príncipe ser bom Governador, ser bom Rei; há sim de castigar o delinqüente, mas não exacerir e apurar totalmente o último ponto do suplicio.

É verdade, que a clemência no Príncipe pode ser em muitas ocasiões prejudicial à sua coroa, à república, e bem comum, porquanto tão terrível crueldade é não perdoar delito algum, diz o Sêneca (33), como fôra se benévolo ou pusilânime o príncipe perdoasse todos os crimes; esquadrinhar a culpa, é tirania;

(30) P. BENED. PEREIRA, *Elucid. lib. 2, Elucid. 20, sect. 10, n.º 1391.*

(31) P. BLUTREAU, *Dict. Portug., tom. 2, Lit. B., Urb. Blasfemia.*

(32) BOBAD., *Politic., tom. 2, lib. 3, cap. 15, n.º 6, ord. in 5, tt. 7.*

(33) SENEC., *De Clem., lib. 1, cap. 2.*

mas punir para exemplo é misericórdia: igual prejuízo originou ao cetro de Espanha, o rigor sumo del-rei Dom Henrique Quarto, como a nímia brandura del-rei Dom João Segundo. São as abelhas hieroglífico do príncipe, e da sua clemência, e nestas avezinhas nos adverte a natureza, que ao mesmo tempo tem acrimônia, e repartem doçura, têm mel, e têm ferrão; têm Acúleo para ferir (34), mas também melificam doçura para suavizar: o bom príncipe, nem tudo há de ser brandura, nem tudo há de ser irascência, tôda a virtude consiste numa mediania prudencial.

*Non modo cecropio dulcescit sedula succo,
sed uindex etiam gestat acumen Apes.*

*Nec nimium dulcis, nímia aut sit cuspe Princeps,
Ungere plus debet, pungire saepe licet (35).*

Se Mem de Sá castigasse Cururupeba com suplício maior seria severo, mas não piedoso, se desse a última pena ao Índio arrogante mais pareceria tirano do que clemente; castigou para exemplo, e na benignidade do suplício, mostrou também a muita clemência da sua inclinação.

As arrogâncias do Índio terminavam-se diretamente ao Governador por consequência ao bem comum, e crédito da nação perdoar de todo a injúria, fôra ofensa total da república; punir com suavidade a Cururupeba, foi perdoar a aspereza do castigo, e castigar para exemplo, omitiu no rigor da pena a ofensa própria; satisfêz com a prisão o escândalo dos bons; na debilidade da pena, manifestou a benevolência da sua inclinação; a própria injúria bem podia perdoá-la, mas o vilipêndio da nação não pôde Mem de Sá remiti-lo.

A igualdade do Talião *quod quisque fecit patiat* (36), devesse entender diz o Conde Dom Manuel Thesouro; não materialmente, formalmente sim: não pela ação, sim pela malícia; não se deve medir esta igualdade pela aritmética da aparência; sim pela geometria da circunstância, qualquer rude saberá dizer, que o furto de cem mil réis, é maior do que o de cinqüenta cruzados aritmeticamente porém o juiz reto, e julgador sábio, examinando as circunstâncias de pessoas, do lugar, tempo, e fim poderá julgar pela proporção geométrica, que o furto de cinqüenta cruzados pode haver caso em que seja maior do que o de cem mil réis, para que se um fôr furto simples, o outro qualificado, vê furto feito à Igreja, no campo, nas estradas, no mar, por violência

(34) *ALCIAT., Emblem. 148.*

(35) *SOLORZ., Politic., Emblem. 76.*

(36) *D. MANUEL THESAUR., Philos. Moral, lib. 16, cap. 5.*

do naufrágio, o juiz aparte; o oficial a El-Rei; sem dúvida, que por estas, e outras, circunstâncias, ou semelhantes, ou equivalentes; a igualdade da pena deve ser comensurada pela malícia extrínseca, e não pela gravidade material do crime.

A estolidez de Cururupeba foi proferida por um Tapuia insensato, por um Índio bruto; o que vociferava eram loucuras, eram flatulências, contra a verdade, e contra a razão; pecou na soltura da língua, e foi condenado à prisão do corpo, blasfemou, dizendo, que não se lhe dava das nossas Leis, e foi punido com a pena que as Leis impõem à blasfêmia imprópria, que é a pena de prisão: dizia que os Portuguezes eram covardes, que não se atreviam a provar suas fôrças; e para êste absurdo o cárcere era o melhor castigo; a maior pena da mentira é convencer o mentiroso a quem não falou verdade, dos Persas conta Heródoto que era entre êles defeito torpíssimo faltar-se à verdade; mas refere Alexandre de Alexandre que não assinaram pena alguma a êste delicto tão enorme, quando outras nações como foram os Índios, e Artaxerxes o castigaram tão à speramente, como relata o mesmo Alexandre (37), e a razão que discorro foi, que como os Persas eram tão religiosos da verdade não supuseram, que pudessem os seus naturais mentir por modo algum; e quando assim delinqüissem; quizeram prudentes, que o seu maior castigo, fôsse não ter castigo êste pecado: porque a darem-lhe com digna pena só o podia ser a vergonha, o descrédito, a certeza de que tinha falto à verdade o mentiroso.

E como na prisão, que os nossos soldados fizeram a Cururupeba, mostraram realmente o quanto êle não falava verdade, em dizer que os Portuguezes eram fracos, e que temiam provar suas fôrças; por isso o nosso Governador o meteu no cárcere, para ali publicar retoricamente, mudo todos os dias da prisão, que fôra delírio do seu esvaecimento tão grande absurdo, falsidade notória, e mentira tão manifesta; pois se via que os Lusitanos o acometeram, o superaram; e que na sua aldeia, na sua forte casa o manietaram, renderam, e conduziram para a prisão; onde pagava falta de liberdade, a muita com que proferia, que não se lhe dava das nossas Leis: no que lhe proporcionava a pena a sua culpa, o justo castigo, a sua mentirosa jactância, vindo por êste modo a praticar-se geomêtricamente com Cururupeba, a célebre, e bem merecida pena de Radamento.

Si cada uno padece lo que ha hecho
a la Sancta justicia ha satisfecho. (38)

(37) ALEX. AB ALEX., *Genial*, lib. 6, cap. 10.

(38) D. MANUEL THESAUR., d. lib. 16, cap. 8.

Empreenderam os gigantes invadirem o Céu, para despojarem sacrílegos o trono divinal; recultaram montes e mais montes, e acumulando todos, com superioridade uns aos outros, apresentaram batalha ao firmamento: mas que lhes sucederia com tanta soberba? disparou o Céu raios, e com os gigantes nos infernos deu, e diz Ovídio que ali os próprios montes, lhes servem de campo, e de castigo; porque a Tifeu, dizem Virgílio, e Claudiano, que sobre a mão direita, tem o monte Peloro, sobre a esquerda o Pachino, e o Etna sobre a cabeça a Ilha de Sicília caiu sobre Encelado, e com igual suplício estão os mais gigantes sepultados, no inferno: grande castigo, porém igual ao Talião do Radamento. **Quod quisque fuit patiatur.** Ouvi Senhores, ao Padre Martinho del Rio (39), **gigantes fulmine icti, iis montibus apressiacent, quibus sibi uiam in caelum struxerunt.**

Isto da revolta, e castigo dos gigantes foi ficção dos poetas, é idéia fabulosa; e assim vamos à verdade do caso para persuadirmos melhor a danosa dissertação. Depois crescido do dilúvio universal, entrou Nembrot naquele tão crescido pensamento de edificar uma cidade e nesta uma altíssima torre, que pudesse com a culpa escalar o mesmo Céu para que no agigantado desta obra pudesse gravar eterna a sempre viva memória da sua nomenclatura. **Venit faciamus nobis ciuitatem, et turrim, cuius culmen pertingat in caelum, et celebremus nomen nostrum ante quam diuidamur in uniuersas terras** (40). E que castigo deu o Senhor a demasia destes homens tão soberbos como os gigantes? Confundiu-lhes as línguas e separou-os da sua primeira e antiga morada, a tanta soberba, a tanta vanglória, a tanta demasia; não deu o Senhor mais castigo, que o da separação, e logo se reduziu a cinza toda aquela máquina, que havia principiado em cêra; **diuisit eos Dominus ex illo loco in uniuersas terras, et cesauerunt aedificare ciuitatem.**

Com tão grande exemplo, e a sua imitação quanto era possível o nosso Governador pecou Cururupeba soberbo; delinqüiu vanglorioso, dizendo que Mem de Sá não lhe havia de impedir suas generosas ações; e que castigo lhe poderia dar mais proporcionado a esta vaidade, que pô-lo em diversão daquele lugar, e aldeia, onde reiterava a sua soberba: pecou pela bôca, com as arrogâncias da língua, confundiu-lhe a língua, e tapou-lhe a bôca metendo-o numa prisão; onde não tratasse mais com os Índios, e não entendesse o idioma dos Europeus; **uenite igitur descendamus, et confundamus ibi linguam eorum, ut non audiat unus quisque uocem proximi sui, atque ita diuisit eos Dominus**

(39) DEL RIO, in Hert. oct. actu. 4, v. 1210.

(40) Genes., cap. 11.

ex illo loco in uniuersas terras, et caesauerunt aedificare ciuitatem.

A culpa de Membrot não teve maior castigo, a pena de Cururupeba também foi limitada, a soberba de um e outro, não ficou sem suplício, mas ambos foram castigados piedosa, e benignamente, sem rigor, mas com muita moderação.

Por três respeitos, diz o Sêneca que procede a mente da Lei, que deve seguir o príncipe na distribuição da pena: para emenda do delinqüente, para exemplo de todos (41), para segurança da república. *Aut, ut eum quem punit, emendet; aut ut paena eius caeteros meliores reddat; aut ut sublatis malis securioris caeteri uiuant.* E continua dizendo que mais facilmente emenda o castigo menor, e que a pena moderada é a mais eficaz correção para que se viva bem; o maior castigo é o que dá o príncipe mais benévolo; fora da esfera da pena, já não pode ter lugar a coersão; perdida uma vez a vergonha ninguém perdoa jamais a dignidade: que perdeu; e como o rigor não tem jamais aonde possa chegar a severidade do castigo já dali em diante fica impunido qualquer absurdo a moderação da pena corrige, e persuade melhor a república, o bom procedimento: a multiplicidade dos criminosos faz que pareçam costumes os delitos, mas esta nota é menos grave, porque contrapesa mais a turba dos condenados, a severidade que é rigoroso remédio para a emenda da culpa, se é muito continuada perde o respeito, porque não se faz horrorosa a pena pela continuação, mas felizmente refreia o Príncipe os vícios da República, se tolerando: os mostra, que os não aprova, e que como obrigado os castiga, com assaz tormento, e pesar do seu coração; a clemência do soberano faz vergonhosa a culpa do subalterno; as coisas que mais se castigam, são as que mais acontecem, a pena mais agravante, é a que constitui o príncipe clemente. *Verecundiam peccandi, facit ipsa clementia regentis, grauior multo paena uidetur quae amiti uiro constituitur* (42).

Dos Egípcios escreve Piério (43), que pintaram a justiça subida ao Céu, e que nêle fizera morada entre o signo de Leão, e o signo de Libra, mas que não tinha ou lhe não viam cabeça: porque a tinha oculta entre as estrêlas: grande hieroglífico, grande figura, grande exemplo; a justiça sem cabeça, quando provém da cabeça as operações da justiça? A justiça sem cabeça, é monstruosidade da justiça! Pintaram os Egípcios a justiça sem cabeça; porque dado que a cabeça melhor deve ser a da justiça, contudo como lhe não viam a cara, e entenderam, que a justiça

(41) SENEC., *De Clement.*, lib. 1, cap. 22.

(42) SENEC., d. cap. 22.

(43) PIER. VALER., *Hieroglyph.*, lib. 52, tt.º *Astréia*.

não tinha cabeça, entre as estrêlas a ocultou a justiça, porque esta não deve ter olhos para ver na terra os litigantes, no Arieópago de Atenas entravam os réus, para serem julgados com as cabeças cobertas, porque na lástima dos rostos não comovessem os afetos dos juizes, Valeriano porém discorrendo com discurso mais elevado (44), quer mostrar que a justiça oculta a cabeça, entre as estrêlas, porque o juiz só deve olhar para Deus, e que não é justo que os homens percebam a mente do julgador, enquanto este não publica a sentença finalmente porque do contrário é facilitar o caminho com que se possa tergiversar a justiça: está sentada entre os signos de Leão e Libra, porquanto o bom julgador há de ser constante, denodado, intrépido, e forte para não temer os rugidos, os ameaços, as rogativas, as ferezas dos Leões poderosos, que regularmente intercede pelos malignos, ou ineptos; deve sempre decidir as causas ponderando-as, e pesando-as bem na balança da igualdade para que julgue com justiça, dando a cada um o que é seu.

Outros muitos pintaram a justiça com os olhos vendados, e na mão esquerda com uma balança; a mão esquerda é a mais profícua para a equidade do que a mão direita. *Quoniam sinistra genuina pigritia nulla calliditate praedita, aequitate aptior, quam dextra uidetur* (44a), a balança tem duas conchas, e diz S. Agostinho, que estas devem servir a justiça, e a misericórdia; profira e pese o juiz a sentença contra o delinquente pela balança e concha da justiça mas contrapese, e modifique a pena do delito, com piedade, e compaixão na outra concha da misericórdia, e isto para que? continua profundamente o mesmo Fênix de África; para que com o justo equilíbrio da razão castigue uns crimes pela aritmética da justiça, e outros perdoe pela geometria da clemência. *Ut iusto Libra mine quaedam per aequitatem corrigat, quaedam uero per miserationem indulgeat* (45).

E quais são os delitos, que uns se devem castigar com o rigor da justiça, e aos outros moderar-se a pena, pela epiquêia da misericórdia? Respondo, e concluo, que aos crimes leves, é justo modificar-lhes as penas; porém aos graves, e atrozes fôra delicto perdoá-los com compaixão: bem como obram os Gladiadores nos seus anfiteatros, assim aconselha Plutarco (46) aos príncipes, e ministros, que sentenciem os delitos leves; porque os Gladiadores, para que não fizessem maior mal, envolviam as mãos com certas ligaduras, para que sendo caso que ferissem aos seus antagonistas fôsse pequena, e muito leve a chaga.

(44 e 44a) PIER., *ibidem*.

(45) D. AGOST., *Enchir.*, cap. 75.

(46) PLUTARCH., in *Fin Praecept.* Politic., pag. mihi 139.

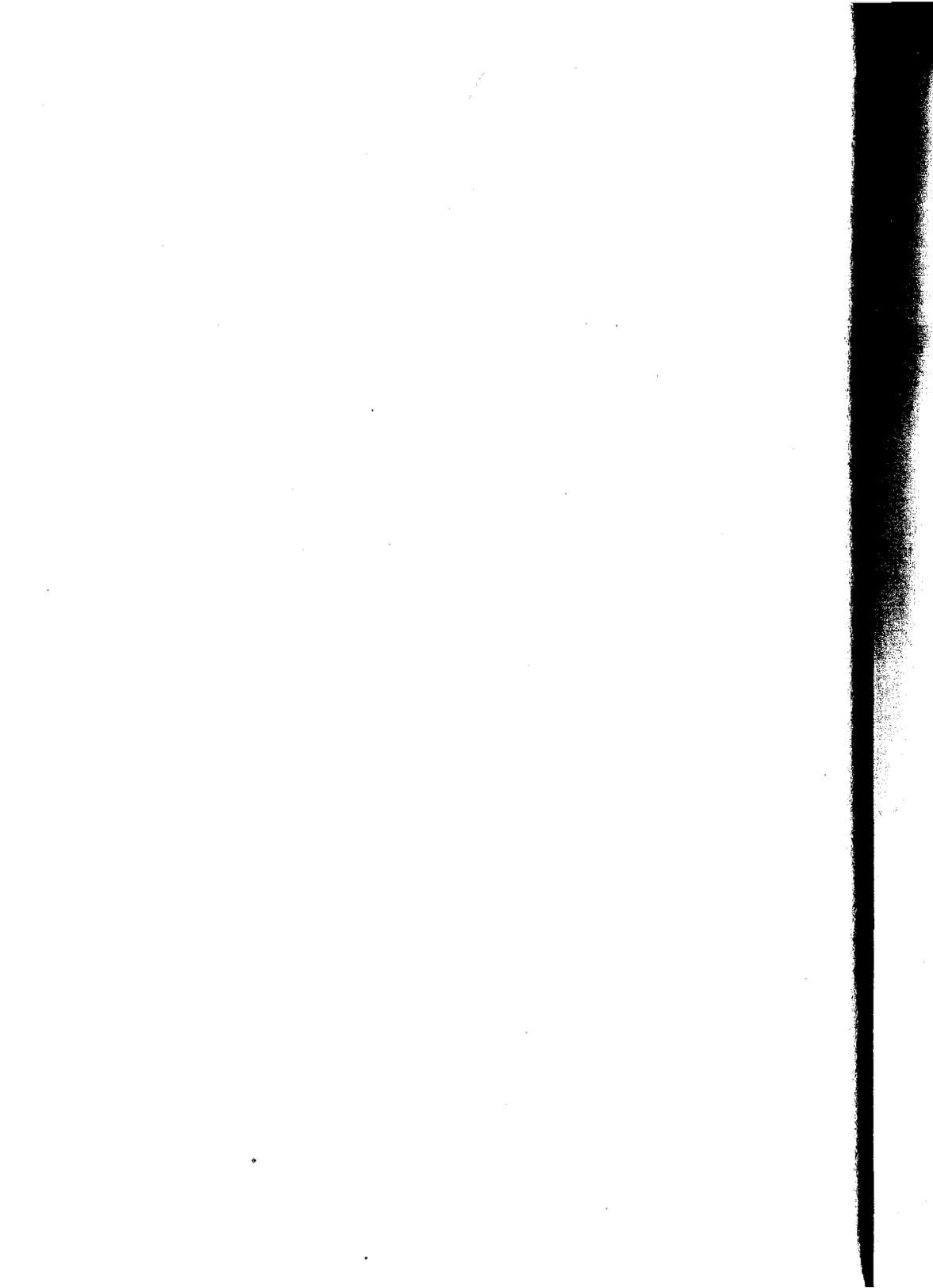
Tudo deve saber um prudente Governador mas não deve castigar tudo, a ciência de reinar, consiste no modo de governar bem; do Imperador Agrícola refere o Tácito (47) que aos delitos atrozes impunha severo muito graves penas; mas que as leves, e casuais, se os castigava era somente com alguma correção, quasi prelatiua omnia scire debet, non debet omnia persequē; pa-ruiis peccatis uenium magnis seueritatem, nec paena semper, sae-pius paenitentia contentus erit.

Ser de qualquer palavra que inconsiderado proferir o súdito e houvesse o superior de tomar satisfação, o juiz houvesse de fulminar processo, impor-lhe o príncipe a pena grave tornariam as repúblicas aos calamitosos tempos de Tibério, e Domiciano (48), onde nem a simplicidade dos loucos nem a sobreria dos jograis viviam seguras, porque só eram plausíveis a vingança, a ira, a crueldade, e o furor.

Cururupeba blasonava soberbo lá na sua aldeia, lá dentro da sua casa; esta arrogância podia servir de mau exemplo para a nossa conquista, mas era delicto pequeno, não continha matéria grave; para satisfazer, e obviar ao mau exemplo; bastava somente o moderado castigo da prisão: em tal forma, que se lhe desse maior pena Mem de Sá, àquela loucura poderia também parecer louco o Governador no juízo prudente de alguns críticos; e assim é certo, que em dar ao Índio por pena o cárcere, procedeu prudente, político, e benévolo o soberano discurso do Governador Mem de Sá.

(47) TACIT., in Agricol.

(48) SENECA., De Benefic., lib. 3, cap. 26.



DISSERTAÇÃO OITAVA

Da política que usou Dom Duarte da Costa
para vencer os Índios Tapuias, e
Tupinambás; e se fôra glorioso ou não
êste triunfo.

E que outra coisa é a guerra (1), mais do que uma dissensão pela qual se movem as armas furiosamente execução de vontades discordes, a definiu Vossio entre os Príncipes Estados, ou Repúblicas, que não admitindo razão só se decide pelo maior poder; Casiodoro (2) a descreveu com o epíteto de certame ferino, guarnição cruel, conselho atroz, Estácio Papínio lhe chamou exercício funesto, esforço tristíssimo, morte armada. E condignamente merece a guerra êstes e todos os mais horrorosos títulos, que para a sua detestação possam discorrer os mortais: e se não pergunto, que outra coisa é a guerra, Senhores, mais do que uma colateral da peste; peste da república; comensal da fome, esterilidade da terra, castigo do Céu, inimiga da paz, contrária da vida, companheira da morte delíquio dos Impérios, e precursora dos males todos? pelos efeitos se conhecem as causas; os efeitos da guerra são infaustos influxos contra as vidas dos racionais; porque ao primeiro movimento das armas, tanto se encarpelam os mares das perturbações, que logo rebentam sobre as costas dos povos as exações a dilúvios, e os subsídios a milhares: com a guerra não há estado quieto, não há caminho seguro; facilitam-se os sacrilégios, os estupros, os roubos, e os adultérios perdem o sossêgo os estudos, perdem os comércios o interêsse, perdem as Leis a observância, perdem as cidades a opulência, perdem as academias, o concurso, perdem as praças o negócio, perdem os campos a agricultura, perdem os povos a tranqüillidade, perdem as mães os filhos, e as mulheres os esposos; parece a justiça, e até parece que titubeia a religião.

O mesmo príncipe, que declara, e principia a guerra com ser soberano, é o primeiro, que se expõe aos ultrajes da fortuna,

(1) P. BENED. PEREIRA, *Elucid.* lib. 2, *Elucid.*, 3, sect. 1, n.º 602; VASL., lib. 2, d. *Utiis Serm.*, cap. 8.

(2) CASIOD., lib. 1, *Stat. Thebaid.*, 7.

sempre, sempre volúvel, e as mais das vêzes inconstantíssima: sem perdas não se alcançam vitórias para se manear o ferro triunfante, é preciso dispende-se o ouro profusamente, na guerra o menos é com que se sustenta o soldado o mais é o que se desencaminha pelo exército. Perguntaram as cidades confederadas a Arquidamo, pouco mais ou menos que despesa importaria a guerra que pretendiam fazer ao Peloponeso? E refere Plutarco, que entendido lhe respondera o capitão exposto, que a guerra não tinha coisas definidas certamente: na paz o direito dispende-se na guerra esperdiçasse ou deitasse fora, não aos soldos mas sim a milhões de que nasce, que já hoje ainda as mais poderosas Monarquias de Europa e Ásia pelas profusas despesas de suas dissenções contínuas, se antigamente podiam pôr em campanha numerosos exércitos de oitenta, cem, duzentos, e mais milhares de combatentes, hoje por via de regra, com dificuldade maior; só alistam apenas dezoito, vinte e cinco, ou trinta mil soldados.

Os Poetas fingiram, que terrível, e o primeiro móvel de Guerra eram as três fúrias infernais; e cuidou devia ser a razão; porque como a guerra é castigo dos Céus, é ira de Deus; conforme o sentir de Paulo Osório (3) das **Fúrias do Inferno**, dizem os Mitológicos, que é muito particular a execução do castigo dos Céus, e por isso chamar Virgílio dirás, e pestes geminadas às mesmas fúrias.

Dicuntur geminae pestes cognomine Dirae (4). E acrescenta um Douto; **Dirae quasi Deorum irae** do que parece que pela etimologia do nome, quizeram discretos, ainda que fabulosos os poetas significar o horrível, e furioso movimento das armas. Lactâncio Firminiano disse, que as três fúrias Alecto, Tisífone, e Megera eram os três afetos que mais perturbavam o coração humano; a saber; a ira, a cobiça, e a luxúria: e que vícios se desordenam mais com a guerra, do que a ira executando vinganças, mortes e assassínios? A cobiça empreende saques, partidas, e roubos? A luxúria destruindo honras, e não perdoando muitas vêzes, nem a fidelidade do matrimônio nem a ordem, e reverência do sagrado!

Sendo pois como são tão perniciosos os efeitos da Guerra; bem se colhe o muito, que é para temer um princípio tão exorável (5): Xenofonte dizia, que ao príncipe sábio estava melhor abster-se da guerra, ainda que para a declarar tivesse muito justas causas; os grandes capitães são os primeiros que vão a

(3) PAUL. OROS., lib. 1, cap. 1.

(4) VIRG., **Aeneid.**, lib. 12, v. 845; P. VICTOR., **Theatr. de los Dios.**, 1^o pe., lib. 4, cap. 9; LACTANT. FIRMIN., apud CARTHAR. **De Imag. Deor Imag.**, 42.

(5) SOLORZ., **Polític. emblem.** 89, n.^o 7.

guerra, mas são os últimos em aconselhá-la; **Bellum dulce inexpertis**, foi a apótema de Píndaro (6) e conserva-se por adágio, como testemunha Erasmo (7) nas suas **Chiliadas**.

Deduz a guerra a sua etimologia do nome Alemão **Guerre** (8), que no português vale o mesmo, que discórdia, e inimizade, no latim chama-se **bellum**, ou de outro nome muito seu semelhante, que significa as feras: **bellum a bellius**; como relata Festo; ou como outros autôres seguiram, denomina-se a dicção **bellum** do seu inventor El-rei Bello, porque fôra êste o primeiro capitão que desembainhou a espada; donde veio chamar-se ferro, ou férreo, como cantou Tibulo.

**Qui fuit horrendus primus, qui protulit enses?
quam ferus aut uere ferreus ille fuit (9).**

Para obséquio e serviço dos homens produziu grandiosa a terra o mineral do ferro; mas foi tão soberba a loucura dos mesmos homens, que dêste officio só metal que só lhes devia servir para instrumentos da sua comodidade fêz a vida humana instrumentos terríveis para a sua total destruição: Deus Senhor Nosso mostrou o ferro, e os outros metais aos homens para seu bem, mas a natureza depravada pelo pecado tudo depravou, e converteu o ferro para seu maior mal.

Inventaram os Egípcios a lança, os Assírios a besta, os Lacedemônios a espada, a seta Saites, Étolo o dardo, e a maça Pantasiléia, os Fenícios inventaram os trabucos; os Cartagineses os arietes, o Alemão Artilheiro inventou a pólvora, e artilharia: chamou-se esta aos princípios bombardas, que vale o mesmo que somido ardente, bombardas é nome composto das duas dicções latinas **bombos**, que quer dizer zunido, e **ardeo**, que significa arder, como testemunha Ravísio Textor (10) chamou-se esfera, e depois peça de artilharia entre os Portuguezes, deduzindo o nome de artilheiro seu primeiro Pai, e equivocando a nomação da peça com as ricas jóias do mais fino ouro; que não deu a crueldade humana menor valia a um artefato, que pelo desconcertado sentido dos elementos, fêz trovões do bronze, forjou raios no ferro, e fingiu tempestades no mesmo chumbo; terríveis preliminares do fim do universo, ao que conjecturou aludiu S. João Crisóstomo quando disse que a guerra e as calamidades, que dela re-

(6) PIND., m. **Hyporchem.**, apud. Stob. D. Bello Serm., 48.

(7) ERASM., **Chiliad.**

(8) **Verb. Imperitia.** P.^o BLUTREAU, **Vocab. Portug.**, tom. 4, Lit. G. **Verb. Guerra**; FEST., **Verb. Bellum**; CASIOD., lib. 1, cap. 30.

(9) TIBULL., apud. SOLORZ., d. **Embl.** 89, n.^o 3.

(10) RAVIS. TEXT., **Offic.**, lib. 3, cap. 29; Couto del. 8, f. 73, **colum.**

sultam eram preâmbulos evidentes da última calamidade universal.

É tão grande o mal da guerra que produzindo já e de tão perto o dano próximo; somente remoto pode facilitar algum bem, o fim da guerra é a vitória, e por consequência também pode ser a segurança da paz futura; mas com este aditamento, que enquanto os Príncipes a puderem conseguir por outro algum meio católico, prudente; não poderá ser prudente, e católico o Príncipe que estabelecer a paz pelo torcedor da guerra: assim o sentenciou Alciato no Emblema: **Ex bello pax**; e mais claro nas últimas cláusulas da sua poesia.

**Arma procul iaceant: fas sit tunc sumere bellum;
quando aliter pacis non potes arte frui (11).**

§ 1.º

Dissemos no princípio da nossa segunda dissertação com Ovídio, e Fábio Pictor, que depois do dilúvio universal na terceira idade de cobre principiaram no mundo a ter exercício as iras de Marte; e refere Justino que Nino Rei dos Assírios fôra o primeiro, que por armas empreendera conquistas, e que suposto alistara gente em campanha fôra tumultuariamente sem formatura: ao depois Arálio Sétimo Rei do mesmo Reino foi o primeiro diz Beroso, que doutrinou o exercício militar, formando o exército com disciplina para vencer; é porém de advertir, que naquela terceira, e sincera idade do mundo as armas só eram naturais sem artifício ou [caluamento] algum; porque pelejavam os contendores ou com os punhos, das mãos, ou com os braços, ou com os dentes, ou com os pés; algumas ocasiões usavam de paus, e outras vezes de pedras; donde veio chamar-se a peleja pugna, como quer Donato, e segue Lângio; ambos com justificada razão; porque ou a contenda se disputasse com os punhos (12), como nos primitivos tempos, ou nos subseqüentes depois com paus, e tirando pedras; ou modernamente empunhando a lança, ou esgrimindo a espada, sempre de um, ou de outro qualquer modo, não se exercitam as armas com as mãos abertas, mas sim com os punhos fechados.

Entrou a presidir o mundo a quarta idade, que se chamou de ferro, **De Duro est ultima ferro** (13) e apenas apareceu na terra, quando logo lançaram mão dêle os homens abusando da

(11) **ALCIAT., Embl.** 177.

(12) **CASIOD., d. lib.** 1, cap. 30.

(13) **OVID., lib.** 1, **Metham., v.** 127.

sua officiosa serventia; pois devendo estendê-lo só para ministérios da vida humana, bárbaramente converteram o ferro, em instrumentos da sua maior ruína contra a perpetuidade dos mortais.

É certo que tôda a vitória se escreve com sangue, nos anais da fama só a custa das veias se imprimem bem, e rubricam melhor os vencimentos: mas também é verdade, que tanto será maior o triunfo quanto menos tiver de sangüinolento: de Pitaco histórico Lacreto (14) que não chamava vitórias as cadméias aludia o grande historiôgrafo aquêlê exército de guerreiros nascidos dos dentes do dragão, que semeou o filho de Agenor na Campanha de Beócia, como ouvistes Senhores, com assaz prolixidade minha, e benévola dissimulação vossa no princípio da nossa quarta dissertação, onde dissemos, que quase todos aquêles soldados exauriram as vidas com as profusas correntes de seu sangue, em tal forma, que só se immortalizaram vencedores cinco combatentes.

De Pirro escreve Plutarco, que receava como calamidades as vitórias, que lhe custavam muitas vidas; entendendo que seria maior ventura, não haver antes conseguido o troféu, que para alcançá-lo lhe custasse um tão excessivo preço: Enéias Sílvio só reconhecia por clara vitória a que rubricava com sangue de poucos, ou para melhor de nenhuns soldados (sic); dizendo que era maior elogio do vencedor triunfar dos inimigos ilesos, que dos contrários feridos: foi máxima do seu grande Afonso Rei de Aragão, que freqüentemente costumava dizer que tanto era o troféu mais esclarecido, quantos mais fôssem os superados não mortos, de que pudesse triunfar o vencedor.

O que suposto considero, que inferiremos bem em proferir, que tanto será maior a vitória, quanto menos tiver de truculenta; e daqui se colhe, que devem os soberanos príncipes, e generais famosos diligenciarem todos os meios, e católicos para conseguirem os triunfos com menos dispêndio que possa ser possível das vidas dos soldados.

Do Imperador Segismundo conta o próprio Enéias Sílvio que murmurando-o, e advertindo-o, (sic) certos capitães; de que não seguia seus inimigos postos já desordenadamente em fugida quando na retirada, os podia destroçar, e perder mais a seu salvo: respondeu o grande Imperador que assaz vencia quem afugentava seus inimigos; mais vale a vitória moderada sem sangue, do que sangüinolenta a mais famosa; assim o persuadiu Paulo Jóvio, e acrescenta que prudentíssimos os Imperadores Romanos não estimavam a glória do triunfo pelo estrago dos inimigos, mas sim

(14) LACR., inuit. Pit. [1 ac] Mitil.

na incólume segurança dos soldados: o Imperador Antonino Pio mais estimava guardar ileso a um só cidadão, do que perder a mil de seus inimigos.

Bem cuidou que o entendeu assim o valoroso Capitão Geral e Governador desta Bahia Dom Duarte da Costa; quando no mês de maio ano 1556: vendo a obstinada porfia com que valentes os Tupinambás vitoriosos em muitas ocasiões, e nesta coligados com os Tapuias, se haviam rebelado contra os Portuguezes para que unidos num só corpo, e confiados na multidão de suas frechas pusessem na última consternação as nossas armas: e sem controvérsia que nos ameaçavam então uma perigosa ruína com contínuos assaltos, roubos, e mortes pelos caminhos esta hostilidade causou não pequena perturbação aos moradores da Bahia que cansados da Guerra passada fazia-se-lhes de mal tornar a ela, e persuadiam, que se conseguisse a paz ainda que fôsse com condições de alguma sorte desiguais.

Amargamente sentiu Dom Duarte da Costa estranhável proposição e corroborando a guerra com a maior eficácia concluiu com solidíssimos fundamentos, que a guerra presente não era voluntária, mas sim precisa, porque forçoso era castigar-se a rebelião daqueles levantados; pois em tal caso a paz não podia ser conveniente sob pena da nossa maior injúria; sãbiamente discorreu o político Governador lembrando-se daquela memorável apótema de Demóstenes, que relata João Stobeu Sermão 48. **Bellum honestum turpi paci praefendum est.** Demais que instigados de tão mau exemplo os outros Índios era franquear as portas para que pudessem empreender a temeridade de quere-rem eximir-se a devida obediência que protestaram guardar a majestosa soberania del-Rei nosso Senhor.

Vários foram os sucessos da Guerra, em que sem dúvida foi maior o nosso esfôrço do que então eram as nossas fôrças porquanto os inimigos eram muitos, os Portuguezes poucos, prolongava-se a guerra, diminuía-se a nossa gente, consumiam-se os víveres, e iam faltando as equipagens: como era porém tão numeroso o exército dos contrários ideou o nosso prudente governador um importantíssimo estratagemas: e foi o caso, fingiu Dom Duarte da Costa que tratava capitulações com os Tupinambás, de que os Tapuias anteriormente eram inimigos declarados, e nesta ocasião se haviam unido a fim de rechaçar e vencer os Portuguezes, seu inimigo comum: pois semelhante dano sempre foi o melhor vínculo, com que se enlaça a amizade ainda entre os contrários por ódio [noversal.] **Externus timor maximum concordiae uinculum;** disse profundamente o Padre Strada (15) e

(15) P. STRAD., lib. 2, pro Lus. 4.

mais claro Simócrates: *communia mala in concordiam ad ducunt eom, qui diuersi sunt* (16).

Assim o experimentou Márcio Coriolano quando pretendeu exjuignar a Roma principiando a destruir as searas da plebe, e conservando as dos patrícios sem hostilidade para que discordes vulgo, e Senadores se dividissem com decorosos pretextos, e pudesse mais a seu salvo subjugar a valorosa cervis da grande cabeça do mundo, mas não lhe sucedeu assim, porque achou Márcio aos Romanos então os maiores amigos contra o mesmo Coriolano, seu inimigo comum: sucedeu assim porém a Dom Duarte da Costa, porque desconfiando dos Tapuias da pouca segurança dos Tupinambás conceberam que os seus coligados lhes eram traidores e que os queriam desamparar confederando-se com os Portuguezes: e foi o mesmo principiarem a desconfiar os Tapuias que logo fugiram para os matos deixando só os Tupinambás: nesta desconfiança consistiu a nossa maior ventura, pois vendo-se os Tupinambás destituídos de um tão copioso número de arcos, refletiram na diminuição de seus corpos, e entenderam, que mais tarde ou mais cedo haviam forçosamente de ser superados; e trataram deveras o que só fôra fingido, e tão mal perceberam os Tapuias: os mais advertidos rogaram a paz; aos mais obstinados continuando-se-lhes a guerra; e ficaram parte mortos parte cativos, e todos supeditados; o nosso governador triunfante, a vitória eternizada; vencedores os Portuguezes, com nenhum ou pouco dispêndio de seu sangue: êste o successo, êste o arbítrio, êste o estratagemas: relata o caso o padre Simão de Vasconcelos, lib. 2, da Crônica da Companhia, no princípio, n.º 2 e n.º 3.

§ 2.º

A maior máxima foi sempre fazer muito por introduzir no exército contrário a diversão; mas porque êste ardil é tão conhecido, raras vêzes o vemos bem logrado, a melhor bateria para render a melhor fortaleza, é sem dúvida, a diversão e a discórdia: a mesma árvore que no tronco por unida um só corpo resiste robusta às fôrças do ouro, dividida nas ramas padece ruína fatal aos sopros do Zéfiro, que soberbo não correu mais caudaloso rio dentro nos preclaros limites do seu álveo? Já fazendo mil brechas não endurecidas muralhas de suas margens, já demolindo e pondo por terra os mais agigantados chopos de suas ribeiras! Se porém lhe dividirmos o furioso curso, picando-lhe a via e sangrando-o nos braços; aquela soberba que antes fôra o terror do mundo, dispersa já se reduz a tal humildade, não só

(16) SIMOCRAT., apud LACERD., ad VIRGIL., *Aeneid.*, lib. 8, v. 10, n.º 2.

perde a grandeza, mas também o nome: por maneira que o mesmo rio, que até então mal sofria majestosas pontes, já agora com regato pobre se deixa vadear da menor planta costuma o Tibre terem contínuas perturbações aquela populosa Lidia das cidades e aconselharam ao Senado de Roma no tempo do Imperador Tibério, que permitisse se sangrasse nos braços ao mesmo Tibre, divertindo-lhe para outras partes os lados, e os réus que o faziam grande reconheceu o Senado a importância do arbítrio, e se não abraçou a sua proposição foi somente por não privar a augusta Roma de com tão cristalino, e preclaro diadema, assim o testifica o Tácito no primeiro livro dos seus anais.

Três foram os Geriões nas pessoas; mas conjuntos num só corpo, e pelo amor numa só vontade: reconheceu Herendis que somente separados podiam ser vencidos os Geriões: mais discreto procederia o Gentilismo, se assim como pintou quatro olhos num só Jano, fingisse num Marte mais úteis quatro braços: quis Deus nosso senhor derribar a agigantada soberba de Babel, e dividiu os artífices daquela tórre em setenta e duas línguas: os Fenícios conservaram o domínio de Espanha introduzindo a discórdia entre os Castelhanos; o mesmo praticaram aos Cartagineses (17).

De Sciluro Seita escrevem João Stobeu (18) e Plutarco que tinha oitenta filhos, e agonizante já nos últimos delíquios da vida os chamara todos a sua presença, e ali lhes dissera que desfizessem, e quebrasse cada um seu feixe de setas: mas como todos os oitenta filhos, com serem mancebos, e estarem vigorosos no maior auge de suas forças não pudesse cada um quebrar tôdas juntas; o feixe das setas, confessaram nesta parte a sua obediência por impossível: e então Sciluro, ainda que velho e fraco, e quase moribundo tomou de por si cada seta e tôdas as foi quebrando de uma em uma facilmente: persuadindo com esta cria mista, que se fôssem concordes seriam invensíveis, e se discordes segregados, e diferentes, seriam fracos objetos e muito fáceis de vencer: assim o juizou e assim lhe sucedeu bem ao nosso Bahiense Governador introduzindo a divisão aos Tapuias e Tupinambás, porque apenas se desuniram discordes, e outra vez inimigos, quando logo se eternizaram triunfantes os Portuguezes.

Mas dirá alguém que Dom Duarte da Costa não vencera gloriosamente com valor, porque os Tapuias temerosos fugiram da Guerra, e os Tupinambás lhe rogaram o perdão: ao que se responde, que como os inimigos eram inumeráveis, nem todos se reconciliaram com os Portuguezes, e porisso muita grande

(17) M. AUT., *Terra difiert m. ling. Stor. brasí. difier. 6.*

(18) JOAN. STOB., *Serm. 82.*

parte dos contrários ficaram mortos, outros cativos, e quase todos subjugados, e assim não se nos pode com que mais fácil e certamente conseguisse a palma e contasse Alexandre a vitória; e que responderia aquêlê magnânimo coração; disse-lhes que o seu instituto, que a sua grandeza, que a sua política não era de bandoleiros, ou salteadores, cuja profissão, e sagacidade era sòmente viverem de enganar; que êle como o soberano filho de Felipe havia de acometer muito alto dia, e sempre às claras ao inimigo; porque antes queria lastimar-se da sua fortuna quando lhe fôsse contrária; do que envergonhar-se da vitória; ainda que a ganhasse da maior suposição. *Malo me fortunae paeniteat quam uictoriae pudeat* (19).

É tanto é esta a verdade que Servílio a reconheceu quando vencendo o nosso fortíssimo capitão e grande Viriato português, com certo estratagema não chamara glorioso triunfo mas sim manchada, e corrupta a vitória: *uiolata uictoria este* (20) porque triunfando por indústria, vencendo por cavilação dera maior glória certamente ao nosso valerosíssimo Viriato; pois tácitamente confessara Servílio que de outra sorte o não podia vencer. *Hanc hosti gloriam dedit* continuam as palavras de L. Floro, *ut uideretur aliter uincit non potuisse*.

Reconhecemos a força da Instância; contudo porém ainda não desistimos da nossa melhor opinião; porque damos de barato, que seria mais vaidoso o triunfo; se em campo aberto sem artifício algum, ou estratagema Dom Duarte da Costa triunfasse vencedor de ambos os exércitos, Tapuias e Tupinambás: mas negamos que não fôsse muito glorioso o troféu que alcançaram de tão fortes contrários as nossas armas, nesta felicíssima ocasião.

Entra o Padre Mendonça a disputar na sua muita elegância, e científica profundidade aquêlê celebrado problema, se a vitória conseguida por ardil ou indústria, é pouco gloriosa! e depois de o tratar doutamente por ambas as partes negativa, e afirmativa; deixa a sua decisão irresoluta: porém o estado da questão não foi: se era glorioso o triunfo alcançado por estratagema foi sòmente a controvérsia sôbre a verdade se era muito ou pouco glorioso êste tal troféu! O juízo do problema; era *utrum uictoria parta incidiis parum gloriosa sit* (21)! não duvidou o eloqüentíssimo Padre da glória do triunfo; questionou sòmente a maioria do troféu: e é bem comum, que o mais ou menos não mudam a substância, nem diferem na espécie.

Do que se mostra, que o vencer por indústria também é glorioso; poderá ser mais heróico o vencimento se fôr conseguido

(19) QUINT. CURS., lib. 4.

(20) L. FLOR., *Histor.*, lib. 2, cap. 18.

(21) MED. UIRDOR., lib. 3 *problem.* 12, L, fundo ff d.º fund.; *Instruct. Valasc.*, *Loc. Comm.*, *Lit. P.*, n.º 87.

somente pelo esforço; mas ninguém poderá justamente dizer, que não foi esclarecida a vitória que diligenciaram a indústria e o estratagema o Padre Bento Pereira (22) que na sua *Pallas armata* tratou também o mesmo problema; procedeu mais liberal, porque finalmente conclui por toda nossa parte, com estas elegâncias ou elegantíssimas palavras: *Nullus ergo sit qui militaris dolos abigat fallacias culpet, insideas dament ne sanum experti dulcis consilium, et probata uituperare stratagema uideatur.*

Demais, é sem controvérsia, que o vencimento é a maior glória da batalha; o fim da guerra é a vitória; quem consegue o fim pouco se lembra do meio com que o alcançou: Salústio (23) dizia que a glória mais facilmente se alcançava pelas direções do engenho, do que pela valentia do esforço e nos seus fragmentos acrescentou, que a glória se nutria, e alimentava com indústria; com S. Basílio aconselham os Monacos Antônio, e Máximo (24) que para se conseguir a maior glória do mundo, seja o varão, justo temperado, prudente, e forte, *si gloriam queris; et cupis superior multis uideri et in rebus mundanis, clarus fieri: sis iustos, temperans prudens fortis.*

Dom Duarte da Costa no expediente que tomou, e na confederação que fingiu, com os Tupinambás; obrou justo; procedeu temperado; advertiu prudente; e triunfou forte: obrou justo; porque a guerra naquela ocasião foi necessária, como elle dizia, aos moradores desta cidade; a guerra necessária é certamente justa; Sto. Agostinho; *Pacem habere uoluntatis est; bellum autem debet esse necessitatis* (25), e no livro seis, das questões afirma o mesmo Santo, que não procede contra justiça o Capitão que usa de estratagema para com este dolo bom, poder melhor triunfar do seu contrário, quando a guerra que exercita provém da causa justa: *cum iustum bellum suscipitur utrum insidiis uincat; nihil ad iustitiam inter est* (26). Logo já se manifesta que obrou com justiça o nosso Governador.

Procedeu também com temperança pois cuidou mais de evitar o perigo, dos seus soldados, e que se seguissem as menos mortes, e destruição a seus inimigos: Advertiu prudente porque sendo como é tão inconstante, e duvidosa a contingência da guerra, como notou Eurípedes, e testemunha a experiência; porque nem sempre os sucessos correspondem na felicidade as esperanças dos generais: *solet fere bellum non per omnia faeliciter succedere* (27) e reparou Heródoto, que a fortuna da Guerra era tão du-

(22) BENEDICT, PEREIRA, *Pall. armat.*, clas. 3, problem. 2.

(23) SALUST., *de coniur. Catel.*

(24) ANTON. MAXI., *Sermon.*, 11

(25) *Cap. nulli 3, caus. 23, q.e 1, MART., de iuris dict.*

(26) D. AUGUST., *lib. 6, q. 10, cap. Dominus noster, 2 et caus. 23, q. 2.*

(27) EURIPID., *apud. Stob., Serm. 48, in princ.*

vidosa, que muitas vêzes um grande número de soldados ficavam vencidos de poucos; e outras ocasiões os que se imaginavam mais poderosos vinham a ser despôjo dos inimigos mais fracos: donde veio que certo acadêmico pisturiense para significar a incerteza da guerra pintou uma peça de artilharia já próxima a disparar o tiro com esta Letra *exitus in dubium* (28).

O que suposto; imprudente fôra muito D. Duarte da Costa, se estribado só na valentia de seu generoso peito, quisesse com maior perigo das nossas armas cantar a vitória, que podia conseguir com a indústria mais a seu salvo: é máxima esta, que exemplifica o Padre Francisco de Garau (29) com a persuasão que fizera Enéias a Pirro, e que refere Plutarco na sua vida; não pondero o discurso de Cinéias, repito só a proposição do doutíssimo Padre Necedad. **Es cobar con risco lo que puedes gozar a la segura.**

Mais pode a prudência, do que valem as fôrças Valério Flavo disse, que mais valiam os discursos, do que os braços, e certamente; que mais pode o artifício do que o valor: sem arte mal poderia um só cavaleiro no anfiteatro do carro superar as fôrças de dois brutos reduzindo-os a sua obediência a fereza do touro e a valentia do cavallo; com prudência, resiste o piloto às inconstâncias do mar; as armas têm sua ocasião as Letras sempre a gozam, a arte e a prudência imperam sôbre a fortuna; as armas sujeitam-se aos accidentes da guerra; o nó Gordiano indissolúvel ao valor desatou-se pelo arbítrio do Entendimento; a Quimera parecia invencível às fôrças humanas, mas pareceu prostrada com o artifício de Belorofonte perseguia em campanha aberta o Rei dos brutos a um ligeiro, e velocíssimo Cervo, e impaciente o Leão de que um tão fugitivo, e fraco contendor se eximisse covarde ao seu domínio valente; cansado no alcance percorreu (30) obrigar ao Cervo a que buscasse por abrigo a espessura do mato; onde prendendo as altas ramas das pontas, com as caídas ramas das árvores, com as caídas, digo, ficou o Cervo prêso, e o Leão vitorioso; vindo por êste modo a vencer aquela velocidade que era o maior impropério da valentia; tanto pode a indústria tudo facilita a prudência.

É a fortaleza uma virtude, que modera com mediocridade a paixão irascível (31), a cêrca de temer ou não temer os males que destroem a vida corpórea, por algum fim difícil; porém honroso: são colaterais da virtuosa fortaleza, a temeridade e o temor,

(28) PICINELL., *mundi Simbol.*, tomo 2, lib. 22, cap. 18, n.º 168.

(29) GARAU, 1 pte., max. 7.

(30) *Idem*, GARD., d., pt.º 1, max. 24.

(31) ARISTÓTEL., 3 *ethic.*

e como êstes são os extremos desta valerosa virtude já se vê que hão de ser vícios o temor (32); e a temeridade a virtude consiste numa prudente mediania; temeridade, e temor, ambas são desacertos, mas com esta diferença; que o temor é descaimento vergonhoso; e a intrepidez é culpa mais arriscada: o fraco tudo teme, o temerário de nada desconfia; o varão forte porém não teme donde é necessário confiar, nem confia donde é necessário temer; propõe Senhores, um objeto horrível, e perigoso, e ve-reis que o covarde tudo considera; e coisa nenhuma o temerário; o varão forte porém considera o que deve considerar para que não degenere de honrosa a sua ação.

Nem todo o perigo é objeto decente da valentia; teme o varão forte as pestes públicas; e não teme as feridas próprias, teme os inconstantes refluxos do mar, mas não teme as inundações do seu sangue; teme o estridente dos raios, não teme o cintilante das espadas; teme o covarde empreender ações que bem poderia desempenhar moralmente, o valeroso só teme os perigos, quando são maiores que as suas forças, teme o varão forte o furor da multidão, porque é fera de mil cabeças, quando bastaram só três para constituírem a formidável quimera, o valeroso herói não deve desafiar os perigos, deve sim não fugir os empenhos quando lhos oferece precisos alguma ocasião gloriosa, mas com tal proporção de forças, que com a virtude da fortaleza, os possa repulsar varonilmente ou fortemente tolerá-los.

Dom Duarte da Costa receou sim a multidão dos bárbaros Tapuias, e Tupinambás, não fugiu o empenho (sic), porque valeroso saiu ao campo, delatou sim dar a batalha, enquanto não viu proporcionado o seu partido, diligenciou a divisão dos Índios ligados, e conseguiu o seu fim dando o fatal aos inimigos: logo bem se manifesta que neste estratagemata triunfou glorioso o esclarecido Governador: e pois que venceu forte, advertiu prudente; procedeu temperado e obrou justo; é certo segundo a sentença de Basílio, que no ardil que propôs, e com que fez que se dividissem aquêles rebeldes; se eternizou por êste glorioso triunfo sempre imortal nas vozes da fama, e que a divisão dos Índios Tapuias, e Tupinambás fôra igualmente útil, e decorosa a conquista que no Brasil consumaram os nossos antigos Portuguezes.

(32) D. MANUEL, *Thesaur. Philosoph. moral*, lib. 4, cap.

DISSERTAÇÃO NONA

Se fôra decoroso e licito o estratagema com que Dom Duarte da Costa triunfara dos Índios Tapuias e Tupinambás.

Muitas vêzes consegue o artificio com menos dificuldade, a que não poderia vencer o esforço tão fãcilmente, depois que assimilação Grega pôde com arte reduzir a cinzas a soberba Tróia depois que as luzes das chamas conheceu Priamo contrastável a fortaleza de suas muralhas, vindo a lamentar, mas já sem remédio, os enganos da Grécia, a facilidade Troiana, o fingimento do voto, o estratagema do sacrificio, depois finalmente de abrasada Tróia, se fêz preciso projeto, ao piedoso Enéias, deixar as delicias da pátria, e entregar-se ao arbitrio das ondas, que oprimidas de tão forte armada, para se eximirem ao pendor de tanta soldadesca diligenciaram o alívio, conduzindo às praias Latinas, com prolongada derrota ao heróico e famoso capitão; que entrando felizmente pelas portas do Tibre, deu fundo à armada, buscou o pôrto, saudou os montes, e fitando a terra respectivamente obsequioso a abraça, e a beija, pedindo que o receba ainda que forasteiro, como mãe adotiva, pois bem como o mais valente filho de Júpiter; que no promontório de Cádiz, erigira duas famosas colunas, para **non plus ultra** dos seus vencimentos; assim também êle filho de Vênus, e Anquises, pretendia pôr na mesma Europa, e aprazível Itália, último têrmo aos trabalhos da sua navegação (1).

Continuaram-se os dias, e depois de alguns meses desposou-se Enéias com Lavínia filha del-Rei Latino, e porque as madrastas regularmente não são bem afeitas a seus enteados; determinou Ascânio (2) primogênito do piedoso capitão edificar em Itália a cidade de Alba Longa, levantando nas ameias de suas muralhas, repetidos padrões à immortalidade de seu nome; quatrocentos anos antes do princípio de Roma, como refere João Asaá-

(1) DIONIS. d. Sit Orb. VIRGIL., Aeneid., lib. 7, v. 35.

(2) TIT. LÍVIO. duad. 1, lib. 1, n.º 3.

cio Pontano nas anotações, e observações políticas à história de L. Floro (3).

Correram os tempos, e passados alguns séculos, na quinta idade do mundo, sucedeu Amúlio no Império de Alba; porque não obstante ser filho mais môço do propecto Rei Proca; as coisas públicas se dispuseram de sorte que foi preciso ao Pai preterir a Aumitor seu primogênito, e renunciar a investidura do Reino na sagacidade e truculência de Amúlio: que é forçoso muitas vêzes declinar a justiça por impedir a violência, e pretextar a sem razão, com aparentes motivos, porque não sintam os povos mais escandalosos distúrbios.

Gozou Amúlio do trono, com assaz sossêgo no descuido de seu Irmão (4); e para viver com a mesma ou maior segurança pelo tempo em diante cruel mandou matar a um filho de Nomitor, podendo mais com Amúlio, a tirania, do que o parentesco, e se um tirano pode ser compassivo confiado na imbecilidade do [lexo] como de favor dispensa a vida a Réia, filha do mesmo Irmão: mas para se segurar do destino pretendeu cauto impedir-lhe a posteridade colocando-a entre as Sacerdotisas Vestais: entendendo com sacrificio daquela pureza que se tornasse benigna à irascência dos Céus: mas não lhe succedeu assim; porque não estêve Réia Sílvia muitos tempos na clausura, sem que rendida aos amôres de Marte, não concebesse e parisse do Deus Guerreiro num só parto a Rômulo, e Remo.

Nasceram os dois Infantes e para frustrar Amúlio as execuções do fado entrega Réia à justiça dos Sacerdotes; e os dois sobrinhos a um confidente seu; mandando-lhe que os afogasse no Tibre. Mal obedeceu o Ministro ao preceito do Tirano, porque ressalvou as vidas dos dois inocentes; sim os expôs no rio, mas depositou-o numa cesta, e crescendo Tibre obsequiosamente respectivo os transportou em seus braços às deliciosas margens da Ribeira (5) onde uma Lôba, ou mulher de semelhante nome, e costumes, os criou a seus peitos, e Fáustulo Pastor os escondeu, guardou, e assistiu no albergue pobre da sua choupana, onde não chegou a tirania de Amúlio, pois o rigor como raio, não cuida da vileza dos vales, e assim Amúlio, em menosprêzo do albergue de Fáustulo, verossímil é que

Lo dijo por escondido

o le perdono por pobre (6)

(3) ASAAC. PONT., ad. L. FLOR., lib. 6, 1, cap. 3.

(4) TIT. LIV., d. lib. 1, n.º 4.

(5) TIT. LIV., *ibid.*, L. FLOR., Dist. rom., lib. 1, cap. 1, Gueved. vida de Rômulo.

(6) D. LUÍS DE GÓNGOR., Romanc. Liric. 20, manc 1, copla 1.

Cresceu Remo, e cresceu Rômulo, tiveram notícia da sua ascendência; souberam do Tio da injustiça do Rei, do menoscabo do Avô e ressentidos contra o tirano armam-se de valentia, convocam parciais, matam Amúlio, e reintegram a Numitor no reino: mas porque tão majestosos espíritos não podiam ter sossego sem empreenderem alguma proeza condigna da sua soberania; magnânimos quizeram fundar outra cidade, que veio a ser depois cabeça do mundo edificada junto ao Tibre setecentos annos antes da era de César Augusto; a quem Rômulo deu o nome de Roma, como refere o mesmo Floro (7) no principio da sua história.

Reinou Rômulo em Roma com a sacra investidura de Rei (8), sucedeu-lhe Numa Pompílio no trono; seguiu-se Túlio Hostílio, herói que pelo valor de seu braço mereceu a [calmide] de monarca supremo (e diz Floro que fôra o inventor da arte militar) mas porque os moradores de Alba, em ódio do rapto das Sabinas se consideraram sempre ofendidos dos Romanos, que souberam conseguir com indústria a afinidade, que lhes negaram inconsiderados antes os sabinos, e depois briosos quizeram com a guerra tomarem (sic) satisfação daquela injúria, mas supposto, que Rômulo brevemente ajustasse a paz, com Tito Tácio Rei dos Albanos, contudo como em seus corações ficassem êstes dois povos sempre contrários, não foi difficil, com a menor causa tornarem à guerra, que disputaram vigorosamente no reinado de Túlio Hostílio sem mais outro projeto, do que recíproca destruição.

Crescia às lanças o ódio no versal dêstes povos, crescia o estrago, diminuiam-se os exércitos, era comum a hostilidade, mas a vitória sempre igual: para bem pois de todos se comprometeram Sabinos, e Romanos, cada um pela sua parte em três Irmãos valerosos combatentes, que com menos prejuízo dos mais, controvertessem os seis contendores aquella sanguinolenta opposição; por maneira, que os triunfantes fizessem felizes os seus municipais.

Reciprocamente aceitaram a proposta êstes dois povos, e nomearam pela sua parte os Romanos os três famosos Horácios, elegeram os Albanos, os três curiácios valentes, e entrando os contendores no conflito; altercaram o vencimento, e caíram na peleja dois Horácios mortos, e ficaram os três curiácios feridos: via o terceiro romano o seu partido desigual, pois se reconhecia no campo só, e com três inimigos à vista, quando não ignorava, que nem o mesmo Hércules podia resistir, e menos vencer a dois contrários, e assim persuadido da aflicção percorreu

(7) L. FLOR., d. lib. hist. in prolog.

(8) T. LIV., d. lib. 1, n.º 9.

mais bem aconselhado valer-se da indústria para vencer melhor por estratagemas; porque fingindo, que fugia da peleja, empreendeu a retirada, quando logo impacientes os curiácios o seguiram na carreira, e como todos três o não perseguiam iguais, pode o industrioso, e terceiro Horácio, fazer cara aos inimigos, e matar sucessivamente os três Albanos: de que resultou cantar Roma o triunfo e ficar Hostílio vencedor para maior lembrança desta vitória, fêz Túlio demolir logo a famosa cidade de Alba, quatrocentos e oitenta e sete anos depois da fundação de Roma segundo a cronologia de Asaácio Pontano (9); que também refere a êste triunfo chamaram as Letras humanas raro e decoroso troféu.

Três triunfos, e todos alcançados por estratagemas reconheceu meu reparo na breve história desta nossa narração: o incêndio de Tróia, o roubo das Sabinas, e o vencimento do Romano Horácio; o incêndio de Tróia; onde a astúcia dos Gregos simulou uma retirada, persuadiu um voto, e divulgou um sacrifício.

Votum pro reditu simulans, e a fama uagatur (10).

O roubo das Sabinas; pois para Rômulo melhor conseguir o rapto, se fingiu enfermo, e que em ação de graças pela boa saúde, que tinha; prometera a Netuno (11) soleníssimas festas; *Romulus egritudinem animi dissimulans ludos ex industria parat. Neptuno Equestri solemnnes.* A vitória do terceiro Horácio fingindo a industriosa fuga, em que matou os três Albanos. *Horatius ad dito aduertutem dolo, ut distraheret hostem, simulat fugam, singulos quoque, prouet se qui poterat ad ortus exsuperat* (12).

Já vedes, Senhores, que as vitórias que não puderam alcançar os gregos com a numerosa multidão de seus exércitos, com o denodado valor de seus esquadrões que a felicidade, e maior ventura, que não puderam conseguir os Romanos com as amorosas súplicas, com que rogaram cortesias aos Sabinos, que o troféu que os três Horácios não puderam vencer aos três Albanos valerosos, pode um só Horácio cantar por indústria; conseguir Rômulo, por estratagemas; e sagazes alcançaram os Gregos por simulação. Do que se manifesta que muitas vêzes consegue melhor a indústria o vencimento, que não pode alcançar valerosa a valentia; que mais facilmente obtém o artifício, o que muitas ocasiões não puderam o esforço e o valor.

Assim o reconheceu Dom Duarte da Costa; pois como dissemos na dissertação passada receoso justamente o Governador da Bahia na multidão dos Índios Tapuias, e Tupinambás, para os

(9) ASSAC. PONTAN., in not. ad L. FLOR., d. lib. 1. cap. 3.

(10) VIRGIL., Aeneid., lib. 2, v. 17.

(11) T. LIV., d. dicad. 1., lib. 1., n.º 9.

(12) L. FLORENT., d. lib. 1., cap. 3.

dividir fingiu que tratava capitulações com os segundos, do que os primeiros se ressentiram, tanto, que logo desertaram para os matos, deixando sós indecorosamente no campo os Índios Tupinambás, que achando-se destituídos de tão copioso número de arcos, refletiram na diminuição de seus esquadrões, e rogaram submissos a paz aos Portuguezes (13).

Na dissertação passada, com evidência mostramos, que divididos os contrários, eram indubitáveis os triunfos; e que na indústria que discorrera Dom Duarte da Costa, diligenciara um glorioso troféu a nossa conquista: considerando porém depois, no que então dissemos; confessamos que nos sobreviera um grande escrúpulo; e para que não fique tão esclarecida vitória, com a dúvida menor nos pareceu consentânea a razão expormos Senhores, a vossa censura o escrúpulo mêdo que nos incutiui a parte contrária.

Consistia poi a objeção na verdade daquela bem intrincada disputa, que altercam cientificamente alguns Teólogos e Autores políticos se é ou não decoroso e lícito triunfar com dolo, ou vencer por estratagemas? A questão é tão curiosa como utilíssima, queira Deus Senhor nosso que eu saiba tratar bem, averiguando a verdade e resolvendo a certeza de se foi ou não lícito e decoroso a Dom Duarte da Costa a utilíssima indústria com que fêz dividirem-se os Índios Tapuias dos Tupinambás matéria que será o total argumento da presente dissertação.

§ 1.º

Pela parte negativa propugnam as razões seguintes. Primeira, porque o menos glorioso não pode ser dicente a um coração magnânimo: desdenhava o Príncipe Ascânio caçar feras pequenas, e sentia empregar heróicas frechas em fugitivos gamos; o que pregava era sim que descesse do monte algum Javalí valente ou algum generoso Leão pois como Rei da Selva poderia render honoríficos à Majestade de Troiana um valeroso braço não desembainha a espada contra um contendor pusilânime o raio que não reserva por altivos o agigantado dos montes por humildes despreza ao profundo dos vales; o senhor Dom Manuel no regimento que deu para a conquista da Índia ordenou a seus soldados que não fizessem guerra aos povos pequenos: vencer por astúcia, triunfar por estratagemas não é timbre glorioso, não é troféu magnífico; os Romanos não veneravam por vitórias as que conseguiam seus capitães por indústria (14).

(13) PE. VASC., *lib. 2, de coron. in princ., n.º 2 et 3.*

(14) TACIT., *lib. 2 annal.*

Antíoco publicou guerra aos Galatas e vendo que eram numerosos com demasia, deliberou-se a armar-lhes uma cilada; mandou esconder em certo lugar oculto muitos Elefantes armados, para que ao tempo em que se travasse o conflito entre os Esquadrões, saíssem de emboscada os guerreiros brutos, de repente, e fizessem estrago total nos inimigos; desempenhou a felicidade do sucesso o estratagemma do arbitrio; davam os soldados a Antíoco os parabéns do triunfo; e respondeu-lhes melancólico que se envergonhava de tal vencimento, porque não pudera vencer aos Galatas de outra sorte se não auxiliado daqueles irracionais; e que assim a vitória mais fôra dos Elefantes; e que dêle Antíoco era sòmente própria uma tão vergonhosa imbecilidade.

Vt superasse iuuat sic superasse pudet (15).

O que suposto já se mostra que não fôra decente famoso ao Capitão Geral Dom Duarte da Costa usar de semelhantes ardis para vencer os Índios Tapuias e Tupinambás.

Segunda razão: Porque não se poderá justamente dizer que o uso de semelhantes astúcias fraudes ou ardis; não é muito parecido e quase identificado com o dolo, com o engano, com a simulação; pois tanto nesta, como naquelas artes, o que predomina, é mais a argúcia do que o valor. Assim o reconheceu Antígono, (16) quando perguntado como se alcançavam as vitórias, respondeu que com dolo, ou com [traição], ou com poder às claras e descobertamente com valor, logo tanto a astúcia, tanto o ardil, tanto o estratagemma; tudo é mau; porque tudo é dolo, tudo é engano, e nenhum dêstes é decoroso porque tudo é simulação.

Marco Túlio (17) chamou pérfidos, improbos e maliciosos a todos os que obrando de uma coisa simulavam outra diferente, e por isso dizia, que tudo quanto obravam semelhantes homens, não podia ser útil, porque se achava infecionado, tudo com tantos vícios, do que se colhe, que suposto seja a vitória um grande bem; contudo alcançada por dolo, por engano, por estratagemma; tudo é mau: o varão grande, o herói magnânimo deve detestar tôda a mentira, o ímpio confunde, e confunde-se com a fraude. *Domus iusti plurimam fortitudo, in fructibus impii conturbatio* (18). Logo não pode ser lícito procurar-se o triunfo pela astúcia do dolo, pela introsperposição do estratagemma; não pode ser decente conseguir-se a vitória pelo engano do ardil, pela estrada encoberta da simulação pois como é comum, não devemos obrar, e

(15) PE. BENTO P.^a, *Pallas armas*, problem. 2, class. 3.

(16) ANTIG., apud. PICINELL., in *Mundi Simbol.*, lib. 9, cap. 26, n.º 333.

(17) CIC., *De Ofic.*, lib. 3, pag. mihi 141.

(18) SALAM., *Prover.*, cap. 15, v. 5.

fazer mal, para que por êste caminho nos possa sobrevir algum bem (19).

Terceira razão. Porque é sem dúvida, que na retirada que fizeram os Tapuias deixando sós os Tupinambás seus coligados, não obraram bem, porque fracos fugiram e desertaram como vis; perderam a estimação de valerosos na precipitada fuga, como voaram para os Sertões; faltando à Confederação com que se tinham incorporado aos seus auxiliares; quando não pode haver mais ativa obrigação do que deve ser religiosa a observância da promessa, e cumprimento da palavra.

Na Índia estava cativo certo Português; e medroso seu patrão Mouro das nossas armadas, pediu ao escravo que lhe desse uma carta de favor para os Portugêses em que lhes rogasse que se por acaso entrassem ou digo encontrassem o seu navio lhe permitisse, que navegasse livremente porque o seu patrão o tratava bem e lhe daria cativo melhor; deu-lhe o cativo a carta; mas faltou à promessa, porque o que pedia, e o que testemunhava no aviso, era tudo pelo contrário do que lhe pedira o Mouro: succedeu encontrar-se o Navio com uma fragata nossa, e o arrais Sarraceno confiado na Carta do Português, nem fugiu, nem se guardou antes muito alegre foi a bordo da nossa Nau, com o seu passaporte; que não menos imaginava, enganado Urias a fementida carta do Cativo: mas foi tão bizarro, tão leal, e tão cavalheiro o Capitão Lusitano, que deixou ir livremente em paz o Navio do Mouro conta a história o nosso Insigne Antônio de Sousa de Macedo (20).

Se Dom Duarte da Costa houvesse prometido aos Tupinambás, a liga, a sociedade, a confederação, muito indecoroso e estranhável fôra que faltasse o Governador à fé prometida; pois se de um homem vilíssimo, qual foi aquêlê Português cativo; pareceu necessário ao nosso capitão na Índia dar cumprimento, e inteira execução a promessa que simulara tão enganosamente ao seu Patrão Mouro, heroicidade que foi tão bem aceita na memória dos homens, que por esta bizzarria será louvado eternamente, aquêlê nosso magnânimo Capitão *uiliis hominis simulata fides laudabiliter fuit obseruata* (21). São palavras do mesmo Sousa de Macedo: logo mais ignominioso seria faltar Dom Duarte da Costa no caso em que tivesse de algum modo prometido aos Índios a Confederação; porque se é coisa grave faltarem à fé prometida os varões nobres; e mais grave, os mais cavalheiros, e gravíssimos os heróis exemplares: é muito mais gravíssimo diz

(19) **Cap. Extuarum de sortileg., cap. superec. du Sur.**

(20) **Sous. de MACED., dec. 71, n.º 18.**

(21) **Sous., de dec. 71, n.º 18.**

Rolando do Vale (22): faltarem ao que prometeram os Reis, os Príncipes, e ainda as pessoas, que gozam da Soberania do Governô da regalia da Majestade, ou seja própria dessa pessoa real, ou seja delegada da sua suprema jurisdição.

Dom Duarte da Costa por cavalheiro, por herói, por Governador, não devia faltar à fé prometida à confederação se a tivesse paccionada, sob pena de gravíssima injúria e impropério da sua grandeza: logo da mesma sorte, com o mesmo risco da sua heroicidade, com menoscabo da sua pessoa, e boa reputação diligenciou que faltassem, os Tapuias aos Tupinambás pela indústria do seu ardil pela interposição do seu estratagemas.

Dom Duarte foi causa influente para o retiro e desertação (sic) dos Tapuias, logo pecou, e procedeu Dom Duarte mal; assim como pecaram, e procederam mal os mesmos Índios: pois é constante, que aquilo que não é lícito a cada um fazer ativamente, por si próprio; também não é lícito procurá-lo imediatamente, impelindo, e ocasionando a outrem para o que o faça; *Nihil inter est (diz Sto. Agostinho) utrum ipse seclus admitas an alium propter te admitere uelis?* (23). Em termos tratando esta própria questão, resolve Hugo Grócio, que assim como não é lícito ao vassallo matar o seu rei, ao cidadão entregar a sua pátria, saquear os seus patrícios; assim também não é lícito ao inimigo persuadir, e solicitar êsse vassallo, êsse tal cidadão, a que obre traidor, alguma destas indecorosas ações. *Quidquid aliqui facere non licet adid cum impelere aut sollicitare non liceat semper enim qui alteri peccandi causam dat, peccat et ipse* (26). D. Duarte da Costa instigou, impeliu e fêz com a sua indústria, que faltassem os Tapuias à confederação, e fé prometida aos Tupinambás, no que procederam mal os Tapuias, péssima, indecorosamente logo da mesma sorte também mal, péssima e indecorosamente procedeu, e pecou D. Duarte como causa influente para que deixasse os Índios sós no campo os Tupinambás seus confederados.

§ 2.º

Fazem a favor da parte afirmativa os seguintes fundamentos (27). Primeiro, porque é certo, que tudo aquilo é lícito, que não se ache denegado por direito positivo, ou alguma razão natural não há proibição que encontre poder usar-se na guerra de estratagemas: logo é lícito na guerra usar-se de semelhantes astúcias,

(22) ROLAND. A VALE, 1 lib. cons. 2, n.º 150 et lib. 2 consil. 1, n.º 34.

(23) D. AGOSTINHO, apud HUG. GROTIJ, d. iur. bell. lib. 3, cap. 1, § 21.

(24) AUL. GÉL., noct. Atic., lib. 11, cap. 11.

(25) NIGID., apud LANG. APOLYANT., uerbo mendacium.

que não haja proibição alguma, para se usar destas argúcias na guerra se manifesta dos muitos exemplos que pudéramos acumular nesta matéria; e se eternizam na fama, com a glória de imortais, além dos não poucos, que exemplificamos nesta, e na dissertação passada; lembra-me que dizia Lisandro com alusão aos trabalhos e vencimentos de Hércules que a pele de Leão não bastava para triunfar (28); era conveniente vestir a da Rapôsa para vencer; Políbio julgava menores Troféus os conseguidos pelo valor, e maiores as vitórias alcançadas pelo ardil, pela (sic) astúcia, pelo estratagema.

O mesmo ajuizou Sílio, quando disse:

Pelandum est astu; leuior laus in duce dextra.

São João Crisóstomo ensina, que se deve louvar muito os Príncipes que por dolo, fraude, ou inteligência alcançam os triunfos (29); Santo Agostinho requer sòmente que a guerra seja justa; pois se o não fôr nunca pode ser lícito o estratagema: mas quando é justa; então diz o Santo Doutor, que importa pouco que se consiga o troféu por esforço ou por algum estratagema *cum iustum bellum suscipitur utrum insidiis uineat nihil ad eius-titiam interest*. Logo se por tantas ações, se por tantas sentenças, se corrobora, que na guerra é tão permitida a indústria; bem se mostra que a D. Duarte foi lícito o estratagema, que fingiu, e ardil com que venceu os Tapuías, e Tupinambás: ouvi Senhores a conclusão que segue Luciano, como regra. *Laude dignos cui hostem fallunt*. Em têrmos Hugo Grócio, *Latius, quam quae diximus patet quod passim estatunt sapientes apud hostem falso sermone utilicere* (30).

Segundo fundamento, porque ocasiões se oferecem em que não é só decente o engano mas é officioso e muito digno de louvor; deixo a distinção que faz Aúlio Gélio, entre mentir, e dizer mentira; porque mentir diz, que vale o mesmo, que ir contra o entendimento próprio; *mentiri est contra mentem ire*, isto é, segundo a diferença de Gélio (24), o que mente não se engana a si, mas pretende enganar a outrem; o que diz mentira, engana-se a si, ou como explica melhor o mesmo Aúlio Gélio, o que mente engana a outrem *quantum in se est*; o que diz mentira, não se engana a si, *quantum in se est*: mais claro; o que mente como de si para si, sabe a verdade do que fala e fala contra ela, e

(26) HUG. GROTI., d., cap. 1, § 21, in princ.

(27) L. nec non. § quod. eius ff. ex quib. caus. maior., cap. spirituale. 3., q.^e 4.

(28) HUG. GROTI., d., cap. 1., § 6.

(29) D. CHRISOSTOM., d. Sacerd. d. aug. in Iosue, lib. 6, qe. 10; D. ANT. DE MIRANDOL., ragion. de stat. del Presid., d. Lagiced., cap. 17., pág. 183.

contra o que sabe; *fas quantum in se est*, por enganar a outrem; o que diz mentira, como entende que fala verdade engana-se a si realmente, mas não se engana a si *quantum est in se*, porque entende que fala verdade, não vai contra o seu entendimento, e *quantum in se est*; não se engana a si próprio; e esta foi a razão, porque disse Nigídio *uir bonus praestare debet, ne mentiatur; prudens ne mendacium dicat* (30).

Deixada porém esta distinção mais larga ou especulativa de Aúlio Gélio; e tomando a mentira na sua aceção comum; enquanto direta e formalmente se opõe a verdade (31) e vem a ser a mentira, que se profere com ciência, e significação oposta ao conceito, ou seja entendendo ou ajuizando, ou querendo: neste significado dizemos que nem tôda a mentira é [destável] porque também há ficções, que são muito para se louvar.

Três espécies de mentiras distinguem os Teólogos; mentira jocosa, mentira officiosa, mentira perniciosa; mentira jocosa é a que se diz por galantaria, ou para divertimento de quem a ouve, ou de quem a relata; mentira officiosa é a que se profere por causa de alguma utilidade, não havendo prejuízo de terceiro, mentira perniciosa é, a que se fala injustamente com prejuízo de outrem, ou seja contra a honra de Deus ou contra a honra, e justiça dos homens. Nas duas primeiras espécies de mentiras, jocosa, e officiosa, não se comete pecado mortal; pode-se cometer porém na mentira perniciosa (32), pois como é prejudicial a outrem pela razão da mentira ou pode ser pecado venial, ou pecado mortal de que nos livre Deus nosso Senhor; como a matéria não é profissão minha, faz-se-me preciso autorizá-la com Digníssimos Teólogos; o Padre Bento Pereira: *Perniciosum est, quod iniuste alicui nocet, siue proferatur contra honorem Dei, ut in Sacramente, et iuramentis: siue contra honorem hominis, ut in detractatione, falso testimonio, et contractibus iniquis unde pro ratione materiae ueniale, aut Lethale esse potest* (33). A mesma divisão, e resolução segue o Padre Lésio, *d. iust. et iur., lib. 2, cap. 47, dubit 6, n.º 44*.

Na guerra justa é lícito fazer ao inimigo tôda a hostilidade possível, pois por direito natural, lícito é a cada um repelir uma força com outra força, uma hostilidade com outra hostilidade (34).

**Iudice me fraus est concessa repellere fraudem
Armaque in armatos summere iura sinun. (35)**

(30) HUG. GROT., *d. cap. 1., § 17. in prin.*

(31) Pe. BENED. PEREIRA, *elucid., lib. 2, elucid. 22, sect. 2, n.º 1451.*

(32) [ABREND], *Paroch., lib. 8, sect. 5, n.º 512.*

(33) BENED. PEREIRA, *d. elucid. 22, sect. 2, n.º 1452.*

(34) LUT. MIN., *ff. d. iust. et iur., tot. tit., ff. de ui et ui armato.*

(35) OVID., *de art. amand, lib. 3.*

Logo ainda que se solicite com alguma astuciosa inteligência, ou com algum dolo, que tanto valem o ardil, como o estratagemas; a destruição do inimigo, para repelir a sua hostilidade esta tal dissimulação ou encobrimento da verdade pelo seu fim, e expectada intenção, é louvável, é proficua, é decorosa; com muitos exemplos o verifica o Padre Lésio ressaltando muitos ditos, e prudentíssimas ações dos Patriarcas, Profetas, e dos Apóstolos. São Paulo entendendo-os com a restrição, não **pure mental**, enquanto falaram ou procederam anfibolôgicamente, com respeito só a certa parte da profissão; não falando contra o seu entendimento, mas explicando-o de sorte que aquêla a quem se diz, a entende, como sòmente que a pessoa, que fala, ou que a dissimula, porque neste caso a anfibologia, não é mentira, mas é louvável, e muito útil esta tal dissimulação, como aconselha o Padre Marques no seu **Governador Cristiano** (36).

Dando-se necessidade urgente, disse Eustáquio Metropolitano, que era decente ao sábio poder fingir **mentictur sapiens re urgente**. Sófocles refere, que perguntado Neoptolomeu não vos parece que é coisa torpe faltar à verdade, e que respondera Ulisses que não era torpeza; se do fingimento resultasse a saúde pública, ou outro algum bem de grande suposição (37).

**Non tibi uidetur turpe falsi loquentia?
non si salus nascatur ex mendacio.**

Será torpe, será indecoroso o remédio, ou a astúcia com que o médico contemporiza com o enfermo? É certo que não: porque vemos muitas vezes que a imaginação causa a doença, que não recuperam saúde, porque condescendo o médico como delírio lhe applicou o alexefarmaco do fingimento contraposto à sua imaginação da mesma sorte quantas ficções não inventam as aias para diligenciarem o bem e sossêgo de uma criança? Chora o filhinho, sem uso de razão, por alguma ninharia, que lhe é nociva; e amorosa a mãe lhe finge uma côca, lhe propõe um tutu, com que logo o menino se cala; mais teme a sangria um infante, e persuade-lhe o sangrador que logo há de correr uma fonte, estas metáforas, estas dissimulações são indecentes? Não se podem chamar perniciosas, porque o fim é a saúde do enfermo, a utilidade do menino, o sossêgo da criança: ôtimamente Andronico Ródio comentando Aristóteles: **Decipit quidem, at deceptor non est** (38).

(36) Padre MARQUES, lib. 2, cap. 7, pag. mihi 33. lit. B. e D.

(37) GROTO, d. cap. 1, § 9.

(38) ANDR., apud AUG. GROT., d. cap. 1, § 9.

Terceiro fundamento. Porque tudo aquilo é honesto, e lícito, que é congruente a razão natural, ou absolutamente falando, ou pela contingência de algum estado, ou condição de coisas que o dito ou o feito se faz congruente à mesma razão (39), pela da hostilidade, e pela contingência da guerra se faz consentâneo à razão natural, que se possa na campanha usar de astúcias estratagemas: porque o seu fim primário é a vitória; como assaz prolixamente temos ponderado neste discurso, quem usa do seu direito, não ofende ao próximo; observado o moderame devido, da defesa inculpada; é lícito e decente a cada um matar a quem o insulta dolosa, e culposamente: acometeu Pedro a Paulo para o matar, mata Paulo a Pedro para se defender comete Paulo alguma culpa? Faz a Pedro a injúria menor? É certo que não: porque em tal caso é tão lícito o matar, que não é punível pela Lei (40).

Da mesma sorte na guerra, que supomos justa da parte do astucioso, que usa do estratagema; como este procede sem culpa na necessária defesa da sua causa; e são inocentes as vidas dos seus soldados, que pelas várias fortunas da guerra estão sujeitos certamente a um grande risco; pois a guerra é morte armada como a descreveu Estácio.

.....Tristissima uirtus

Stat medio, latusque furor uultuque euento
mors armata sedet (41).

Para evitar tantos perigos, e para vencer tantos infortúnios lícito parece, que é a todos os príncipes e Senhores Gerais usarem na guerra do dolo bom; qual é o estratagema para utilidade do bem comum. *Aliquando exigit communis utilitas, ut etiam falsa defendantur*, disse profundamente ao nosso intento o doutíssimo Quintiliano.

Prometeram as cinqüenta filhas del-Rei Danao matarem na primeira noite dos esposórios aos seus cônjuges, e primos filhos do Infante Egito desempenharam a promessa quarenta e nove das formosas Bélides, porque naquela noite infundiram perpétuo sono nos inocentes primos, e incautos esposos; só Hipermnestre leal, e extremosa para com seu primo Linceu, obrigada do amor, e da razão, lhe segurou a vida, avisando-o do perigo, e pedindo que se pusesse em salvo, e a deixasse: sim condescendeu ardilosa com a ordem do Rei, mas não insistiu Hervina na traição; porque não matou, antes protegeu a vida do adorado, e feliz consorte, e desta simulação, desta astúcia, dêste ardil, diz Horácio,

(39) *Pe. BEN. PEREIRA, elucid., lib. 1, elucid. 7, sect. 1, n.º 113.*

(40) *Ord. in 5, tt. 35, in princ.*

(41) *STAT., Thebaid., 7.*

que fôra a mais celebrada, Hipermnestre nos anais da fama, e por esta sua fineza, exemplar, sem dúvida, da fidelidade maior.

Splendide mendax, et in omne Virgo nobilis aeuum (42).

Comenta Minélio; *Laudabiliter gloriosem et decentes cui sciliceter pollicita se sponsum suum trucidaturum non praestitit: honestum autem est pro iustitia mentiri* (43).

Dom Duarte da Costa defendia uma guerra justa porque procurava a condigna satisfação da rebeldia dos Índios bárbaros Tapuias, e Tupinambás; com o estratagema que fingiu alcançou a vitória, e protegeu as vidas dos Portuguezes, que com eminente perigo recebavam a nova guerra, que tão petulantes nos ameaçam, aquêles bárbaros a necessidade não podia ser maior, e assim muito importante era que usasse o nosso General daquele seu ardil; do que se conclui, que decoroso e lícito fôra, que usasse Dom Duarte da Costa do sobredito estratagema: assim o entendemos, e assim o seguimos, por mais verdadeira esta parte afirmativa sem que obstem as razões, que deixamos ponderadas no § 1.º desta nossa dissertação.

§ 3.º

Porque se lhes responde na minha censura com notória facilidade. Enquanto a primeira negamos que só seja decente, e lícito o que é glorioso; porque são entre si muito distantes êstes elogios; decente, Senhores, é aquilo que não encontra alguma razão natural; lícito é tudo o que não se acha proibido por alguma Lei: glorioso ainda diz mais; porque significa uma excelência, uma prestância, uma grandeza tal, que importa o sumo grau, e o mais a que pode chegar o saber, ou o valor: mais glorioso sim será vencer o inimigo, cantar a vitória corpo a corpo, armas por armas, braço a braço (44).

Nulla est victoria maior quam quae confessos animos quoque, subiugat hostes (45): mas dado, que não seja tão glorioso vencer por astúcia o inimigo, não deixa porém de ser lícito, e decente a qualquer valeroso capitão triunfar por ardil, e dolo bom.

Ex in uirtuti placuit dolus (46)

-
- (42) HORAC., *Carmin.*, lib. 3, ode 11.
 (43) MILL., *aut. MINEL.*, *ibidem*.
 (44) AUG. GROT., *d. cap. 1*, § 20.
 (45) CLAUDIAN.
 (46) SIL., *in reb. Fab. Maxim.*

Lembra-me agora aquela mais eficaz oração com que persuadia valente [chorebo] os famosos Rifeus Dimas; e a tôda a juventude Troiana, dizendo-lhes, que se vestissem dos despojos gregos; para assim triunfarem melhor dois inimigos ardilosos; porque alcançada a vitória ninguém ao depois havia de perguntar se a ação fôra de dolo, ou de valor.

**Mutemus Clypeos, Danaunque insignia nobis
aptomus: dolus, an uirtus, quis in hoste requirat (47).**

Mais claramente se confirma esta verdadeira resposta, com a sentença de Tucídides, falando pela bôca do Capitão Brasida; **Furta haec belli, honestissimam habent gloriam, ubi quis de cepto praecipue hoste amicis maxime proficiat (48).**

Também não obsta a segunda razão, porque na guerra justa, não é o dolo mau enganar o inimigo com estratagemas: nem todo o dolo é repreensível (49); porque há dolo mau, e há dolo bom, dolo mau é a falácia, a maquinação, com que se engana ao próximo perversamente, o dolo bom, é o engano consentâneo, a razão com que pode cada um licitamente defender a sua causa, a sua fazenda, a sua vida; assim se pode enganar licitamente ao ladrão, ao inimigo; ao contendor injusto: São Paulo disse aos de Corinto, que os tinha enganado muitas vêzes, como astuto; cum essem astutus dolo uos caepi. Salomão com ser Rei sábio, também se valeu do arдил quando ordenou às meretrizes que se dividisse o infante: logo já temos dolo, que é bom, dolo que é lícito, dolo que é decoroso (50).

Donde vem que em usar Dom Duarte da Costa do arдил, estratagemas, que temos referido; não obrou mal, não fêz a menor injúria aos nossos inimigos; obrou bem, porque usou do direito, que lhe competia; e quem usa do direito que lhe é permitido a ninguém faz injúria, a ninguém faz ofensa; e assim é certo, que o nosso prudente Capitão no estratagemas com que procedera, obrara muito bem, e mais que bem, porque lhe sucedeu melhor e o mais bem, que podia desejar. Ouçamos ao mesmo Padre Bento Pereira **Dolus bonus est, quando quis aduersus Latronem, uel inimicum machinatur; multo fortius in hostem publicum. O Padre Molina. Eodem genere utuntur saepe duces in bello iusto multa simulando quibus decipiunt, ac capiunt hostes (51).**

(47) VIRG., *Aeneid.*, lib. 2, v. 382.

(48) THUCID., d. bell. Pelop., lib. 5, apud LAUR., d. in not. ad. VIRGIL., d. lib. 2, v. 390.

(49) CAP. QUARITOR 23, q.º 8, lib. 1, ff. d. dolo.

(50) D. PAUL., 2 ad. Corinth., v. 12, salam. reg. lib. 3, cap. 3.

(51) P. BENT. P., *elucid.*, lib. 2, *elucid.* 4, sect. 3, n.º 659, P. MOLINA, *de iust. et iur.*, tom. 2, tract. 2, *disq.* 293, n.º 1.

Não obsta finalmente a terceira razão, porque demos, que os Tapuias não obraram bem, por fugirem, e deixarem sós os Tupinambás, mas fizeram mal, e muito mal; porque fizeram mal a si, e mal aos seus coligados; mal a si, porque fugiram, mal aos Tupinambás, porque os deixaram sós: contudo no caso presente, e outros semelhantes não pode fazer dúvida a autoridade de Santo Agostinho com a resolução dos mais Teólogos, enquanto ensinam, que não procede bem, e que peca aquêle que influi, e dá causa de alguma sorte para que outrem peque, e proceda mal: porque estas doutrinas militam em casos muito diferentes: sim pecam, e procedem mal os concausas do pecado quando concorrem, ou primária e positivamente, ou negativa, privativamente no direito da ação; o que se pode verificar em diversos casos que reduzem os Teólogos às cláusulas daqueles bem sabidos versos.

**Iussio, consilium consensus, palpo recursus
participans, mutus, non obstans, non manifestans (52).**

Isto contudo se entende quando os concausas são ocasião final impulsiva, ou próxima do pecado: quando porém são concausas de fato insuficiente accidental ou remotamente, isto é, quando sòmente dão ocasião ainda **subdistinguintes**; porque ou a ocasião próxima, ou remota, e meramente passiva se é ativa, e no que obro, procedo mal dando ocasião, a que outrem peque; e não obre bem nesta hipótese (53), é sem dúvida; que peço e obro mal; mas se a ocasião é sòmente passiva, e no que obro procedo bem; e o outro por sua malícia obra mal, neste caso não peço; e é lícito o que obro, porque uso do direito, que me compete, e o outro se pecou, foi acidentalmente por malícia sua e não por ativa, e próxima influência minha.

Sirvam de exemplos o espadeiro, e o boticário: que venderem a espada, ou o veneno indeterminadamente; com que Pedro matou a Paulo: ainda que êstes artífices de fato remoto, foram ocasião da morte de Paulo; contudo, como tem por officios venderem os tais misteres, para atos indifferentes; a saber; o espadeiro vende espada para adorno, e compostura dos homens, e também para defesa de suas vidas, honras, e fazendas; o boticário vende rosalgar, e outros venenos a pessoas conhecidas, e a outros officiaes para as suas occupações, e de que não se presume que usaram mal dos tais venenos; mas que os comprem para medi-

(52) LESS., de iust. est iur., lb 2, cap. 13, dubit 1, in princ. 2, n.º 62.

(53) CUM SYLVESTRE. DIV. TOM., Pe. BENED. P.ra, d. lb. 2, elucid. 2, sect. 5, n.º 598, et 599, LESS, et iust. et iur., cap. 13, dubit. 3, n.º 31.

cinas, e outros empregos necessários e para bem da vida humana: nestas ações é certo que não delinqüem, nem pecam os ditos artífices; porque sem concurso seu primário, ou positivo; matou Pedro a Paulo com a espada ou o veneno que lhe venderam (54).

Outro exemplo não menos comum; recebe Francisco dinheiro a juro de Antônio usurário; é certo que Francisco dá ocasião a Antônio, para que obre mal, na usura do prêmio pecaminoso, que [paciona] e ao depois lucra Francisco porém não peca, nem obra mal; porque a sua intenção primária é somente remediar a sua necessidade, remir o seu crédito evitar a execução, intrometer-se no negócio para que toma o dinheiro a juro: Antônio é sim o que peca, e não obra bem pela sua malícia pela usura com que procede, porquanto podia muito bem emprestar o dinheiro a Francisco, ou graciosamente, ou com juros legais, e prêmio cômpruo, segundo o direito, e a boa razão permitem, e não com excessivos lucros, usuras rigorosas ou paleadas.

Da mesma sorte o nosso Governador fingiu o ardil de que tratava capitulações, com os Tupinambás, este ato era lícito, e era-lhe permitido pelo direito da guerra; em que é lícito, e usual o estratagemas; não mentia Dom Duarte da Costa dissimulava a verdade usando de anfibologia; realmente não tratava só capitulações com os Tupinambás, mas com aquêlê ardil diligenciava, que os Índios capitulassem com as nossas armas pedindo-nos a paz, e ajustando-nos a capitulação; restringindo Dom Duarte da Costa o seu entendimento, a esta parte não mentia dissimulava ou encobria a verdade, o que não lhe era proibido se os Tapuias inconfederados, por ignorância, fraqueza, ou malícia sua; sem maior averiguação da verdade deram crédito ao seu engano, e fugiram faltando à confidência, e fidelidade aos Tupinambás; sim obraram mal; mas imputem-no a si; porque isto foi malícia e crassa ignorância sua; para que Dom Duarte da Costa, não concorreu positiva, ou próximamente, concorreu quando muito remota insuficiente passiva, e acidentalmente, e em tal caso procedeu bem; porque lhe era lícito diligenciar, no que fingiu o seu partido melhor, e por isso fica sendo indubitável que foi lícito e decoroso ao nosso Governador Cristão usar de tão utilíssimo estratagemas de que resultou a conveniência a nossa conquista do Brasil de cantar tão célebre triunfo como eternamente elogiara a memória, constituindo imortais os Portuguezes desta nova Lusitânia pelo bem considerado troféu, que soube conseguir Dom Duarte da Costa dos índios Tapuias, e Tupinambás.

(54) ORD., in 5, tt.º 82, in princ. et § 1.

DISSERTAÇÃO DÉCIMA

De um maravilhoso caso, e apótema célebre devidamente ponderado nas histórias do Brasil.

Reconheço que as obrigações de Lente são muito diversas dos requisitos de orador; hoje contudo a gravidade da matéria me precisa eficazmente a que revestindo-me nas obrigações de orador, não me dispa de todos os requisitos de Lente: todos sabeis Senhores, que é obrigação do bom orador observar o tempo, o lugar, e o auditório a que pretende persuadir. E refletindo hoje com muita razão no auditório no lugar, e no tempo em que hei de ler; entendo que é obrigação da minha incumbência, sem faltar ao instituto das nossas Dissertações conformar-me com o lugar, com o tempo, e auditório, em que precisamente devo discorrer, o instituto das nossas dissertações é sem dúvida despertarmos politicamente sôbre a história do Brasil; o auditório a que leio, é esta execução academia dos Esquecidos, em que se acha presente, como soberano protetor dela, o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei dêste Estado, cuja pessoa e saúde nos guarde Deus para amparo de seus acadêmicos, e muito particularmente dos que nobilita a sua grandeza com a feliz honra de criados seus.

O lugar é êste esclarecido palácio, que se igualou o do Sol na magnificência da estrutura, sem hesitância o excede nos resplendores do Príncipe que o ilustra, sublima, e preside majestosamente.

*Regia solis erat sublimibus alta Columnis,
ac tamen inferior regia solis erat*

O tempo, é êste mais que venturoso, em que presentemente vemos restituído à sua perfeita saúde o Excelentíssimo Senhor Viso-Rei depois que o vimos enfêrmo, e tantas vêzes sangrado por causa de um difluxo, que os dias pretêritos o deteve na cama com bem merecido susto de tôda esta sua amantíssima cidade, e se como dizíamos a obrigação do orador é conformar-se cuidadosamente com o lugar, com o tempo, e com o auditório, ainda que

reconhecemos, que não é bom orador o segundo lente desta conferência sem faltarmos ao instituto das dissertações, faremos quanto possamos, por nos adstringirmos politicamente as qualidades do auditório, a soberania do lugar, a obrigação do tempo, em que havemos de ler.

Para o que procurando ansiosamente na história do Brasil alguma notícia de que pudéssemos formar argumento para o discurso, com as circunstâncias referidas achamos senão em tudo igual congruente contudo em alguma proporção a condigna memória que relata o Padre Simão de Vasconcelos no livro primeiro da Crônica da Companhia, que servirá de saudável desempenho ao discurso da presente dissertação (1).

Diz pois o elegantissimo Padre que achando-se doente neste Colégio da Bahia o Padre Vicente Roiz lhe dissera o religioso Varão ilustre o Muito Reverendo Padre Manoel da Nóbrega, Padre Vicente a doutrina das almas tem necessidade de vós; pelo que em virtude da santa obediência lançai fora essa doença e ide acudir ao próximo. Maravilha prodigiosa pois refere o nosso historiador que no mesmo tempo se restituíra o Padre Vicente Roiz a sua saúde e com fôrças perfeitas fôra logo ajudar aos mais companheiros, e com grande fruto das almas se empregara ardentissimo zelador do bem do próximo no serviço de Deus.

Desta notícia, ou desta maravilha que parece miraculosa, tão sòmente nos aproveitaremos para o discurso do admirável apótema; enquanto nos persuade, que necessitando bem comum da saúde de algum particular deve êste com todo o cuidado fazer tôda a boa diligência por se livrar de enfermidades, para com inteira saúde acudir, amparar, e proteger a pública do bem comum: e desta máxima inferimos também politicamente, que se qualquer pessoa particular deve fazer todo o possível por não perder a saúde de que necessita o bem comum com muita mais razão devem cuidar os Príncipes na sua disposição perfeita por não arriscarem a da República que tanto depende da vigorosa saúde dos Monarcas, que o governam: como adverte o Padre Marques no seu Governador Cristiano. (2)

§ Único

É a saúde um grande bem da felicidade humana, e melhor se conhece depois que se perde; a boa disposição na posse de perfeita, poucos a estimam; depois de perdida, nos acidentes do mal, todos a desejam bem: é tão grande a felicidade da boa

(1) Pe. VASC., *lb. 1, da Cron. da Comp.*, n.º 23.

(2) Pe. MARQUES, *Govern. Cristian.*, *lb. 2, cap. 32, pag. mihi 215.*

saúde, que muito filósofos com êrro gentilico reconheciam por sumo bem a incolumidade. Erravam como cegos porque faltos da luz da verdadeira fé discorriam pela genérica razão do bem de que pode participar o mal de baixo de alguma noção de **commodo** ou por algum respeito ou por outra alguma falsa estimação: sem saúde dizia Licínio que ninguém podia ser bem-aventurado; que importa ao rico, que vale ao mancebo, ter fôrças, e ter riquezas; se não tiver saúde com que as logre, com que as exercite? que importa ao sábio; que vale ao Rei; o seu entendimento, o seu Império, se não tiver saúde com que o exercite, com que o aumente? É a doença o mais agro do gôsto; porque tudo dissaboreia uma enfermidade pelo contrário é tão doce, e suave a saúde que sendo tão inconstante o coração humano que em nada tem permanência pois de tudo se desagrade brevemente; da saúde porém nunca se enfastia, porque sempre a deseja ter maior e a mais perfeita.

Três espécies de saúde distingue justamente a minha consideração; saúde natural; saúde política, saúde Teológica, saúde natural, é a boa disposição do composto humano; saúde política, é a harmoniosa tranqüillidade do bem comum; a que chamamos saúde pública, isto é o sossêgo, e harmonia dos povos; Teológica, se pode considerar em duas acepções com respeito à diversidade dos tempos; porque nesta vida, a saúde Teológica é a graça de Deus, e na outra vida é a bem-aventurança na soberana fruição da Glória sempre eterna: esta última espécie de saúde, transcendente por grandíloqua a limitada esfera da minha rudez, e assim fique reservada tão alta proposição para engenhos do maior talento porque só trataremos da primeira, e segunda espécie, não distinta, e ordenadamente, mas como se oferecer ao discurso para prova do nosso argumento.

A melhor ambrosia, o mais doce néctar do gôsto humano é a boa disposição natural do Microcosmo que falta ao pobre quando tem saúde? E se o rico não tem de que lhe aproveita a abundância que desperdiça e de que não se logra? A saúde não é aquêlê bem que idolatravam os Pitagóricos, mas, é a maior felicidade de todos os bens temporais: sem boa disposição, sem saúde perfeita, as honras do século são luzes do Sol eclipsado; as riquezas são importunas, os divertimentos são pesares, os banquetes são insultos as representações melancólicas e são tudo dores os passatempos; altera a enfermidade o equilíbrio dos humores; perturba-se a vista, dissona a música, enfraquece o cheiro, o tato se perde, e até no gôsto encontra o homem enfermo uma notável displicência: assim como na bonança do mar se conservam, e produzem melhor os partos dos Alcões; assim

também disse um discreto que no sossêgo da saúde consistia dos homens a maior tranqüilidade.

Idólatras houve no mundo que erigiram altar à boa disposição, no monte Guirinal, adoraram os Romanos a estátua da saúde, coroada de ervas medicinais, tôda coberta dos cabelos, que em seu obséquio cortavam, e lhe ofereciam as mulheres, em suas enfermidades, e tinha uma serpente na mão direita. Tomaram esta imagem de outra sua semelhante, com que os antigos reverenciavam a saúde; pintando uma formosa mulher rêgiamente vestida sentada num trono com uma taça na mão junto de uma ara, em que estava desde o pé revoluta uma serpente e erigia a cabeça para ver o fogo.

Não reparo na figura da mulher, reparo sim no figurado da serpente: e suposto que não ignoro que na serpente simbolizavam os antigos a saúde aludindo à propriedade; com que a cobra despojando-se da pele antiga, se reveste todos os anos com a vistosa pintura de nova gala, dando assim a entender discretamente os antigos, que bem como a cobra, os enfermos recuperam saúde despindo-se tôda a moléstia da doença; e mostram que se revestem com a galhardia de novas fôrças, de nova formosura; por isso discreta a antiqüidade simbolizou a saúde na serpente, como advertiu Cartário (3), e refere mais profundo Piério Valeriano. Agora contudo discorrendo para o nosso intento, ainda acho na serpente uma propriedade recôndita, que parece prova plenamente o nosso discurso.

Porque se repararmos, Senhores, nas humanas, e divinas Letras, observaremos, que a serpente sendo emprêsa da saúde também é hieroglífico do Príncipe, e símbolo da prudência. Picineli (4) a pintou retratando a serpente, na figura de um círculo em que prendia a cauda com a bôca; para assim nos dar a conhecer, que o Príncipe prudente deve considerar os sucessos passados, para que melhor advertido os ate de sorte, que acautelando-se para os futuros, não se reconheça novidade alguma entre o fim, e o exórdio das suas ações êste símbolo deduziu Picineli do pensamento de Claudiano.

Caudamque reducto

ore uorat tacito relegens exordia lapsu (5)

(3) CARTHAR., d. imag. Deor. Imag., 13; PIER VALER., de Aegipt. Hierogl., lb. 16, pag. 118.

(4) PICINEL., mund. simb., lb. 7, cap. 8, n.º 85.

(5) CLAUD., lb 2, ad Stillicon.

O que se prova com mais verdade e melhor clareza do Evangelho de São Mateus (6) — **Estot ergo prudentes sicut serpentes.** O grande Doutor São Jerônimo escrevendo sobre este lugar, advertiu uma especial propriedade da serpente; e vem a ser; que enroscando o corpo, em multiplicadas voltas, dentro nestas esconde, e defende a cabeça astuciosamente, porque conhece que ali conserva mais superiores os espíritos vitais: **serpentis astutia ponitur in exemplum quia toto corpore occultat caput, ut illud in quod uita est protegat** (7). E daqui discorrendo o mesmo Picineli assevera que o Príncipe deve ser como a serpente; pois cabeça, e vida dos súditos deve guardar-se e ressalvar-se assim; para guardar, acudir, e proteger incólumes aos seus subalternos: para maior expressão da profundidade da máxima, escreveu o douto político (8), a serpente esta letra: **Tutus in capite laesus.**

São os súditos partes integrantes do Reino; são os vassallos partes heterogêneas do Príncipe porque o Monarca é a cabeça do Império, e são os subalternos inferiores membros da república: Quando a cabeça se lastima, todo o mais corpo enfêrma para que não se queixem o corpo da Monarquia, deve o Rei cuidar muito na saúde própria como cabeça do bem comum.

Falava o Imperador Tibério, com seus filhos, e dizia-lhes; sabereis filhos meus que se nascestes para meus filhos, jurados Príncipes do meu Reino; por isso mesmo ficai advertidos que nascestes com tal obrigação, com tal superioridade que os vossos bens, e os males vossos, os vossos aumentos, os vossos infortúnios, as melhorias, as vossas enfermidades, não serão somente enfermidade vossas, vossas melhorias, vossos infortúnios, vossos aumentos, males vossos, ou bens, particularmente, mas também em comum serão bens, ou males da república, aumentos, ou infortúnios da Monarquia; melhoras ou enfermidades dos vossos vassallos, dos súditos, dos vossos subalternos. **Ita nati est.** São palavras do Tácito, **ut bona, malaque uestra ad rempublicam pertineant** (9).

Vejam agora bem os Príncipes, os Senhores, os Reis, os Monarcas, a quem Deus Senhor nosso constituiu prudentes cabeças dos Impérios vigilantes, e superiores serpentes das Monarquias; o quanto devem cuidar na saúde pública e muito particularmente na própria disposição: a ser a Serpente é hieroglífico do Príncipe; e também é imagem da saúde; da do Príncipe depende a boa disposição do bem comum: o Sol eclipsado, não goza todo o

(6) D. MAT., cap. 10, vers. 16.

(7) D. HIERONIM., *ibidem*.

(8) PICINEL., d. lb. 7, cap. 8, n.º 91.

(9) TACIT., *annat.*, cap. 8.

mundo dos seus luzimentos; se o Sol parara, padecera o Orbe todo a maior perturbação. Na esfera da República é o Príncipe Sol das direções, os Monarcas não nascem para si sós, mas resplandecem como Sol para tudo iguais, e sempre benignos, para todos.

Non sibi, sed toti genitus, sed credere mundo (10). Este apótema de Lucano justo seria que troxessem impresso os Príncipes na memória: Platão asseverava na sua República que os Reis foram eleitos pelos súditos; não para que os Monarcas tivessem só cuidado de si mesmos, no próprio descanso, mas sim para que cuidassem muito mais no sossêgo, e na boa vida dos vassallos que os elegeram para a sua proteção.

Isto porém se deve entender, e praticar melhor com algum aditamento; por dado que alguns políticos, ajuizaram discretos, que devia ser o bom Príncipe como o Pelicano, que a dispêndios da própria vida, a perde gostoso para dá-la a seus filhos.

**Sanguine uiuificat Pelicanus pignora sic Rex
pro populo est uitae prodigus ipse suae (11).**

Eu contudo antes dissera que o Príncipe deve luzir e desvelar-se como Tocha porque esta sim arde pròdigamente para os mais, mas nem por isso deixa de resplandecer para si: foi pensamento de Solorzano.

**Esto tibi atque aliis lucens ardensque lucerna
Rex aliis lucens ardeat illa tibi (12).**

O excessivo sono é doença gravíssima, o desvêlo com moderação, é officioso: se o Príncipe se desvelar de dia e de noite perderá brevemente a saúde, a vigilância com interpolação é mais proficua; nas suas Leis escrevia Platão aos Príncipes, que não se entregassem de todo ao descanso; porque na verdade a vida sedentária, é perigosa, Rio sem curso não fertiliza o campo; Fonte suspensa não é celebrada, chama-se prata viva, o chumbo, que anda; a prata sem uso faz-se negra; alma que não discorre, não tem entendimento; exêrcito sem emprêgo, é multidão, que serve de embaraço, os antigos para aumentarem as fôrças, até lutavam

(10) LUCAN., m. Pharsal.

(11) CAMERAR., emblem. 37, cent. 3.

(12) SOLORZ., politic. emblem. 12.

com sacos de Terra; corpo imóvel é estátua muda. A estátua, como não se move, é vulto de pedra; estátuas e não homens seriam os Príncipes que sòmente afixos no trono; não se occupassem em algum exercício, é a vida dos Reis um trabalho contínuo um estudo perpétuo, e pouco delectável certamente.

Platão porém que tanto persuadia os Monarcas ao exercício, logo os advertiu, que se desvelassem sem perigo da saúde a moderada proporção do alívio é nutrimento para o estudo; sem o manjar do descanso, não se empregaria bem o calor natural para o govêrno; retirar-se com interpolação no desvêlo, é retirar a corda para expedir do arco mais impetuosa a frecha da occupação: nem sempre os Reis se podem entregar contínuos ao emprêgo do mando; também se louva por benefício público, haver nos Palácios algum divertimento. Da continuação do trabalho, dizia o Sêneca (13), que nascia muitas vêzes a debilidade dos ânimos; para tornar mais vigoroso (sic) a boa expedição dos negócios; necessidade é em algumas ocasiões, desocupar-se o Príncipe do maior expediente; porque o moderado sossêgo aumenta as fôrças, ressuscita o ânimo, vence o maior empenho, e suaviza tolerável qualquer occupação: o descanso tem grande analogia com o estudo; também os alívios a seu tempo, podem ser oportunidades.

Uires instillat

alitique tempestiua quies, post otia uirtus (14)

Já dissemos que da saúde do Príncipe dependia a boa disposição da República, devem os Monarcas estudarem muito para as felicidades dos súditos, para que gozem os subalternos um sossêgo tranqüilo, devem cuidar muito os Reis no descanso próprio: o mesmo Platão (15) comparou os Monarcas aos Médicos; conveniência que depois percebeu melhor o mundo, experimentando que pusera Deus nosso Senhor virtude curativa em alguns Reis: muitos houve que só pelo contacto davam saúde nas doenças corpóreas como figuras das enfermidades do ânimo; mais perniciosas pela corrupção dos costumes.

Assim o lemos de Alexandre Magno, de Otávio Augusto, de Pirro, Rei dos Epirotas, e dos Imperadores Vespasiano e Adriano, como referem Estêvão Torquato, Diogo Valdes, André Lourenço, Felipe Camerário, Alexandre de Alexandre e muitos outros autores, o Padre Martin del-Río segue que se estes príncipes cura-

(13) SEOEC., d. tranq. Lit. uigt., cap. 15.

(14) STAT., in Sylo.

(15) PLATÃO, d. Regin.

vam seria sòmente com pacto mágico porque eram Gentios: Passando porém nós agora aos Monarcas Católicos, todos sabem que os Cristianíssimos Reis de França, de Aragão, de Inglaterra, têm virtude de sarar os enfermos de escrófulas ou de alpóreas, como vulgarmente se dizem, alguns Autores escrevem, que os condes de Haspurg tinham a mesma virtude. Carlos Tápia, Casâneo, Camilo Borrelo, e outros muitos que cita, e segue Solorzano, asseveram, que os Reis de Espanha têm virtude de expelirem o Demônio dos corpos obcessos, ou possessos de espinhos infernais (16).

Se pois nos Príncipes é tão decorosa a virtude curativa e devem os Reis cuidar tanto na saúde da República que o Imperador Domiciano erigiu um templo à saúde com esta inscrição **saluti Augusti**. Alciato para explicar a saúde pública, pintou uma ara, que estavam adorando vários homens, e junto dela uma serpente que erigindo a cabeça a super-elevava ao mesmo fogo; com êste lema **salus publica** não me dilato na exposição dêste emblema, porque a podem ler melhor os curiosos em Cláudio Minois, onde acumula outras muitas emprêsas, [pólogos], moedas, símbolos, e medalhas com que os Príncipes e Autores, engrandeceram a necessidade da saúde pública, e os interêsses que lhe resultam da boa disposição dos Reis.

Logo bem se mostra, que os Príncipes, e os superiores das Repúblicas devem prudencialmente empregarem-se na conservação da sua saúde; pois se o Rei é semelhante ao Médico, como cuidará das enfermidades da república, se não estudar primeiro em conservar a sua disposição. Quem não procura remédio para os achaques próprios como bem diligenciar o alívio às doenças estranhas? **Medice curate ipsum**. Tanto depende da saúde do Rei, a melhor valentia do bem comum que em preces de tão grande bem costuma-se nas Igrejas de França, diz o Padre Dom Rafael Blutreau, rematarem-se os officios divinos com as palavras dos Salmistas repetidas três vêzes: **Domine saluum fac regem et exaudi nos indic in qua inuocauerimus te** (17).

Político houve já no mundo, que afirmou ao seu Príncipe, que a arte de governar bem consistia no modo de saber gover-

(16) TORCAT., d. Gall. Imper. et Philos., lib. 1, pág. 125; VALD., dignit. Reg. Hisp., cap. 16; ANDRÉ LAURENT, tract. de curat. STRUUM., Camer. 3, subcess., cap. 42; ALEX. AB ALEX., Genial, lib. 4, cap. 26; CELL. RODIGN., lib. 11, cap. 13; Padre DEL-RIO, disquisit. Magic., lib. 1, cap. 3, qe. 4, v. denique Tap. in rubric., ff. de contit. Princ., cap. 1, n.º 3; CAS. SAN., in Cathal. glor. mundi, pe. 3, consider. 1, v. prouisum; CAMIL. BORRIL., tract. de praestans. Reg. Cathal., cap. 55, n. 2; SOLORZ., d. iur. Ind., tomo 1, lib 2, cap. 25, an. 30, ALCIAT., emblem. 149, MINOIS ad ALCIAT d. embl. 149.

(17) D. LUC., Evang., cap. 4, v. 23, ub. P. ESTELL. P. BLUTREAU, Vocab. Portug., tomo 8, Lit. 8, uerbi saude, Psalm. 19, v. fin.

nar; eu digo agora, que a arte de passar bem consiste no modo com que deve saber o Príncipe tratar da sua disposição. Pitágoras (18) dizia, que não se desprezasse a saúde, e acrescentava que se devia ter modo no alimento, no poto, e no exercício, e porque não ficasse a nossa consideração o conhecimento dêste tal modo continuou a sua explicação o mesmo Filósofo. **Modo uoco quantum nihil molestia tibi sit exhibiturum.** O melhor modo para conservar a saúde diz Avicena, que é abstermos de tudo quanto nos possa [ocasionar] moléstia; parece aforismo Italiano. **Non pigliare fastigio di nienti,** mas não falo neste sentido agudamente criticado por Dom Lourenço Graciano (19) porque o Príncipe não pode viver sem cuidados, e sem moléstias no ânimo: a coroa do Rei pela parte superior consta de Raios, ou de [acúleos], como refletiu SAVEDRA (20), dizendo que êstes estímulos, mais eram uma super eminente venda, que confortava, e cingia as frentes do Rei do que lhe designavam a grandeza e prediziam a majestade; não tem o diadema pérola, que não seja suor, não tem rubi que não seja sangue, não tem diamante que não seja agudo espinho, que penetra a cabeça e coração do Príncipe, a sereníssima Senhora Isabel, Rainha de Inglaterra mandou que a retratassem ornada da coroa, e cetro; mas posta em pé, sôbre uma coluna, com esta inscrição **Stano riposo, e reposato affanno** (21); e para mostrar Solorzano, que o diadema do Rei, mais era carga, do que cargo; mais ônus do que honor; a Coroa régia lhe subscreveu esta epígrafe prodigiosamente. **Munus iuersa docebit** (22).

O que suposto, o que digo vem a ser, que é grande remédio para restaurar a saúde não querer o Príncipe arriscá-la.

Pars sanitatis uelle sanari fuit (23).

De Sócrates relata Xenofonte (24), que não desprezava a saúde natural, mas que repreendia muito o excessivo trabalho: o desvêlo, que aceita o ânimo da boa vontade; é sòmente o honesto, deleitável, e útil; o despacho dos Príncipes sim é necessário, mas com excesso pode ser prejudicial; o desvêlo no mando não deve ser sôbre o possível, contra a saúde humana numerou

-
- (18) PITHAG., apud Stob. Serm. 99, in princ.
 (19) LOUR. GRACIAN., Critic. 3, pe. Cris. 8, pág. 384.
 (20) SAVEDR., **Idea politic.**, empres. 20.
 (21) OCTAVI., **Strad. in Simbol. Reg.**
 (22) SOLORZ., **politic. emblem.**, 15.
 (23) SENECA., **Traged. Hip. politic.**, act. 1, v. 248.
 (24) XENOF., apud. STOB., d. Serm. 99.

(Galeno (25) muitos achaques; cento e quinze diz que podem ofender-nos os olhos. Santo Agostinho (26) considerou, que fôssemos de vidro, quiçá conservássemos disposição melhor: parece paradoxo; mais foi reflexo de um tão grande entendimento: o vidro encerrado, ou movido com precaução pode conservar-se inteiro por muitos séculos, para que não se quebre a saúde, a melhor cautela é ter cuidado na disposição; vexar a natureza é precipitar a vida à cova da sepultura.

Do Leão Rei dos brutos, e também hieroglífico dos Príncipes incansáveis, dizem os naturais, que nasce e dorme com olhos abertos; e por isso sem dúvida o reverenciavam os Egípcios, por emblema da vigilância (27). Lucarino o descreveu com estas Letras: *Et in ortu conspicit nec in somno qui es* (28). Mas reparo, que a natureza, que dotou o Leão com um desvêlo contínuo, também o submeteu ao ardor de uma febre quartã; assim o refere Piério Valeriano nos seus *Hieroglíficos*, que até nos irracionais a vigilância nímia, ocasiona achaques à maior fortaleza: porém ainda reparo mais, e vem a ser, que nos asseveram muitos Autores e o mesmo Piério (29), que o melhor Alexefármaco para a febre do Leão, é opábulo da símia a que chamamos Mico, vulgarmente donde provém, que querendo João Ferro simbolizar a saudável ciência da Medicina pintou um Leão devorando e comendo um Mico, com êste Lema. *Morbis depellitur esca* (30). E inquirindo agora o motivo, porque a símia pábulo do Leão, lhe ministra saúde? A que lhe descubra digo a que discoro, [fartamente] para o nosso intento; porquanto uma das propriedades do Mico é ser apólogo do desenfado, e do passatempo; razão porque Picinelli o debuxou com esta Letra: *risui, et non usui* (31).

O que assim prenotado, discorrendo agora com sentido alegórico, do que succede ao Rei dos brutos para o Príncipe dos homens; se o Monarca quiser ocupar-se vigilantíssimo no despacho assistindo com excesso na incumbência do Império; oh que lhe temo um prejuízo na saúde! Ó que se expõem as incomodidades de uma febre e para que assim não suceda, o melhor remédio é imitar o régio Leão dos homens ao Príncipe dos montes; e pois que o Leão tanto representa ao Monarca, na re-

(25) GALLEN., *introduc.*, cap. 15.

(26) D. AGOST., *Serm. 1, d. Uerb Domin.*

(27) PIER. VALER., *d. Aegipt. Hierogl.*, lib. 1, pág. 3.

(28) LUCARIN., *apud PICINEL., mundi simbol.*, lib. 5, cap. 26, n.º 451 et n.º 454.

(29) PIER. VALER., *d. lib. 1*, pág. 8.

(30) PICINEL., *d. lib. 5*, cap. 26, n.º 463.

(31) *idem*, PICINEL., *d. lib. 5*, cap. 46, n.º 635.

galia da Majestade e na doença da vigilância, imitem os soberanos Príncipes ao Rei das feras, que para recuperar a saúde perdida, o seu maior remédio, é interpolar os cuidados, e fazer também gôsto de algum tal, ou qual divertimento; para fugir às moléstias de uma enfermidade não se ocupe contínuo no desvêlo do mando sempre o Príncipe.

É o Sol Monarca, e o supremo Príncipe das estrêlas, e todos sabem, que é o Sol o melhor hieroglífico de um Rei; pois assim como na esfera da república, é o Príncipe o luminar maior do Império, assim também na república da esfera é o Sol Monarca singular do firmamento, do Sol nos ensina a Sagrada Escritura que traduz a saúde nas asas estas se compõem de penas, e são símbolo da atividade, e dos cuidados temporais. Agora perguntado, e porque trará o Sol a saúde nas asas. **Ex sanitas in pennis eius?** (32) Muitas são as razões que ponderam os Intérpretes Sagrados neste lugar; a que discorro para o nosso intento, é porque o Sol interpõe nos cuidados do dia algum sossêgo, parece que descansa o Sol no espaço da noite; pois amanhece benigno nos braços da madrugada, e porisso é também símbolo da mediocridade no zênite o pintou Picinelli com esta epígrafe. **Contentus medio** (33) tomou a emprêsa de Claudiano (34).

...Limite Phaebus

Contentus medio, contentus Litore pontus. E o Sol Príncipe ou o Príncipe Sol que tem tantos cuidados, que é tão ativo nas suas ocupações não é nímio na presidência do dia natural, não é imoderado na sua vigilância! Lá tem horas de sossêgo, lá reparte o tempo, lá mostra que tem descanso, contenta-se com uma racionável mediania, **contentus medio?** Pois seja sim êste Sol da República, êste Príncipe da esfera; o Rei do Império, e o maior Monarca do hemisfério celeste: mas saiba o mundo todo que se no espaço da noite, interpola o Governo do dia, e descansa no exercício dos resplendores, nas rédeas que larga, e nas penas que suspende, ali mostra melhor que faz assaz da saúde, para a repartir ao Universo, com perfeita, e em tudo boa disposição — os Mitológicos que adoravam ao Sol, por Monarca dos astros; também lhe atribuïam o Cetro da Medicina o mesmo Apolo que é Rei das luzes; também era supremo Príncipe dos medicamentos,

(32) MALACH., cap. 4, v. 2; PIER. VALER., **Hierogliph. lib. 58, de Filici.**

(33) PICINELLI, lib. 1, cap. 6, n.º 178.

(34) CLAUD., 4, cons. **Honoriis.**

e já vêdes Senhores, que quem preside, como Sol, no trono do mundo, também deve, como Rei, e prudente Apolo ter saúde para dar e para repartir.

Larga Capillis cernis Apollinem
 Vnda matantem Gramina dulcia
 funduntur: affert haec ruina
 gentibus in numeris salutem.

É que dirá agora a minha veneração vendo ao Excelentíssimo Senhor Viso-Rei dêste Estado, Soberano Protetor dêste Ateneu Esquecido, as semanas passadas, séculos de tormento para a nossa saúde, por tristes e aflitos não víamos o nosso preclaríssimo Sol porque a enfermidade grosseira nos eclipsava os venturosos influxos do nosso vigilantíssimo protetor? Agora porém, que com geral alegria de todos, o vemos inteiramente restituído à sua perfeita saúde, que direi do seu incansável zêlo, do seu indefectível cuidado, na contínua aplicação, e feliz expediente dêste seu viso-reinado, tão laborioso? Direi, que a sua vigilância no incessável Govêrno desta Bahia lhe ocasionara tão calorosa indisposição; o ardor crepitante do seu zêlo, o afeto ardentíssimo do seu cuidado, o persuadiu a desprezar os raios do Sol; e sem receio do Zênite Príncipe vigilante, desprezando os rigores da sesta intentísimos, precisamente, na retirada; ao romper da Aurora, veio Sua Excelência a presidir ao Tribunal da Justiça onde é tão necessária a sua majestosa assistência e dali se recolheu a horas muito depois do meio-dia na mais calorosa, e ardente estação do ano, que tem esta América, para o seu bom retiro, e abreviado Arranjues dá-se supre felice Palma, onde eximido ao embaraço dos pretendentes aos cultos dos cortesãos despacha por escrito as resoluções, que decide, de que será papel, o bronze púrpura a tinta; caduceu a pena, diamantes os caracteres, regras os acertos, séculos a era de César, rubrica a imortalidade quis antes Sua Excelência faltar a saúde própria que arriscar de alguma sorte a pública, se não assistisse aos negócios da justiça que tão prodigiosamente costuma suavizar o Excelentíssimo Senhor Viso-Rei; pois sem faltar aos votos de justo despenha vantajosamente as clemências de compassivo; como ninguém melhor do que eu poderá dizer como tão contínua testemunha, mas por não ofender a sua altíloqua modéstia, e profanar as obrigações do segrêdo supra o silêncio, o que não é permitido as roucas vozes dêste papel.

Quantos antagonistas não se coroaram triunfantes com a laureada vitória, porque excessivos na carreira não puderam

imoderados chegarem ao último termo da baliza? Todo o ânimo, é contrário da natureza, no violento não pode haver perpetuidade. Homero foi Príncipe dos poetas o desvêlo das Musas; mas lá tinha (sic) ocasiões, em que se dava ao descanso; Apolo também é Monarca das Estrêlas, mas nem sempre entende o arco das suas resoluções: afrouxar as cordas por não exceder o temperamento na harmonia, sempre foi da música a melhor máxima, não é fuga da clave, fazer pausa nos suspiros; voz apressada que é quebro da garganta; o Canto tem tempos, os tons são modos; sem compasso não há contraponto. Homens há tão dissonantes nos afetos, que mais querem quebrar que torcer, mas não há dúvida que o quebrar-se não é de todo dissonância no capricho, de alguma sorte é temeridade; o torcer é efeito político da prudência. A boa saúde de Vossa Excelência é tão sonora como muito necessária ao bem comum da república, e se o muito venerável e varão ilustre o Padre Manoel de Nóbrega ordenou ao seu religioso o Padre Vicente Roiz que lançasse de si a doença, e fôsse acudir ao próximo, que tanto necessitava da sua saúde, a imitação Senhor de tão fervoroso exemplo pela parte em que se pode acomodar pelo serviço Del-Rei Nosso Senhor, humildes pedimos a Vossa Excelência que com menos risco da sua boa disposição se empregue no moderado, no sumo desvêlo do seu exercício; porque os Reis só querem o possível, servem-se das vidas, não vão contra a saúde, parecera piedade dos Príncipes, mas é altíssima razão de estado; pois o maior interêsse da República é que os súditos sirvam valentes, e vigorosos, e sem saúde perfeita, é quase impossível servir-se bem.

Todo êste discurso se dirigiu, Excelentíssimo Senhor com profunda reverência, aos tempos do pretérito, e para o futuro, e de presente que com alegria de todos e universal contentamento desta cidade vemos restituído Vossa Excelência a sua perfeita disposição, que dirá agora a minha dívida inexplicável? Dirá que a festeja, dirá que a aplaude mas como a estima muito, e aplaude, como pode ainda que não diz o que deve explica-se como sabe; deseja falar mas já agora só trata de emudecer, porque é tão excessiva a causa desta nossa maior ventura, que seria arrôjo do meu afeto querer desempenhar a minha grande obrigação: as causas que são excessivamente intensas produzem efeitos contrários: bem quisera a minha dívida expressar o sumo gôsto, com que afetuosa, e reverente a Bahia alterna cantos, publica expressões de júbilos, na muito festejada melhora da saúde de Vossa Excelência mas como a causa é superior e tão excessivamente grande produz na minha obrigação contrários efeitos; desejava falar agora, porém só trata de emudecer, porque a debilidade do meu talento não sabe condignamente aplaudir

o muito que interessa na boa disposição de Vossa Excelência mais bem aparadas penas; vozes as mais grandiloquas, e suaves dirão proporcionadamente melhor; cantarão sonoramente mais doces hinos alegres, epicínios faustos, orações eucarísticas e vilhancicos festivos, consagrado, e oferecido tudo ao feliz sucesso de tão venturosa melhoria, e assim dando em ação de graças infinitos louvores a Deus pelo importantíssimo favor que nos fez, também dou os justos parabéns a todo este Estado, a toda esta república a toda esta excelentíssima academia; a todos em comum e a mim mais particularmente torno a repetir, e dar inumeráveis parabéns, de venerarmos a Vossa Excelência restituído, e reintegrado a sua antiga saúde ilustrando esse sólio, protegendo este Liceu de sábios, amparando esta universidade de peritos: eles dirão mais suavemente e com energia maior o quanto estimam, e todos muito festejamos a boa saúde de Vossa Excelência que nos Guarde Deus muitos anos para asilo de seus servos de seus académicos, de seus beneficiários, e pois não cabe nas toscas cláusulas do meu discurso tão sublime, e elevado pensamento o muito que me alegro, e não digo embelezado quiçá na doce fruição de tanto bem, supra, e condecore o afeto de uma ingénua, e fiel veneração desculpando a dissonância das vozes, os harmoniosos cultos, que tributa o coração de respectivo a nossa felicidade nas breves cláusulas deste Epigrama.

Em júbilos alegres convertendo
Os Sustos, que ontem graves padecia
Amante, e reverente hoje a Bahia
Vejo festiva gostos exercendo.

Justamente Senhor agora entendo
Que por mais que duplique a alegria
Não bem expressara, o que sentia
No mal, que então vos vira padecendo:

Necessária a Saúde vos mereça
Excelso Príncipe o maior cuidado
Não permitais, que o bem comum pereça.

Imperai sim, mas menos desvelado
Pois injusto será, que Leão padeça
Quem sabe como Sol reger o Estado.

O Padre Frei Bernardo do Amaral, sendo Prior dêste Real Mosteiro de Alcobaça, mandou pôr êste Livro, no Cartório do mesmo Mosteiro que com outros três mais, que tratam da mesma matéria, se acharam no espólio do Senhor Mestre Frei João César.

Ano de 1761

Dissertações Acadêmicas, e Históricas, nas quais se trata da História natural das Coisas do Brasil.

Recitadas na Academia Brasilica dos Esquecidos que na Cidade da Bahia mandou erigir

Declarando-se por seu Protetor o Excelentíssimo Senhor VASCO FERNANDES CÉSAR DE MENESES.

Vice-rei de Mar e Terra de todo êste Estado pelo Desembargador Chanceler

CAETANO DE BRITO E FIGUEIREDO

No Ano de 1724.

Aparato Isagógico às Dissertações Acadêmicas nas quais se descreve a natureza das coisas principais do Brasil no que sômente pertence à História natural.

Na conferência de 23 de abril de 1724.

Admiráveis são os arcanos da Divina Providência, e os Segredos da Natureza também admiráveis! Êstes como efeitos daquela primeira causa tanto se percebem menos, quanto a deixam mais incompreensível: a Providência porém com maior vantagem, ou no que ocultamente inspira, ou no que manifestamente obra, (pois a seu impulso tudo se move) só pela Onipotência de que se deriva, cabalmente se alcança. Sirva de exemplar a fábrica e persistência desta grande máquina do mundo, tirada do horroroso, e confuso Caos do nada para a luminosa, e perfeitíssima existência do ser, de que lhe resultou o nome. Unindo-se à discorde contrariedade dos Elementos para a composição, e simetria de um todo sempre harmônico, sempre elegante.

Essas celestes Esferas, centro do fogo, teatro da luz, donde impera o Sol, donde a Lua resplandece, já ilustrando ao dia, já iluminando a noite. Esmaltadas de tantos Planêtas, Astros, e Constelações, quantos se divisam nos movimentos, quantos se conhecem nos influxos. Partidas pela Equinocial, e Zodíaco, divididas em Horizontes, Zonas, Trópicos, Meridianos, Coluros, e

outros círculos mais fáceis no invento, que para o exame: que outra coisa inculpam mais que da Providência os recônditos arcanos!

O Côncavo dessas mesmas Esferas, etéreos âmbitos, donde o ar respira, donde os ventos sopram, donde giram volantes esquadras de vistosas, e diversas aves. Alucinando-nos com tantas imagens, quantas se debuxam nos globos, ou sombras das nuvens, e admirando-nos com tantas variedades, quantas se representam nas Luzes, ou incêndio dos meteoros.

Este globo terráqueo pêndulo, e fixo, a quem o Oceano circunda, a quem outros mares penetram, quatripartido em vastíssimos Continentes, elevado em altíssimos montes, reclinado em espaciocíssimas planícies, suavizado de liquídíssimas fontes, cortado de caudalosíssimos rios, e fertilizado de grandes, e profundíssimas Lagoas, a que correspondem frondosas, amenas, e dilatadas Ilhas, para que com recíproca comutação fôsse de ambos êstes Elementos igual o império.

Sendo o diâmetro terrestre verdadeiro, e não fabuloso Briareo nos formidáveis promontórios que estende, como valentes, e nervosos braços. Os inumeráveis produtos de um, e outro Elemento aquáticos, terrestres, e anfíbios; a fecunda liberalidade de Árvores, Plantas, Flôres, e Frutos; a undosa abundância de Âmbar, Coral, Pérolas, e Aljôfar; o precioso, e opulento dos Minaerais; o raro, e [inestímel] das Pedrarias, que outra coisa são! Mais, que uns occultos enigmas da Providência, e da Natureza hieroglíficos impenetráveis.

Mais que tudo: o espírito, a formosura, e a Soberania do Homem, tão difíceis de definir, como de compreender, Simulacro da Divina Idéia, epílogo das coisas criadas, compêndio do Universo, com maior energia Microcosmo, ou pequeno mundo, mas com tal ascendente, que lhe foi destinado o império do mundo todo, dignidade que conseguiu, por ser do Soberano Criador de tudo verdadeiro retrato. Racional Monarquia, donde preside a memória, domina o entendimento, e decide a vontade; mas de tal sorte, que se as Leis da razão não [coagem] ao poder dos appetites, passa de bem ordenada a turbulenta, e tumultuosa República.

Indivíduo tão diverso na semelhança, na côr, na proceridade, nos lineamentos, e ainda nos mesmos hábitos do ânimo, ou para o generoso das virtudes, e sublime das Ciências, ou para o indecoroso dos Vícios, rude e bárbaro dos costumes, que difere em muito um homem de outro homem [.]. Alta Providência para que cada um estudasse em si mesmo o conhecimento próprio, ou nos outros emulasse as relevantes prerrogativas, que em si não descobria.

Não só êstes tipos da Divina Idéia, êstes Simulacros da Providência, debuxados da natureza nos admiráveis opefactos a multiplicidade dos individuos, as propriedades específicas de cada um, são as que enchem ao entendimento de pasmos, de assombros ao discurso; os abortos, descuidos, brincos, ou extravagâncias da mesma natureza, senão mais, igualmente admiram.

Pondere-se a multidão de incertos Ígneos, Aéreos, Aquáticos, e Terrestres tão inumeráveis, que não os calcula a melhor Aritmética, tão imperceptíveis alguns, que não os alcança a perspicácia da Ótica, ainda com o socorro de atraentes Microscópios. Êstes sim, êstes minutísimos viventes átomos, são também caracteres, e cifras, em que se deixam ser os recônditos arcanos da Providência, e da Natureza os Secretos, e raros prodígios, que obrando não inútil, supérflua, e ociosamente, tudo pródiga produz com mistério, a tudo fecunda confere especial virtude, carecendo as coisas sublimes, e ínfimas, umas de outras, de tal sorte que para a sua conservação mutuamente se necessitem, fazendo-se preciosas as que por offensivas, e venenosas parecem supérfluas; porque ou natural, ou simpaticamente occultam esta, ou aquela virtude que as deixa proveitosas, e dá a conhecer que as coisas sublunares tôdas são dependentes.

Descrever êste todo individual estas partes, decifrar êstes enigmas da Providência, e descobrir êstes Segredos da Natureza, temeridade ainda é maior que a dos Gigantes, quando arrancando penhascos, e acumulando montes intentaram escalar ao mesmo Olimpo; ousadia é com todo o excesso mais adiantada que a de Prometeu no exacrando roubo da celeste luz, para animar a engenhosa, e humana fábrica.

Mas que coisa há sido dificultosa ao espírito dos homens? Êste que soube comensurar os espaços do tempo com as sutilíssimas rodas de abreviado relógio; êste que sôbre as lâminas do papel soube fazer visíveis as cláusulas, e acentos da voz, que tôda é ar; tirar de um bicho verdadeiro Fênix, que nasce, e morre de si mesmo, a sêda, de que se tece a gala, e a pompa, próprio adôrno das Majestades, fazer que com muda elegância falem os pincéis nos coloridos, e rasgos da pintura, dar a um corpo de bronze alento retumbante; que um volante tronco penetre todo o Império de Netuno; e vencer outros impossíveis, que pròpriamente se canonizam por milagres.

Já os Platões, os Aristóteles, os Atenágoras, os Varrões, os Sêneas, os Plínios, os Melas, os Elianos, e outros muitos dos antigos, e modernos empreenderam discorrer semelhante argumento. Plínio escrevendo diffusamente tudo o que pertence à história natural, Campanelli as propriedades de tôdas as criaturas, Gilbert as virtudes simpáticas da pedra Ímã, Hervé a gera-

ção dos Animais, dos Meteoros Fromond, das côres Sayot, dos sons Marcené, das paixões do ânimo Lachambre, do movimento dos Céus Ptolomeu, Copérnico, Tichobrahe, e Descartes, se bem com encontrados sistemas; e ainda miudamente dos mesmos insetos Pepoli e Aldrovando, êste tão difusamente, que passam de cento, e catorze volumes, que compôs, só para descobrir o Segredo das coisas naturais.

Contudo, como dêstes Autores uns não conheceram a primeira causa, e outros não alcançaram quanto com testemunhas irrefragáveis tem comprovado a experiência: asseveraram temerariamente alguns ser esta Zona tórrida inabitável, êstes mares inavegáveis, não haver Antípodas, e ser também êste Hemisfério tão pobre, e indigente, que nem de seu possuía êsse celeste luminoso Pavilhão, que a todos cobre; com outras semelhantes fantasias, e quimeras, as quais se a reverente veneração, devida à antigüidade, não chama ignorâncias, a sempre douta experiência dá a conhecer por delírios.

Fabricar porém a história de um nôvo mundo por cinco mil novecentos e vinte e três anos não conhecido descobrir o que a Natureza produziu numa região tão dilatada, como a do Brasil há duzentos e vinte e quatro anos descoberta, e não de todo penetrada, ainda parece maior ousadia, ainda parece mais agigantada temeridade.

Suposto que os Barros, os Bezones, os Barleos, os Britos, os Caluctos, os Colões, os Costas, os Davitis, os Freitas, os Farias, os Góis, os Gondavos, os Grócios, os Maguis, os Margrávios, os Marteres, os Marises, os Malvendas, os Matetes, os Marianas, os Osórios [,] os Ortélios, os Ovalhes, os Pinedas, os Salasões, os Solorvanos, os Tuanos, os Uvifleros, os Vespuses, e outros muitos já o intentassem; a mesma experiência os acusa de diminutos, assim pelos muitos países, que há na América, ainda incógnitos, não haver certeza de ser Ilha, ou continente, nem tão pouco plena ciência, quais fôssem os que primeiro a povoaram, como também pelos Segredos embrenhados nos Sertões até aquêlo tempo não descobertos, novas Minas, e novos inventos, que cotidianamente aparecem, que tudo não chegou ao conhecimento de todos, e muitas coisas jazem ainda sepultadas nas Urnas da ignorância, e sombras do desconhecimento; cedendo sempre as duvidosas tradições da obscura antigüidade aos evidentes exames da indubitável, e nova experiência.

Desfazer pois êstes nublados, colorir êstes escuros no que especificamente toca à história natural, corre a impulsos de Soberano preceito por culto de minha obediência, por conta da minha obrigação. Raro, e estranho prodígio! Portentoso, e notável preceito, que só no obsequioso me escusa do temerário! Mas

tudo, quando não obra da natureza, por não poder aparecer luzente o nublado, profundo arcano da Providência, pelo Heróico, Augusto alento, que o inspira, pelo predominante, Superior Astro, que o move.

Confusas as Línguas, dispersas as gentes, povoado o Universo, a cada uma das Nações deu a Divina Providência seu particular atributo, ou nas Ciências, ou nas Armas, ou no Comércio, ou nos Artefatos: a Portugal, e aos Portuguezes deu entre outras a Náutica gloriosa prerrogativa de descobrirem novos Astros, novos Mares, novas Regiões, ou como melhor cantou o nosso Homero:

Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvera, lá chegara.

Concordando como Lusitano Lívio o elegante João de Barros, enquanto diz: gente, a quem Deus deu tanto ânimo, que se tivera criado outros mundos, lá tivera plantado outros Padrões.

Serve Ásia de indelével colosso ao Português Jazão o grande Dom Vasco da Gama. Ao insígne Pedro Álvares Cabral deve América na parte chamada Brasil, o primeiro caráter de verdadeira fé com Sagrado Padrão da Santa Cruz, sacrilegamente transmutado pela ambição. Coube em [sorte] ao famoso Fernando de Magalhães descobrir, e penetrar o estreito, que como apelido lhe immortalizou o nome. O ínclito Vasco Nunes de Balboa, também Português, foi o primeiro, que descobriu o mar Pacífico, ou do Sul. Deixo outros Portuguezes heróicos Argonautas, que justamente fizeram esquecer os Fenícios, Gregos, e Cartagineses. Não falo em Afonso Sanchez, primeiro descobridor deste novo mundo na dúvida de ser, ou não, Português, suposto que muitos o afirmam, nem tampouco me lembro de Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio, êste em razão do mandato do Lusitano Monarca, a que obedeceu. O primeiro pela notícia que entre os mesmos Portuguezes alcançou, por não disputar glórias duvidosas, quanto as de Portugal são incontroversas.

Deve porém dignamente ponderar-se, que de todos êstes Heróis, aos que com especial glória tocou o descobrimento do Oriente, e do mar do Sul, não como accidental, mas com magnética analogia, foi também dada a preexcelência de terem ambos o mesmo nome, o grande Dom Vasco da Gama, o ínclito Vasco Nunes de Balboa, misterioso Vaticínio de que também outro Herói com a mesma analogia do nome havia de incluir em si a pre-

excelência e a Heroicidade de um, e outro dominando no Oriente, e no Sul, na Índia, e no Brasil, e também descobrindo um nôvo mundo, que é o Literário, que se simboliza nesta Academia Brasileira, da qual sendo excelso protetor, é o verdadeiro Sol, que hoje nasce neste Ocaso, para nos ressuscitar do esquecimento: **Sol oriens in occiduo.**

Não só o preclaríssimo nome do nosso Excelentíssimo Protetor augura a êstes Horizontes novas cientíssimas glórias à felicíssima Augusta prerrogativa do cognome César, ainda verifica mais o Vaticano. César não só na espada, e na pena, nas Letras, e nas armas: **in utroque Caesar**; mas Augusto, e dominante, Clemente, e generoso no antigo, e nôvo mundo, no Oriente, e no Ocidente: **Caesar in utroque orbe**; porque um só fôra estreito para tão grande Herói.

Clamará contudo a acrimônia dos Críticos dizendo que há duzentos e vinte e quatro anos, em que pela Páscoa a 24 de abril e por um Herói, que buscava o Oriente já neste Hemisfério amanhecera a verdadeira luz, a qual ilustrando-o lhe fôra suave, e sucessivamente introduzindo os ortodoxos dogmas da fé, as regras da virtude, a civilidade das leis, e a cultura das ciências, como gloriosamente brilham em tantos Colégios, e Escolas, e tem luzido em algumas particulares Academias; pudera também dizer que mais preciosas que as suas Minas, mais sutis, úteis que os seus materiais engenhos, mais nobres que os seus troncos, mais odoríferos que os seus bálsamos tem produzido o Brail entendimentos dos maiores quilates, engenhos de agudíssima sutileza, espíritos de prodigioso valor, e constância, e Varões de [fragatíssima] virtude, quantos já se admiraram nas cadeiras, nos púlpitos, nas campanhas, e esperamos venerar com devido culto nos Altares, Idéia, que se fará visível no áureo elegante estilo de melhor história.

Assim é, assim o confessamos; porém êste nôvo instituto Acadêmico, êste nôvo orbe Literário, esta República de Letras, êste Parnaso Brasílico agora nasce, agora aparece, agora se constitui, agora se cultiva com tão nôvo invento, e com tal decôro, que só a verdade da história, aquela verdade, que dê ser às coisas, valor às ações, vida aos Heróis e exemplo aos Vindouros, que só a pompa da Poesia, aquela pompa, que repetindo aplausos, e poemas enche sonoramente os Clarins da Fama, é o seu objeto; é a verdadeira forma, que a matéria dispersa em tantos gênios, e engenhos agora descobre, e procura reduzir a verdadeiro ser.

Aquêle antigo acontecimento com notável congruência inclui também mistério prodigioso, e singularmente mostra na semelhança a novidade, porque pela Páscoa em 24 de abril, seguindo a melhor conta, e por outro maior Herói; que não busca mas já

resplandeceu no Oriente, não por acaso, mas já cheio de Luzes, e experiências se empreende esta nova conquista, se intenta êste nôvo descobrimento, nem havia de succeder de outra sorte, porque no Oriente madrugaram sempre primeiro as Luzes e as Letras.

Com eficaz energia o podemos assim afirmar porque revolvendo os monumentos da antigüidade, acharemos que no Oriente apareceram primeiro as Ciências nos Caldeus, Hebreus, Giminosofistas, Hilobienses, e Bracnemes dêstes passaram para os Africanos, Egípcios, dêstes para os Gregos, Romanos, e mais Europeus: assim lá também do mesmo Oriente nos havia de vir o Herói, que faz seja agora felizmente o Brasil o teatro desta nova Literária Conquista. O Brasil, que já está preparando para êstes científicos Acadêmicos áureas estátuas, e frondosas Coroas, próprio tributo de seus perduráveis troncos, de suas preciosas Minas.

Ingênuamente dei já a conhecer, que só uma prostrada obediência me podia conduzir a emprêsa tão alta, sendo que ponderando a matéria, e admirando a forma, tudo em mim é confusão, tudo assombro. A matéria tão nobre como um nôvo mundo, um nôvo Céu, um nôvo mar, e uma nova região com tantas particularidades, e circunstâncias, quantas a princípio demonstrei nos liberaes benefícios da Providência, e da Natureza nos inumeráveis produtos.

Tão vasta, e incógnita, que parece quase impossível circunscrevê-la sem ofensa da verdade, alma, e espírito vivificante da história, e seu tão próprio caráter, que faltando-lhe, degenera de história, e passa a ser fábula.

Tratada por tão insignes, e eruditos escritores como já repetimos, e de que fazemos especial Catálogo com perigo de não poder dizer-se nada de nôvo, com o de sabor de uma contínua transcrição ou desar de querer luzir com alheias galas, quando no sentir de Plínio é generosa ingenuidade fazer pública a autoridade daqueles, de quem aprendemos.

Tão alheia da minha profissão e instituto, quanto distam da profunda severidade da jurisprudência, os discursos Filosóficos, as contemplações astronômicas, as descrições geográficas, as comensurações geométricas, os conhecimentos hidrográficos, os impulsos animológicos, e as especulações fisiológicas, materiais precisos para semelhante fábrica.

Porém muitos dos Venerandos consultos não se dedignaram dos entretimentos e flôres Poéticas; assim o fêz o Célebre Modestino, e outros; os doutíssimos Alciato Casanes, e Tiraquelo encheram os seus escritos de vastíssima, erudição. Jacobo Ajácio, oráculo da jurisprudência, aquêle, que a qualquer caso não dependente de direito civil costuma responder: *Nihil hoc ad edictum*

Praetoris; êste mesmo não só restaurou, e poliu o decôro da Latinitude, e pompa da história nos seus escritos, mas também se applicou a examinar as coisas naturais, e fazer algumas notas a Plínio, como com grande louvor do mesmo Ajácio, escreve o douto Jacobo de Secâmpio nos **Comentos** ao referido Plínio. Não repito outros modernos, que elegantemente souberam unir o útil da doutrina com o suave das boas Letras, o que (quando não para satisfação) entendo bastará para desculpa.

A forma tão imprópria, como a de uma dicção rasteira, de um estilo tôsco, de um método inculto, qual a vossa paciência até aqui tem tolerado.

Tão discorde heterogênea, como querer introduzir no Sistema Retórico os nomes próprios de tão novas regiões, e gentes em tudo bárbaros, e que tanto diferem dos têrmos, e cláusulas da eloquência, como ponderou Pompônio Mela.

Tão inadequada, como dar nova gala às coisas antigas, vestir as novas de autoridade, dar às desusadas resplendor, às obscuras Luz, às aborrecidas graça, às duvidosas fé, natureza a tôdas, e tôdas a mesma natureza, pensamento, que já a semelhante assunto applicou o celebrado Plínio. Eu assim o reconheço, mas obsequioso a tanto império, e obrigado também da Vossa benevolência, não só vencerei impossíveis, mas encherei de novos alentos a minha incapacidade. Dissertarei nas secções seguintes, que coisa seja América, e nesta quarta, e maior parte do mundo que coisa seja o Brasil com o mais, que toca à história Natural; porque o pertencente à história Sacra Militar, e Política se destinou aos elevados vôs de remontadas Sapientíssimas Águias.

Disse: Dissertarei; por se altercar com grande dúvida, se a descrição das coisas naturais se deve chamar história; porquanto suposto Plínio lhe impusesse êste majestoso nome, e o seguissem outros; contudo o Príncipe da eloquência Romana só a denominou por memória pública de todos os Segredos, e por monumento dos tempos, dos lugares, dos homens, e das coisas.

Disse: Dissertarei ainda com maior, e devida decência; porque o sentenciar, e decidir toca sòmente a Soberania dêste doutíssimo Atenes, e Científico Areópago.

DISSERTAÇÃO PRIMEIRA

Na qual se trata da geral, e geográfica descrição de tôda a América com abreviada demonstração do mais raro, e admirável, que a Natureza nela produziu, em 21 de maio de 1724.

Entro a descrever um nôvo Mundo, emprêsa a tôdas as Luzes excessivamente temerária; porque é demasiado arrôjo querer reduzir o dilatado âmbito de tantas mil Léguas aos breves períodos de epilogado discurso. Reconheço que as palavras, e os caracteres, a pena, e a língua são os índices, e intérpretes do entendimento, que representam, e dão a conhecer as imagens, que nêse se concebem, e na fantasia se formam. Porém há muitas, que por materiais, e corporais com os rasgos do buril, e com os debuxos do pincel mais fâcilmente se percebem. Mostra-se na grande máquina do Universo, que explicando-se dificultosamente com profusa, e larga narração, instantâneamente à vista de abreviado Mapa se faz compreensível. Sucede o mesmo com o Sol, que sendo muitas vêzes maior que a terra, contudo deixa que o divisem, retratado em pequeno círculo. Conhece-se finalmente pelo debuxo de um dedo a desmedida estatura de um Gigante.

Não conspiro contra o império da Eloquência, nem quero destruir a fôrça, com que instrui, e a eficácia, com que persuade. Mas confesso que com o socorro da pintura, com o benefício de qualquer Mapa, ou pequeno Globo, a mim fôra mais fácil, a vós, ó Senhores Acadêmicos, mais perceptível o conhecimento desta quarta, e grande parte do mundo, de que hoje hei de tratar. Sendo que como a minha incumbência se restringe a dissertar acadêmicamente sôbre a História Natural Brasílica, e não se dilata aos rasgos da pintura; discorrer, e não debuxar. Sim com as cláusulas da voz, não com os coloridos do pincel, concedida a vossa atenção, principio a particularizar o Assunto.

Em ocidental paralelo correspondente a Europa, e África, e quase igual às três partes do antigo, e sempre conhecido Mundo, jaz do Pólo Ártico ao Antártico esta dilatada, opulenta, e vastíssima Região que verdadeiramente aclamada por Mundo nôvo, Índias Ocidentais, e outros nomes derivados do amor pátrio de

seus descobridores; última, e universalmente, apesar da opposição, e inveja de muitos, se chama América, para renome imortal do insigne Américo Vespúcio natural de Itália, nascido em Florença, o qual por ordem do sereníssimo Senhor Rei Dom Manuel de feliz memória descobriu desta Região uma grande parte pròpriamente denominada Meridional, e vulgarmente o Brasil.

A impulsos de uma tempestade, ou com mais acôrdo, por decreto da Divina Providência foi casualmente visto êste nôvo Mundo por Afonso Sánches, que alguns autores dizem ser natural de Andaluzia, e outros de Portugal. No ano de 1492 foi descoberto, e principiado a conquistar a benefício da Coroa de Castela pelo famoso genovês Cristóvão Colombo, que alcançando do primeiro (em gratificação da hospitalidade com que o tratou) aquella noticia, ficou também por herdeiro, e sucessor dos pregões da Fama, e prêmios da honra; sepultados com o mesmo Sánches o nome, e a fortuna, que sempre inconstante com todos, não é igual.

Em 11 de outubro do dito ano de 1492 se descobriu a primeira terra, que foi a da Ilha de Guanahani, uma das Lucaias, assim chamadas pela de Lucaionecur de tôdas a principal. Com a felicidade do descobrimento agradecido devotamente Colombo, transmutou o nome de Guanahani no de São Salvador misteriosamente impôsto, e destinado à primeira destas conquistas, e a nossa illustre, populosa, e grande Côrte, Empório, e Metròpole do Brasil pelos gloriosos efeitos da salvação de tantas almas, propagação da Fé, e aumento do Culto Divino, quanto do mesmo descobrimento, e desta fundação tem felizmente resultado.

Prosseguiu Cristóvão Colombo em outras viagens, novos descobrimentos, continuaram a mesma emprêsa os Fernandos, Côrtes, e de Magalhães, Vasco Nunes de Balboa, os Pinsões, os Pissarros, os Valdivias, os Verusões, os Gaboas, os Meres, e outros argonautas; argumento, que deixamos, por não nos afastarmos do assunto, e História natural que escrevemos.

É tôda esta grande América um espaciosíssimo, mas duvidoso continente; porque ainda não podemos afirmar com certeza, se debaixo do Pólo do Norte por algum Estreito se divide de outras terras, ou se contígua às mesmas vão continuando a sua extensão. Situa-se os Geógrafos da latitude de oitenta graus Setentrionais (que é a parte até o presente descoberta) a latitude de cinqüenta e três graus da parte Austral, debaixo dos quais está o Estreito de Magalhães, que a separa da terra do fogo. E pela longitude de duzentos e trinta e oito graus, em que corre o Mar também chamado Roxo, ou Vermelho, que divide a Ilha de Califórnia do Continente Americano, fazendo [vaia], ou baliza da Ponta de Eu-

gubela do Gato no nôvo México à Ponta do Cabo de Santo Agostinho o mais oriental de todo o referido Continente; e na longitude de trezentos e quarenta e oito graus, e quarenta e seis minutos, querendo tenha três mil léguas de comprido, e outras tantas de largura, porém cabalmente não averiguada, e menos a sua circunferência.

Termina-se êste vastíssimo continente pela parte Oriental com o Oceano Atlântico, e Etiópico, pela Ocidental com o Mar do Sul, ou Pacífico. Pelo Norte com o Mar do mesmo nome, ou como já dissemos com as terras Árticas, que ainda não são conhecidas. E pela parte Meridional com o Estreito de Magalhães. Alguns dos Geógrafos modernos intentam que a terra do fogo, que se divide pelo mesmo Estreito, as terras Antárticas, como a nova Guiné, terra dos Papus, de Guir, e da Carpentaria, a Nova Zelândia, as Ilhas Salomônicas, dos Cosos, dos Traidores, e outras constituam uma nova, e quinta parte do Mundo; fundando-se na separação do mesmo Estreito à semelhança do de Gibraltar, Bósforo de Trácia, e Foz do Tanais, que não têm maior largura, e contudo os últimos separam Ásia, de Europa, e o primeiro Europa de África.

Concorrendo também que da mesma sorte que Plínio, Estrabão, Ptolomeu, e outros dos antigos dividiram o Orbe em três partes, a que os modernos acrescentaram esta quarta, e grande América, não ser impróprio fazer pentágona a tal divisão, e dar ao Mundo mais uma parte, para numerar cinco. Veneramos esta nova opinião, porém constantemente seguimos a quatripartida divisão comumente recebida, mais conforme aos Divinos Oráculos, correspondendo aos quatro ventos principais, ou Cardiais, que sopram dos encontrados Pólos, Oriente, e Ocaso; aos quatro Elementos, matéria todo, e verdadeira imagem da Cruz Sacrosanta, modelo condigno à excelente fábrica do Universo.

E também porque não se dá razão de diferença para que as terras, e Ilhas convizinhas, e conseqüentes ao todo da América constituam uma quinta parte do Mundo, e as que estão convizinhas à Europa, como a nova Zembla Espiterga, Islândia, Groelândia, e outras não constituam também outra parte, que se conte por Sexta, e suceda o mesmo a respeito de Ásia com a grande terra do Gêso, e a nova Holanda, esta Austral, Setentrional a primeira, e com tanta distância, que não uma, mas podem formar duas partes; esperando também África, que cheguem a descobrir-se as terras Austrais, e incógnitas, que lhe correspondem, para ter nas do Mundo novamente acrescentadas também sua parte; e assim que por partes vá o mundo crescendo, ou acabemos já de consentir no Sonho, e quimera de alguns Filósofos, que fabularam haver muitos Mundos.

O que parece mais seguro é, que as referidas terras, como adjacentes às principais de Europa, Ásia, e América, se devem nomear como constitutivas próprias, e integrantes do todo de cada uma, e por êstes princípios graduar-se a Latitude Austral da mesma América, incluída a terra do fogo não pela altura de cinqüenta e três graus, mas pela de cinqüenta e nove a sessenta graus, donde ficam o Cabo de Horno, e Estreito de Maire.

Desta graduação se deduz, que a América participa do Celeste Luminoso Pavilhão, que cobre a ambos os Pólos, e que igualmente iluminam as Constelações Planétas, e Asterismos Setentrionais, e Meridionais, conforme a um, e outro Hemisfério, o que miudamente individuaremos, quando tratarmos do Brasil, e dos Astros, que nêle predominam. Da mesma sorte participa também a América de quase tôdas as cinco Zonas, mas com indubitável certeza das duas temperadas, e da Zona tórrida, que a uma, e outra separa, e fica intermédia, e por consequência dos diversos Climias, e temperamentos de cada uma, cálidos, ou frios, segundo a distância, ou vizinhança do Sol. Se bem sumamente saudáveis, e benignos, ainda os que estão debaixo de uma zona abrasada, e ardente, pelas suaves, continuas auras, e chuvas, que os refrigeram, concorrendo também a continuação dos ventos chamados gerais, de que na Animologia Brasílica trataremos.

Distingüe-se pois a América em Setentrional, e Meridional pelo Istmo do Panamá, e Nome de Deus de tão pequena largura, que a maior dizem ser de dezoito léguas, ficando uma das partes adjudicada ao Norte, outra ao Sul, ou Meio-Dia. Alguns porém pela [divisão] da Esfera, intentam que não pelo referido Istmo, sem que pela linha Equinocial se haja de partir êste nôvo Mundo, dando o país de Güiana, e as outras terras, que ficam ao Norte da linha, a América Setentrional, e a Meridional tudo o que da mesma linha corre para o Sul. Porém a primeira divisão e mais recebida, a qual seguimos com Abraão Hortélio, Duval, Daviti, Malhet, Moreri, Medrano, e outros.

As primeiras terras da América Setentrional, principiando da sua maior altura Polar, são a nova, e antiga Groelândia descobertas pelos Dinamarqueses, e donde já tiveram colônias, e as terras vizinhas aos Estreitos de Davis, e Hudson. A estas fica contíguo o grande país de Canadá descoberto em 1504 por pescadores Normandos, e Bretões. Nêle se incluem a Estotilândia, a terra de Lavrador, ou Laborador, a de Côte Real, nome que com a vida lhe deixou um Fidalgo Português dêste apelido, que nos mares, que a banham, infelizmente naufragou. A nova Bretanha o nôvo país de Gales, a nova França, a Acádia, o Sagüene, a nova Inglaterra, o grande Mississipi, a nova Suécia, e a nova Holanda, unidas estas últimas ao domínio dos Ingêleses depois do ano de 1665.

O mais raro dêste país, são as grandes serranias, e montes de [Serala] das Neves, pelas de que está continuamente coberto. Os Lagos do Mari doce de Nicarágua, dos Guantis ou de mau cheiro, e outros; os Rios, o caudaloso de São Lourenço, um dos três maiores de tôda a América, e outros menores. As cidades de Brest, Güebes, Pôrto Real, Londres, Amsterdão, e Cristina habitavam-nos os bárbaros Iroqueses, Hurões, Algonquins, Següenes, e outros de natureza ferina, sangüinolenta, e belicosa, não tendo outra sombra de Religião mais do que crerem a immortalidade da alma, mas com o êrro, e metempsicose Pitagórica.

Segue-se ao de Canadá o país, que por mandado del-Rei de França Francisco I descobriu o Florentino João Verasão, e depois em 1584, reconheceu, e ocupou Walter Ralleig, Inglês de nação, que em atenção, e obséquo de Isabela Rainha de Inglaterra lhe deu o nome de Virgínia. É terra montuosa; mas destas montanhas a que só se nomeia é a de Apalatai. Regam-nas os Rio de Sasquesahanough, e de Patavaomech. A princípio teve por capital a cidade de Pomeiok, hoje é a de Tragabisanda. Os seus habitadores eram menos bárbaros, tinham alguma polícia, davam culto a vários ídolos, e confessavam haver um Deus grande. Obedeciam também a vários Régulos.

Confina com êste o país da Flórida, o qual pretende Wiflet haver sido descoberto no ano de 1496 por João Gabot. Porém o mais constante, segundo o Davit, Malhet, Afferdem, e outros, é que em 1512 o descobriu João Pôncio de Leão dia de Domingo de Ramos, Páscoa de que lhe resultou o nome. Neste país se levantam o grande monte de Apalaches, e parte dos de Suala; desaguam os rios de Maio, Canaveral, Montanhas, e outros. Possuem-no Ingêses, e Castelhanos; dêstes é a cidade de Santo Agostinho. O ar é puro, e sumamente temperado, o terreno de grande fecundidade pelos freqüentes rocios, que o humedecem, nêle raramente chove, e nunca o combatem impetuosos ventos. É de admirar a extravagância, com que nêle a natureza degenera, e muitos Hermafroditos, o que se pode entender ser abôrto, ou debilidade. Os Floridenos mostravam docilidade, e admitiam todo o trato, adoravam ao Sol, e a Lua, e criam a immortalidade da água.

Continua o nôvo, e antigo México com nova Espanha, na qual também se termina a Península, ou América Setentrional tão conhecida, que fica ociosa a sua descrição. Os estudiosos a podem fácilmente conseguir na elegante História de Dom Antônio de Sólis, e Antônio de Herrera, o Padre Costa Davit, e outros muitos. Ao nôvo México, de que há menos notícia, dizem que primeiro descobrira em 1581 Frei Agostinho Ruiz Religioso de São Francisco, e primeiro missionário de tão incógnita região.

Depois no ano de 1583 o penetrou Antônio de Espejo, que para diferença do antigo o nomeou nôvo México. O Monte de Suala, que o divide da Flórida, é o de que sòmente se faz memória. Os Rios são, o de Coral Necon, e Norte. As Cidades principais, a de Santa Fé, Rei Coromedo, e Real México; presume-se que se aparta da Ásia pelo Estreito de Aniã, de todo não descoberto, nem também descobertas as terras de Aniã, e Guivira, das quais só os nomes se conhecem.

A Península, ou América Meridional contém os dilatados países de Castela do Ouro Caribes, Gúiana, Brasil, os circunvizinhos ao Rio da Prata, terras Magalânicas, Chile, Peru, e Reino das Amazonas, as quais com maior extensão não descrevo, por haverem delas largamente tratado os referidos, e outros muitos Autores, e também porque das que confinam com o Brasil na sua particular dissertação darmos individual notícia.

O que nesta parte há mais digno de memória são ou verdadeiramente argentado monte do Potosi, e as levantadas Serras dos Andes, ou Cordilheira, que se entende serem as maiores do Universo, sendo também sem controvérsia maiores o Rio das Amazonas, e da Prata, a que corresponde o de Ourinoque, Parnaíba, e de São Francisco, sem falar nos outros, que sendo verdadeiramente grandes, a respeito dos nomeados são em tudo menores; nem tampouco nos que desaguam no Mar do Sul, que sendo muitos nenhum confere com os antecedentes. Os Lagos mais célebres são os de Xarraia, de que dizem nascerem os Rio de Paraguai, e Paraná, que perdem o nome no da Prata; e o lago de Parima, que dizem estar no Centro da Província de Gúiana, ou Caena, e ter duzentas léguas de comprimento, e junto a si a célebre cidade de Monoa, atual, admirado do muito ouro, que viu, chamou o primeiro descobridor o Dourado; narrando dela maravilhas, e riquezas tão preciosas, que muitos lhe duvidam o crédito.

As cidades principais da América Meridional são a de Cartagena, Venezuela, Caracas, Santa Fé de Bogotá, Caiena, Quito, Lima, Cuzco, Santiago, Cidade Real, Buenos Aires, e outras, sem que nestas se incluam as pertencentes ao domínio de Portugal. As Ilhas de uma, e outra América (observada a mesma ordem) são as do mar Oceano adjacentes a Groelândia, a da Terra nova de Bacalhau, pelos muitos que se pescam no parcel, ou grande banco, que lhe fica pouco distante. As Bermudas, as Lucaias, a de Cuba, Jamaica, Espanhola, Pôrto Rico, Margarita, assim denominada das muitas pérolas. As Antilhas, e as Caribes, mais conhecidas por Ilhas de barlavento, e sotavento, e também as adjacentes às Costas Brasilicas, e as terceiras, que quase todos os Geógrafos adjudicam a América; o que individuaremos em seu lugar.

As do Mar do Sul são a grande Ilha de Califórnia, que de Norte a Sul tem seiscentas para setecentas léguas de comprimento, muito tempo reputada por Península; mas assaz conhecida pelos viajores modernos, e principalmente por Woods Rogers, que imprimiu as suas *Relações* em 1716; e outras convizinhas às Costas do Peru, e de Chile de menos importância.

Os Países de uma, e outra América são pela maior parte vistosos, férteis, e abundantes, banhados de muitos Rios, umedecidos com suaves, e cristalinas fontes, cobertos de inumeráveis medicinais e utilíssimas plantas, e por muitas léguas de matos, e bosques tão espessos, densos, e opacos, que o Sol raramente os penetra: com árvores de tanta altura e grandeza, que dos troncos de algumas se lavram canoas de dezessete palmos de bôca, e cem de comprimento. Outras dando grande cópia de madeiras para para as fábricas, e construções terrestres, e náuticas. Muitas conferindo materiais para diversas, e vistosas tintas, e outras destilando bálsamos, e óleos suavíssimos. Muitas também produzindo várias espécies de deliciosas frutas, quase tôdas de saborosíssimo gôsto.

Não é menor a fecundidade das plantas, e produção das sementes. Até nas mesmas raízes se descobre a maior utilidade; porque as da Mandioca, e as do Ainpins desfeitas em farinha servem de cotidiano pão. As caças tanto de venação como de alternaria, e outros indivíduos voláteis são sem número. Os Minerais riquíssimos, as pedrarias várias, e preciosas. Correspondendo a estas grandezas as do Mar, e as dos Rios, abundantes de todo o gênero de peixe, porque a diligência, indústria dos pescadores [cede] dêste a Baleia ao mais pequeno nadante individuo. Em conclusão tem em si, e produz a América o mais raro, útil, e precioso que a Natureza espalhou por diversas Regiões do Universo, e além destas, muitas, e particulares excelências, de que as outras Regiões não gozam, nem participam.

Porém tôdas as grandezas, regalos, e fecundidades destas regiões, as quais pela grande cópia de ouro, que viu, chamou Colombo a de Ofir, opinião, que gravíssimos Autores abraçam, e constantemente defendem. E pelo delicioso, e agradável chamaram outros Paraíso. Por não se arrojamem em tudo esta jactância, nelas também se encontram não uma, sim muitas venenosíssimas serpentes, que com a sua peçonha, e ferocidade as infeccionam, e infestam. Dragões em tudo semelhantes ao das Espérides, para defesa sem dúvida não de seus áureos pomos, sim de suas opulentas, e riquíssimas Minas. Não sendo menor o susto, que causam os disformes Jacarés, e outros Monstros, e Feras, para corresponderem em tudo ao fabuloso velocínio.

Causam também maior, e mais espantoso horror os frequentes terremotos, que continuamente acontecem em algumas

destas Províncias, arruinando, e subvertendo Edifícios, e Cidades. E os repetidos incêndios de vários montes ignívomos, que semelhantes aos Etnas, e aos Vesúvios, exalam sempre ardentes, vorazes, e sulfúreas chamas, servindo de igual escândalo a pragados Mosquitos, e dos outros vilíssimos, e impertinentes insetos, que aos habitantes da América não pouco molestam, e perturbam. Passando a multidão, poder, e estrago das formigas a tal excesso, que não o respeito, e a queixa universal rompeu irônicamente em chamar-lhes Rei.

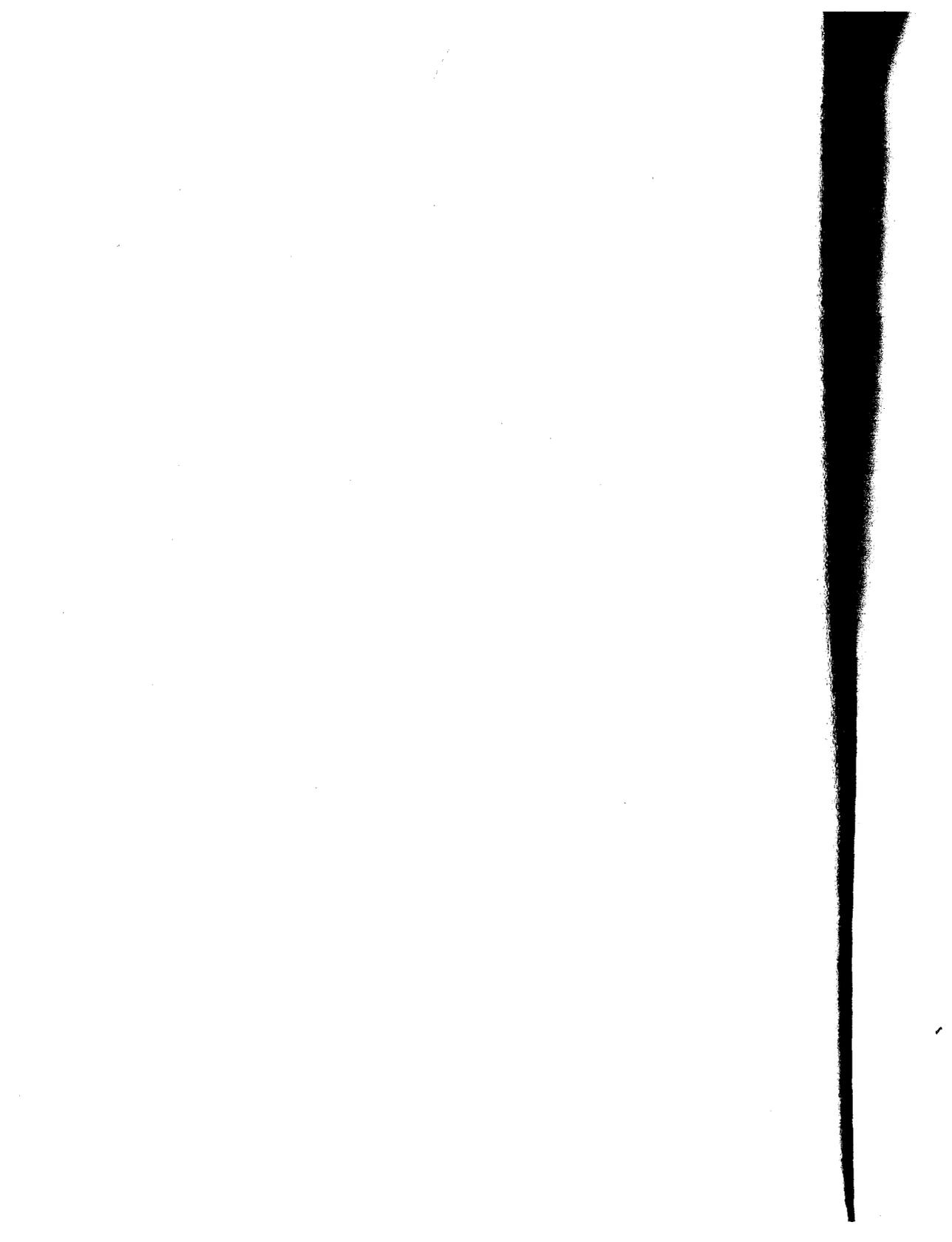
Os seus Indígenas, e primeiros habitantes quase todos eram bárbaros, rudes, cruéis Trogloditas, e Antropófagos, alimentavam-se de carne humana; comiam aos que cativavam na guerra; e com ímpia, e tirana piedade serviam muitos de sepulturas vivas aos Cadáveres dos Pais, Parentes, e Amigos, aos quais muitas vezes antecipavam a morte com o simulado pretexto de lhes procurarem nas últimas aflições, e agonias algum alívio, e descanso: não sendo outra a causa, mais que a de prevenirem pronto alimento à sua voracidade. Feras racionais sem Fé, Lei, nem Religião, sombras, e brutesco(s) rascunhos da humana Natureza. Dizem que nos da Flórida, nos de México, nos do Peru, e nos de Chile se encontrara tôda a civilidade, polícia, e costumes muito diversos; se não foi que os Escritores daqueles descobrimentos, e conquistas quiseram afetar hipóboles para as engrandecerem, e para que com maior aplauso sonoros retumbassem os brados das suas façanhas.

Eram êstes Bárbaros de estatura ordinária, porém robusta, alguns todavia, de agigantada corpulência; comumente sadios, e de grandes fôrças, sem desar, ou defeito, que descompusesse a organização corpórea. Padeciam poucas enfermidades, os mais morriam decrépitos, e quando prostrados com a velhice a natureza totalmente os desamparava. Eram na côr mais, ou menos embaciados, segundo os Climas em que viviam. Não pareciam tão tostados, se também não se tingissem com o suco de várias plantas, frutas, e outros ingredientes, que os mancham, e descoram. Muitos furam os beijos, faces, narizes, e orelhas, introduzindo-lhes paus, pedras, e outros corpos estranhos, que bastantemente os afeiam. Chatos de cara, olhos pequenos, e pegados, nos quais, e nas outras feições se assemelham muito aos povos da China. Fazem grande estimação dos cabelos, e raramente os cortam. Enfim na maior deformidade consiste tôda a sua formosura.

Correm com velocidade, nadam com ligeireza, sendo a pesca, e a caça o seu maior estudo, e exercício. Neste, e no militar usam de arcos, e frechas; destreza, em que lhes não levaram vantagem os Partos. Usam também de paus, uns grossos, outros guinados, que no pêso, e no corte não cedem ao ferro. São extre-

mosamente vingativos, de grande tolerância na fome, quanto na abundância excessivamente glutões, e vorazes. Muitos supersticiosos, com outras especialidades, que individuaremos, quando tratarmos do Brasil, por serem comuns a uns, e outros. A sua origem haver sido, ou não, conhecido já antigamente êste nôvo Mundo; reservo para a Dissertação seguinte, por não ofender, e abusar mais do favor, e modéstia com que me tendes ouvido.

Disse.



DISSERTAÇÃO SEGUNDA

Da Origem dos índios, e primeiros povoadores da América, e se tiveram os Antigos dela algum conhecimento.

Descendendo com indubitável certeza os homens todos de um só Adão. Sendo Noé, e seus três filhos os que regeneraram a humana natureza, totalmente extinta, e submersa pelo cataclisma, e Dilúvio universal, intentaram temerariamente Nembrot, e os mais viventes prevenir numa forte, e levantada tôrre seguro asilo a segundo Dilúvio. Na confusão das línguas (justo castigo a tão exacrada Soberba) dispersos em setenta e duas Repúblicas perderam os mesmos homens não só o dialeto, e geral idioma, com que reciprocamente se entendiam, mas também a notícia, ciência, e memória de sua primeira origem. Não se lembrando do barro, de que foram formados, eficaz estímulo, desengano evidente, e viva recordação de sua fragilidade, e de seu enlodado princípio; sim: que em berços de Luzes nasceram filhos das Estrélas, aspirando a brilhar, como gênitos luminosos dêsses resplandecentes Astros.

Ainda passou a mais a sacrílega vaidade de uns, a deplorável e repreensível demência, e ignorância de outros. Os primeiros deificando-se de sorte, que se jactavam serem derivados de Saturno, Júpiter, Marte, Apolo, e outros falsos Deuses do Gentilismo. Os segundos com menos arrogância afirmavam haver sido viventes, e sensitivos gênitos já de insensíveis, e duras pedras, já de toscos, e grosseiros troncos. Outros com infame afronta da mesma racionalidade asseveravam foram abortiva produção de brutos, e disformes progenitores, e ridícula Metamorfose de formigas, rãs, cigarras, e outros semelhantes, e vilíssimos insetos. Muitos porém com incontroverso, ainda que para êles ignorado princípio, publicavam serem Terrígenas nascidos do pantanoso misto de terra, e água. Deliramentos, e desvarios, nos quais coincidiu não só a rudeza, a incivilidade de algumas Nações reputadas por bárbaras, porém a mesma Soberania, e Ciência dos Gregos, a mesma Majestade, e Sabedoria dos Romanos.

Os habitadores dêste nôvo Mundo também se arrogavam não menos confusa, porém mais certa, e mais nobre origem. Por

tradições herdadas de seus Maiores davam notícia de um grande Dilúvio, e do Naufrágio universal de todos os viventes. Dêste por beneficio do seu Tupã, Deus, ou Excelência Superior (que era o modo com que se explicavam) diziam escapar sòmente numa grande Palmeira o seu Tamandaré, e primeiro Pai com sua família, de que depois se propagaram, e procederam êles todos.

Muitos falavam de outra Sorte, confessavam o dilúvio, porém que o asilo dos que se salvaram (que foram unicamente seis) havia sido uma balsa, a qual nadando sôbre as águas os livrara do perigo. Outros afirmavam que o tal asilo foram as grutas, e concavidades de eminentes, e levantados Montes. Alguns, que depois da memorada geral inundaçào, saíra de um espaçoso lago o primeiro, e portentoso homem chamado Viracocha.

Finalmente repetiam não poucos, que dos subterrâneos, ventres, ou abismos de Soberbas Montanhas saíram homens nunca vistos, feitos pelo Sol, e que dêstes tais se derivavam. Que suposto eram bárbaros, e rudes com homogênea vaidade, não blasonavam de menos esclarecida nobreza, que de haver sido prosápia illustre do mesmo Sol.

Condenam alguns Escritores estas confusas tradições dos Índios, outros as defendem; sentimentos encontrados, e comumente sucedidos nos diversos gênios, e pareceres dos homens, que não só no duvidoso, mas ainda no evidente já alucinados da filáucia, e nímia estimação de si mesmo, já de paixões heterogêneas, e estranhas descoloram a verdade, douram a mentira, desprezam ao sólido, estimam o aparente, e presumindo que o seu parecer é sempre o melhor, querem acreditar por justiça, e sempre quando muito, também por cega, só pode ser fortuna, e sempre irremediável queixa, por pender o prêmio, e aplauso de cada um dos afetos alheios, e não do trabalho, e merecimento próprio.

O certo é, que entre os crepúsculos, e sombras destas confusas, incertas, e duvidosas notícias reluzia de alguma sorte nestes bárbaros a luz da verdade: reluzia ter havido um grande Dilúvio, reluzia terem dêle escapado poucos homens, e reluzia propagar-se dêstes todo o gênero humano. O que sem dúvida assim foi, e assim sucedeu. Nas côres obscuras, nos accidentes mentidos, com que deformavam esta verdade, não foram os pobres Índios os que sòmente pecaram. As mesmas Nações altivas, e soberbas, às quais obedeceu o Mundo, e lhe deram Leis, tropeçaram com maior culpa nesta cega ignorância. Porque como doutamente testemunham os Autores Eclesiásticos, e Mitológicos, perverteram estas tais muitas verdades da Sagrada História com o engenhoso artifício de delirantes fábulas.

Eram os Índios Americanos homens como os outros, derivados do mesmo Adão (que absurdo herético, e punível fôra

conceder-lhes outro princípio), quais fôsem os seus primeiros progenitores, fadiga tem sido até o presente assaz disputada de quase todos os Escritores, que têm tratado dos descobrimentos, conquistas, e História da América. Por ser próprio do nosso instituto também a exporemos; porque mal se poderá conhecer cabalmente a natureza das coisas, ignorando-se-lhes o princípio; porém tão sucintamente, que a transcrição não cause fastio, nem a extensão aborrecimento.

Não confundiremos com tѐrmos Escolásticos o estilo Acadêmico; porque suposto escrevemos Dissertações estas se animam com o caráter da História, donde só com o expressivo da narração, e não com o rigor da disputa deve declarar-se o duvidoso, e concluir-se o verdadeiro, ou o verossímel; segundo o que escreveu Dionísio Lambino nos **Livros**, em que tratou das qualidades de um bom Historiador, e diferença, que há entre estes e os Filósofos. Conforme as doutrinas dos Gregos Luciano, e Dion de Halicarnaso. Dos Latinos Jovian Pontano, João Antônio Viperano, Francisco Roboredo, Patrício, Humberto Balduino dezesseis, Bernarti, Chítrio, Bodino, Vóssio, Glassero, Heincio, Teleman, Gilbert Genebrard Beuteur, Bévio, Reinécio, Mácio, Kerkerman, Pretório, Pastoril de Hirtemberg, La Mote Levayer, João Sillon, que todos trataram do Método, com que deve compor-se a história, e todos relata Batista de Rezoles na **Introdução à História** tomo I, e assim o praticaram mil e cinqüenta Historiadores Sagrados, profanos, Eclesiásticos, e seculares, de que faz catálogo Cronológico Frei Gabriel Buculino, **Nuclei Historia analis** de fl. 418 a fl. 488, além de outros que escreveram posteriormente.

Muitas são as opiniões, que contendem quais fôsem os primeiros povoadores dêste nôvo Mundo. Frei Gregório Garcia nos quatro Livros que escreveu da **Origem dos Índios** refere doze; o Padre Simão de Vasconcelos na **Crônica**, e depois no **tratado das Coisas do Brasil** nove: muitas o Padre Costa no **Tratado da Origem dos Índios**, e na sua mesma **História**: muitas Malvenda no Livro 4.º do **Anti-Cristo** capítulo 28; o mesmo fazem muitos outros Autores. Repeti-los fôra uma laboriosa, e prolixa nomenclatura, quando já prometemos expressá-los em particular **Índex**. Dom João Solorzano com áurea elegância no Livro 1.º de **Indiar**, capítulo 9 e 10 as refere, e resume tôdas, e são as seguintes.

A primeira diz que miraculosamente vieram pelos ares os Progenitores dos Índios, da mesma sorte, que antigamente levava Deus por ministério de um Anjo ao Profeta Habacuo de Palestina e Babilônia. Porém como não se deve recorrer ao miraculoso, quando as coisas naturalmente podem ter acontecido: afirma a segunda opinião que os tais Progenitores foram os filhos

de Jafé; porque segundo o sagrado Texto a êstes se concedeu povoarem diversas Ilhas. Sendo que entendem êste lugar comumente os Expositores a respeito de Grécia, Itália, França, e Espanha, a que Moisés, por serem estas Regiões penetradas, e banhadas do mar, chamou Ilhas. A terceira segue haverem sido os filhos de Ofir. A quarta, que foram os que pela confusão das Línguas se espalharam pelo Universo. A quinta defende serem os Vassalos, e Soldados de Salomão, quando embarcados passaram à Região de Ofir. Asseverando constantemente o Padre Pineda estar cita esta dita Região na América: 1.^a **Iobum et dita rebus Salomonis**; o que contradiz o doutíssimo Frei Tomás Malvenda com fortes, e sólidos argumentos no Livro 4.^o do capítulo 29 ao capítulo 37 com esta concorda de alguma sorte a sexta opinião, dizendo, que sim foram os que embarcaram nas frotas de Salomão, porém que casualmente descobriram êste nôvo Mundo, e o povoaram, porquanto a Região de Ofir estava na Ásia, ou em África em Sofala, ou nos auríferos Rios de Sena.

Segue a sétima opinião não serem outros êstes primeiros povoadores, senão os Hebreus das dez Tribos Capitânicas no tempo de Osias, e Salmanazar. A oitava, que foram os Troianos depois de sua decantada ruína. A nona serem os Fenícios pelas suas navegações. A décima os Cartagineses. A undécima, que foram os Espanhóis, filhos de Héspero, por serem as Ilhas da América as verdadeiras Hespérides. A duodécima também segue que foram Espanhóis, não tão antigos, sim os que na invasão dos Mouros fugiram de Mérida, e outras cidades, e embarcados se passaram à encoberta Antilha, a qual era esta América; e por esta causa nela se descobriram muitos sinais da verdadeira Religião, que o tempo lentamente confundiu, e fêz esquecer.

A opinião décima-tércia com vistosa, porém quimérica fantasia, quer persuadir haverem sido os primeiros Americanos os habitantes da Ilha Atlântica, que separada a violências de uma horrível tempestade do Continente Africano, e Europa, não Ilha firme, e estável, mas errante, e nadante bóia semelhante a Naxo Delos, e outras Ilhas do Arquipélago Sêunio ao continente dêste nôvo Mundo, e a um tempo lhe introduziu homens, e brutos, de que os mais sucessivamente se foram propagando.

Não repito como opinião o desatino, e temeridade de alguns, que não entendendo bem a Avicena quiseram impor-lhe, afirmara, que os homens, assim como os insetos podiam gerar-se da corrupção, da qual nasceram êstes Índios. Nem tampouco relatam o errôneo absurdo de Alnardo de Vila Nova, Júlio Camilo, Tomás Garzoni, e outros Químicos, que tiveram para si poder formar-se o homem por arte de Alquimia. E nem menos refiro as erradas tradições dos mesmos Índios, que escreve o Padre Vasconcelos;

porque não merece memória. Quero dizer que os Índios procederam de homens silvestres, para os não equivocar com os antigos, e fabulosos Sátiros, e Faunos, sendo êles realmente homens.

De tão repetidas, e várias opiniões se conclui ser controversa, dúbia, e incerta a origem dos Índios, primeiros povoadores dêste nôvo Mundo, e que mais fâcilmente se pode argüir, e opugnar, que afirmar, e estabelecer. Porém a décima-quarta mais recebida, e verossímil é, que êstes tais Índios são oriundos das Províncias Setentrionais, ou Asiáticas, ou Européias, e dos Tártaros Lapônios, ou Zemblanhos, circunvizinhos, e confinantes, dos quais no Dialético idioma, e pronúncia conservam grande semelhança; donde sendo a América ou continente, ou dividida com pequenos estreitos, seria fâcil o trânsito daquelas gentes para estas Regiões.

Esta opinião, que como o mais verossímil constantemente recebemos, é do mesmo Solorzano, capítulo 10. Com o Padre José da Costa, João Botero, Árias Montano, Genebrardo, Malvenda, Torquemada, o Padre Lorino, e Agostinho Torniclo. Seguem ao Padre Simão de Vasconcelos, e também Luís Morere no seu grande **Dicionário Histórico**, tomo 1.º, na palavra América na impressão Parisiense do ano de 1718 com outros muitos, impugnando a Gróssio, que de muitas Nações, e ainda dos Etiopes deriva esta convertida origem.

Não é menos altercada, e duvidosa a segunda parte da nossa Dissertação, na pergunta, se os antigos tiveram, ou não conhecimento dêste nôvo Mundo! Porque são tantos, e tão graves os Autores; e de uma outra parte tão nobres, valentes, e eficazes as autoridades, razões, e argumentos, em que se fundam, que não deixam muita Liberdade ao discurso, para que resolutamente se incline, a uma, ou outra.

Vatablo, Arias Montano, Genebrad, Luís Vives, Lúcio ríneo Sículo, Alexandre Vanegas, Adriano Turnebo, Pamélio, Isaac Causabon, Gorópio Becano, o Padre João de Mariana, Estêvão de Salazar Cartusiano, Frei Gregório Garcia, Malvenda, o Padre João de Pineda, Justo Lípsio, Frei Basílio Ponco, Grótió Barleu, e outros, fundando-se nas autoridades de Platão, Aristóteles, Cícero, Sêneca, Pompônio, Mela, Virgílio, Luciano, Arriano, São Clemente Romano, Orígenes, São Hierônimo, e outros, que literalmente parece tiveram notícia, e falaram dêste nôvo Mundo, as quais não transcrevemos, por evitar a nímia extensão.

Corroboram o mesmo, dizendo: debaixo do Sol nada ser nôvo, nem no mundo suceder coisa alguma, que já não tenha acontecido. Destas muitas, e grandes jazerem sepultadas no abismo do esquecimento. Dar a conhecer o Texto Sagrado, que

muitos dos Divinos Vates, principalmente Isaias, Sofônias, e Abdias tiveram conhecimento da América. Nem de outra sorte poder verificar-se o que de si mesmo testifica Salomão, dizendo-lhe fôra dado o geral conhecimento de todo o Orbe. Passando a tal excesso a teima de alguns, que fingiram versos Sibilinos, gravados em cipós, e pedras como monumentos da antigüidade: exagerando o crédito de uma medalha que supõe achada entre os Índios, e dizem se cunhara em tempo dos Romanos: concluindo finalmente (quanto a mim com razão mais eficaz) haverem achado os primeiros descobridores nestes mesmos Índios, principalmente nos de Cuzco, e México, edifícios, e fábricas construídas com majestosa elegância, obras, e manufaturas de primoroso artíficio, civilidade, política, e grande respeito aos Reis, a que obedeciam, os quais veneravam a antiga série.

Mais que tudo claros, e evidentes testemunhos da Religião Católica, não só nas Imagens Sacrossantas da verdadeira Árvore da vida, a Sagrada Cruz de Cristo, Soberano Troféu da nossa Redenção; porém do altíssimo Mistério da Santíssima Trindade; porque os da Província de Chiapã davam a conhecer as três Divinas Pessoas, a do Padre com a voz Icona, a do Filho com a expressão Bazab, a do Espírito Santo com a palavra Estruach. Diziam ser o Filho nascido de uma Virgem, a que chamavam Chibirias, e assim outros altíssimos Mistérios da nossa Fé, como referem Salazar, Dom Frei Bartolomeu de las Cazas, Bispo da mesma Província, Malvenda, e outros.

O mesmo refere o Padre José da Costa dos Peruanos tábula 3, Inst. Indor., capítulo 27, que ao Sol dedicavam três Estátuas de ouro em tudo semelhantes, chamando a primeira Apointo, a segunda Churunti, a terceira Intiquaqui, que importam o mesmo que se disseram o Pai Sol, o Filho Sol, o Irmão Sol. Dando também culto a um Ídolo chamado Tanga, nome que vertido vale o mesmo, que três em um, e um em três. Deixo outras memórias dos mesmos Autores por alheios do nosso argumento, e porque com êste parece esta opinião incontrastável.

Assim parece, porém não é assim; porque a opinião negativa, e que se soubera, e vulgarizara a notícia, e certeza dêste nôvo Mundo só depois que Cristóvão Colombo, Pedro Álvares Cabral, Fernando de Magalhães, Américo Vespúcio, e outros insignes Argonautas, o descobriram; é opinião mais provável, verossímil, e certa. Assim o afirmam Pedro Malferet Marguard de Suranis, Pedro Belino Tarafa, Vitória, Barreiros, Frei Luís de Leão, os Padres Costa, Perenco, Barradas, Botero, Antônio de Herreira, Gregório Lopes Madeira, Jacó de Valdes, Camil Borrelus, Aldrede, Padre Opmeceer, Frei João Pones, Trajano, Bocacim, Torquemad, Agostinho Tomiel, Abraão, Ortel, Carol Stephan, Frei

Tomás Malvend, Francisco Vales, Alan Copus, Solorzan tab. 1, capítulo 11, Frei Serafim de Freitas, e outros em maior número, que os contrários.

Não só por esta circunstância, mas pelas eficazes razões, que o persuadem, prevalece esta opinião, porque muitos dos antigos negavam ser o *Orbe Esférico*, diziam ser o Céu de figura quadrada, e semelhante ao teto de um tabernáculo, e que não cobria este Hemisfério; proposições, que bem deixam perceber o pouco que o conheciam, e quanto dêle duvidavam.

Diziam outros, que estas partes Austrais estavam submersas nas ondas do Oceano, e que este mesmo, ou pelos escolhos, e recifes, ou pelas árvores, e raízes, que o embaraçavam, não era navegável.

Concediam os terceiros a existência desta Região, mas que não tinha habitantes, e se os tinha, não eram descendentes de Adão; porque para ela não havia passagem, e supor-lhe outro Progenitor, era herético, e notório erro.

Em quarto lugar era tão pouco conhecido este novo Mundo, que negavam muitos Sábios doutíssimos, e Santos haver Antípodas.

A quinta razão, por afirmarem muitos ser inabitável esta Zona tórrida.

A sexta, porque como não tem tão antigo, e longo principio o uso náutico do Astrolábio, agulha de marcar, e conhecimento da virtude magnética da pedra Ímã, este descoberto no ano de 1300 por João de Goga, natural de Amilfi, Cidade do Reino de Nápoles, o primeiro pelos Portuguezes, quando intentaram as navegações para a Índia, mal se haviam de executar, sem os tais instrumentos estas viagens tão dilatadas, e duvidosas.

A sétima, e concludente razão consiste na grande omissão, silêncio, e descuido, em que por tantos Séculos, esteve sepultada no esquecimento a notícia de uma coisa tão grande, e extraordinária, como um novo Mundo, umas regiões tão vastas, úteis, e opulentas, sem que algum dos inumeráveis Escritores daqueles passados tempos delas avivasse a memória, nem que houvesse Príncipe, que com heróica resolução intentasse tão ilustre, e gloriosa conquista.

Aos Espanhóis de Portugal, e Castela se deve justamente está glória; elles foram os primeiros insignes Argonautas destes fataes descobrimentos; a elles só deve o Mundo antigo a notícia, a certeza, a Religião, a utilidade, o aumento de um novo Mundo. Nem os Autores da outra opinião persuadem o contrário; porque suposto muitos sejam Nacionais, muitos também são Estrangeiros. Os Nacionais quizeram caprichosamente seguir a parte mais difficilosa, ou com jactância interpretar os occultos segredos da

antigüidade, e dar a conhecer, que nada ignoravam. Os Estrangeiros porém com emulação, inveja, e rompimento declarado, com Portuguezes, e Castelhanos, não só nas campanhas, não só nos combates marítimos, não só na sublevação, e escalamento de Reinos, Províncias, e Praças nos faziam viva guerra, porém com as opiniões, com as invectivas, com as penas, com os Livros nos queriam também escurecer, e usurpar a fama, o nome, a glória, justamente merecidos por tantas façanhas, por tantos triunfos, por tantas proezas.

As autoridades de Platão, Aristóteles etc. se entendem como hipérboles, encarecimentos, e ficções Poéticas, e delicado capricho de seus comentadores; as de São Clemente Romano, Orígenes, e São Jerônimo, em muito diverso sentido, como também a interpretação das Sagradas Profecias só depois destes descobrimentos, bem entendidas, (sic) e assim interpretada. A medalha, os versos Sibilinos, estes conhecida impostura, aquela artificioso estratagema. A civilidade, e obras artificiais dos Índios serem efeitos de natureza racional, e da Divina Providência, que tanto no Antigo, como neste novo Mundo podia criar Inventores. Os testemunhos da verdadeira Religião serem máquinas, e arremedos Diabólicos, o que tudo mais largamente se pode ver no dito Solorzano tab. 4 do capítulo 126 et capítulo 148, Malvend. tab. 4 do capítulo 26 et capítulo 28 e 38, donde referem a outros muitos que respondem aos tais argumentos, e confirmam a nossa opinião.

Convencido assim pelo que havemos relatado não terem os antigos conhecimento da América. Averiguada a origem de seus primeiros habitantes, seguia-se tratarmos da Religião, propriedades, afetos e costumes naturais, militares, e políticos dos Americanos. Diremos das propriedades naturais, quando especialmente tratarmos dos Brasileenses. O que pertence à Religião, Guerras, e Políticas, tendes já ouvido, e admirado, e ireis ouvindo nos três preclaríssimos Mestres o Reverendo, e Sapieníssimo Senhor Doutor Gonçalo Soares da Franca, que com grande erudição e elegância instrui, e persuade; ao Doutíssimo Senhor Desembargador Ouvidor Geral do Civil o Senhor Luís de Siqueira da Gama, ciente em tôda a faculdade, cheio de notícias, e letras, e tão profundo no conhecimento das Leis, como ilustrado, com os favaes das Musas; e no Eruditíssimo Senhor Doutor Juiz de Fora o Senhor Inácio Barbosa Machado, que com estilo áureo, incompreensível notícia, Museu animado, mística Bibliotheca, ensina, eleva, atrai, e admira.

Convencido-nos já o Brasil, suas grandezas nos convidam, suas prerrogativas nos chamam; porém este assunto pede mais tempo, e maior pausa. Principalmente hoje dia alegre, e fausto, o qual se fôra previsto pelo discreto Picinelli não applicara só ao Austral

Estelífero Cruzeiro o elegante Símbolo: **nouum pandit iter**; sim ao Soberano, e Augustíssimo Príncipe do Brasil, e Senhor nosso, que hoje felizmente no complemento do décimo ano de sua florentíssima idade, **nouum pandit iter** para os aplausos, para as aclamações, para os festejos. Nem para a Terra pròpriamente da Santa Cruz podia haver Símbolo mais próprio, que o do Cruzeiro; nem esta luminosa constelação podia copiar-se com mais decôro, que na pessoa do Príncipe nosso Governador por ser a Cruz Sacrossanta o brasão, o troféu, a águia, que a Portugal **nouum pandit iter**, e conduz também hoje ao Brasil por nôvo caminho a Sacrifício nôvo, que logo se fará manifesto nos Poéticos Entusiasmos de sonorosos, suavíssimos Metros de discretíssimos harmônicos Ritmos, sacrificio para o qual prostrado reverentemente o mesmo Brasil na presença do seu, e nosso Príncipe: **a longe prospiciens, et salutans**; não com vítimas cruentas, não com profanas hecatombes, sim com afetos puros, sim com ardentes oblações do entendimento. Oferece, consagra, dedica vivos encômios, e panegíricos ao Real Soberano objeto de nossas bem fundadas esperanças de nossas há tantos anos vaticinadas, e o mais que nunca felicíssimas glórias.

Disse.



DISSERTAÇÃO TERCEIRA

Descreve-se o Brasil com outras particularidades pertencentes à sua natureza.

Da América, quarta, e maior parte do Mundo, a melhor, mais opulenta, e fertilíssima Região intento fazer hoje visível no Teatro dos ouvidos. Estes também alguma hora hão de exercitar o ofício dos olhos, para que sirvam uns sentidos de intérpretes aos outros, que nem sempre a Ótica se há de arrogar absoluto domínio dos objetos. Determino descrever, e debuxar o Brasil, o qual fácil, e liberalmente me subministrará as tintas, pois da mais viva, e abrasada tomou o nome. Mutuando — ó seus nobres, e multiplicados troncos ao dilatado de sua vastíssima extensão. O Brasil aurífero depósito do metal mais subido, fecundo progenitor do mais doce gênero, e cultor officioso da planta mais útil, e do pó mais levantado. O Brasil com maior jactância inestimável jóia do Lusitano Cetro, e pedra preciosíssima da Coroa Portuguesa, de tanta Majestade, formosura, que só no desmaiado, e grosseiro destas côres ficará menos bem parecido, sendo que é dotado de tão naturais excelências e prerrogativas, que sem outra alinho, ou enfeite mais, que a congênita, e própria gala, de que o vestiu, e adornou a natureza, sempre campeia vistoso, sempre se ostenta agradável.

De quatro graus, e seis minutos da Linha Equinocial para o Setentrião. Debaixo do qual corre o rio Jupós, ou de Vicente Pinson, terras do Cabo do Norte, margem Boreal da grande Baía, ou bôca, por donde ver restituir-se ao Oceano o caudoloso Rio das Amazonas, sem hipérbole, imperador hidropotente dos outros Rios. Domínio que nos foi declarado nos artigos 8, 9, 10, 11 e 12 da Paz de Utrecht ajustada em 11 de abril de 1713, pelas Majestades do muito alto, e poderoso Rei Dom João o V nosso Senhor, que Deus guarde, e a del-Rei Luís XIV de França nesse tempo reinante. A margem também Setentrional do Rio da Prata, Ilha dos Lôbos, e Cabo de Santa Maria que fica na altura Austral de trinta e cinco graus, Distrito, que também nos foi restituído pelo artigo feito da mesma Paz de Utrecht. Convinda em 1715 entre as Coroas de Portugal, e de Castela, onde está situada a cidade

do Sacramento, vulgarmente apelidada nova Colônia. Falo no incontroverso, e no que Portugal possui, que muitos Autores com grande fundamento adiantam a nossa pretensão à Baía de São Matias, e Cabo Redondo, que estão na latitude de quarenta e quatro graus da parte do Sul, a que os Antigos Marcos dão justo título. E na longitude se bem duvidosa, de trezentos e vinte graus aos trezentos e quarenta e oito e quarenta e seis minutos até onde se dilata o Cabo de São Agostinho, jaz esta grande, e dilatada Região do Brasil a mais oriental da Meridional América.

Termina-se pelo mesmo oriente com o Oceano Etiópico, e também pelo meio dia. Mudado porém o nome em Mar do Norte, a divide por aquela parte. O que continua a Província de Güiana, ou Caiena sujeita ao domínio Francês. Pela parte Ocidental confina com as terras do Quito, do Peru, Cordilheira, ou Serra dos Andes, e com as Províncias convizinhas ao Paraguai, e Rio da Prata. Vários são os cálculos que computam o número de suas Léguas; o mais ajustado, atendendo aos Promontórios, a que se estende, seios, baías, e enseadas em que se encurva, e recolhe, é que terá de costa mais de mil e duzentas Léguas. Não podemos ajustar as de seu diâmetro ainda incógnito, ainda de todo não penetrado. Suposto passam já de duzentas as de terreno, e sertão, e povoado, e conhecido. Subindo ainda a dobrada distância as missões, e Aldeias, que buscando o nascimento do Rio das Amazonas se avizinham a Quito.

No aparato isagógico, que expusemos na primeira conferência Acadêmica de 23 de abril passado, seguindo aos insígnies Historiadores João de Barros, e o Ilustríssimo Dom Jerônimo Osório, Bispo de Silves, Reino do Algarve; êste na *História del Rei Dom Manuel* *teb. 2, f. 64*, o primeiro da sua primeira *Década*, *teb. 5, capítulo 2*, declaramos fôra descoberta esta Região aos 24 de abril, do ano de 1500. Cronologia, que também observaram os Sapientíssimos Mestres da História Política e Militar. O Doutíssimo Senhor Gonçalo Soares da Franca, digníssimo Mestre da História Eclesiástica inculcou na conferência antecedente diversa notícia, fundado em algumas particulares, e outros argumentos ao parecer fortíssimos, e que fazem duvidosa aquela nossa exposição.

Veneramos com o maior rendimento tão grande doutrina, porém não é possível, nem nos podemos apartar de uns Autores, que pela verdade, que observaram, por serem coevos, e contemporâneos da ação, não só merecem todo o crédito, mas uniformemente lho contribuem Nacionais, e Estrangeiros. João de Barros de nobre nascimento, o qual estêve na cidade de Viseu em 1496 quatro anos antes dêste sucesso, de que pelo emprêgo dos negócios da Índia, em que se ocupou, é sem dúvida, que teve todo o

conhecimento, e certeza, principalmente aplicando-se a escrever esta História com tanto cuidado, e elegância, que por antonomásia o denominam o Livro Lusitano, e o diz também o título do Livro, o que com propriedade chamou **Décadas**, e deu a estampa em 1552; sendo verossímil que escrevera em tempo muito antecipado.

Dom Jerônimo Osório com grande emulação de Roma, chamado o Cícero Português, também floresceu no mesmo tempo, e se imprimiu a sua **História** em 1571. Assim o escreveram também Damião de Góis na **lib. 1 da Crônica** do mesmo Rei Dom Manuel capítulo 55, Pedro de Maris nos **Diálogos de vários historiadores**, Dial. 4, pág. 184, Luís Coelho **empres. de Lusitan.** pág. 18, todos antigos, e todos constantes em que o descobrimento do Brasil acontecera no referido dia 24 de abril. O mesmo seguem Manuel de Faria e Sousa, o Padre Simão de Vasconcelos, e outros, a que por sua veneranda antiguidade se deve tôda a atenção.

Fazemos esta exposição, não só porque fomos os que primeiro asseveramos êste acontecimento, e assim em defesa própria; mas porque saindo estas [simul] do mesmo centro, e da mesma Academia, devem ser em tudo retas, e umas não é justo se oponham a outras. Além de que se a um mesmo tempo, e em umas mesmas conferências se inovarem, e seguirem diversas opiniões, com mais razão os Estrangeiros não só duvidarão, mas assinarão diverso tempo as ações principais, o que sem dúvida fazem; porque sendo constante haver-se descoberto o Brasil no dito ano de 1500, muitos daqueles Autores afirmam suceder em 1501. Assim o escreve o Padre José Juvêncio na **História da Sagrada Companhia de Jesus**, tomo 5.º, **lib 23**, pág. 753; donde, tratando desta Região, diz: fôra descoberta em 1501 aos 3 de maio, dia no qual a Igreja Católica celebra a Invenção da Santa Cruz. O mesmo ano assina ao tal descobrimento Luís Moreri no seu grande **Dicionário** na **dicção Brasil**, Malhet, tomo 5.º, pág. 219 com Wiflét, Antônio Magin, Davity e outros.

Instar-me-ão que os Críticos modernos duvidam de ações, e acontecimentos de maiores consequências. Assim o reconheço, mas não sigo; porque conforme a autoridade do Padre Mavilhon no tratado dos **Estudos Monásticos**, pág. 11, capítulo 13, o exame e crítica de boa fé, e que justamente mereçam o título de bons devem ilustrar, e não desfazer as opiniões comumente recebidas, principalmente de Autores, pelas circunstâncias que ponderamos, de tanta veneração e respeito.

A esta Região assim descoberta deu Pedro Álvares Cabral o nome de Terra de Santa Cruz, em reverência de sua triunfal Invenção, e ser aquêlo o primeiro dia, que em suas Gentílicas praias se celebrava o Sagrado, e Incruento Sacrificio da Missa. Mandando também levantar um Padrão, em que estava gravado

êste glorioso sinal da nossa Redenção, para obelisco permanente das Conquistas Católicas, e Lusitanas proezas. Sendo que tão Majestoso, e Venerável nome não teve muita permanência, e poucos anos existiu. O que evidentemente se deduz do mesmo João de Barros no referido capítulo 2 onde eficazmente declama contra os que sacrilegamente fizeram maior apreço da côr, e interêsses de um tronco, ainda que útil, grosseiro, que do Religioso culto, e memória da Verdadeira Árvore da Vida.

Dom Jerônimo Osório já lhe não chama Terra de Santa Cruz, sim Região do Brasil, suposto que Pedro de Magalhães de Gândavo desse a sua História o título de **Relação da referida Terra de Santa Cruz**, como esta obra se imprimisse na ano de 1579 fâcilmente deixa conhecer sendo posterior às precedentes, que foi mais por veneração ao primeiro nome, que porque ainda se conservasse, que tão frágeis, e momentâneas são as humanas glórias que ainda o Sagrado não tem para a duração indultos:

Transmutou-se em poucos, não pude averiguar quantos anos o nome de Santa Cruz no de Brasil, Árvores, de que há grande cópia nesta Região. Nome não próprio, mas derivado da côr ígnea, semelhança das brasas, e alusão a brasido, ou áscuas ardentes, como em diversos lugares adverte Manuel de Faria e Sousa, e últimamente Dom Rafael Blutreau no seu **Dicionário**. Os Gentios Tapuaias chamavam, na sua bárbara linguagem a esta Árvore Ibirã Pitanga, que vale o mesmo, que pau vermelho; e assim é pelo vivo, e rubicundo da sua côr, não sendo menos dura, e sólida a sua madeira sempre lustrosa, e de tanta estimação, que Kinchio, Vatablo, Ximénez e Bózio, os quais refere Malvenda de **Anti-Cristi**, lib 4, capítulo 33, querem que o **Ligna Thyrita**, ou Almugin, vozes Hebraicas de paus, que se conduziram para a fábrica do grande Templo de Salomão fôssem o mesmo pau-brasil. O mesmo segue Têrvio nos **com. Aescriptura**, lib 3 dos **Reis**, capítulo 10, particularidades, que individuaremos em seu lugar.

Francisco de Brito Freire na advertência na sua história procura, e insta haver de chamar-se a esta Região nova Lusitânia; é questão de nome, e continua o de Brasil não só na posse, mas com a propriedade.

Os mais dos Escritores a dividiram em catorze Capitánias, que era o mesmo que umas Províncias, ou comarcas concedidas pelos Senhores Reis dêste Reino a diversos Cavalheiros, para que as povoaassem, e delas ficassem sendo Donatários, com extensão cada uma de cinqüenta léguas de costa, e sertão sem limite. Contando do Norte para o Sul principiavam no Pará; seguia-se o Maranhão, o Ceará, o Rio Grande, o Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Ilhéus, Pôrto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro,

São Vicente. Hoje conta o mesmo número, porém com diversa ordem, títulos, e decôro. Porque principiando devidamente pela da Bahia, não só passou a Governô, mas a Vice-Reinado com tanta potência Militar, e Política; com tanta grandeza, paz, abundância, e felicidade, quanta ditosamente experimentamos, a Principal de todo êste Vastíssimo Estado, com Arcebispado, Metrôpole, Cúria Diocesana, Tribunal da Relação, conselho da fazenda, casa da Moeda, Ouvidor, Provedores, e Juiz de Fora despachados por El-Rei, Governança da Cidade, e outros Magistrados, que constituem uma bem ornada República.

Passou também a Governô, o Maranhão unido com o Pará, porém com dois Bispados do mesmo nome, dois ouvidores, um no Maranhão com Juiz de Fora no Pará, outro na vila da Mocha do Piauí. Succedeu o mesmo em Pernambuco com Governador, Bispo, Ouvidor e Juiz de Fora e outro Ouvidor nas Lagoas. Êste Governô compreende Itamuracá, onde há Ouvidor particular; mas quase sempre letrado. O Rio de Janeiro também é Governô, e Bispado com Ouvidor, e Juiz de Fora. Estabeleceram-se de nôvo em Governô o distrito das Minas com quatro Ouvidorias, ou Correições, a do Ouro Prêto, a de Vila Real do Sabará, a do Rio das Mortes, a do Cêrro do Frio; o de São Paulo com duas Ouvidorias, a do mesmo nome, e a do Pernaguá; e o da nova colônia, todos do Bispado do Rio de Janeiro de tamanha.

Conservam o nome de Capitánias Mores a do Ceará, a da Paraíba, que inclui a do Rio Grande, a de Sergipe, a de Santos, esta com Juiz de Fora, as primeiras com Ouvidores despachados também por El-Rei. Com ouvidores particulares, e não letrados se nomeiam também Capitánias-Mores os Ihéus, Pôrto Seguro, Espírito Santo, Cabo Frio, e Ilha Grande, que tudo manifesta haver no Brasil um Vice-Reinado, seis Governos, nove Capitánias Mores, um Arcebispado, quatro Bispados; um Desembargo, ou Relação, como vulgarmente se diz; Real Audiência, ou Parlamento, como dizem os Estrangeiros. Catorze correições, cinco Judicaturas de fora, seis Ouvidorias particulares, como já declaramos.

Doze Cidades são as principais dêstes Governos, e Capitánias; a de Belém no Pará; a de São Luís no Maranhão; a de Santiago no Ceará; a do Rio Grande, a da Paraíba, a de Olínda em Pernambuco; a de São Cristóvão em Sergipe; a de Cabo Frio, a de São Sebastião no Rio de Janeiro; a de São Paulo, a do Sacramento na nova Colônia; e a famosa, em que habitamos, Cidade de São Salvador, populosa, opulenta, ilustre, Côrte Metrôpole, e Empório do Lusitano Brasiliense Império, a qual situada na altura Austral e latitude de treze graus (observo o que últimamente escreveu o douto Manuel Pimentel) na longitude de trezentos e

quarenta e cinco graus, e trinta e seis minutos, coroa os seis levantados Cumes de uma grande eminência, que sobranceira ao Mar, já despreza altiva os incessantes combates de suas entumecidas ondas, já aceita agradável as repetidas lisonjas de suas inquietas, e reverentes águas, que espalhando-se com brando movimento pela branca areia de suas espaçosas praias, plácidas, e com cerúlea transparência, servem de espelho a seus majestosos edifícios. Se não com tanta estrutura, e antigüidade como os de Babilônia, não com menos nobreza, e formosura no elegante de suas fábricas, no sublime de suas tórres, na sempre verde pompa de seus arvoredos, e no delicioso, alegre, e fecundo de seus contornos, igualmente aprazíveis, que os de Campânia, e Tessália, e sem encarecimento verdadeira cópia dos Elísios campos.

Francisco Pereira Coutinho pelo sangue, e proezas mais illustre, que bem afortunado, primeiro, e único Donatário desta, nesse tempo Capitania, lançou os primeiros fundamentos a esta cidade, no Sítio de Nossa Senhora da Vitória, onde chamam Vila Velha. Porém infestado do Gentio, sendo funesto despôjo de infeliz naufrágio, foi vítima lastimosa, e cruenta à voracidade dos bárbaros Tupinambás, que matando-o, de seu cadáver foram também vivas Sepulturas, encontrando o Sepulcro onde buscava o asilo, digno por certo de outro monumento, ainda que o terá sempre indelével na compaixão, e na memória mais illustres que as Pirâmides, e Mausoléus.

Tomé de Sousa, Fidalgo de grandes virtudes, e excelências, primeiro Governador do Brasil a mudou do Sítio, em que estava, para êste, em que hoje se vê, dando-lhe o nome de São Salvador, e principiando a edificá-la no ano de 1549. Do Forte de São Pedro, que olha para o Poente, ao de Santo Antônio além do Carmo, que fica ao Oriente, e Água de Meninos até onde continua, terá uma légua de comprimento, e quase a quarta parte de légua de largura. Tão cheia de edifícios, e palácios, que além do Real, em que assite o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, o da Relação o dos Arcebispos, o da Câmara, tem outros particulares, que merecem o mesmo título. Com magníficos Templos, o da Sé, o do Colégio da Companhia de Jesus, o de São Bento, o do Carmo, o de São Francisco, o de Santa Teresa, também do Carmo descalços, o de Nossa Senhora do Destêrro de Religiosas de Santa Clara. A casa, e Recolhimento da Misericórdia das mais ricas dêste Reino, e também os Conventos de Nossa Senhora da Piedade de Capuchinhos Italianos, e o de Nossa Senhora da Palma de Agostinhos descalços, que no asseio, ornato, e decência não cedem aos primeiros. Nove freguesias, sete na cidade, e duas nos subúrbios convizinhos: muitas Ermidas, e Capelas ricas, e decorosamente ornadas.

Tem duas praças, além de outros terreiros, a que chamam Quitandas, em que tôdas se vende o peixe, frutas, hortaliças, e outros gêneros. A primeira é a de Palácio em forma quadrada, direita, e regular: a segunda é a do Terreiro de Jesus de forma prolongada, e de maior extensão. Esta enobrecida com os Conventos do Colégio, São Francisco: a primeira com os referidos Palácios, menos o Arquiepiscopal, que fica de Sé em pouca distância.

É habitada de muita Nobreza Eclesiástica, Militar, e Política; muito negócio náutico, e terrestre, todos os ofícios mecânicos, tanto povo, e escravaria, que passam de oitenta mil as pessoas nela assistentes, como melhor se conhece dos bairros, em que se divide, largas, e multiplicadas ruas, que a separam, imensidade de casas, que a ocupa.

Está fortificada pela natureza, e pela arte com muralhas, e trincheiras, a que cobrem seis fortalezas fabricadas ao moderno com muitos baluartes, além de outros menores no mesmo recinto, e dos que ficam fora da sua circunferência: todos guarnecidos de grossa artilharia, debaixo da qual surgem as grandes frotas, e contínuas embarcações, que freqüentam êste Pôrto. Duas casas da Pólvora com mais propriedade Fortalezas, e uma Ribeira, o Arsenal, onde se fabricam Navios de tão grande porte, como o que se vê no estaleiro pronto para se lançar ao Mar, que não cede e nenhum dos de primeira linha, e na incorrupção das madeiras a todos leva vantagem. Tão cheio o mesmo Arsenal de Oficinas, e aprestos navais, que compete com muitos de Europa. O que tudo enobrece, e realça esta grande cidade.

Serve a mesma de incontrastável defesa a tôda a espaçosa Baía, na qual para encalhar em dia de todos os Santos o Navio, em que vinha embarcado João Pinheiro, impellido da violência de uma forçosa tempestade, lhe impôs devotamente o mesmo nome. Outros dizem haver-lhe dado Cristóvão Jaques, Fidalgo da Casa del-Rei por a descobrir naquele dia. O certo é ser assaz conhecida por Baía de todos os Santos: o mais importa pouco ao nosso argumento.

É a dita Baía um grande e dilatado Arquipélago, capaz de numerosas armadas; tem mais de trinta e seis léguas de âmbito, e duas de barra: nela desaguam seis Rios: Pirajá, Matuim, Pamamerim, Sergipe, Paraguaçu, Jaguaripe: povoam a sua circunferência muitas fazendas, e engenhos; esmaltada de numerosas, e aprazíveis Ilhas; uns as contam pelo número de cento; na conferência passada ouvimos serem sômente oitenta, o que reverentemente seguimos. De tôdas a maior é a de Itaparica, célebre pela pescaria, e tráfego das Baleias: mui abundante de todo o gênero de pescado, e marisco: no mais que calamos, nos remetemos ao que escreveu o Padre Simão de Vasconcelos no lib. 1 de sua Cronolo-

gia, onde retrata, e representa a Bahia com grande elegância, e formosura.

Não descrevemos as outras cidades, e vilas dêste Estado (que a temos em catálogo particular) suas freguesias, e fortalezas, por ser êste emprêgo encarregado a outros estudos, como com tanta admiração ouvimos, e aprendemos: só nos toca o que pertence à Natureza; segundo a qual sendo êste centro do universo, base do Mundo, Simulacro do Céu, Teatro da Terra, Elemento frio, e sêco; e sendo o Brasil parte dêste todo, pela vizinhança do Sol, influências, e impressões de outros Corpos Celestes, ventos, auras, e virações grande número de Rios, de suaves, e perenes fontes, parece de alguma sorte ter diversa natureza, e qualidade. Porque o frio não é insuportável, o sêco não é infrutífero; não se experimentam os gelos da Noruega, e da Lapônia, nem se descobrem os áridos espaços da Arábia, e da Líbia.

Com calor não intemperado, com umidade contínua sempre está animando o vegetável, cobertos os campos de verdes, medicinais, e utilíssimas plantas, e de pastos tão fecundos, quanto insinua a multiplicidade, e cópia de seus gados. Além do espêso, e frondoso de suas matas, e arvoredos, que não cabe na explicação.

Estando a maior parte do Brasil dentro da zona tórrida, [contemperado] o ar ambiente com a referida umidade, e vapôres, atraídos pelo mesmo calor, são tão benignos, e saudáveis os seus climas, que os perpendiculares raios, com que o Sol fere não tostam, nem o verão, que comumente dura de setembro até março abrasa. Dêste dito mês até o de setembro se chama Inverno, mais pelas continuadas chuvas, que pelos rigorosos frios, os quais se fazem mais sensíveis além do Trópico Austral, e nos Sertões, e partes mediterrâneas; porém nunca de sorte, que nevados encaneçam os Montes, e gelados não corram os Rios. É bem verdade, que nas partes Ocidentais Peru, Chile, e nas suas montanhas cai a neve em demasia, e também no Pará, e Maranhão o calor é mais excessivo.

Por muitos anos não se experimentaram no Brasil doenças agudas, ou epidêmicas, os seus primeiros habitadores escusavam os socorros de Medicina, e ordinariamente morriam de velhos. A introdução dos escravos extraídos da Costa de Guiné, Angola, e outras partes, precisos para o serviço público, fábrica, e cultura das fazendas; com esta utilidade, e conveniência trouxe também o mal, e o dano de muitas enfermidades, e achaques antes não conhecidos. Porém mais freqüentes nas povoações marítimas, que nos Sertões.

A maior parte desta Região se dilata, e compõe de espaçosos vales, e campinas, e de eminentes serranias, e Montes. Êstes como filhos da grande Serra dos Andes, ou Cordilheira, a maior das que

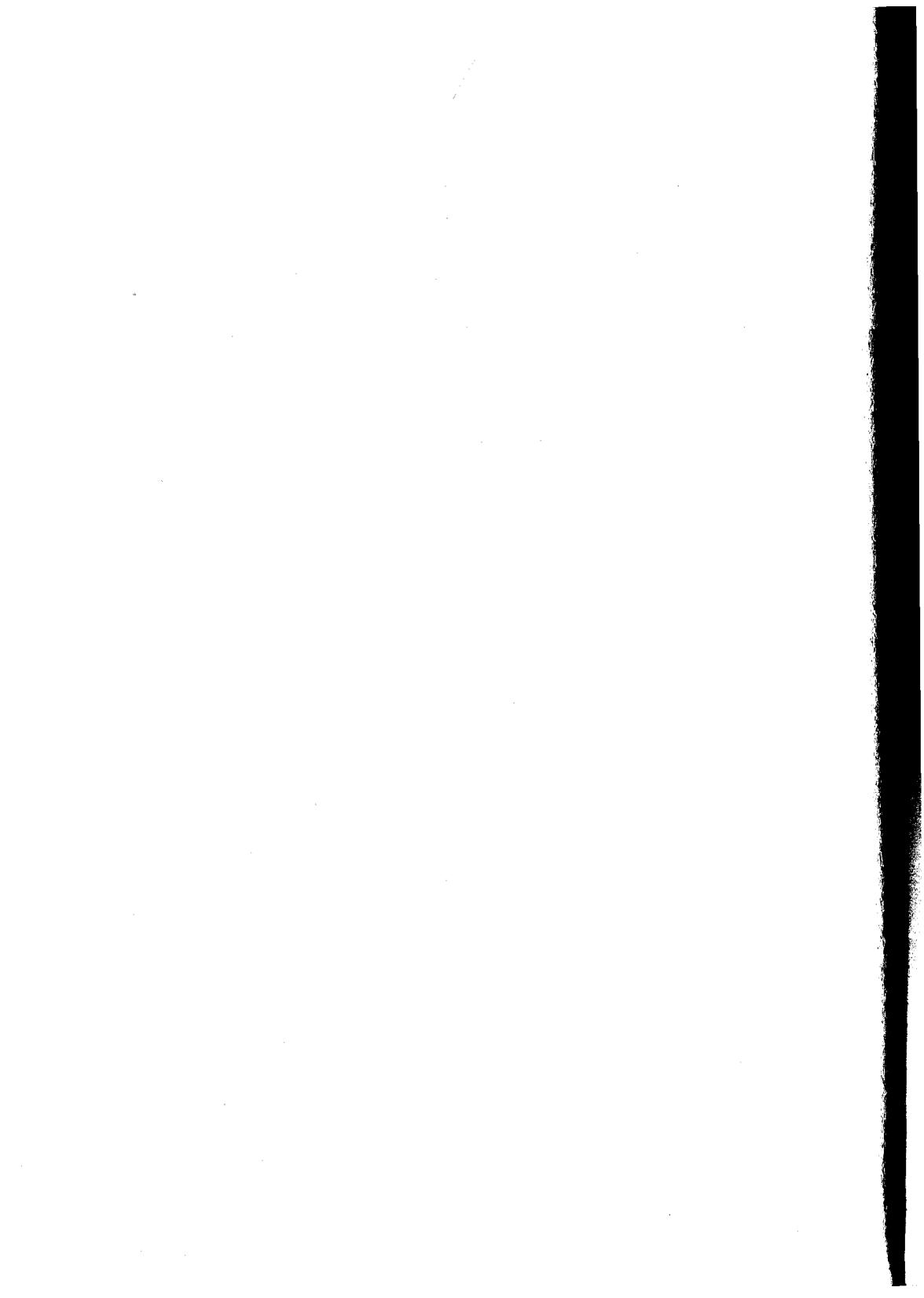
no Mundo se conhecem (como já dissemos) discorrem desde o Paraguai ao Maranhão tão formidáveis, e soberbos, que sem ficção Poética êles são os Americanos Gigantes, mais verdadeiros, que os de que dão noticia alguns Historiadores nos Patagões, e margens do Rio das Amazonas.

Ocupam grande parte do Brasil, e suposto que os mais dêles uns acumulados a outros assistem pela terra dentro, muitos se avizinham ao Mar, e mergulhando-se em suas salsas ondas formam os continuados recifes, que guarneceem as dilatadas Costas do mesmo Brasil, levantando uma natural trincheira, antemural que as defende. Franqueando outras partes para darem lugar aos muitos portos, Baías, e enseadas, que as fazem cômodas, e seguras para os navegantes. E surdindo em distâncias comensuradas são as multiplicadas Ilhas, ou propugnáculos, e fortalezas inexpugnáveis, que cobrem as mesmas Costas.

Os do Sertão, e Meditúlio dessangrando-se em fontes, e Rios fazem êste país fecundo, e delicioso com variedade de flôres, e frutos naturais, e estranhos. Tivera todos os de Europa, se a cultura, e diligência se encaminhasse mais ao regalo, que ao lucro. Nas entranhas de quase todos êstes disformes, e monstruosos Gigantes se geram os metais mais subidos, Cristais, Ametistas, Esmeraldas, e outras pedras de preço. Sobem tanto a Esfera, que entestam as suas frentes com o Céu, não intentando nova Guerra, sim para participarem mais fâcilmente das influências de seus Astros.

Porém como por benefício dêstes, pelo saudável dos climas, e ares, pelas águas, e conveniências do mar, pelas gerações e produções da terra, gênios, e costumes de seus habitadores é que as Regiões, e Províncias se dizem amenas, deliciosas, opulentas, e bem afortunadas, sendo verdadeiramente ditosos os que nela vivem, e como possui, e tem em si o Brasil tôdas estas excelências, e propriedades, trataremos de individuá-las nas Dissertações seguintes; porque não cabe tanto em tão pouco, e não permite mais o tempo.

Disse.



DISSERTAÇÃO QUARTA

Dissertação Quarta dos Céus, Planêtas,
Constelações, e Climas Brasilicos, em
27 de agôsto de 1724.

Querendo Soberano Artífice dar princípio a esta perfeitíssima, e grande Máquina do Universo prevista, e delineada ab aeterno em Sua Divina Idéia, criou logo a luz, para que iluminadas as trevas, que cobriam os horrores do Abismo, fôsse o mesmo refulgente esplendor o que primeiro desse a conhecer o [infinito da incompreensível Onipotência, e sempre com fasto brilhante se memorasse do Mundo o primeiro dia. No segundo para Luminoso Claustro, Pavilhão esférico, e profundo côncavo de todos os quatro Elementos criou êsses rutilantes celestes orbes. No quarto os esmaltou com Planêtas, e Estrêlas fixas, dando ao Sol com a providência do dia todo o Império das Luzes, à Lua a Potestade de ilustrar a noite; e a todos os outros Astros a faculdade de influírem nos corpos sublunares.

Completo finalmente nos primeiros seis dias da criação (que foram também os de todos os tempos) esta prodigiosa fábrica do Mundo, enobrecendo-a com tão diversas, e formosas criaturas, quanto manifestam, e simbolizam o altíssimo poder de seu Criador. Sendo porém com exceção das Racionais, as mais illustres essas resplandecentes Esferas pelo sólido, incorruptível, luminoso, e transparente de sua matéria; já com Aristóteles seja diversa da Elementar, e uma quinta essência; já com outros seja da mesma substância, porque superabunda para serem em tudo admiráveis, serem êsses mesmos Céus elegantes Panegiristas da Divina Glória.

Discreta, e divinamente afirmou Platão haver Deus gravado nos Céus viventes por Astros, os olhos, só para que o Homem devidamente contemplasse nesses Luminosos inanimados Céus. Porém o humano temerário entendimento não se contentando só com o que via, não se satisfazendo só com o que contemplava passou com transcendente especulação a querer examinar, e tocar o inacessível; remontou-se a numerar os Céus, contar as Estrêlas, fixar os Pólos, e dividir a Esfera, de tal sorte, que o imperceptível parece que de algum modo ficou sendo palpável.

A doze, segundo a opinião mais comum, chega o número dos Céus. O Empíreo, assim chamado de Pir, ou fogo, pela imensidade de suas Luzes, corpo entre todos excelentíssimo, primeiro do Mundo, sutilíssimo na substância, parte santíssima, Côrte Luminosa, Sagrado Templo, e refulgente Trono de Deus, gloriosa Estância dos Anjos, Pátria ditosa, e feliz Habitação dos Santos, e dos Bem-aventurados, Céu dos Céus, digno objeto da contemplação; porque nas prerrogativas inefável, só quando devotamente se medita, é que de alguma sorte se compreende.

O primeiro Móvel, que no espaço de vinte e quatro horas arrebatada do Oriente para o Ocidente todos os Céus inferiores. O primeiro Céu Cristalino, de que os Astrônomos deduzem a processão dos Equinócios. O segundo Céu também Cristalino, que levando a Esfera de um pólo a outro, causa o movimento, de liberação, ou trepidação. O Firmamento ou Céu das Estrêlas fixas, os Céus dos Planêtas, ou Estrêlas errantes, Saturno, a quem dão dois Planêtas menores, ou Satélites, Júpiter, a quem dão quatro, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio, Lua, que todos encham o dito número, querendo que de todos êstes resplandeça sòmente o Sol, com luz própria, e os outros com a que lhes confere o Sol.

Para diferentes hipóteses, e sistemas escogitaram alguns Autores muitos Céus. Eudóxio descreveu vinte e três; Calipo trinta; Régio Montano trinta e três; Jerônimo Fracastório setenta; e assim mais, ou menos outros; porém a opinião mais acertada, e recebida, derivada do Sagrado Texto os reduz sòmente a três; a saber a Região dos Planêtas, o Firmamento, e o Empíreo, separando porém sempre da Celeste a Região Elementar.

Quiseram contar os Astrônomos antigos as Estrêlas, e nesse luminoso Firmamento numeraram mil e vinte e dois; que repartidas em seis Classes, ou magnitudes, deram à primeira quinze; à segunda quarenta e cinco; à terceira duzentos e oito; à quarta quatrocentos e setenta e quatro; à quinta duzentos e dezessete; à sexta quarenta e nove. Declararam cinco nubladas, nove obscuras, além de outras, que suposto tôdas sejam Luzes, nem tôdas aparecem com iguais resplendores; porque até nas mesmas Estrêlas se experimentam as desigualdades da fortuna. Não numerando também as de que se compõe a Via Láctea, que alguns fingiram ser Cristalino espelho, em que o Sol se revia, outros ser nôvo Astro, que acendera o incêndio do abrasado Faetonte, e outras semelhantes fantasias, mais próprias para a fábula, que para a História. Nem tampouco incluindo as Estrêlas, que se ocultaram em diversas Constelações, e as que novamente apareceram; de que com Ticho Brahe, Kléper, Devélio,

Cassino, Dom Anselmo, o Padre Fabri, e outros, faz relação Malhet parte 1.^a, pág. 65. Sendo que dos Modernos conta o Padre Reita, que só nas Plêiades observara mais de duas mil, e o Padre Riciolo no seu **Almagesto** diz, que quem afirmar que há mais de vinte vêzes cem mil Estrêlas, não dirá coisa, que não possa ser verdade.

De todos os mencionados cintilantes corpos, [ou] substâncias já sejam da mesma que a celeste, porém mais crassa, já de diversa qualidade, já resplandeçam com luz própria ainda que diferente nos visos, e acidentes, já com a que lhes confere o Sol, debuxaram os Astrólogos sessenta e quatro Constelações, Imagens, e Asterismos, seguindo aos antigos Idólatras, que com supersticiosa, e lisonjeira observância quizeram colocar entre as Estrêlas a seus falsos semi-deuses, e outras criaturas, que nunca entraram na categoria das mais nobres, como manifesta os nomes, que as fazem conhecidas.

Para êste fim fixaram os Pólos Ártico, e Antártico, para que como sôbre seguros eixos se firmasse nêles todo o movimento dos Celestes Orbes, que dividiram com uma linha imaginária, ou círculo máximo a que chamaram Equador, por partir o Mundo em partes iguais, e Equinocial, porque tocando-a o Sol não diferem na duração os dias das noites. Mediram porém primeiro as distâncias, e para cada um dos Pólos contaram noventa graus, de que nós outros dizemos ter cada um dezessete léguas e meia, e outras Nações mais, ou menos, dando porém todos a circunferência do Mundo trezentos, e sessenta.

Observaram que o Sol não passava da altura de vinte e três graus e meio, ondê chegando formava os Solstícios, e na mesma parte fingiram dois círculos menores, a que chamaram Trópicos; e porque o Sol de um para outro alternava os anuais movimentos, imaginaram também um círculo oblíquo máximo, no qual gravaram os doze Signos (1), pondo da parte do Norte os de Aries, Tauro, Geminis, Câncer, Leo, Virgo, que correspondem a Marco, Abril, Maio, Junho, Julho e Agôsto, e a parte do Sul os de Libra, Scórpio, Sagitário, Capricórnio, Aquário, Piscis, correspondentes a Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro, Janeiro, e Fevereiro, denominando, tôda a distância intermêdia por zona tórrida.

Observaram mais, que dos Trópicos até a altura de sessenta e seis graus e meio eram os climas suaves, os ares benignos, as

(1) Aries com 13
 Tauro — 33
 Geminis — 18
 Câncer — 9
 Leo — 27
 Virgo — 26

Libra — 8
 Scórpio — 21
 Sagitário — 31
 Capricórnio — 28
 Aquário — 40
 Piscis — 31

terras fecundas, e lançando pela mesma altura outros dois círculos, um para cada um dos Pólos; a estas duas distâncias deram o nome de Zonas temperadas, dos quais círculos com a latitude de vinte e três graus, e meio até os mesmos Pólos situaram as Zonas frígidas, constituindo cinco por tôdas. divisão constantemente recebida de antigos, e modernos.

Todos os referidos círculos supuseram de Oriente ao Ocidente; mas de um Pólo a outro. Lançaram o círculo máximo dos Horizontes, chamado sensível, por não exceder a maior distância, que alcança a vista, e Racional, por dividir a Esfera em iguais partes, e distinguir o que do Mundo nos é visível, do que nos fica oculto, e pròpriamente se diz a Região dos Antípodas. Lançaram outro círculo também máximo pelos dois Pólos: pelo Zênite, e Nadir, que nomearam Meridiano, e podendo ser tantos, quantos pontos verticais se representam na nossa imaginação, calcularam os ditos Astrónomos só cento, e oitenta. Últimamente lançaram outros dois círculos, igualmente máximos, chamados Coluros, para distinção dos Solstícios, e dos Equinócios, e assim repartiram a Esfera imaginária com iguais, e correspondentes círculos, ou argolas. Fabricaram a Esfera artificial, ou armilar, que sendo engenhoso invento de Atlante Rei de Mauritània, justamente lhe granjeou o crédito de que a antigüidade publicasse, que êle só sustentava tôda a máquina do Mundo em seus ombros, que tanto podem as fôrças do entendimento.

Êste douto artefato fêz perceptível o conhecimento, e divisão da Esfera natural; porque o humano discurso só do que vê deduz proporções para o que não alcança. Dividida pois a mesma Esfera na referida forma na parte Setentrional debuxam os Astrónomos além dos seis já nomeados Signos, as Constelações seguintes:

- 1 — A Ursa menor, ou Cinosura com sete Estrêlas.
- 2 — O Dragão com trinta e uma.
- 3 — A Ursa maior, Bama, ou Carro com vinte e sete.
- 4 — Cefeu com onze.
- 5 — O Cisne com dezessete.
- 6 — A Lira com doze.
- 7 — Hércules com vinte.
- 8 — Com cinco o Boetis.
- 9 — O Auriga com dezoito.
- 10 — Casicopéia com treze.
- 11 — Perseu com vinte e seis.
- 12 — A Cabeça de Medusa com uma.
- 13 — Andrômeda com vinte e três.
- 14 — Pégaso com vinte.
- 15 — O Pequeno Cavallo com quatro.

- 16 — O Delfim com dez.
- 17 — A Seta com cinco.
- 18 — A Águia, e Ganimedes com dezesseis.
- 19 — O Serpentário com oito.
- 20 — A Coroa Boreal com oito.
- 21 — Os Cabelos de Berenice com catorze.
- 22 — O Triângulo com três.
- 23 — A Serpente com dezoito.

Que ao todo foram vinte e nove Asterismo, ou Imagens com quatrocentos e cinqüenta e três Estrêlas.

Na parte do Sul, além dos seis Meridionais Signos já declarados esculpiram, também as vinte e nove seguintes Constelações.

- 1 — A da Baleia com vinte e duas Estrêlas.
- 2 — A da Canícula, ou Porciom com três.
- 3 — A do Cão Maior com dezoito sendo a que tem até a garganta, e chamam Sírío a maior do Firmamento, e sessenta e sete vêzes maior que a terra.
- 4 — A de Orion com trinta e oito.
- 5 — A da Lebre com doze.
- 6 — A do Rio Eridano com trinta e quatro.
- 7 — A do Peixe com doze.
- 8 — Nove a da Ara, ou Altar.
- 9 — Sete a da Pomba.
- 10 — Nove a da Abelha Indiana, ou Ave do Paraíso.
- 11 — A da Fênix treze.
- 12 — A do Grou dez.
- 13 — A do Índio sete.
- 14 — A do Pavão dezesseis.
- 15 — A do Lôbo dezoito.
- 16 — A do Centauro trinta e sete.
- 17 — A do Corvo sete.
- 18 — A da Taça sete.
- 19 — A da Hidra quinze.
- 20 — A da Nau Argos quarenta e cinco.
- 21 — A da Coroa Meridional treze.
- 22 — A da Mósca quatro.
- 23 — A do Pássaro Tucano sete.
- 24 — A da Serpente treze.
- 25 — A do Peixe Dourado quatro.
- 26 — A do Peixe Voador quatro.
- 27 — A do Camaleão nove.
- 28 — A do Triângulo seis.
- 29 — A do Cruzeiro nove.

Que ao todo importam trinta e cinco Constelações, e quinhentas e cinqüenta e cinco Estrêlas.

Mais em número, que as da parte Setentrional, Circunstância, a que causa grande dúvida o que afirmou o insigne Luís de Camões, cant. 5, oitava 17, *ibi*.

Vimos a parte menos rutilante
 E por falta de Estrêlas menos bela,
 Do Pólo fixo, onde inda se não sabe
 Que outra Terra comece, ou Mar acabe.

Lugar, que se os Comentadores com outros entendem asseverando ser o Pólo Antártico mais obscuro, e falto de Estrêlas, o que assim afirmaram os antigos, observando sòmente neste Hemisfério quinze constelações. Porém o contrário mostrou a experiência, calculando os Astrônomos modernos mais treze novas Constelações, como se pode ver em Houtimão, Pedro Teodoro, João, e Teodoro de Brina oitava, e nona parte de suas observações, os Padres Costa *lib.* 1, capítulo 5.º, o *lib.* 1, capítulo 20; Malhet, tomo 1, pág. 58.

Parece-me que estou ouvindo em lento sussuro, uma judiciosa crise, um fastidioso, e inquieto desgarrado com que êste illustre, e científico Auditório acusa de trabalho ocioso, pompa afetada, e aparente, vanglorioso fausto a tudo quanto temos expellido; chamando-lhe parto informe da História. Ainda com maior severidade creio que me increpam de que não sabendo bem de mim mesmo, satisfazendo mal as obrigações de meu cargo, e ignorando a terra que piso, me resolvo a tratar dos Céus, a descrever a Esfera, e discorrer no que não alcanço.

Quanto porém às acusações antecedentes, como no Prólogo, que na primeira Acadêmica conferência repetimos, já captamos a Vênia, de que precisamente nos havíamos de envolver nestas faculdades. Como Plínio Mestre, e Corifeu da História natural, e os que sucessivamente a têm escrito, todos trataram dos Céus, Planêtas, Constelações, e Climas. Como também das Celestes influências dependam as gerações, e produções da natureza, e salutífero, e fecundo das Regiões, ficará desculpável o pequeno fausto, pompa, e trabalho, de que nos capitulam, sem que se equivoque com a vanglória, afetação, e ociosidade, sim reconhecidos por estudos próprios, e devidos à História natural.

Além de que muitos dos antigos com São João Crisóstomo, Teodoreto, Teofilato, Lactâncio Firmiã, Santo Agostinho, e outros, que refere o Padre José da Costa de *Notiv. nov. orb.*, *lib.*

1, capítulo 1.º, negaram haver Céu neste Hemisfério, e ser a sua figura esférica, afirmando, que pròpriamente era semelhante ao teto de qualquer edificio. E suposto baste a potência visível para destruir tão autorizada opinião, contudo parece que era devida, e primorosa obrigação expender as prerrogativas dos Céus, que nos cobriam, e Astros que nos alumiam, e dar a conhecer o todo dêsses rutilantes Orbes, para ficar mais perceptível, e conhecida a parte que nos tocava, e por que também nos não dissessem que só dávamos por amostra um pedaço de Céu velho.

Assim entendo Senhores o aceitará a vossa benevolência; o que suposto, os Céus pròpriamente Brasilicos, guardada a ordem de seus movimentos, são os que se comensuram pela Latitude de quatro graus, e seis minutos da parte do Norte a trinta e cinco graus da parte do Sul, e pela Longitude de trezentos e vinte graus até a de quarenta e oito, e quarenta e seis, como já individuamos na conferência passada. São em si mesmos luminosos, transparentes, e formosíssimos, o que se argumenta pela Claridade, de que os enche êsse primeiro Luminar dos Astros, alegria do Universo, e centro dos resplendores, como também pelo cintilante das Estrêlas, que nêle se divisam. Sendo neste Hemisfério tão belos, e alegres os dias, quanto se pode conjecturar dos raios, formosura, e majestade do mesmo Sol, que não deixando de ser sempre o mesmo no Brasil, e dentro nos Trópicos, parece superiormente ouro; porque no Oriente, e Nadir manifesta igual valentia, que no Zênite ostenta. Imediato aos [albores] da Aurora, logo que esta madruga, êle se levanta, não consentindo que os crepúsculos matutinos, e noturnos usurpem alguma parte do dia. Duas vêzes no ano ilumina verticalmente aos moradores da Zona tórrida, verdadeiros aníscios pelas duas sombras, que no mesmo ano fazem já para um já para outro Pólo.

É verdade que pela ativa impressão dos raios do mesmo Sol, e pela grande umidade desta Região banhada em grande parte das águas do Oceano, e cortada de muitos e caudalosos Rios, se levantam de dia muitos vapôres, que causam serem poucos os que gozam do mesmo Luzimento, o que com mais excesso succede comumente nas partes circunvizinhas à Equinoctial. Condensam-se com facilidade os mesmos vapores em brancas nuvens, que se dessangram em miúdos chuvaes, ou desfazem em velos candidíssimos, que o mesmo Sol consome, ou desfazem as virações, que principiam com o crescimento do dia, de que resulta serem as tardes mais formosas, que as manhãs, ainda no Inverno, em que as nuvens são mais grossas, e as chuvas mais continuadas.

As noites, não só as em que aparece a Lua nesta Região, cheia de tanta beleza, e resplendor, que se não iguala em todo ao Sol, lhe serve de própria, e verdadeira substituta, mas ainda quando ilumina no Hemisfério oposto são tão argentadas, claras, e serenas, que mais parecem crepúsculos, que noites, pela mesma razão dos muitos Astros, que nestes Céus se divisam, alguns de tanto Luzimento, que na interposição dos Corpos opacos pelas sombras, que fazem, deixam distintamente conhecer os seus resplendores, principalmente o Planêta de Vênus, que se não o maior, sempre o de mais formosura, os quais refletindo todos nos vapôres sutilíssimos, que o Sol, e êles mesmos atraem, brilham, e reverberam com refulgentes, e cintilantes Luzes, ilustrando as noites com tanta Claridade, que sem a interposição das Nuvens, que raramente nelas aparecem, levam alguma vantagem à formosura do dia, sendo a Via Láctea tão brilhante, e reluzente, que com energia se pode chamar a estrada do Sol empedrada de topázios, e diamantes.

Já individuamos serem trinta e cinco os Astros Meridionais, contando também os seis celestes Signos compostos todos de quinhentos e cinqüenta e cinco Estrélas. Êstes naturalmente influem nas Regiões, que da linha Equinocial sobem até o Pólo Antártico, e pela mesma causa no Brasil; porém com maior propriedade, exatamente os Signos de Libra, Scórpio, Sagitário, Capricórnio, Aquário, e Piscis, e as Constelações da Baleia, Cão menor, Cão maior, Orion, Lebre, Rio Eridano, Peixe Austral, Ara, Pomba, Abelha Indiana, Fênix, Grou, Índio Sagitário, Pavão, Lôbo, Centauro, Corvo, Taça, e Hidra, ficando menor o influxo das outras, por estarem mais vizinhas ao mesmo Pólo, e participando também o País, que corre além do Rio das Amazonas das Constelações Setentrionais gravadas na largura daquele primeiro Clima.

É verdade que tôdas estas constelações têm diversas influências, porque a do Orion com as suas Plêiades indica chuvas, e tempestades a de um, e outro cão ardores, e calmas, e assim as outras com propriedades correspondentes aos nascimentos, estações, e ocasos de cada uma, e aos aspectos apogeus, e paralaxes dos Planêtas predominantes, exposição, que cede às Cláusulas da História, ainda com a liberdade de escrever-se com o título de dissertação.

Êste mesmo motivo impede a descrição individual de todos os mencionados Asterismos; porém fôra irreverência culpável passar em silêncio as prerrogativas, e resplendores da Cinosura Austral, o luzidíssimo, e venerável Cruzeiro, que tanto lustra ao Pólo do Sul, objeto sacrossanto, que no ano de 486 se fêz visível ao famoso Argonauta Bartolomeu Dias, e seus Heróicos com-

panheiros, como elegantemente cantou Camões na repetida oitava 17 do cant. 5 *ibi*.

Já descoberto tínhamos diante
Lá no nôvo Hemisfério nova Estrêla,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos estêve incerta dela.

Própria imagem das Portuguezas Quinas, e glorioso prelúdio das façanhas Portuguezas, descoberta para a via dos Navegantes, quando se buscava o Cabo da Boa Esperança, que só podia segurar-se afeiçoado do glorioso Sinal da nossa Redenção. O Padre Ovalhe, e o Padre Vasconcelos Blato dizem se compõe de quatro Estrêlas, Manuel de Faria e Sousa, Manuel Correia, e outros de sete, Malhet, e os modernos lhe dão nove, querendo também lhe sirvam de guarda as chamadas manchas do Sul, que não são outra coisa, que multiplicadas menores Estrêlas, que ardem como fogo imortal, e perene na presença do mesmo Luminoso estelífero Cruzeiro.

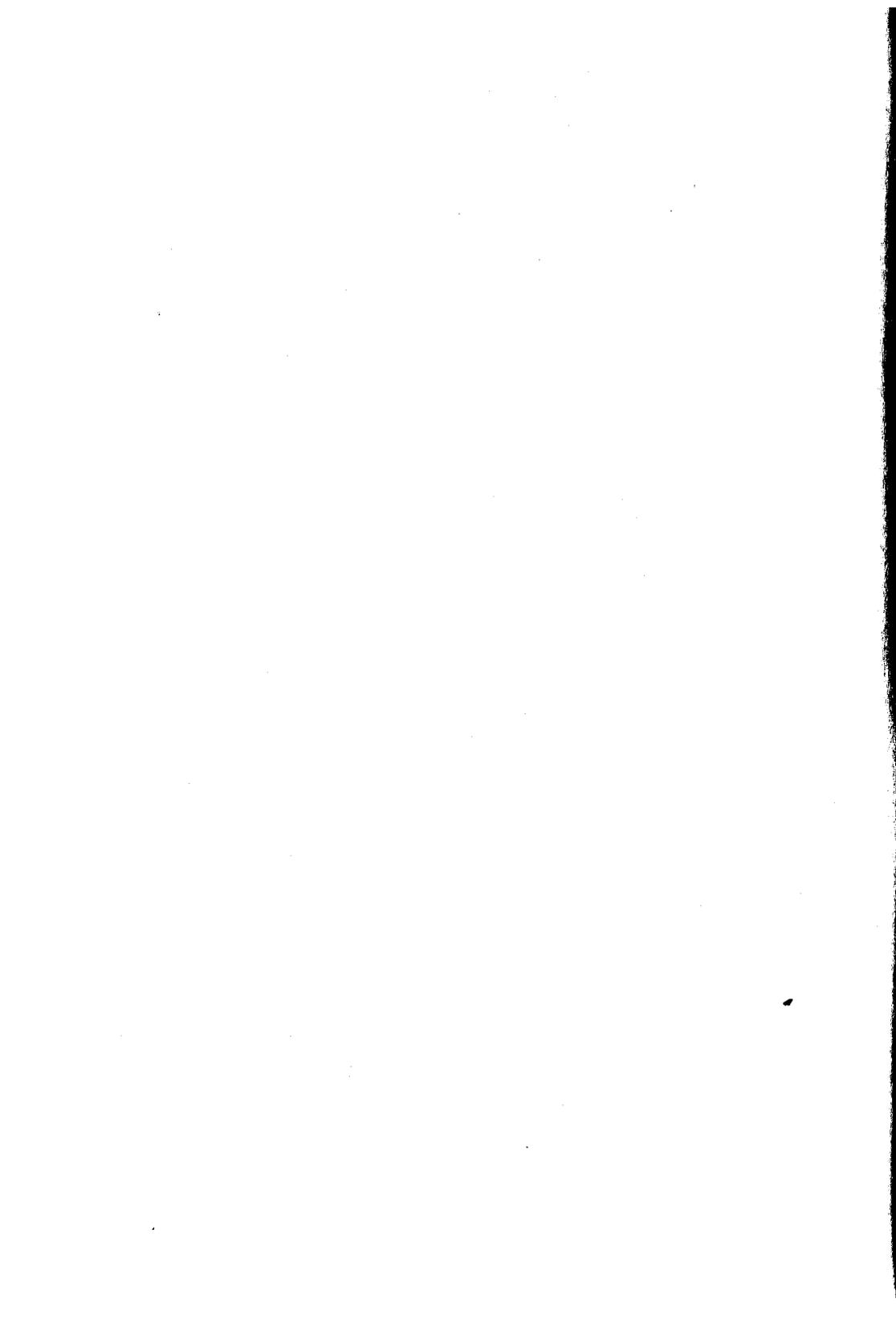
Os benefícios e feitos, e influências destas Constelações, dêstes Planêtas, e dêstes Céus se manifestam evidentemente na bondade dos Ares, na variedade dos tempos, na suavidade, e temperamento dos Climas, na abundância de tudo o que gera, e produz a natureza, e nos copiosos minerais, que em si reconcentra, e liberalmente franqueia o Brasil, sem falar no que como causas segundas influem nos homens, movendo-lhes os ânimos já para as Letras, já para as Armas, já para o Comércio, já para outros exercícios menos generosos, e pròpriamente terrestres, e grosseiros, que a experiência como pudor conhece e a modéstia com decência cala.

Oxalá que remontando a nossa especulação os vôos olhasse para os Céus só para contemplá-los; advertisse nos contínuos auxílios da Divina Graça os perenes benefícios de suas influências; admirasse na beleza dos Astros, a formosura inexplicável dessa Jerusalém Celeste; e para que hoje nos expliquemos melhor, digamo-lo com o grande Santo Agostinho, a quem amanhã celebra a Igreja. (2)

Non sunt in te tenebrae, aut nox, aut diuersitas temporum. Non lucet in te Lux Lucernae, aut splendor Lunae, uel iubar stellarum; sed Deus de Deo, Dux de Luce; Sol iustitiae semper illuminat te. Felix ego, et uere in perpetuum felix, si post resolutionem houius corpusculi audire meruero illa cantica Caelestis melodiae quae cantantur ad laudem Regis Aeterni.

Disse.

(2) *Medit.*, 25.



DISSERTAÇÃO QUINTA

Dissertação Quinta dos Climas, Ares,
e Meteoros Brasilicos.

Na Dissertação de 27 de agôsto passado descrevemos a formosura, propriedades, e influências dos Céus, Planêtas, e Constelações Brasilicas: segue-se tratarmos hoje da bondade, e excellências dos seus Climas: já especificamente se entendam pelo que o tempo nêles se dilata, e faz com excesso de meia hora que uns sejam diferentes dos outros: já genêricamente signifiquem as regiões terrestres; porém em menor distância, e não com tão vasta extensão, como as das que se incluem debaixo das cinco zonas, ou Baodes, com que os Geógrafos antigos, e modernos partiram o Mundo, e sua dilatada circunferência.

Clima é palavra grega, que segundo Vitrúvio, lib. 3.^o, capítulo 1, quer dizer inclinação, pela qual se reconhece da Linha Equinocial até os Pólos, e do primeiro ao nonagésimo grau. Bulan-gero lib. 4, da *Esfera*, pág. 120. Como Padre Clávio, e outros definem aos Climas por um espaço de Terra clausulado entre dois círculos paralelos à mesma Linha com tal distância um de outro, quanta no Verão faz a duração do maior dia com a vantagem de meia hora.

Os antigos não conhecendo as Terras Antárticas, nem tampouco as em que para o Norte, ficavam além do Mar Báltico; sòmente calcularam sete para a parte Setentrional, principiando de Meroi, Ilha que na Etiópia banham as águas do caudaloso Nilo: o segundo por Siene, cidade do Egito; o terceiro por Alexandria, famosa cidade do mesmo Reino; o quarto pela cidade de Rodes, capital da Ilha do mesmo nome; o quinto pela cabeça do Mundo, a grande, e sempre venerada Roma; o sexto pelo meio do Ponto Euxino, vulgarmente o Mar Negro; o sétimo pela Foz do Rio Boristenes, que deságua no mesmo Mar Negro, também chamado de Niéper. A êstes acrescentou Ptolomeu outros dois, um pelos Montes Rifeos de Sarmácia, hoje a dilatada Moscóvia, e outro pelo Qersoneso Cimbuca, parte do Reino de Dinamarca, se bem no seu *Almagesto* contou trinta e nove.

Ilustrados porém os Geógrafos modernos com repetidas experiências, numeraram-nos muito diversamente; porque os prin-

cipiaram a contar da Linha Equinocial até os círculos Polares; onde finalizam as Zonas temperadas, dividindo esta espaçosa Latitude em vinte e quatro. Notando por primeiro imediato à mesma linha, onde o maior dia não excede de doze horas, e meia; e o segundo pelos Círculos Polares, por ter o seu maior dia a luzente duração de vinte e quatro horas, como se experimenta em Lapônia, e nas regiões citas, debaixo dos mesmos círculos. Dêstes até os Pólos observam mais seis climas, não pelo excesso das horas, sim pelos meses que duram nestas regiões os seus dias: calculando ao todo sessenta, trinta para cada um dos ditos Pólos.

O primeiro dividem desde o primeiro ao oitavo grau, e trinta e quatro minutos de latitude. O segundo dêste ponto aos dezesseis graus e quarenta e três minutos. O terceiro até os vinte e quatro graus e onze minutos. O quarto sucessivamente até os trinta graus, e quarenta e sete minutos. O quinto até os trinta e seis graus, e trinta minutos etc. O que mais difusa, e individualmente podem examinar os curiosos nas Tábuas dos Climas, segundo a Geografia Moderna, as quais oferecem muitos Autores. Seguimos as de Malhet na **Descrição do Universo**, primeira parte de pág. 21 a pág. 22. 29º

O que suposto, como repetidamente temos dito correr a Costa do Brasil de latitude de quatro graus, e trinta e seis minutos da parte do Norte, onde corre o Rio Japós, ou de Vicente Pinson até trinta e cinco graus da parte do Sul, onde está o Cabo de Santa Maria, margem Setentrional do Rio da Prata. Assim também evidentemente se manifesta que esta grande Região do Brasil participa de seis Climas; do primeiro da parte do Norte até o quinto da parte do Sul. De tal sorte, que no primeiro Clima o maior dia conta doze horas, e meia de Luz; o segundo treze horas; a esta proporção os outros, ainda que com diferença no princípio, meio, e fim de cada um concluindo-se desta demonstração estar cita esta illustre, populosa, e inclita cidade da Bahia no segundo Clima, e não exceder de treze horas o seu maior dia estival, nem a maior hibernal noite ser de mais duração.

Pertence a referida individuação aos Climas enquanto específica, e restritamente significam a inclinação da Esfera. Quando porém genérica, e amplamente se entendem como Espaços, e limites terrestres, só pelo temperado, saudável, e benigno dos ares se define, e distingue melhor, entendendo-se como Sinônimos, Ares, e Climas. Nesta acepção os descreve o elegante, e douto Padre Simão de Vasconcelos na **Crônica**, e **Notícias do Brasil lib. 2.º § 89**. Como Padre Maseu Gotsfredo. **Theatrum Orbis**, e Pinson, autoridades que não repetimos; porque não nos criminem do que transcrevemos.

Desta mesma acepção, e bondade dos Ares é que vulgarmente resulta dizer-se que as Terras gozam de bons, ou maus Climas, sendo esta a principal qualidade, que assim os constitui; o que é tão palpável aos exames da experiência, que não basta ser primeiro, segundo, terceiro Clima etc. para serem igualmente bons, sim que os ares sejam temperados, suaves e salutíferos, para que em si mesmos contenham as referidas qualidades. Porquanto na mesma latitude, dentro dos mesmos círculos paralelos, e nas partes correspondentes ao Brasil estão as terras de África, e Ásia, e contudo são tão pouco salutíferas, de tão diverso, ruim, e nocivo temperamento, quanto choram, e testemunham os que as freqüentam, e habitam; não resultando éstes encontrados *efeitos num mesmo Clima de outra coisa*, que serem diferentes os Ares de umas, e outras Regiões.

No mesmo Brasil dentro de um mesmo Clima se reconhece nas partes mediterrâneas, vulgarmente o Sertão e nas marítimas esta contrariedade, diferentes ares, diferentes ventos, mais, ou menos Calor, mais, ou menos frio, e o que é mais, e de maior admiração, que se conhece ser Inverno nas partes mediterrâneas, quando nas marítimas o Verão está em seu auge, e perpendicular o Sol. E pelo contrário quando nestas é Inverno, entrar o Verão, e serem mais intensos os Calores nas mediterrâneas.

Segrêdo que não obstante a veemência do Sol, ou impulso dos ventos a como milagre da Natureza encarece Pinson pág. 5 por totalmente occulto às especulações fisiológicas, parecendo uns próprios habitadores Antípodes de si mesmos. Ouçamos ao mesmo Autor, por lhe não destruir a elegância lib. *Etnim in Indiis, cum multa sint admiranda, illud tamen uel imprimis uidetur omnium Physicorum ingenia superare, quod in eadem Caeli plaga, Solis accessu, et recessu pari, iisdemque anni mensibus ab orientali parte quidem circa Oceanum aestas, et sic citas sit, ab Occidentali uero transiuga montium, et paludes Brasiliae, hyems, nebulae, et pluuiae, ut in tanta Locorum uisinitate, quo ad rationem tepestatum attinet, iidem pene populi sibi mutuo Antipodes uidentur esse.*

Assim sucede, observadas nestes Climas Brasilicos as estações do Verão, e do Inverno, que já dissemos principiar éste em março, e continuar até agôsto, e durar o Verão de setembro até março, sem diferença sensível, mais que a do excesso das chuvas, porque o Calor, e sua intenção em pouco difere, ainda quando o Sol está vertical, e no Zênite, como em outubro, e fevereiro experimentamos. Não há porém a menor distinção a respeito da Primavera, e do Outono; porque em todo o tempo os jardins, e os prados se vêem matizados de flôres, e liberaes oferecem as árvores deliciosos frutos.

Os ares porém, tanto das partes mediterrâneas, como das marítimas, sem a menor diferença sempre diáfanos, puros, benignos, e saudáveis, com mais calor, que frialdade, com mais umidade que secura, não só na superior região, mas por acidente na média, e inferior, devem à vizinhança, e influências do Sol, e às que causam os Planêtas, e orbes celestes com seus movimentos, mais que a igualdade da Linha, que divide o Mundo, a bondade, excelências, e qualidades, de que participam. Conhece-se evidentemente na sua incorrupção, nas vivificantes, e frescas auras, que respiram, e na duração dos Viventes Racionais; pois muitos dos nascidos em Europa contam oitenta, noventa, e mais anos, o que nos naturais, principalmente nos Índios ordinariamente acontece.

Demonstram-se melhor as referidas propriedades dos ares Brasilicos nas mudanças, impressões, e meteoros, que nêles vemos: já quando entre as sombras da noite divisamos resplandecerem, girarem, consumirem-se volantes Estrêlas, fogos perpendiculares, e Luzes instantâneas: Já nos relâmpagos, e trovões, que há tempos se repetem, mais continuados nos Climas vizinhos a Equinocial como o Maranhão; nas partes mediterrâneas, e mais abundantes de minerais. Sendo que em 19 de março de 1721 foi tão horrorosa nesta Cidade semelhante experiência, que para o susto, temor, e consternação existe, e permanecerá sempre em nossas memórias.

Condensou-se o ar com espessas, e grossas nuvens: cobriu-se o Céu de negras, e pavorosas sombras, e como prelúdio funesto de furibundo combate principiaram a fuzilar incessantes, sulfúreos, e medonhos relâmpagos, a que logo corresponderam trovões, e estalidos fragores, tão horrendos, impetuosos, e retumbantes, que parecia batalhavam com declarada guerra os Elementos, arrojando igualmente as rasgadas, ou abrasadas nuvens tanto fogo, e água, que verdadeiramente choveram raios, e caíram dilúvios, de tal sorte, que se nos representava que tirados os Pólos de seus eixos, e despedaçados os celestes orbes se despenhavam para confundir, e arruinar a tôda a grande Máquina do Universo.

A semelhantes horrendos, e temidos meteoros correspondem também os Cometas, que no Hemisfério Brasilico com várias formas, e figuras apareceram neste, e nos passados séculos, prognósticos naturais de continuadas Sêcas, e terremotos, sem falar nos judiciosos, infaustos; e bélicos presságios, que dêles deduzem os Astrólogos, próprios mais na Filosofia Gentilica, que na Ciência Católica.

Também se demonstram as mesmas propriedades do ar nos orvalhos, Névoas, e Rocios, que tanto fertilizam estas Regiões, animando os viventes com o Néctar da Aurora, frescura, e auras

matutinas, e não deixando que o Calor diurno abra-se, toste, e consuma a verde gala de seus Campos. Conhece-se também dos Círculos, e Coroas, a que os Latinos chamam Halones, e percebemos na circunferência dos dois Maiores Luminares, e ainda dos menores Astros, imagens tôdas que se nos representam nesses Etéreos âmbitos.

Contudo não se vê no Brasil que a neve caia desfeita em candidíssimos velos, nem que a chuva se condense em miúdas, e frigidíssimas pedras, que gelem os Rios, e as fontes, ou que as águas se convertam em caramelos. Ainda que me informaram pessoas fidedignas, que nas Minas Gerais, nos Sertões, e na parte Austral do Brasil, que fica além do Trópico, caem geadas, e passa o frio a ser insuportável. Assim dizem os que o experimentaram; porém os Cumes de seus levantados montes nunca se cobrem de neve, nem adornam com a candura gelada, que se vê na cordilheira, e dilatadas Serranias do Peru, e Chile, estando debaixo dêstes mesmos Climas o que faz mais portentosos os naturais Segredos.

Demonstra-se com energia nesse Arco Celeste, a que o vulgo inerradamente chama da Velha, por serem nestes impróprios os Simulacros da formosura. Adornado no Brasil com tão vivas, e vistosas côres com tanta gala, beleza, e alegria, quanta depois de continuada chuva, de rigorosas tempestades, e de repetidos inundantes dilúvios causam a Paz, que anuncia a serenidade que promete, e o bom tempo que assegura. Arco verdadeiramente de Triunfo, prova infalível da consonância dos Elementos, pompa, e maravilha da Natureza. Modêlo, a quem no quadro das ligeiras nuvens debuxa elegantemente o Sol com tais visos, que o azul, verde, amarelo, e purpúreo, com que o esmalta, parecendo côres, são verdadeiramente Luzes. Sêneca no **lib. 1:** das **Quest natur.** capítulo 3, afirma que igualmente bela, que honestíssima Íris se deixa raramente ver de noite. Mas no Brasil aparece com mais freqüência. Eu desta mesma Real Galeria vi já em duas ocasiões, e de noite êste troféu da Paz, êste hieroglífico do Amor, êste emblema da Clemência, e vistoso testemunho dos meteoros Brasilícos, e dos primeiros Planêtas, que ilustram o dia, e a noite.

Finalmente conhece-se a bondade dos Climas, e ares desta Região pelos ventos particulares, e gerais, que nêles sopram, e freqüentemente continuam; já procedam dos vapores aquosos, e úmidos, como ensinou Vitruvius, e moderadamente Gassendi dos **Meteoros**, tomo 5, **lib. 2,** capítulo 1, já do abalo, e movimento do ar, como dos antigos o afirmou Anaximandro, Hipócrates, Anaxágoras, e Sêneca, e dos modernos Descartes, dos **Meteoros**, discurso 4, pág. 189, o Padre Fabri Risce, **lib. 4,** tract. 6.º a propos. 13. Já de exalações lateralmente agitadas, como afirmam os

Padres Conimbricenses, o Padre Soares, e o Padre Cordeiro com Aristóteles no 3.^o dos **Meteoros**, ou já de outras causas; porque o mais seguro é, que procedem dos mais recônditos arcanos da Onipotência Divina conforme ao Sagrado Texto **Produxit uentos de Thesauris suis**.

Os do Brasil são de tal sorte suaves, serenos, e pouco impetuosos, que com grande fundamento dêles resulta ser esta Zona habitável, estarem povoados êstes Climas. Nestes dilatados âmbitos têm liberdade de respirar todos aquêles ventos, que se arrumam na rosa náutica. Porém predominam geralmente, e constituem monções no Inverno, os Austrais, no Verão os da parte do Levante mais imediatos ao Norte, principalmente o Aquilo, e Euro, que são os mesmos que Nordeste, e Lessueste (1), que conforme a Jorge Maragrávio, são os que comumente cursam nas Costas Brasilicas, e movem as águas de março até outubro para o Norte, e nos outros meses para o Sul, o que também observou Guilherme Pinson, Davity, Rogero, e outros. Sendo que para o que atualmente se percebe com a experiência, escusadas parecem testemunhas.

Por ventura, Senhores, os que habitamos neste Clima podemos justamente queixar-nos de que com o intenso de seus raios nos abrasa o Sol? Que nos reduz aos mirados esqueletos, de que a Arábia é tão fecunda? Contamos algum dia, que pelo incêndio, e chamas nos pareça eterno? Não Senhores, nunca haverá quem o afirme; porque ainda quando perpendicular o Sol, e do Zênite nos fere, não nos abrasa; porque neste mesmo ponto, ou poucas horas antes entra a viração, cresce o vento, e se contempera o ar ambiente de tal sorte, que o calor, que maltratava com excesso, passa a ser delícia, suavidade, e frescura. Succedendo na estação oposta o mesmo a respeito das trevas, nuvens, brumas, e horrores nunca tépidos, nunca pútridos, e nunca perduráveis; porque os mesmos ventos os destroem, desfazem, e purificam.

Impròpriamente fabularam os antigos que o Rei dos Ventos residia nas Ilhas Vulcânicas; porque com propriedade exercita no Brasil suavemente o seu Império, movendo aos mesmos ventos com tão moderado regime, que nunca experimenta os impetuosos, e rápidos Tufões da Ásia, dos quais com alusão a Tífo, monstruoso, e desmedido Gigante, que também fingiram gemer opresso do grande pêso do flamífero Etna; já trataram Plínio, e Aulo Gélio (2). Sopram estas fúrias infernais com tanto ímpeto, e violência, que desmoram, e arruinam edifícios, arrancam os

(1) Nordestes, e Lesnordestes de setembro até março; Suestes, Lessuestes de março até agosto.

(2) **Lib. 2, cap. 8. Lib. 19, cap. 1.**

troncos mais robustos, e fazem que os nadantes passem a ser volantes máquinas. Do seu grande furor amedrontados os mares se recolhem em si mesmos, porque não se levantam nem entuhecem.

As mesmas Aves não se dando por seguras nas diáfanas aéreas Regiões, em que habitam, se escondem nas Grutas, e concavidades da terra. Furibundos Tufões, que instantâneamente variam todos os rumos da Agulha, e em menos de uma hora os correm todos. Com outras terríveis circunstâncias, que referem o Padre Lucena (3), Diogo do Couto [.] Fernão Mendes Pinto e outros Escritores, tôdas turbulentas, medonhas, e inexplicáveis.

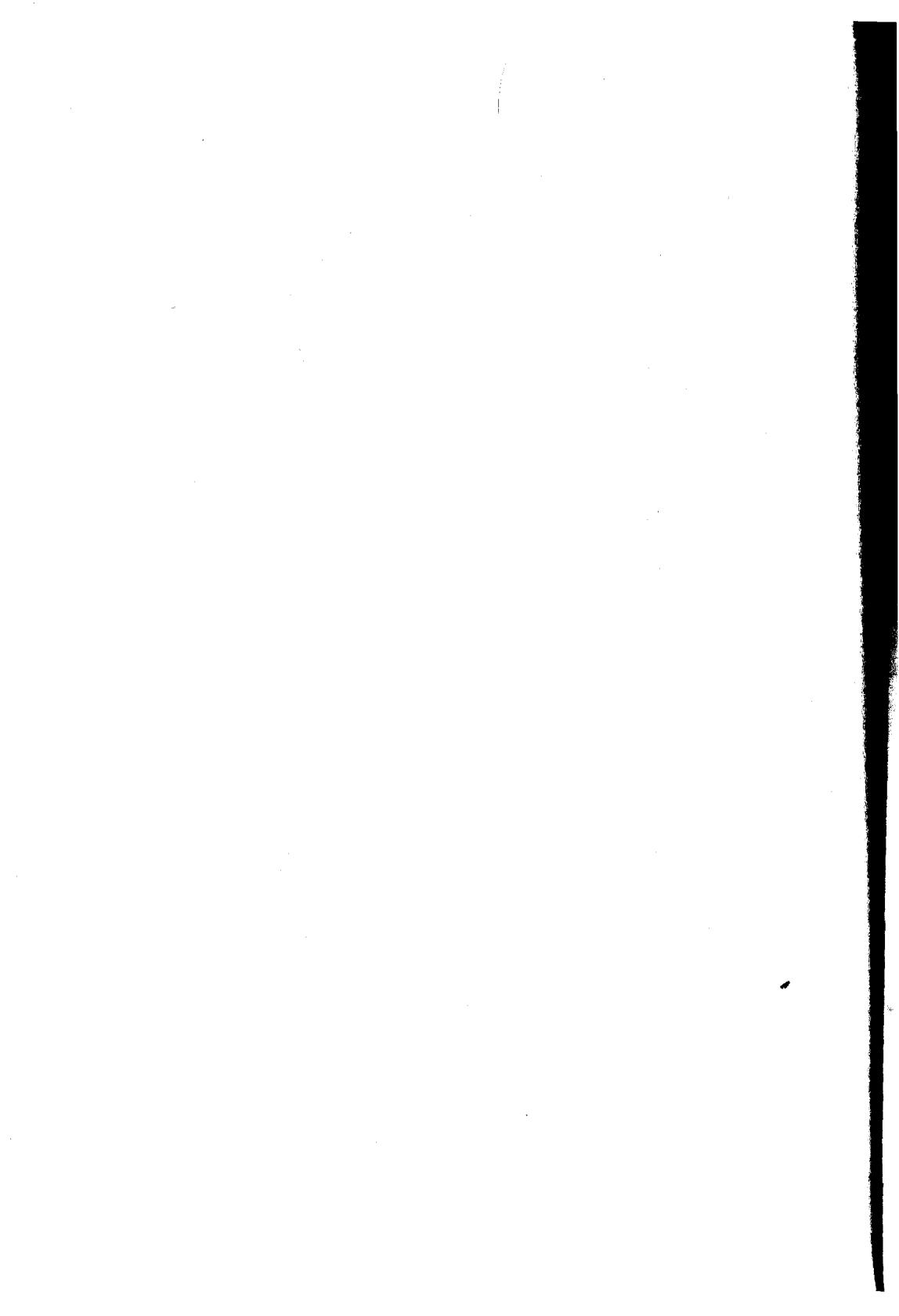
Não experimenta também o Brasil os Ventos, a que chamam travados pela sua inconstância, e não pararem em algum rumo, que como os Tufões têm o mesmo, porém menos durável ímpeto. Nem tampouco os Turbulões, ou redemoinhos, que com veloz giro, impulso violento arrebatam, arrancam, e decompõem a tudo o que encontram. São os Ventos Brasíliacos gerais, frescos, e salutíferos, propriedades, que lhes resultam de não passarem pelo Meditúlio, e Sertões infectos com vapores pantanosos, e corruptos. Por se purificarem pelas águas do Oceano, sem que as neves da Scítia, ou do Pólo Antártico os faça desabridos, e insuportáveis. E últimamente, porque sendo Tropeus, ou dos Trópicos, têm mais duração e permanência da que se assinala a inconstância, e ligeireza do Vento.

Não porque cursem do Oriente para o Ocaso, e vice-versa, como com os antigos. Seguiu Escalígero. Não porque continuem, e persistam as exalações, como afirmou o Padre Maur., *Physic.*, lib. 4, q. 10. Não pela vizinhança, ou distância do Sol, nascimento, e aspecto dos Planêtas, como seguem outros; sim pelos incompreensíveis, e recônditos arcanos da Onipotência Divina, onde não chega a humana especulação.

Além destas propriedades, excelências, e acidentes dos Climas, Ares, e Meteoros Brasíliacos, também se enobrece seus dilatados, puros, e transparentes âmbitos com a variedade, multidão, e formosura das Aves, ou para observar melhor o discurso presente, de inumeráveis emplumadas exalações, de viventes sonoros, e alígeros Vapôres, argumento que se expenderá na Dissertação seguinte.

Disse.

(3) Pág. 461. Década 5., pág. 483.



DISSERTAÇÃO SEXTA

Na qual se trata das Aves do Brasil.

Suposto que a numerosa República das Aves ao líquido, e argentado Elemento das águas deva a sua primeira origem; contudo êsses voláteis alígeros viventes no diáfano, e sutilíssimo Elemento do Ar tem a habitação, e o domicílio. Nêles nascem, nêles voam, nêles residem há tantos séculos, quantos há que se criou o Mundo. Assim com razão nêles devem descrever-se, por derivar-se, e seguir-se da mesma habitação uma segunda Natureza. Sendo entre os indivíduos desta tão diversos, e inumeráveis nas espécies, tão engraçados, e vistosos nas galas, tão sonoros, e suaves no canto, e tão deliciosos, e agradáveis para o gôsto, que, facilmente se lhe pode adjudicar o primeiro Lugar.

Ainda são maiores estas prerrogativas, e excelências (que enquanto materialmente conferem) nas propriedades, que judiciousa, e alegoricamente insinuam. Examinem-se os Augúrios, os Emblemas, os Símbolos, e os Hieroglíficos para os auspícios, para as alusões, para os ditames, e para as virtudes, que não sômente na Soberania da Águia, na Singularidade da Fênix, na magnanimidade do Pelicano, descobrirá a especulação muito em que aprender, e em que se admirar. Mas também se instruirá com a inocência das Pombas, com a vigilância dos Grous, com a piedade das Cegonhas, e ainda com a melancolia das noturnas Aves de Atenas, que por serem Corujas, parecendo tristes e infaustas foram elegantes, e aplausíveis Idéias da Sabedoria (1), e mereceram ser ilustre divisa da mesma Científica Minerva.

Na supersticiosa, errada, e cega Gentilidade nada se executava, sem que primeiro precedesse o agouro e Vaticínio observado no Canto, vôo, e particular movimento das Aves. Assim o afirma Valério Máximo: *apud Antiquus non solum publicem, sed etiam priuatim nihil gerebatur, nisi auspicio prius sumpto* (2). Bárbaro rito, a que deu causa o successo de Júpiter com seu Pai Saturno, que trazendo entre si declarada, e sangüinolenta guerra, na oca-

(1) PIER. VALER, lib. 20.

(2) lib. 1, cap. 1.

sião, em que atavam para romper batalha, voando desceu uma Águia com grande velocidade, e se pôs no alto da lança de Júpiter, que conseguindo ditosamente a Vitória, premiou com generosidade o Vaticínio, fazendo a mesma Águia armígera de seus formidáveis raios, e sempre imediata ao Deífico Sólio.

Os Cretenses a tiveram por Brasão; também os Persas; dos primeiros passou aos Troianos; aos Romanos sucessivamente, e debuxada nos Estandartes do Capitólio, remontou soberanamente os giros [a] assenhoriar o Mundo; de tal sorte, que foi êste abreviado espaço para dominarem suas tremulantes Imagens, e limitado Império para a valentia, e Heroicidade de seus vôos. Ainda hoje conserva a mesma Soberania, sendo Estema Augusto do Católico Romano Império.

Serviram sempre as Pombas de prelúdios felizes aos Reais auspícios; assim o testemunha Piério Valeriano: *annumerantur uero Colombae inter eas alites, quae Regibus auspicia faciant* (3). Aos impávidos Argonautas deram em todo o tempo os Cisnes faustos, e felicíssimos presságios: elegantemente o cantou Emílio.

Cygnus in auspiciis semper laetissimus ales

Hunc optant nautae, quia non se mergit in undis.

Calo por agora o serem também Símbolos dos canoros Vates de Apolo; e deixo os Pavões de Juno, as Cegonhas do Egipto, os Galos de Ciro, e os Patos do mesmo Capitólio, que nos Elianos, nos Plínios, nos Piérios, nos Aldrovandos, e em outros muitos Autores largo campo tem a curiosidade para seguir semelhante argumento. Bastam os que se deduzem das Sagradas Letras; pois ao famoso Josué serviram três Papagaios de divisa, e uma Pomba foi alegre emplumada Íris, que depois do Universal inundante Dilúvio anunciou a desejada, e aprazível serenidade, que tão alto se remontam as Aves, e suas prerrogativas!

As da Ornitologia, ou História das mesmas Aves nesta Região Brasílica nem diminuem na variedade, nem desdizem na formosura, nem diferenciam nas qualidades, antes com tal excesso se avantajam na grandeza, nas Côres, e nas excelências, que devidamente merecem distinta, e particular individuação tanto para realce, e crédito da mesma Natureza, como para emprêsa própria de elevado discurso e Simbólica Idéia de métricas obsequiosas alusões.

Mas quando, de que sorte, ou não sou o que era, ou me desconheço a mim mesmo. Eu vestido de Plumas, ou com os

(3) Lib. 22.

braços transformados em Asas, exótica mudança, notável Metamorfose? Que espírito me eleva, que alento me conduz? Que furor, que impulso, que entusiasmo me arrebatava? Não com as industriosas Asas de engenhoso Dédalo, sim com os precipitados vôos de temerário Ícaro, a querer chegar ao Sagrado Cume do Soberano Olimpo, que sobrepuja a mesma região aérea: a querer examinar as Luzes do Lusitano refulgente Sol; a avizinhar-me ao Sólido do verdadeiro, e poderoso Júpiter, o nosso Augusto, Grande ou Sereníssimo Senhor Rei Dom João o V, Nosso Senhor que Deus guarde, que com círculo de Luzes, e prosperidades tocando hoje o Majestoso, e Natalício Zênite de seus gloriosos, e felicíssimos anos Fênix renasce de si mesmo para novos aplausos, para novas glórias: Águia renova as galas para perenes Luzimentos, para repetidos triunfos.

Não só deste Luminoso Apogeu, e exaltação de suas Luzes, mas já desde o berço, e logo que principiaram a madruguar seus Reais albores servindo-lhe o Sol de Imagem verificou o conceito de quem do mesmo Sol discretamente disse, quando logo desde o Oriente despertava as Aves adormecidas com o silêncio da noite: *Homines excitat unus* (4), para que alvoroçadas, festivas, suaves, e harmônicas lhe dessem as boas vindas ao Dia, os parabéns de amanhecer alegre, e ao Mundo todo os vivas, de que ilustrados um, e outro Hemisfério brilhavam contentes com a formosura, e Majestade de seus resplandecentes, e invencíveis raios.

Deste mesmo conceito, ou impellido do estudo, e imaginação, se já não é que da eficácia de tão Soberano objeto tive a transformação por fortuna. Ave ainda que rasteira, e humilde, quis introduzir-me entre as generosas, e remontadas Aves Brasilicas, e tomando a liberdade das que falam, vim a conjecturar, que se a transmigração das almas, e Metempsicose Pitagórica não repugnasse aos Católicos dogmas da nossa verdadeira Religião, que hoje justamente se haviam de transfundir nas Aves Brasilicas os espíritos de Plínio, Pacato, Nazário, Elmênio, Claudiano, e de todos os Panegiristas, que mais que a Trajano, a Teodósio, a Constantino, a Honório, e a outros preclaríssimos Heróis; se empenhassem também hoje a compor o bem merecido, glorioso, e elevado Panegírico do nosso Augusto e Soberano Monarca, e a pressagiar a felicidade desta Monarquia na repetição de seus faustos, e ditosos anos.

Mas de tal modo, e com tanta diferença, que quanto para o louvor, para a idolatria, para a lisonja daqueles Imperadores, daqueles Monarcas, daqueles Heróis, inventaram, fingiram, e encarceraram os seus Panegiristas se resume, se verifica, e se compre-

(4) PICINELLI.

ende nas virtudes, nas proezas, e na Heroicidade del-Rei Nosso Senhor para a Religião, para a Justiça, para a Clemência, para a Vigilância, para a Prudência, para a Magnanimidade, e para os outros Reais Atributos, que o constituem verdadeiro Tipo de um perfeito Príncipe, e Majestoso Panegirista de si mesmo. Porque aos que expressamos, e a outros **Fortuna pro uirtutibus fuit**, Sua Majestade manifestamente devemos confessar que logra uirtutes **pro Fortuna** com tal decência, e com tanta benignidade, que mais que a Trajano merece se lhe repita o que exagerou Plínio: **Unum ille se ex nobis, et hoc magis excellit, atque eminet, quod unum ex nobis putat, nec minus hominem se, quam hominibus, praeesse meminit.**

Já como volante Indivíduo, que não pode resistir ao ímpeto do Vento, e arrebatado do impulso alterna os giros, e repete os vôos, não nos âmbitos Etéreos, sim nos Teatros Literários, sem apartar-me da descrição, e História das Artes, procurei ver se as mesmas me franqueavam o desempenho. Grande socorro me ofereciam estas com os seus auspícios, mas anatematizadas pela Igreja, e condenadas pelo Sagrado Texto, faziam parecer Gentílicos obséquios os que em tudo são fiéis e ortodoxos. Maior adjutório me subministravam nos Hieroglíficos emblemas, estampas, idéias, símbolos, insígnias, Pirâmides, e outros monumentos, em que as esculpiu a Sabedoria dos antigos, para expressivos caracteres, e imagens das Virtudes, e das Vitórias dos seus Heróis, e dos seus semi-deuses. Mas êste amplíssimo globo dos antigos, e modernos serviu mais para confusão que para o desígnio.

Misteriosamente descobri nas antigüidades Romanas (5) em três Medalhas Aves de tão Soberanas, e Reais prerrogativas, que se não condignamente darão a conhecer de alguma sorte os reverentes, e obsequiosos conceitos das Aves Brasilicas. A primeira Medalha mandada fabricar pelo Imperador Antonino Pio mostrava uma Águia, um Pavão, e uma Coruja. Na segunda dos Atenienses se via esta última noturna Ave, sustendo, ou sustendo-se num ramo de Palmeira. Na terceira do Imperador Constantino estava esculpida uma Ara, com fogo ao parecer inextinguível, e duas Águias ao pé da mesma Ara, que olhavam perspicazes para aquêle fogo com o Lema, que dizia: **Memoria felix**, e na parte inferior as letras P. T. R.

Parece-me que em tôda a República das Letras, e das Aves se não podem descobrir emblemas, símbolos, e imagens, que com tanta energia, e decôro insinuem o Augusto objeto, que nos remonta. A Júpiter, Juno, e Minerva se dedicava a Águia, Pavão, e Coruja da primeira Medalha, Idéia do Imperador Antonino Pio,

(5) GUILHERM., de la Chor.

e só por um Monarca, e num Monarca, que na piedade superiormente excede ao mesmo Antonino se vê dignamente expressada a referida Idéia.

Significa a Águia (segundo escreve Piério) a um Rei Pio, e Misericordioso: *Rex Pius, et Misericors*, e são estes os primeiros atributos do nosso Soberano Monarca; se já não é, que como administra os raios de Júpiter, é a mesma Águia verdadeiro Símbolo da Justiça, que em igual equilíbrio com a Clemência agora mais que nunca resplandece sempre constante no Real Trono Lusitano; fazendo-se assim evidente o pensamento do erudito Picinelli enquanto applicou a mesma Águia a Letra *suos probat, et fouet*; porque conforme a São João Crisóstomo são vozes, e afetos dignos de um Rei justo, e magnânimo os seguintes: *Tales enim tiligo Ministros, qui ambulentintia immaculata, qui non ad dextram declinent, nec ad sinistram, qui nula fraude peruerterunt dogmata, Viam concernentia iustitiae, et ueritatis.*

Com a congênita Soberania inculcam também as Águias o Régio, e o ilustre da Majestade; e que Majestade mais Real, ilustre, e Soberana que a del-Rei Nosso Senhor, herdada de tantos Augustos Progenitores adquirida por suas gloriosas virtudes nos [A fares] bélicos, e Políticos, no valor, na Prudência, na circunspecção, na Vigilância, na Constância, e Magnanimidade, que são os princípios, de que descendem a verdadeira Majestade, e a verdadeira Glória.

No Pavão, segunda imagem da primeira Medalha, se retrata a bizzaria, e a opulência, atributos, que em Sua Majestade que Deus guarde reluzem como nascidos; a bizzaria, de que Liberal o dotou a Natureza de tanto garbo, de tanta gentileza, e de tanta Majestade, que com mais justificada casa, que ao grande Imperador Constantino se lhe deve aplicar o conceito de Eumênio: *Naturam ipsam magnis mentibus domicilie corporum digna metari, et ex uultu hominis, ac decore membrorum colligi posse quantus Caelestis Spiritus intrarit habitator.*

Não se divisa com menos decôro a opulência correspondente inestimável aos produtos de tão grande Monarquia, concorrendo tributários ou antigo, e nôvo Mundo com o mais rico, e mais raro, e o mais precioso, para se encherem os Reais Gasofilácios.

Como Hieroglífico da Sabedoria dedicado a Minerva se via debuxada a Coruja na primeira Medalha, e como emprêsa dos Sábios Atenienses se estampou na segunda. Sendo também do Nosso Augusto Monarca gloriosa emprêsa, o que só pode elegante, e decentemente explicar a Real Lusitana Academia, Atenas Majestoso, onde fazendo El-Rei Nosso Senhor florescer as letras,

faz também ressuscitar a História Portuguêsa, que jazia sepultada nos abismos da confusão da incerteza, e da impostura destinando-lhe, e prevenindo-lhe já aquela triunfante, e gloriosa Palma, que para ilustre, e condigno prêmio dos cientes gravaram os Atenienses na mesma Medalha. Também métrica, e devidamente o confessa esta nossa Academia Brasílica com efeito de tão Soberano Impulso. Ó feliz século, ó idade pròpriamente de ouro, ó ano mais ilustre que os olímpiacos, e os seculares justamente deves dar princípio à nova faustíssima Época; pois fazendo resplandecer as ciências immediatas ao Sólio, és causa de que as Leis tenham observância, polícia os costumes, a Justiça execução, honra os Magistrados, e o Reino felicidade. Ó Soberano, Augusto, e glorioso Monarca, que animando, e enobrecendo as Armas que ilustrando, e favorecendo as Letras, **Intelligens gubernacula possidebis: Audiens sapiens sapientior eris**; conforme ao que cantou Fortunato.

Legibus arma regis, et Leges dirigis arma.

Artis diuersae sit simul itur iter.

Tendes visto, Senhores, a propriedade, e energia das Aves na primeira, e segunda Medalha. Pois a terceira não é menos congruente, e Simbólica. Na Ara com o fogo inextinguível, para que atentas olhavam duas Majestosas Águias, se definia a fervorosa, e ardente religião do grande Imperador Constantino, o qual, e não o de que falou Valério Máximo, foi aquêlê, que pròpriamente **summum Imperium Religioni cessit**. Fazendo assim maior o seu Império, por ser a Religião fundamento seguro, que os estabelece; assim o diz Sinésio: **nam Regini quoque basis pietas erga Deum**.

E também insinua, e demonstra a pia, abrasada, e reverente Religião de sua Majestade, sendo o aumento do Culto Divino o seu maior empenho, herança, que com o Reino lhe transmitiram seus Reais, e Soberanos Progenitores. Digam-no a grande magnificência, e Salomônica estrutura de tantos Templos, e as generosas magnânimas doações, com que subsistem tantas Sagradas, e Religiosas famílias. Fale hoje por todos o Real Templo de Mafra, primoroso desempenho da Arquitetura, de onde os Mármoreos, os Pórfidos, e os Jaspes serviram de perenes imortais elogios a êste nôvo milagre do Artefato. Publique o Portugal ilustrado com a Patriarcal Dignidade, e com tão Religiosas públicas, e magníficas demonstrações, que segundo o Lema da mesma Medalha misteriosamente anunciam será El-Rei Nosso

Senhor em todos os séculos futuros Memória feliz para os vivos, para os aplausos, e para a imortalidade.

As letras P. T. R. evidentemente manifestam ser Sua Majestade da Pátria verdadeiro, e benigno Pai, atributo que só conseguiram os maiores Monarcas, que não da Monarquia, sim das Virtudes mereceram o título de Grandeza. Por certo que só o Grande Constantino podia designar quanto hoje admiramos em El-Rei Nosso Senhor, que a tôdas as Luzes maior que o paralelo, é superiormente grande, e mais que Grande.

Árdua, e dificultosa emprêsa seria numerar as Aves tôdas. impossível expressar todos os Reais atributos, a que não são impróprios os Símbolos, e Hieroglíficos expressados nas Aves, e suas imagens. Veja-se nos antigos Cetros, a que serviam de adôrno; mas sem recorrermos a exemplos antigos, e estranhos, bastem as emprêsas dos Senhores Reis Dom Afonso o IV; e Dom João o II; êste como Príncipe por antonomásia o Perfeito com a Imagem de um Pelicano deu a conhecer que pela Lei, e pela Grei oferecem os Reis generosamente o próprio Sangue. O primeiro com a Águia remontada e a Letra: **Altiora peto** mostrou que as Reais emprêsas devem ser altamente dificultosas, e próprias do Soberano ânimo, de que procedem, confirmando um, e outro serem as Aves dos Reis dignas, e Soberanas Idéias.

Mas que tem as propriedades, e prerrogativas das Aves com festivais aplausos, que ao alegre dia dos felizes anos de Sua Majestade que Deus guarde hoje se dedicam! E que tem o discurso presente com as Aves Brasíliaas! Justo parece o reparo! Porém quando não se franqueie algum indulto à liberdade dos vãos, as mesmas Aves não só como presságios dos tempos são Índices dos anos, que o tempo também se pinte com asas: **uolat irreparabile tempus**; mas pelas Aves significaram os Egípcios. Assim o testifica Piério Valeriano, tratando do Abutre **lib.: Annum itaque per uulturem apud Aegyptios significari non leui de causa manifestum est** (6). Simbolizando cada uma destas Aves não só um ano mas um século; causa porque vendo Rômulo doze a um tempo juntas, auspiciou que a duração do Império Romano seria de mil e duzentos anos; o que assim sucedeu, confere com Varrão Véstio, Paulo Diácono, Eutrópio, e Osório, o mesmo Piério. Logo dignamente se aplaudem pelas Aves os anos, que pelas virtudes, e ações heróicas devem passar a ser séculos.

No Brasil há também Águias, se não de tanta Soberania como as Européias, todavia de Sublimes, e remontados vãos, há as outras Aves, que a êste discurso deram motivo, menos os Pavões.

(6) **Lib. 18.**

que no Brasil são estrangeiros (7); e além destas se encontra o Celeste nos Canindés, o purpúreo nos Goarazes, o terror das Serpentes nos Macuás, e gala nos Guereivas, Araras, e mais Aves falantes a bizarría nas Anhúmas, e a opulência nos Mutus, Inhapopeses Jambus, Maragues, e outras Aves de maior grandeza, e utilidade, que não individuo por perigar na acomodação o decôro, quanto porém o pede diminuir-se na impropriedade das Aves Brasília, prôpriamente se descobre na Celeste Fênix, Ave, e Constelação dêste Hemisfério, que sôbre a Ara também Constelação Austral, abrasando-se em vivas chamas; **Stellata super Ara radiis flagrans**: já promete a felicidade dos anos, e a duração dos Séculos; porque como escreveu, falando desta mesma Fênix o discreto Tesouro: **Illa ubi conspicitat felicia Saecula reducit**; porque não falta o Céu quando a Terra, e os Ares não bastam.

Porém é tempo de suspender os vôos, que enfraquecidos nessas Sublimes Regiões Etéreas, volantes, e errantes, a distância os transtorna, o undoso, e profundo Oceano os perturba, no ar se desfazem, e os ativos raios do mesmo Soberano Sol lhes queimam, e abatem as asas. Mas se da perspicácia da Águia olhando para o Sol, não o que resplandecia na Esfera, sim o que refletia, e se retratara nos líquidos Cristais do Oceano, soube dizer a agudeza de um discreto: **et imagine capta**, para Símbolo da adoração, que devidamente se contribui ao Simulacro.

Agora, agora, ó Sapiéntíssimos Acadêmicos, prostrados com reverente, e obsequioso culto na presença do nosso pré-excelso, e benigno Protetor, o Excelentíssimo, e preclaríssimo Senhor Vice-Rei, Real Simulacro, Soberana Cópia, Verdadeira, e majestosa Imagem do nosso três vêzes grande, três vêzes Augusto, três vêzes Soberano Rei o Senhor Dom João o V, repitamos aquêles votos, aquelas oferendas, aquêles Sacrifícios que a Sua Majestade que Deus guarde, se dedicam, e oferecem, para que viva, para que reine, para que triunfe anos, Lustros, e idades felicíssimas.

E vós, Sonoros Brasilienses Cisnes, Apolíneas Americanas Aves, vinde, concorrei, assisti, festivas, alvoroadas, harmoniosas; e enquanto não ressoa todo êste Hemisfério com os Acordes acentos de vossas discretas, e Suaves Poesias, vinde, e repeti comigo o que já cantou um dos mais Sonoros Cisnes da Itália.

Di tibi dent anos, a te nam caetera sumes;
Sint modo uirtuti tempora longa tuae.

Disse.

(7) O dia significa o Pavão, PIER. lib. 24, pág. 181, *ib quod si diem annuere uoluissent, eandem ipsa uolucrum demissa cauda pirixissent, quasi tunc nox stellas oculere uideatur, eum dies ipse caeperit aduentare, tanque dio latitent stellae, quandiu, Sol supra terra est.*

DISSERTAÇÃO SÉTIMA

Na qual se individuum os nomes, côres, e diferenças das Aves Brasilicas.

As Aves Brasileenses, que impelidas de Soberano extraordinário impulso muito além da natural possibilidade de seus vôos, se elevaram tanto na Conferência, de 22 de outubro passado; dia a tôdas as Luzes, e portanto títulos grande[s]. Hoje tornam a aparecer neste doutíssimo Ateneu: não com alegóricos adornos, sim com as vistosas galas, de que as revestiu a Natureza: já não se remontam, voam sim mais rasteiras, dando lugar a que se perceba melhor a sua forma, côr, e distinção. Porque suposto tôdas sejam Aves, de umas, e outras, são diversas as espécies, assim na grandeza, simetria, plantas, bico, e plumagens, como na côr, e outros accidentes, e mais pròpriamente nos naturais attributos; já para o gôsto, já para o canto, rapina, voracidade, etc.; como por classes mostraremos, observando o Sistema Histórico, a que somos adstritos.

Não se condene por supérfluo, e ocioso êste trabalho; porque além de serem as Aves nobres, e engraçados indivíduos da Natureza, debuxada vivamente no discurso a sua variedade, e formosura, serviram também de o ilustrar, com Acadêmica pompa, pois conforme Aristóteles no terceiro lib. da *Retórica*, cap. 11 *in multo diuersis perspicere quod simile sit, solertis, atque acuti ingenis est*. Quanto mais que gravíssimos Escriitores têm tratado dêste nosso Instituto. Não só os Elianos, e Plínios, mas positivamente das Aves Americanas Francisco Hernández, a quem a Majestade de Felipe II para Protomédico do nôvo Mundo, João Fabro Linceu na *História das Aves da nova Espanha*, João de Laer Witfler, Magen, e Davity na descrição da América, e Denis na sua *História*, Gomora, e Herrera nas suas, *Histórias*, os Padres Costa na sua *História das Índias Ocidentais*, Ovalhe na *História de Chile*, Du Freitre na *História das Antilhas*, e João Eusébio Mieremberg na sua *História da Natureza*, todos claríssimos Astros do Luminoso Céu da Sagrada Companhia de Jesus, e o erudito Frei André de Valdecebro no seu *Govêrno Geral*, e *Tratado das Aves*, e com particularidade das do Brasil escreveu

a **História Natural** Guilherme Pinson, e também descreveu algumas o elegante, e douto Padre Simão de Vasconcelos na sua **História e Relações Brasíliaicas**, o que superabunda para satisfação.

É bem verdade, que nem Pinson, nem o Padre Vasconcelos as individuaram completamente. Nos confessamos com a maior ingenuidade, que por estrangeiros, nesta Região, e aplicados a maiores estudos, pouca capacidade nos assistia para êste desempenho. Indagamos porém o socorro de algumas notícias, sendo as que principalmente nos intruíram, ou de quem entre o ruído das armas, que generosamente professa, sabe unir o valor com a erudição (47) Marte a Minerva, ou de quem com Religiosa peregrinação, ciência, e experiência (2) tem muitas vêzes lustrado o Brasil todo, desde o Paraguai ao Pará, e com presencial indagação examinando os Segredos da Natureza, catequizado muitas Nações bárbaras, e introduzido no Grêmio Católico inumeráveis Índios. Assim, sendo a expressão nossa, será devidamente seu o louvor, quando mereça algum esta Dissertação.

Divide-se pois esta República das Aves Brasíliaicas em diversas classes, estados, categorias. A primeira, e mais útil é a das comestíveis, que são as seguintes.

Mutus, Aves grandes no tamanho, pés, cauda, e sabor iguais aos Perus, na côr lustrosamente denegridas, mescladas porém na cauda algumas penas brancas, junto ao bico, que é algum tanto encurvado, tem uma guarnição de carne esponjosa mui rubicunda, os olhos são grandes, e negros, as penas do peito de côr atabacada. O macho tem na cabeça um penacho de penas crêspas. A fêmea diferencia-se em ter o mesmo penacho com algumas penas brancas, e por não ter junto ao bico aquela encarnada esponjosa guarnição. Grasnam, à imitação dos Pavões; a sua carne é de delicioso gôsto, e segundo Pinson não cede a outra alguma Ave da América, ou Europa.

Além destas, que têm o pé do bico vermelho, há outras em que tudo é amarelo, e as fêmeas além do penacho crêspo, têm crêspas tôdas as penas do corpo, como as das Galinhas arrepiadas, e no remate de cada pena uma pinta branca.

Há também outra espécie, a que chamam Mutus Porangas semelhantes aos primeiros, porém de menor grandeza, os bicos dêstes são direitos, e não encurvados; encarnados, e nas pontas pretos, e os penachos maiores. Os ovos de uns, e outros são grandes, duros, e brancos.

Jacus, do seu grasnido se derivou o seu nome; dêles há quatro espécies. Jacus-açus negros com os pés, e pernas vermelhos, bico quase encurvado, crista como a dos Mutus, e pouco

(1) O Tenente General PEDRO GOMES DA FRANCA.

(2) O Padre LUÍS DE AMORIM da Companhia de Jesus.

diferentes no tamanho, no gôsto. Jacutingas uns pardos, e brancos, outros pretos com penas brancas no pescoço.

Jacupemas, que são todos pardos com a goela encarnada. Estas Aves podem prôpriamente chamar-se Galinhas-do-mato, porque com facilidade se fazem mansuetas.

Aracuãs são também espécie de Jacus só diferem em serem mais pequenas, e comumente serem na côr denegridas.

[Macucãoãs] têm o corpo de duas galinhas, no peito sete telas, é na côr escura com algumas penas agemadas, têm o bico negro, e comprido, os pés azulados, não têm cauda. Os ovos são como as grandes pedras bezoárticas de Gaspar Antônio, e da mesma côr, duas vêzes no ano os repetem com grande fecundidade. Dizem que voa com grande ligeireza, porém comumente anda por terra, e sentindo gente, se esconde entre os arvoredos. Pinson afirma serem Galinhas Silvestres, e as precedentes espécies de Faisões das mesmas [Macucãoãs] há diversidade assim nas côres, como na grandeza.

Inhapopeses, são deliciosas para o gôsto, pouco muito maiores que as maiores perdizes, de côr atabacada e betado o peito com salpicos brancos, como o das Galinholas, e à sua semelhança têm o bico, os pés azulados, que tiram a roxo, e da mesma côr os ovos.

Zabeleses, são da mesma espécie, iguais às maiores perdizes, têm os pés, e bicos mais curtos, e os ovos verdeados.

Chorão da mesma espécie, e côr, com bico curvo, e o mesmo as Capoeiras.

Inambus nos pés, e no bico se assemelham muito às perdizes, são maiores que as tordoveias, na côr azulados, a cauda pequena, e branca, e também as pontas das penas, os ovos roxos.

Turuins é espécie de Inambus, e em tudo semelhantes.

Arapongas são as de melhor carne, e sabor, do tamanho dos Inambus de côr branca, o pescoço falto de penas, a pele dêste azulada, bico comprido, difere em ter no pescoço algumas penas compridas, e pruridas e a fêmea em seu lugar uma mancha de carne denegrida, gritam de sorte, que se ouvem em grande distância, é tão medonho, que faz terror.

Além das Pombas ordinárias mansuetas transportadas de Europa, há uma espécie, a que chamam Pombas verdadeiras do tamanho das ordinárias, de côr cinzenta, pescoço azulado, bico, e pés vermelhos.

Pombas de asa branca, que são as maiores, Pombas de arribação de côr avermelhada. Pombas azuis. Pombas purarizes.

Rôlas semelhantes às de Portugal. Outras avermelhadas. Outras cinzentas.

Juritis, e outras, a que por mais pequenas chamam Rolinhas.

Codornizes, que não diferem das Européias, de duas espécies, maiores, e menores; as primeiras chamam, Perdizes na nova Colônia.

Vária espécie de Papagaios, e outros pássaros menores, são também comestíveis, o que declararemos nas suas classes.

É também comestível um pássaro, a que chamam Jacamin do tamanho das Macacuãs, e do mesmo feitio, tem o bico agudo, e azulado; todo é preto no corpo, e pernas. As penas do corpo, pescoço, e cabeça é uma felpazinha muito macia com a côr preta, tão lustrosa, que parece verniz; fazem os ninhos sobre árvores, ou nas tocas dos paus podres; depois que os filhos saem do ovo, os Pais os trazem no bico, e põem no chão, onde os criam, como as galinhas. Trazidos para casa logo amansam, e são tão meigos, que em vendo gente, ou seja doméstica, ou estranha, logo a buscam e com as asas abertas a festejam. Acompanham muito com as Galinhas, e lhes criam os filhos, como se fôsem seus, e às vêzes à força os tiram das mesmas Mães, e os criam da mesma sorte. Não consentem ver que os Galos briguem, e logo os apartam metendo-se no meio dêles, indiferentes a um, e outro; mas se algum insiste na pendência, contra êste se põe o Jacumin de sorte, que o faz desamparar o campo, juntando-se dois, três, ou mais dêstes pássaros: levantam muito a cabeça, e abrindo os bicos, enchem os papos de vento, e todos a um tempo com galante harmonia arremedam já aos órgãos, já às gaitas de fole.

Ao útil, e saboroso do gôsto succede o sonoro, e agradável dos ouvidos, segunda classe, que no Brasil se compõe das Aves seguintes, a contradiz a calúnia de que não tem esta Região pássaros, que cantem.

Maravilhas são amarelos, e pardos com voz de Câmara.

Coronilhas (sic) da mesma côr, e tamanho, tem o cocuruto da cabeça preto.

Canários amarelos cantam sonorosamente brandos, alguns porém com bastante valentia.

Loxos, (sic) ou Patativas, por se acharem muitos no recôncavo dêste nome, são de côr cinzenta quase azulada.

Bicudos, são negros, as penas das asas brancas, grosso o bico mais do que o pede a proporção do pequeno corpo com umas malhas brancas na parte convizinha ao bico.

Saís são de várias côres, como os Pintassilgos.

Columins (sic) são avermelhados, e de côr de telha com a cabeça negra.

Gurinhatãs são amarelos, e pretos.

Sabiás, dêstes há quatro castas; sabiás-brancos, que por andarem pelas praias, os denominam comumente com êste apelido. Cantam com valentia, e suavidade: outros também brancos do

tamanho de uma Pomba são Silvestres, e comumente se encontram nas campinas, e cantam como os primeiros, e uns, e outros chamam os Índios Sabiatingas. Outros são muito vermelhos, andam ordinariamente nos povoados, e nos sítios de menos asseio. Cantam como os Melros de Portugal. Os naturais os apelidam por Sabiapirangas. Os últimos são todos prêtos, olhos côr de fogo, nos matos é a sua ordinária habitação, andam em bandos, o nome de Sabiaúna, outros pardos, a que chamam Sanzalas. (*)

Encontros-de-coqueiros são todos pardos, côr de estamemha parda.

Cariças domésticas são como as folacas de Portugal, da mesma côr, e tamanho: há outras Silvestres também maiores.

Bogodinhos são pardos com uma fêlpa preta junto ao bico.

Papa-capins são pardos, quando querem cantar dão um pequeno vôo, e um grande grito.

Também correspondem ao sentido de ouvir os pássaros que falam; porém a formosura, a variedade de suas côres os faz principalmente agradáveis ao sentido de ver, e divertidos objetos da vista, os quais são os que compõem a classe das Aves falantes, a saber.

Araras de várias côres, mas as principais encarnadas, verdes, e azuis. Destas há várias espécies, assim no tamanho, como nas côres, e se distinguem em Araras verdadeiras, Aracuãs, Araris, que são as mais pequenas, (sic) falam pouco.

Canindés, são também espécie de Araras, são comumente azuis, e amarelos; falam melhor.

Os Papagaios-verdadeiros são verdes, a cabeça amarela, o encontro das asas encarnado com várias penas destas côres, e também de azul ferrête.

Curicas são verdes, e azuis, amarelas, encarnadas, mais pequenas que os Papagaios-verdadeiros, e grandes faladores.

As Urucus são do tamanho das Curicas, têm pela cabeça, e parte do pescoço entre as penas verdes muita côr de sangue, também falam bem.

Cardilianos são verdes, e a cabeça encarnada.

Juruuçus são azulados, e verdolengos, e os de maior corpo têm o bico esbranquiçado.

Maitacas são de duas castas, umas têm os pescoços pintados de verde, e pardo, e são estragadores dos bananais, e feijoais, a que chamam mangalôs; a outra casta são mais pequenas alguma coisa, com o pescoço azulado, e não são tão daninhas como as primeiras.

(*) O espaço se encontra no original.

Jandaias são verdes, e os encontros das asas vermelhos, e também a cabeça, falam pouco.

Suiás são verdes com a cauda vermelha.

Chauás são misturados de várias côres, e os que menos falam.

Anacãs são Papagaios com a cauda comprida como a das Araras, de que são pouco mais pequenas, de côr esverdeada, e os queixos brancos. Há outras também de rabo comprido, bico branco com a pena tôda amarela fechada, a estas chamam vacanas.

Maracanãs são do mesmo feitio, só diferem em ter na cabeça algumas penas azuis.

Parabéns também são da mesma espécie, porém tôdas verdes.

Tiribas diferem só das antecedentes em terem o pescoço pintado como Pombas; outras em terem o peito rasgado com umas cintas vermelhas, e serem na côr de um verde desmaiado, que tira para amarelo.

Sabiá-suia é do feitio, e tamanho das Tiribas, tem o pescoço azulado, e o rabo curto, cantam (sic) como Sabiás, de que lhe resultou a mistura do nome.

Periquitos-verdadeiros são todos verdes, outros com a cabeça amarela, outros com a cabeça cinzenta, a que chamam Espiricianos: há outros verdes, a cabeça apavonada, o peito côr de Príncipe mosqueado de negro, a barriga côr de fogo até a ponta da cauda, que é mui comprida, as costas de côr nácar, o bico mais aquilado, que os outros, negro, olhos, e pés vermelho com os lacrimais brancos.

Cuiú-cuius uns são verdes, e outros azuis, e são os mais pequenos de todos os Periquitos.

De tôdas estas espécies de Papagaios se come muitos, os mais saborosos com a carne prêta são os verdadeiros Jurus, e Suias.

Pela força das garras têm grande alegoria com o sentido do tato as Aves de rapina, das quais se compõe a segunda classe.

Gavião Magno, ou Açu, que é espécie de Águia, o que testemunham as suas pedras, ou de [croutor] pelo que destas Aves escrevem os modernos, é de côr branca, e o que mais se remonta tem oito, ou nove palmos grandes de uma ponta de asa a outra, as garras de notável grandeza, a cabeça [levada], o bico grande, e não muito curvo, e faz prêsa em animais terrestres e aquáticos de grande corpo.

Gaviões de penacho uns brancos, outros pintados de várias côres com grandes plumagens.

Gaviões prêtos muito grandes com algumas penas das asas, e cauda rajadas de branco, fazem prêsa no maior Bugio, e pelos Ares o conduzem nas garras.

Acauã, ou Caoã, ou Vacaoã é cinzento, bico, e pés negros, acérrimo inimigo das cobras, que freqüentemente mata, o seu bico é admirável antídoto para o veneno. Dizem, que ouvindo as Cobras o seu grasnido, naturalmente fogem, e se escondem.

Gaviões brancos, a que chamam Caralaras, costumam pousar sôbre o gado, e cavalos, cevando-se nos carrapatos, que costumam trazer semelhantes animais.

Tirancelhos são como os ordinários de Portugal, grandes inimigos das Galinhas, Pombas, e outros pássaros.

Caburés são pouco mais pequenos, e semelhantes aos Môchos domesticados, o que fácilmente sucede, fazem em casa o ofício dos gatos.

Ixoãs são do tamanho de Goritis, têm no pescoço uma coileira branca, as costas denegridas, peito esbranquiçado, os pés vermelhos, voam com grande velocidade, e a sua melhor prêsa é a que fazem às Pombas. Há outras espécies de Gaviões maiores, e menores, que se sustentam das cobras, lagartos, sapos, e outros bichos, e também das Aves, cujos nomes se ignoram. Seguem-se as Aves aquáticas, que pertencendo a êste elemento, por habitarem nêle, as metemos nesta Dissertação por serem Aves.

Garças Reais, umas são tôdas brancas, outras tôdas pretas; ainda que o prêto não é muito vivo, têm debaixo das asas umas penas tão mimosas, que podem servir de plumas, com as pernas, e pescoços compridos, e os corpos pouco menores que os Perus.

Garças ordinárias, a que em Portugal chamam Gacênhas, ou Garças ribeirinhas, que são tôdas brancas.

Caronis são todos negros, e tamanhos como Perus.

Teburus são da mesma grandeza na côr cinzentos, o pescoço mais comprido, o bico grande, na ponta encurvado, são pròpriamente como as Cegonhas de Portugal.

Macoaris são ainda maiores, e de pescoço mais comprido, e também os pés na côr cinzentos, e alguns mais embranquecidos.

Tujus são do mesmo feitio, e tamanho, quem os vê de longe, parece que vê um homem em mangas de camisa, junto as penas grandes cinzentas, ou brancas têm algumas pretas mais pequenas.

Socós-[ovis] são também grandes, côr de cinza, pescoços, e bicos compridos.

Socós-Açus são mais pequenos de várias côres.

Socotingas ainda mais pequenos de côr de cinza.

Sabacus são também cinzentos do tamanho de uma Galinha, com os pescoços, e bicos compridos.

Saracuras são de côr parda, e do tamanho de frangas.

Suicoras são avermelhadas, e maiores que as Saracuras, quando juntas cantam predizem tempo chuvoso.

Galeirões são como frangas, na côr pardos, os peitos, e barriga brancos, pés compridos, na cabeça, e junto ao bico têm uma crista esponjosa, e vermelha.

Sajanas são azuis, branca por baixo a cauda, no mais assemelhadas aos Galeirões.

Patadoras são como frangas, na côr vermelhos com as pernas compridas, as penas das asas amarelas, nos encontros das mesmas asas têm uns esporões pequenos, e na cabeça crista como as dos Galeirões.

Anhumas são iguais aos Perus, nas pernas mais altas, pardas, e brancas na côr, junto ao corpo uma penugem parecida ao velo de um cordeiro são os unicórnios das Aves, pela ponta que se lhes levanta na cabeça do comprimento de ua mão travessa, a que correspondem duas nos encontros das asas, e tôdas três singular, e aprovado contraveneno.

Colhereiras nascendo brancas, se fazem depois côr-de-rosa, têm a grandeza de um Peru, pés, e pescoços compridos, bicos grandes largos na ponta com o feitio de colheres.

Guarás são todos de côr encarnada muito viva, os pés como os dos Patos, tamanhos de frangas, nascem brancos, fazem-se pardos, e últimamente purpúreos, têm os bicos compridos, encurvados na ponta.

Biguás correspondem aos Corvos-marinhos.

Craustos-marinhos são do tamanho de frangas, pardos na côr com a vária mescla de branco, vermelho, e verde, com uma cinta encarnada no peito, um penacho sôlto na cabeça, o bico comprido, e grosso.

Galinholas são como frangas tôdas pardas.

Maçaricos não diferem dos de Portugal, assim os Reias, como os mais pequenos, a que chamam Maracanís. Assim os Alcatrazes, como também os Rabifurcados, e Rabos-de-Junco, sendo que êstes últimos só nas partes Austrais são mais freqüentes. Assim as Gaiotas, assim as Lavadeiras, e outros pássaros menores, que não têm nome.

Os Patos têm grande variedade assim na grandeza, como nas côres; assim também as Marrecas. É verdade que alguns têm maior corpo, que os de Europa, e parecem Cisnes, e outros são extraordinários no feitio, como os Magelânicos, que miudamente descritos pelo Padre Eusébio, e Pinson não dão mais que dizer.

Diversos dos que temos mostrado se oferecem outros muitos pássaros, que também formam não pequena classe.

E mas, que são como os Avestruzes, só diferem em não terem o delicado das plumas, e vistoso das Côres; correm de

sorte, que um ligeiro Cavallo não as alcança, os seus ovos são os da maior grandeza, defendem, e acompanham as alâmpadas.

Siriema é mais pequena, tem uma pena levantada junto ao bico, gritam (sic) muito levantando para êsse efeito excessivamente as cabeças.

Tucanos são negros com os papos gemados, os bicos um pouco encurvados; e quase tamanhos que os corpos, parecem pequenos Alfanjes, e alguma coisa na parte, que se abre, é dentado como serra.

Há outros azuis, e amarelos, olhos brancos, a que chamam Araçarís.

Há outros, que têm o papo branco, o bico redondo pela parte de cima, e brinco: guarnecido pelas ilhargas, e pelo meio com três cintas negras, que principiam da ponta até o pé do bico, e neste tem em círculo uns visos amarelos.

Há outra espécie de Tucanos de maior corpo, o papo também é branco, porém tem o bico acuminado para cima, e da côr de vinho palhête.

Japus têm os corpos gemados, as asas pretas; dêstes há três castas, uns grandes como Pombas, têm também gemadas, as penas da cauda, bico da mesma côr, redondo, e comprido, as penas do corpo pretas, e com mau cheiro.

Outros com a mesma mescla de amarelo mais claro, pròpriamente jalde, arremedam pròpriamente aos outros pássaros, e a muitos animais, causa porque os Índios lhe (sic) chamam Japus.

Outros se chamam Guaxes, ou Xexéus, são todos prêtos, quando voam mostram pelas costas umas penas vermelhas, todos fazem os ninhos como algibeiras, pendurados nas árvores.

Anus são maiores que os Japus são todos negros, põem-se sôbre o gado, são pouco cheirosos, e como se diz vulgarmente, têm catinga, os Índios os observam para as suas superstições, e têm por Aves de mau agouro.

Anus-açus são ainda maiores, na côr azulados, são raros, e comem-se.

Anilinus são azuis com uma faixa côr de lírio no peito.

Bem-te-vis são pardos, e amarelos com o cocuruto amarelo, e branco; resultou-lhe (sic) o nome de o dizerem com grande expressão.

Tapirangas são nas asas negros, o corpo côr de veludo carmesim subido, brancos os remates dos bicos, outros todos encarnados, só brancos no bico.

Cafarraos são negros com o peito encarnado, fazem os ninhos nas pontas dos ramos das árvores de paus secos, em muito prolongados à forma de barcas.

Marialvas são uns pássaros, que ao romper da manhã estão sempre gritando. Marido, é dia, não se lhe descreve, a côr, porque ainda se não pôde colhêr algum; porque logo que amanhece se cala, e esconde.

A êstes correspondem os que de noite gritam freqüentemente Marido ouvi, dos quais também se não tem feito exame.

Não-me-mates são uns pássaros do tamanho dos Sabiás brancos, têm o bico comprido, e chato, semelhantes das ventas umas compridas, e negras, as penas do corpo são das côres mais subidas, cauda comprida, e pés negros.

Paós são negros, e encarnados no papo.

Ferreiros são negros, e brancos, estão sempre a martelar no mato com tanto estrondo, que pròpriamente parecem ferreiros.

Carriças montanas são maiores que as Caseiras, fazem os ninhos compridos compostos de espinhos, e paus secos.

Pica-paus são como as Poupas de Europa, porém com o bico de tanta fôrça, que rompem, e penetram os troncos mais duros.

Urubus corrspondem a Corvos, são porém maiores, e de côr não tanto escura, cevam-se da mesma sorte; e só entram nesta Dissertação pela formosura, e bizarrria do que se chama Urubutinga, ou Rei dos Urubus, que é branco com as asas brancas, e pretas, a cabeça coroada com um martinete das mesmas côres, bico, e garras aquilinos, no peito umas manchas purpúreas, que assemelham aos Pelicanos; dificultosamente se colhem pela sua altivez, e bravura. Dizem que havendo rês morta lhe não tocam os outros Urubus, sem que êste primeiro chegue, e lhe coma os olhos, o que feito, logo se retira.

Termine a variedade dos pássaros o mais donoso, lindo, e extravagante de todos êles, é o mimoso Beija-flor, próprio, e animado ramallete, que das flôres se compõe, e se sustenta; e também da variedade das flôres traja a mesma variedade, já purpúreo, já celeste, já esmeraldino, pequena animada Íris, e verdadeiramente o brinco das Aves, senão a Fênix; porque conforme ao que àureamente descreve o Padre Simão de Vasconcelos, pág. (*) morre, e nasce de si mesma. Desta Avezinha fazem também elegante memória Gomara, e Hernández, e com êles o Padre Eusébio, lib. 10, cap. 1; e Pinson, lib. 5, cap. 21; que conta até nove espécies.

Quando o Sol se esconde, e se acaba, o dia, aparecem as Aves noturnas, e também formam sua classe. Destas no Brasil há várias espécies.

Corujas grandes de patas, que são as maiores. Os Índios lhe chamam Jacurutus. Outras arremedam o miar dos gatos.

(*) Indicação incompleta no original.

Outras mais pequenas, e que andam no povoado, e tanta imensidade de espécies, que não tem número.

Noitibós de várias espécies, maiores, e menores. Bucanos que se põem nos caminhos.

Outros, a que chamam Ermitães enormíssimos, e funestos.

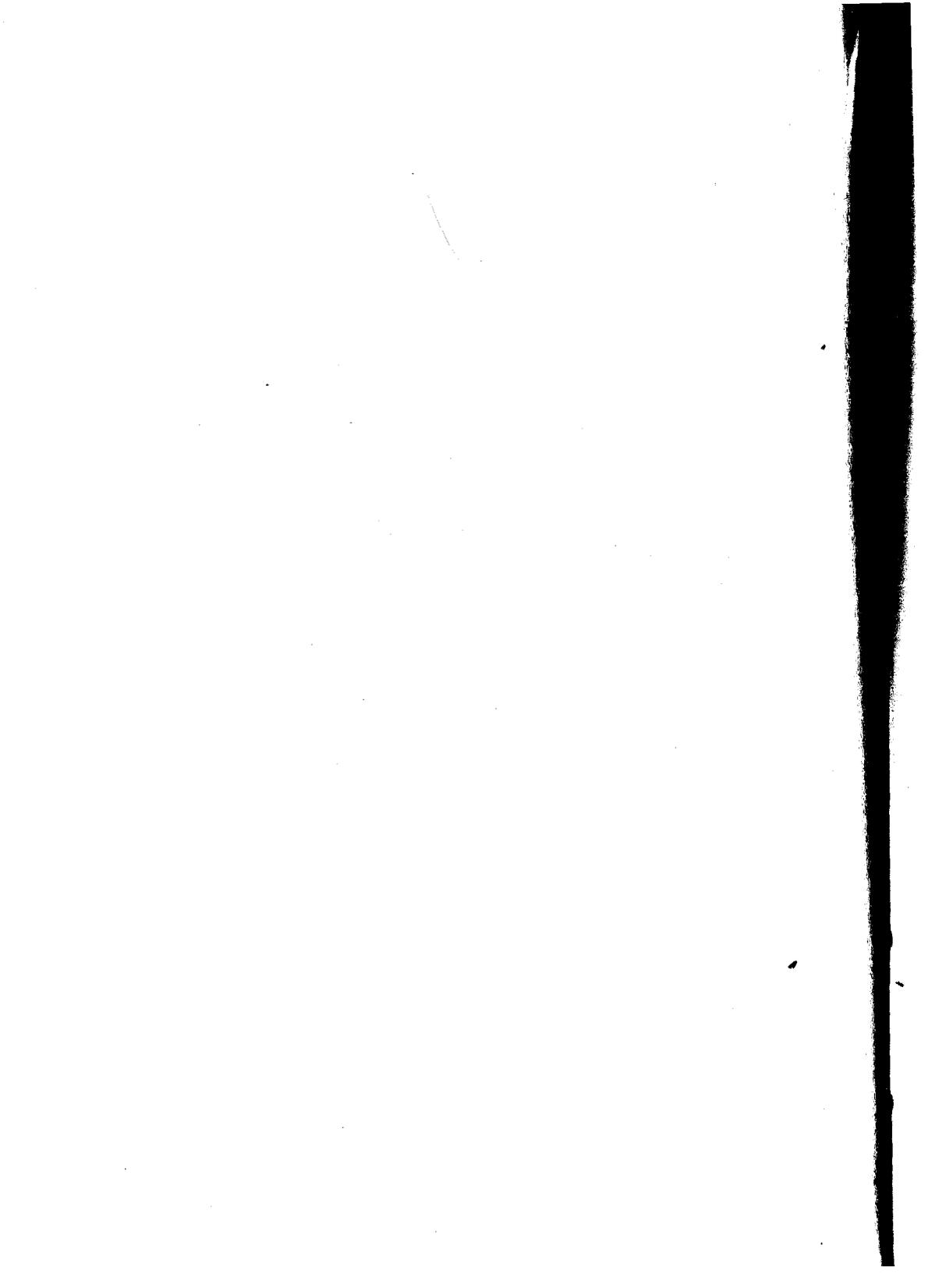
Môchos, que só diferem dos ordinários, por terem na cabeça umas penas retorcidas, que os assemelha a outros animais.

Morcegos de tão extraordinária grandeza, que igualam às maiores Corujas, e tão cruentos, e daninhos, que matam o gado, e fazem despovoar as fazendas.

Outros pouco menores, que depois de velhos lhes cai a cartilagem das asas, e ficam sendo ratos, servindo-lhes de braços os cotos das mesmas asas. Outros com os focinhos rajados de branco; e outras mais castas, todos horrendos, nocivos, e importunos.

O que tenho expendido é o que pude descobrir a respeito das Aves Brasilienses: reformarei fãcilmente o que se me advertir de menos próprio, e acrescentarei tudo o que não chegou ao meu conhecimento, que em semelhantes faculdades alcança mais a experiência, que o estudo, e cede o discurso ao verdadeiro.

Disse.



DISSERTAÇÃO OITAVA,

na qual se descrevem os Insetos
Voláteis do Brasil.

Se o poder inexplicável da fecunda, e pródiga Natureza só generosamente se manifestasse na desmedida estatura de um Polifemo, na grandeza de um Elefante, na máquina de uma Baleia, na arrogância de um Leão, e na Soberania de uma Águia; o resplendor dos Diamantes, a formosura das Pérolas, a fragância das Flôres, a candura dos Arminhos, e a sonora melodia das Aves, mais pareceriam descuidos, que caprichosos desempenhos da sua liberalidade. Mas não é assim como parece; porque se com os primeiros pròdigamente Majestosa na corpórea, e avultada proceridade lhes conferiu a grandeza; aos últimos nos quilates, e prerrogativas, de que singularmente os dotou; os fêz superiormente inestimáveis.

Da mesma sorte, que nos primorosos inventos do artifício (que sempre da Natureza copiou os modelos) não só os colossos, não só as Pirâmides, não só os Obeliscos, e os Anfiteatros. fizeram memoráveis aos Dédalos, aos Tesifônios, aos Cales, e aos Vitruvíos. Porém as pequenas rodas de abreviado relógio, sim de sincopados Microscópios, a aguda perspicácia, as imperceptíveis sutilezas do buril, e as delicadas Linhas do pincel granjearam também os maiores créditos aos Arquimedes, aos Arquitas, aos Apeles, e aos Lisipos, que não se descobre o primor só no que é grande, sim no que ainda que mínimo, é adequadamente perfeito.

Não ignoro que os mencionados, e semelhantes objetos se admiraram sempre como portentos, e maravilhas da arte, e da Natureza; porque no acaso de oferecer-se à vista a disforme vivente Máquina de um monóculo desmedido Gigante, móvel animado Colosso, que tocando no Olimpo com o dedo, pisa valente os átrios do mesmo Abismo, diferente assombro; diferente horror, e diferente pasmo causara do que a cubital imagem de um ridículo Pigmeu, o pequeno corpúsculo de uma indivisível formiga, e outros molestos, e viventes átomos, mais travessuras, e desperdícios, que premeditados produtos da Natureza.

Mas esta econômica, e distributivamente generosa tanto repartiu a uns, como a outros, com igual equilíbrio, tanto se empenhou na produção das Águias, como das Borboletas, tanto com os Elefantes, como com os Mosquitos, dando a cada um, correspondente às suas capacidades, e proporções tudo o de que necessitava, esmerando-se porém de alguma sorte mais com as coisas pequenas, como discorrendo sobre este mesmo assunto assevera Plínio, lib. 11, da sua *História Natural*, cap. 2.^o, nas seguintes palavras: **Turrigeros Elephantorum miramur humeros, Taurorumque cola, et truques in sublime iactus, Tigrium rapinas, Leonum iugas, cum rerum Natura nunquam magis, quam in minimis tota sit.**

Os efeitos também assim o publicam; porque a força do dano que padece, facilmente confessará a experiência, temerem-se mais, e fazerem no Brasil maior estrago as formigas, que os Americanos formidáveis Gigantes; habitem êstes, ou já entre as Amazonas, ou na região dos Patagones, e Terras Magalhânicas.

É bem verdade, que depois de se haverem descrito as propriedades, e excelências da Região, Céus, Ares, Climas, Meteoros, e Aves Brasileas, ocioso, e inútil trabalho parece tratar de seus voláteis Insetos, sendo êstes pela maior parte gêmitos vilíssimos da corrupção, abortos da Natureza, aos quais das cesuras com que se dividem resultou genêricamente semelhante nome; porque o próprio de cada um, é tão bárbaro, extravagante, e escuro como a sua forma. Quase todos molestos perturbadores dos viventes, pungentes, e ruidosos despertadores do sono, vociferantes, e roucos clarins do meio-dia, reluzentes **Piraustas** da noite, volantes Clícies das Luzes, estragos sussurantes das flôres, e vorazes destruidores das plantas. Falo dos Aéreos somente, que os Aquáticos, e Terrestres reservo para quando tratar dêstes Elementos.

Porém observado o Sistema Pliniano, faltáramos ao método, e caráter da *História Natural*, se não fizéssemos memória dos Insetos. Dêles trataram Eliano, Aristóteles, Plínio, Virgílio, Lucrécio; e quase todos os antigos Naturalistas. Dos modernos Cardano, Escalígero, Aldrovando, Tiépoli Musfeto, Pinson, Maragravio, e outros muitos, razão por que não será impróprio, e indecente o individuá-los.

Deixando em tudo a generalidade de serem produtos de todos os Elementos, e assim se distinguirem em volantes, marítimos, terrestres, rompantes, e aquáticos. Não haver árvore, e planta, que os não crie, ser a geração dos voláteis, como a dos bichos de seda. E não disputando, se respiram, têm sangue, o modo com que soam, usarem, ou não, dos sentidos, vendo, ouvindo, e outras particularidades mais concernentes à Física, que à *História*; porque com o mesmo Plínio, lib. 11, cap. 3, dizemos: **Quod nobis**

propositum est naturas rerum manifestas indicare, non causas iudicare dubias.

Para dourarmos a pílula, e suavizarmos o dissabor, que vos poderá resultar só de ouvires proferir os nomes dêstes importunos escândalos. Apareçam em primeiro lugar as melíferas, industriosas, solícitas, e sussurrantes Abelhas, que não cedendo às Híbleas Áticas, e Cicrópias, inundam os bosques, e matas do Brasil do copioso, suavíssimo Néctar, que não dá vantagens ao Cicano, e ao Himeto, e de alguma sorte crimina a ambiciosa indústria do laborioso, ainda que delicioso Açúcar, mais procurado para os regalos, e excessos da Gula, que preciso. Supostos êstes suaves liberaes dispêndios da Natureza, de que a inocência fêz tanta estimação, lá na infância do Mundo, e na antiga, e sempre desejada idade de ouro.

Seguramente podemos afirmar, que desentranhando a Natureza nesta Região do Brasil os seus mais preciosos tesouros nas Abelhas, e no Mel, a que, pela parte, em que se fabrica, chamam vulgarmente de pão, passou de liberal a pródiga; porque sem diligência, indústria, ou prevenção humana, nesses incultos arvoredos, nesses embrenhados sertões diligentes, e officiosas as Abelhas, recolhendo-se nas concavidades dos troncos, ali se propagam, ali se criam, e ali fabricam os seus deliciosos favos com tanta franqueza, e com tanta abundância, quanta experimentam os Índios, e viandantes, que os penetram.

Mas que muito, se a mesma Natureza as multiplicou nas espécies! Treze individua Pinson no cap. 2.^o do lib. 3 da sua **História Natural**. As de que temos notícia são as seguintes. Uruçu, Uruçu-mirim, Manda-saia, Tuiaba, Manbusa, Guirapoã, Tubi, Caruara, Mulher-branca, e Giati, que são as duas espécies mais pequenas, e que fazem o mais saboroso, e branco mel, e a melhor cêra; porque a das outras é demasiadamente preta, e só útil para emplastos, e medicamentos. Tôdas as referidas têm a excelência de franquearem a doçura sem a moléstia das picadas; porque não mordem, nem têm ferrão, justamente se lhe pode acomodar o **Nihil intus amarum**, que o discreto Picinelli applicou a outro Inseto, sendo que o mel das Caruaras tem qualidades benéficas; porque gustado embriaga, e aliena de todos os sentidos.

Melificam, e mordem as Uruçus-de-chapéu, as Sanharós, as Tataíras, estas de sorte, que logo fazem cair a pele, e outras, que pelo grande ardor, que deixam, se diz, ainda que com frase mais grosseira, que exalam fogo. As [hixas] têm ferrão, e não diferem das Abelhas de Portugal, só têm a especialidade de fabricarem as suas casas sobre a terra, entre o espêsso de pequenos arbúsculos. As qualidades dêste mel, suas virtudes medicinaes, e fa-

zer-se dêle algumas bebidas, que correspondam à valentia do Falerno, poderão ver os curiosos no mesmo Pinson, d.; cap. 2.

Tereis por dissonantes, e são heterogênos, ó Acadêmicos Doutíssimos, os estranhos nomes dêstes docisíssimos (sic) Insetos: porém

Optima saepe latent foedi sub nominis umbra.

Saepe alias operit speciosum turpium nomen.

Como cantou o Padre Stroza no seu elegante **Poema de Corolatis Opficio**. Tôdas são Abelhas, tôdas são melífluas, tôdas suaves, e industriosos Artífices da Natureza, e tôdas

Floribus insidunt uariis, et candida circum

Lilia fundundur, strepit omnis murmure campus (1).

Contrapõe-se todavia a tanta melifluidade, e doçura a aspereza, insulto, e crueldade de inumeráveis espécies de vespas maiores, e menores Capueruçus, Uruperanas, Aiçavas, e Tupeiçavas, mais conhecidas por Maribondos-de-tatu, Maribondos-de-caboclo, e Petiocabos, que não só com seus pungentes agulhões infestam aos homens, mas também penetram a grossa, e áspera pele dos brutos, comovendo-os até a última desesperação; porque própria, e naturalmente no Brasil: **mediis feruoribus acrior instant**. Às Vespas, e Maribondos se acumulam infinitos insuportáveis, e tiranos Mosquitos, uns chamados Natíus, ou de pernas compridas, outros, Muriçocas, Borrachudos, Meróbis, Cavas, Taturanas, Getinguás, Pinus, e Miguás, todos picantes, e molestos, assim pelo sonoro ruído, com que perturbam, como pelo atrevimento, e tenacidade, com que picam, principalmente aos que navegam pelos Rios, se nos plenilúnios lhes acontece pernoitar entre os mangues, e os que viajeiam, ou habitam junto às praias, e outros sítios paludosos.

Para o dano, e moléstia dos viventes correspondem aos precedentes nocivos Insetos numerosos exames de importunas Môscas, só o nomeá-las causa asco: **Saepe repulsae asulant**, como já advertiu Homero, verdadeira perseguição das Gentes, muito a nosso pesar se fazem sentir como pragas.

Merecem juntamente o mesmo nome as hediondas, e fétidas Baratas pelo que roem, pelo que mancham, e pelo que perseguem nos Livros, e nas roupas fazem o maior estrago; não há gaveta por mais fechada, que não penetrem, tantas, e tão dani-

(1) VIRG.

nhas, que são um dos maiores inimigos, que se experimentam no Brasil. Também se renovam despindo a casca, e ficando com grande alvura, até que tomam a côr castanha escura, de que se vestem, tornando a nascer-lhes as asas, para serem mais prontos os seus insultos. Quando inquietas voam, e aparecem muitas, anunciam tempo chuvoso.

Se não fôsse também pragas, deixara entre as sombras os horrendos Besouros, e outros vilíssimos, voláteis Insetos, que os assemelham; e também não fizera memória dos saltantes, e volantes Gafanhotos. Estes maiores, e menores executam o mesmo, que em outras partes refere Plínio, lib. 11, cap. 19. O que porém é fortuito, e não sucede sempre; os Índios os comem, e têm por vianda deliciosa. Os primeiros com rouco sussurro, e ruidosos zumbidos, fugindo do ardente incêndio dos Campos, buscam as casas; de dia estrugem, e de noite cometendo as Luzes, as ofendem, e sufocam, arrogando-se privilégios de Borboletas, que sòmente têm a fealdade, e negrura de Besouros.

Os Grilos, e as Cigarras, os seus estrondosos clamores os fazem assaz lembrados. Os primeiros depois de esburacarem, e fazerem ressoar os prados, também buscam as casas, onde incessantemente retinem, e não pouco perturbam, sendo que há gênios tão depravados, que os têm por Aves de não infausto agouro.

Das Cigarras, há duas espécies, as maiores duram menos, as menores se dilatam mais; não estômago ôco a modo de Canudo se forma o importuno ruído, com que inquietam no Estio o agradável silêncio dos Campos: têm quatro asas sutis, e maiores que o Corpo; a côr tira comumente a verde mais, ou menos escuro; quanto delas pode dizer-se, epilougou Virgílio num só verso.

Sole sub ardenti resonant arbusta cicadis (2)

mais difusamente Joviano Pontano, lugar que repito, para que a sua elegância suavize a minha insipidez.

*Cantando Luces peragit sub fronde Cicada,
Et mulcet Sylvas carmine laeta suo.*

*At tenebras sub rore leui, sub deside somno
Transigit, et noctes, nocte iuuante suas.*

*Cantando moritur, sentit nec taedia mortis
Quin cantu uitam ducit, et exequias.*

São mais grosseiros, e escuros no nome os esplêndidos voláteis Insetos, cintilantes Piraustas da noite, ígneos piropos dos Campos, luminosos pequenos Astros, ou exalações viventes, relâmpagos

(2) ECLOG. 2.

volantes, aligeros Luzentes bichinhos, aos quais Plínio com os Gregos chama Lampírides, os Latinos Cicindela, os cultos Piri-lamos, os Críticos Fuziletas, os atentos vagalumes, e os Índios Mensas. Eram antigamente dedicados a Vênus pelos efeitos, que ainda hoje causam segundo Razis, Alberto, e Benedito, há dêles no Brasil larga cópia. Aos Holandeses, quando invadiram estas Províncias, ocasionaram no escuro da noite pânico, e gravissimo terror, parecendo-lhes murrões acessos de alguma oculta, e prevenida emboscada. Juntos dão tanta luz, que com ela se podem ler os caracteres mais miúdos, uma, e outra coisa refere Pinson, lib. 5, cap. 13. Em tôdas as estações do ano aparecem, quando em Europa só no Estio como na extremidade das Costas tem o resplendor, juntamente, os acusaram de estólidos no seguinte verso.

**Reiecit post terga iubar tenebrosa uolucris
Insipiens, sophiae negligit omne decus.**

As Formigas também passam a ser Insetos voláteis, por Abudias, as denomina o Vulgo, os Índios lhes chamam Tanajuras; quando chove se levantam com grandes vôos; crescem de sorte, que parecem duas camarinhas, ou com mais propriedade, murtinhos miúdos um a outro; a parte posterior tostada ao fogo, não só aos Índios, mas a outras pessoas, nas quais é natural melindre, servem de saboroso regalo; porque dêstes indivíduos o maior número é terrestre; deixemos a sua individuação para quando delas tratarmos.

Ponham termo a esta fastidiosa Dissertação as variamente coloridas, vistosas, e inumeráveis Borboletas, de tantas, e tão esquisitas espécies, que a especulação mais exata não poderá cabalmente individua-las. Nas côres tão engraçadas, e diversas, que bem mostram se empenhou a Natureza a apurar as tintas, com que na fresca Primavera debuxou a fragrante República das Flôres para também colorir estas volantes boninas, se já não foi que não quis que as Auras se queixassem de que Hora havia sido a mais mimosa. Esmaltando-as elegantemente do áureo, e argênteo pó das mais opulentas Minas, e de alguns resplendores, em que reluzem os Diamantes, Safiras, Topázios, e outras pedras preciosas. Algumas há de grandeza extraordinária, mas com a mesma graça, e formosura. Como vestem de tôdas as côres, há também outras tão defumadas, e denegridas, que parecem escuros Vapores da lagoa Estigia, Correios da noite, testemunhas do Abismo, e fugitivas volantes fúrias, diferença, que lhes provém dos troncos, de que procedem.

A tempos aparecem tão numerosas, que como volantes esquadras passam de umas partes para outras, obedecendo porém

ao impulso dos ventos, e com tanta ousadia, que a larga distância desta grande Bahia não lhes suspende os vôos; só nas luzes experimentam o maior naufrágio, o que por vulgar não pondero. Delas se geram infinitas Lagartas, que ofendem bastantemente as Lavouras. O que tem de mais raro é, que muitas destas Borboletas se emplumam, e transformam em pequenas aves, a que chamam beja, ou pica-flor, os Índios Guainumbi, especialidade que relata o P'adre Simão de Vasconcelos, *Notícias do Brasil*, lib. 2, pág. 283, Pinson, lib. 5, cap. 21, referindo a outros.

Finalmente são espécies, ou espíritos das Borboletas, os Camocanguis, a que o vulgo impròpriamente chama Tarântulas, e outros, Cavalinhos do Demônio, tão extenuadas, e compridas, que mais parecem inanimadas volantes espumas que Insetos viventes. Naturalmente são brincadas de galantes esmaltes; têm quatro asas de tanta transparência, que se assemelham ao talco mais sutil. Êstes volantes sopros mais, que viventes individuos [se] alimentam também do suco das Flôres, ou com mais propriedade da sua fragrância; porque o seu corpúsculo é tão ligeiro, e tênue, que não tem capacidade de outro alimento.

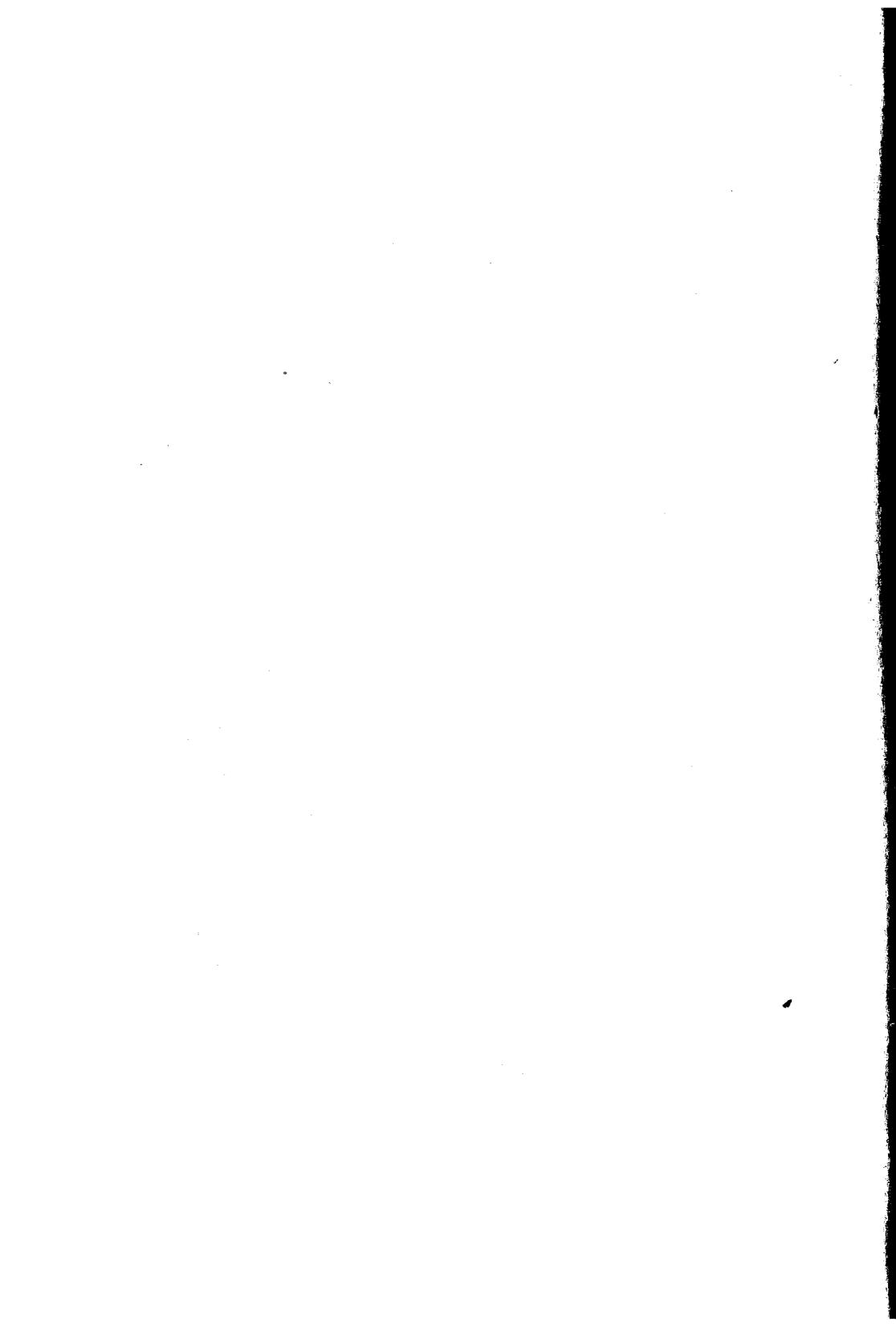
Os mencionados, ó Sapientíssimos Acadêmicos, são os Insetos aéreos, que se conhecem no Brasil. Não ignoro vos causaria não pequeno enjôo, moléstia, e aborrecimento, ouvires repetir o que não é incógnito, antes sim indigno de se nomear; e trazer à memória. Porém sirva-me de resposta o que diz Plínio em têrmos semelhantes, lib. 11, cap. 3. *Imploro, nec haec legentes, quoniam ex hiis spernunt multa; etiam relata fastidio damnet, cum in contemplatione naturae nihil possit uidere super uacuum.*

Para as Dissertações futuras tratarei dos produtos aquáticos, *et gratare tibi ó Brasil fecundo, delicioso, e opulento, Quod te Natura supremo alluit Oceano.* O que quando não consiga a vosso agrado; porque com Petrônio.

*Inueniat quod quisque uelit, non omnibus unum est,
Quod placet, hic spinas colligit; ille rosas.*

Pelo afetuoso sacrificio, a que se resigna, merecerá de alguma sorte a vossa benevolência, e assim tôda a desculpa.

Disse.



DISSERTAÇÕES DA HISTÓRIA ECLESIAÍSTICA DO BRASIL

Que recitou na Academia Brasílica dos Esquecidos —
O Reverendo Padre Gonçalo Soares da Franca
no ano de 1724.

O Padre Frei Bernardo do Amaral, sendo Prior dêste Real Mosteiro de Alcobaça, mandou pôr êste Livro no Cartório do mesmo Mosteiro que com outros três mais, que tratou da mesma matéria, se acharam no espólio do Padre Mestre Frei João César.

Ano de 1761.

Antilóquio das Dissertações da História Ecclesiástica Brasílica,

Agonizante o dia nos crepúsculos da tarde, sepultada a luz entre os horrores da noite, lângüidas as flôres, mudas as aves, roucas as fontes, tudo é desmaio, tudo confusão, silêncio tudo: aparece o Sol no horizonte, e como se ressuscitasse o mundo, murmuram as fontes, solfejam as aves, as flôres se alentam, pois trocadas as carrancas da Sombra nos risos da Aurora, tudo é alegria, tudo consente, alvorôço tudo. Permita-me Vossa Excelência que comece assim, porque só assim, Excelentíssimo Senhor, posso idear o mais próprio hieroglífico da ação presente. Ocupado em maiores estudos, ou sendo o meu maior estudo a ocupação do meu sacerdócio, que costuma deixar poucas horas livres, sem livros, porque ausente dêles, na noite do silêncio, e entre as sombras do descuido, paravam as fontes da mesma veia, calavam as solfas da mesma musa, e se murchavam as flôres das humanidades, que por muitos anos cultivei: assomou o resplendor de Vossa Excelência (verdadeiramente em tudo Sol, porque depois de brilhar no Oriente, era forçoso que alumiasse o Ocaso) e tanto que ao seu preceito se rendeu a minha obediência, como se revivesse em mim aquêlê entusiasmo, que sentia amortecido, de sorte me sinto alentado, que me parece posso já cantar com o poeta.

Est Deus in nobis agitante callescimus illo.

É verdade (sapiantíssimos colegas, e científicos Mestres meus) é verdade que sem dúvida a debilidade de meus ombros excede o pêso da minha incumbência, pois fiando-se-me escrever a história eclesiástica do Brasil, tanta carga requeria mais superiores fôrças, tanta esfera mais robusto Atlante, mas se êste vendo-se oprimido mendigou socorros de Alcides, nos auxílios da vossa erudição, procurará suplementos à minha ignorância, o valor da vossa ciência emprestará normas à minha perplexidade; irei ouvindo para aprender seguro de não errar, porque se, como disse Quintiliano, não pode ser defeituosa cópia, que imita original perfeito, quem segue acertos, nunca tropeçará em descuidos.

Bem instruído (sem vaidade o digo) nas partes, de que deve constar o todo de uma história, ou já pelos preceitos aprendidos com indagação nos Túlios, Políbios, Agripas, Tácitos, Deodoros, Nicetos, Gélios, Mascardos, e Menes, que foram os Mestres dela; ou já pelos acertos observados com diligência em Heródoto, Josefo, Lívio, Salústio, Tucídides, Justino, Cúrcio, Patérculo, Floro, Catalino, Estrada, Bentivolio, Guichiardino, Barros, Mariana, Mendonça, Fuen Maior, Freire, Faria, que são os que com mais felicidade a escreveram, tinha já a minha pena, senão voado (que as asas dos pobres não voam.

**ingenio poteram superas uolitare per arces, me
nisi paupertas inuida deprimeret)**

discorrido largo espaço pelo campo do papel, senão quando na conferência passada me instrui em que mais havemos de descrever umas dissertações históricas, que uma história já disputada (porque dos pròpriamente historiadores é só obrigação narrar, e apenas refletir, sem a pensão de questionar) e assim variei de sistema e mudei de bastidor, trocando o estilo, e alterando a frase; mas nem porisso decresceu a minha confusão, antes sem dúvida se aumentou a minha perplexidade; porque vendo que hei de tratar uma matéria eclesiástica, inda não bem digerida, principiada, e prosseguida pela longa diuturnidade de duzentos e vinte e quatro anos; que tantos tem corrido do descobrimento do Brasil até a presente era, sem mais Luz que a de poucos Livros impressos, que sem individuação a tratam, e sem mais norte que o de suscitadas memórias manuscritas, que só genéricamente a tocam, nem enleado o juízo acerta a ser Teseu dêste Labirinto, nem vacilante o discurso atina em se mostrar Alexandre dêste laço.

Trouxe a história natural do Brasil ao superior talento do Senhor Caetano de Brito Figueiredo chanceler desta Relação e além desta primeira e principal razão, tem os socorros dos livros que êle mesmo, como ouvistes, nomeou, e os mais, que omitiu a sua brevidade, e pudera referir a sua comprehensiva notícia. Encarregou-se a história militar ao elevado engenho do senhor Doutor Juiz de Fora Inácio Barbosa Machado, e além dêste intrínseco e pessoal valor, tem os auxílios das impressões, que êle próprio referiu, nacionais, e estrangeiras, e outras mais, que calou e pudera contar a sua vastíssima erudição. A história política se entregou à aplaudida ciência do Senhor Ouvidor Geral do Cível Luís de Siqueira da Gama, e além desta inata vantagem tem demais por comilitões na sua história todos, os que escreveram (que não são poucos) dos costumes Indianos, onde comparando os ritos da América com os Europeus, Asiáticos, e Africanos, poderá formar paralelos, propor problemas, e resolver questões, argüidas da sua perspicácia, e comprovadas com a sua agudeza: mas na composição da história eclesiástica do Brasil, além da insuficiência do seu Artífice, já mencionada; e agora e sempre repetida, quem há de emprestar materiais para o seu artefato, onde se não de colher flôres para êste ramallete, por que aquedutos não de passar as águas para esta fonte? Tão estêreis são as águas, tão murchas as flôres, tão desfeitas, ou não feitas as pedras, que depois dos Autores, que genêricamente escreveram do descobrimento do Brasil (que são muitos, e alguns tenho visto) não sei que houvesse cronista, que ex-processo tratasse aquella história, mais que alguns da esclarecida Companhia de JESUS, Mãe fecundíssima de científicos filhos (que filhos são do entendimento os partos do discurso) nas Crônicas da sua religião, e essas inda truncadas. Autores dos sucessos bélicos muitos, Autores da história natural vários, Autores dos ritos gentílicos alguns, mais Autores das Religiões eu os não vejo. Escritores das guerras, escritores dos climas, escritores dos costumes, do Maranhão, Ceará, Rio Grande, Paraíba, Itamaracá, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Ilhéus, Pôrto Seguro, Espirito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente, Santos, mas das fundações, e progressos das Igrejas de Santos, São Vicente, Rio de Janeiro, Espirito Santo, Pôrto Seguro, Ilhéus, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Itamaracá, Paraíba, Rio Grande, Ceará, Maranhão, apenas memórias manuscritas, por acaso sucintas tradições; esta é irrefragável verdade.

Se perguntardes à religião do esclarecido Patriarca São Francisco pelas origens, e progressos, das suas fundações na Bahia, não vos darão outra notícia, que a que dá em curtas regras Jorge Cardoso no seu Agiologio Lusitano; pois a religião do Serafim

humano, aquêlê jardim onde floresceram os Escotos, os Boas Venturas, os Ales, os Mástrios, e tantos outros, sem livros, e sem memória? Essa é a desgraça da sua e minha história. Se fizerdes a mesma pergunta à religião do Príncipe dos Patriarcas São Bento, da mesma sorte ouvireis que ainda da sua religião se não fêz crônica no Brasil; pois a religião de São Bento, aquêlê arquivo de Letras, onde por tantos séculos se depositaram tão insignes sujeitos, como os Bedas, os Egídios, os Damiões, ou Lauretos, os Bercórios, e outros, sem crônicas, e sem memórias? Essa é a infelicidade da sua, e minha história. Se inquirirdes da Religião Carmelitana o princípio das suas casas, e progressos dos seus religiosos neste nôvo mundo, escutareis quase idêntica resposta, que ainda se não publicou Livro, que trate dos seus progressos, e das suas casas; pois dos filhos de Elias, daquele que em triunfante carro soube triunfar da morte há de triunfar o esquecimento? O Carmelo, aquêlê abreviado firmamento, onde brilharam os científicos astros dos Mantuanos, dos Delgadilhos, dos Lesanas, dos Guadalajaras, e outros, sem livros, e sem memórias? Essa é a pouca sorte da sua, e minha história. Se desejardes saber dos modernos religiosos da mística Santa Tereza, e dos moderníssimos filhos de Agostinho (moderníssimos digo na Bahia) os princípios das suas fundações, quase estou em vos dizer que vos hão de responder o próprio; pois dos filhos de duas Águias, que examinaram o Sol das Ciências, se há de presumir que degeneraram em pombas, que não escrevem livros, que não conservam memórias? Esse é o infortúnio da sua e minha história.

E sucedendo, como sucede, isto nos templos, e Igrejas, que fundaram tão grandes homens, e que animam tão insignes sujeitos, julgai o que sucederá nas Paróquias, nas Missões, e nas Ermidas, que situadas no interior dos sertões, ou são cadáveres inanimados, ou vultos agonizantes, que menos vivem dos Párocos, que os Párocos vivem delas, sem arquivos, sem memórias e consequentemente sem notícias das fundações, nem dos fundadores. Isto foi o mesmo que sucedeu ao zeloso, e último Prelado, que há pouco roubou a morte a nossos olhos, mas sempre vive a nossa saudade; o qual querendo emendar o descuido de catorze Predecessores seus, que no espaço de duzentos anos nenhuma constituição tinham feito ao Arcebispado, indagando notícias, e revolvendo arquivos, ou não achou, ou que achou foi tão pouco, tão confuso, e tão discrepante, que todo o extrato dêste concreto se reduziu a uma abreviada soma da vida dos seus antecessores, como o comprova a mesma constituição impressa.

Estas são os fantasmas, que intimidam o meu discurso, e que puseram mêdo ainda ao maior gigante para prosseguir na

minha empresa: quantas histórias se não têm retardado, quantas composições se não têm omitido por falta de notícias: Sei eu que Cornélio Alápide, aquêlê insigne expositor das escrituras deixou de comentar os Salmos esperando que saísse a história de Papebróquio, para com os seus exemplos corroborar as suas interpretações, e por dizê-lo de uma vez, sei e sabemos todos que os Ilustres Acadêmicos da Real Academia Portuguesa principiando as suas conferências há mais de dois anos, até aqui só tem sabido a luz, com dúvidas, perguntas, e aparatos para a sua história; pois se tão grandes homens, sem notícias escritas, não podem compor, como sendo eu tão pequeno sem memórias poderei escrever? Todavia, cobrando fôrças na própria dificuldade (tanto pode um preceito, quando se sacrifica uma vontade) segundo Anteu, que nas quedas renovava os alentos, ou como a palma, que com o pêso mais se levanta — *nittitur impondus palma, et consurgit in altum — quo magis et premitur hoc magis tollit onus* — os mesmos tropeços, que enleiam o juízo são incentivos, que impelem o desejo de pôr mãos à obra. Para erigi-la unirei os materiais, que se acham dispersos por alguns Livros impressos, e manuscritos, a que não dou menos crédito que aos primeiros, por serem alfaias, que como morgado herdei dos antigos Avós, que na guerra, e na paz ocuparam os primeiros lugares desta República. Os impressos pois, de cujas suscintas fôlhas poderei mendigar alguma luz são várias tábuas hieroglíficas, **Theatrum orbis** de Abrahão Ortélio, os **novos Atlas** de Guilherme, e João Blaeu, a história, e poesias de Gaspar Barlen nos poucos períodos, em que o não arrasta a lisonja, ou a afeição; da mesma sorte o Pinson a **história sacra** de Cornélio Alart; a **história** de Mafeu em poucas cláusulas; Bartolomeu Guerreiros na restauração da Bahia; a **Crônica Geral** de Ant.^o de Herrera; José da Costa de **nôvo orbe**; as **Crônicas da Companhia na América Castelhana** (1). Dos Nacionais a história de Pedro de Magalhães Gandavo, que suposto a conservo manuscrita, está fielmente copiada da que êle imprimiu em Lisboa, no ano de 1576. Frei Serafino de Freitas de **justo império Lusitano**; Osório de **rebus Emmanuelis**; João de Barros, as **Crônicas de El-Rei Dom Manuel**, e **Dom João o III**, Luís Coelho de Barbuda. Pedro de Mariz; Duarte Nunes; Manuel de Faria; os Padres Vasconcelos; e Teles nas Histórias da sua religião; Francisco de Brito Freire, Frei José de Santa Teresa, Frei Rafael de Jesus, e Frei Manoel Calado, êste no **Lusideno**, aquêlê no **Castrioto**, porque ainda que os mais dêstes Autores escreveram guerras, também tratam descobrimentos, e ações eclesiásticas; corroborando estas com as no-

(1) E outros vários.

tícias manuscritas de Pedro Nunes, o maior Cosmógrafo do seu tempo, e com várias outras relações que adquiriu a minha curiosidade, ainda quando não imaginava tratar semelhante história.

Esta determino dispor na forma seguinte. Dividi-la-ei em três partes. A primeira tratará do descobrimento do Brasil pelo famoso Pedro Álvares Cabral no ano de 1500, e pelo consequente da sua descrição, porque sendo êste o teatro do meu assunto, mal se entenderá a farsa se se não delinear o teatro, e esta parte compreenderá a averiguação de quem foram os seus primeiros habitantes; quando, e como, a ela passaram, se tinham alguma Luz, ou sombra da Religião Católica, que Lei professavam; se é certo, ou ao menos verossímel que à América viesse S. Tomé, e no caso que viesse, se nela foi ouvida e abraçada a sua doutrina. A segunda parte mostrará quais foram os primeiros cultores desta vinha; quando se fundaram as Igrejas Paroquiais, que hoje existem, e as religiões, que agora permanecem, descrevendo, ainda que sucinta, topograficamente os Lugares, e situações de suas Igrejas, ou por emendar o escrito, ou por noticiar o que se não escreveu; o número dos Vigários, e rendas das vigairarias; qual, e quando foi o fruto espiritual, que produziram as missões; que se fizeram e as Aldeias que se fundaram; e nesta parte se incluirá a vida dos Bispos, que depois passaram a Arcebispos na Bahia. A terceira, e última dirá o número, e qualidade dos Mártires, que pela fé acabaram, e dos Varões Ilustres, que em Santidade e Letras floresceram, concluindo-a com os estupendos milagres, que se viram, deixados porém na pia credulidade dos fiéis, porque sem a aprovação da Igreja não lhes devemos mais fé, que aquela, que lhe atribuem os decretos de Urbano VIII, uma vez feitos, e outra modificados.

De maneira que no teatro da minha história se representaram milagres grandes, Letras insígnies, virtudes excelentes, vitórias trágicas, e tragédias vitoriosas, alcançadas tôdas pelos soldados de Cristo, que igualmente derramavam o próprio sangue, dando a vida pela fé, que ampliando a fé na administração do Sangue do verdadeiro Capitão, que deu a vida pelos soldados. Ver-se-ão vidas de Prelados exemplares, e mudanças de vidas tão notáveis, que o mesmo Gentilismo, que pelo longo discurso de três mil oitocentos, e noventa e sete anos, depois do dilúvio universal (segundo o melhor cômputo) habitava no horror da sua cegueira em breves anos passou as alumiar da Luz da verdadeira Religião. Ver-se-ão transmigrarem-se para sacrossantas aras, em magníficos e suntuosos Templos, os que eram profanos Tegúrios do Ateísmo, trocando-se finalmente a sanguinolenta e torpe vítima da humana natureza no incruento sacrifício do

mais celeste cordeiro, verificando-se aqui, mais que em outra alguma parte, a execução da divina promessa ao nosso primeiro Rei, e primeiro fundador do Império Lusitano, não só ouvindo-se, mas adorando-se o eco do seu nome entre as Nações mais bárbaras e remotas. Finalmente ver-se-ão resoluções verossímeis de questões curiosas na propagação da fé na América, e na divisão das gentes; cosmografias verdadeiras, e descobrimentos felizes.

Esta será a ordem, e matéria da história; mas como não há matéria sem forma, terá esta forma a mesma história. Nas matérias controversas primeiro proporei as opiniões contrárias, ou as razões opostas, e depois estabelecerei as próprias conclusões: nos sucessos líquidos só se ouvirá a narração: o estilo variará ao compasso dos assuntos; o narratório para referir, o oratório para falar, o altíloquo para descrever. O primeiro será chão, e cheio, com palavras mais significativas, que pomposas, porque sempre tive por inúteis as que superabundam a expressão do conceito; o segundo mais ativo, ou com expressões mais vivas, como para persuadir; o último mais levantado, ou com visos de poético (dentro porém da sua esfera) como quem pinta, porque se a pintura é como a poesia = *ut pictura poesis erit* = pelo que retrata, porque não será a perspectiva histórica como a poética, pelo que expressa? Se contudo errar a estrada Real dos acertos, mostrarei que não ignoro o desvio dos erros; e em tudo aceitarei qualquer advertência, que se me fizer, que hei de abraçar como desengano, assim dos sapientíssimos Mestres, que me presidem, como de qualquer curioso, que se resolva a me advertir, porque reconhecendo a minha insuficiência de todos desejo aprender!

Nem necessito, como é costume nos exórdios, de justificar a verdade, ou indiferença com que escrevo, porque como hei de escrever de pedras, e de homens mortos, que são tão insensíveis como as mesmas pedras, seguro estou de propender para alguns dos afetos amor e ódio, de que, na opinião de Tácito, se não livrou ainda o Autor menos apaixonado.

Agora outra vez permita-me Vossa Excelência, porque acabe por onde comecei, que ao mesmo tempo em que vejo as Letras tão favorecidas, e as armas tão patrocinadas, excite de nôvo aquela antiga contenda entre armas e Letras, pondo a sua decisão neste Soneto.

Armas, e Letras sempre competidas,
 Letras, e armas nunca superadas,
 Em vós, César ilustre, equivocadas
 Por vós triunfantes são, por vós vencidas.

Quem as vossas idéias vê subidas,
Em tanta heróica ação executadas,
Ignora se estas são avantajadas,
Ou se aquelas, senhor, são preferidas.

Mas se nem vossa espada semelhante,
Nem tem a pena vossa imitadora,
Qual por vós ficará mais relevante?

Se nenhuma até aqui, ambas agora,
Pois se mais voa a espada triunfante,
Melhor a pena corta vencedora.

PRIMEIRA PARTE

DISSERTAÇÃO PRIMEIRA

da história eclesiástica do Brasil, trata do seu descobrimento.

Costumavam os antigos, pela incerteza das tradições, encomendar à posteridade na segurança dos escritos as ações mais dignas de memória, que na paz e na guerra obravam os varões ilustres: mas os Portuguezes, que sem dúvida igualaram aos que mais fizeram na guerra e na paz, ocupados nas armas, tanto se esqueceram das Letras, que já contava muitos anos de descobrimento o Brasil, quando se começaram a escutar nas Crônicas Gerais do Reino, como em sucintos episódios, os sucessos da América Lusitana, devendo-se ainda o serem tão mal ouvidos, não sei se mais ao eco dos estranhos, que as vozes dos Nacionais, e ficando por consequência tão escurecido o grande desta conquista, que nem pelo dedo se podia idear a corpulência do Gigante, sem haver resolução havendo sobrado talento, para se empreender uma história geral do Brasil, teatro em que não só se representaram tragédias bélicas e políticas, mas também seara, que cultivaram muitos operários da vinha do senhor.

Lastimado desta última omissão (que as primeiras se fiaram ao cuidado dos primeiros talentos) igualmente que constrangido do preceito superior, que me precisa a empunhar a pena, determino escrever, ou mais propriamente disputar, a história eclesiástica Brasileira, desde seus primeiros fundamentos até nossos tempos.

Mas como, para fundar com segurança tão alto edificio, é forçoso abrir-lhe os alicerces com distante anterioridade, ainda que com sucinta narração, tocarei o descobrimento do Brasil, que sucedeu da maneira seguinte. Contava o mundo de existência cinco mil e quinhentos e cinquenta e dois anos, e de idade a redenção do mesmo mundo mil e quinhentos; pontificava Alexandre VI, e reinava em Portugal os sôbre todos feliz Rei Dom Manoel, quando inflamado êste no ardente zêlo da propagação da fé nas remotas Províncias da Ásia, onde chegara a sua primeira armada, depois segunda; e como no acêrto dos Generais consiste comumente a felicidade das emprêsas, elegeu para governar treze baixéis, que mandou previnir, a Pedro Álvares Ca-

bral, filho de Fernão Cabral senhor da casa de Azurara, e Alcaide-Mor de Belmonte, no qual competindo a nobreza herdada com o valor pessoal, parece que ainda ficava devedora como alheia aos merecimentos próprios.

Eram oito de março, quando El-Rei acompanhado de toda a Corte, depois de ouvir missa, que disse Dom Diogo Ortiz Bispo de Cepta (depois de Viseu) na Ermida de Belém, fundação agora do Infante Dom Henrique, e logo ampliada suntuosa fábrica do mesmo Rei (estando, enquanto durou o sacrifício, pendente a crucifera bandeira sobre o altar, e o General com o próprio Monarca recolhido dentro na cortina, parece que querendo encobrir a Majestade, que queria então singularizar na honra a quem distinguira na escolha) lhe entregou de suas Reais mãos o estandarte, o qual recebendo Pedro Álvares, e dando nas de El-Rei a homenagem, se embarcou com mil e duzentos homens de mar e guerra, e com êles oito Religiosos de São Francisco, quatro mercenários (nestes não falam nossos historiadores) oito capelães, e um vigário, sendo, parece, preciso que acompanhasse esta milícia eclesiástica a guerreira, porque a instrução do Rei era que as vozes do Evangelho não escutado succedessem os golpes da espada esgrimida.

Entre esperanças e sustos, deixando a armada as águas do Tejo por buscar as do Indo, prosseguia o segundo Argonauta Português a conquista, que principiara o verdadeiro Jason do Oceano Vasco da Gama. Depois de padecer a armada, passadas as Canárias, horrível tempestade, em que arribou a Lisboa o Navio de Luís Pires, a nimia prevenção para dobrar o cabo da Boa Esperança, fugindo da Costa da Guiné, a fez engolfar sobradamente no Oceano Austral, para onde forçosa, e forçadamente dirige as proas, quando arrebatada dos ventos, ou mais catòlicamente conduzida da Altíssima Providência, aos vinte e quatro de abril segunda oitava da Páscoa (conforme João de Barros) avistou terra em dez graus da Equinocial para o Sul; mas, com licença do nosso grande historiador a quem seguem outros, e particularmente o insigne Manoel de Faria, permita-se-me dizer, que como ambos escreveram por informações, escreveram mal informados nesta matéria; e porque, sobre atrevimento não pareça fantasia própria, já que estamos em matéria de controvérsias, darei a razão do meu dito, sem fazer opinião.

Dizem pois os Autores referidos, que avistando a armada terra em dez graus, viram gente nua, de côr vermelha, cabelo liso, nariz chato, e que lançando batel ao mar, com a fugida da tal gente, se frustrou a diligência de tomar língua, para o que haviam ancorado: que levou a armada ferro (prosegue João de Barros), e que; navegando um dia, outra vez se aproximou à

costa, a qual percorrendo com tempestuoso vento, entrou em Pôrto Seguro, onde desembarcaram os Navegantes em Domingo de Pascoela. O Padre Vasconcelos, calando os graus, só refere o descobrimento, e como quem foge o corpo à dúvida, relata a opinião alheia, sem interpor o parecer próprio, porque diz que avistou a armada terra (segundo Barros, e outros) aos vinte e quatro de abril, e que navegando alguns dias junto à Costa aferrou Pôrto Seguro.

A terra; que demora da Equinocial para o Pólo Antártico em dez graus, afastada da Costa de Guiné quatrocentas e cinqüenta léguas, é aquela, que corre das Alagoas a buscar o Rio de São Francisco, que está em dez graus e um quarto, com um dia de viagem se achavam, sem dúvida, na enseada de Vasa-Barris, e tão aterrados que podiam lançar batéis fora, e não só divisar pessoas, mas também distinguir feições; e se ainda aos mais amarrados foi sempre esta enseada funesto teatro de lastimosas tragédias, como dela poderiam sair ilesos os que a ela estavam, em noite tão tempestuosa (como escrevem todos os Autores) tão propínquos; e mais sendo em tal tempo, qual era o mês de abril, pois sabido é dos Navegantes que em vinte e um de março principia nesta Costa do Norte aquêlê notável refluxo, que impetuosamente arrebatava as águas para terra, existindo até outros tantos de setembro.

Mas dados por vencidos todos êsses impossíveis, e concedido (como querem êsses Autores) que a armada fôsse costeando a terra, se êles mesmos, com pouca discrepância (como adiante veremos) assentam que Pedro Álvares saiu de Pôrto Seguro nos princípios de maio (sendo certo que de dez para dezesseis graus, em que está Pôrto Seguro, gastaram, como diz Barros, ao menos cinco dias, que tanto se contam da segunda oitava da Páscoa ao Domingo de Pascoela, em que desembarcaram) é infalível que partindo a três (como diz o mesmo Autor) ou ainda a cinco (como traz Osório) só quatro dias exclusive, ou pouco mais, tiveram de demora no dito Pôrto Seguro, o que parece inverossímil, para o que (segundo os mesmos Autores) aí obrou Pedro Álvares, porque afirmou que explorou a terra, fêz avisos a El-Rei Dom Manoel por Gaspar de Lemos, conduziu mantimentos, e preveniu aguada, com mais expressa, distinta, e individualmente o refere a relação, que sigo com estas palavras: Então se quis Pedro Álvares partir, e começou a fazer sua aguada, e a comprar mantimentos, os quais os Índios vinham trocar por bugiarias da armada, e como trazia as Naus tão quebrantadas das duas tempestades (sem dúvida que alude a das Canárias, e a da Costa, que com tanta elegância descreve Mafeu e Osório) principalmente a Nau de Pedro de Ataíde, que trazia o mastro da mesena fendido pelo meio, lhe foi forçoso deter-se mais dias,

e mandar cortar estas, e outras madeiras; e era coisa para ver (vamos com as mesmas formais palavras da relação) a alegria, e boa vontade, com que os Índios carregavam aquêles madeiros. Para pois executar tudo isto parece que eram necessários mais que quatro dias. Acresce ser a terra das Alagoas muito baixa para ser só vista de muito perto, e pelo contrário para ser buscada de muitas léguas é montuosa a terra dos Ilhéus (como bem nota o venerável Padre José de Anchieta nos seus apontamentos) e esta é a que afirma a minha relação foi primeiro descoberta nesta forma. **Aos vinte e quatro de abril avistou a armada terra com grande alvorôço, e pasmo de todos de que tal terra ali houvesse, e era a terra junto donde chamam os Ilhéus de catorze para quinze graus, e daí levada de uma tempestade na mesma noite entrou num Pôrto, que então lhe puseram o nome de Seguro.** Tais são as razões, ou tal é o fundamento em que me estribo, para me apartar nesta parte do nosso grande historiador, a quem seguem muitos, mas não todo, porque nem Osório, nem Mafeu, nem Damião de Góis, nem Luís Coelho de Barbuda, nem Pedro de Mariz, nem Duarte Nunes de Leão, falam positivamente em terra de dez graus, senão alguns dêles que foram correndo a Costa; e particularmente Luís Coelho, depois que dá a terra avistada, imediatamente põe a **Pedro Álvares desembarcado. A los veinte y quatro de abril vieron tierra no descubierta, y haciendo rostro a ella allaron ser fresca, de gente morena etc. y por su simplicidad ordenó el General que dijessen missa de Pontifical.**

Rconheço todavia muito bem, que a autoridade de João de Barros entre os nossos é tanta, que não sofre ser impugnada com uma relação manuscrita; e suposto que a esta pudéramos defender com muitos, e mui próprios exemplos, de nenhum quero usar, mas só concluir que bem, ponderada a sentença do nosso historiador, parece mais conjectura alheia, que opinião própria, pois a indiferença com que fala dá lugar a que a relação e a década possam ser verdadeiras. **Foram (diz êle) dar em outra costa de terra, a qual (segundo a estimação dos Pilotos) lhes pareceu que poderia estar ao Leste da Costa da Guiné quatrocentas e setenta léguas em altura do Pólo Antártico da parte do sul dez graus: de maneira que isto parece mais referir o parecer dos Pilotos, que fazer João de Barros juízo dêsse parecer, e como aquela era fantasia sem certeza, a poderia talvez desvanecer a calculação, com que depois se mediu melhor esta terra.**

Se pois hei de acreditar a referida memória, que por antiga, e desafetada não parece desatendível, sem fazer (repito o que já disse) nova opinião, digo que a terra primeiro descoberta (1) no Brasil foi a dos Ilhéus em quinze graus, em cujo abrigo lançando

(1) Primeira terra descoberta no Brasil a dos Ilhéus.

ferro a armada, mandou Pedro Álvares Cabral a primeira vez o Pilôto da Capitânia num batel a averiguar se era continente, se Quersoneso, porque o alvoroço que nos corações introduziu aquêlê nôvo objeto, quanto mais o apartava da imaginação, tantas mais portas abria para os discursos alguns houve, que sem crerem os olhos tinham por nuvens os que realmente eram montes, por escumas as que se ofereciam verdadeiras praias: outros julgavam ser alguma Ilha incerta, e não faltou quem presumisse que descobriam a fabulosa Antilha tão decantada de Platão: a desfazer pois estas dúvidas, ou êstes nublados, partiu o mencionado batel, e voltando com a notícia de que a terra era frondosa, amena afluente, e habitada da gente já referida, ou retratada (suposto que até ali não vista) a incredulidade das primeiras notícias incitou o desejo de expedir novos exploradores, que se recolheram, com a prêsa de dois Índios, que pescando não lhes bastaram as asas do mêdo para escapar à ligeireza dos batéis.

A nova admiração, que causaram êstes indivíduos da natureza foi tanta que chegou a degenerar na dúvida se eram da espécie humana: sossegados do receio, que mostravam mudos (porque o mêdo não só prende os discursos mas ata as palavras) entraram a lhes fazer as perguntas da terra, que habitavam, da Lei, que seguiam, e dos costumes, que tinham; mas como nem às palavras, que exprimiram várias línguas, nem aos acenos substitutos das palavras, tornassem resposta alguma; mandou o General soltá-los, presos porém de algumas dádivas de mais aparência, que entidade, as quais pesaram tanto na balança da pouca experiência, ou simplicidade daqueles Bárbaros, que imediatamente, fêz concorrer, numerosa multidão dêles a gratificar o benefício recebido com o retôrno de frutas, legumes, aves, e caças da terra: tanto pôde o dar, que aquêles, a quem o receio havia feito fugitivos, tornaram as dádivas reconciliáveis.

Certificado Pedro Álvares de que eram mais para tratar, que para temer os habitadores da nova Região descoberta, determinou desembarcar no futuro dia, quando naquela noite, enfurecido o vento, e alterado o mar tempestuosamente, lhe foi preciso, por livrar do perigo da terra, soltar outra vez as velas a armada, que deu fundo em Pôrto Seguro, nome, que então lhe apropriou êste sucesso, e ainda hoje conserva o agradecimento de que a providência divina dirigiu aquela armada, livrando-a, por poucas sangraduras, de ser despôjo dos abrolhos; mas como ia dirigida de tutela superior para os altos fins, a que a destinava, forçosamente havia de acertar com os meios de segurança.

Aqui pôs Pedro Álvares Cabral um efeito o seu desejo, desembarcando ao outro dia militar, e cristãmente armado. Juntos os batéis da armada, e nêles acomodados os Capitães com alguma

Infantaria, e com o General os Religiosos, e mais Sacerdotes, entre salvas de artilharia, pífanos, e a tambores, guerreiros e festivos iam a demandar a terra, mas os Índios, que em numeroso ajuntamento haviam concorrido à praia, convocados dos que foram favorecidos, julgando agora trovões terrestres as que eram salvas militares, derramados pelos matos, começaram a coroar um outeiro em som de guerra. Chegaram finalmente os ditos Navegantes a pisar a então também ditosa areia: nela formou Pedro Álvares a gente militar, e precedendo os Religiosos com Cruz alçada, justamente se podia duvidar se era aquela guerreira marcha, se devota procissão; chegando desta sorte ao pé de uma frondosa árvore, que em sítio eminente tinha plantado a natureza para ser agora peanha do troféu da Lei da graça; no extremo dela mandou Pedro Álvares assentar o estandarte da cruz, instrumento da nossa redenção, e no encôsto do seu trono acomodar um altar, para que ali se sacrificasse entre ramas o verdadeiro cordeiro, de que foi figura o que lá viu Abraão entre espinhos. Segundo Noé em fabricar aras, e oferecer holocaustos logo que desembarcou.

Já a este tempo vinham concorrendo os Índios desenganados de que era efeito do alvorôço, o que julgavam instrumento do castigo. Disse missa solene Frei Henrique Guardião Franciscano, e fêz a pregação o Vigário, cujo nome calam nessas memórias, e suposto que ainda então se não pregava como agora se usa, ou se deve usar, por discursos, não podiam êstes deixar de ser mui ajustados a tão grande e inaudito assunto. Ao sacrificio, e pregação assistiram os Índios com tanta atenção e reverência, que a serem só julgados pelas ações exteriores, nenhuma ofensa fizera aos Cristãos quem não distingüisse infiéis de católicos; e suposto cremos que mais por arremêdo, que por compunção não limitemos a beneficência divina, dizendo que quando levantavam as mãos ao Céu, poderiam talvez levantar o pensamento, arrebatados de algum impulso superior. Acabou finalmente a solenidade com nova repetição da artilharia da Armada, e descargas da Infantaria; mas não findariam os regosijos celestes, porque se no Céu há festivais demonstrações por um pecador convertido, qual seria lá o júbilo vendo abertas as portas da glória a todo um mundo cristianizado.

Ó incompreensíveis juízos de Deus, quem há de dar na razão verdadeira, ou no segrêdo recôndito de as ter cerradas a todo aquêlê gentilismo, não menos que por espaço de cinquenta e cinco séculos e meio, mas como sempre são justíssimas as disposições do Altíssimo valhamo-nos das congruências, e conjecturemos com os Teólogos contemplativos, que por maior misericórdia sua lhes não dava maior luz da verdade, para que na repulsa da sua

indisposição não encontrassem avantajado o castigo da sua cegueira.

Neste dia tomou tôda aquela Região a posse do cognome de Santa Cruz, pelo que ali se erigiu, o qual devendo gravar-se nos corações eternamente em tanto existiu, enquanto dos corações se não apoderou o interêsse, que chega a demolir pedras, quanto mais a apagar títulos; porque passados poucos anos se denominou a terra Brasil, tomando êste nome de uma espécie de árvore, de que se compõem lucrosas tintas, ainda hoje apetecidas na Europa, cuja matéria de côr ígnea mostra que a sua etimologia se deriva de brasas, ou brasido.

Ali passou Pedro Álvares Cabral o resto do dia, e recolhendo-se como prudente Capitão entre os crepúsculos da tarde a sua armada, repetiu na mesma forma, se bem com menos comitiva, a própria função nos dias sucessivos; em todos concorriam os Índios, uns com aparências de devotos a assistir sem mudança ao sacrossanto sacrifício da missa, que várias vêzes se celebrou, outros como negociantes a permutar com os soldados os comestíveis da terra pelas drogas da armada; muitos a se mostrarem guerreiros na destreza dos seus arcos, e destros no exercício dos seus rudes bailes, que acompanhavam com dissonantes, e bárbaras vozes; já em pacíficos desafios sabiam a terreiro a experimentar suas fôrças; da mesma sorte que no Anfiteatro Romano se representou já êste fingido duelo; já se lançavam a nadar esgrimindo os braços, em que são incansáveis, e desta sorte acompanhavam o general cada vez que se recolhia, uns até o embarque, outros até às Naus, onde subindo se mostravam tão familiares, que mais pareciam sócios domésticos, que estranhos hóspedes.

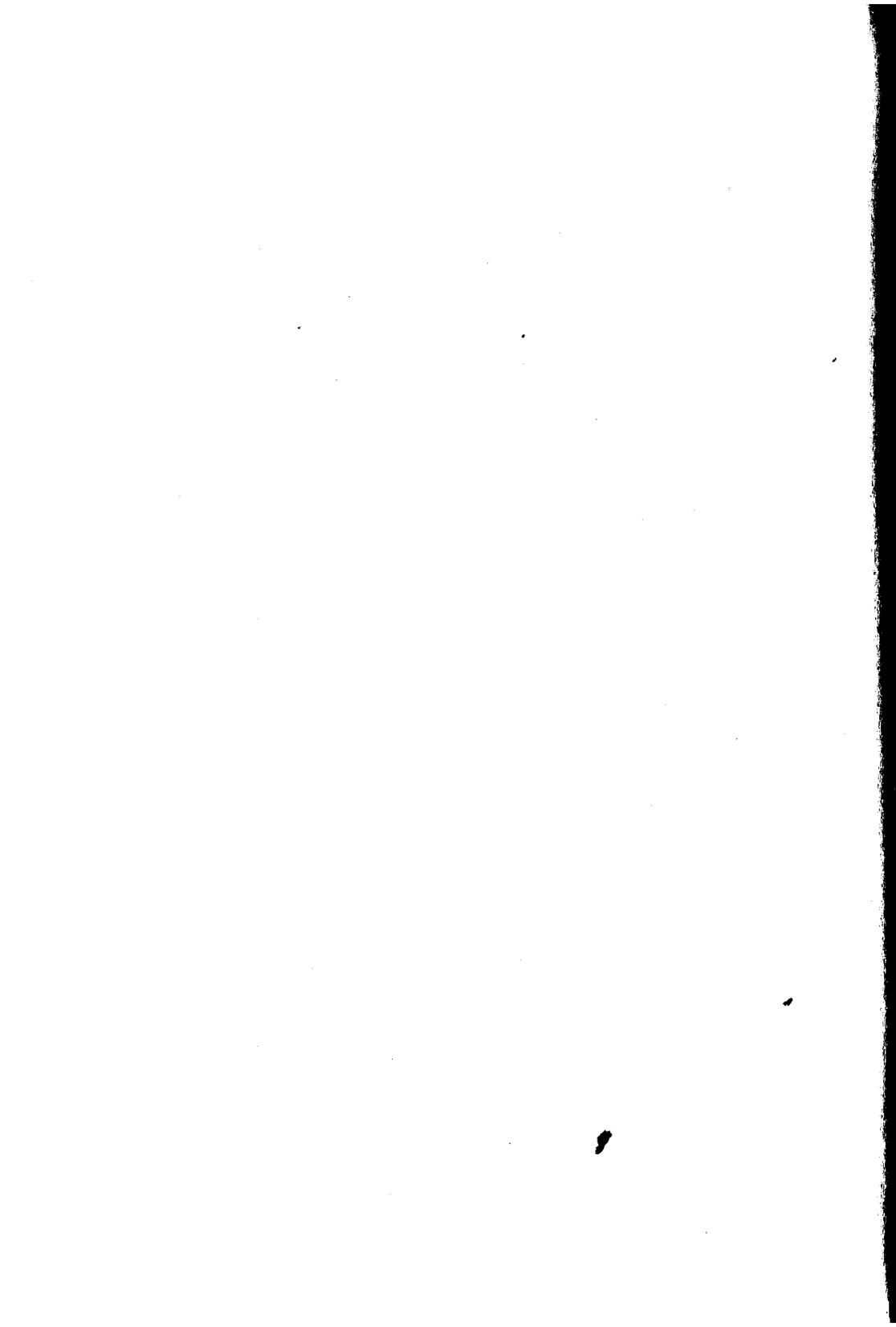
Tais eram, com pouca diferença, as ações dos Índios, mas muito diferentes os efeitos, que nos Portuguezes produziam as considerações dêste nôvo descobrimento, porque o General aplaudia a sua fortuna, tanto além da sua esperança vendo que descobria para o seu Monarca uma Província tão perto, quando tão distante ia estabelecer um comércio. Os soldados, entregues a danças, e folias na terra, se esqueciam dos trabalhos e perigos, que lhes restavam no mar. Os Religiosos, e sacerdotes com mais alta contemplação davam graças ao Autor de tantas maravilhas, considerando agora patentes os tesouros da sua misericórdia para dêles tirar o preço com que remir tantas almas do Cativo do Inferno. Nem me posso persuadir que os que iam converter gentios na Ásia deixassem de intentar reduzir os Bárbaros da América, ou ao menos, senão nos adultos, que algum fruto espiritual não produzissem nos inocentes, mas como nada consta de nossos escritos, ou memórias, fiquem em conjecturas prováveis as que não podem ser expressões verdadeiras.

Assim admirados igualmente os Portuguezes do que notavam, e os Gentios do que singelamente viam, quis também a natureza abortar aqui uma admiração, lançando o mar à praia uma Quimera aquática; ou Monstro Marinho, porque tinha a grossura de um tonel, o comprimento de dois, cabeça e olhos de Javali; orelhas de Elefante, crêspa e pelosa a [cútit] da altura de um dedo, e de uma vara a extensão da cauda, carecia de dentes. Enquanto os soldados se entretinham em formar mistérios (como é costume) dos que muitas vêzes são acasos, dispunha o General ao mesmo tempo duas operações ambas filhas do seu cargo e do seu cuidado; uma avisar a El-Rei Dom Manuel do nôvo descobrimento da terra, que achara o que fêz pelo Capitão Gaspar de Lemos, de cujo sucesso falaremos ao diante, outra fazer aguada, e conduzir dos mantimentos, que a terra produzia os que julgava concernentes a longa derrota que levava:

Perto de doze dias eram passados na assistência da nova Região quando Pedro Álvares Cabral começou a dispor a união do interrompido progresso da sua viagem para o Levante, e depois de fixar em Pôrto Seguro um padrão de pedra, dos que trazia prevenidos para semelhantes demarcações como em sinal da posse, que pela coroa Portuguêsa tomava daquele nôvo mundo, havendo assistido à última missa, que mandou dizer, ou em ação de graças pelas fortunas da terra, ou em preces pelos bons successos do mar, de nôvo se entregou a sua inconstância, deixando dois dos vinte degredados, que iam na armada, tão desamparados então entre aquêles Bárbaros, como depois dos nossos escritores, pois dizendo que ficaram para se informarem da qualidade da terra, e se instruirem na língua vernácula dela, insinuando que ao diante utilizaram muito aquela conquista, nunca mais os nomeiam, nem ainda para dizer quando acabaram: a nossa história porém se lembrará de ambos, de um para lhe fazer as exéquias de morto, de outro para lhe contar os progressos da vida.

No dia em que a armada desferrou de Pôrto Seguro, com muita diferença, não assentam nossos historiadores, ainda que digam foi em maio João de Barros diz que querendo Pedro Álvares partir a três de maio, mandou, etc. Parece que o segue Manuel de Faria, pois já a doze dá os Navegantes engolfados no Oceano em demanda do Cabo da Boa Esperança. Osório e outros referem que a cinco. O Barbuda, e o Vasconcelos contam que a vinte e quatro; dando-lhe desta sorte, aquêles só quatros dias de demora em Pôrto Seguro, e êstes um mês de detença, notável discrepância. Eu apartando-me de ambas estas opiniões, da primeira por muito estreita, pelos fundamentos já atrás ponderados; e da segunda por muito estendida contra a viagem da Índia, e elegendo

um meio racional, mas não arbitrário, entre extremos tão opostos, me é forçoso outra vez seguir aqui a minha relação a qual afirma que na mesma noite de 24 de abril, dia em que foi o descobrimento, foi a chegada a Pôrto Seguro; a demora nêle de doze dias, e a partida aos seis de maio, quando se levou a armada tão cheia das posses do que deixava, como das esperanças do que compreendia, tendo descoberto não menos que um nôvo mundo, fora de tôda a esperança, e ainda de tôda a imaginação; mas como esta escritura é também já fora do meu papel, enquanto as Naus desferem as velas em demanda da sua derrota, tomaremos nós o compasso para medir o teatro do nosso assunto:



DISSERTAÇÃO SEGUNDA

Em que se descreve geográficamente o Brasil.

Descoberto o Brasil na forma referida, será forçoso pela ordem da nossa história, em que procuramos tôda a clareza, tratar da sua descrição geográfica, como prometemos, porque se hei de dizer das Igrejas, que se fundaram em todo o Brasil, como posso deixar de descrever o Brasil todo. É a América aquela grande parte do mundo, de Américo Vespúcio de nação Florentina assim chamado, a qual na extensão sem dúvida excede a qualquer das outras três separadas; e alguns, que seguem a Abraão Ortélio nas tábuas primeira e quinta, querem que a tôdas juntas, e não sem fundamento, pois constando a circunferência do mundo de trezentos e sessenta e seis graus da elevação do Pólo, que reduzidos a léguas fazem seis mil e trezentas, só a América Castelhana numera cento e oitenta graus, que da mesma sorte por léguas multiplicados completam a soma de três mil e quatrocentas. Goza de uma, e outra Zona, da temperada e da tórrida, daquela nas Províncias, que cabem ao Norte, desta nas que demoram ao Sul. A sua forma descrevem os Geógrafos, como se vê nos mapas, na pintura de um coração humano, cujos dois primeiros encontros dão ao Brasil e ao Peru, e à mais porção, que se vai adelgaçando até o extremo, a nova Espanha, campeche, Flórida, Estreito de Magalhães, etc.

Da América pois é ilustre porção o Brasil, que jaz da Equinocial para o Sul, porisso dita esta Meridional, para diferença da outra, que se estende para o Norte. Começa no incompetível Rio das Amazonas, onde principia o Pólo Ártico, e se vai alargando pelo sertão, até aparecer outra vez na foz do Rio da Prata, e ainda além dêle na Baía de São Matias cento e setenta léguas, que se terminam na ponta dita do Marco, pelo que ali se fixou pela coroa de Portugal, onde faz têrmo em quarenta e cinco graus, pouco mais ou menos, distante da altura do Pólo Antártico. De costa que pelo Norte, e pelo oriente, respectivamente falando, banham as águas do Oceano; segundo a menos liberal opinião, conta mil e cinqüenta léguas possuídas, mas são em maior número as demarcadas, tendo por balizas da mesma sorte, da parte do Sul

o referido Rio da Prata, e da parte do Norte o já mencionado das Amazonas. No seu diâmetro também não há ponto fixo; porque já pela diferente formatura da terra, já pela meada, que ocasionou a linha mental, com que se dividiram o nosso Monarca Dom João o Segundo e Dom Fernando, e Dona Isabel Reis Católicos de Espanha, quem mais o pretende expressar, menos perceptível o deixa, sendo aquela Linha o primeiro fio, que fez mais intrincado este Labirinto; mas para prova da sua dilatada extensão basta saber-se que excede de quatrocentas léguas, ou mais propriamente ainda se lhe não tomou medida certa porque até aqui está o seu fim duvidoso.

Corre a amplíssima Costa com vários giros que demoram a vários rumos, regada de poderosos Rios, e alçada de alvíssimas praias, e revestida sempre de frondoso arvoredado desde o riacho, que chamam de Vicente Pinson por espaço das léguas já referidas, até a Ilha, que dizem do Maldonado termo da povoação dos nossos modernos habitantes, mas não do direito dos nossos primeiros Monarcas, porque (como já dissemos) ainda se estende até quarenta e cinco graus (2).

Todo este dilatado continente que agora enobrecem dez cidades, e setenta e duas vilas, (cujos nomes expomos à margem, e cuja descrição topográfica reservamos para lugar competente, quando tratarmos das fundações das Igrejas, que nos seus territórios se erigiram) era rude e bárbara habitação de Gentios, sem mais polícia que a cultura, que lhes ensinou a necessidade de reparar as vidas, se é que a não aprenderam (como adiante diremos) de quem lhes queria sarar as almas. Individuar desta Região o benévolo do clima, o fértil da terra, o frondoso do arvoredado, o ameno dos vales, o elevado dos montes, o numeroso das Ilhas, o cristalino das águas, o vario das aves, o diferente dos brutos, é mais empresa de Cronistas gerais, que objeto de quem escreve uma história eclesiástica, todavia, para quem a não tem lido em mais extensa escritura, será bem que lha pintemos genericamente nesta sucinta narração, com tais côres, que sem o exame dos olhos, o possam idear os ouvidos, que esta é a propriedade das descrições.

-
- (2) As do Sul são as Vilas do Cairu, Boipeba, Camanm, São Jorge dos Ilhéus. Em Pôrto Seguro, Santa Cruz, Vila das Caravelas, Vila do Espírito Santo, a Vila Velha Guarapari, a Vila do Salvador, nos Itacazes, a de São João, Cidade do Cabo Frio, a Cidade de São Sebastião no Rio de Janeiro, as Vilas de Macuco, Ilha Grande Parati, Ubatuba, Ilha de São Sebastião, Santos, São Vicente, a Conceição, Iguape, Cananéia, Parnaguá, Francisco Xavier, a Laguna, Colônia do Sacramento. Apartadas da Costa da Serra para cima da parte do Norte a cidade de São Paulo, Moji, Jacareí, Taubaté, Guaratinguetá, Pindamonhangaba. Para a parte do Sul do mesmo São Paulo, Jundiá, Parnaíba, Itu, Sorocaba, etc.

É pois o Clima do Brasil por excelência benigno pois de todo o sublimar vive, e respira das influências celestes, como não será salutífera uma Região em que predominam quinze constelações com trezentos e dezesseis estrélas da primeira grandeza, o que com facilidade alcançará quem astronômicamente compassar a esfera (sendo que cá na minha Pátria não se usa muito isto.) Logo os mesmos raios do Sol, que perpendicularmente aferem sem causa, eficiente de se desfazerem em afluentes orvalhos os cálidos vapores, que estão atraindo; engano, ou desconhecimento, que ao próprio calor do Sol atribuía o inabitável da Zona tórrida, passando a nuvem desta ilusão, depois de cegar a Latância Firmiano, a escurecer de sorte a grande luz do engenho de Santo Agostinho, que fêz desdizer em público a um Bispo (como se proferisse alguma heresia) porque disse no púlpito que havia Antípodas; mas quando padecesse aquêle ardente efeito, bastava-lhe ao Brasil para escudo de quaisquer ardores as suaves virações, que goza, nascidas, ou ocasionadas, das influências das mesmas estrélas, segundo boa opinião. A fertilidade da terra, em grande parte diferente da que tanto se jacta de gozar só da Zona temperada, cabalmente provam os opimos frutos, que em duas estações do ano produzem as plantas, sem sentirem os seus arvores nem o desabrido do Inverno, que a outros costuma despir, nem o abrasado da canícula, que aos do Ártico soi murchar, porque ou floridos, ou frutíferos, sempre reparam as calmas, e utilizam as vidas. Da mesma sorte o ameno dos Vales tão extenso, e tão pingue, como hoje o comprovam tantas manadas de um e outro gado, que situadas e divididas em fazendas pelos sertões, só aos recôncavos da Bahia alimentam todos os anos com quinze para dezesseis mil cabeças de gado vacuum. A diferença dos animais quadrúpedes, e a variedade das aves, não só em comum, mais ainda especificamente tomadas, são tais, que só em dois gêneros se contam vinte e quatro espécies de aves distintas, galanteadas tôdas de tais côres, e influídas de tais vozes, que parece lhes dispensou a arte êstes dotes da Natureza. Para abôno da elevação de seus montes bastam as serranias, que chamam dos Aimorês, ou Guaitacaras, que principiam na Capitania dos Ilhéus sempre correndo ao Austro pela Costa até o Rio da Prata, de onde, como saltando aos Reinos de Chile, Quito, e Granada, continuam a célebre cordilheira, verdadeiro Olimpo, de cujo remontado cume com mais razão que do fabuloso Ossa, ou Pelion se enganara a arrogância de conquistar o Céu o numeroso das Ilhas tôdas aprazíveis, e frondosas tão dilatado, que só no recôncavo da Bahia da sua barra para dentro se numeram noventa e duas Ilhas (mais de cem refere o Padre Vasconcelos, sem dúvida devia contar melhor do que eu quem o informou, se não é que o mar tem tragado

algumas). A imensidade e corpulência das águas é de sorte, que por confirmação cabal basta saber-se que entre um, e outro maior Rio, o das Amazonas, e o da Prata, balizas (como dissemos) por um e outro Pólo da porção Brasileira, desaguardam no Oceano com ruidosa competência cento e setenta Rios, os mais dêles navegáveis (duzentos lhe conta o Padre Vasconcelos, deve ser numerando os lagos); mas como descrever todos fôra prolixa curiosidade, referiremos dos dois maiores o que parecer inescusável.

Assim como por Pátria do grande Homero pleteiam sete Cidades, assim pelo berço do Grão Pará contendem muitas Províncias. A cidade dos Reis empório de tôdas as da América Castellhana se jacta de que as corderilhas de Ganuco lhe enfaixam as primeiras mantilhas numa lagoa setenta léguas do seu sítio. O mesmo pretende o nôvo Reino de Granada com as suas vertentes de Mocoa chamando-lhe Caquetá, com pouco, ou nenhum fundamento, pois este Rio, antes de pagar vassalagem ao das Amazonas, dista da sua origem setecentas léguas. O Reino do Peru é o terceiropositor em várias partes, mas a experiência deu a sentença a favor da cidade de São Francisco de Quito, porque oito léguas distante da sua fundação nas fraldas da Corderilha, ao pé de dois montes apartados entre si escassas duas léguas se formam dois largos e profundos Lagos, ditos Guamaná, e Poleá, de onde nasce o Grã-Pará, como se para engendrar tão grande filho fôssem necessárias duas Mães. Aqui debaixo da Equinocial vinte minutos ao Sul, encanado em Rio para competir com o mar, ora com uma, ora com duas e às vêzes com muitas mais léguas de largura, começa a correr este Imperador das águas por espaço de mil trezentas, e cinqüenta e seis léguas (se bem algum Autor lhe dá mil oitocentas) e cobrando feudo de vários outros Rios, com braços deste Briareu, vai perder o nome no Oceano debaixo da mesma linha com oitenta e quatro de bôca (porisso dá tão grande brado no mundo) junto à Ilha do Sol entre Zapará e o cabo do Norte.

As Ilhas de que está povoado são tantas, e tão extensas, que podiam servir de Províncias em outros Reinos, pois alguma chega a medir cem léguas de circunferência. As nações que habitam as suas margens tão numerosas e diversas, que já se somaram cento e cinqüenta distintas em nomes acentos, e línguas, entre as quais numeram a que chamam dos Gigantes, que os Nacionais dizem Curiquerês, os quais (segundo os que os viram — caia a verdade sobre seus Autores) tem dezesseis palmos de alto, andam nus e se adornam de grandes patenas de ouro as orelhas, e narizes. Ex-diâmetro oposta a esta contam outra de Pigmeus, tão pequenos como tenras crianças, que êles chamam Guaiasis. Certificam também que há uma Nação, que tem os pés às avêssas

de sorte, que quem os quiser seguir pelas pegadas há de caminhar para ondê elas parece que desandam, segundos cacos por natureza, se o primeiro o fazia por artifício: o que se tem por verossímel (muitos querem que seja averiguado) é que habitam as margens do Rio Conoriz, um dos fundatários do Pará, as belicosas Amazonas mulheres, que lhes deram o nome. O seu modo de vida, ou o seu viver sem tratarem os homens, mais que o tempo, que lhes é preciso para a propagação, têm alguns por indubitável: armadas de arco e frecha recebem os seus hóspedes, e depois que os reconhecem de paz, então rendem as armas de Marte às delícias de Vênus, e imediatamente os compelem a fazer regresso dos seus confins: os filhos varões, que lhes nascem, dizem uns, que os entregam aos Pais quando lhes repetem a visita no segundo ano; mas a opinião mais provável é que logo que sabem a luz os privam da vida; reservando e alimentando somente as fêmeas, que criam como para sucessoras da sua milícia, vendo-se desta sorte entre aquelas Bárbaras renovada a tirania de Faraó, quando das mantilhas decretou se cortassem as mortalhas aos primogênitos do Egito. Estas como opiniões referem vários Autores, mas o que entre êles não padece dúvida é a exuberante fertilidade do Rio em frutos, plantas, aves, e pescados, sendo o das tartarugas o mais lucroso. O artifício com que se colhem é digno de saber-se, mas não sofre tanta individuação a nossa brevidade: quem gostar destas notícias leia o Padre Cristóvão da Cunha da esclarecida companhia de JESUS no seu pequeno tratado do descobrimento d'êste Rio, que nêle achará quanto apeteecer.

Irmão menor do Grão-Pará é o grande Rio da Prata, a que os Nacionais chamam Paraguai, e seu primeiro Imperador, êste parece que é o Príncipe dos outros Rios: alguns querem que sejam gêmeos nascendo de um mesmo parto, porque lhes dão por Mães os próprios dois referidos Lagos dos Guamanã e Polcã; mas suposto que nasçam como nascem, das próprias corderilhas do Peru, parece (segundo outros Autores) que têm alguma diferença, ou alguma distância nos berços. Aumentado pois como tributo de vários outros Rios, e Lagos, que da serrania de Chile e Quito descem a tributar-lhe cristalina vassalagem, desagua o Paraguai, ou Rio da Prata entre o Promontório de Santa Maria, e Cabo Branco com trinta e seis graus da Equinocial para o Sul (segundo o Padre Ioseph da Costa) com quarenta léguas de bôca. A amenidade das suas margens é tanta, como publicam as suas inundações, que duas vêzes no ano, quais as enchentes do Nilo, as fertilizam, existindo por espaço de três meses, tempo em que os seus habitadores, precisamente as despovoam para as tornar a habitar logo que a enchente decresce. É povoado de várias Nações, abundantes de caças, pomos, e pescarias, rico de pedras de

valor, e de metais preciosos tanto, que do Cêrro do Polusi há Autor que afirma se conduziram a Espanha do ano de quinhentos e quarenta e cinco até o de seiscentos e sessenta e sete mais de trezentos milhões em patacaria, excedendo o ouro e prata de nova Espanha, no espaço de cem anos o número de mil e quinhentos e cinqüenta milhões, sem que tanta opulência Espanhola cause inveja a riqueza Lusitana, pois se os Castelhanos gozam um Rio de Prata, os Portuguezes cultivam muitos ribeiros de ouro.

Era o Brasil habitado de Índios, que sendo de uma mesma Pátria, se mostravam tão diferentes nos ritos e línguas, que se julgavam Nações diversas: destas se contavam mais de cem distintas espécies; na simetria do corpo de estatura avultada; nas feições rosto redondo, nariz chato, cabelo liso, e sempre intonso; nos costumes tão bárbaros, que parece degeneravam em irracionais, porque sem Rei, sem Lei, e sem fé, isentos do temor de Deus, e da legislação dos homens, só obedeciam aos impulsos da natureza corrupta, que sempre propensa ao mal licenciosamente os inclinava a execução de seus brutais apetites, chegando a fazerem gostoso prato da carne humana; supersticiosos por doutrina, glutões por costume, ébrios por exercício, ferozes por inclinação, rudes por gênio, e preguiçosos por natureza; para que com tantas disposições de brutos tivessem mais que lavrar nestes humanos troncos o buril da pólicia da Europa, e o cinzel da Religião Católica.

Povoavam sem acento fixo, ora o marítimo, ora o sertão, porque portáteis as suas moradas de um dia para outro as transferiam para diversos lugares, com tanta facilidade como inconstância. Todavia o território, que comumente ocupava cada Nação era o seguinte. Da terra, que se diz dos Caribás, até o já referido Riacho de Vicente Pinson, que demora debaixo da linha, habitava a Nação Tapuia, gente mais branda, e mais tratável que o mais gentio, que povoa a Costa do Brasil. Do Rio Jaguarigue, que está em três graus, e além da Bahia da traição que está em cinco, até a Paraíba a Nação dos Pitaguares, inimigos acérrimos dos Caités, com quem traziam contínua guerra é gente belicosa, atrevida, e cruel. Daqui até o Rio de São Francisco, que está em dez graus e um quarto, os sobreditos Caités, Nação feroz, atraçoada, voraz, e indômita, amante de bailes, e folias, e consequentemente de vinho, esta foi a autora do sacrílego homicídio, que no primeiro Bispo do Brasil Dom Pedro Fernandes Sardinha executou a sua inumanidade; são não só contrários figadais, como dissemos dos Pitaguares, contra quem sempre andavam em campanha, mas também dos Tupinambás, que habitavam aquém do dito Rio de São Francisco, passando alguma vêzes até o recôncavo desta Bahia em seguimento de seus contrários. Do

Rio de São Francisco até a Bahia assistiam os Tupinaguins, destrito, que despovoaram compelidos dos Aimorés; são êstes avultados de corpo, e mais avultados ainda nas tiranias, porque se se dá excesso entre a fereza dêstes Bárbaros, dizem que esta Nação o logra, pois o que os outros fazem por vingança nas ocasiões da guerra, executam êles por costume ainda no tempo da paz, alimentando-se da carne humana, não só dos contrários, mas ainda dos sócios. Dos Ilhéus até o Rio Guiricassê dominavam outra vez os Tupiniquins, que afugentaram os Pampanazes, gente mais sociável, doméstica, e verdadeira, e que depois ajudaram os Portuguezes contra os Aimorés, Tapuias, e Tamoios. Daqui até o Espírito Santo, e do Espírito Santo até a Bahia formosa se arranchavam os Goianases, de côr menos constipada, por lhes não chamar mais alvos; menos amigos da carne humana, que vivem mais das pescas, que das caças, implumes por arte, porque arrancavam os cabelos, mas como os outros cruéis nos costumes, e nêles muito parecidos aos Tupinambás. Do Cabo Frio até além do Rio de Janeiro se acampavam os Tamoios, muito semelhantes a seus vizinhos no gênio, com mais arte porém, e mais policia, assim nas moradas, que habitavam, como nas casas-fortes, ou estacadas, com que se defendiam nas invasões dos seus opostos, grandes amigos dos Tupinambás, e grandes parciais depois dos Franceses, quando no Rio de Janeiro foram vencidos e despojados pelos Governadores Mem de Sá, e Antônio Salema no que agora chamamos Capitania de São Vicente, que está quase debaixo do Trópico, moravam os Goianases, que venceu seu primeiro povoador Martim Afonso de Sousa. Até a Cananéia ocupava esta Nação crédula, doméstica, e flexível, frouxa porém na economia da vida, mas nem porisso menos esforçada na guerra, como o mostrava nas contendias, que tinha com os Tamoios seus inimigos. O que vai da Cananéia ao Rio de São Francisco, que agora chamaremos do Sul, para distinção do outro do Norte, e demora em vinte e seis graus, viviam os Carijós opostos aos Goianases; é gente domesticável, e pouco belicosa, mostra inclinações à verdade, porque se convence da razão tinham choupanas, e cultivavam lavouras. Do Rio dos Patos até a Laguna, que está em vinte e oito graus, e desta até a foz do Rio da Prata, era o distrito dos Tapuias, Nação (como já dissemos) bem inclinada, e tratável, e sem aquela inata fereza, que comumente naqueles Bárbaros se acha. Quem encontrar entre estas situações, e costumes que escrevemos, e as que traz o Padre Vasconcelos na sua Crônica alguma diferença, saiba que seguimos diverso roteiro, que, como mais chegado àquele primeiro descobrimento tem mais razão de não ser menos verdadeiro.

Assim descrito, ou mal pintado geográficamente o Brasil, passaremos em satisfação da promessa do nosso prólogo, a tratar de quem foram os seus primeiros habitantes, quando, e como a êle passaram, o que disputará a dissertação terceira.

DISSERTAÇÃO TERCEIRA

Em que se resolve quem foram os primeiros povoadores do Brasil, quando, e como, a êle passaram.

Hoje forçosamente havemos de questionar, e suposto, que sem faltar aos preceitos da Retórica campearão mais as normas da dialética, porque temos de auferir e impugnar as diversas opiniões que há acêrca dos primeiros povoadores do Brasil, para então estabelecer a nossa resolução. Ouçamos porém, antes que aos Autores, aos mesmos Índios, que como partes tão interessadas nesta antigüidade, ainda que em causa própria é certo que cada um sabe mais de si que os outros dêle. Contam pois os Brasilianos (e vamos resumindo as opiniões) segundo o Padre Vasconcelos, que houve um dilúvio universal, e que dêle numa elevada palmeira, que estava num alto monte, com tôda a sua família se salvou o seu Pai, que entre nós soa Profeta, e que dali outra vez começou a povoar o que hoje chamamos Brasil com pouca diferença referem os da Nova Espanha, conforme o Padre José da Costa, que depois de desalagado o mundo sábio de uma grande Lagoa, dita Titicaca, um prodigioso homem chamado Viracocha, o qual primeiro viveu em Tiaguanaco, onde para prova do seu sonho mostram ainda hoje espalhados fragmentos de suntuosos edifícios, e que dali passando a Cusco, fôra o primitivo propagador da espécie humana naquelas partes. Outros por outro caminho até desenterram mortos, por dar origem aos vivos, porque dizem que de uma cova subterrânea, onde se refugiaram em Pacaritambo, serenado o dilúvio, subiram por uma janela algumas pessoas, e que destas teve princípio a propagação dos homens. Antônio de Herrera Cronista geral das Índias, depois de tocar estas opiniões no tomo terceiro, década quinta, página setenta e sete, escreve de outros, que afirmam escaparam da inundação da chuva universal numa balsa seis homens (esqueceram-se das mulheres) e livres da água principiaram a cultivar a terra, e que dêstes procedem os Tambos, os Ingas, que blasonam de primeiros propagadores do gênero humano, contenda, que já disputaram entre si os Cilhas, Egípcios, e Etiopes, como o traz Deodoro Siclo no Livro primeiro, e Justino no segundo. O Padre Afonso d'Ova-

le na sua história de Chile refere que entre os Chilenses, e os de Quito, é tradição constante, que nas concavidades dos montes livraram os primeiros povoadores daquele mundo submergido no castigo do dilúvio. Mas tudo isto são patranhas, porque contra tôdas estas fábulas está a verdade infalível do texto sagrado, que nos ensina que do dilúvio só escapou Noé com oito pessoas da sua família, porisso opinam os Autores alegados que o dilúvio, de que falam os referidos Índios, não foi o universal, mas algum particular como o de Deucalião, ou outro semelhante, desculpando-os contudo de fabulizarem tanto, porque nem tem tomos, nem conservam arquivos em que depositem memórias, e as verdades duram menos nas tradições, que nas estampas.

Suposto pois, como indubitável, que dos três filhos de Noé, Cem, Javé, e Chão, povoadores das três partes do mundo, teve origem a povoação desta quarta parte, ou mundo nôvo, passaremos a referir as opiniões aos Autores com pouco fundamento para estabelecermos a própria com alguma probabilidade. Tôda a dúvida nesta matéria procede de se não saber com certeza se é a América Ilha, se continente: os que assentam que é Ilha afirmam (e forçosamente o devem afirmar assim) que passaram a esta parte aquêles primeiros povoadores navegando, mas com tanta variedade no modo, como diferenças nas pessoas: uns dizem que arrebatados de alguma tempestade viriam êsses primeiros habitantes, sem especificarem quais, nem de onde, a habitar a América, e para prova desta possibilidade trazem por exemplo que no mar da Arábia (segundo Plínio) no tempo de Gaio César filho de Augusto foram vistos evidentes sinais em rotos fragmentos de Naus Espanholas, que padeceram naufrágio. Também referem com Nepote que a Quinto Metelo Proconsul em Gália foram apresentados uns Índios por El-Rei de Suécia, os quais compelidos dos ventos vieram aportar à Alemanha; e assim, se os primeiros navegaram de Espanha ao Mar Vermelho, e os segundos da Índia à Panônia, que muito que os povoadores da América atravessassem o mar de alguma das três partes do mundo a esta quarta parte: confirmam estas fantasias com a relação dos Gigantes, que habitaram no Peru, onde se conservam os ossos de alguns de desmedida grandeza, e de quem conta a tradição que passaram a esta América, que nela guerrearam, venceram batalhas, e fundiram edifícios.

Outros individuando pessoas contam que o primeiro Povoador da América foi Ofir Índico, sem declararem por onde cá passou, dizendo sômente que do seu cognome se denominaram os habitantes da América Índios (depois averiguaremos esta opinião, que, explicada como se deve entender, é a mais provável)

por agora diremos que não advertiram êstes Autores, como bem nota Antônio de Herrera, que se chamaram estas Índias Ocidentais e daí Índios os seus naturais, pela semelhança que tinham com a oriental, a quem deu nome o Indo assim no valor dos metais, como na preciosidade das pedras, e confrontação dos climas, porisso disse (e disse bem) Santo Isidoro que querer fundar etimologias no som das palavras tem feito a muitos Autores tropeçar na verdade das histórias. Muitos tiveram para si seriam alguns dos edificadores da tôrre de Babel, que se espalharam pelo mundo, tão confundidos nas línguas, como separados nas habitações; opinião, que na minha ainda tem menos alicerces que a mesma tôrre, pois lhe não vejo mais fundamento que a analogia de serem também muito confusas as línguas dos Índios.

Outros que poderiam ser dos marítimos Hebreus, que nas armadas de Salomão vinham a transportar o ouro de Ofir, tendo por Ofir a América, sem mais verossimilidade que a correspondência de produzir também ela ouro, e sendo esta a prova, quanto mais provável fôra esta opinião seja nesse tempo se houvessem descoberto as Minas dêste metal, que hoje se lavra no Brasil, tão lucrosas como experimenta Portugal, sendo que ainda tributam certa matéria para as suntuosas, e, católicas fábricas do nosso Régio invicto Salomão. É verdade que afirmar o texto Sagrado que aquelas armadas conduziam pau-brasil, como explica Genebrardo e comenta Tirino — *Lignum Brasilicum*, bugios, papagaios, etc. Alguma fôrça faz para a credulidade, porque passa a semelhança à individuação, mas se êstes Autores ponderassem que pau-brasil é pau-vermelho, e que pau-vermelho papagaios, e bugios pode haver, como há, em outras Regiões, não escreveram como de fé o que nem ainda tem probabilidade humana.

Alguns presumem que foram os Troianos, que fugitivos com Enéias percorreram vários climas, cruzaram diversos paralelos, e distantes coluros, procurando refúgio a seus infortúnios, mas se êles soubessem que a frota de Enéias se compunha de uns pequenos batéis, que mais à fôrça dos remos, que com o vento das velas escaparam das chamas, não proferiram semelhante absurdo. Nem falta quem diga que foram os Cartagineses, que depois de vencidos pelos Romanos, se acolheram as águas, abraçando os furacões do mar por menores que as tempestades da terra. Com esta opinião coincide a que relata que foram os Fenices, atribuída a Deodoro Siculo: confesso que de propósito li êste Autor, e que tal não diz, porque o que refere é que navegando os Fenices à Costa de África, levados de uma brisa, aportaram a uma grande Ilha, povoada de amenos bosques, e regada de cristalinas fontes, sem mais individuação alguma; mas se da mesma sorte êstes contadores reparassem em que os Fenices, e Cartagi-

neses nunca queriam perder a terra da vista, sem dúvida que perderiam do sentido esta quimera.

Não poucos imaginaram que seriam alguns das dez tribos, que cativos no tempo em que profetizava Osias, foram guiados a uma Região desconhecida, longínqua, e inabitada, e tão remota, que em ano, e meio de viagem não podiam lá chegar; e se êste delírio tivesse probabilidade, só lhes faltava aos pobres Índios, depois de serem gentios, não livrarem de Hebreus, nem faz contra isto a semelhança, que alegam dos costumes de uns, e outros, dizendo que assim como os Hebreus, foram, são os Índios, medrosos, cerimoniaes, agudos, e mendaces; que assim como os Hebreus se vestiam, se vestem os Índios de uma túnica, camisa, ou manto redondo; que andam descalços, ou mal calçados, com umas solas, que atam pela parte superior do pé, porque além de falhar isto muitas vêzes, e ser uma semelhança muita remota, com razão lhes pergunta o Padre José da Costa se os Índios usam Letras como usavam os Hebreus, se são ambiciosos, como êles eram; se se circuncidam como êles se circuncidavam; se conservam uma língua vernácula, como êles com tanta exaço conservam a sua, se os Hebreus finalmente se alimentavam da carne humana, sacrificando homens por reses como sacrificam, e se alimentam os Índios, e eu acrescentarei se carregavam saburás, se empedravam os beiços, se tingiam o corpo, e emplumavam as frentes. Eis aqui a correspondência dos costumes, e eis aqui como descendem os Índios dos Hebreus.

Últimamente fantasiaram muito Autores, e de boa nota, que da celebrada Antilha de Platão, que jazia no mar Atlântico, e que antes de afogada das águas igualava na extensão a Ásia e África, poderiam passar êstes novos Povoadores a alguma das Ilhas da nova Espanha, e desta a terra firme sem refletirem que êste conto de Platão referido em nome de Crisias no diálogo *Timeu*, que passei com todo o cuidado, tem mais de alegoria que de realidade, como querem muitos de seus comentadores, porque dizer ali êste Autor que recifes da Ilha reduzida a pedras, ou desfeita em lamas impedia a navegação aos mareantes, que nela, entre outras maravilhas, havia um Palácio de mil passos de comprido, e quinhentos de largo, cujas interiores paredes estavam cobertas de prata, o teto embrechado de ouro, e a abóbada embutida de marfim, e aljôfar, e outras coisas semelhantes, parece mais conto de Ovídio, que história de conta de Platão. Daqui infiro, tiveram principio tantas Tábulas aparentes, ou patranhas bem compostas, quantas da Ilha encoberta espalha o vulgo, e ainda pretendem acreditar os livros; e então não há mais que dizer que era Platão divino como se não fôsse humano para nêle se verificar *omnis homo mendax* de Davi, quanto e mais que

porque era divino o engenho de Platão, porisso sabia idear tão excelentes alegorias.

E porque nos não fique nada por dizer na matéria, tenho Autor que diz, não que vieram, mas que poderiam vir os mesmos Índios à América, ou trazidos de Anjos pelos cabelos, (que não quebrariam com facilidade) como foi o Profeta Habacub, ou a seus ombros como se fôsem estrêlas guiadas de angélicas inteligências, e certo que havia de ter que ver um Anjo com um Índio às costas; sem reconhecer êste Autor que Deus nunca obra por modo extraordinário quando, como Autor da natureza, pode obrar pelos meios naturais.

Estas e outras opiniões, que referem os escritores Americanos, tendo para si que passaram aquêles primeiros povoadores por mar, tenho por apócrifas, e mais me parecem escritas com desejo de ostentar erudição, que fundadas no estudo de indagar a verdade, porque, além da sua tenuidade, encontro nelas duas objeções, que quanto à mim não tem resposta. A primeira é que tôdas aquelas navegações dos antigos, como já insinuamos, eram à vista das praias, costeando as terras em pequenas embarcações e as dos Índios não passavam de canoas, jangadas, e piriguás (o que bem certificaram na admiração e pasmo com que a primeira vez olharam a grandeza das nossas Naus) tôdas de remo, como também o adverte o texto sagrado quando referindo o naufrágio de Jonas diz que os marinheiros à fôrça de remo buscaram terra; mas como se engolfariam no Oceano aquêles a quem faltava o uso da agulha de marcar, que foi achada no ano de 1310, por Flávio Almafitano natural de Almafí Cidade de Nápoles; como tomariam o Sol sem o Astrolábio, que encontraram os Portuguezes no de 1497, sem balistilha, e sem quadrante, que ainda então se não usavam; e se sem êstes instrumentos náuticos mal se pode navegar agora, ainda brevemente, como já naqueles tempos, carecendo dêles, se poderiam fazer navegações tão dilatadas.

A segunda objeção, não menos indissolúvel que a primeira, é que concedido viessem êsses primeiros povoadores, como querem os que o afirmam, como passariam com êles os animais ferozes, e serpentes venenosas; como viriam as onças verdadeiras, as sussuaranas, os caitatus, os papaméis, os surucucus, as caninanas, as jararacas, e outros semelhantes, de que abunda a Região Brasileira, porque é sem dúvida que todo o animal, que se não engendra de putrefação, dos animais que escaparam na Arca trouxe a sua origem: evidentemente se comprova esta verdade com a experiência, porque no descobrimento das Ilhas Americanas se observou que nas mais apartadas da terra firme nem se viam aquelas feras, nem se encontravam aquelas bichas.

Convencidos destas razões outros Autores vão por outro caminho, e passando do mar à terra dizem que por terra, ou ao menos pelo breve trânsito de algum estreito por onde a América se divide das outras partes do mundo, passariam a ela os primeiros povoadores do Brasil, nem tem mais dificuldade esta opinião que ser verdadeira esta inferência. A segunda parte daquela disjuntiva pretendem alguns provar com vários exemplos dizendo que assim como o Estreito de Gibraltar, o Trácio, o Simérico, o Árábico, o Panamense, e outros vários, foram nos primeiros séculos muito mais estreitos (caia verdade sôbre seus Autores) e depois com a agitação das águas se alargaram, assim a América podia ser primeira, por algum breve intervalo, como o Estreito de Magalhães, ou outro equivalente a êle, pouco menos que terra firme, ou Quersoneso, ainda que agora pela sobredita razão se tornasse Ilha.

Mas sem recorrer a êste socorro das águas, ou lima dos anos, a mim me consta para salvar a minha opinião inferir como certo que da mesma sorte que hoje se divide Europa da Ásia pelo rio Tanais, África de Europa pelo Estreito de Gibraltar. Ásia da África pelo cabo Guardafu, ou Aromata, porque se não apartará a América (dado que nunca fôsse continente) ou da África, ou da Ásia, ou da Europa por algum estreito, por algum Rio, ou por algum Lago.

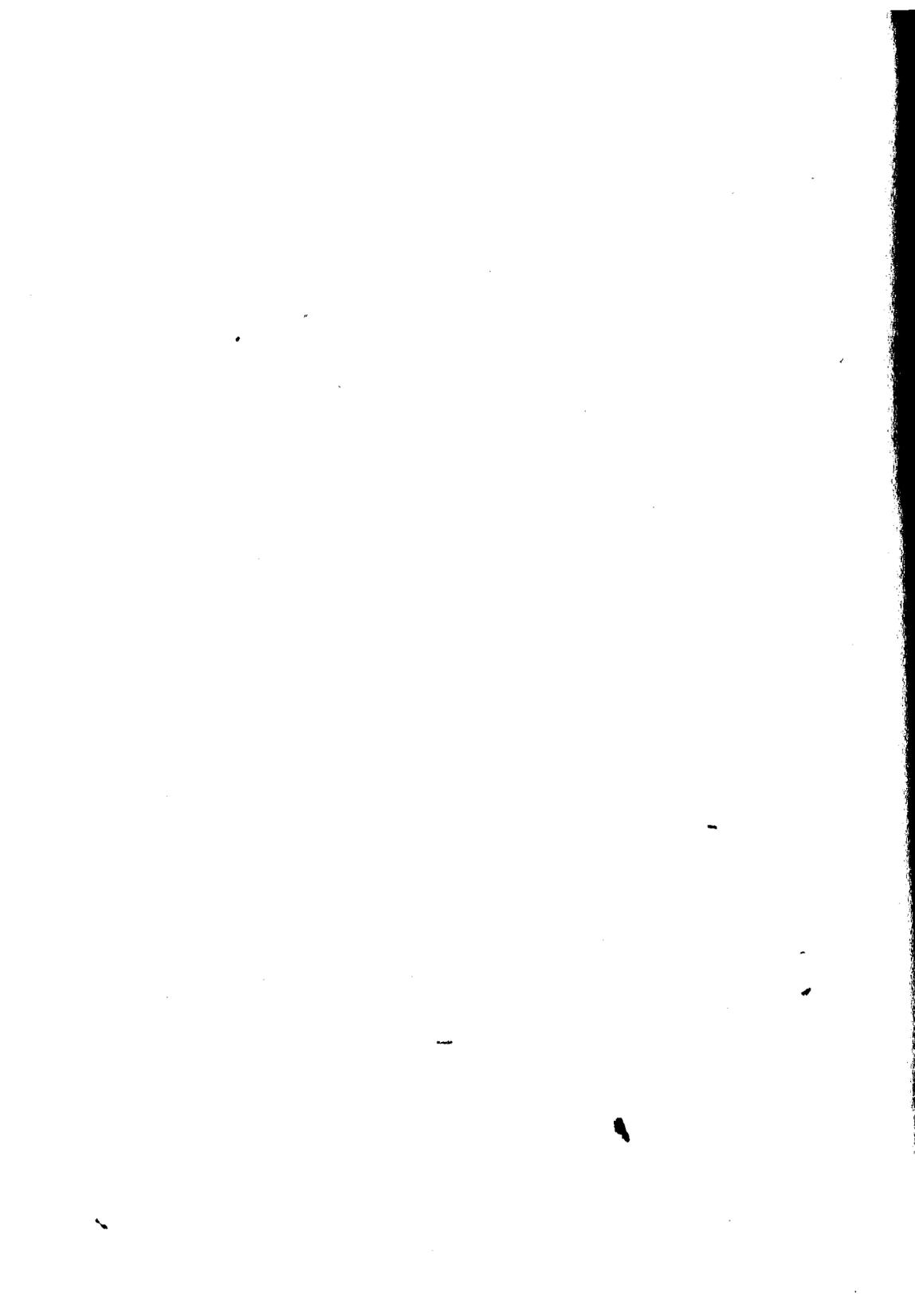
Quanto e mais que para negar que se continuam, não temos razão, nem experiência, e para dizer que se unem achamos com muitos Autores muitas conjecturas verossímeis, porque da parte do Pólo Ártico, ou Norte, nem está descoberta, nem sabida (contra a opinião de alguns modernos, que tenazmente o defendem) tôda a longitude da terra boreal, antes asseveram alguns Autores Espanhóis que sôbre a Flórida se estende para o sertão com tal largueza que chega ao mar Cítico, ou Germânico; da mesma sorte da banda do Antártico, ou Sul, não há quem com certeza afirme onde para a terra (salvo os que a negam) que principia no estreito de Magalhães. Comprovam estas observações algumas experiências, porque há quem sem dúvida escreve que navegando na altura da Flórida viu correr bacalhaus até os confins do mar Europeu.

Mas tôdas estas conjecturas, tôdas estas verossimilidades parece que passaram a evidências, depois que positivamente se explorou o célebre Estreito de Antão. É pois de saber que por longo, dilatado, e estendido terreno vai correndo a Costa da nova Espanha até ainda muito além da Califórnia, e em sessenta graus da elevação do Pólo confrontando com a Tartária se divide dela pelo sobredito estreito, que não tem mais distância de um a outro continente que a de dezoito léguas. Desta Região pois do

mundo habitada dos descendentes de Sem, Ofir, e Hévila filhos de Satã passaram a América a serem os seus primeiros povoadores, sendo que outros querem fôsse Icãõ, ou Icônio insigne Astrólogo filho de Noé, porque povoando (como dissemos) seus irmãos, Sem Ásia, Caím África, e Europa Jafé, verossimel é que êle passasse a povoar a América, convidado de beneficência do seu Clima, a cujo conhecimento o poderia levar a especulação da sua Ciência.

Mas, ou fôssem uns, ou fôsse outro, a opinião mais provável, ou ao menos a que eu mais aprovo é, que êstes descendentes de Noé da referida parte pelo mencionado estreito vieram a ser os primeiros povoadores da nova Espanha, e conseqüentemente do Brasil, porque em pequenas balsas, canoas, ou jangadas, e ainda com sofríveis nados, em que são incansáveis os Índios, em tão breve distância, não só os homens poderiam pôr em efeito o seu desejo, mas ainda os animais em execução o seu intento; e transferidos daquela a esta parte do mundo, com facilidade se foram difundindo, e espalhando pelo mais continente da América. Da largura do estreito é Autor Gerardo Mercator na sua descrição do mundo, a quem seguem vários, verídicos, e modernos escritores, e o demonstram os Mapas, e Tábuas geográficas, que se podem ver. E assim fica concluído, ou ao menos mais que provável, com os Autores à margem citados, quem foram, e donde vieram os primeiros habitadores do Brasil, depois que a serenidade das águas do dilúvio convidou as gentes a povoar o desabitado das terras.

Resta estabelecer quando, ou em que tempo cá passaram, o que não é fácil averiguar os que abraçam as referidas opiniões, que nós rejeitamos, pelas diversas idades em que floresceram os que êles chamam primeiros povoadores, contam com diferença o tempo desta transferência, mas como nós as não admitimos, as não averiguamos. O Padre José da Costa, e outros têm para si que não foi a América povoada com tanta anterioridade, como o quer Árias Montana, a quem segue o moderno Valdecebro, pois assenta que logo que Deus criou o mundo se povoou a América, que tanto se remitiu o dilúvio passaram a ela os descendentes de Noé; esta segunda opinião como mais consentânea a razão abraça o entendimento, pois se imediatamente se habitaram outras terras estéreis e destemperadas, não é crível que logo se não povoasse um clima tão fértil, e benigno, como é o da América, ficando por conclusão do nosso assunto que os descendentes de Noé pelo estreito de Anião, logo depois do dilúvio passaram a habitar a América, e por conseguinte a povoar o Brasil.



DISSERTAÇÃO QUARTA

Se a América passou São Tomé.

Antes que entremos a historiar a primitiva fundação dos Templos, que no Brasil se edificaram, razão será estabelecer com fundamento o princípio das Luzes Evangélicas, que na América resplandeceram, inquirindo quando passou a fé de Cristo aos Brasileiros, como o expusemos no Antilóquio destas dissertações. Da presente é objeto se veio São Tomé ao Brasil, questão que havemos hoje disputar: seguimos a parte afirmativa, fundados nas tradições, que explicam os indícios; nos Autores, que afirmam; nos textos, que o provam; e nas razões, ou na razão, que a confirmam: por esta ordem, como costume, iremos historiando, e respondendo as dúvidas, ou incredulidades, da parte contrária.

É comum a tradição entre os Índios Brasileiros, derivada sucessiva e constantemente de Pais a filhos, que ao Brasil passou este Apóstolo a promulgar a Lei Evangélica, referindo que de seus primeiros progenitores receberam que um homem branco, barbado, e vestido, por nome Tomé andara entre eles ensinando-lhes o verdadeiro caminho do Céu, mas que deles não fôra admitido, antes de sorte impugnado, que em certa ocasião de importunados (sugeridos do demônio foi sem dúvida) lhe quizeram tirar a vida, sem mais culpa que pregar-lhes a imortalidade da alma; esta asseveração confirmam, ou pretendem confirmar com as pegadas ditas de São Tomé, que no sítio, que chamam Toque-toque, três léguas distante desta Cidade (porque principiemos pela parte mais próxima a ela) se vêem expressamente entalhadas numa pedra na fralda de um monte, de sorte que afirmam que, vindo o Santo fugindo à fúria dos Bárbaros, ali imprimiu as plantas, e entrou no mar: corroboram o seu dizer com a fonte prodigiosa, que no mesmo sítio, nasce de uma penha, a qual por isso se diz do Toque-toque, porque ao contacto dos pés do Santo rebentou a água, da mesma sorte que lá ao impulso da vara de Moisés brotou a corrente. Acresce e toma forças a credulidade com a experiência das águas desta fonte, que de medicinais quer o vulgo passem a milagrosas. Aqui noto que haja Autor, que, fazendo tantos mistérios desta água, tão pouco

exame fizesse nesta pedra, pois afirma não vira as pegadas, sendo certo que a estampa da parte posterior dos pés ainda suficientemente se divisa, e se se não distingue a mais porção, é porque a mesma devoção, ou pia credulidade, que bebe as águas, tem demolido e gastado as pedras.

Da mesma sorte é prova verossímil desta vinda a outra pegada da Tapoã, que num recife imprimiu o Santo como o de relêvo; digo imprimiu o Santo, porque assim afirmam os Índios, pois segundo conta o Padre Simão de Vasconcelos (e antes dêle o havia já examinado o Padre Manoel da Nóbrega) passando por êste lugar com a comitiva de muitos Índios, notei (diz êle) que ali concorriam todos os que trazíamos em nossa companhia, ainda os que iam com carga; e perguntando a um dêles a causa daquele movimento, então me responderam os mais pela sua linguagem que a causa era porque ali estava a pegada de São Tomé, que êles costumavam venerar, como o faziam todos os que por ali passavam; suposto que os Portugêses não frequentam tanto aquêle lugar como outros, onde se veneram outras pegadas do Santo, porque só nas vasantes do plenilúnio se descobre o mencionado recife, duro papel daquela estampa.

Em terceiro lugar das duas pegadas de homem, que na Lage da praia da Vila de São Vicente se vêem tão distintamente retratadas, que mais parecem naturais que imitadas, contam os Índios que foi Autor o mesmo Santo, e porisso, como coisa Sagrada, são veneradas não só dos Nacionais, mas dos Portugêses, que ali habitam, e que por ali passam: acompanham estas evidências, ou Sinais as mutilações (se assim se podem chamar) do penedo do Itajuru na Cidade do Cabo Frio, as quais constantemente quer a tradição dos Índios daquela parte fôssem efeitos do impulso do báculo de São Tomé, porque como muitas vêzes os olhos percebem mais que os ouvidos, numa ocasião (contam êles) em que resistia a impenetrabilidade de seus corações as persuasões do Santo, parece que ferindo a pedra com o bordão lhes quis mostrar que eram mais duros que as mesmas pedras, pois se rendiam estas aos golpes daquele, a cujas vozes não obedeciam os homens.

Últimamente (porque vamos seguindo os passos do Santo) na Cidade da Paraíba do Sul em outra pedra se estampam quatro pegadas, duas de homem, e duas de inferior proporção cingidas umas as outras de caracteres, que nem os mesmos Índios sabem bem entender, mas só venerar, as pegadas como impressas, e as Letras como escritas por São Tomé, a quem dão por companheiro um dos Discípulos de Cristo, segundo São Tomás, e assim a êste discípulo atribuem as pegadas menores, e as maiores àquele Santo.

Tôdas estas tradições corroboram os Índios com aquela da vasa, que descobre a enseada de Marapé na distância de nove léguas desta Cidade, prodígio, que attribuem ao mesmo São Tomé, porque do próprio modo que no Toque-toque referem que retirando-se o Santo, a irreductibilidade dos incrédulos, quando lhes pregava, abriu aquela estrada de terra, ou atalho de areia pelo mar, caminhando a pé enxuto, da mesma sorte que aos Israelitas se dividiu o mar vermelho, quando receosos aos ameaços de Faraó se recolheram as águas, formando arenosa passagem do que era marítimo trânsito.

Até aqui o impresso; e se fôramos ao que se podia imprimir, enchêramos muitas páginas, porque em vários outros lugares do Brasil existem semelhantes estampas, que tôdas, não sem fundamento, têm o nome de Santo Tomé: donde abstraído da vulgaridade, pudéramos dizer que é já o Santo conhecido no Brasil pela pegada, mais por evitar o tédio da semelhança, pelas mais, que omitimos, basta referir a do Rio Tiberi no Recôncavo desta Bahia, quatorze léguas dela, onde numa pederneira se acha ao vivo entalhada a fôrma de um pé humano, e atrás dela as pegadas de um cão, contadas e outra de todos os Índios, a primeira por de São Tomé, as segundas de um Gozo, que o acompanhava, segundo Tobias o Santo, que na fidelidade daquele animal achou a mais segura companhia.

Também não é desatendível a tradição constante, que há entre os nossos Índios de que foi São Tomé o que lhes ensinou a cultivar, e beneficiar a mandioca, que é o trigo do Brasil. É certo que ninguém nasceu sabendo, porisso a todos os inventos achamos Autores. Da agricultura foi inventor Caim, do vinho Noé, e se havemos de falar mais ao humano, do vinho Baco, do pão Ceres, do arado Usiris, do mel Aristeu, do linho Aratne, e assim de outros outros. Os primeiros povoadores do Brasil é sem questão que não trouxeram da Tartárea à América aquela invenção, porque não consta, que lá se plantasse manaiba, parece logo concludente que na América a aprenderam os Índios; dizer que a necessidade os ensinou não é impossível, mas presumir que o Santo os instruiu é muito provável, porque a perfeição, e arte, com que os nossos primeiros descobridores acharam que fabricavam aquêles Índios tantas diferenças de farinha quantas dêles aprenderam, parece que não cabe na esfera do pouco discurso, que mostravam para as inventar; e coincide esta tradição com a que afirma (como adiante veremos) que o Santo não só os instruiu no caminho de salvar, mas também no modo de viver.

Opor-me-ão que se Santo Tomé instruiu os Índios na cultura da mandioca, e fábrica dos vinhos, de que também o dão por Mestre, também lhes ensinaria o exercício da caça, e uso da pesca,

pois se não dá maior razão para uma que para outra coisa; respondendo primeiro que eu trato aqui das tradições, e neste ensino não falam os Índios, aquela tradição a cada passo contam; respondendo mais que há muita diferença de fazer mal obrar bem; para matar e ferir animais não há mister ensino, para cultivar plantas, e beneficiar raízes é necessário direção; seja embora a razão moral.

Mas passando do Brasil à nova Espanha, e passando também dos sinais das pegadas e frutos a outros sinais, senão mais verdadeiros, mais evidentes, em Gatuléu Aldeia do Peru, tinham aquêles Índios uma cruz, que adoravam, a qual por tradição inveteradíssima contavam que lha deu Santo Tomé, cuja imagem, e cujo nome conservavam pintada, e esculpido, venerando igualmente o invento e o Inventor.

Que tivessem aquelas Nações notícia dos mistérios da nossa redenção o afirma Autor tão grave, como é Frei Bartolomeu de las Cazas Bispo de Chiapa, escrevendo que é tradição entre elas que lhes foram declarados por uns homens brancos, barbados, e vestidos, credulidade, que em grande parte confirmou a conquista do famoso Fernão Cortés, que na Ilha de Cosumel achou alvorada uma cruz de dez palmos de altura, venerada de todos aquêles bárbaros, e dada, segundo êles diziam por São Tomé: esta foi a que três vêzes, sem efeito pretendeu queimar o herege Draque, nova sarça, que sempre ardia, e nunca se abrasava, a cujo exemplo tôdas as outras Ilhas circunvizinhas, erigiam, a sua cruz, como o traz Justo Lípsio por estas palavras, suposto que ignora o motivo: *nouus enim orbis, in quo sane hoc mirum, cruces repertas fuisse plurifariam in Templis, atque in sepulchris. De India occidua loquor. Quae origine aut fine? nescimus* (1).

Também Antônio de Herrera refere, suposto que a não aprova, a tradição dos da Província de Canãs, que jaz entre Canches, e Colhau, os quais contam que no primitivo século viveu entre êles um homem branco de veneranda presença, e de poder, ou virtude tão poderosa, que abalava as serranias; o que concorda com o que Cristo disse a seus discípulos *si dixeritis monti huic transi hic illui et transibit* — Aumentava os vales, fazia que as pedras brotassem torrentes, e obrando semelhantes maravilhas se passou ao Norte, ensinando de caminho o modo de viver, ou como haviam de passar a vida econômica e espiritualmente, porque ensinava a cultura, dava pés a mancos, vista a cegos, e que irritados os habitantes desta Província o quizeram apedrejar, o que êle sofria com os joelhos em terra, e os olhos no Céu, acrescentando que por êste grande pecado lhes sobrevieram grandes castigos, a cujas

(1) Melhor o traz FRANCISCO LOPES DE GOMARA na sua história.

chamas abrasadas até as pedras daquele contôrno se tornaram como unidas cinzas, perdendo a natural gravidade, prodígio que não é tão leve, que ainda hoje não exista; que finalmente fazendo do manto baixel (outro São Raimundo) se entregou ao mar êste homem; ao qual chamavam os Ingas Teceviracocha, os de Colhau Tuapana, e em outras partes Arnavá; nomes, que no dialético Brasilico, todos soam império e divindade.

O mito pela brevidade a extensão da profecia do mesmo São Tomé, que traz André Lucas na vida de Santo Inácio, na qual prometeu e declarou o Santo aos Índios que em séculos futuros viriam a ser sucessores seus uns sacerdotes que os poriam em paz e sossêgo, cujo cumprimento cabalmente se viu na entrada dos Religiosos da Companhia de JESUS nesta América verdadeiros Apóstolos de Cristo, menos ainda na equivocação dos nomes, que na semelhança das obras, pois é sem dúvida que o incansável zêlo desta esclarecida Região (não pareça afeto o que é verdade) devem os Índios Americanos não só a economia da vida temporal, mas também a segurança da eterna vida. Em conclusão de todo o referido é inalterada tradição dos Índios do Brasil, México e Quito, que a América passou Santo Tomé.

Nem se julgue menos acreditada a verdade das tradições quando concorrem as circunstâncias necessárias, e conducentes para ela. De outra sorte deixaríamos de crer tudo o que não está escrito só porque não está escrito, ou seria falso tudo o que só escutamos dos acontecimentos humanos; e se nem a Igreja se pode reger sem tradições, como duvidaremos absolutamente do que ouvimos, só porque o não lemos: também nas memórias se imprimem os sucessos, donde nem todos se transferem as estampas, e muito menos poderiam passar da reminiscência ao papel casos, que sucederam entre Nações, que totalmente ignoravam os primeiros princípios de ler e escrever.

Depois de ouvirmos as tradições, escutaremos aos Autores, que positivamente afirmam veio São Tomé à América. São êles não menos que quatorze, mas ainda maiores pela qualidade que pelo número. Referirei por mostrar que os li (porque já outro o alegou) as suas mesmas palavras, o Padre Simão de Vasconcelos da Companhia de JESUS = quem haverá que negue ainda hoje haver-se de ter por certa tradição tão constante, por tantas vias, por tantos Reinos, por tantas Nações, e casos tão extraordinários. O Padre Frei Joaquim Brúlio na história do Peru = **yase en la mar del sur una aldea llamada Guatulio, aonde veneraban los Indios una cruz, que se ladió San Tomé, cuya imagem, y proprio nombre teniam esculpidos en piedra viva** =. Frei Bartolomeu de las Cazas, já alegado = **consta por tadiciones imemorable que los Indios de Chiapa teniam noticias de los misterios**

de nuestra redención, que les fueron declarados por unos hombres blancos, barbados, y cubiertos hasta los tovillos, nombrando a uno de los Tomé =. O Padre Afonso de Ovale da mesma illustre Religião = ni faltan a otros argumentos, que preabanuesto mismo, porque en muchas partes del Peru, y del Paraguai es comun tradición haver estado en ellas el Apóstolo San Tomé, de que hay mui grandes señales, y no hace poco en confirmación de esto lo que muchas veces oí contar al Padre Diego de Torres Provincial, y fundador de las Provincias del nuevo Reino y Paraguai; e então refere o caso, que foi assim. Viu o Padre que um Índio velho contava ao som de um tamboril, e que o escutavam com tôda a atenção os Índios moços; perguntou-lhe o que aquilo significava, e então lhe responderam que aquêl Índio entre os casos memoráveis, que em todos os dias Santos repetia ao povo para que os não esquecesse o vulgo, renovava também as memórias da vida de São Tomé a Quito.

João Torquemada na terceira parte da sua história, livro quinze, capítulo quarenta e nove, quase pelas mesmas palavras refere a profecia abaixo declarada que André Lucas na vida de Santo Inácio = cuando el Apostolo San Tomé predicó en aquellas partes (entende o Paraguai) habia dicho antes a sus antepassados que en tiempos futuros llegarían a sus tierras unos Padres Sacerdotes successores suyos para enseñales el evangelio de Cristo, que é o mesmo que já referimos acima. Frei Joaquim Brúlio, livro um, capítulo cinco = y ansi parece indubitable la venida de San Tomé a aquellas partes. O Padre Ribadanara no seu *Flos Sanctorum* na vida dêste Santo = y no solo predicó el Santo Apostol en todas estas Provincias y Naciones (fala das da Ásia) pero tambien en el Brasil. O nosso célebre Mendonça comentador dos Reis, ou Rei dos comentadores no seu ameníssimo veridário = *Diuus Thomas Apostolus praecipuas Zonae torridae partes ab hominibus habitatas inuenit, quasi ille pedibus lustravit. Enim uero non solum orientales obiuit (ut Barrius Lusitaniae alter liuius optime tradit) sed etiam occidentales aliquas, ut Brasiliam ut accepimus ex incorruptissimis Annalium nostrorum monumentis; Bócio noto. dois, livro vinte e três, capítulo quinze = nimirum omnes has Regiones post Christi ortum in eiusque cultum et reuerentiam habitari coeptas fuisse, e suposto que não nomeia por quem, claramente se vê por quem o diz. Os Autores do Livro *imago seculi in remotissimis illis Paraguariae Provinciis tantum ubique inter Barbaros memoriam, uestiguique sancti Thome Apostoli in uenere socii, ut dubitari non possit Apostolum istum olim fuisse. Mas baste, porque se houvéssemos de referir todos os que neste assunto se empregaram, praecipue modernos, faríamos**

um Catálogo de Autores mais parecido à ladainha de todos os Santos que conducente para a prova de que o Santo veio à América.

Aos Autores seguem-se os textos, que prometemos. O primeiro em que me fundo para provar esta vinda é o do capítulo dezesseis de São Marcos = *uentes in mundum uniuersum, praedicate euangelium omni creaturae* = onde expressamente manda Cristo a seus Apóstolos que vão pregar o seu evangelho por todo o mundo, e a tôdas as criaturas, sem exceção da terra, nem de pessoa, logo às Nações da América pregou algum Apóstolo: Neste sentido comenta Hugo êste lugar = *totum enim mundum creauerat, totum redemerat, et ideo totum doceri uolebat, quia totus in ignauia iacebat, omni creaturae, id est, omni generi hominum, sine exceptione personarum* = por sinal que para confirmação do seu dito junta o texto de São Paulo na primeira epístola aos Romanos = *Grocis, et Barbaris sapientibus, et incipientibus debitor sum*. Sei contudo como explicam outros expositores êste lugar, dizendo que não é possível que tão poucos homens, como eram os Apóstolos, corresse o mundo todo, mas que o fizeram por si e por seus sucessores, como o expõem Cornélio Alápide, e com razão me espanto de que diga o Padre Simão de Vasconcelos que só neste Autor o achou, quando antes dêle o disseram São Tomás, Caetano, Barradas, Francisco Lucas, Escobar, e depois de todos o moderno Silveira: as palavras do Alápide, são tais = *nam non uidetur uerossimile quod Apostoli pauci homines per se totum orbem lustrarint, et conuerterint* = tresladou-o, como costuma, o Silveira — *non est sic intelligendum quod Apostoli pauci homines totum orbem per se ipsos peragrassent*; mas se a causa, que dão êsses Autores, é que na América quando se descobriu nenhuns sinais se acharam da religião católica Romana; pouca ou nenhuma razão tiveram para negar o que tantos afirmam — *proefertim quia in America nuper in uenta nulla fidei Christianae reperta sunt uestigia* — diz o Alápide e prossegue o Silveira — *cum apud multas Nationes ut in America Brasilia, Angola nulla fuerunt reperta uestigia christianae religionis, ergo promulgatum est euangelium ab ipsis Apostolis, eorumque successoribus*. O mesmo motivo obrigou a Antônio de Herrera a ter por fabulosas tôdas as tradições dos Índios acêrca da vinda de algum Apóstolo à América, pois da mesma sorte, depois de as referir, conclui que se fôsseem verdadeiras alguns indícios se haviam de investigar da religião católica quando a América se descobriu = *Pero los más cuerdos lo tienen por vanidad, porque en todos estos templos (diz êle) se sacrificaba al demonio, y hasta que los castellanos entraron en el Reino del Peru no fué oido, ni predicado el Santo evangelio, ni vista la santissima señal de la Cruz*.

De onde vimos a inferir que o Alápide, e os mais que o negam, ou não viram os Autores, que tratam dêsses sinais, tão claros, e tão provados, como temos referido, ou todos têm por apócrifos; só tomara que me salvassem êstes negativos *omni creaturae*, pois se o mesmo Alápide interpreta = *omni creaturae*, *id est omnibus gentibus*, tão bem se pregou a fé aos Índios da América, que também são gente, e também criaturas, salvo se os tinham por irracionais, como presumiam os primeiros conquistadores da nova Espanha, chegando a fazer pasto para os cães os homens dos mesmos homens, como escrevem os seus próprios Autores, se é que não são supostos, trocando desta sorte a ordem da natureza, pois quando os irracionais sustentam os humanos, eram os humanos os que alimentavam os irracionais.

O que me quer parecer é que se o Alápide, e os mais expo-
sitores alegados reconhecessem ocularmente ao menos os sinais, que do Brasil referimos, por ventura que mudassem de opinião assim como não mudaria da primeira, que teve César Barônio acêrca da vinda de São Tiago à Espanha no sentir de Salviano seu comentador. Foi o primeiro parecer de Barônio que São Tiago pregara nas Espanhas, depois variou de sistema afirmando o contrário com razões e textos. Saíram a defender o seu direito ou a sua devoção os Autores Espanhóis, e aqui diz o Salviano que se Barônio os lêsse, talvez que se não retratasse do que primeiro disse; as palavras do Salviano dizem — *sed aduersus ipsum consurrexit pro suarum ecclesiarum traditione uniuersa Hispania, multis ea dere a quocumque hominum genere editis scriptis: quae si uidisset Baronius, et iam si non id necessario euincant quod uolunt, sunt tamen eius modi, ut eum potuerint impriori sententia continere*. Advirto que eu aqui não trato desta opinião, que me não incumbe, e que já disputaram gravíssimos Autores; só falo naquela semelhança, para prova do meu assunto.

O segundo texto, que (quanto a mim) evidentemente conclui que São Tomé pregou na América é o de São Paulo na primeira epistola aos Romanos — *sed dico nunquid non audierunt?* haverá por ventura quem duvide que todos (geralmente fala) ouvirão as vozes evangélicas. *Quod ad omnes gentes peruenerit fama euangeli?* Diz Santo Ambrósio. A esta intelligência outra vez se opõe o doutíssimo Alápide interpretando o *audierunt id est, partim audierunt, partim audient*: a razão, que para isto teve se foi outra da já referida, eu a não alcanço, o que sei é que como diz o mestre dos Pregadores, e Mestre das Escrituras, para a verdadeira intelligência delas se deve advertir no que atrás fica para o concordar com o que adiante se segue; São Paulo neste capítulo vem provando que Deus é Deus para todos, tanto para os Hebreus, como para os Gentios — *nam idem Dominus omnium diues in omnes*

— e conseqüentemente prossegue que por todo o mundo saiu a palavra de Deus (que, como logo veremos, é nosso terceiro fundamento) *in omnem terram exiuet sonus eorum*. Logo se afirma que a ouviram — *numquid non audierunt*, que a ouviram todos afirma; de outra sorte não dissera, como disse, que Deus é de todos, e para todos, querendo que todos se salvem — *uult omnes saluos fieri*.

E se não é êste o sentido dêste lugar, desejava me respondesse êste grande Autor ao *praedicauerunt ubique* de São Marcos, dito pelos Apóstolos, sendo certo, como traz Barônio, que evangelizou São Marcos doze anos sòmente depois da morte de Cristo, se o diz o doutíssimo expositor porque os Índios entre as três coisas de que careciam é uma delas a fé, pois segundo o vulgar provérbio nem fé, nem Lei, nem Rei tem, o mesmo Apóstolo lhes responde que ainda que todos ouçam, nem todos abraçam o que ouvem; bem podia pois aos Índios pregar-se-lhes a fé de Cristo, e contudo êles não crerem, como não creram na fé que se lhes pregou; inumeráveis são os exemplos desta verdade; por todos baste o de Fucurandono no Japão, que ouvindo a São Francisco Xavier, parece que o não queria escutar, pois se não quis reduzir.

O terceiro lugar que parece prova veio pregar São Tomé à América é o do Salmo dezoito de Davi — *non sunt loquellae, nec Sermones, quorum non audiantur uoces eorum; in omnem terram exiuet Sonus eorum, in fines orbis terrae uerba eorum* —.

Vamos por partes; *per loquellas Linguas per sermones intelligunt omnium eorum idiomata modosque loquedi* —. Explica Lorino seu célebre intérprete; vindo assim a dizer que não há Nação, que não há gente, que não publique os louvores de Deus, se não é que os Índios, não articulam vozes, *quorum non audiantur uoces eorum*, e sòmente se explicam como os do Cabo de Boa Esperança, de quem contam os Autores que falam por estalos. *In omnem terram exiuit sonus eorum, et in fines orbis terrae uerba eorum* — prossegue o mesmo Lorino o seu comento, e refutando a opinião dos que têm por fim da terra a nossa Espanha — *fines terrae significant remotissimas, et abiectissimas, gentes, fines non Hispaniae, sed longe remotiores fines* — conclui com Francisco Lucas, com estas palavras — *Apostolos fuisse quorum uoce, et oratione terra omnis Dei, eiusque Christi gloriae et gratiae plena est*.

Êste mesmo sentido dão ao texto Leblac e outros muitos expositores; sei contudo isto o como diversamente o comento o já duas vêzes alegado Alápide, hoje totalmente nosso oposto, o qual, sem ser intérprete dos Salmos, quis interpretar êste verso. Depois de referir o Alápide a opinião de Teofilato, e São Crisós-

tomo (corroborada com as notícias, que a Roma participou o Padre Manuel da Nóbrega dos indícios, que no Brasil achara de São Tomé) diz desta maneira — **Sanctus Chrisostomus, et Theofilatus putant praedicationem factam esse apud omnes gentes ante exidiunt Hierosolimae per Titum. Huic sententiae fauet, quod de Sancto Thoma Apostolo scribunt ueteres, eum plurimis, et remotissimis populis euangelisasse unde et Emmanuel Nobrega societatis nostrae in Brasilia Prouincialis scribit in Brasilia extare in ripa fluminis uestigia pedum hominis Sancti, qui ut in fideles se persequens effugeret, super fluuim ambulauit, et per transiit, eumque ab incolis uocari Tome, qui non uidetur esse allisquam Sanctus Thomas** — concluir contudo êste Autor tão grave com esta sentença — **Idque recte negare patet eis Regionibus, et populis Indiae occidentalis, ac quotidianis in ea Hispanorum nauigationibus, quibus hoc seculo nouae gentes plurimae et maxime hactenus incognitae repertae sunt, quae nihil de Christo, et euangelio audierunt** — donde me não posso deixar de admirar de que um expositor tão douto, depois de referir notícias tão evidentes de um homem tão Santo como o Padre Manuel da Nóbrega, sôbre a vinda de São Tomé ao Brasil, as acredite tão pouco, que diga que ao Brasil não veio São Tomé, porque no Brasil não havia notícia da fé de Cristo, e mais sendo êste o mesmo Alápide que com tôda a sinceridade refere no comento do Apocalipse que El-Rei de Portugal, segundo lho contaram, tem um carbúnculo tão resplandecente, que na testa de um Cavalo acompanhando a procissão de **Corpus** alumia tôdas as ruas — **audiui a Lusitanis ueris grauibus Regem Lusitaniae inesto corporis Domini praeferre in fronte equi carbunculum tantum, ac tam fugidum, ut plateam illustrare uideatur** — notícia tão escura para nós, que não há quem tal carbúnculo visse, e não se se pudéramos dizer que negando a referida opinião, não quer o Alápide que por modo algum luza o Brasil, pois até duvida que nêle resplandecesse a Luz do Evangelho.

Sem se lembrar êste insigne Autor, que na verdade o é, que expondo o verso sexto do capítulo quarenta e nove de Isaías, que é idêntico com êste — **ecce dedite in lucem gentium est sis salus mea usque ad extremum terrae** — diz com São Jerônimo — **uolo ut salus mea totum orbem occupet, an non est gloriosum quod unus homo crucifixus in toto orbe pro Deo collatur, et omnes barbaras Nationes ad se, et ad Deum per suos Discipulos ad duxerit, quod enim Apostoli Fecerunt, hoc Christus in eis loquens et coperans effecit.** De maneira que aqui puderam os discípulos e Apóstolos de Cristo reduzir, e trazer a Deus tôdas as Nações bárbaras, e lá não pode nenhum Apóstolo pregar na América, onde tudo eram bárbaras Nações. Mais dos sábios

é mudar conselho e agora é do nosso discurso passar dos textos às razões.

A primeira, que me parece concludente é que se nas três partes do mundo pregaram os mais Apóstolos como sabemos, porque nesta quarta parte não pregaria São Tomé? Tôda a razão porque os mais Apóstolos pregaram naquelas partes do mundo foi porque Cristo os mandou por todo o mundo — **cientes in mundum uniuersum** — se pois algum Apóstolo não pregou nesta parte quarta, ou Cristo o não mandou, ou não é esta parte do mundo; e haverá quem tal diga? quer me parecer que não: seguir-se-ia daqui que teriam os Índios uma desculpa, que parece evidente, para não serem condenados. Ninguém é culpado em não crer o que se lhe não pregou; é de fé — **quomodo credent ei, quem non audierunt, quomodo autem audient sine praedicante**, os Índios da América não se lhes pregou a fé, logo parece que não tiveram culpa em não crer; e daqui outra vez resultaria outra terrível consequência, que não toca menos que no atributo da divina misericórdia, e bondade suma de Deus, que quer que todos se salvem, pois para salvar a todos por todos veio padecer ao mundo **pro omnibus mortuus est** — sei muito bem o que aqui dizem os Teólogos resolvendo que a todos dá Deus os auxílios suficientes; se lhe resistem porém, ou vêem que lhe não de resistir, ou por não malograr os Tesouros da sua beneficência, ou por não executar com mais forçosa razão os rigores da sua justiça, é certo que não prossegue em lhes declarar o que não hão de seguir; que foi a resposta, que aos Japões deu São Francisco Xavier, quando lhe opuseram que se a Lei de Cristo, era boa, como tanto dilatou o dar-lhe a conhecer essa Lei: mas é sem dúvida que ou por si imediatamente ou por seus Ministros, a todos está Deus sempre pregando.

A segunda, e última razão que no meu sentir sem contradição alguma convence é esta. Já se não pode negar, nem eu sei quem hoje o negue sem nota de impiedade que o mesmo São Tomé pregou em grande parte da Ásia, e muito menos depois que se achou o seu corpo, e se descobriu a sua cruz nas ruínas de Meliapor; que maior razão pois se dá para que pregasse êste Apóstolo na Ásia, e não evangelizasse na América; se os da América são gentios, gentios eram os da Ásia, salvo se os Brâmanes por mais alvos que os Drisés tiveram mais merecimentos para com Deus, que lhes quis mostrar a Luz da sua fé, deixando os Tupis, Carijós, e mais Nações Brasilianas nas trevas da sua infidelidade. Se de Judéia a América, é longe, também a Índia, como sabemos, não é perto; se a Índia é grande, maior é sem comparação a América; se finalmente alguns dos contrários afirmam era forçoso que a Ásia Maior passasse algum Apóstolo, assim como outras partes do

mundo passaram outros, porque não seria preciso que à América viesse algum pregador Apostólico? Não aparece outro, logo parece que foi este São Tomé. De outra sorte uns quase mesmos Indícios, que se acreditam em Meliapor, vem a não ter verossimilidade no Brasil. Se não é que recorrendo à primeira causa me digam com a que chamamos *petitio principii* que São Tomé pregou na Ásia porque Deus quis, e que não pregou na América, porque não quis Deus, mas se lhe opusermos que também Deus quereria que pregasse na América pela mesma razão que quis pregasse na Ásia, não vejo maior razão, que me desfaça esta paridade.

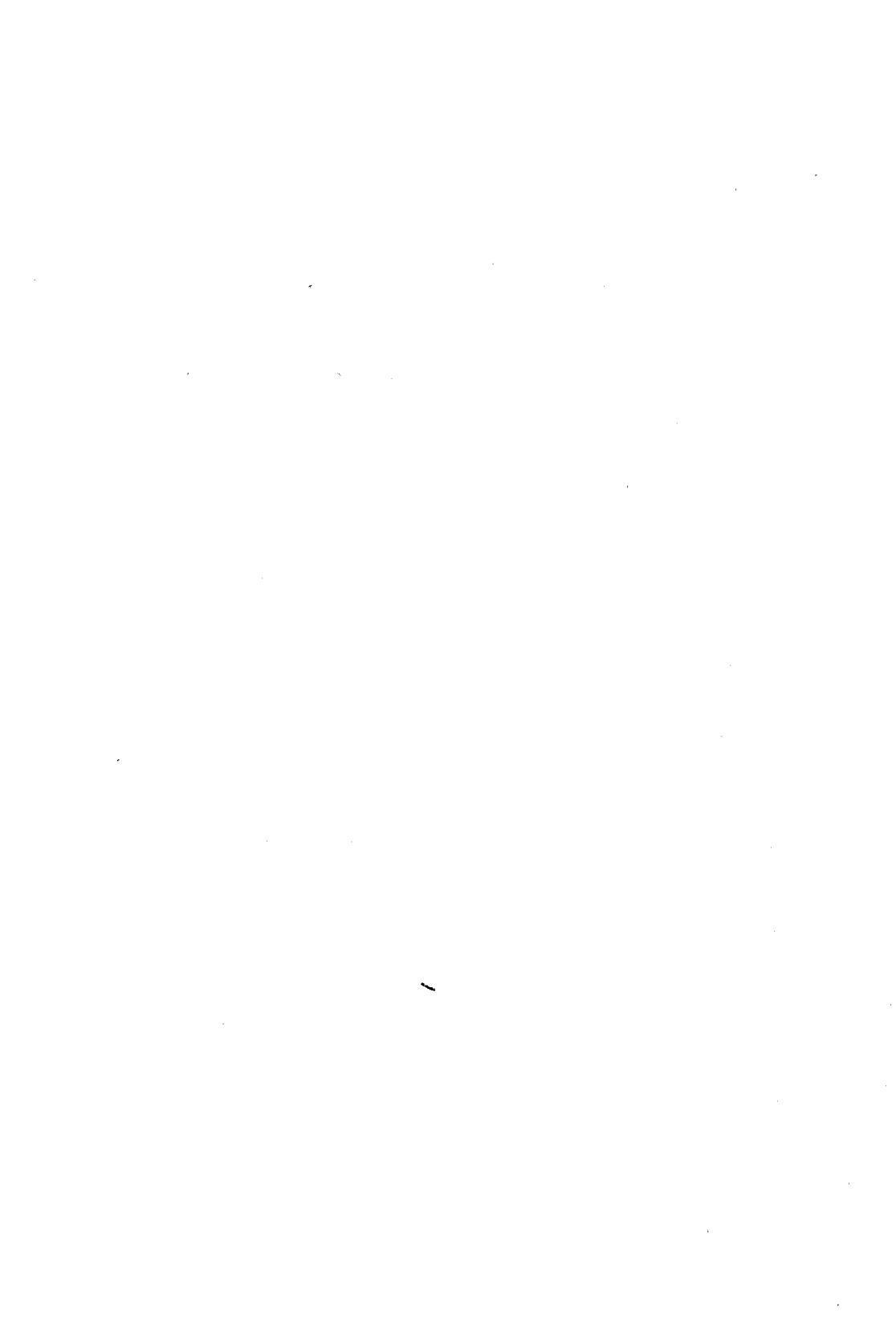
De todo este largo discurso se colige provavelmente que Deus como justo, e como misericordioso parece não podia deixar de anunciar a Lei evangélica, sem a qual ninguém se salva, aos Americanos. Não quero com isto dizer, nem daqui se infira que eu digo que São Tomé pregou por toda a América individualmente, percorrendo por cada uma de suas povoações, porque também os Apóstolos, que pregaram na Europa, na Ásia, e na África, não consta, nem é crível, que em todas as suas partes pregassem, antes com certeza sabemos que nem à China, nem ao Japão, nem a outras semelhantes chegaram, e sirva esta distinção de resposta aos Autores, que negam a vinda de São Tomé ao Brasil, porque sendo tão poucos os Apóstolos, não era possível que corressem o mundo todo.

Poder-me-hão contudo dizer, que se na América pregasse o nosso Santo a fé de Cristo, não estaria nela tão apagado o lume dessa fé, pois apenas têm os Brasileiros conhecimento como dizem nossos escritores, de uma excelência superior, a que chamam Tupã, e os do Peru, Quito, e Nova Espanha, suposto tinham Templos, Ídolos, Sacerdotes, cerimônias, e ritos, era tudo efeito das sugestões do demônio, a quem tributavam adoração, e davam culto, e o mais a que chegaram, conforme alguns Autores Espanhóis, foi a reconhecer uma causa superior. Autora de tudo, a qual os do Peru chamavam Viracocha, nomeando-a por excelência Pachacamai, ou Pachaichachi, que é criador do Céu e da terra, e Osapu que é admirável; a este tributavam adoração os Peruanos, e os de México: mas todas estas faíscas são, dizem os opostos, muito frias cinzas para provar a Luz da Lei evangélica, se pregada lhe fôsse, maiores resplendores deviam existir.

A estes incrédulos responderemos com um exemplo, sendo que com vários lhes pudéramos responder. Pergunto; quando dotamos Tânger aos Ingêleses no ano de 662, depois de a dominarmos cento e noventa e um anos, achariam os Ingêleses em Tânger sinais, ou indícios de Mesquistas? Parece-me que nem

por sombras; pelo contrário, se hoje reconquistássemos (ó quem o vira) aquela cidade encontraríamos nela rasto de Igrejas, ou sinais de altares? Cuido que nem por pensamentos. Se pois em tão poucos anos faz tanta mudança a diferença das religiões, como teria permanência a Lei de Cristo por tantos séculos, onde se não abraçou a doutrina evangélica, pois, segundo temos mostrado, em muitas, e de muitas partes da América onde pregou foi perseguido e expulsado São Tomé quando pregava.

Temos concluído, se me não engano, como prometemos, por razões, textos, Autores, e tradições que ao Brasil passou São Tomé. Se houver porém algum escrupuloso, que ainda o duvide, eu me contento com que não seja mais incrédulo do que foi o mesmo Santo. São Tomé resolveu-se a crer depois que viu, quem não quizer duvidar da nossa resolução tenha a curiosidade de ver (como dizíamos) os prodígios, que inculcamos, que logo dará crédito ao que escrevemos.



DISSERTAÇÃO QUINTA

Se os Índios do Brasil tinham alguma Lei, como e quando a êle passou a Católica Romana.

Do que no Capítulo immediato deixamos escrito fàcilmente se colige que os Índios do Brasil nenhuma Lei professavam, porque enquanto aos sinais que da evangélica acreditamos se conservava entre aquêles Bárbaros, são mais próprios da América Castellhana que da nossa América, nem vir pregar a esta São Tomé é prova concludente de que criam os Índios na fé, que lhes pregou, quando pelo contrário sabemos de suas próprias informações que lhe não quiseram escutar o que lhes pregava. Dizer-se que tem confuso conhecimento de uma excelência superior, a que chamam Tupã, e por conseguinte que temem excessivamente os trovões, por serem efeitos dessa superior excelência é inverossímel, porque concedido que se apavorem, e receiem, como receiam, o estampido dos trovões, é a sua apreensão tão sopita, que jamais passa o discurso para deduzirem que daquela estrondosa consequência é premissa infalível a primeira causa. Os vestígios, que conservam da outra vida (que é o outro argumento da parte contrária) é tão temporal, ou tão ridículo, que mais propriamente podemos dizer que não crêem que há outra vida, mas que passam a viver em outra parte, pois para esta quando morrem conduzem até os instrumentos fabris, e ainda o alimento de que cá usavam quando viviam. Também o levantarem as mãos juntas para o Céu quando na guerra os aprisionavam, como apelando da sentença da morte para tribunal mais supremo, não é indício bastante de que criam em Deus, ou que havia Deus, pois era aquella postura uma ação natural para mover a compaixão, e piedade, assim como trazer o homem a cabeça levantada, e erguer os olhos ao Céu, é mais invento da natureza, que doutrina da arte, como bem cantou o poeta Sulmonense; finalmente a credulidade dos espiritos malignos, a que davam vários nomes, segundo os diversos efeitos que lhe attribuíam, sendo comumente sugestões do demônio, que os trazia enganados, podiam também ser aparições suas para que mais o acreditassem, e ou fôsem umas, ou fôsem outras, tão longe estavam ambas de os conduzir para a profissão da nossa fé, que antes é sem dúvida os apartavam mais dela; pois

sem claro conhecimento de Deus, e ao menos fé implícita dos mistérios da Lei evangélica, é certo que não pode haver verdadeira religião católica.

Daqui se inferirá como certo que nenhuma outra Lei professavam os Índios, nem ainda a natural, pois se esta se define — *ratio insita a natura, quae iubet quae facienda sunt, prohibetque contraria*, mal podia observar os axiomas da razão quem só abraçava as apetências da vontade, como largamente temos mostrado na dissertação segunda.

A êstes pois individuos da natureza humana, que nas vidas, e nos costumes pouco se distinguiam das feras; a êstes, que nas trevas do seu gentilismo eram verdadeiros Antípodas da Luz da graça, levou o primeiro resplendor do evangelho a piedade e zêlo dos nossos excelentes Monarcas Dom Manuel, e Dom João o terceiro; quando se dispuseram a esta conquista, porque nas suas conquistas êste foi sempre o fim dos Monarcas Portuguezes, pois sendo a nossa Monarquia fundação do mesmo Reino na Europa — *uolo in te et in semine tuo Imperium mihi tabeliris* — parece que são os Príncipes Portuguezes, enquanto ao temporal, substitutos seus na terra. Daqui vem que assim como as conquistas dos Monarcas Lusitanos excedem as conquistas dos mais Monarcas, também a sua religião se avanta a religião de todos os outros. Não pareça especulação o que praxe inalterada desde os primeiros séculos até a presente idade. Ainda antes de ser Império de Deus o nosso Reino, já os seus Reis eram todos entregues ao culto dos Deuses — *Lusitani mira propensione Deorum cultu deditit* — diz o Autor de rit, *Nationum*. Estabeleceu Cristo esta ditosa Monarquia, e começaram os nossos felizes Monarcas a estabelecer o seu fundamento sôbre o alicerce da propagação da fé católica.

Diga-o na Europa o primeiro tronco dos nossos Reis, que em tantas batalhas contra os Agarenos aos golpes da espada ia crescendo as regras do evangelho: diga-o seu filho Dom Sancho I vencendo por seu braço treze Reis mouros na de Santarém, e vencedor por seus Capitães na de Alarcos: diga-o Dom Afonso II nas de Sevilha e Jaen: diga-o Dom Sancho II na conquista do Algarve: e digam-no finalmente os mais até Dom Afonso o quarto, que porque já não tinha na Pátria infieis, que vencer, foi auxiliar fora da Pátria a seu genro Dom Afonso de Castela, sendo o principal instrumento da decantada vitória de Salado. Em África o publique o nosso invicto Monarca Dom João o V conquistando Ceuta, e seu neto Dom Afonso o V tomando Tânger, e Alcácer; onde enterrou com a vida própria (se o não contradisserem os Sebastianistas) a liberdade do Reino o sobejo valor do nosso sempre suspirado Dom Sebastião, sem outro objero de interêsse,

sem outro fim de utilidade, que a propagação da divina palavra; o que bem se verificou na famosa expedição do Oriente, sendo a principal instrução daqueles primeiros Argonautas (como já insinuamos) que os muros, que não abalasse a voz da trombeta do evangelho então os demolisse o impulso do braço português.

Foi continuando êste abrasado zêlo, ou hereditário espírito em todos os sucessores da Monarquia, como se viu no Príncipe perfeito Dom João o II; no feliz Rei Dom Manuel, e em El-Rei Dom João o III, a quem pudéramos chamar o Numa português; em El-Rei Dom João o IV, a quem o Moisés Lusitano; em El-Rei Dom Pedro o II, a quem o prudente Salomão, até que chegando ao soberano trono de El-Rei Dom João o V nosso Senhor, nêle, como em mar, em que entram os Rios todos, vemos recopilados tôda a piedade, todo o zêlo, tôda a religião, repartidas pelos heróicos predecessores seus, podendo-se por êste só Rei dizer com verdade o que por lisonja applicou Claudiano ao seu Estilicon — *et quae diuisa beatos efficiunt in te colleita tenes.*

Havendo pois os nossos Príncipes com o Império herdado a obrigação de estender e ampliar a Lei evangélica — *ut deferatur nomen meum in exteris gentes*, logo que em Portugal soou a fama do descobrimento do nôvo mundo referido por Gaspar de Lemos, de quem (como deixamos escrito) fiara esta informação o General da Armada Pedro Álvares Cabral, ainda que o vulgo ambicioso da Conquista, com o vizinho exemplo dos Tesouros das Índias occidentais, ardia no desejo de embarcar para enriquecer, interpretando cada palavra de Gaspar de Lemos não já pelo compasso da verdade, mas pela medida do interêsse, El-Rei Dom Manuel abrasando-se no católico zêlo de conquistar aquelas almas para o Céu, mais do que na apêtença de crescer Províncias à Monarquia, determinou mandar e com efeito mandou, a Américo Vespúcio, de nação Florentino, insigne Matemático, excelente Cosmógrafo a reconhecer, e explorar a qualidade da terra descoberta, sondar as barras, observar as correntes, demarcar os baixos, e tudo o mais, que conduzia para a nova conquista, que intentava. Executou Américo a Real ordem com mais fortuna que exação, porque passados seis meses se recolheu a Lisboa com a dita de deixar eterno o seu nome nesta grande parte do mundo, que não descobriu, de cuja antonomásia parece se faziam mais a credores os que primeiro a viram; mas como a informação não fôsse a que bastava para o efeito, que El-Rei pretendia, segundou El-Rei com outra armada de sete velas a cargo do Capitão Gonçalo Coelho (seis dizem nossas histórias) com novas ordens (2) para que aperfeiçoasse com mais individuação o que

(2) Não falo nas armadas de PERO LOPES, e MARTIM AFONSO irmãos porque a sua expedição pertence mais ao Rio de Janeiro.

Américo obrou com apressada generalidade. Partiu Gonçalo Coelho de Lisboa desejando desempenhar as obrigações de bom vassalo na pronta execução das ordens do seu Rei: tanto que chegou à Costa do Brasil com muita atenção foi notando os portos, observando as correntes, demarcando os parcéis, sinalando os baixos, e tomando posse com marcos, e padrões, que fixava pela coroa portugueza; mas como a pouca experiência da Costa não deixava exercer a perícia da arte, tocaram duas caravelas nos baixos de São Vicente, salvando-se porém a gente tôda, que Gonçalo Coelho mandou tripular pelos mais Navios.

À vista dessa perdição, e com o trabalho já de muitos meses, num só corpo todos os Náuticos, tomando uma só voz, quiseram obrigar o Capitão a retroceder daquele perigoso exame, dizendo-lhe que os mantimentos faltavam, que o inverno se avizinhava, e que os perigos cresciam: êle, que era prudente, reconhecendo que os primeiros impulsos, em semelhantes accidentes, são sempre os mais irreparáveis, depois que os sossegou, os convenceu com lhes mostrar que fôra providência aquêlle naufrágio, porque a falta de gente que experimentavam os mais Navios (alguma lhe era morta), só se podia suprir com a que escapou dos que se perderam; que a emprêsa estava no fim, e que a volta para a Pátria seria breve: assim o fêz, e com as mais informações da sua diligência se confirmou El-Rei Dom João o III, que já reinava no intento, que herdara de povoar o Brasil para cujo fim expediu nova armada a cargo de Cristóvão Jaques fidalgo da sua Casa.

Êste Capitão fêz maior apresto e conseguiu concluir melhor que todos os outros aquela emprêsa, porque reduziu a mapa tôda esta Costa em grande utilidade da sua navegação; e êste foi o primeiro, que percorrendo todo o marítimo, que compreende o Brasil veio a descobrir a enseada da Bahia no primeiro de novembro dedicado a todos os Santos, causa de lhe impor o seu nome, e entrando pela sua barra, e penetrando os seus recôncavos, no Rio Paraguaçu encontrou duas Naus Francesas; estranhou-lhes Cristóvão Jaques o atrevimento com a increpação de Latrocínio nos domínios do seu Rei: a arrogância dos Franceses mereceu que a resposta fôsse por bocas de bronze; meteu-lhes as Naus a pique junto a uma Ilha, que ainda hoje pelo referido successo conserva o nome de Franceses, e jaz defronte do engenho, de que é Senhor o Alcaide-Mor desta Cidade Manoel de Araújo de Aragão.

Em tôdas estas armadas, e particularmente nesta embarcaram religiosos Franciscanos, Mercenários, e outros, que El-Rei mandava como exploradores daquele Egito, ou cativo do Inferno para o trocar em terra da promessa, mas como ainda não

principiavam a cultura da vinha do Senhor, não temos obrigação de individuar as suas operações; só não passarei em silêncio a memória, que afirma que neste primeiro ingresso batizaram êstes Religiosos na Ilha de Maré habitada da Nação Tobaiara sete crianças. Voltou finalmente Cristóvão Jaques depois de onze meses de demora para Lisboa, onde confrontando com as suas tôdas as notícias já mencionadas, resolveu El-Rei mandar povoar o Brasil, porque a uberdade da terra, a exuberância das águas, a beneficência do clima, e sobretudo a perdição daquelas almas, eram veementes estímulos para outro peito ainda menos piedoso, que o daquele excelente Monarca; e suposto que já neste tempo estava habitada a terra da Bahia de Francisco Pereira Coutinho fidalgo português, que na Índia dera ilustre testemunho do seu valor, e no Brasil veio acabar miseravelmente a vida, a quem El-Rei Dom João III; fizera data do seu recôncavo, como fêz a outros de várias outras Capitánias, em que repartiu o Brasil; e suposto também que já então estava edificada a Vila de São Vicente por Martim Afonso de Sousa seu donatário; nós tomaremos o princípio do ano, em que se fundou esta Cidade por Tomé de Sousa seu primeiro Governador, que foi o tempo, em que mais pròpriamente podemos afirmar que começaram aquêles operários a colhêr o fruto do seu trabalho na agricultura da palavra de Deus.

A certeza da morte de Francisco Pereira Coutinho apressou em El-Rei Dom João o III a expedição da armada a cargo de Tomé de Sousa, a quem fêz Governador e Capitão Geral de todo o Brasil. Era êste fidalgo, ainda que ilegítimo, ilustre por ações militares na África, e na Ásia. Provida pois a armada de tudo o que era conducente para o fim da grande emprêsa que intentava, e levando o nôvo Governador consigo ao Doutor Pedro Borges para servir o cargo de ouvidor geral, e a Antônio Cardoso de Barros para exercer officio de Prôvedor-mor, seiscentos Soldados de desembarque, cinqüenta casados de limpeza conhecida (assim o diz a relação) que não fôra justo que sem nobreza começasse uma Cidade tão ilustre; não contando quatrocentos degredados, e alguns criados de El-Rei, que iam providos nos officios, que de nôvo se haviam (sic) criar; seis Religiosos da Companhia de JESUS, superior de todos o grande Manuel da Nóbrega, outros Religiosos e seis Sacerdotes do hábito de São Pedro. E depois de receber Tomé de Sousa amplíssimos poderes da mão de El-Rei, que derogavam em grande parte os demasiados privilégios dos Donatários do Brasil, mais ampliados ainda por êles mesmos, de quem haviam chegado várias queixas a Portugal, porque quando os grandes vassallos estão distantes dos Reis muitas vêzes querem parecer régulos (do que então queixosos recorreram ao mesmo Autor dos indultos, mas sem recursos) e sobretudo com particula-

res recomendações do culto divino, ordenando-lhe El-Rei que em tudo favorecesse, e a tudo antepusesse os Religiosos, e a religião; a 2 de fevereiro do ano de 1549 levou a armada (3), e navegando com bonança chegou a aferrar pôrto na Vila Velha, primeira povoação de Francisco Pereira Coutinho em 19 de março do dito ano, outros querem que no princípio de abril. Ali desembarcou o General, e ali achou a Diogo Álvares, que lhe facilitou algumas dificuldades, que encontrava, e como a êste sujeito deve tanto a fundação desta Cidade, e ainda todo o Brasil, antes que prossigamos com os progressos da nova República, ou nova Religião, não será desagradável uma succinta digressão dos seus successos, como tão filha do nosso assunto; ainda que já andem escritos diffusamente de outras penas, suposto que com algumas faltas.

Foi Diogo Álvares nobilíssimo por nascimento em Viana, e como ao sangue illustre comumente anda anexa a pouca sorte, vendo-se falto de cabedais, embarcara numa Nau de um Tio seu chamado Felipe Álvares Dias, que ia de negócio com fazendas sêcas e comestiveis para a Vila de São Vicente outros com menos fundamento afirmam que para a Índia a buscar fortuna: naufragou junto ao Rio Vermelho, e aquêles a quem perdoou a braveza do mar, não deixou vivos a inumanidade dos Índios; livrou porém Diogo Álvares, ou fôsse pela carta de recomendação de sua galharda presença, ou, como mais certamente cremos, por disposição da altíssima providência; recolheu armas, salvou munições, e com elas se salvou a si. Chegou depois a capitanear os Índios nas guerras, que entre si tiveram, onde ou a novidade, ou o emprêgo de seus tiros lhe deu o cognome de Caramuru, que quer dizer Dragão saído do mar, ou Morêia de desmedida grandeza, e de sorte os dominava na paz, que aquêles que entrara cativo na Bahia (segundo José do Egito) era árbitro absoluto de todos aquêles contornos: ali se lhe ofereciam à competência várias mulheres, mas por mulher só aceitou a que depois se chamou Catarina Álvares de idade de quatorze anos, dotada de excelente formosura, filha única do principal senhor daquelas aldeias, e Senhora, ou Princesa, como lhe chama a relação daquela terra; com esta, e a comitiva de duas criadas, não sem mágoa das que ficavam, se embarcou numa Nau Francesa, que à Bahia aportara, com resolução firme de se passar a Portugal, em França se batizou aquella Senhora, e as criadas, tomando ela o nome de Catarina à contemplação da Rainha Dona Catarina mulher de El-Rei Dom João o III; e elas o de Felipa, e Ana; autorizaram as pessoas Reais as funções do batismo, e casamento, que ao mesmo dia se celebraram, apadrinhando a afilhada, e os desposórios;

(3) Chega TOMÉ DE SOUSA a fundar a Bahia no ano de 1549.

mas não consentiram que passasse à Pátria Diogo Álvares o qual participando vários; e importantes avisos a El-Rei de Portugal, por intervenção de Pedro Fernandes Sardinha, depois primeiro Bispo do Brasil, que então estudava em Paris, oculto se embarcou de França com tôda a sua família para a Bahia, onde chegando não achou variedade nos ânimos dos Nacionais, ainda com tantas mudanças da fortuna; porque o receberam com alvoroços de ausente, e obséquios de Senhor, ficando confirmado no antigo domínio; com êste livrou da última calamidade aos naufragantes castelhanos, que deram à costa na Ilha do Morro, por cuja humanidade mereceu-lhe escrevesse o Imperador Carlos Quinto uma carta (cuja cópia eu conservo) de agradecimentos e promessas, mais certas nos Reis quando recebem os serviços, que quando executam as pagas, e do Sumo Pontífice indulgências e relíquias para a Igreja de Nossa Senhora da Graça, cuja imagem milagrosa, como o Sol da pureza saíra das ondas daquele naufrágio triunfante, e foi a primeira, que na Bahia se fundou à instância de Catarina Álvares, que nela mandou descansassem as suas cinzas.

Já contava Diogo Álvares numerosa descendência de treze filhos, quando arribando àquele pôrto Martim Afonso de Sousa, que navegava para a Índia foram batizados todos pelos Religiosos da companhia, que naquela Nau embarcaram; tinha por êste tempo chegado Francisco Pereira Coutinho, já mencionado, a povoar a Capitania da Bahia de que El-Rei lhe fizera mercê, escurecendo a sua lastimosa morte, deu Diogo Álvares vida, e agregou a si, os poucos Portuguêses, que lhe ficaram; passou aos Ilhéus a pacificar aquela revolução, e voltou para a sua antiga estância, onde vivia mais seguro no respeito dos Índios que na fortificação, que ali fabricou; então começou a casar suas filhas, que foram quatro legítimas, e nove naturais entre filhos, e filhas. A primeira filha legítima de Diogo Álvares foi Ana Álvares, que casou com Custódio Roiz Correia pessoa nobre, natural de Santarém, de que houve dilatada sucessão, cujos descendentes inda hoje existem. A segunda foi Genebra Álvares, que casou com Vicente Dias natural de Alentejo, homem fidalgo, criado do Infante Dom Luís, e também deixou sucessão, mas não permanece. A terceira filha foi Apolônia Álvares que casou com o Capitão João de Figueiredo Mascarenhas nomeado do Gentio com a alcunha de Batuacá; era natural de Faro e filhado; existem ainda descendentes seus. A quarta, e última filha legítima de Diogo Álvares foi Grácia Álvares, que casou com Antão Gil, de que se conserva dilatada, e nobre descendência. Os ilegítimos foram Gaspar Álvares, que casou com Maria Rabela, Marcos Álvares, que não casou, Manuel, e Diogo Álvares, que mor-

reram às mãos dos Gentios em Giquiriçá na peleja onde também acabou o filho do Governador Mem de Sá; Felipa Álvares, que casou com Paulo Dias Adôrno nobre Genovês, Madalena Álvares, que casou com Afonso Rodrigues natural de Óbidos, Helena Álvares, que foi casada com João Luís, Isabel Álvares, que casou com Francisco Rodrigues, e Beatriz Álvares com Antônio Vaz: de algumas há descendentes, ramos ou próprios ou enxertados daquele nobre tronco Vianes Diogo Álvares, que agora recebia ao nôvo Governador Tomé de Sousa, o qual apiedado da sua diligência, e autoridade, que fêz concorrer os Índios àquele ministério em breves dias conseguiu o transporte de gente, armas, materiais e mantimentos, podendo-se sem hipérbole dizer que do mar à terra se transferia à futura Bahia, ou que da Europa à América passava a nova Cidade.

Depois que Tomé de Sousa desembarcou na Vila Velha em tom de marcha, e com a cautela, que pedia a terra, que ignorava, habitada de Bárbaros, que não conhecia, mandou descobrir mais ao largo os arredores do sítio, em que estêve quinze dias, acomodando entretanto os Soldados em estâncias, e os moradores em choupanas; com a nova informação de um pôrto mais abrigado para as Naus, e de lugar mais acomodado para a fundação da Cidade, assim pela disposição do terreno, como pela comodidade de uma fonte, que naquela praia corre, e é a que hoje chamamos de água de meninos, e em que os Navios fazem aguada, propôs em conselho o sítio em que se devia assentar a Cidade; foram os votos sem discrepância que neste lugar se fabricasse, e depois de assinarem todos por escrito o que resolveram de palavra, marchou da dita Vila Velha para o lugar assinado em distância de meia légua. Ali, depois que se segurou com largo recinto, que estacou de unidos troncos para estância dos Soldados, e defesa dos moradores (porque pudessem trabalhar mais reparados de qualquer inovação dos Bárbaros) e depois que valou o campo, que mediu para a povoação de uma grossa trincheira de taipa, em cujos dois extremos da parte do Sul, e da parte do Norte fabricou dois baluartes que agora são as portas de São Bento, e portas do Carmo e nêles plantou oito peças de grossa artilharia, que para semelhante efeito trazia prevenidas; então principiou a desenhar a nova Cidade, repartiu as ruas, demarcou as praças, sinalou as Igrejas, mediu o Palácio, dispôs as casas do Senado, Cadeia, Alfândega, Armazéns, e mais concernentes. Não trabalham mais as solícitas abelhas na composição dos seus favos, do que os Portuguezes adminiculados dos Índios se ocupavam nas referidas fábricas, vendo-se com menos de três meses erigidos, ainda que de madeira cobertos de palha, Armazéns, Alfândega, Cadeia, Senado, Palácio, Igrejas, sendo a primeira a que hoje é de Nossa

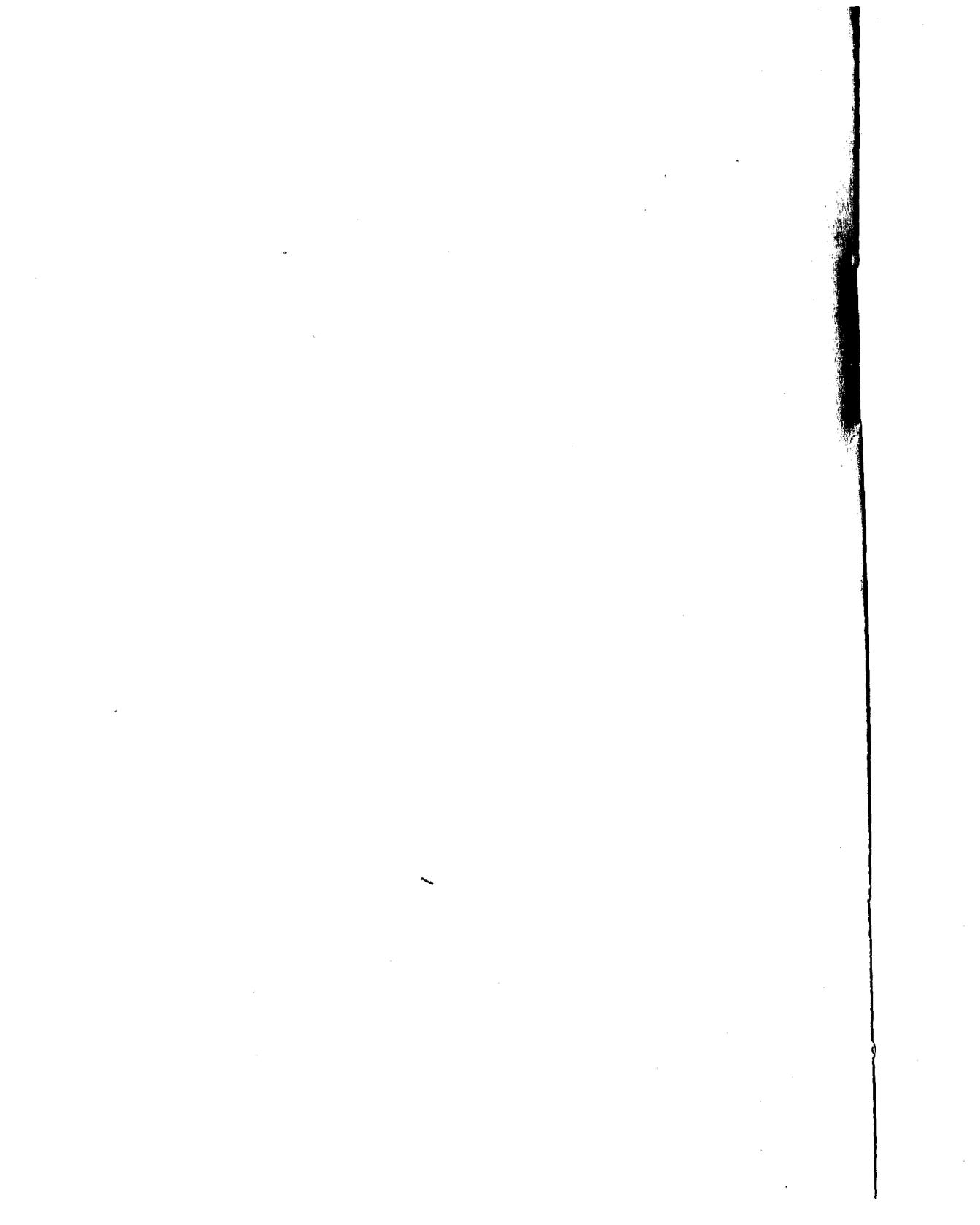
Senhora da Ajuda, e que habitaram primeiro os Religiosos da Companhia de JESUS.

Eis aqui como e quando pròpriamente podemos dizer passou a religião Católica aos Índios do Brasil, e eis aqui também o escuro princípio da esclarecida Cidade da Bahia que em artefatos, polícias, e opulências, parece pode apostar igualdades com as mais célebres de Europa, como com menos hipérbole que realidade cantou em outros anos algum engenho.

Eis aqui do Brasil alta cabeça,
a famosa Bahia sempre clara,
Tão grande que parece que começa,
pois inda agora na extensão não para:

Pôsto que a fama a outras encareça,
tanto a que é mais illustre se equipara,
que em comércio, e edifícios, e opulência,
faz a maior de Europa competência.

Jaz em treze graus escassos da Equinocial para o Sul, servindo-lhe de muralha pela frente a Bahia, que lhe dá o nome, e de fôssos pelas espaldas o que chamam Dique ocupa de longitude mais de uma légua, e de latitude terá pouco menos de um quarto; consta de nobres edifícios, e suntuosos templos, que em seu lugar descreveremos; de mais de seis mil vizinhos, e de vinte e seis mil almas, sem que com ponto fixo se possa comensurar a sua extensão, porque sempre está a crescer. As outras Cidades começaram grandes para acabar pequenas, a Bahia começou pequena para nunca acabar na grandeza; sempre grande, e sempre com mais grandeza: mas nunca mais engrandecida, nem maior que quando moderada por Vossa Excelência, a cuja prudência, valor, benignidade, realeza de ânimo, aspecto verdadeiramente de Príncipe, e a cuja religião (por que acabemos por onde começamos) confessa ela dever os seus felizes aumentos, e a nossa Academia a sua illustre proteção.



SEGUNDA PARTE

DISSERTAÇÃO PRIMEIRA

Da história eclesiástica do Brasil: trata
da fundação das Igrejas.

Já temos aberto os alicerces da nova Igreja Brasílica, e suposto que a alguém pareceriam pouco ajustadas as pedras dêste edifício como conduzidas de tão longe, todavia agora se verá como tôdas foram precisas e adequadas para a fábrica, que pretende erigir a nossa história eclesiástica. Seguindo pois a divisão, que fizemos no prólogo dela, será o nosso principal objeto mostrar nesta segunda parte o que pertence à fundação das Igrejas assim paroquianas como conventuais, Missões, etc. e os mais sucesos, que tocamos serão acessórios, de tal sorte porém enlaçados, que o que referirmos do topográfico, ou militar seja como meio, que respeita ao fim do eclesiástico.

Desembarcados os novos agricultores da vinha do senhor na forma, que no Capítulo imediato temos referido, ainda que a messe era tão dilatada, e tão pouco os operários, êste mesmo foi maior incentivo para acender o zêlo com que começaram a obrar na redução daquele gentilismo. Não se pode negar que foram os Religiosos da Companhia de JESUS os primeiros Soldados de Cristo, que marchando entre os Soldados portuguezes com o seu Governador Tomé de Sousa fizeram assento no lugar em que hoje se vê fundada a Bahia, e no sítio em que está edificada a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda com a mesma invocação com que fabricaram de taipa, a primeira Igreja. Ali edificaram também choupanas, em que assistiam, de onde como de nuvens saíam os raios da sua doutrina a alumiar a cegueira de todos aquêles Bárbaros; mas também se deve advertir que não foram tão sós neste Apostólico fervor, como querem os seus Autores, pois é constante tradição acreditada com relações verídicas que alguns sacerdotes do hábito de São Pedro, que com êles desembarcaram, nesta diligência os seguiram e imitaram; assim iremos fazendo restituções à verdade, sem que faltemos às Leis da história.

Depois que os Sacerdotes por suas próprias mãos fabricaram reparos em que se abrigar, começaram a trabalhar no modo com que se introduziriam com aquêles Bárbaros, para lhes introduzir

também a Lei, que lhes pregavam; e a traça com que saíram; ou fôsse Invenção humana, ou disposição divina, foi esta. Agora nesta, agora naquela Aldeia tocavam uma companhia, e congregando-se os Índios à novidade de escutá-la, lhes repartiam primeiro contas vermelhas, [resistos] de pergaminho, e outras peças semelhantes; e depois ou por acenos, ou por palavras mal interpretadas, aos adultos iam declarando os mistérios da nossa crença pedindo-lhes, ou ordenando-lhes que assistissem à missa, que todos os dias celebravam, e a ladainha, que rezavam tôdas as tardes, a que todos genufletiam com tanta reverência, que parecia devoção aos enfermos tratavam com tanta caridade, que muitas vêzes se privavam da razão cotidiana, por lhes não faltarem alimento a qualquer hora, não curando menos as almas, pois aos moribundos aplicavam a medicina dos Sacramentos, ou absoluta, ou condicionalmente, segundo a disposição, que nêles achavam: para batizar os recém-nascidos usavam do disfarce de molhar lenços, que expremidos como por acaso destilavam suficiente matéria para complemento daquele sacramento, única chave, que a todos nos abre as portas do Céu. Muito sem dúvida tinham assim andado, mas para não chegarem ao fim, que pretendiam, um dos maiores obstáculos, que encontravam os gigantes passos daqueles Atlantes da militante Igreja era a falta de intérprete da Língua vernácula Brasília, porque mal se podem imprimir os conceitos no coração de quem apenas percebe os ecos das palavras nos ouvidos, e suposto que Diogo Álvares, e alguns dos que oscilavam interpretavam reciprocamente algumas práticas entre os Portuguezes, Índios; desejavam os Religiosos, e mais Sacerdotes pessoas, que os acompanhassem, e mais familiarmente lhes assistissem nas saídas, que faziam a pregar, e doutrinar os Bárbaros nos dogmas, e ritos da nossa fé, e Lei, imperceptível totalmente a quem não tinha Lei, nem fé. Nesta consternação recorreram os Religiosos ao Governador Tomé de Sousa, rogando-lhe mandasse à Vila de São Vicente, estabelecida anos antes, como temos apontado, por se acaso se achasse lá pessoa, que servisse neste ministério tão útil, e tão preciso: condescendeu o Governador com o seu rôgo, e tinha o Céu tanto a sua conta a conversão daquele gentilismo, que por alta providência sua se achou ainda vivo um dos dois degredados (defunto o outro) que Pedro Álvares Cabral para semelhante efeito havia deixado em Pôrto Seguro, como referimos reservando-o (sic) os inescrutáveis juízos de Deus não menos que por espaço de quarenta e nove anos, para que fôsse a sua Língua intérprete das vozes do Céu; da mesma sorte que já Dom Marinha, na conquista da nova Espanha, foi o principal instrumento com que o intrépido braço de Fernão Cortês introduziu a religião católica nas vastíssimas Regiões da

América setentrional, e eis aqui outra omissão, por lhe não chamar descuido dos nossos historiadores que em nada disso tocam, desculpados todavia com tanta anterioridade de anos, que não tiveram poder para escurecer alguns papéis, que conservamos, à vista dos quais escrevemos estas circunstâncias verdadeiras, ainda que as duvide a emulação, ou as escrupuleasse a crítica.

Com o nôvo intérprete, que chegou em breves dias à Bahia, saíam os Religiosos, e mais Sacerdotes com maior confiança a doutrinar, e batizar adultos, e crianças; mas como uma planta já crescida, ainda que truncada, sempre deixa raízes, que renovam segundas fôlhas, desejavam os Padres de sorte cortar com o fogo do seu zêlo as sete cabeças daquela infernal Hidra, que não brotasse daqueles troncos mais rama da antiga seita; a maior opposição, que para o conseguir encontravam, era não poderem desarraigá-las do coração dos Índios a inata apetência de fazerem pasto do seu ventre os mesmos que nasceram da sua espécie; porque na execução dêste ferino apetite constituíam a sua maior bem-aventurança, podendo dizer-se dêstes com São Paulo — **quorum Deus uenter est** — umas vêzes os increpavam os Padres com aspereza, outras os admoestavam com brandura; mas como a chaga estava tão incancerada, dia houve em que a que começou queixa passou a degenerar em motim; e a não acudir o Governador militar, e politicamente; por ventura que acompanhassem os repreensores as mesmas vítimas, que prendiam.

A todos êstes incidentes acudiam os Religiosos e mais Sacerdotes, applicando umas vêzes os lenitivos outras os cautérios a esta tão mortal enfermidade, e depois de deixarem convalescentes os de perto, deixando a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda entregue a um Sacerdote com a administração espiritual dela, se passaram para o monte onde hoje está o convento de Nossa Senhora do Carmo, povoado então de muitas aldeias, para que em mais largo campo reduzissem ao curral de Cristo aquelas perdidas ovelhas, ou mais pròpriamente carniceiros lobos.

Já ia em grande aumento a nova propagação da religião católica, já se viam mudados em novos homens aquêles que não tinham mais de humanos, além do espírito que os animava, que assimetria do corpo, porque só servia de rebuço a seus brutais apetites.

Todavia ao passo que crescia o fruto espiritual, crescia também o trabalho, porque quanto se estendia a seara se diminuiam divididos os agricultores, sendo necessário expedir para várias partes alguns Sacerdotes. A esta falta outra vez acudiu o Céu, tomando por instrumento o zêlo do nosso Católico Monarca Dom João o III, que mandou novos operários em segunda armada, de que era General Simão da Gama, a qual partiu de Lisboa em de-

zembro de cinquenta e um, e chegou ao Brasil no princípio do ano de cinquenta e dois, e não como erradamente escreve Pedro de Mariz afirmando que uma e outra coisa succedeu no ano de cinquenta. Nesta armada embarcou Dom Pedro Fernandes Sardinha primeiro Bispo do Brasil, que trouxe em sua companhia Religiosos, clérigos, dignidades, Cônegos, e todos os mais paramentos conducentes para a nova Catedral da Bahia, que havia de erigir, como com efeito erigiu no mesmo ano (1) de 1552 por bula de Júlio III expedida em 1551, onde se vê como inoticiosamente (sic) afirma outra memória que succedeu no ano de 1555, porque se o Bispo no sobredito ano de 52 chegou com paramentos, Cônegos, dignidades, e clérigos, para erecção da nova Catedral, é certo que também chegou com os podêres, que de outra sorte esperaria quatro anos, e então era escusado trazer os Ministros, quando não tinha as Bulas.

Para pois dar melhor expediente ao bem espiritual de tantas almas, para acudir com o celeste pasto a tantas ovelhas, começou o Bispo a erigir vigairarias, ou curato, com distintos têrmos, como hoje se conservam, ainda que depois se restringiram êstes, e se ampliaram aquelas; tendo cada Pároco seu coadjutor, e mais Ministros suficientes para a administração de todos os Sacramentos, para o que se nomeavam sujeitos de Letras, e virtude, como ainda hoje se estila, ou é bem que se estilasse.

Êstes Párocos tinham à sua incumbência aldeiar os Índios, à imitação dos Religiosos da Companhia; de lhes fazer doutrina nos dias, que não eram de fazer; aprendendo para isso a Língua Brasileira, obrigações, que sòmente observaram enquanto parece tinham menos obrigação; porque sustentando-se naquele princípio de espontâneas esmolas, e voluntárias contribuições dos Fregueses, de tôdas essas obrigações se esqueceram depois que Felipe III de Castela no ano de 1608 lhes sinalou cõgruas, que hoje suplicam aumentadas ao incomparável zêlo, e Real ânimo do nosso invicto Monarca o Senhor Rei Dom João o V.

Erigida em Catedral a Cidade da Bahia, muitos anos existiu a Sé entre os curtos limites do seu princípio, de pedra e taipa, até que no ano de 1637 se começou a fabricar (2) novamente para se ver hoje na última perfeição, em que está medindo semelhanças com os maiores, e melhores Templos da Cristandade. Tem magnífico frontispício de pedra, que olha ao mar para a parte occidental, a obra é dórica, com duas tórres, e três portas para a mesma parte; em cada um dos lados a uma a da parte do Sul vê para a Praça, e da parte do Norte para o Paço Archie-

(1) erecção da Catedral do ano de 1552.

(2) fabricou-se de pedra no ano de 637.

piscopal: o pavimento é de mármore, e o teto de cedro incorruptível, com painéis e florões dourados, que parecem estrélas d'êste abreviado Céu: na Capela-Mor por uma e por outra parte se rasgam oito gelosias. No corpo da Igreja sôbre as capelas assentam duas tribunas, que cada uma abre cinco janelas de grades douradas para o mesmo interior da Igreja, a que dão claridade, e ensoberbecem o artefato. Da parte direita está a Sacristia, e casa do Cabido decentemente adornada, da esquerda a casa, e sacristia do Senhor. Treze são as Capelas que de um e de outro lado a adornam, tão excellentes tôdas, que, sendo tantas, cada qual pretende ser única. É a primeira da parte do Evangelho, a capela de Nossa Senhora de Guadalupe, segunda a de São Brás, terceira a de Nossa Senhora do Amparo. Da mesma sorte do arco para dentro a Capela do Santo Cristo onde se costuma fabricar todos os anos o aparatoso, e famigerado sepulcro da Ressurreição, a maior maravilha, senão do mundo, desta maior parte dêle, cuja arquitetura é mais fácil de admirar que de descrever. A capela do Santíssimo Sacramento que está colateral; e a capela de Nossa Senhora da Fé. Da parte da Epístola é primeira a capela de Santo Antônio; segunda a capela de São José terceira a capela de Nossa Senhora das Maravilhas. Do arco para dentro a capela de Nossa Senhora do Parto, a capela de Nossa Senhora do Rosário colateral, e a capela das Almas, segue-se a Capela-Mor, para cujo retábulo parece que dispendeu todo o seu ouro ofir, e tôdas as suas luzes o firmamento. A uma e outra parte estão as cadeiras onde capitulam os Reverendos Cônegos, com seus assentos inferiores onde officiam os capelães. Tôdas as referidas Capelas são de retábulos dourados, e têm confrarias, cujos Irmãos, e Mordomos as paramentam, e adornam. As Dignidades Cônegos, e meios cônegos de que hoje se compõe esta insigne Metrópole, doutos, virtuosos, e morigerados; prebendas, que gozam, exercícios em que se ocupam, consta da constituição, que doutamente fêz imprimir o último ilustríssimo Arcebispo Dom Sebastião Monteiro da Vide. As procissões que anualmente se fazem nesta Metrópole são as seguintes.

Procissões em que vai o Reverendo Cabido e Senado da Câmara. A 20 de janeiro a de São Sebastião: e no 1.º de março a da restauração da Bahia. Em 10 de maio a do voto ao Santo Xavier, quando aqui grassou a doença que chamaram bicha. E na terceira domingo de julho a do Anjo Custódio. No primeiro de dezembro a da aclamação do Senhor Rei Dom João o IV. Na quarta domingo de dezembro a de Santo Antônio de Arguim. A do Corpo de Deus na Cidade.

Procissões em que só vai o **Cabido A.** da Irmandade do Santíssimo. A da Ressurreição na domingo oitava, a do Corpo de

Deus que fazem os mesmos Irmãos do Santíssimo. Na primeira domingo de outubro a de Nossa Senhora do Rosário, que acompanham os seus confrades pelas ruas públicas, e tôdas as primeiras domingos do mês fazem a mesma em circuito da Sé, onde também se recolhe a da publicação da Bula. São Igrejas filiais Nossa Senhora da Ajuda intra-muros da Cidade São Pedro Nôvo, junto ao Palácio Arquiepiscopal fundado pelo Ilustríssimo Arcebispo Dom Sebastião Monteiro da Vide: nêle está o hospital dos clérigos, onde com muita caridade se trata das suas curas. Têm fogos mil trezentos e três. Almas sete mil oitocentas e trinta e seis. Homens dois mil cento e vinte e um. Mulheres mil quinhentas e trinta e sete. Criados cento e oitenta e seis. Escravos três mil novecentos e noventa e dois.

A freguesia da Sé com o título de São Salvador do mundo está situada no meio da Cidade da Bahia. Pelo nascente parte com a freguesia de Nossa Senhora do Destêrro, pelo ocidente com a de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Pelo Norte se dividia da Freguesia de Santo Antônio além do Carmo, hoje da de Nossa Senhora do Rosário novamente erigida. Pelo Sul parte com a de São Pedro. Foi o seu primeiro Cura, segundo a notícia que achei, no ano de 1603 o Padre Antônio Viegas. Segundo o Padre Rafael de Perada. Terceiro o Padre Pedro Borges Pereira. Quarto o Padre Manuel Antunes. Quinto o Padre Antônio de Brito e Gois. Sexto, que é o de presente o Doutor João Borges de Barros desembargador da Relação eclesiástica, e na mesma chanceler.

Além da cônica certa de sua Majestade que é de cinquenta mil réis a cada Vigário, são inaveriguáveis com certeza as rendas das freguesias do Brasil, porque pendendo a maior parte delas de batizados, e mortos, nem uns, nem outros têm ponto fixo; se nascem, e morrem muitos, muito lucra o Pároco, se pouco, pouco se utiliza: nesta contingência pelo número de fregueses com menos infabilidade que conjecturas somaremos estas rendas, que nenhum Vigário confessa, porque todos se queixam com as cláusulas referidas renderá o Curato da Sé da Bahia todos os anos pouco mais ou menos de conhecenças quatrocentos mil-réis.

Estabelecida e ordenada a Metrôpole principiou o Bispo, como já dissemos, a dividir e demarcar as vigairarias. A primeira (3), que na Bahia se criou foi a de Nossa Senhora da Vitória na Vila Velha, de que foi também o seu primeiro Vigário o Padre Marçal Rodrigues Correia neto de Diogo Álvares, porque era filho de sua filha Ana Álvares, que foi casada, como já dissemos, com Custódio Rodrigues Correia. Hoje parte esta freguesia pelo

(3) 1.^a vigararia erecta de Nossa Senhora da Vitória.

Norte com a freguesia de São Pedro e com a de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Pelo Sul chega até a Marinha, e pelo nascente parte com a freguesia de Nossa Senhora do Destêrro (4). Tem de extensão três quartos de léguas. Foi erecta no ano de 1549, quando àquele pôrto chegou a armada de Tomé de Sousa, inda antes da erecção da Cathedral. O Bispo depois a confirmou ou estabeleceu. São Igrejas filiaes Nossa Senhora da Madre de Deus no Rio Vermelho São Gonçalo na mesma parte, Santo Antônio da Barra. Consta de duzentos e vinte e quatro fogos. Tem almas novecentas e setenta e sete. Homens trezentos e quarenta e oito. Mulheres duzentas e quarenta e uma. Escravos trezentos e oitenta e oito. Renderá esta freguesia todos os anos pouco mais ou menos com as condições sobreditas de conhecenças cento e vinte mil-réis.

Foi seu primeiro Vigário o já referido Marçal Rodrigues Correia. Segundo em número no ano de 1626 (segundo a noticia, que pude achar) o Padre Mateus Vaz. Terceiro o Padre Felipe Serrão do Quental. Quarto o Padre Antônio Carrasco. Quinto o Padre Tomé da Fonseca. Sexto o vigário encomendado o Cônego Manoel Alvares de Carvalho. Sétimo João Jácome Arnoso. Oitavo o Licenciado Simão Ferreira da Câmara. Nono o Padre Manoel de Abreu Lobato. Décimo o Vigário encomendado o Padre Manoel Vieira de Barros, depois Cônego, Chantre, Arce-diago, e Tesoureiro-Mor da Sé na Bahia: undécimo o Licenciado João Gomes da Silva. Duodécimo o Padre Antônio Vieira Camelo. Terciodécimo o vigário encomendado Antônio Flôres, que depois foi Cônego nesta Cathedral. Quarto décimo o Vigário encomendado o Cônego Gaspar Marques Vieira. Quinto décimo Domingos Dias de Azevedo. Sexto décimo o licenciado João Nunes da Cunha. Seguiram-se Vigários encomendados os Padres Antônio Carvalho, e Pantaleão Lopes. Sétimo décimo o Licenciado João Cavaleiro de Passos. Oitavo décimo o Licenciado José Lopes de Araújo Laços que de presente o é.

A segunda vigairaria foi a de São Jorge dos Ilhéus (5) com a invocação da invenção da Santa Cruz; erecta pelo mesmo Bispo no ano de 1556. É a penúltima que fecha o Arcebisado da Bahia da parte Austral, por onde se divide da de São Boaventura, do Poxim, que é a última de nôvo erecta; a qual pelo Norte parte com a freguesia curada de São Miguel do Rio das Contas. Pelo Sul com o curato de Santa Cruz do Pôrto Seguro Bispado do Rio de Janeiro, mas no temporal da jurisdição da Bahia. De longitude pela costa do mar contra trinta e quatro léguas. De

(4) No ano de 1549. Três antes da Metrópole.

(5) Segunda vigairaria a dos Ilhéus erecta no ano de 1556.

latitude não se sabem as léguas, que tem, por serem sertões inabitados. Está situada na Vila de São Jorge dos Ilhéus; pertence ao termo da mesma Vila. São Igrejas filiais Nossa Senhora da Vitória, São Sebastião, Nossa Senhora da Encarnação em Taípe, Nossa Senhora da Escada na Aldeia dos Índios, a qual administram os Religiosos da Companhia de JESUS com o seu costumado zêlo, e utilidade das almas. Mil oitocentos e trinta e um numera a freguesia. Homens quinhento e cinquenta. Mulheres trezentas e oitenta e oito. Escravos oitocentos e noventa e três. Renderá esta freguesia todos os anos pouco mais ou menos, na forma das mais, de conhecenças duzentos mil-réis.

Foi o seu primeiro vigário encomendados (sic) de que achei notícia, o Cônego Manuel Vieira de Barros. Segundo Manuel Rodrigues Nogueira. Terceiro o licenciado Antônio Mendes da Costa. Encomendados João de Aguiar e Amaro de Lira. Quarto Vigário o licenciado Manuel Filgueira Veloso. Quinto Antônio de Sousa Castel Branco. Sexto Francisco Furtado de Mendonça e Eça encomendado. Sétimo o Vigário Colado Manuel Monteiro de Abreu, que de presente existe.

Em quinze graus escassos da linha para o Sul jaz a Capitania dos Ilhéus, a quem dão nome três, que na barra jazem. Foi data de El-Rei Dom João o III, a Jorge de Figueiredo Correia escrivão da sua Fazenda; por mandado de seu primeiro Donatário a veio povoar Francisco Romão da Nação Castelhanõ, mudou de sítio depois, e passou a nôvo Senhoril; e movendo-se dúvida acêrca do seu têrmo, desfêz a dúvida a sentença, que com o ouvidor geral do Brasil Brás Fragoso proferiu o Governador do Estado Mem de Sá; chegou a contar quinhentos vizinhos, e nove engenhos, de que hoje só conserva nas ruínas as memórias, porque aquêles afugentou, e êstes demoliu a fereza dos Aimorés perdendo a fazenda dificultosamente pretendem os moradores conservar a nobreza nos apelidos de Tourinhos, Araújo, Eças, Malafaias.

A terceira Vigairaria foi a de Nossa Senhora da Assunção na Vila do Camamu (6), erecta no ano de 1560 pelo segundo Bispo Dom Pedro Leitão. Parte pelo Norte com a freguesia de Santo Antônio da Vila de Boipeba. Pelo Sul com a freguesia de São Sebastião do Rio Maráu, distrito da mesma Vila. Compreende de face Norte a Sul doze léguas, e de Leste a Oeste caminho do Sertão se lhe ignora o têrmo, por serem terras incógnitas, em que habita o Gentio Bárbaro, que chamam Grem. Os moradores estão situados pelo recôncavo da dita Vila em sortes de terra de cinquenta até setenta braças, segundo as posses de cada um,

(6) Terceira vigairaria a do Camaumu no ano de 1560.

de que pagam feudo ao Colégio da Cidade da Bahia, que tem o senhorio das ditas terras, por data de Mem de Sá, que El-Rei confirmou. Compreende várias Ilhas, e é regada de mais de vinte e cinco Rios distantes uns dos outros de meia até três léguas, sendo os principais, dez, navegáveis alguns de uma até cinco léguas pela terra dentro de Sumacas, charcos latinos; tem duas barras famosas, uma que chamam a barra grande do Mota, capaz do maior Navio, a outra que se diz dorinhaém de menos fundo, pela qual continuamente entram, e saem embarcações latinas. Contem mais a dita vila duas Aldeias de Índios, que administram, e doutrinam, os Religiosos da Companhia de JESUS, uma no Rio Sirinhaém, a que chamam Santo André, e outra no Rio Maraú dita Nossa Senhora das Candeias, e no mesmo Rio uma fazenda de negros, a que chamam Santa Inês: distrito todo pertencente à mesma Vila; e esta ao Arcebispado da Bahia. Tem almas duas mil duzentas e trinta. Homens quatrocentos e quarenta e oito. Mulheres setecentas e cinquenta. Escravos mil e trinta e dois. Igreja filial Nossa Senhora do Destêrro, de que são Administradores os seus devotos. Renderá esta freguesia pouco mais, ou menos todos os anos de conhecimentos duzentos, e cinquenta mil-réis. Foi seu primeiro Vigário no ano de 1675 o Padre Estêvão de Matos. Segundo o Padre Bento de Sousa de Abreu. Terceiro Antônio da Costa Jardim. Quarto o Padre Antônio de Araújo Fanha. Quinto o Licenciado Manuel Delgado, que hoje assiste nela.

Está a Vila do Camamu acima descrita, em catorze graus ao Sul; e lhe pudéramos chamar a Sicília do Brasil: tal foi a fertilidade com que algum dia produziu (se bem hoje menos) farinha, que ano houve em que contribuiu para a Bahia com mais de vinte mil sírios dela.

Com a chegada do quarto Bispo Dom Constantino Barradas, que sucedeu a Dom Antônio Barreiros, se foi prosseguindo e multiplicando a erecção de novas Vigairarias, pois consta que do ano de 1.608 em que bispava êste Prelado ao em que faleceu de 1.618, estavam já estabelecidas dezesseis vigairarias (catorze dizem outras memórias). De tôdas falaremos com distinção, e neste Capítudo de três de que não há dúvida. A primeira destas, que erigiu o senhor Dom Constantino Barradas foi a freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Cairu (7) no ano de 1610. Está fundada numa Ilha na Vila do Cairu, na costa do mar, ao Poente da Cidade da Bahia, pelo Sul, e Leste a vai erigindo a freguesia do Espírito Santo da Vila de Santo Antônio de Boipeba. Pelo Norte parte pelo Rio Giquiriçá com a freguesia de Nossa Senhora

(7) Quarta vigairaria do Cairu no ano de 1610.

da Ajuda da Vila de Jaguaripe. Tem cinco léguas de longitude uma. Pertence à Capitania dos Ilhéus. São Igrejas filiais Nossa Senhora do Destêrro no Maricoabo. Nossa Senhora da Ajuda no Rio Camurugi. São Brás em Itaparaguá. Nossa Senhora do Amparo no Rio da Una. São João Batista no Mapendipé. Tem almas duas mil cento e vinte e uma. Homens quinhentos e vinte e cinco. Mulheres quatrocentas e seis. Escravos mil cento e noventa. Renderá esta freguesia pouco mais ou menos todos os anos de conhecenças cento e cinqüenta mil-réis.

Foi o primeiro Vigário desta freguesia do que achei memória no ano de 1.668 o Padre Antônio de Araújo. Segundo o Licenciado João Nunes da Cunha. Terceiro Domingos Dias de Azevedo. Quarto o Licenciado José Borges de Barros, sexto que agora existe o Padre José de Passos.

A segunda Vigairaria, que criou êste Prelado, e em número das erectas a quinta (8) foi a do Espírito Santo de Boipeba no ano de 1616. Consta de três Ilhas, e uma porção de terra firme. A primeira Ilha, que é a do Morro de São Paulo tem seis léguas de longitude. A segunda, que é a de Boipeba, em que está edificada a Matriz, mede de longitude por Costa duas e meia. A terceira, que é a de São Tiago, com três léguas de extensão. A porção de terra firme desde o Pontal até o Jordão da boa morte tem cinco léguas: pertencem tôdas ao térmo da mesma Vila de Boipeba, capitania dos Ilhéus. São Igrejas filiais Nossa Senhora da Luz no Morro de São Paulo, Santo Antônio no Mutupiranga, São Francisco Xavier no Galeão; e no Jordão Nossa Senhora da Boa Morte. Consta de mil duzentas e vinte e sete almas. Homens trezentos e vinte e três. Mulheres trezentas e vinte e sete. Criados vinte e cinco. Escravos quinhentos e cinqüenta e dois. Renderá esta freguesia pouco mais ou menos todos os anos de conhecenças cem mil-réis.

O primeiro Vigário, que consta, foi no ano de 1675 o Padre Jorge Pereira. Segundo o Licenciado Simão Pinto de Faria: terceiro José da Fonseca Tavares, Quarto Antônio de Sousa Brum. Quinto o Licenciado Gonçalo Roiz de Araújo. Sexto José Lopes de Araújo Laços. Sétimo João de Almeida de Oliva, que hoje vive. Dista o Morro do Padrão nove léguas por mar, e doze por terra. Está em treze graus e meio; altura que enchem os Navios de Europa nos meses do Inverno a buscar a fortaleza, que ali conservam os Portuguezes presidiada de guarnição desta praça. A segunda Ilha de Boipeba, ainda que pequena, é fértil, a qual e a de Tinhare povoaram os Portuguezes mais constrangidos que voluntários, porque havendo habitado a terra firme com a

(8) Quinta Vigairaria da Boipeba no ano de 1616.

ruim hospedagem dos Aimorés, que repetidas vêzes os visitavam, transferiram para esta Ilha de Boipeba as vidas, depois de perderem as lavouras. Está em catorze graus escassos, e dista do Comaumu três léguas por mar, e por terra cinco.

A terceira vigairaria, que sem dúvida erigiu o dito Prelado, e sexta (9) no número das erectas, foi a de Nossa Senhora da Vitória na Cidade de Sergipe de El-Rei no ano de 1.617. É suntuoso o Templo, exceto a Metrópole, a nenhum do Arcebispado cede vantagens. Está fabricado de mármore, mineral que produz aquêlê clima, sem mais differença do Europeu, que resistir menos aos cinzéis, que nêlê lavram quanto dita a fantasia. Jaz situada esta freguesia entre os dois Rios Vasa-barris, e o de Sergipe, que faz barra na Cotinguiba. Tem de longitude pela Costa cinco léguas, em que entram duas pela terra dentro. De latitude para o Sertão conta sete léguas, por onde se divide das freguesias do Lagarto, e Itabaiana. Todo o distrito da Cidade de Sergipe lhe pertencia, hoje pertence a Cotinguiba a Paróquia de Nossa Senhora do Socorro, com quem pelo Norte parte a sobredita freguesia de Nossa Senhora da Vitória. Numera pessoas sete mil seiscentos e setenta e seis. Homens mil e seiscentos. Mulheres mil e oitocentos e cinqüenta e seis. Criados vinte. Escravos quatro mil e duzentos.

Notavelmente ficou dissipada esta freguesia com a ereção da de Nossa Senhora do Socorro acima dita porque não só lhe tirou a maior porção da gente, mas muitas Igrejas filiaes, deixando-lhe sòmente Nossa Senhora da Ajuda em Itaporanga. Nossa Senhora de Nazaré no Itaparaguá. Santo Antônio, e São Gonçalo no Camuci. Renderia esta freguesia antes da divisão todos os anos pouco mais ou menos de conhecenças duzentos e cinqüenta mil-réis hoje muito menos, ou muito pouco.

Foi seu primeiro Vigário o Padre Sebastião Poderoso de Góis, cujas célebres memórias ainda duram, não só em Sergipe de El-Rei, mas em tôda a Bahia segundo Manoel Vieira de Barros. Terceiro José de Araújo. Quarto, que agora existe Antônio de Sousa Brum.

A Cidade de São Cristóvão, que está em doze graus da Equinocial para o sul, jaz entre os dois Rios já nomeados de Vasa-barris e de Sergipe, que lhe deu o nome, não porque a banhe (como escreve um nosso Autor illustre (10) pois dista dela doze léguas, mas porque a banhou. Principiou a fundar-se esta Cidade no Rio de Sergipe, a que chamaram de El-Rei, para distincção de outro Sergipe, que se dizia do Conde; depois por maior

(9) Sexta vigairaria de Sergipe no ano de 1617.

(10) FRANCISCO DE BRITO FREIRE.

conveniência transferindo-se para onde hoje está a povoação, mudou o lugar, que a denominou, mas não perdeu o nome, que teve; aparece em sítio elevado e plano, a quem serve de cortina a alva praia, que a cinge; dá-lhe escasso pôrto; só capaz de sumacas, o Vasa-barris, Rio que dividindo-se em dois braços forma uma como península; o da parte do Norte inclina para a Cidade, o da do Sul corre para a Tejupeba, fazenda dos Religiosos da Companhia. Sendo a povoação pequena, porque constará de quatrocentos, e cinqüenta vizinhos, a engradece muito a amena fertilidade do seu contôrno, em que se contam trinta e dois engenhos, algumas fazendas de gado, muitas roçarias, muitos legumes, e na Marinha super-abundante cópia de pescados, mariscos, frutas, e hortaliças. É Capitania, e da sua jurisdição são as três vilas, a do Lagarto, que está doze léguas da Cidade; a de Santo Amaro, além do Rio Sergipe; a de Santa Luzia na praia compõe-se de alguma nobreza, com os apelidos Sás, Abreus, Limas, Resendes, Pachecos, Taros.

DISSERTAÇÃO SEGUNDA

Continuam as fundações das Igrejas.

Como sempre o grande brado faz maior eco nas maiores distâncias, começou a soar nas Capitánias dos Ilhéus e Pôrto Seguro, já de antes descobertas, e povoadas, à fama do muito que obrava o fervoroso zêlo daqueles Apostólicos varões na Bahia, e ao passo da necessidade, ou própria, ou alheia, dispunham à sua súplica os Missionários nelas assistentes, que eram alguns Clérigos do hábito de São Pedro, que com os seus primeiros povoadores ali passaram, pedindo novos operários ou para desculpar a sua omissão, ou para fortalecer a sua impossibilidade, porque noticiavam agora, que viviam ali os Portuguezes tão esquecidos de Deus, e os Índios tão pouco lembrados dos Cristãos, que mais se distinguiram nas côres, que nos costumes, entregues todos a todo o gênero de vícios sem outro objeto que o seu interesse.

Aos Ilhéus acudiu o senhor Dom Pedro Fernandes Sardinha criando a vigairaria, que dissemos. Ao Camamu o Senhor Dom Pedro Leitão seu sucessor com a que referimos. Seguiram-se as três vigairarias do Cairu, Boipeba, e Sergipe de El-Rei, que erigiu o Senhor Dom Constantino Barradas, como também apontamos: mas porque do ano de 1708, em que governava este Prelado, ao de 1718 (como deixamos escrito) em que faleceu, se achavam erectas onze vigairarias, além das já nomeadas, a saber São Bartolomeu de Pirajá, Nossa Senhora do Ó de Paripe, São Miguel de Cotegipe, Nossa Senhora da Piedade em Matuim, Nossa Senhora da Encarnação em Passé, Nossa Senhora do Socorro em Parnamerim, Nossa Senhora do Monte na mesma parte, Nossa Senhora da Purificação em Santo Amaro, São Tiago em Paraguaçu, Santo Amaro na Pitanga, a Vera Cruz em Itaparica, e senão acha, ou se duvida o ano, em que se erigiram; nós seguindo a relação, que conservamos destas fundações diremos, pela ordem, e sucessão dos Bispos, que a freguesia da Vera Cruz em Itaparica foi erecta no ano de 1562, pelo senhor Dom Pedro Leitão (1) onde tendo da primeira aldeiado mais de três mil In-

(1) Vigairaria da Vera Cruz no ano de 1562 pelo senhor Dom PEDRO LEITÃO.

dios, que vieram povoá-la, viu em um só dia renascer do Sacro banho quinhentos e trinta, porque assim como lhe dera acolhimento temporal também lhe quis dar espiritual morada. Com quatro léguas de longitude, e de latitude uma pelo Norte, e pelos lados se termina esta freguesia no mar; pelo sul parte com a de Santo Amaro situada na mesma Ilha. Foi de nôvo fundada, porque antes da freguesia não havia Igreja, por isso ainda conserva a antiga arquitetura, que nem porisso enobrece menos a Ilha de Itaparica; a qual em distância de três léguas da Bahia, tendo sete de extensão, pelo nascente, que é a parte, que abre a barra, se estende em planíceis, pelo ocidente se levanta em montes; habitada de mais de quatrocentos vizinhos, que formam no que chamam Pontaí uma numerosa povoação capaz de dilatada Vila, na praia se vê de nôvo regularmente fabricada uma fortaleza, e no monte que lhe fica padraço, a que chamam eminência, sítio em que se fortificou Segismundo quando no ano de 1.647 a veio ocupar com intento de invadir a Cidade; é abundante de gado, de madeiras e lenhas para as fábricas dos engenhos, fértil de frutas, legumes, mariscos, e de excelente pescado; da que se faz a célebre pescaria das baleias, e aqui existe a oficina onde se fabrica o azeite, que não só dá luz à Cidade, a seus recôncavos, mas passa por negócio a alumiar as Capitania do Norte. Compõe-se esta freguesia de duas mil setecentos e quatro almas. Homens seiscentos e quarenta. Mulheres seiscentas e sessenta e seis. Criados oito. Escravos mil trezentos e noventa. São Igrejas filiais São Lourenço na ponta das Baleias. Nossa Senhora da Penha de França. Nossa Senhora do Bom Despacho. Nossa Senhora da Conceição na Pirajuaia. São José. Santo Antônio dos Coqueiros. Nossa Senhora da Assunção. Nossa Senhora das Mercês. Renderá esta freguesia pouco mais ou menos todos os anos de conhecenças duzentos mil-réis.

Foi o seu primeiro vigário no ano de 1.624 o Padre Sebastião de Bulhões. Segundo o Padre Manuel de Passos. Terceiro o Padre Romão Palmeiro. Quarto Francisco Nunes Ferreira. Quinto o Padre Martinho de Barros Vice-Vigário. Sexto Sebastião Teixeira Pinto. Sétimo Feliciano da Rocha Fienes Vigário encomendado. Oitavo João Florêncio dos Santos, que agora o é de propriedade.

No mesmo ano criou o próprio Prelado a freguesia de São Tiago de Paraguaçu cita no distrito do Iguape (2). Pelo ocidente parte com a freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Vila de Cachoeira. Pelo oriente com a de São Domingos da Saubara. Pelo Sul se dividia da de São Bartolomeu de Maragogipe, hoje

(2) Vigairaria de Paraguaçu no ano de 1562 pelo mesmo Bispo.

da de São Pedro do Monte, que tôdas foram da sua jurisdição; tão extenso foi o seu primitivo térmo; hoje tem êste de longitude duas léguas, e légua e meia de latitude, que pertencem ao da Vila da Cachoeira. A Igreja é de nobre arquitetura, com duas tôrres e uma tribuna, e a freguesia habitada de três mil e quarenta e três almas. Homens trezentos e sessenta e dois. Mulheres quatrocentas e trinta. Criados trinta e nove. Escravos dois mil duzentos e doze. Igrejas filiais Nossa Senhora da Penha de França no engenho da Ponta. Santo Antônio na Imbiara. Santa Maria Maior no Iguape. Nossa Senhora da Pena no Engenho Velho. Nossa Senhora do Destêrro Santo Antônio. Renderá esta freguesia na forma tantas vêzes mencionada de conhecenças duzentos mil-réis.

Foi seu primeiro Vigário no ano de 1.650 o Padre Manoel de Barros. Segundo Manoel Coelho Barradas. Terceiro Bento Coelho de Araújo. Quarto João Álvares. Quinto o vigário encomendado João Cavaleiro. Sexto Manoel Ribeiro Penha, hoje Cônego na Sé. Sétimo Domingos Velho de Araújo, que atualmente o é.

O lugar de São Tiago, de que toma nome a Paróquia, jaz no fim da enseada onde se vê o convento de São Francisco de Paraguaçu, Rio que lhe fica para o oeste. Consta o seu distrito, que compreende todo o Iguape, de dezesseis engenhos que fertilizam aquêle contórno. Cultiva muitas fazendas de canas, e tem muitos edifícios nobres citados de muita nobreza com os apelidos de Aragões, Meneses, Garcias, Cavalcantis, Brandões, Marinhos, e Pereiras.

A terceira, e última freguesia, que no ano de 1.563 criou o Senhor Dom Pedro Leitão foi a de Santo Amaro da Pitanga (3), Numa dilatada campina sete léguas distante da Bahia está edificada esta freguesia. Conta pela costa do mar do Rio das pedras até o Inhambupe vinte léguas de longitude, e trinta para o Sertão até o mesmo Inhambupe. Tem de latitude em partes três léguas, em partes seis, e em partes, como é da Torre cortando ao Sertão vinte léguas pouco mais, ou menos. Em distância de cinco se vai dividindo da freguesia de Santo Antônio do Carmo; da freguesia de São Bartolomeu do Pirajá, da freguesia de São Miguel de Cotegipe, que tôdas a estão circundando. Pela mata de São João se divide da freguesia de Nossa Senhora da Encarnação de Passé. Da mata para fora confronta com a freguesia de São José das Itapororocas até as [orizangas]. Pelo Rio Inhambupe com a freguesia de Nossa Senhora de Nazaré de Ita-

(3) Vigairaria de Santo Amaro da Pitanga pelo mesmo Bispo no ano de 1563.

picuru de cima. Pela costa do mar, e foz do Rio Inhambupe se separa da freguesia de Nossa Senhora do Monte de Itapecuru da praia: é da jurisdição da Cidade da Bahia, porém aquêlê Sertão do têrmo da Vila de Cachoeira. Tem almas cinco mil e cinqüenta e uma. Homens mil e duzentos e vinte e cinco. Mulheres mil duzentas e trinta e quatro. Criados vinte e quatro. Escravos dois mil quinhentos e sessenta e oito. São Igrejas filiais São Francisco de Assis na Itapoã. São Bento no Monte Gordo. Nossa Senhora da Vitória na Mata de São João. São Bento no Rio de Joane. Santo Antônio no Jacupe. Nossa Senhora da Conceição na Tôrre. Santo Antônio na Capoaime. Renderá esta freguesia pelo número dos fregueses pouco mais ou menos todos os anos de conhecenças duzentos e cinqüenta mil-réis.

Foi seu primeiro Vigário no ano de 1.613 o Padre Antônio Carrasco. Segundo o Padre Jerônimo de Lemos. Terceiro o Padre Antônio Correia. Quarto o Padre Bento Freire. Quinto o Padre Domingos Fernandes. Sexto o Padre Antônio Gomes Cardoso. Sétimo o Padre Manoel Pereira Ramos. Oitavo o Padre Antônio Filgueira. Nono o Licenciado João Nunes da Cunha. Décimo o Licenciado João Roiz de Figueiredo, que de presente o está sendo.

O Terreno desta Freguesia é arenoso e baixo. Goza do Rio Pitanga, que corre poucos passos distante da freguesia, de que tomou o cognome a Matriz, e de excelentes campos, que apascentam muitas manadas de um, e de outro gado; cultiva algum tabaco, e dista duas léguas do pôrto do mar, ou mais prôpriamente tôda a costa lhe serve de pôrto, que aprove e ainda a Cidade, de numeroso, grosso, e excelente pescado.

Ao Senhor Dom Pedro Leitão sucedeu o senhor Dom Antônio Barreiros, o qual tomando posse da mitra herdou também a obrigação do bago, prosseguindo no zêlo de seu antecessor, e como êste erigiu três vigairarias no Recôncavo da Bahia assim aquêlê o quis imitar criando outras três, que foram: a de Nossa Senhora da Purificação na Patatiba de Sergipe do Conde (4), a de São Bartolomeu de Pirajá, e a de Nossa Senhora do Ó de Paripe tôdas no ano de 1.578. De tôdas, e em tudo, primeira foi a freguesia de Nossa Senhora da Purificação. Jaz esta freguesia distante catorze léguas da Cidade para a parte do Poente. Pelo meio-dia parte com a freguesia de São Gonçalo da Vila de São Francisco. Pelo Oeste partia com a de São Gonçalo dos Campos da Cachoeira, hoje com a de Nossa Senhora da Oliveira, novamente erecta, e pelo Sul com a de São Domingos de Saubara.

(4) Vigairaria de Nossa Senhora da Purificação no ano de 1578 pelo Bispo DOM ANTÔNIO BARREIROS.

Tem de extensão duas léguas e meia, e de largo duas. Pertence ao termo da Vila de São Francisco. Numera almas seis mil e vinte e quatro. Homens novecentos e cinquenta. Mulheres oitocentas e cinquenta. Criados setenta e dois. Escravos quatro mil cento e cinquenta e dois. Igrejas filiais São Francisco Xavier na Pitanga. Nossa Senhora da Penha de França, Santo Antônio, São Brás. São Gonçalo, São Cosme e São Damião na Patatiba. São Francisco Xavier em Santo Amaro, e Santo Amaro no mesmo sítio. Os três Reis Magos, Nossa Senhora da Piedade, Nossa Senhora da Conceição no Subaié. São João Batista na Moribeca. Nossa Senhora do Rosário na Periquara. A transfiguração de Cristo, Santo Antônio, São Pedro, Nossa Senhora da Assunção, Nossa Senhora do Bom Despacho, São Miguel em Traripe, Nossa Senhora do Pilar na Periquara. O Senhor Bom Jesus, no Papa-gaio, e Nossa Senhora do Rosário no Traripe. Renderá esta freguesia todos os anos pouco mais ou menos, segundo o número de pessoas de conhecenças duzentos e cinquenta mil-réis.

Foi o seu primeiro Vigário no ano de 1.595 o Padre Bento Ferraz. Segundo o Padre Gaspar Fernandes. Terceiro o Padre Inácio Dias. Quarto o Padre Mateus de Mendonça. Quinto o Padre Marcos Soares. Sexto o Padre Inácio Barbosa de Araújo. Sétimo encomendado o Doutor Inácio de Azevedo, hoje Cônego, e Arcediago na Sé da Bahia. Oitavo encomendado Domingos Velho de Araújo. Nono proprietário o Padre Manoel Teles. Décimo, que agora existe, o Licenciado José Borges de Barros.

Muitos anos estêve esta pequena Paróquia (defeito de tôdas aquelas primitivas fundações) junto ao engenho, que chamam do Conde, e que fundou o Governador Mem de Sá, porque havendo êle concedido três sesmarias de três léguas e meia de costa no distrito de Sergipe nos anos de 59, 61, e 64, a Fernão Rodrigues Castelo Branco Almotacel-Mor (as quais confirmou depois o Senhor Rei Dom Sebastião aos condes de Linhares em 1576) fêz por sua morte o dito Fernão Rodrigues doação destas sesmarias a Francisco de Sá filho do sobredito Governador; por morte de Francisco de Sá passou o Senhorio delas a Dona Felipa de Sá sua Irmã, que casou com o Conde de Linhares Dom Fernando de Noronha, o qual resgatando-se da Berbéria onde ficou cativo na de Alcácer, resgatou também a Francisco de Negreiros homem filhado, a quem enviou por seu procurador a Bahia, onde muitos anos regeu as suas fazendas, até que vencendo a Condessa Dona Felipa ao Conde seu marido em dias, por sua morte doou fazendas, e engenho aos Padres da Companhia de Santo Antão, que hoje os logram, e desfrutam; agora se vê a freguesia transferida de suntuosa fábrica para o sítio e povoação de Santo Amaro, regada do Rio dêste nome, que sem

scr Vila é merecedora de maior privilégio; porque constando de quatrocentos vizinhos, é um dos Portos de maior comércio do Recôncavo da Bahia, onde açúcares, tabacos tabodos, e mantimentos, dão sucesiva carga a mais de vinte e quatro embarcações, que tôdas as semanas navegam para a Cidade, de onde dista, como já dissemos, catorze léguas. De trinta e nove engenhos consta o seu têrmo; de muitas moradas nobres, e de muita nobreza com os apelidos de Barbalhos, Negreiros, Mouras, Rolins, Góis, Barros, Calmões, Escobares, e vários outros.

Sucedeu à de Nossa Senhora da Purificação a freguesia de São Bartolomeu de Pirajá (5), distrito em que se fabricou o primeiro engenho, que teve a Bahia, e a que deu as primeiras canas-de-açúcar a vila de São Vicente, chamado vulgarmente da Rainha pela obrigação, que tinha cada lavrador de moer uma tarefa de cana aplicada para os Reais chapins. Num moderado monte distante da Cidade da Bahia légua e meia para a parte do Norte está situada esta freguesia. Tem de latitude três léguas. Pelo Sul parte com a freguesia de Santo Antônio, além do Carmo, pelo Norte com a de Nossa Senhora do Ó de Paripe. É do têrmo da Cidade. Habitam-na seiscentas e setenta e oito pessoas. Homens cento e trinta e três. Mulheres cento e sessenta e quatro. Escravos trezentos e oitenta e um. São Igrejas filiais. São Caetano. São João Evangelista. Nossa Senhora da Escada. São Brás. Renderá esta freguesia, que é das mais ténues, todos os anos pouco mais, ou menos, de conhecenças oitenta mil-réis.

Na sua pequenez ainda pretende conservar a sua nobreza nos apelidos de Melos, Vasconcelos, e outros.

Foi o seu primeiro Vigário no ano de 1.674 o Padre Domingos da Costa Rebouças. Segundo o Padre João de Aguiar. Terceiro o Padre Gonçalo Rodrigues de Araújo. Quarto o Padre Manuel Pinto da Fonseca. Quinto o Padre Pedro Fernandes da Costa, que agora passou a Vigário de Passé.

Da mesma sorte a freguesia de Nossa Senhora do Ó de Paripe (6) foi erecta por êste mesmo Prelado no mesmo ano. Está situada em lugar eminente, pouco distante do mar, e da Cidade três léguas. Pelo Norte parte com a freguesia de São Miguel de Cotegipe em distância de três quartos de légua. Pelo Nascente parte com a de Santo Amaro da Pitanga em distância de légua e meia; e de meia légua pelo ocase, com a de Nossa Senhora da Piedade de Matuim. Pela do Sul com a de São

(5) São Bartolomeu de Pirajá no mesmo ano pelo mesmo Bispo Dom ANTÔNIO BARREIROS.

(6) Nossa Senhora do Ó de Paripe no mesmo ano pelo mesmo Prelado.

Bartolomeu de Pirajá em outra tanta extensão. Tem oitocentas e cinquenta e seis pessoas. Homens cento e oitenta e sete. Mulheres cento e dezoito. Escravos quinhentos e cinquenta e um. São Igrejas filiais. Nossa Senhora do Rosário. Nossa Senhora da Escada. São Tomé. Renderá esta freguesia pouco mais ou menos todos os anos de conhecenças cem mil-réis.

Foi o seu primeiro Vigário no ano de 1.588 o Padre Miguel Martins. Segundo o Padre Estêvão Fernandes. Terceiro o Padre Pedro Velho Cabral, quarto o Padre Domingos Lopes. Quinto o Padre o Licenciado Simão Roiz. Sexto o Padre Belchior Pereira. Sétimo o Vigário Pedro de Teves Barreto, depois Cônego e Arcediago da Bahia. Oitavo o Padre Antônio Gomes da Silva. Nono o Padre Amaro Pimentel da Costa. Décimo o Padre Pedro Alvares de Neiva. Undécimo e último de presente o Padre Miguel Vieira Monteiro.

É Paripe térmo da Bahia; houve nêle vários engenhos; apenas hoje se conserva um, porque as que foram cultivadas fazendas de canas, só agora conservam os vestígios do que foram. Não é estéril de pescado, e fértil de criações, de um e outro gado, a que dão abundantes pastos os desertos vales. Tem algumas famílias nobres com os apelidos de Pereiras, Abreus, Melos, e Meneses.

No ano de 1606 o Senhor Dom Constantino Barradas, que em número foi o quarto Bispo do Brasil, e pudéramos contar por primeiro no zêlo de bom Pastor, além das já referidas Paróquias do Cairu, Boipeba, e Sergipe de El-Rei criou de nôvo cinco. Destas foi a primeira a de São Miguel de CotePIPE (7) situada no fim do Rio assim chamado, que onde perde o ser lhe dá o nome. Tem de longitude três léguas, e de latitude duas e meia. Pertence ao térmo da Cidade de onde dista cinco léguas para o Norte. Pelo Sul parte com a freguesia de Nossa Senhora do Ó de Paripe, e termina a sua extensão dividindo-se pelo Norte da freguesia de Santo Amaro da Pitanga. Pela latitude parte com a freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Matuim, e acaba tornando a partir pela estrada do Sertão com a sobredita freguesia de Santo Amaro da Pitanga. Tem almas mil trezentas e noventa. Homens cento e noventa. Mulheres duzentas e oitenta e dois. Criados vinte. Escravos oitocentos e noventa e oito. São Igrejas filiais Santa Luzia. São Bernardo. Nossa Senhora da Conceição. Nossa Senhora de Guadalupe. São Gonçalo. Renderá esta freguesia todos os anos pouco mais ou menos, de conhecenças cem mil-réis.

(7) São Miguel de CotePIPE no ano de 1606 pelo Bispo Dom CONSTANTINO BARRADAS.

Foi o seu primeiro Vigário no ano de 1.613 o Padre Pedro do Vale. Segundo o Padre Manuel Canal. Terceiro Rafael de Perada. Quarto André de Loureiro de Mesquita. Quinto Francisco Ferreira da Costa. Sexto João Ribeiro. Sétimo João de Passos da Silva encomendado. Oitavo Cristóvão Ferreira Garcês. Nono José de Araújo. Décimo Pascal de Siqueira. Undécimo Antônio Corvelho de Ávila. Duodécimo Custódio Roiz Landim. Décimo-tércio encomendado Julião Ferreira. Da mesma sorte João Florêncio dos Santos. Décimo-quarto José Viegas de Azeredo. Último, que agora existe Manuel Cardoso dos Santos.

É o recôncavo de Cotegipe aprazível e vistoso. A terra porém não é da mais grossa porque é da que chamam [selão]. Todavia nela se cultivam suficientes canaviais, que alimentam cinco engenhos, que nêle de presente moem. É fértil das pescarias, e nas largas matas, que se seguem aos Canaviais se produz suficientemente a farinha preciso alimento dos habitantes do Brasil. Tem algumas nobres famílias com os apelidos de Machados, Lencenas, Góis, Araújo.

Segunda fundação dêste Prelado foi a freguesia de Nossa Senhora da Piedade em Matuim (8). Distante da Cidade da Bahia cinco léguas para a parte do Norte está edificada esta freguesia junto ao Rio de que toma o nome. Tem de extensão duas léguas, uma para o Oeste por onde parte com a freguesia de Nossa Senhora da Encarnação de Passé, outra para o leste, por onde se divide da freguesia de São Miguel de Cotegipe. Conta almas mil setecentas e vinte e sete. Homens duzentos e trinta e quatro. Mulheres duzentas e quarenta e uma. Criados trinta e dois. Escravos mil duzentos e vinte. São Igrejas filiais. Nossa Senhora das Neves na Ilha de Maré. Mais na mesma Ilha Nossa Senhora da Conceição, e São Francisco Xavier. Santa Teresa na de Ximenes. Nossa Senhora do Crasto no Caboto. São João Batista. Nossa Senhora de Nazaré. Renderá esta freguesia pouco mais ou menos todos os anos de conhecenças cento e vinte mil-réis.

Foi o seu primeiro Vigário no ano de 1.643 o Padre Pedro Borges Pereira. Segundo o Padre Antônio da Costa. Terceiro João da Cunha. Quarto o Licenciado José Martins de Sousa. Quinto, que existe o Padre Pedro de Andrade Pereira.

O distrito de Matuim e principalmente o Rio, que lhe dá o nome é um dos mais aprazíveis de todo o Recôncavo da Bahia. Tem a entrada defronte da Ilha de Maré, que mede uma légua de comprimento, e meia de largura. Pouco deleitável à vista,

(8) Nossa Senhora da Piedade em Matuim pelo mesmo Prelado no dito ano.

mas muito agradável ao gôsto, e começando aqui como estreita garganta se alarga depois a uma formosa enseada muito parecida à da Bahia, cujas margens povoadas de nobres edifícios, e alguns engenhos (de seis consta o seu térmo) não menos recreiam os olhos que convidam a habitação, porque a terra, ainda que fraca para as canas, produz todos os mais frutos, e o mar tributa copiosamente vários gêneros de pescado; capaz de recolher a maior armada, porque tem fundo para as Naus de maior [lutação], e abrigo para qualquer tempestade, causa porque aqui se reparam, e crenam alguns Navios, que acham menos conveniência no pôrto da Cidade. Tem nobres aposentos, e a nobreza consta de Pitas, Machados, Sousas, Carvalhais, Melos.

Sucedeu a esta freguesia de Passé pelo mesmo fundador ainda que em diverso ano. Está fundada a freguesia de Nossa Senhora da Encarnação de Passé seis léguas distante da Bahia (9). No seu princípio teve de longitude perto de dez léguas, e de latitude uma; hoje daquela possui menos por se criar em parte da sua extensão à freguesia nova de São Sebastião. Pela parte do Sul se divide da freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Matuim. Pelo Oeste da de Nossa Senhora do Socorro. Tem almas quatro mil cento e sessenta. Homens setecentos e treze. Mulheres seiscentas e quarenta e oito. Criados cento e vinte e dois. Escravos dois mil seiscentos e setenta e sete. São Igrejas filiais Nossa Senhora da Conceição de Cornubuçu. JESUS Maria José em Jacaracanga. Santo Antônio na mesma parte. Todos os Santos na Pitinga. Nossa Senhora do Rosário na Petecaba. O Menino JESUS no Bom Retiro, São Francisco no Monte. Santo Antônio no Mamão; e Santo Antônio nas Pindobas. Renderá esta freguesia todos os anos pouco mais ou menos de conhecenças duzentos e cinquenta mil-réis.

Foi o seu primeiro Vigário no ano de 1638 o Padre Mateus da Fonseca. Segundo o Padre Manuel Jorge. Terceiro o Padre Antônio Borges. Quarto encomendado Dâmaso da Silva. Quinto o Padre Manoel Pereira Ramos. Sexto o Padre Francisco de Abreu Pereira. Sétimo o Padre Licenciado Lourenço Ribeiro. Oitavo o Padre Pedro Fernandes da Costa, que agora existe.

É Passé Recôncavo da Bahia e da mesma sorte terra apta, por ser de massapé, para a cultura das canas, que nêles se fabricam, e que hoje moem oito engenhos: fôra em seus princípios teatro de porfiadas ações militares, assim entre Gentios, quando finalmente foram vencidos os seus habitadores do que habitavam

(9) Nossa Senhora da Encarnação de Passé pelo mesmo Bispo no princípio do ano de 1607.

a Bahia, capitaneados êstes por Diogo Álvares, como entre os Portuguezes, e Belgas, quando duas vêzes penetraram êste recôncavo: no ano de 1624. João Dorth, e Pedro Peres no ano de 1627.

Logo immediata a esta succedeu a freguesia de Nossa Senhora do Socorro (10) pelo mesmo fundador. Está fabricada em elevado terreno; a Igreja é suntuosa, e tem cinco altares. Mede duas léguas de extensão na maior distância. De largura tem duas léguas na mesma forma, porque em partes se estreita. Fica a Matriz a respeito dos extremos da freguesia bem no centro dela. Parte com a de Nossa Senhora da Encarnação de Passê pelo Sul, e pelo Norte com a de Nossa Senhora do Monte. Dista da Cidade da Bahia sete léguas por mar, e por terra doze. Pertence ao têrmo da Vila de São Francisco de Sergipe do Conde. Tem almas duas mil e quarenta e seis. Homens duzentos e oitenta e nove. Mulheres trezentas e quinze. Escravos mil quatrocentos e quarenta e dois. São Igrejas filiais Santo Antônio nos cinco Rios. As Santas almas, São Lourenço, Nossa Senhora do Desêrro em Parnamerim. São Paulo. Santo Antônio em Mataripe. O Bom JESUS em Parnamerim, sendo que hoje está o Templo arruinado. São Estêvão. São Gonçalo nos cinco Rios. Nossa Senhora da Copacabana. A Santíssima Trindade. Renderá esta freguesia todos os anos pouco mais ou menos de conhecenças cento e oitenta mil-réis.

Foi o seu primeiro Vigário no ano de 1642 o Padre Licenciado Antônio Muniz Barreto. Segundo o Vigário Diogo Coelho de Oliveira. Houve alguns Encomendados, e é hoje o proprietário, que existe o Padre Gonçalo de Sousa Ribeiro.

O Terreno do Socorro é menos igual, mas a terra da própria sorte cultivada de canaviais, que moem hoje doze engenhos. Habitam-na famílias muito illustres com os apelidos de Francas, Soares, Britos, Monizes, Teles, Meneses, Argolos, Sousas, e outros mais.

A última freguesia fundação dêste Prelado no mesmo ano foi a de Nossa Senhora do Monte (11). Dez léguas distante da Cidade da Bahia está situada esta freguesia. Tinha de extensão, antes de se erigir a Vigairaria de São Pedro do Monte dez léguas continuadas de Norte a Sul, as quais principiando no mar iam partir com a freguesia de São José das Itaporococas, hoje parte com a sobredita de São Padro. É verdade que se compunha de cinco léguas de mata inabitada. Principia em quase

(10) Nossa Senhora do Socorro pelo mesmo Bispo no mesmo princípio do ano atrás.

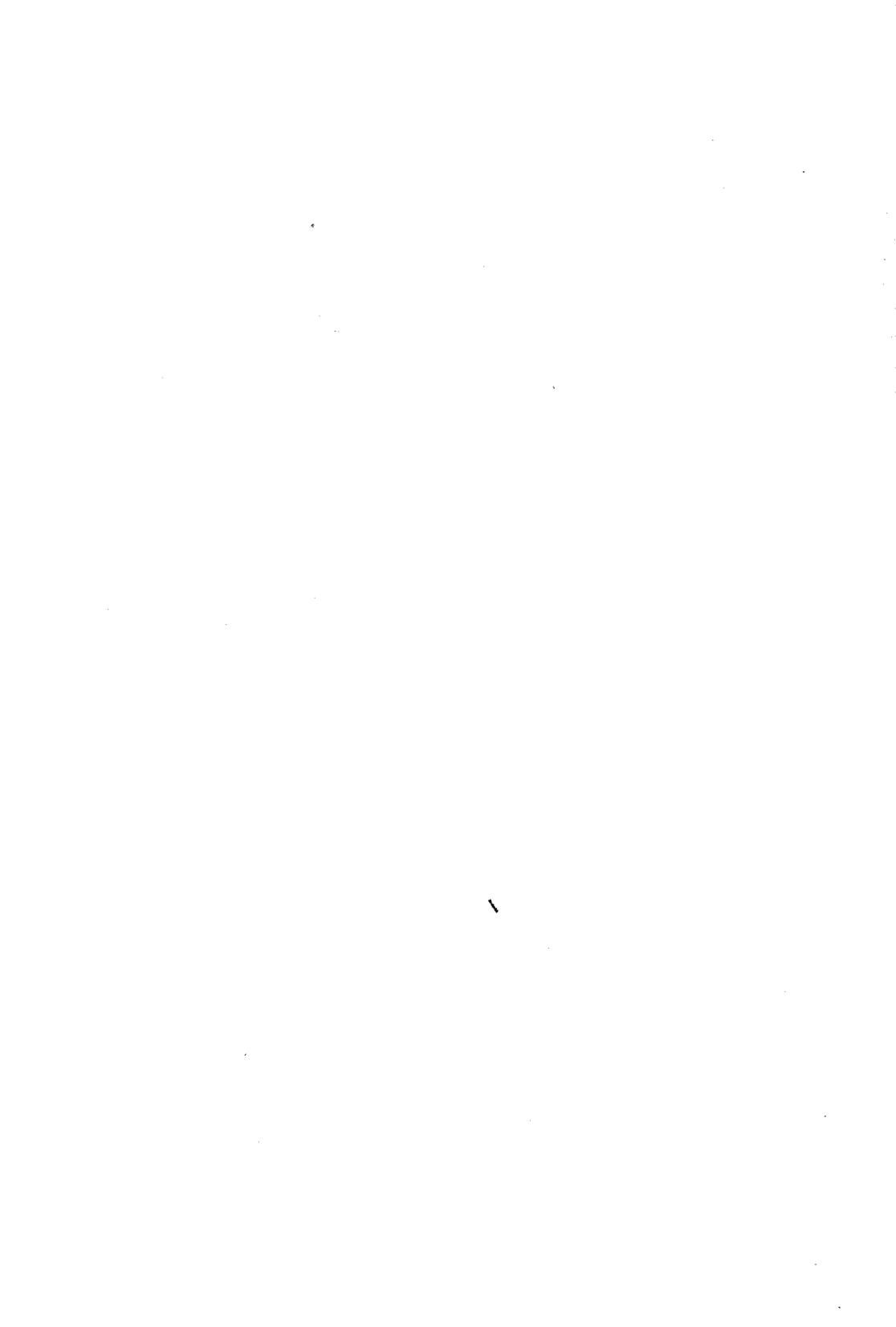
(11) Nossa Senhora do Monte, pelo mesmo Prelado no mesmo ano.

uma de largura, depois se estende a mais de duas. Pelo Oriente confronta com a freguesia de Nossa Senhora do Socorro, e logo com a de Nossa Senhora da Encarnação de Passé; pelo Ocaso se divide da de São Gonçalo da Vila de São Francisco, e da de Nossa Senhora da Purificação de Sergipe do Conde. Tem almas cinco mil quinhentas e quarenta e uma. Homens oitocentos e noventa e cinco. Mulheres oitocentas e sete. Criados quatro. Escravos três mil oitocentos e trinta e cinco. São Igrejas filiais Santo Antônio na Lagoa. São José na Guaíba. Santo Antônio no Parnamerim. Nossa Senhora das Neves nas Laranjeiras. Santa Cruz em Jerusalém na Guaíba. São Roque no Sítio do Bombaça. Nossa Senhora da Conceição na Guaíba. São Domingos no Parnamerim. Nossa Senhora do Vencimento na mesma parte. Nossa Senhora do Monte do Carmo no Limociro. Renderá esta freguesia pouco mais ou menos todos os anos de conheçença duzentos e cinquenta mil-réis.

Foi seu primeiro vigário, e o primeiro que pude achar, no ano de 1655, Padre Francisco de Almeida Rosa; e depois de alguns encomendados, segundo o Licenciado João de Almeida Teles e Minaia. Terceiro e último que nela assiste o Licenciado Gaspar de Sousa Ribeiro.

Um elevado monte natural Atacaia onde se divisa o largo gôlfo da Bahia, e grande parte do contôrno, que a cinge, dá nome a esta freguesia e o Rio de Parnamerim, que a banha da parte do Oriente grande comodidade aos seus habitantes, que vivem das lavouras do açúcar fabricado em dezenove engenhos, de que consta. Tem algumas famílias nobres com os apelidos de Teles, Meneses, Barretos, Sás, Vasconcelos, Gamboas.

Tal foi o ano, tal o fundador, e tais as fundações das onze freguesias, que até aqui se lhe não achou fundação, fundador, nem ano; e assim seguindo a sucessão dos Bispos prosseguiremos com as mais erecções destas Igrejas Paroquiais.



DISSERTAÇÃO TERCEIRA

Em que se prossegue, as erecções das Igrejas Paroquiais.

Livre do embaraço das dúvidas com mais liquídada tinta correrá a pena pelo campo do papel. Até agora escrevemos o que não estava dito, nem achado; agora entraremos a escrever o que outros acharam, ou disseram, suposto que com alguma discrepância.

Como se previnira o senhor Dom Marcos Teixeira Quinto Bispo do Brasil que a Bahia se ensaiava para ser sitiada, no ano de 1624, no de 1623, parece que lhe quis fabricar a melhor defesa, criando vigairaria a Igreja de Nossa Senhora da Conceição (12) sita na praia desta Cidade; já era Ermida, e agora passou a Paróquia; corre ela de Norte a Sul; foi maior a sua extensão enquanto se não erigiu a Vigairaria de Nossa Senhora do Pilar que se compôs de uma grande porção sua; com esta parte pelo Norte, e pelo Sul com a de São Pedro; divide-se pelo Oriente da da Sé, e pelo Oeste se termina no mar. Tem novecentos e oitenta fogos. Almas quatro mil novecentos e trinta e oito. Homens mil trezentos e noventa e nove. Mulheres seiscentas e quarenta. Criados setenta e nove. Escravos dois mil oitocentos e vinte. São Igrejas filiais São Pedro Gonçalves, e São Barbosa; com a mesma incerteza, com que das outras falamos, diremos desta, que antes da sua divisão era uma das mais lucrosas freguesias da Bahia, depois de dividida é certo que ficou com menos renda, que será pouco mais, ou menos pelo número das pessoas de conhecenças duzentos e cinqüenta mil-réis.

Foi o seu primeiro Vigário no mesmo ano, em que foi erecta o Padre Mateus de Borba. Segundo o Padre Manoel Dias de Carvalho. Terceiro o Padre Damião Roiz dos Santos. Quarto o Padre João da Cunha. Quinto o Padre José Pereira da Costa. Sexto o Padre Nicolau Franco. Sétimo o Padre José de Oliveira Serpa, que depois foi Cônego nesta Sé. Oitavo vigário encomendado o Doutor Sebastião do Vale Pontes, depois Cônego,

(12) Nossa Senhora da Conceição no ano de 1623 pelo Bispo Dom MARCOS TELXEIRA.

Mestre-Escola, e hoje meretíssimo Deão da Nossa Metrópole. Nono o Doutor Inácio de Sousa. Décimo o Doutor Jorge Roiz Monteiro, Cônego, Provisor, e Vigário geral do Arcebispado. Undécimo o Licenciado Custódio Rodrigues Landim, que de presente o é.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que está fundada à margem do mar, é um abreviado Céu, e a ter mais espaçosa área, ainda na estrutura, e perfeição; porque igualando a devoção à posse dos fregueses, fazem menos do que podem, ou do que desejam fazer; pois é frase na Bahia que tôda a sua opulência lá fêz morada na Praia, verdade tão acreditada, como eu pudera testemunhar, porque servindo no ano de 1711 de Vereador no Senado da Câmara, que tem obrigação de nomear três sujeitos para tesoureiros da fazenda Real dos quais os Senhores Governadores elegem um, e fiando-se-me o cuidado de os procurar, achei na dita Praia na distância de setenta e seis moradas de casas doze moradores, que cada um dêles, sem muita dúvida, possuía melhor de cinqüenta mil cruzados.

A freguesia imediata a esta na erecção foi a de Nossa Senhora da Ajuda (13) em Jaguaripe, criada no ano de 1.625, porque falecendo no de 1.624 o Senhor Dom Marcos Teixeira no Arraial de Itapagipe, e não no de 628 (como erradamente escreve outra memória) quando sôbre o rochete vestia Osago (se não é que viveu quatro anos no Brasil depois de morto, por ser o Brasil outro mundo) (14). Neste entre-reino criou a Sé vacante esta freguesia, que está fundada na que hoje é vila, distante da Cidade quase quinze léguas ao Ocidente dela entre três Rios, cada um dêles navegável três léguas. Pelo Norte parte com a freguesia de Santo Amaro de Itaparica, e por êsse mesmo lado com a de São Bartolomeu de Maragogipe. Pelo Sul confrontava com a de Nossa Senhora do Rosário do Cairu, hoje confina com a de Santo Antônio do Jaguiricá de nôvo erecta. Conta almas duas mil quatrocentas e cinqüenta e oito. Homens setecentos e vinte. Mulheres seiscentos e vinte e seis. Criados dezesseis. Escravos mil e noventa e seis. São Igrejas filiais São Bernardo no Rio da Estiva. Nossa Senhora de Nazaré no Rio dêste nome. Nossa Senhora da Saúde nas Barreiras. Santo Antônio na mesma parte, e Santo Antônio na Aldeia dos Índios. Renderá esta freguesia pelo número dos fregueses todos os anos pouco mais ou menos de conhecenças cento e cinqüenta mil-réis.

Foram vigários nesta Matriz primeiro Baltazar Marinho. Segundo Bartolomeu Pereira da Silva. Terceiro Antônio da Fon-

(13) Nossa Senhora da Ajuda em Jaguaripe no ano de 1625 pela Sé vacante.

(14) Dom MARCOS TEIXEIRA faleceu em 1624.

seca Carneiro. Quarto José Ferreira da Costa. Quinto vice-vigário Dâmaso da Silva. Sexto Baltasar Roiz de Miranda. Sétimo Paulo da Costa de Araújo. Oitavo Antônio de Sousa de Abreu. Nono Manuel Ribeiro Sea. Décimo o Licenciado José Machado Peçanha, que por encomendação nela de presente assiste.

Antes de ser Vila fôra Jaguaripe do térmo do Cairu; hoje tem por térmo dez léguas entre os três Rios já mencionados com os cognomes de Estiva, Nazaré, e Jaguiricá; jaz em terreno elevado o Templo, que é magnífico, a que ornam cinco altares, dois no Corpo da Igreja, dois colaterais no arco da Capela-Mor, e o Altar-Mor; a povoação não chega a duzentos vizinhos, mas supre a sua pequenez o agradável dos Rios, em cujas margens fabricadas várias, e aparatosas olarias parecem pequenas povoações, ou uma grande povoação a intervalos continuada: é estéril de carnes, mas abundantíssimo de todo o gênero de pescados, que não só alimentam a Vila, mas lucra aos moradores que nêle comerciam.

O Senhor Dom Pedro da Silva e Sampaio que foi o Sétimo Bispo do Brasil criou Vigairaria a Igreja de Santo Antônio além do Carmo (15) no ano de 1648, um ano antes da sua morte. Estende-se esta freguesia da Cidade para o Norte, e parte pelo Sul com as de Nossa Senhora do Rosário, e Nossa Senhora do Pilar de nôvo erectas, pelo Norte com as de Santo Amaro da Pitanga, e São Bartolomeu de Pirajá; tem cinco léguas de distância por onde confina com a de Santo Amaro, e uma por onde se divide da de São Bartolomeu. A Igreja é de duas tôrres; tem quatro altares, além da Capela do Santíssimo. Fogos tem oitocentos e quarenta e três. Almas três mil seiscentas e trinta e nove. Homens novecentos e quarenta e um. Mulheres mil e vinte e três. Escravos mil seiscentos e setenta e cinco. São Igrejas filiais Nossa Senhora da Conceição em Tapagipe, e Nossa Senhora da Soledade no Queimado. Renderá todos os anos esta freguesia com a condição das mais, de conhecenças duzentos mil-réis.

Foi seu primeiro Vigário no ano de 1665 o Padre Antônio de Araújo de Melo. Segundo o Padre Cristóvão da Cunha Garcês. Terceiro encomendado o Doutor Sebastião do Vale Pontes já referido. Quarto o Padre André Maldonado, que tendo sido antes, veio acabar depois Religioso da Companhia com igual opinião a com que saiu. Quinto Francisco de Abreu Pereira. Sexto encomendado o Doutíssimo Cônego Antônio Rodrigues Lima. Sétimo o Licenciado José Pereira da Mata. Oitavo o Licenciado Pedro Álvares da Neiva, que nela existe.

(15) Santo Antônio além do Carmo no ano de 1648 pelo Bispo Dom PEDRO DA SILVA E SAMPAIO.

O Sítio de Santo Antônio além do Carmo é planície pela parte da terra, mas pela que olha ao mar quase precipício, que começando na Praia acaba na elevação de setenta e cinco braças. Na distância de quinze passos pouco mais ou menos se vê a respeitosa fortaleza, a que dá nome a Matriz, e que clausula a Cidade por aquela parte. É de quadrada arquitetura, com quatro baluartes, artilhado, e disposto para o defenderem quatrocentos homens de que é capaz: dêste para um lado se aparta um tiro de Falconete o que chamam do Barbalho, acha-se êle em três baluartes já acabados, e os dois principais, que olham a soledade incessantemente se estão pondo em defesa; e feito tudo do incansável desvelo do Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, que nos governa; cujas disposições executa a perícia do Mestre de Campo engenheiro Miguel Pereira da Silva, que lhe assiste.

A morte, que nos havia roubado dois Prelados, um antes de chegar, outro apenas chegado à Bahia, o senhor Dom Álvaro Soares, e o Senhor Dom Estêvão dos Santos, suspendeu a erecção de mais Vigairarias; até que no ano de 1676 a rogos do Povo, que numerosamente ia crescendo no Sítio de Maragogipe se erigiu Vigairaria em Sé vacante a Capela de São Bartolomeu sita naquele lugar (16). Doze léguas distante da Bahia está fundada esta Matriz, que pelo Norte, partia com a freguesia de São Pedro da Cachoeira, hoje com a do Outeiro Redondo, que novamente se criou; pelo Sul com as de Nossa Senhora da Ajuda de Jaguaripe; e Nossa Senhora da Madre de Deus da Pirajúia. Tem de longitude três léguas pela Costa do mar; de latitude em partes uma, em partes duas; e três e meia em algumas partes. Conta almas três mil trezentas e uma. Homens novecentos e cinquenta e cinco. Mulheres novecentas e vinte. Criados trinta e oito. Escravos mil trezentos e oitenta e oito. São Igrejas filiais Nossa Senhora das Necessidades na barra de Paraguaçu. Nossa Senhora da Conceição no Engenho Nôvo. Santo Antônio na Capanema. Nossa Senhora da Luz na mesma parte. Nossa Senhora do Rosário no Rio da Cachoeira. São Sebastião no Itaporande. Santo Antônio na Aldeia. Nossa Senhora da Vitória e Nossa Senhora do Livramento no Najé. Mais rendosa era esta freguesia enquanto dela se não desanexou a porção em que de nôvo se erigiu a freguesia de São Felipe; hoje pelo número das almas renderá todos os anos duzentos mil-réis.

Numa quase Península, que forma um braço do Rio Maragogipe fundou e instituiu uma Capela com obrigação de cinquenta missas anuais Bartolomeu Gato; sucedeu nela seu sobrinho Ma-

(16) São Bartolomeu de Maragogipe em Sé vacante no ano de 1676.

nuel Coelho Gato, que foi o seu primeiro Vigário. Foi segundo Antônio Dias Coelho também sobrinho do último possuidor. Terceiro o Licenciado Agostinho Ribeiro. Quarto o Licenciado Manuel Lopes de Miranda. Quinto por encomendação o doutíssimo Cônego Paulo da Costa, a quem sucedeu com a mesma qualidade de encomendado Gonçalo Soares.

É hoje Maragogipe Vila, que por ordem do Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses a requerimento do Povo se erigiu no ano de 1724. Constará a povoação de quatrocentos vizinhos, e é uma das mais úteis à conservação da Cidade, porque tirando o Morgado das farinhas as vilas do Sul, em setenta e duas embarcações desde o pôrto de Santo Antônio de Capanema até o de Nossa Senhora do Rosário além do Najé, transporta para a Bahia todos os anos melhor de cem mil alqueires de farinha donde se provêm as frotas, se alimenta o povo, e se remedeia o Recôncavo.

Cinco anos havia que órfão de Pastor chorava a sua falta o Rebanho do Brasil, quando cresceu à Arquiepiscopal a dignidade dos Bispos da Bahia, ficando ela Metropolitana para os Bispados de Pernambuco, e Rio de Janeiro, que com outros de nôvo se erigiram no ano de 1676. Foi o primeiro que logrou o aumento desta dignidade o Senhor Dom Gaspar Barata, que sem passar ao seu Arcebispado tomou dêle posse por seu procurador no de 1677. No de 1679 se criaram logo duas vigairarias, a de Nossa Senhora do Destêrro, e a de São Pedro; no de 1681 a de Santo Amaro de Itaparica; e de Santo Antônio de Jacobina no de 1682; de tôdas falaremos com distinção pela mesma ordem dos tempos.

A freguesia de Nossa Senhora do Destêrro (17), que foi entre as acima nomeadas a que primeiro se erigiu no ano de 1679. Está situada no subúrbio desta Cidade em pequena distância dela. Parte pelo ocidente com a freguesia da Sé; pelo Norte se dividia da de Santo Antônio além do Carmo em distância de légua e meia, hoje da de Nossa Senhora do Rosário de nôvo erecta. Pelo Sul confina com as de São Pedro, e Nossa Senhora da Vitória da Vila Velha. Compõe-se de oitocentos e quarenta e cinco fogos. Almas três mil cento e dezesseis. Homens setecentos e catorze. Mulheres mil cento e dezesseis. Criados oito. Escravos mil duzentos e setenta e oito. São Igrejas filiais Nossa Senhora do Rosário nos quartéis. Nossa Senhora de Nazaré no Caquende. Nossa Senhora da Saúde e Glória no Alvo. Santo Antônio da Montaria, que pela magnanimidade do Excelentíssimo

(17) Nossa Senhora do Destêrro no ano de 1679 em tempo de Dom GASPBAR BARATA.

Senhor Vice-Rei se vê fundada. Renderá todos os anos pelas mesmas conjecturas das mais conhecenças duzentos mil-réis.

Foi o seu primeiro Vigário o Doutor Fernão de Góis de Barros, depois Provisor, e Vigário Geral do Arcebispado. Segundo o Padre Estêvão de Matos. Terceiro o Padre Pedro da Costa. Quarto o Doutor Manoel Ferreira da Luz, que nela assiste.

Fôra a Igreja do Destêrro Ermida, que edificara a devoção dos Moradores extra-muros pela comodidade de acharem menos distante a missa, que com trabalho e suor iam buscar a Cidade. A concorrência do povo, que dela acudia a fama dos milagres, que se divulgavam (como a seu tempo diremos) era Romaria de tôdas as tardes a esta Ermida, a qual no ano de 1677 passou a religioso convento, que hoje habitam as Freiras de Santa Clara, mais Claras ainda nas virtudes, pois pela inteira observância da sua primitiva regra, são, sem metáfora, animadas estrêlas daquele terreno firmamento. De clausura foi a Paróquia no ano de 1672 como temos referido.

Irmã em tempo desta freguesia, porque erecta no mesmo ano, foi a de São Pedro (18), está também no Subúrbio da Cidade, e dela para a parte do Sul. Divide-se da da Sé pelo Norte, e pelo mesmo continua a dividir-se da de Nossa Senhora da Conceição da Praia; pelo Sul parte com a de Nossa Senhora da Vitória e pelo Oriente com a de Nossa Senhora do Destêrro. Pelo Ocidente se termina no mar. Tem mil e catorze fogos. Almas quatro mil quinhentas e trinta e sete. Homens mil e oitenta e oito. Mulheres mil quatrocentas e vinte. Escravos dois mil e vinte e nove. São Igrejas filiais Nossa Senhora da Barroquinha imagem muito milagrosa; e Nossa Senhora da Lapa: a primeira junto às portas de São Bento, a segunda pouco distante dos quartéis. Renderá esta freguesia com as cláusulas apontadas duzentos mil-réis em cada um ano.

É o Templo de São Pedro de majestosa estrutura, e vistoso frontispício em cujos dois lados se levantam duas tôrres; tem duas Capelas, e seis altares. Em distância de dois largos tiros de mosquete para a parte do Sul lhe fica excelente fortaleza, que toma o nome de Matriz, e é chave por aquela parte da Bahia. Na mesma forma que a de Santo Antônio é a fortaleza de São Pedro quadrada com quatro baluartes, fôssos regular, estrada coberta estacada, e as mais defensas, que a põem na última perfeição: daqui nasce um ramal, ou lenço de muralha, que corre até o precipício da parte do mar, onde está a oficina da pólvora, a quem defende a mesma fortaleza, porque sem ela é certo que também não pode defender a Cidade, a que começa aqui a valar o que imprò-

(18) São Pedro no mesmo ano.

priamente chamamos Dique, com mais propriedade e se poderá chamar marítimo fôssó, pois é um lago que em grande parte a gira, e se houvera mais arte fôra esta sem dúvida a melhor das fortificações da Bahia.

Neste quase entre-Reino, porque sem Prelado no ano de 1681 reconhecendo o Governador do Arcebispado que não bastava uma só Paróquia para acudir as urgências dos muitos fregueses, que cresciam na Ilha de Itaparica, erigiu Vigairaria a Capela de Santo Amaro (19) sita na mesma Ilha; nela é o térmo da Matriz de légua e meia; o mais território lhe dão o Rio de Jacuruna, e Ilha de Santa Ana, cujos moradores são no temporal da jurisdição da Vila Jaguaripe, e da Cidade os de Itaparica; nesta parte com a freguesia da Vera Cruz. Na Jacuruna, e em Santa Ana se divide da de Madre de Deus da Pirajuiá, e pelo Rio Nujó, e barra de Jaguaripe da de Nossa Senhora da Ajuda na dita Vila. Soma almas setecentas e nove. Homens cento e sessenta. Mulheres cento e trinta e sete. Criados cinco. Escravos quatrocentos e sete. A renda desta freguesia todos os anos será de conhecenças oitenta mil-réis.

Foi seu primeiro vigário o Padre Paulo da Costa de Azevedo. Segundo o Padre Antônio de Flôres. Terceiro o Licenciado Manoel Teles. Quarto o Padre João Álvares Correia, que é hoje Pároco atual dela.

Não é só bom pastor o que cura das ovelhas, que tem perto; o que cuida das que vivem distantes, êsse enche as medidas do seu nome divino exemplo temos desta verdade naquele parabólico Pastor do Evangelho, que deixando noventa e nove ovelhas seguras, se desvelou em buscar uma só que trazia desgarrada; não de outra sorte os pastores da Bahia (e porisso bons Pastores) tendo acudido como pastor espiritual aos moradores do Destêro, de São Pedro, e de Itaparica, vizinhos da Cidade, passaram a arrebanhar os da Jacobina, e margens do Rio de São Francisco, fundando num, e outro distrito duas freguesias, curral que recolhesse aquelas ovelhas de Cristo.

Foi primeira a de Santo Antônio do Rio de São Francisco (20), onde pela parte Austral faz térmo o Arcebispado da Bahia, na povoação que ao depois passou a ser Vila com a denominação de Nova para distinção da do Penedo, que situada da parte oposta do Rio é da jurisdição de Pernambuco. Era extensíssimo o térmo desta Matriz, porque compreendia cinqüenta léguas, hoje

(19) Santo Amaro de Itaparica no ano de 1681 em tempo do mesmo Dom GASPAR BARATA.

(20) Santo Antônio do Rio de São Francisco no ano de 1682 em tempo do mesmo Arcebispo.

mede menos distância por lhe tirar grande parte a nova freguesia dita Urubu de Baixo, com a qual parte pela banda do oeste principiando da mesma Vila; pelo Oriente com a do Penedo, a quem serve de divisão o Rio; e pelo Sul pelo Rio Japarutuba Mirim com a freguesia de JESUS Maria José; tem de latitude do Rio de São Francisco à foz do Japarutuba catorze léguas; mais acima sete, logo cinco, e últimamente oito. Dessa mesma foz buscando ao Sertão conta de longitude doze léguas; e daí corre uma travessia a buscar outra vez o Rio de São Francisco até o sítio, que chamam do Inferno onde faz térmo. Numera almas duas mil setecentas e setenta e quatro. Homens setecentos e vinte e cinco. Mulheres setecentas e vinte e sete. Criados cinquenta e seis. Escravos mil duzentos e sessenta e seis. É única Igreja filial Santo Antônio no Cajuipe. Em cada um ano renderá esta freguesia de conhecimentos cento e cinquenta mil-réis.

O primeiro Vigário, que dela achei, por falta de livros em que se não escreveram seus nomes, o Licenciado Manoel de Campos. Segundo Bento Soares da Fonseca. Terceiro Antônio Marques da Silva. Quarto João de Sousa, que nela existe.

Dilatadas campinas e habitadas Ilhas, que dentro em si forma o Rio de São Francisco povoadas umas, e outras de numerosas fazendas de gado enriquecem o distrito desta Vila, que pertence à Capitania de Sergipe. A povoação pouco excederá de cem vizinhos, mas o pingue do Rio excede a todo o mais sertão da Bahia. Do seu longínquo nascimento, da sua prodigiosa corrente, do fértil das suas margens em peixes, do exuberante dos seus campos em leites, do precioso da(s) suas matas, do vário das suas nações, havendo-se escrito muito é muito menos que o que se pudera escrever, e tudo com mais certeza, que a esperança das suas minas, que nunca chegou à posse.

Foi a última freguesia, que no sobredito ano de 682, e em tempo do primeiro Arcebispo Dom Gaspar Barata se criou a de Santo Antônio da Jacobina (21). No paralelo de onze graus esforçados da linha para o Norte em igual, estendida, e agreste campina, distante da Missão do Bom JESUS vinte léguas; e da do Sagui vinte e duas para o Sul, jaz a Matriz de Santo Antônio da Jacobina. Da parte do Leste pelo Rio de São Francisco se divide pela freguesia do Urubu, que chamam décima; e pelo oeste da freguesia do Pambu, abaixo da Capela do Salitre, que ambas foram do seu distrito, e hoje de nôvo erectas. Pelo Sul parte com a freguesia de São José das Itaporococas; verdade é

(21) Santo Antônio da Jacobina no ano de 1682 em tempo de Dom GASPAR BARATA, primeiro Arcebispo, etc.

que em cultas brenhas, e densas matas formam a maior parte da sua extensão; ao menos o que respeita a travessia Rio Jacuipe, que a respeito da dita freguesia ficam ao Austro. Consta de mais de cinco mil almas, porque a sêde insaciável do ouro, que a tudo obriga, faz esquecer das incomodidades do clima, por extremo frio, sem comparação é maior que o das mulheres o número dos homens, que todos se ocupam em minerar ouro. Falo sem mais individuação, porque como se não acharam livros desta freguesia, a memória do tempo, que lá assisti foi o livro que me deu esta notícia. É uma das mais lucrosas freguesias dêste Arcebispado. Renderá todos os anos pouco mais, ou menos de conhecenças quatrocentos mil-réis. É única Igreja filial São Gonçalo do Salitre no Rio de São Francisco.

Foi o seu primeiro Vigário o Padre Antônio Gomes Cardoso. Segundo o Padre Francisco Monteiro. Terceiro o Vigário, que hoje existe José Monteiro seu sobrinho.

A Jacobina é hoje vila, que se erigiu no ano de 1723; ou mais pròpriamente se estabeleceu no ano de 24, governando êste estado o Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Menezes. O seu distrito compreende (como já insinuamos) as minas do ouro, que ali em trinta e quatro riachos se lavram, e que agora pagam quintos por direção do mesmo Excelentíssimo Senhor Vice-Rei; e se não são tão rendosos como os das Minas Gerais, entendem muitos que é mais pela impossibilidade, ou imperícia dos homens, que por infecundidade da terra, pois pela formatura do ouro que se tem achado, e disposição do terreno, não é crível que se esgotasse a influência do Sol no que só se tem descoberto.



ÍNDICE GERAL DO VOL. I — TOMOS 1 a 5

	Págs.
1.ª CONFERÊNCIA	
— [Notícia da fundação]	1
— Oração com que na dominica in Albis vinte e três de abril d'êste ano de 1724 abriu a Academia Brasílica o Doutor José da Cunha Cardoso	7
[ASSUNTO] Conferência de 23 de abril. Ao Presidente.	17
— Ao Doutíssimo Senhor Doutor José da Cunha Cardoso, Digníssimo Secretário da Academia Brasílica orando na sua primeira conferência. Romance Heróico — Caetano de Brito Figueiredo	17
— Ao Senhor Doutor José da Cunha Cardoso, Meritíssimo Secretário da nossa Academia [...] o elogio d'êste Sonêto — Gonçalo Soares da Franca	19
— Sapientíssimo Domino, Eruditíssimoque Doctori Iosepho da Cunha Cardoso, Oblitorum reseranti Academiam. Epigramma — Luís de Siqueira da Gama	20
— Ao eloqüente, e mui fecundo Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso [...] Sonêto — Gonçalo Fernandes Gomes	20
— Ao Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso em resposta da notícia, que da nova Academia Brasílica, de que é Digníssimo Secretário, foi servido dar ao menor criado seu. Tercetos — Padre André de Figueiredo Mascarenhas	21
— Ao Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso Digníssimo Secretário da Academia Brasílica, [...]. Sonêto — André de Figueiredo Mascarenhas	23
— Ao Senhor Doutor José da Cunha Cardoso Meritíssimo Secretário da nossa Academia. Sonêto — Sebastião da Rocha Pita	24
— Ad Praesidem. Epigramma — [Manoel Nunes de Sousa]	25
— Aliud. — Manoel Nunes de Sousa	25
— Décima — [S.I.A.]	25
— Em louvor do Senhor Doutor José da Cunha. Décima — [S.I.A.]	26
— Ao Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso, Corregedor e Ouvidor [...]. Sonêto — [S.I.A.]	26
— Ao Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso, Digníssimo Secretário da Academia Brasílica. Sonêto — [S.I.A.]	27

	Págs.
[ASSUNTO] [Ao Senhor Vice-Rei]	
— Sonêto — [José da Cunha Cardoso]	27
— Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Protetor da Academia dos Esquecidos. Sonêto — Francisco Pinheiro Barreto	28
— Excelentíssimo Domino Vasco Fernandes Caesari de Meneses [...]. Elogiacum Carmen — Frater Franciscus a Sancto Bertholdo	29
— Excellentíssimo Domino Vasco Fernandes Caesari de Meneses, [...]. Ode — Frater Franciscus a Sancto Bertholdo	31
— In laudem Excellentissimi Domini VASCI Fernandes Caesaris de Meneses, [...]. Epigramma, Frater Franciscus a Sancto Bertholdo	33
— Excellentissimo Caesari Academiam Construenti, Epigramma, Iosephus Pereira de Castro	33
— Augustissimo, ac Praeclarissimo [...] Vasco Fernandes Caesari, Epigramma, [Pater Antonius Ioannes a Cunha]	34
— Excellentissimo Caesaris nomini: Epigramma, [Idem]	34
— Eidem Excellentissimo Duci, Epigramma, [Idem]	35
— Excellentissimo Domino allis excultissimis Dignissimo Encomiis, Oblatio, Pater Antonius Ioannes a Cunha	35
— Colendissimo, ac Laudatissimo Principi, [...] Vasco Fernandes Caesari, Epigramma, [Pater Antonius Ioannes a Cunha]	36
— Principi Excellentissimo, Eidem Epigramma, [Idem]	37
— Nostro Inuictissimo Principi, Epigramma, [Idem]	37
— Excellentissimo Principi laudibus allis expolissimis exornando, ac decorando inops oblatio, Pater Antonius Ioannes a Cunha	38
— Eximio Heroi, [...] Vasco Fernandes Caesari de Meneses [...], Ode, Frater Anselmus a Sancta Euphrosina	38
— Ao Excellentissimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	40
— Ao Excellentissimo Senhor Vice-Rei deste Estado [...], Décima, Antônio Cardoso da Fonseca	40
— Sonêto, Antônio Cardoso da Fonseca	41
— Abrindo-se a Academia da história do Brasil com o título dos Esquecidos [...] proteção do Excellentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Sonêto [Gonçalo Soares da Franca]	41
— Ad Praestantissimum, ac Excellentissimum Dominum, Vice-Regem Nostrum, Epigramma, Ex Francisciadum quodam ...	42
— Ao Excellentissimo Senhor Viso-Rei, como Protetor da Academia, Epigramma, [Luís de Siqueira da Gama]	42
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, [...], Gonçalo Fernandes Gomes	43

	Págs.
— In laudem Nobilissimi Domini, ac Excellentissimi Praesidii Vasco Fernandes Caesar de Meneses [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal	45
— In laudem Excellentissimi Domini Vasquii Fernandis Caesar de Meneses [...], Epigramma, [Emanuel de Lima]	46
— Ao assunto acadêmico que se deu louvando-se a criação da Academia e a seu soberano Protetor o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses, Soneto, [João de Brito e Lima].....	47
— Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Brito e Lima]	47
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Soneto, João de Brito e Lima	48
— Al asunto académico que se dió loándose la erección de la Academia [...], Soneto, [João de Brito e Lima]	49
— Al mismo asunto, Soneto, Del mismo [João de Brito e Lima] ..	49
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-Rei do Estado do Brasil, [...], Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas	50
— Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari de Meneses nouam erigenti Academiam, Epigramma, [Iosephus de Matos Moreira]	51
— Aliud, [Idem]	51
— Aliud, [Idem]	51
— Aliud, [Idem]	52
— Aliud, Iosephus de Matos Moreira	52
— Ao Excelentíssimo e Prestantíssimo Erector, e Protetor; e à Academia erecta e protecta, Soneto, [Luís Canelo de Noronha]	52
— Ao mesmo Assunto, Décima, Luís Canelo de Noronha	53
— Heroi Inuictissimo, Strenuissimo Principi, [...], Epigramma Antonius de Oliveira	53
— De Heroe Inuictissimo, [...] Excellentissimo Domino Vasquio Fernandes Caesare de Meneses, [...], Epigramma, Antonius de Oliveira	54
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Soneto, Antônio de Oliveira	55
— Soneto. De fragmentos do ingeniosissimo Luís de Camões oferecido ao Excelentíssimo Senhor, Antônio de Oliveira	56
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, Vice-Rei do Estado do Brasil, Labirinto Cúbico, Anastácio Ayres de Penhafiel	59
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César Vi-Rei e Capitão General do mar, e terra do Estado do Brasil, Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel	60
— Excellentissimo Domino Vasquo Fernandes Caesari Menesio [...], Encomium, [Antônio Gonçalves Pereira]	61

	Págs.
— Ao mesmo Senhor Vice-Rei, Sonêto, Antonius Gonçalves Pe- reira	61
— Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari de Meneses [...], Epigramma, [Manoel Vieira Pinto]	62
— Aliud, [Idem]	62
— Congressui Academico Caesarem patronum habenti, Epigramma, Manoel Vieira Pinto	63
— Em louvor do Excelentissimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	63
— Ao Excelentissimo Senhor Vice-Rei Protetor da Academia dos Esquecidos, Sonêto, José de Oliveira Serpa	64
— Ao Excelentissimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Sonêto Acróstico, Antônio Nunes de Siqueira	65
— Para louvar ao Excelentissimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Sonêto, João Alv'res Soares	66
— da sua ínclita benevolência, prossegue o dito Acadêmico em louvar o projeto [...], Sonêto, João Alv'res Soares	67
— Excellentissimo Caesari nouam Musis Academiam construenti, Epigramma, [Manoel Nunes de Sousa]	68
— Aliud, Manoel Nunes de Sousa	68
— Expenditur ratios, [...] Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius, [...], Epigramma, [Manoel Nunes de Sousa, pro- vavelmente]	68
— Ad Serenissimum Lusitaniae Regem [...] Vasco Ferdinando Caesare et Menesio [...], Epigramma, [S.I.A.]	69
— Excellentissimus Dominus Vascus Ferdinandius Caesar Menesius [...], Epigramma, [S.I.A.]	70
— In laudem Excellentissimi Domini Vasci Fernandii Caesaris Menesii [...], Epigramma, [S.I.A.]	71
— De Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesare Menesio [...], Epigramma, [S.I.A.]	71
— Excellentissimo Domino Vasquio Ferdinando Caesari, [...], Epigramma, [S.I.A.]	72
— In Bahiensis Academiae Institutione sub auspicio Excellentissimi Domini Vasci Ferdinandii Caesaris Menesii, [...], Epigramma, [S.I.A.]	73
— De Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesare Menesio [...], Epigramma, [S.I.A.]	73
— Ad Excellentissimum Dominum Vascum Ferdinandum Caesarem, [...], Emblema, [S.I.A.]	74
— Excellentissimi Domini Vasci Fernandis Caesaris Menesii [...], Epigramma, [S.I.A.]	75
— Excellentissimi Domini Vasci Ferdinadii Caesaris Menesii [...], Epigramma, [S.I.A.]	75
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius, [...], Epigramma, [S.I.A.]	75

	Págs.
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius, [...], Epigramma, [S.I.A.]	76
— In laudem Excellentissimi Domini Vasqui Fernandii Caesaris Menesii, [...], Elogium, [S.I.A.]	76
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius [...], Epigramma, [S.I.A.]	77
— In laudem Excellentissimi Domini Fernandii Caesaris Menesii, [...], Epigramma, [S.I.A.]	78
— Laudatur Excellentissimus Dominus Vascus Ferdinandius Caesar Menesius pro institutis Academicorum ludis, Epigramma, [S.I.A.]	78
— Praeclaris admodum uiris Bahiensis Academiae initia [...], Epigramma, [S.I.A.]	79
— Ad Bahiensis Academicos Cogente Sapientissimum Senatum Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesare Menesio [...], Epigramma, [S.I.A.]	79
— Vrbs Bahiensis instituta ab Excellentissimo Domino Vasco Fernandio Caesare Menesio Academia locupletata, [...], Epigramma, [S.I.A.]	80
— Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari de Meneses, [...], Elogium, [S.I.A.]	80
— Excellentissimus Dominus Fernandius Caesar Menesius [...], Elogium, [S.I.A.]	82
— In laudem Excellentissimi Domini Vasqui Fernandii Caesaris Menesii, [...], Elogium, [S.I.A.]	83
— Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari de Meneses [...], Elogium, [S.I.A.]	84
— Ad Bahienses Academicos, [...], Elogium, [S.I.A.]	85
— Sonêto [a César], [S.I.A.]	87
— Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, Sonêto alegórico, [S.I.A.] ..	87
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Sonêto, [S.I.A.]	88
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-Rei do Estado do Brasil [...], Sonêto, [S.I.A.]	88
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, [...], Sonêto Acróstico, [S.I.A.]	89
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-Rei do Oriente e do Ocaso, Sonêto, [S.I.A.]	89
— Parabéns à Bahia por se ver enobreceda com a notável Academia, que nela estabeleceu o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, Por um Natural	90
— Sobre a instituição e promoção da nova Academia nesta cidade da Bahia [...], Décimas, [S.I.A.]	91
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, Sonêto, [S.I.A.]	92

[ASSUNTO] Conferência de 23 de abril. A Academia.

— A Empresa da Academia <i>Sol oriens in occiduo</i> , Décimas, Luís Canelo de Noronha	93
— Em louvor da nossa Academia com o título de Brasília, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	93
— Em louvor da nossa Academia com o título dos Esquecidos, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	94
— Sobre a Empresa da Academia, o Sol nascido no Ocidente, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	94
— Na reflexão feita no dia em que se deu forma à nossa Academia, sobre ser o de Santo Tomás de Aquino, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	95
— Em louvor da nossa Academia, compreendendo os Assuntos dos seis Sonetos antecedentes, Romance, Sebastião da Rocha Pita ..	95
— Repente ao qual deram assunto os acidentes do tempo, e as circunstâncias do dia 23 de abril (conjunção de Lua nova) em que se abre a nossa Academia Brasília, Sebastião da Rocha Pita	98
— Ad Academiam, <i>Monitio Poetica</i> , Emmanuelis Ribeiro Rocha ..	98
— In <i>Brasiliensis Academiae Symbolicum Iconismum: Sol oriens in occiduo</i> , Epigramma, Iosephus de Oliveira Serpa	99
— Em louvor da preclaríssima nova Academia dos Esquecidos, Romance joco-sério, José de Oliveira Serpa	99
— Emblema, [S.I.A.]	100
— <i>Nobili recens natae Academiae, cui in Symbolum: Sol oriens in Occiduo</i> , Epigramma, [S.I.A.]	101
— Em louvor da Academia, Décima, [S.I.A.]	101

[ASSUNTO] Conferência de 23 de abril.

— Aos Acadêmicos, Romance Endecassílabo, [José da Cunha Cardoso]	102
— Aos Acadêmicos, Invitatório Endecassílabo, [Luís de Siqueira da Gama]	103
— Aos Nobilíssimos Acadêmicos no abrir da Academia, Soneto, Antônio de Oliveira	105
— Em louvor dos Senhores Acadêmicos da nossa Academia Brasília no dia em que ela se abre, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	106
— <i>Clarissimum Dominum Caetanum de Brito et Figueiredo Brasiliensis Status</i> , [...], Epigramma, [José da Cunha Cardoso] ..	106
— Ao Senhor Desembargador Caetano de Brito Figueiredo Digníssimo Chanceler da Relação do Estado, e Compositor da nossa história natural, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto	107
— <i>Preclarissimo Senatori</i> , [...] <i>Domino Caetano de Brito de Figueiredo</i> , Epigramma, [Luís de Siqueira da Gama]	107

	Págs.
— Ad Clarissimum Dominum Doctorem Caetanum de Brito de Figueiredo, Cancellarium Meritissimum, Epigramma, Emanuel Nunes Leal	108
— Ad Clarissimum Virum Dominum Doctorem Caetanum de Brito de Figueiredo [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal	108
— In laudem Nobilissimi Doctoris Caetani de Brito de Figueiredo de Figueiredo [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal	108
— Ad Eximium Doctorem, et Clarissimum Dominum Caetanum de Brito de Figueiredo Bahiensis Supremi Senatus Cancellarium [...], Epigramma, [Ludovico Canelo de Noronha]	109
— Ao Doutor Caetano de Brito e Figueiredo Eminentíssimo Chanceler da Relação da Bahia [...], Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel	110
— Sapientíssimo Viro [...] Domino Caetano de Brito Freire [...], Epigramma, [S.I.A.]	110
— Em louvor do Prestantíssimo Chanceler [...] o Senhor Doutor Caetano de Brito de Figueiredo, Romance, [S.I.A.]	111
— Ao Doutíssimo Mestre o Desembargador Caetano de Brito e Figueiredo [...], Soneto [S.I.A.]	112
— Elogii argumentum praebet Reuerendus admodum, et Eloquentissimus Dominus Gundissalus Suarius da Franca Sacra Brasiliae elementa, [...], Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	113
— Em louvor do Reverendíssimo Padre o Senhor Gonçalo Soares da Franca, Décima, Antônio de Freitas do Amaral	114
— Ao Eruditíssimo Doutor, Historiador Eclesiástico o Senhor Gonçalo Soares, Décima joco-séria, Francisco Xavier de Araújo ...	114
— Ao Senhor Reverendíssimo Padre Gonçalo Soares da Franca, Soneto, Frei Pedro da Estrêla	114
— In laudem Litteratissimi Praesidis Reuerendissimi Patri Gundissalui Soares, Francisciadum quodam	115
— Ao muito Reverendo Senhor Gonçalo Soares da Franca, Dignissimo Lente da História Eclesiástica, Soneto, [Luís de Siqueira da Gama]	115
— Em louvor do Muito Reverendo Doutor e Singular Acadêmico o Padre Gonçalo Soares da Franca, Décimas, João de Brito e Lima	116
— Ad Reuerendissimum ac Nobilissimum Patrem Gundissalum Soares da Franca, [...], Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	117
— Aliud ad eundem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	117
— Sapientissimum Dominum Ludouicum de Siqueira da Gama [...], Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	118
— Ao Doutíssimo Historiador Político o Senhor Desembargador Luís de Siqueira da Gama, Soneto, Francisco Xavier de Araújo	118
— Ao Senhor Doutor Ouvidor Geral do Cível Luís de Siqueira da Gama [...], Décima, José Pereira de Castro	119
— In Eruditissimi Domini, [...] Ludouici a Siqueira e a Gama Obsequium, Epigramma, [Caetano de Brito Figueiredo]	119

	Págs.
— Ao Meritíssimo Desembargador [...] o Senhor Luís de Siqueira da Gama [...], Décima, [Gonçalo Soares da Franca]	120
— Em louvor do mui Meritíssimo [...] Senhor Luís de Siqueira da Gama, Décimas, João de Brito e Lima	120
— Ao Desembargador o Senhor Luís de Siqueira da Gama [...], Sonêto, Luís Canelo de Noronha	121
— Em louvor do Senhor Desembargador Luís de Siqueira da Gama, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	122
— Maximo, ac Ingeniosissimo Academico Domino Ludouico de Cerqueira, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	122
— Aliud ad eudem, [...], Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	123
— Ad Sapientissimum Senatorem Prasidem Curialem Eximiumque Magistrum etc., Epigramma, [S.I.A.]	123
— Ao Sapientíssimo Mestre o Desembargador Luís de Siqueira da Gama [...], Sonêto, [S.I.A.]	124
— In laudem Elegantissimi Domini Didaci Barbosa Machado [...], Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	125
— Ao Doutíssimo Senhor Doutor Inácio Barbosa Machado, Juiz de Fora desta cidade Mestre da História Militar Brasileira na Academia dos Esquecidos, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	125
— Sapientíssimo Doctori Domino Ignatio Barbosa Machado, Epigramma, [Luís de Siqueira da Gama]	126
— Ad Clarissimum Doctorem Ignatium Barbosa Machado Iudicem Forenses Dignissimum, Epigramma, Emanuel Nunes Leal	126
— Ad Clarissimum Virum Dominum Doctorem Ignatium Barbosa Machado [...], Encomium, Emanuel Nunes Leal	126
— Ao Senhor Doutor Inácio Barbosa Machado, Meritíssimo Juiz de Fora desta cidade, Décima, Luís Canelo de Noronha	127
— Ao Meritíssimo Senhor Juiz de Fora, Inácio Barbosa Machado, um dos quatro Mestres da Academia, lendo nela do nosso Brasil, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	127
— Doctissimo, ac Ingeniosissimo Academico Domino Ignatio Barbosa Machado, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	128
— Aliud ad eudem. Brasileira bella scribentem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	128

2.ª CONFERÊNCIA

— Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita Presidindo na Academia Brasileira	131
[ASSUNTO] Conferência de 7 de maio. Ao Presidente Sebastião da Rocha Pita	140
— Ao Senhor Presidente Sebastião da Rocha Pita. Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	140
— Em obséquio do Presidente o Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita, Epigramma, Antônio Cardoso de Afonseca	141

	Págs.
— Ao Assunto Heróico, Epigramma, [Antônio Cardoso de Afonseca]	141
— Ao Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita Sapientíssimo Presidente, Sonêto, Iosephus Pereira de Castro	142
— Ao Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita, primeiro Presidente da Academia, Epigrama, [Luís de Siqueira da Gama]	143
— Em louvor do Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita Acadêmico Real, e erudito desta Academia de que é também Singular Acadêmico e primeiro Presidente dela, Décimas, [João de Brito e Lima]	144
— Ao Coronel o Senhor Sebastião da Rocha Pita, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	145
— Ao Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita Meritíssimo Presidente desta Academia, Sonêto, José de Oliveira Serpa	146
— In laudem Doctissimi Praesidis Domini Sebastiani da Rocha Pita, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	146
— Aliud ad eundem, Congratulatio, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	147
— Ao mui nobre e mui erudito Coronel Senhor Sebastião da Rocha Pita Presidente da presente Academia, Décimas ao joco-sérias, [S.I.A.]	147
[ASSUNTO] Primeiro assunto. Quanto deve a República das Letras à Majestade del-Rei Nosso Senhor que Deus guarde verdadeiro Protetor delas.	
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	148
— Sôbre com que deve a República Literária a El-Rei Nosso Senhor, [...], Sonêto, Salvador Pizzarro de Carvalho e Albuquerque	149
— Ao Sereníssimo Rei Nosso Senhor Dom João 5.º, [...], Oitavas, Francisco Xavier de Araújo	149
— Ao Muito Alto, e Poderoso Rei, e Senhor Nosso Dom João Quinto Protetor das Academias do Reino e suas conquistas, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	150
— Serenissimo Regi Domino Ioanni V, Epigramma, Iosephus Pereira de Castro	151
— Agradece-se à Majestade del-Rei Nosso Senhor o muito que se lhe deve em ser o verdadeiro protetor da República das Letras, Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto	151
— A El-Rei Nosso Senhor [...] Primeiro Assunto Acadêmico, Sonêto, Caetano de Brito e Figueiredo	152
— Assunto Heróico, Quanto deve a República Literária a El-Rei Nosso Senhor seu verdadeiro Protetor, Sonêto, Gonçalo Soares da Franca	153
— Ao mesmo Assunto, Sonêto 2.º, [Gonçalo Soares da Franca] ..	153
— Assunto Heróico, Quanto deve a República Literária a El-Rei Nosso Senhor seu verdadeiro Protetor, Sonêto, Gervásio Sueiro Franco	154

	Págs.
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	155
— Assunto Heróico, Quanto deve a República Literária a El-Rei Nosso Senhor seu verdadeiro Protetor, Sonêto, João de Barbosa e Lima	155
— Ao mesmo assunto, Sonêto, [João de Barbosa e Lima]	156
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	156
— Ao assunto heróico da Academia, Sonêto, [João de Brito e Lima]	157
— Pelos mesmos consoantes, Sonêto, [João de Brito e Lima]	158
— Pelos mesmos consoantes, Sonêto, [João de Brito e Lima]	158
— Pelos mesmos consoantes, Sonêto, [João de Brito e Lima]	159
— Ao mesmo assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima]	159
— Sonêto, João de Brito e Lima	160
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	160
— Sonêto, João de Brito e Lima	161
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	161
— Debaixo do mesmo assunto louvando ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, Sonêto, João de Brito e Lima	162
— Ao assunto heróico da Academia, Oitavas, [Provavelmente de João de Brito e Lima]	162
— Assunto Acadêmico, O quanto deve a República das Letras a El-Rei Nosso Senhor, Sonêto, [Frei Avertano de Santa Maria]	165
— A El-Rei Nosso Senhor, [...], Canção, André de Figueiredo Mascarenhas	165
— Eidem Regis Maiestati, Epigramma, Ioseph de Matos	169
— Ao Muito Alto e Poderoso Rei Dom João V [...], Sonêto, [Ioseph de Matos]	169
— Ad Serenissimum Regem Nostrum Ioannem V, [...], Epigramma, Ludouicus Canelo de Noronha	170
— In laudem Potentissimi Portugaliae Regis Ioannis Quinti, Epigramma, Antonius de Oliveira Filho	170
— Ao muito Alto e muito Poderoso Senhor Dom João o Quinto [...], Sonêto, Antônio de Oliveira	171
— Ao muito Alto e muito Poderoso Rei de Portugal o Senhor Dom João o Quinto [...], Sonêto, Antônio de Oliveira	171
— Ao muito Alto e muito Poderoso Rei de Portugal o Senhor Dom João o Quinto [...], Sonêto, Antônio de Oliveira	172
— Sonêto em louvor do mais feliz, e poderoso Rei de Portugal, Antônio de Oliveira	173
— Ao Sereníssimo Senhor-Rei Dom João 5.º [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	173
— Ao Sereníssimo Senhor-Rei Dom João 5.º [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	174
— Domine Serenissimo Rege, [...], Epigramma, Emmanuelis Ribeiro Rocha	175

	Págs.
— Ad primum argumentum, Distichon, Ioseph de Oliveira Serpa ..	175
— Ao assunto heróico, Sonêto, José de Oliveira Serpa	175
— À Majestade del-Rei Dom João Quinto Nosso Senhor [...], Sonêto, José de Oliveira Serpa	176
— Primeiro assunto. Quanto deve a república das letras a Sua Majestade el-Rei Nosso Senhor Protetor delas, Sonêto, João Alv'res Soares	177
— Primeiro assunto, Quanto deve a República das Letras à Majes- tade del-Rei Nosso Senhor verdadeiro Protetor delas, Sonêto João Alv'res Soares	177
— Augustissimo, Ac Magnanimo Domino Ioanni Portugaliae Regi, [...], Epigrama, [Emanuel Nunes de Sousa]	178
— Aliud ad eundem, Emanuel Nunes de Sousa	178
— Serenissimus Dominus Ioannes V ^{us} Portugaliae Rex, [...], Epigramma, [S.I.A.]	179
— Serenissimi Domini Ioanni V ^o Portugaliae Regi [...], Epi- gramma, [S.I.A.]	179
— Serenissimo Domino Ioanni V. ^o Lusitaniae Regi, [...], Epi- gramma, [S.I.A.]	180
— Serenissimus Dominus Ioannes 5., [...], Epigramma, [S.I.A.] ..	180
— In laudem Serenissimis Dominis Ioannis 5., [...], Epigramma, [S.I.A.]	181
— Serenissimo Domini Ioanni V. ^o , [...], Epigramma, [S.I.A.]	181
— Serenissimo Domino Ioanni V. ^o Portugaliae Regi [...], Elogium, [S.I.A.]	182
[ASSUNTO] Segundo assunto. Problema, quem mostrou amar mais finamente Clície ao Sol, ou Endimião à Lua	
— Supõe o Poeta como certo que Clície foi amada do Sol até o tempo da morte de Leucotoe, e só depois disso deixou de ser dêle querida, Décimas, [José da Cunha Cardoso]	183
— Ao Assunto: Foi o amor de Clície, para com o Sol, mais pas- sivo; e por isso mais fino, que o de Endemião para com a Lua: Sonêto, Francisco Xavier de Araújo	185
— Qual mostrou ser mais amante Clície do Sol, ou Endimião da Lua, Sonêto, Francisco Pereira do Lago Barreto	186
— Ao mesmo assunto, Romance joco-sério, Francisco Pereira do Lago Barreto	186
— Ao assunto lírico, Epigramma, Francisco Pinheiro Barreto .	189
— Ao mesmo assunto lírico, Silva joco-séria, Geraldo da Fonseca Carssão	189
— Ao mesmo assunto do mesmo autor, Romance joco-sério, Ge- raldo Fonseca Carssão	191
— Ao mesmo assunto joco-sério, Sonêto, Geraldo da Conceca Carssão	194

	Págs.
— Da Academia unindo os dois assuntos heróico, e lírico neste Sonêto, Iosephus Pereira de Castro	194
— Pergunta-se quem mostrou ser mais amante Clície do Sol, se Endimião da Lua?, Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto	195
— Ao Segundo Assunto Problemático. Quem mostrou ser mais amante, Clície do Sol, ou Endimião da Lua? Clície — Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	196
— Endimião — Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	196
— Assunto Lírico, Qual mais amou, Clície ao Sol, ou Endimião à Lua? Sonêto, [Gonçalo Soares da Fonseca]	197
— Ao Assunto Lírico, Romance, Antônio Cardoso da Fonseca	198
— Assunto Lírico, Qual mais amou, Clície ao Sol, ou Endimião à Lua, Sonêto, João de Barbosa e Lima	203
— Ao assunto lírico em que se mostra andou mais fina amando Clície ao Sol que Endimião à Lua, Décimas, [João de Brito e Lima]	203
— Ao mesmo assunto mostrando pelo contrário que mais fino foi o amor de Endimião com a Lua que o de Clície com o Sol, Décimas, João de Brito e Lima	205
— Romance joco-sério, João de Brito e Lima	208
— Quem mais amou, Clície ao Sol ou Endimião à Lua?, Romance, Luís Canelo de Noronha	214
— Mais firme amante foi Endimião da Lua que Clície do Sol, Décima, Antônio de Oliveira	216
— Qual amou mais, se Clície ao Sol, ou Endimião à Lua? Romance joco-sério, Anastácio Ayres de Penhafiel	216
— Qual obrou mais? Endimião em seguir a Lua, ou Clície em seguir ao Sol, assunto lírico da nossa Academia Brasileira, Décimas, Sebastião da Rocha Pita	222
— Qual obrou mais? Endimião em seguir a Lua, ou Clície em seguir ao Sol, assunto lírico da nossa Academia Brasileira, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	223
— De Clitia, et Endymione, Epigramma, Emmanuelis Ribeiro Rocha	224
— Ao Assunto Lírico, Silva, José de Oliveira Serpa	224
— Certamem amoroso, em que se dá a decisão do problema proposto, Antônio Nunes de Siqueira	227
— Romance, Frei Antônio de Santa Maria	232
— Ad Clytien et Endimionem, Epigramma, São Francisco Anônimo	237
— Mostra-se que foi Endimião mais fino em amar a Lua, que Clície ao Sol, Sonêto, [S.I.A.]	237

3.^a CONFERENCIA

[ASSUNTO] Conferência de 21 de maio, Mestre da história militar.	
— 3. ^a Conferência de 21 de maio do Capitão João de Brito e Lima, Oração Acadêmica	241
— Ao Presidente o Senhor João de Brito e Lima, Décimas, [José da Cunha Cardoso]	255

	Págs.
— Ao Acadêmico Orador, Décima, Francisco Xavier de Araújo ...	255
— Ao Senhor João de Brito e Lima, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto	256
— Ao Senhor João de Brito e Lima, Digníssimo Presidente, Sonêto, Frei Francisco da Conceição	256
— Ao Capitão João de Brito e Lima Digníssimo Presidente, Sonêto, Padre Frei Pedro da Estrêla	257
— Ao Senhor Capitão João de Brito e Lima Presidente Digníssimo na Academia dos Esquecidos, Décimas [Gonçalo Soares da Franca]	257
— Ao Senhor João de Brito e Lima, segundo Presidente desta Academia, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	258
— Em louvor do presente Presidente o Senhor Capitão João de Brito e Lima, Manoel Cerqueira Leal	259
— Ao Capitão João de Brito e Lima, Sonêto, Frei Antônio de Santa Maria	259
— Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo Presidente, Sonêto, Frei Manoel de Santa Maria	260
— Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo Presidente, Sonêto, Frei Manoel de Santa Maria	260
— Ao Senhor João de Brito e Lima Emeretíssimo Presidente, Sonêto, Frei Manoel de Santa Maria	261
— Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo Presidente, Décimas, Frei Manoel de Santa Maria	262
— Ad Duces Emeritum et Praestantissimum Dominum Ioannem de Brito e Lima, Epigramma, Ludouici Canelo de Noronha ...	262
— Doctissimo, ac Ingeniosissimo Domino Ioanni de Brito Lima Academiae Praesidi Emeritissimo, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	263
— Aliud ad eundem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa ...	263
— Ao Senhor Capitão João de Brito e Lima Presidente da Academia, Romance, Anastácio Ayres de Penhafil	263
— Em louvor do Acadêmico Infeliz o Senhor Capitão João de Brito e Lima, no dia em que preside na nossa Academia Brasileira, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	265
— Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo Presidente, Décimas, Padre Frei David dos Reis	266
— Em louvor do Eruditíssimo Presidente, Décima Heróica, Francisco da Silva	267
— Ao Senhor Capitão João de Brito e Lima, Sonêto, [S.I.A.]	268
[ASSUNTO] Foi o primeiro assunto Diana assistindo ao nascimento de Alexandre Magno na mesma noite, em que Heróstrato lhe estava queimando o seu templo.	
— Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	268
— Ao Assunto heróico, Sonêto, Francisco Xavier de Araújo	269
— Ao assunto heróico, Sonêto, Antônio Pinheiro Barreto	269

	Págs.
— Dum Alexandri Magni natali Diana praesidet, illius templum ab Herostrato flammis Vastatur, Epigramma, Iosephus Pereira de Castro	270
— Enquanto Diana assiste ao nascimento de Alexandre Magno, lhe põe Heróstrato fogo ao templo, Sonêto, José Pereira de Castro	270
— Diana assistindo ao nascimento de Alexandre ao mesmo tempo, que Heróstrato havia pôsto fogo ao famoso Templo de Éfeso, dedicado à mesma Diana, Romance heróico, [Caetano de Brito Figueiredo]	271
— Ao incêndio que Heróstrato, por ser nomeado, fêz no Templo da Deusa Diana em Éfeso, quando obsequiosa assistia ao nascimento do grande Alexandre Príncipe da Macedônia, Sonêto, [Antônio Dias da Franca]	272
— Ao mesmo assunto, Sonêto, Antônio Dias da Franca	273
— Diana assistindo ao nascimento de Alexandre Magno ao mesmo tempo que Heróstrato lhe estava queimando o seu Templo, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	273
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	274
— Ao primeiro assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima	274
— Sonêto, João de Brito e Lima	275
— Sonêto, João de Brito e Lima	275
— Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria	276
— Ao assunto do Templo, Frei Manoel de Santa Maria	277
— A Diana assistindo ao nascimento de Alexandre Magno, ao mesmo tempo, que Heróstrato punha fogo ao seu Templo, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	277
— Nasce Alexandre Magno assistido de Diana, cujo templo queimava Heróstrato, Sonêto, Antônio de Oliveira	278
— Nasce Alexandre Magno nas mãos da Deusa Diana no mesmo tempo, em que o templo desta Deusa se queimava, Sonêto, Antônio de Oliveira	278
— Pós Heróstrato fogo ao Templo de Diana na mesma ocasião que ela assistia ao nascimento de Alexandre Magno, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel	279
— Vai Diana assistir ao nascimento de Alexandre em Macedônia, e deixa ardendo o seu Templo em Éfeso. Assunto heróico da nossa Academia Brasilica, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita ...	280
— Ao assunto heróico, Sonêto, José de Oliveira Serpa	280
— Ao assunto heróico, Canção, José de Oliveira Serpa	281
— Diana assistindo ao nascimento de Alexandre Magno na mesma noite, em que Heróstrato lhe queimou o seu templo, Sonêto, João Alveres Soares	282
— Ao mesmo assunto compreendendo melhor tôdas as circunstâncias dêle, Sonêto, João Alveres Soares	283

	Págs.
— Ad Dianae templum, quod, Dea assistente Alexandro Magno in lucem prodito, flammis sternitur, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	283
— Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	284
— Enquanto Diana assiste ao nascimento do grande Alexandre, Heróstrato lhe queima o seu templo, Sonêto, Manoel Nunes de Sousa	284
— Ad [1 ^{um}] Argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	285
— Ad [1 ^{um}] Argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	285
— A Diana assistir ao parto de Alexandre Magno, ao tempo que Heróstrato lhe queimava o seu templo, Sonêto [S.I.A.]	286
— Ao templo de Diana, que em Éfeso na mesma noite, em que se achava assistindo ao nascimento de Alexandre lhe queimou Heróstato, Sonêto, [S.I.A.]	286
— Ao assunto Acadêmico heróico, em retrato não vulgar, Sonêto, [S.I.A.]	287
— A Diana assistindo ao nascimento de Alexandre, Sonêto, [S.I.A.]	288
— Ao mesmo assunto, Sonêto joco-sério, [S.I.A.]	288
[ASSUNTO] Conferência de 21 de maio. Foi o segundo assunto uma dama formosa, mas com poucos dentes, que costuma falar pouco, por se lhe não ver aquela falta.	
— Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	289
— A uma môça que por falta de dentes, costumava falar pouco por se lhe não descobrir a falta, Sonêto, Francisco Pereira do Lago Barreto	289
— A uma Dama formosa, mas com falta de dentes por cuja razão não falava, Sonêto, Padre Frei Pedro da Estrêla	290
— A certa fomosa que se não ria, por não mostrar a falta dos dentes, Romance: mas parecem redondilhas, Antônio Dias da Franca	291
— Uma Dama formosa, mas com falta de dentes, que costuma falar pouco por se lhe não notar essa falta, Silva joco-séria, [Gonçalo Soares da Franca].....	293
— Ao segundo assunto, Romance, João de Barbosa e Lima	295
— Décimas, [João de Brito Lima]	298
— Romance joco-sério, João de Brito e Lima	299
— A uma Dama formosa, e sem dentes, Romance, Frei Antônio de Santa Maria	301
— Ao Assunto da Dama, Sonêto, [Frei Manuel de Santa Maria]	303
— Epigramma, Frei Manoel de Santa Maria	304
— Ao mesmo assunto, Sonêto, [Frei Manuel de Santa Maria] ...	304
— Ao mesmo assunto e pelos mesmos consoantes, Sonêto, Frei Manuel de Santa Maria	305

	Págs.
— A certa Dama desdentada, que por não se lhe descobrir a falta dos dentes nunca falava, Sonêto, Francisco da Silva	305
— A uma Dama desdentada, que por não mostrar que não tinha dentes, nunca falava, Décimas, Francisco da Silva	306
— A uma Dama sem dentes, e por não mostrar a falta dêles sempre calada, Seguidilhos, Francisco da Silva	307
— A uma Dama Formosa sem dentes, que para encobrir a falta falava pouco, Segundo assunto, Sonêto, Gervásio das Montanhas	309
— A uma Dama formosa, e sem dentes, que para encobrir esta falta falava pouco, Segundo Assunto, Romance, Gervásio das Montanhas	310
— A uma Dama formosa, que faltando-lhe os dentes, costumava falar pouco, por se lhe não ver aquela falta, Décima, Luís Canelo de Noronha	313
— Ad puellam edentulam, Epigramma Antonius de Oliveira ...	313
— A Nise que lhe chamam desdentada, Décima, Antônio de Oliveira	313
— A uma Dama desdentada, Décima, Antônio de Oliveira	314
— A uma Dama desdentada que não falava por não mostrar o seu defeito, Silva jocosa, [Anastácio Ayres de Penhafil]	314
— Décima, Anastácio Ayres de Penhafil	317
— Uma Dama que sendo formosa não falava por não mostrar a falta que tinha de dentes. Assunto lírico da nossa Academia Brasileira, Sonêto jocoso, Sebastião da Rocha Pita	317
— Uma Dama que sendo formosa, não falava por não mostrar a falta que tinha de dentes. Assunto lírico da nossa Academia Brasileira, Romance, Sebastião da Rocha Pita	318
— Ao assunto lírico, Romance joco-sério, José de Oliveira Serpa	320
— Ao assunto lírico, Sonêto jocoso, José de Oliveira Serpa	322
— Uma Dama formosa, mas com falta de dentes, que costumava falar pouco, para encobrir essa falta, Décima, João Alv'res Soares	322
— Ad puellam edentulam(ideoque nunquam uidentem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	322
— Epigramma, [S.I.A.]	323
— Décima, [S. I. A.]	323
— Ao assunto, Sonêto tropológico, [S. I. A.]	325
— A uma Dama muito formosa que falava pouco por encobrir a falta que tinha de dentes, Décimas joco-sérias, [S. I. A.]	326
— Ao 2.º, Romance, Anônimo	327
— A uma dama formosa que costuma falar pouco por não se lhe ver a falta, que de dentes padece, Romance, [S. I. A.]	330

ÍNDICE — VOL. I — TOMO 2

	Págs.
4.ª CONFERÊNCIA	
— Oração que leu o Padre Francisco Pinheiro Barreto na Academia Brasílica dos Esquecidos no dia 4 de junho de 1724	7
[ASSUNTO] Ao Presidente que foi o Reverendo Francisco Pinheiro Barreto Vigário de São Pedro.	
— Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	14
— Em obséquio do Presidente o Reverendo Doutor Francisco Pinheiro Barreto, Epigramma, Antônio Cardoso da Fonseca	15
— Ao mesmo Presidente, Décima joco-séria, [José da Cunha Cardoso]	15
— Ao Reverendíssimo Vigário, e Sapiéntíssimo Doutor o Padre Francisco Pinheiro em ocasião em que fêz uma erudita Oração na Academia da Cidade da Bahia, Sonêto, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque	15
— Em Louvor do Muito Reverendo Presidente Doutor Francisco Pinheiro Barreto, Sonêto, Antônio de Freitas do Amaral	16
— Reuerendo admodum Eruditíssimo Praesidi Francisco Pinheiro Barreto, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo	16
— Praestantíssimo Oratori, Distichon, Francisco Xavier de Araújo	17
— Doctori Eximio, Reuerendo admodum Vicario Diui Petri, nec non huius Academiae Praestantíssimo Oratori, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo	17
— Ao Eruditíssimo Orador Francisco Pinheiro, Décima, Francisco Xavier de Araújo	17
— Eximio Doctori Reuerendo admodum Patri Francisco Pinheiro Barreto, Ecclesiae Diui Petri Vicario [...], Epigramma, [Ioannes Machado Barcelos]	18
— Aliud, Ioannes Machado Barcelos	18
— Ao Ilustríssimo Reverendo Vigário o Sapiéntíssimo Presidente Francisco Pinheiro Barreto, Décimas, Francisco Pereira do Lago Barreto	18
— Ao Muito Reverendo Senhor Padre e Vigário Geral [o Licenciado] Francisco Pinheiro Barreto, Epigramma, [Manuel Martins da Encarnação]	19
— Ao mesmo Reverendo Senhor, Décimas, Manuel Martins da Encarnação	20

— Ao Senhor Reverendo Padre Francisco Pinheiro, Digníssimo Presidente, Sonêto, Padre Frei Pedro da Estrêla	21
— Ao Senhor Reverendo Padre Francisco Pinheiro, Digníssimo Presidente, Sonêto, Padre Frei Pedro da Estrêla	21
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Francisco Pinheiro Barreto Vigário de São Pedro presidindo na Academia Brasilica, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	22
— Reuerendo admodum Doctori Francisco Pinheiro Barreto, [...], Epigramma, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães]	22
— Aliud, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães]	22
— Aliud, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães]	23
— Aliud, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães	23
— Ao Meritíssimo Presidente, o Doutor Francisco Pinheiro Barreto Digníssimo Vigário da Matriz de São Pedro, Oitavas, Caetano do Lago	23
— Auunculo suo Reuerendo admodum, ac Dignissimo Praesidi Diui Petri Parochialis Ecclesiae Rectori circa orationis thesim, Epigramma, Padre Ioseph Lopes de Araújo e Lanos	23
— Ao Presidente, Décima, [Padre José Lopes de Araújo e Lanos]	24
— Ao Presidente, Sonêto, [Padre José Lopes de Araújo e Lanos]	24
— Ao Eruditíssimo Presidente Francisco Pinheiro Barreto, Décima, Inácio de Araújo Lassos	25
— Ao Doutor Presidente, Décima, Frei Avertano de Santa Maria	25
— Ad Reuerendissimo admodum Doctorem, Dominum Franciscum Pinheiro Barreto, Epigramma, Luís Canelo de Noronha	25
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Francisco Pinheiro Barreto Digníssimo Vigário da Matriz de São Pedro, com a circunstância de orar em dia do Espírito Santo, Décima, Luís Canelo de Noronha	26
— Reuerendissimo Doctori Francisco Pinheiro Academiae Praesidi Emeritissimo, Epigramma, Antônio de Oliveira	26
— Ao Reverendíssimo Padre Vigário de São Pedro o Senhor Doutor Francisco Pinheiro Dignissimo Presidente da Academia, Sonêto, Antônio de Oliveira	26
— Em louvor do muito Reverendo Padre Vigário o Senhor Doutor Francisco Pinheiro, orando na nossa Academia Brasilica, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	27
— Ao Preclaríssimo Senhor Desembargador Luís de Siqueira da Gama, Sonêto, [S.I.A.]	28
[ASSUNTO] [Primeiro assunto]. Foi o primeiro assunto o Senhor Rei Dom João o 2. ^o que se gloriava de conhecer os seus vassallos.	
— Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	28

	Págs.
— O Senhor Rei Dom João o 2. ^o que folgava-se ver os seus vassallos, Sonêto, Antônio de Freitas do Amaral	29
— A grande glória que o Senhor Rei Dom João o 2. ^o de Portugal tinha em conhecer aos seus vassallos, Romance, Antônio de Freitas do Amaral	29
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Xavier de Araújo	30
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	31
— A El-Rei Nosso Senhor Dom João o Segundo gloriando-se nos seus vassallos, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto	31
— Gloriar-se o Senhor Rei Dom João o Segundo de ter conhecimento dos seus vassallos, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	32
— Em louvor do Sereníssimo Rei Dom João o 2. ^o da gloriosa memória do grande conhecimento, que tinha dos seus vassallos, Sonêto, [Manuel] Cerqueira Leal	32
— Ao Primeiro Assunto, Sonêto, João Barbosa e Lima	33
— Sonêto, João de Brito e Lima	33
— Sonêto, João de Brito e Lima	34
— Ao Senhor Rei Dom João o segundo, que se gloriava de conhecer os seus vassallos. Com alusão ao verso de Vergílio no Livro VI, <i>Aenea. — Solemque suum sua sydera norunt</i> , Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas	34
— Sereníssimo Lusitaniae Regi <i>Domino Ioanni II, qui suos cognoscendo magnopere gloriabatur</i> , Epigramma, Ioseph de Matos ...	35
— Ao Sereníssimo Rei de Portugal Dom João II que se gloriava de conhecer a seus vassallos, Décimas, José de Matos	35
— Ao Sereníssimo Rei Dom João o Segundo de gloriosa memória, que se alegrava em conhecer os seus vassallos, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	36
— Sereníssimo <i>Domino Ioanni Secundo Portugaliae Regi, qui uiros suos cognoscere gloriabatur</i> , Epigramma, Antônio de Oliveira ..	36
— Ao muito Alto e Poderoso Senhor Dom João o Segundo Rei de Portugal que se alegrava de conhecer os seus vassallos, Sonêto, Antônio de Oliveira	37
— O quanto desejou El-Rei Dom João 2. ^o conhecer os seus vassallos, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafil	37
— Gloriava-se o Senhor Rei Dom João 2. ^o de ver os seus vassallos, assunto heróico da nossa Academia Brasilica, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	38
— Assunto Primeiro. O Senhor Rei Dom João 2. ^o que se gloriava de conhecer a seus vassallos, Sonêto, João Alv'es Soares	39
— <i>Domino Ioanni Secundo Portugaliae Regi, qui in cognoscendo subditos suos prae omnibus gloriabatur</i> , Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	39
— <i>Aliud eidem</i> , Emanuel Nunes de Sousa	40

	Págs.
— Ao Senhor Rei Dom João Segundo que se gloriava muito de concededor de seus vassalos, Soneto, [S.I.A.]	40
[ASSUNTO] Foi o segundo assunto uma hera sustentando a um álamo sêco.	
— Uma hera sustentando a um Álamo ou choupo, Romance, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque	40
— Uma hera enlaçada a um álamo sêco, Soneto, Antônio de Freitas do Amaral	42
— Ao Álamo sêco que a Hera tinha abraçado, Décima, Antônio de Freitas do Amaral	42
— Uma Hera enlaçada a um álamo sêco, Décimas, Antônio de Freitas do Amaral	43
— Ao assunto lírico, Soneto, João Machado Barcelos	43
— Ao assunto lírico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto	44
— Ao álamo sustentado da hera, Décimas, Manuel Muniz da Encarnação	44
— Assunto segundo, Uma hera sustentando a um álamo sêco, Soneto, [Caetano de Brito Figueiredo]	45
— Al segundo, Romance, [Luís de Siqueira da Gama]	46
— Ao Álamo sêco com a Hera verde enleada, Soneto, [Manuel] Cerqueira Leal	47
— Ao segundo assunto, Soneto, João de Barbosa e Lima	48
— Ao mesmo assunto, Soneto burlesco, João de Barbosa e Lima ..	48
— Silva joco-séria, João de Brito e Lima	49
— Mote — Glosa, João de Brito e Lima	51
— Romance joco-sério, João de Brito e Lima	52
— Cuidam hederæ siccam ulmum sustinenti, Epigramma, Ioseph de Matos	54
— A uma hera sustentando um álamo sêco, Décima, José de Matos	54
— Ao mesmo assunto, outra décima com diverso sentido, José de Matos	55
— A uma Hera enlaçada em um Álamo, ou Choupo sêco, Soneto joco-sério, Luís Canelo de Noronha	55
— Sustenta uma Hera significada em Baco a um Álamo sêco significado em Hércules aos quais são consagrados, Soneto, Antônio de Oliveira	56
— A uma Hera sustentando um Álamo sêco, Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafiel	56
— Ao segundo assunto, Quintilhas, Eusébio Peixoto	59
— A uma Hera sustentando a um Álamo sêco, assunto lírico da nossa Academia Brasílica, Soneto, Sebastião da Rocha Pita ..	61
— A uma Hera sustentando um Álamo sêco, assunto lírico da nossa Academia Brasílica, Décimas, Sebastião da Rocha Pita	61

	Págs.
— Ao assunto lírico, Romance joco-sério, José de Oliveira Serpa ..	62
— Ao assunto lírico, Romance joco-sério, José de Oliveira Serpa ..	63
— Ad Amantissimam haederam, quae iam sine uiribus ulmum siccam adhuc bracchiis sustentat, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	65
— Aliud eidem, Emanuel Nunes de Sousa	65
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	65
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	66
— Uma Hera sustentando a um álamo séco, Soneto, [S.I.A.]	66
— A uma Hera sustentando um álamo séco, Ode, [S.I.A.]	66

5.ª CONFERENCIA

[ASSUNTO] Oração que leu o Padre Antônio Gonçalves Pereira sendo Presidente na Academia dos Esquecidos desta Cidade da Bahia em 25 de junho de 1724.

— Discurso Filosófico	71
-----------------------------	----

[ASSUNTO] Ao Presidente, que foi o Reverendo Vigário do Rosário Antônio Gonçalves Pereira.

— Admodum Reuerendo et Eruditissimo Praesidi Domino Antonio Gonçalves Pereira [...], Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	79
— Ao Presidente, Décima, João Machado Barcelos	79
— Ao Presidente, Soneto, João Machado Barcelos	80
— Em louvor do Muito Presidente o Senhor Doutor Antônio Gonçalves Pereira [...], Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa] ..	80
— Ao mesmo, Antônio Ribeiro da Costa	81
— Em aplauso do Doutíssimo Orador o Reverendíssimo Vigário o Senhor Antônio Gonçalves Pereira, Décima, Hierônimo Roiz de Crasto	81
— Reuerendo admodum Doctori Antonio Gonçalves Pereira, [...], Epigramma, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães]	82
— Aliud, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães	82
— Ad Clarissimum Reuerendissimumque Domino Doctorem Anto- nium Gonçalves Pereira Academicum Meritissimum, Epigramma, Emanuel Nunes Leal	82
— Ad Clarissimum Reuerendissimumque Domino Doctorem Anto- nium Gonçalves Pereira Academicum Meritissimum, Epigramma, Emanuel Nunes Leal	82
— Ao Doutor Presidente Antônio Gonçalves Pereira, Décima jocosa, Frei Avertano de Santa Maria	83
— Ad Reuerendum admodum Patrem Antonius Gonçalves Pereira, Dignissimum Vicarium Ecclesiae Beatissimae Dominae de Rosario nuncupatae, Epigramma, Luís Canelo de Noronha	83

	Págs.
— Ao Meritíssimo e mui Reverendo Senhor Padre Vigário Antônio Gonçalves Pereira, Décima, Luís Canelo de Noronha	83
— Ao Doutor Antônio Gonçalves Pereira, [...], Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	84
— Ao mesmo, Décima joco-séria, [Anastácio Ayres de Penhafiel]	84
— In laudem Reuerendissimi Vicarii Antonii Gonçalves Pereira nostrae inclutae Academiae V Praesidis [...], Epigramma, [Frei Luís Botelho do Rosário]	85
— Aliud eiusdem ad eundem, Frei Luís Botelho do Rosário	85
[ASSUNTO] Primeiro assunto celebrar os anos do Príncipe Nosso Senhor que Deus guarde e fêz 10 em 6 do corrente.	
— Alude à admirável compreensão, com que o Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor tem recebido doutrinas, e notícias que em outros sujeitos não podiam caber na esfera de tão pouca idade, Soneto, [José da Cunha Cardoso]	86
— Aos felizes anos do Príncipe Nosso Senhor na ocasião em que perfaz os dez, Soneto, Francisco Álvares	86
— Ao mesmo assunto, Soneto, [Francisco Álvares]	87
— Ao Assunto heróico, Soneto, Francisco Xavier de Araújo	87
— Ao Assunto Heróico, Epigrammata, João Machado Barcelos	88
— Aos dez anos de idade do Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor, pelo mesmo Autor, Soneto, [João Machado Barcelos]	88
— Ao Assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto	89
— Em louvor dos felizes anos do Príncipe Nosso Senhor, Canção, Hierônimo Roiz de Crasto	89
— Ao Príncipe Nosso Senhor cumprindo o décimo ano de sua florentíssima Idade, Primeiro Assunto, Soneto, Caetano de Brito Figueiredo	91
— Aos dez anos, que faz o Príncipe Nosso Senhor, Soneto, [Gonçalo Soares da Franca]	92
— Ao primeiro assunto, Soneto [Luís de Siqueira da Gama]	92
— Aos dez anos, que faz o Príncipe Nosso Senhor, Soneto, João de Barbosa e Lima	93
— Soneto, [João de Brito e Lima]	93
— Soneto, [João de Brito e Lima]	93
— Soneto, João de Brito e Lima	94
— Ao Príncipe Nosso Senhor fazendo dez anos a seis de junho, cômputo, que em opinião de São Hierônimo, alegorizando os números sôbre o capitulo quinto de Zacarias, significa felicidades: Denarium prospera significat , Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas	94
— Ad Augustissimum Decenium Serenissimi Principis Nostri [...], Epigramma, Luís Canelo de Noronha	95

	Págs.
— Ao Sereníssimo Príncipe de Portugal o Senhor Dom José ajustando dez anos em uma oitava do Espírito Santo, Sonêto, Antônio de Oliveira	95
— Primeiro Assunto. Ao feliz complemento do décimo ano de idade do Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor em 6 de junho de 1724, Sonêto, João Alv'res Soares	96
— Ao Sereníssimo Príncipe de Portugal o Senhor Dom José em ocasião de completar dez anos em 6 de junho próximo presente, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel	97
— Ao Sereníssimo Senhor Príncipe, fazendo anos, assunto heróico da nossa Academia Brasilica, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .	97
— Ad Serenissimum Lusitaniae Principem Dominum Iosephum [...], Elogium, [S.I.A.]	98
— Nascitur Serenissimus Princeps Domino Iosephus, [...], Epigramma, [S.I.A.]	100
— Extincto Serenissimo Principe Domino Petro Augustissimi Domini Ioannis Quinti [...], Epigramma, [S.I.A.]	101
— Serenissimum Principem Dominum Iosephum [...], Epigramma, [S.I.A.]	101
[ASSUNTO] Segundo assunto uma dama dando a Fábio duas flôres, a saber um amor-perfeito metido em um malmequeres.	
— Décimas, [José da Cunha Cardoso]	102
— Ao assunto lírico, Sonêto, João Machado Barcelos	102
— Assunto. Uma flor chamada amor-perfeito, metida em um malmequeres, Sonêto, [Antônio Ribeiro da Costa]	103
— Em contraposição do Sonêto acima, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	104
— A uma dama que deu a seu amante duas flôres, a saber um amor-perfeito dentro de um malmequeres, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	104
— A Lisarda dando umas flôres a Fábio a saber, um Amor-perfeito metido dentro em um Malmequeres, Décima, Luís Canelo de Noronha	105
— Ao segundo assunto, Décima, Fala a dama, João de Barbosa e Lima	105
— Silva joco-séria, João de Brito e Lima	106
— Décimas, João de Brito e Lima	109
— Romance joco-sério, João de Brito e Lima	111
— A um amor-perfeito metido em um malmequeres, que a Fábio deu uma Dama, Sonêto, Padre André de Figueiredo Mascarenhas	113
— A Lisarda, que deu a Fábio duas flôres, a saber, um Amor-perfeito metido dentro em Malmequeres, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	113

— Dá Lisarda a Fábio um amor-perfeito metido em um malmequeres, Décima, Antônio de Oliveira	114
— A Lisarda que dando duas flôres a Fábio [nela habitava] uma Malmequeres e outra amor-perfeito, Silva joco-séria, [Anastácio Ayres de Penhafiel]	114
— Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	116
— A uma Dama, pondo a Flor do Amor-perfeito, na Flor do Malmequer, Assunto lírico da nossa Academia Brasilica, Soneto em agudos, Sebastião da Rocha Pita	116
— Segundo assunto, Uma Dama dando a Fábio duas Flôres — a saber um amor-perfeito metido em um malmequeres, Décimas João Alv'es Soares	117
— Foi assunto da Academia Nise dando a Fábio um amor-perfeito metido em um malmequer, Décimas, [S.I.A.]	118

6.ª CONFERENCIA

[ASSUNTO] Oração, que se fêz em Academia da Bahia em 9 de julho de 1724. Presidente o Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Religioso de Nossa Senhora do Monte do Carmo.	
— Oração, que se fêz em Academia da Bahia em 9 de julho de 1724. Presidente o Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Religioso de Nossa Senhora do Monte do Carmo	123
[ASSUNTO] Ao Presidente que foi o Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo de Santo Antônio religioso do Carmo.	
— Ao Reverendo Presidente, Décima, [José da Cunha Cardoso] ..	131
— Eloquentissimo Praesidi, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo	132
— Ao Muito Reverendo Padre Mestre Presidente Frei Raimundo Boim de Santo Antônio, Décimas, Frei Avertano de Santa Maria	132
— Ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Digníssimo Presidente da Academia em que se escreve da Morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa Moscoso Osório; [...], Soneto, Antônio de Oliveira	133
— Ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Presidente Digníssimo desta Conferência Acadêmica, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	133
— Ao Muito Reverendo Padre Mestre Presidente, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	134
[ASSUNTO] Foi o primeiro assunto a morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia Dona Teresa de Moscoso.	
— Ao primeiro assunto, Epitáfio, [José da Cunha Cardoso]	134
— Invectiva contra a Morte no falecimento da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Oitavas, Salvador Pizzarro de Carvalho e Albuquerque	135

	Págs.
— Ao 1.º assunto, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo	137
— Ao primeiro assunto, Sonêto, Francisco Xavier de Araújo . . .	137
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, João Machado Barcelos	138
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, João Machado Barcelos	138
— À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	139
— Assunto. A morte tão digna de sentimento da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	139
— À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia, Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto	140
— Sentimentos na Morte da Excelentíssima Marquesa Aia a Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Romance Heróico, [Caetano de Brito Figueiredo]	141
— Na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia filha dos Excelentíssimos Senhores Condes de Altamira, Epitáfio, [Gonçalo Soares da Franca]	143
— Na morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	143
— Ao primeiro, Elegia, Luís de Siqueira da Gama	144
— Ao sentimento da morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa de Moscoso e Osório, [...], Sonêto, Manuel Nunes Leal . .	148
— Sentimento de pejo na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, João de Barbosa e Lima	149
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	153
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	153
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	153
— Sonêto, João de Brito e Lima	154
— À morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Canção, André de Figueiredo Mascarenhas	154
— À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	157
— À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Sonêto saudoso, Luís Canelo de Noronha	158
— À morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Silva Funeral, Anastácio Ayres de Penhafiel	158
— A sentidíssima morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, [...], Sonêto, Gervásio de Pilares	161
— Ao mesmo Assunto, Sonêto, [Gervásio de Pilares]	161
— Ao Túmulo, Sonêto, [Gervásio de Pilares]	162
— Na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia; primeiro Assunto da presente Academia, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	162

	Págs.
— Ao mesmo Assunto, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	163
— A sentida morte da Ilustríssima Marquesa de Santa Cruz, Soneto, Inácio Pires da Silva	163
— Primeiro Assunto. A morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia, a Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Soneto espanhol, João Alvres Soares	164
— In obitum Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso Osorio, Epigramma, [S.I.A.]	164
— In funere Excellentissimae Dominae Marchionissa a Sancta Cruce, Elogium Sepulcrale, [S.I.A.]	165
— Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso Osorio [...], Epitaphium, [S.I.A.]	166
— Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso Osorio [...], Phaleucium, [S.I.A.]	167
— Excellentissima Domina Marchionissa a Sancta Cruce [...], Epigramma, [S.I.A.]	167
— Ad primum argumentum, Excellentissima Domina Theresia Moscoso Osorio, [...], Epigramma, [S.I.A.]	168
— Ad primum argumentum, Excellentissima Domina Theresia Moscoso Osorio, [...], Epigramma, [S.I.A.]	168
— In obitum Excellentissimae Theresiae de Moscoso Osorio, Epicedium, [S.I.A.]	169
— Nocte obiit Excellentissima Domina Marchionissa a Sancta Cruce, Epigramma, [S.I.A.]	169
— Expressão reverente de um magoadado sentimento na Morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz sucedida no dia de quinta-feira Maior, Soneto, O Mais Fiel, e humilde Criado	170
[ASSUNTO] Foi o segundo assunto [a] Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia Dona Inácia Rosa, que deixando o mundo se recolheu em um Convento.	
— Romance Heróico, José da Cunha Cardoso	170
— Ao segundo assunto, Soneto, Francisco Xavier de Araújo	172
— Ao Segundo Assunto, Soneto, João Machado Barcelos	173
— Ao Segundo Assunto, Soneto, João Machado Barcelos	173
— Recolhendo-se a um Convento a Excelentíssima Senhora Dona Inácia de Távora pela morte de seu Espôso o Excelentíssimo Senhor Marquês de Gouveia, Soneto, Francisco Pereira do Lago Barreto	174
— A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia, trocando as caducas pompas do Mundo pelas seguras asperezas da Religião, Décimas, Francisco Pinheiro Barreto	174
— Ao Segundo Assunto; em que se descreve ser a Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia, [...] na resolução, que tomou de ser religiosa, [...], Silva, Manuel Ferreira de Carvalho	176

	Págs.
— A recolher-se a Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia em um Convento, [...], Soneto, Hierônimo Roiz de Crasto...	180
— A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia, [...], Soneto, Caetano de Brito Figueiredo	181
— Recolhendo-se a um Convento a Excelentíssima Senhora Dona Inácia Rosa de Távora, [...], Décimas, Gonçalo Soares da Franca	181
— Deixando o Século, e recolhendo-se a um Convento a Excelentíssima Senhora Dona Inácia Rosa de Távora [...], Soneto, Gonçalo Soares da Franca	183
— Ao segundo assunto, Soneto, Luís de Siqueira da Gama	183
— Segundo assunto, Soneto, [João de Brito e Lima]	184
— Soneto, João de Brito e Lima	184
— Décimas, João de Brito e Lima	185
— A Excelentíssima Senhora Dona Inácia Rosa de Távora [...], Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas	187
— Ad Excellentissimam Dominam Marquionissam (sic) de Gouvea, [...], Epigramma, Luís Canelo de Noronha	187
— A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia [...], Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel	188
— A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia retirando-se a viver em um Convento, Soneto, Gervásio de Pilares	188
— A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia, tomando o estado de Religiosa: segundo Assunto da presente Academia, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	189
— Ao mesmo Assunto, Romance, Sebastião da Rocha Pita	189
— Segundo Assunto. A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia a Senhora Dona Inácia Rosa de Távora [...], Soneto Español, [João Alv'res Soares]	191
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.I.A.]	191
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.I.A.]	192
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.I.A.]	192
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.I.A.]	193
— Excellentissimae Dominae Ignatiae Rosae de Tavora Se Monialium Syllabo adscribenti, Epigramma, [S.I.A.]	193
— Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea, [...], Epigramma, [S.I.A.]	193

7.ª CONFERENCIA

[ASSUNTO] Oração Acadêmica, que em presença do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-Rei do Estado do Brasil disse o Muito Réverendo Padre Mestre Rafael Machado da Companhia de IESU Reitor do Colégio da Bahia	197
[OFERECIMENTO] Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Rafael Machado	197
[ORAÇÃO] Argumento da Oração. Mostra-se, que o descobrimento, que os Argonautas Lusitanos fizeram do Brasil, verdadeiramente foi descobrimento nôvo, ainda que essas terras nos séculos passados fôsem descobertas por outras [nações]	198
[JUSTIFICATIVA] Foi Presidente o Reverendo Padre Salvador da Mata Jesuíta; e por não poder vir, o substituiu o Reitor do Colégio o Reverendo Padre Rafael Machado, [Letra do Secretário]	210
— In laudem Praesidis sapientissimi, Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	210
— Ao Engenhosíssimo, e Religiosíssimo Presidente [...] Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque	210
— Ao muito Sábio, e Religioso Presidente o Reverendíssimo Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque	211
— Ao Facundíssimo, e Religiosíssimo Presidente o muito Reverendo Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque	211
— Ao Sapientíssimo e Religiosíssimo Presidente o muito Reverendo Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque	212
— Ao Argutíssimo, e Religiosíssimo Presidente o muito Reverendo Padre Rafael Machado [...], Epigrama, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque	212
— Raphael, idest, Medicina Dei, Distichon, Francisco Xavier de Araújo	213
— Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi, Epigramma, Carlos de Azevedo	213
— Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi, Epigramma, Carlos de Azevedo	213
— Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi, Epigramma, Carlos de Azevedo	214
— Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi, Epigramma, Carlos de Azevedo	214
— Em louvor do muito Reverendo Padre Reitor Rafael Machado Presidente da Academia, Sonêto, Carlos de Azevedo	214

	Págs.
— Ad Reuerendissimum Patrem Magistrum, [...], Raphaellem Machado, [...], Epigramma, Padre Francisco Pinheiro Barreto	215
— Ao Sapientíssimo e Reverendíssimo Presidente o Muito Reverendo Padre o Senhor Rafael Machado Digníssimo Reitor do Colégio da Companhia. Com alusão ao primeiro Assunto de haver um Raio feito em pó a u'a estátua de Apolo, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo]	216
— Religiosíssimo Sapientíssimoque, Magistro Raphaeli Machado Societatis IESU Rectori Eximio, Encomium, Emanuel Nunes Leal	216
— Ad Reuerendo admodum huius Academiae Praesidentem, Epigramma, Luís Canelo de Noronha	217
— Ao Reverendíssimo Padre Rafael Machado [...], Décima, Luís Canelo de Noronha	217
— In laudem Reuerendissimi Patris Sapientissimique [Magistri] Raphaelis Machado Societatis IESU Rectoris Dignissimi, [...] Paralelus elogiacus, Anastacio Ayres de Penhafil	218
— Em louvor do Muito Reverendo Padre Rafael Machado [...], Décima, Pedro de Sá Vasconcelos	218
— Ao Reverendíssimo Padre Reitor, Idílios triplicados, De um seu muito venerador	219
— Ad Reuerendissimum, et Sapientissimum Patrem Raphaellem Machado [...], Elogium, [S.I.A.]	221
[PRIMEIRO ASSUNTO] Foi o primeiro assunto uma estátua de Apolo ferida e desfeita por um raio.....	222
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	222
— Ao Assunto Heróico, Sonêto, João Machado Barcelos	222
— Fazendo Trovões caiu um Raio, e fêz em pedaços a uma estátua de Apolo. Segundo (sic) assunto, Sonêto, Hermita Frei de Santo Antônio da Barra	223
— Ao Assunto Heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	223
— Ao Primeiro Assunto, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo] ..	224
— A uma estátua de Apolo abrasada de um raio, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	224
— Ao 1.º, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	225
— Ao primeiro assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima.	225
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima]	226
— Sonêto, João de Brito e Lima.	226
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima]	227
— Sonêto, João de Brito e Lima	227
— A Estátua de Apolo ferida de um raio, Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria	228

	Págs.
— A uma estátua de Apolo ferida, e arruinada por um raio, Sonêto, [André de Figueiredo Mascarenhas]	228
— Ao mesmo assunto, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas	229
— A uma Estátua de Apolo ferida por um raio, Sonêto, Luis Canelo de Noronha	229
— Fere um Raio uma estátua de Apolo, Sonêto, Antônio de Oliveira	230
— A Estátua de Apolo ferida de um raio, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel	230
— Caindo um Raio sobre a Estátua de Apolo, assunto heróico da presente Academia, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	231
— A uma estátua de Apolo ferida, e arruinada por um raio, Sonêto, Antônio de Araújo e Silva	231
[SEGUNDO ASSUNTO] Foi o segundo assunto uma dama que revolvendo na bôca umas pérolas, quebrou alguns dentes	232
— Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	232
— Ao Assunto Lírico, Romance, João Machado Barcelos	232
— A uma Dama, tendo uma pérola na bôca se lhe quebrou um Dente, Décimas, Francisco Pereira do Lago Barreto	234
— Ao Assunto Lírico, Romance, Francisco Pinheiro Barreto	234
— Ao Segundo Assunto, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo] ..	236
— Ao Segundo Assunto, Romance, [Caetano de Brito Figueiredo]	236
— A uma Dama que brincando com umas pérolas na bôca, quebrou uns dentes, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	238
— Ao segundo assunto, Décima, João de Barbosa e Lima	238
— Ao segundo assunto, Sonêto, João de Brito e Lima	239
— Ao segundo assunto, Décimas, João de Brito e Lima	239
— Silva joco-séria, João de Brito e Lima	241
— A uma Dama que tomando várias pérolas na bôca, e revolvendo-as quebrou alguns dentes, Décimas jocosas, Frei Avertano de Santa Maria	243
— A uma dama, que revolvendo umas pérolas na bôca, quebrou com elas alguns dentes, Oitavas, André de Figueiredo Mascarenhas	244
— Ad Filidem, Epigramma, Antonio de Oliveira	246
— A uma Dama que metendo várias pérolas na bôca, e revolvendo-as quebrou alguns dentes, Silva joco-séria, Anastácio Ayres de Penhafiel	246
— A uma Dama que metendo na bôca algumas pérolas, e revolvendo-as quebrou alguns dentes, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	248

Págs.

- Tomando uma Dama na bôca umas Pérolas, se lhe quebraram alguns dentes. Assunto lírico da presente Academia, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita 248
- Ao Assunto Lírico, Silva, Ioseph de Oliveira Serpa 249

8.ª CONFERENCIA

- [ASSUNTO] Oração que disse na Academia o Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima, Desembargador da Relação Eclesiástica na conferência de 6 de agôsto de 1724. 253
- [ORAÇÃO] Conferência, Cônego Antônio Roiz Lima 253
- [ASSUNTO] Foi nesta conferência Presidente o muito Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima Desembargador da Relação Eclesiástica 261
- Ao muito Reverendo Senhor Presidente, Décima joco-séria, [José da Cunha Cardoso] 261
- Ao Reverendo Doutor Antônio Roiz Lima Presidente da presente Academia, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto .. 261
- Ao Muito Reverendo Doutor Antônio Roiz Lima [...], Amanuense Cornélio Bruto 262
- Ao Muito Reverendo Doutor Antônio Rodrigues Lima, na presente Oração, Epigramma, Amanuense Cornélio Bruto 263
- Ad Sapientissimum Praesidem [...] Antonium Rodericum Lima, Acrostichis, seu encomiastice, Emmanuelis Ferreira de Carvalho 263
- Em louvor do Reverendo Cônego o Senhor Doutor Antônio Roiz Lima, Décimas, Hierônimo Roiz de Crasto 264
- Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Antônio Roiz Lima, Cônego Prebendado na Santa Sé da Bahia, e Desembargador da Relação Eclesiástica, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa 265
- Ad Reuerendissimo admodum Canonicum, Doctoremque Antonium Rodericum musarum Apollinem in hac nobili Academia, Epigramma, [Iosephus Fernandis] 266
- Aliud eidem, Epigramma, Iosephus Fernandis 266
- Em louvor do Sapientíssimo Presidente o Reverendo Cônego e Doutor o Senhor Antônio Roiz Lima, Décima, [Caetano de Brito Figueiredo] 266
- Ao Presidente, Sonêto, João de Barbosa e Lima 266
- Ao Doutor Presidente o Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima em ocasião de succeder na presidência ao Padre Reitor Rafael Machado, Décima, Frei Avertano de Santa Maria 267
- Ao Senhor Doutor Antônio Roiz Lima Cônego Prebendado da Santa Sé da Cidade da Bahia, e Desembargador da Relação Eclesiástica, Décima, Luís Canelo de Noronha 268

	Págs.
— Sapientissimo Praesidi Domino Doctore Antonio Roiz de Lima, Epigramma, Antonio de Oliveira	268
— Ao Reverendissimo Cônego o Senhor Padre Antônio Roiz Lima, Dignissimo Presidente da Academia, Sonêto, Antônio de Oliveira	268
— Em louvor do Reverendissimo Presidente o Cônego o Doutor Antônio Rodrigues Lima, Sonêto, Jorge da Silva Pires	269
— Em louvor do Reverendissimo Presidente, o Cônego o Doutor Antônio Roiz Lima, Décima, Jorge da Silva Pires	270
— Ao Ilustrissimo Senhor Doutor Antônio Roiz Lima Cônego da Santa Sé, e Presidente da Academia, Sonêto, Inácio Pires da Silva	270
— Ao Reverendissimo Senhor Doutor o Cônego Antônio Roiz Lima Presidente da Academia, Sonêto, Inácio Pires da Silva	271
— Ao Senhor Reverendissimo Doutor o Cônego Antônio Roiz Lima Presidente da Academia, Décima, Inácio Pires da Silva	271
— Ao Senhor Reverendissimo Doutor o Cônego Antônio Roiz Lima [...], Décima, Inácio Pires da Silva	272
— Reuerendo admodum Canonico, ac Domino Maximo Antonio Roderici huius Academiae Praesidi Emeritissimo, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	272
— Aliud eidem in illud: Antonius, id est "flos", Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	272
— Em louvor do Reverendissimo Presidente: por um seu amantissimo, Décimas, [S.I.A.]	273
— Em louvor do Reverendissimo Presidente o Doutor Antônio Roiz Lima, Cônego da Santa Sé sendo Provedor da Misericórdia, Sonêto, De um afetuoso amigo	273
— Em louvor da Oração do Senhor Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima, Décima, Por Um Anônimo	275
[PRIMEIRO ASSUNTO] Foi o primeiro assunto desta conferência César que tendo notícia da morte de seu inimigo chorou	275
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	275
— Ao assunto heróico, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo ..	276
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	276
— A César compadecido de seu inimigo Pompeio, Epigramma, Cornélio Bruto	276
— A piedade, e clemência de César na morte de seu inimigo Pompeu, Sonêto, Cornélio Bruto	277
— Assunto. César vendo a cabeça de seu Inimigo chorou, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	277
— A chorar César quando lhe trouxeram a cabeça de Pompeu, Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto	278
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo] ..	278

	Págs.
— Ao primeiro, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	279
— Ao primeiro assunto, Sonêto, Fala César com Pompeu, João de Barbosa e Lima	279
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	280
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	280
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	281
— Sonêto, João de Brito e Lima	281
— A César, que depois da vitória da Farsália chorou vendo a cabeça de Pompeu, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas ..	281
— César chorando à vista da cabeça de Pompeu, Sonêto, João de Figueiredo Mascarenhas	282
— Ad Caesarem, truncato Magni Pompei capite, deplorantem, Epigramma, Luís Canelo de Noronha	282
— A César, que vendo a cabeça de seu inimigo, chorou, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	283
— Chora César tendo da morte de seu inimigo Pompeu notícias, Sonêto, Antônio de Oliveira	283
— A Júlio César por haver chorado na Morte de um seu inimigo, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel	284
— Ao assunto heróico das lágrimas de César na morte de Pompeu, Sonêto, Jorge da Silva Pires	284
— Foi César tão generoso, que chorou a morte de seu inimigo Pompeu. Assunto heróico da presente Academia, Sonêto, Se- bastião da Rocha Pita	285
— Ao mesmo Assunto heróico, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita ..	285
— Primeiro Assunto. César, que tendo noticia da morte do seu maior contrário, chorou. Argumento moral sôbre o assunto, Sonêto, João Alv'es Soares	286
— Caesari Augusto, qui ad se nuntiis tranaslatis de inimici Pom- peii acerbissima morte in lacrimas dissoluitur, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	286
— Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	287
— Ad 1um argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	287
— Ad primum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	287
— Ao mesmo assunto, Sonêto, [S.I.A.]	288
— A César, que sabendo da morte de seu inimigo, chorou, Sonêto, [S.I.A.]	288
[SEGUNDO ASSUNTO] Foi o segundo assunto desta conferência um menino de gentil presença que colhendo rosas em um jardim, o mordeu um áspide, de que logo morreu	289
— Ao segundo assunto, Epigramma, [José da Cunha Cardoso] ...	289
— Ao Assunto lírico, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo	289

	Págs.
— A um Menino, que colhendo flôres lhe mordeu um Áspide, e morreu, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto	289
— Ao assunto da Academia, do Menino que colhendo flôres morreu mordido de um áspide, Epigramma, Cornélio Bruto	290
— Ao lindo menino, que colhendo flôres, morreu mordido de um Áspide, Décima, Cornélio Bruto	290
— Assunto. Um menino galhardo, que colhendo flôres, foi mordido por um Áspide, de que morreu, Sonêto, [Antônio Ribeiro da Costa]	291
— Ao mesmo Assunto, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	291
— Ao menino que pegando em uma rosa mordeu um Áspide, Décimas, Yerônimo Roiz de Crasto	292
— Ad puerum flores legentem, quem aspis inter illos adiacens interimit, Epigramma, [Iosephus Fernandes]	292
— Aliud eidem, Epigramma, Iosephus Fernandes	293
— Ao segundo, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	293
— Romance, João de Brito e Lima	293
— A um menino que sendo mordido de um Áspide ao tempo em que colhia umas rosas, morreu, Madrigal hamburguês burlesco, Frei Avertano de Santa Maria	296
— A um menino gentil, que colhendo flôres o picou um Áspide, de que morreu, Epigramma, André de Figueiredo Mascarenhas	297
— Um menino gentil, que entrando em um jardim a colhêr umas flôres, o picou um Áspide, de que morreu, Sonêto, João de Figueiredo Mascarenhas	297
— A um Menino, que estando colhendo flôres picou um Áspide, e morreu, Sonêto joco-sério, Luís Canelo de Noronha	298
— Andava um Menino colhendo rosas, e mordendo-o um Áspide, morreu, Sonêto, Antônio de Oliveira	299
— Colhe um Menino rosas, e mata-o um Áspide, Décima, Antônio de Oliveira	299
— A um menino especioso que colhendo em um jardim, umas rosas foi mordido de um Áspide do que morreu, Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafiel	300
— Ao Segundo Assunto do menino gentil que colhendo flôres o picou um Áspide, de que morreu, Silva, Jorge da Silva Pires ..	302
— Ao mesmo Assunto lírico falando com o Áspide, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	304
— Um belo menino brincando em um Jardim, com as flôres o mordeu um Áspide, e logo morreu, Assunto lírico da presente Academia, Falando com o menino, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	305
— Um belo menino brincando em um Jardim, com as flôres o mordeu um Áspide, e logo morreu. Assunto lírico da presente Academia, Endeixas, Sebastião da Rocha Pita	305

	Págs.
— Puero iroses legenti, qui ex aspidis mortu factus est alius, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	307
— Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	307
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	308
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	308
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	308
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	309
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	309
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	309
— Ad secundum argumentum, Elogium, [S.I.A.]	309

9.^a CONFERENCIA

[ASSUNTO] Conferência 9. ^a de 27 de agosto. Oração, que disse em 27 de agosto de 1724 o Presidente que foi o Reverendo Deão Sebastião do Vale Pontes	313
— ORAÇÃO, Sebastião do Vale Pontes	313
[ASSUNTO] Em louvor do Presidente que nesta Conferência foi o Reverendo Provisor e Deão da Sé o Doutor Sebastião do Vale Pontes.	327
— Ao Presidente o Reverendo Deão Sebastião do Vale Pontes, Décima, [José da Cunha Cardoso]	327
— In laudem Reuerendi admodum, Praeclari nimis Decani, Praesidis, ac Doctoris Sebastiani Vale Pontes, Distichos, Francisco Xavier de Araújo	327
— In Praesidis laudem, Aliud, Francisco Xavier de Araújo	327
— In laudem Praesidis, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo ..	328
— Ao muito Reverendo Deão o Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Décimas, Francisco Pinheiro Barreto	328
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, José Cardoso	329
— Ad Sapientissimum Academicum Praesidentem, Epigramma, [Antônio Ribeiro da Costa]	329
— Ad eundem, Décimas, [Antônio Ribeiro da Costa]	330
— Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes, [...], Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa]	331
— Outro, Antônio Ribeiro da Costa	331
— Ao Reverendíssimo Deão o Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria	332
— Reuerendo admodum Doctori Sebastianiano do Vale Pontes, [...], Epigramma, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães	332

	Págs.
— Sapientissimo Reuerendissimoque Domino Sebasto do Vale Pontes [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal	333
— Em louvor do Reverendissimo Doutor Deão e Provisor da Sé Sebastião do Vale Pontes, [...], Sonêto, Padre Manuel Cerqueira Leal	333
— Ao Reverendissimo Deão o Senhor Desembargador Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Manuel Ferreira da Luz	334
— Ao Muito Reverendo Doutor Presidente o Senhor Deão Sebastião do Vale Pontes, Décima, Frei Avertano de Santa Maria ..	334
— Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Sonêto, Luís Canelo de Noronha	335
— Sapientissimo Doctori Sebastiano do Vale Pontes [...], Epigramma, Antônio de Oliveira	335
— Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Sonêto, Antônio de Oliveira	336
— Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Décimas, Antônio de Oliveira	336
— Ao Reverendo Doutor Presidente o Senhor Deão Sebastião do Vale Pontes, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	337
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...]), Décima, Francisco Pereira	337
— Em louvor do Eruditissimo Presidente o Muito Reverendo Doutor Sebastião do Vale Pontes, [...], Silva, Jorge da Silva Pires ..	338
— Ao Muito Reverendo Deão o Senhor Sebastião do Vale Pontes, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	340
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Clemente de Sousa	340
— Reuerendissimo, et Sapientissimo Domino Sebastiano do Vale Pontes [...], Elogium, Pater Iosephus Moreira Teles	341
— Ao Eruditissimo Deão [...] Sebastião do Vale Pontes [...], Sonêto, Alferes João Soares da Veiga	343
— Ao Prestantissimo Herói, [...] Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Sonêto, Alferes João Soares da Veiga	343
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, André Vicente	344
[1.º ASSUNTO] Conferência de 20 de agosto, aliás de 27. Foi o primeiro assunto Agripina, que dizendo-se-lhe que seu filho Nero a havia de matar, se chegasse a ser Imperador, respondeu que o fôsse, ainda que depois a matasse.	344
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	344
— Ao Assunto Heróico, Epigramma, João Machado Barcelos	345

	Págs.
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	345
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	346
— Ao primeiro assunto Acadêmico, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	346
— A fineza de Agripina que dizendo-se-lhe se o filho imperasse a havia matar, [...], Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto	347
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria ..	347
— Pertence à Academia passada. Ao Heróico assunto, dizendo-se a Agripina que se imperasse seu filho Nero a havia de matar, [...], Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	348
— Ao primeiro, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	348
— Ao primeiro assunto, Sonêto Fala Agripina, João de Barbosa e Lima	349
— Dizendo-se a Agripina que se Nero seu filho chegasse [a] imperar lhe houvera tirar a vida, [...], Sonêto, [João de Brito e Lima]	350
— Ao [próprio] assunto pelos mesmos consoantes, Sonêto, [João e Lima]	350
— Ao próprio assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima]	351
— Ao próprio assunto, Sonêto, João de Brito e Lima	351
— Primeiro assunto, A Agripina [...], Sonêto, Manuel Ferreira da Luz	352
— Agripina dizendo-se-lhe, que se seu filho Nero chegasse a imperar, seria matricida, [...], Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas	352
— Agripina [...], Sonêto, João de Figueiredo Mascarenhas	353
— Ad Agripinam, [...], Epigramma, Luís Canelo de Noronha	354
— Vi perit , Emblema, Antônio de Oliveira	354
— Sabe Agripina [...], Sonêto, Antônio de Oliveira	354
— Ao primeiro assunto, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel ...	355
— Ao Assunto Heróico da Academia, Sonêto, Jorge da Silva Pires..	355
— Agripina [...], Assunto heróico da presente Academia, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	356
— Primeiro assunto, Agripina [...], Sonêto, João Alv'es Soares ..	357
— Ad primum Argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	357
— Ad primum argumentum, Elogium, [S.I.A.]	358
[2.º ASSUNTO] Conferência de 20 de agosto, aliás de 27. Foi o segundo assunto um delfim salvando e conduzindo às costas um naufragante até a praia.	359
— Ao segundo assunto, Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	359
— Ao Assunto lírico, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo	359

	Págs.
— Ao Assunto lírico, Epigramma, João Machado Barcelos	360
— Ao Assunto Lírico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	360
— Ao segundo Assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	360
— Ao segundo assunto lírico, Sonêto, Manuel Correia	361
— Ao segundo assunto, Sonêto, [Antônio Ribeiro da Costa]	361
— Assunto: Um naufragante às costas de um Delfim, que cortando os mares, o pôs em terra, Décima, Antônio Ribeiro da Costa	362
— Ao segundo Assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria ..	362
— Um Delfim que conduziu à praia um naufragante, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	363
— Ao segundo assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima	363
— Um Delfim conduzindo sôbre as espaldas um naufragante [vivo ao] pôrto, Silva, João de Brito e Lima	364
— Um Delfim [...], Romance joco-sério, João de Brito e Lima ..	367
— Segundo assunto, Um Delfim, que livrou um naufragante dos mares, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz	369
— Ao Segundo Assunto do Delfim etc., Décimas, Frei Avertano de Santa Maria	370
— Um Delfim carregando um homem, e vencendo as ondas pelo conduzir à praia, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas ..	371
— Um Delfim [...], Décima, João de Figueiredo Mascarenhas ..	371
— A um Delfim [...], Idílio, Luís Canelo de Noronha	372
— A um Delfim [...], Madrigal, Luís Canelo de Noronha	372
— Caiu um Navegante ao mar e um Delfim o carregou e levou à terra, Sonêto, Antônio de Oliveira	373
— Um Delfim que carregando a um naufragante [o pôs] em terra livre do perigo, Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafiel	373
— Padecendo Fileno um naufrágio, o salvou um Delfim, [...], Romance joco-sério, Sebastião da Rocha Pita	376
— Um Delfim salvando das ondas, sôbre as suas Espaldas a um homem. Assunto lírico da presente Academia, Sonêto jocoso, Domingos Nunes Tibal, [Pseudônimo de Sebastião da Rocha Pita]	377

ÍNDICE – VOL. I – TOMO 3

Págs.

10.ª CONFERÊNCIA

[ASSUNTO] Conferência 10.ª de setembro de 1724. O Reverendo Doutor João Borges de Barros.		
— Oração que disse na Academia dos Esquecidos no dia dez de setembro de 1724 o Doutor João Borges de Barros, Cura confirmado da Sé da Bahia, e Chanceler da Relação Eclesiástica		7
[ASSUNTO] Ao Presidente. Em louvor do Presidente [...] O Reverendo Doutor João Borges de Barros [...]		21
— Ao muito Reverendo Senhor Desembargador João Borges de Barros. Décima, [José da Cunha Cardoso]		21
— Ao muito Reverendo Padre o Doutor João Borges de Barros, [...], Epigrama, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque		21
— Ao muito Reverendo Padre Doutor, e Desembargador Eclesiástico João Borges de Barros [...], Epigrama, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque		22
— Ao muito Reverendo Padre Doutor, e Desembargador Eclesiástico João Borges de Barros [...], Epigrama, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque		22
— Ao muito Reverendo Senhor Doutor o Padre João Borges de Barros [...], Epigrama, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque		23
— Reverendíssimo, ac ingeniosíssimo Praesidi, Epigramma, João Borges de Barros		23
— Assunto. Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor João Borges de Barros [...], Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa		24
— Ao mesmo Presidente pelo mesmo autor, Sonêto, [Antônio Ribeiro da Costa]		24
— Ao muito Reverendo Senhor João Borges de Barros [...], Sonêto [Caetano de Brito Figueiredo]		25
— Reuerendo admodum Doctori Ioanni Borges de Barros, [...], Epigramma, Pater Stephanus Ribeiro Guimarães		26
— Ao muito Reverendo Doutor João Borges de Barros, [...], Sonêto, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães		26
— Ao Douto Presidente Reverendo Doutor Senhor João Borges de Barros, Sonêto, Belisário de Lerma		27
— Ao Presidente, Sonêto, João de Barbosa e Lima		27
— Em louvor do muito Reverendo Presidente o Doutor João Borges de Barros, Décima, Francisco Pires Longarito		28
— Ao muito Reverendo Senhor Doutor João Borges de Barros, [...], Décima, Manuel Ferreira da Luz		28
— Ao Reverendo Presidente o Doutor João Borges de Barros [...], Décimas, Frei Avertano de Santa Maria		29
— Ad Doctorem ac Dominum Reuerendissimum Patrem Ioannem		

	Págs.
Borges de Barros, [...] Epigramma, Luís Canelo de Noronha	30
— Sapientissimo Praesidi Academiae Domino Doctori Ioanni Borges de Barros, Epigramma, Antônio de Oliveira	31
— Ad Doctissimum Praesidem, Epigramma, Frei Davi dos Reis	31
— Reuerendissimo, et Sapientissimo Domino Ioanni Borges de Barros [...], Epigramma, Pater Iosephus Moreira Teles	31
[ASSUNTO] Conferência de 10 de setembro. Foi o primeiro assunto um problema: aonde teve mais glória Trajano, se na vitória que alcançou, cujo triunfo não chegou a lograr, por se lhe antecipar a morte, ou se na sua estátua, em que ostentou obséquios Adriano, a quem o Senado adjudicara o triunfo	32
— Ao primeiro Assunto, Soneto, [José da Cunha Cardoso]	32
— Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto	32
— Ao primeiro Assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso	33
— Ao primeiro Assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	33
— Ao primeiro Assunto, Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria	34
— Ao primeiro Assunto, Soneto, [Caetano de Brito e Figueiredo]	34
— Assunto Heróico: onde mais glorioso Trajano, [...] Soneto, [Gonçalo Soares da Franca]	35
— Ao primeiro Assunto, Soneto, pela segunda parte, João de Barbosa e Lima	35
— Mostra-se que foi maior glória para Trajano alcançar a vitória [...], Soneto, [João de Brito e Lima]	36
— Mostra-se pelo contrário que a maior glória de Trajano na vitória que alcançou foi a estátua que lhe erigiu Adriano por seu triunfo, Soneto, João de Brito e Lima	37
— Ao primeiro Assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz	37
— Mostra-se, que maior glória teve Trajano [...], Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas	38
— Qual foi maior glória a Trajano vencer, e não lograr o triunfo porque morreu, ou triunfar depois de morto? Soneto, Antônio de Oliveira	38
— Qual foi maior glória para Trajano, [...] Silva Jocosa, Anastácio Ayres de Penhafiel	39
— Alcançou Trajano uma vitória, [...] Soneto, Sebastião da Rocha Pita	41
— Traianus, ab hostibus obtenta uictoria, [...], Epigramma, [S.I.A.]	41
— Traianus, Romanorum Praeclarissimus Imperator, [...], Epigramma, [S.I.A.]	42
— Traianus, Romanorum Praestantissimus Imperator, [...], Epigramma, [S.I.A.]	42
— Ad Traianum, [...] Epigramma, [S.I.A.]	43
— Ad Traianum per obitum in effigie sua triumphantem, Elogium, [S.I.A.]	43
[ASSUNTO] Conferência décima de 10 de setembro. Foi o segundo Assunto uma senhora, que perdendo um grande bem, cuida muito em se esquecer do bem perdido	44
— A quem procurava esquecer-se de um grande sentimento, Romance, Severino de Adova e Avilhaneda	44
— Ao segundo Assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso	46
— A uma senhora que perdendo um grande bem, buscava meios de se esquecer do bem perdido, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa	47

	Págs.
— Ao Segundo Assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	47
— Ao Segundo Assunto, Soneto, [Caetano de Brito e Figueiredo]	48
— Assunto lírico: a uma Dama que perdendo um grande bem, se lembrava muito de se esquecer dele, Soneto, [Gonçalo Soares da Franca]	48
— Ao Segundo Assunto, Décima, João de Barbosa e Lima	49
— A uma Senhora que perdendo um grande bem cuida muito em se esquecer do bem perdido, Silva joco-séria, João de Brito e Lima	49
— A uma Senhora que perdendo um grande bem cuida muito em se esquecer do bem perdido, Décimas, João de Brito e Lima	51
— Ao Segundo Assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz	52
— A uma dama, que procurando esquecer-se de um bem, que perdera, o encomendava à memória, Epigramma, André de Figueiredo Mascarenhas	53
— Ad Assumptum Lyricum, Epigramma, Luís Canelo de Noronha	53
— A uma Senhora, que perdendo um bem cuidava em descuidá-lo, Décima, Antônio de Oliveira	54
— A uma Senhora que perdendo um grande bem trazia muito na memória esquecer-se do bem perdido, Silva Jocosa, Anastácio Ayres de Penhafeil	54
— A uma Senhora que na perda de um grande bem, trazia atualmente na lembrança o esquecer-se dele, Soneto, Jorge da Silva [Pires]	57
— Perdendo uma Senhora um grande bem, [...], Soneto, Sebastião da Rocha Pita	57
— Ao 2.º, Soneto, De dois engenhos, ambos da mesma terra, e do mesmo nome, [S.I.A.]	58

CONFERENCIA 11.^a

[ASSUNTO] Conferência 11 de 24 de setembro em que presidiu o Reverendo Cônego Inácio de Azevedo	
[ORAÇÃO:] Conferência 11 de 24 de setembro em que presidiu o Reverendo Cônego Inácio de Azevedo, Inácio de Azevedo	61
[ASSUNTO] Conferência 11 de 24 de setembro. Foi nela presidente o Reverendo Cônego Doutoral Inácio de Azevedo, Desembargador que foi da Relação Eclesiástica e Vigário geral deste arcebispado	67
— Laudatur sapientissimus Praeses et Canonicus doctoralis Dominus Ignatius de Azevedo hoc Epigrammate, [José da Cunha Cardoso]	67
— Ao Sapientíssimo Orador o Muito Reverendo Cônego Doutoral Inácio de Azevedo, Décima, Francisco Xavier Caput	68
— Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Inácio de Azevedo Cônego Doutoral da Sé da Bahia, Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa]	68
— Ao mesmo, Décima, Antônio Ribeiro da Costa	69
— Em louvor do mesmo Presidente, Soneto, Clemente de Souza [Provavelmente Antônio Ribeiro da Costa]	69
— Reuerendo admodum Doctori Ignatio de Azevedo, [...], Epigramma, Pater Stephanus Ribeiro Guimarães	70
— Reuerendissimo Sapientissimoque Domino Ignatio de Azevedo [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal	70
— Ao Reverendo Presidente, o Senhor Doutor Inácio de Azevedo, Cônego Doutoral, Oitava, Belisário da Lerma	71

	Págs.
— Ao Muito Reverendo Senhor Doutor Inácio de Azevedo Presidente da Academia, Décima, Manuel Ferreira da Luz	71
— Sapientíssimo Doctori Ignatio de Azevedo, Epigramma, Antônio de Oliveira	71
— Ad Laudem Praesidentis, Epigramma, Carolus Teixeira Pinto	72
— Em Louvor do Eruditíssimo Presidente o Muito Reverendo Cónego Inácio de Azevedo, Décima, Jorge da Silva Pires	72
— Reuerendíssimo Doctori, Doctissimo Praesidi Ignatio de Azevedo [...] allegoriam uotum, Padre Ioseph Moreira Teles	73
— Elogium, [Padre Ioseph Moreira Teles]	73
— Ad eundem Epigramma, Padre Ioseph Moreira Teles	74
[ASSUNTO] Conferência 11 de 24 de setembro. Foi o primeiro assunto, o valor e zêlo, com que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses acudiu pessoalmente a apagar o incêndio, que já estava ateado nas paredes, e teto da Casa e oficina da pólvora, em que se achavam mais de 400 barris dela	74
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso] ..	74
— Ao primeiro Assunto, Romance heróico, [José da Cunha Cardoso]	75
— Em louvor da generosa ação que fez o Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, [...] Epilogo, Antônio de Freitas do Amaral	77
— Ao Assunto Heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	77
— Oitavas, Francisco Xavier Caput	78
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	79
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto	80
[ASSUNTO] Ao fogo da Casa da oficina da Pólvora, e zêlo com que acudiu a êle o Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, Vice-Rei, e Capitão General de Mar, e Terra do Estado do Brasil, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	80
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	81
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...] que desprezando a um grande, e evidente perigo, acudiu [...] a apagar o fogo que se havia ateado na Casa da pólvora [...], Assunto Primeiro, Sonêto, Caetano de Brito e Figueiredo	81
— Ao Fracasso, que prometia o fogo que se ateou na Casa da pólvora [...], Canção, [Gonçalo Soares da Franca]	82
— Ao primeiro. Elogio, Luís de Siqueira da Gama	84
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima	91
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima]	91
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	92
— Sonêto, João de Brito e Lima	92
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz	93
— Ao valor com que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei desprezou a vida [...], Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria	93
— A prontidão, e presteza, com que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, sem atender ao risco, acudiu em pessoa ao fogo, que na casa da pólvora se ateava, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas	94
— A presteza com que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei acudiu ao fogo, [...], Sonêto, João de Figueiredo Mascarenhas	95
— Ao 1.º Assunto, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	95
— Ao valor com que Sua Excelência foi acudir ao fogo [...],	

	Págs.
Sonêto, Antônio de Oliveira	96
— Ao primeiro Assunto, [...], Sonêto, Feliciano de Palmeye	96
— Ao valor com que o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei [...], Silva, Anastácio Ayres de Penhafiel	97
— Pegando fogo na Casa em que se fabrica a pólvora, [...], Tercetos, Sebastião da Rocha Pita	98
— Ao Assunto Heróico da presente Academia, com u'a introdução joco-séria, Silva, Paulo da Silva Sarmento	101
— Ao Assunto Heróico, Sonêto, Joseph de Oliveira Serpa	103
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar [...], Epi- gramma, [S.I.A.]	103
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar [...], Epi- gramma, [S.I.A.]	104
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar [...], Epi- gramma, [S.I.A.]	104
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar [...], Epi- gramma, [S.I.A.]	105
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...] Encomiastichon, [S.I.A.]	105
[ASSUNTO] Foi o segundo assunto uma dama que chegando à janela a ver o seu amante, com os raios do Sol o não pôde ver	114
— Ao segundo assunto, Décimas, [José da Cunha Cardoso]	114
— Ao Segundo, Seguidilhas, Frei Avertano	115
— Ao assunto lírico, Silva, Irmão Boticário de São Bento	119
— Ao segundo. Romance jocoso. Francisco Xavier Caput	120
— Ao segundo assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	123
— Assunto, A uma Dama que se pôs à janela para ver o seu amante, e o Sol lhe deu no rosto, que a cegou, e o não pôde ver, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	123
— Ao Segundo Assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	124
— Cíntia chegando à sua janela [para ver a Fábio] [...], Assunto segundo, Sonêto, [Caetano de Brito e Figueiredo]	124
— A uma Dama que chegando à janela [...], Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	125
— Ao segundo Assunto, Silva joco-séria, Belisário da Lerma	126
— Ao segundo assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima	126
— Ao segundo, Silva joco-séria, João de Brito e Lima	127
— Ao segundo, Décimas, João de Brito e Lima	129
— Ao Segundo Assunto, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz	131
— A Cíntia que saindo à janela [...], Décimas, Frei Avertano de Santa Maria	132
— A uma dama, que querendo ver a seu amante [...], Epigramma, André de Figueiredo Mascarenhas	133
— Chega Cíntia à janela [...], Décima, Antônio de Oliveira	133
— Décima, Feliciano de Palmeys	134
— A Cíntia que chegando à janela para ver a seu amante [...], Silva, Anastácio Ayres de Penhafiel	134
— A Cíntia que chegando à janela para ver seu amante [...], Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel	136
— A uma Dama, que desejosa de ver o seu amante [...], Sonêto joco-sério, Jorge da Silva Pires	137
— Chegando uma Dama à janela para ver ao seu amante [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	138
— Ao segundo assunto, Sonêto, Francisco Álvares Seixas	138

— Ao segundo assunto, Sonêto, Antônio de Araújo e Silva	139
— Segundo Assunto. A uma Dama que querendo ver a seu amante [...], Sonêto, Padre José Luís de Sousa	139

CONFERENCIA 12.^a

[ASSUNTO] Conferência 12 de 8 de outubro. I.M.I.	143
— Oração Acadêmica na Academia dos Esquecidos. Disse-a João Alv'res Soares: sendo a primeira vez, que se achou nas Conferências. Na presença do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, Vice-Rei e Capitão General de Mar, e Terra do Estado do Brasil. Em 8 de outubro de 1724	143
— In laudem Sapientissimi Praesidis Domini Ioannis Alvares Soares, Distichon, [José da Cunha Cardoso]	152
— Em louvor do muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor João Alvares S. da Franca, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	152
— Em louvor do Reverendo Senhor Presidente, Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto	153
— Ao Reverendo Presidente o Senhor João Alvares Soares, Décima, [Gonçalo Soares da Franca]	153
— Ao mesmo Presidente, Sonêto, [Francisco Pires Longarito]	154
— Mote. Ser poeta, entre poetas, [Francisco Pires Longarito]	154
— Outra, Francisco Pires Longarito	155
— Ao muito Reverendo Doutor o Senhor João Alvares Soares, Décima, Manoel Ferreira da Luz	155
— Ao muito Reverendo Senhor João Alvares Soares, presidindo na presente Academia, Sonêto, Anônimo. [João de Figueiredo Mascarenhas]	155
— Ao Muito Reverendo Padre João Alvares Soares, Meritíssimo Presidente desta Academia, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	156
— Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor João Alvares Soares, Sonêto, Jorge da Silva Pires	157
— Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor João Alvares Soares, Décima, Jorge da Silva Pires	157
— Ao muito Reverendo Padre o Senhor Acadêmico João Alvares Soares, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	158
— Ao Presidente, Sonêto, Joseph de Oliveira Serpa	158
— In Reuerendissimi Praesidis encomium, Epigramma, Padre Joseph Luís de Sousa	159
[ASSUNTO] Conferência de 8 de outubro. Foi o primeiro assunto: quem cala vence	159
— Ad primum argumentum. Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	159
— Ao primeiro assunto, Silva, Hierônimo Soares de Alcouvia	159
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Manoel de Mesquita Cardoso	162
— Assunto. Quem cala vence, [Antônio Ribeiro da Costa]	163
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	164
— Assunto primeiro. Quem cala vence, Sonêto, [Caetano de Brito e Figueiredo]	165
— Quem cala vence, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	165
— Ao primeiro assunto, Quem cala vence, Silva joco-séria, Belisário da Lerma	166
— Quem cala vence. Assunto Acadêmico, Sonêto, [João de Brito e Lima]	167
— Ao mesmo assunto, Sonêto, João de Brito e Lima	168

	Págs.
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Manoel Ferreira da Luz	168
— Ao Heróico Assunto [...] Silva joco-séria, Francisco Pires Longarito	169
— Ao primeiro assunto, Silva, João da Rocha Maciel	172
— Quem cala vence, Sonêto jocoso, Frei Avertano de Santa Maria	174
— Ao primeiro assunto, Décimas, Frei Avertano de Santa Maria	174
— Quem cala vence, Distichon, André de Figueiredo Mascarenhas	175
— Ao primeiro assunto, Quem cala vence, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	175
— Quem cala vence, Sonêto, Antônio de Oliveira	176
— Quem cala vence, Sonêto jocoso, Anastácio Ayres de Penhafil	176
— Quem cala vence. Assunto heróico da presente conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	177
— Ao primeiro assunto, Silva, Bento Salgado	177
— Ad lum argumentum, Victoria in silentio, Epigramma, João Alv'es Soares	180
— Ad lum argumentum, Elogium, [S.I.A.]	180
— Vincit, qui tacet: nobile est praesentis Academiae argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	181
— Vincit, qui tacet, nobile est praesentis Academiae argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	181
— Vincit, qui tacet, nobile est hodiernae Academiae argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	182
— Vincit, qui tacet, Nobile est praesentis Academiae argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	182
— Ao primeiro, Sonêto, [S.I.A.]	182
[2.º ASSUNTO] Conferência 12 de 8 de outubro. Foi o segundo assunto. Dizem que amor com amor se paga; e o mais certo é que amor com amor se apaga	183
— Ad secundum argumentum, Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	183
— Em louvor do Senhor Frei Avertano de Santa Maria [...], Décimas, Irmão Andador da Venerável ordem 3.ª do Carmo	183
— Ao assunto lírico, Silva, Irmão [...] Boticário de São Bento	185
— Amor com amor se paga/ [é o] assunto; hoje assento/ tratar da paga de Adônís/ nas inclinações de Vênus,/ Francisco Xavier Caput	187
— Ao segundo Assunto, Décima, Manoel de Mesquita Cardoso	189
— Amor com amor se paga, ou apaga, Décima, Antônio Ribeiro da Costa	189
— Ao Segundo Assunto, Décimas, Jacinto Ferreira Feio de Faria	190
— Um amor com outro se paga mas melhor se apaga, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	190
— Amor com amor se paga ou foi melhor dizer-se amor com amor se apaga, assunto lírico acadêmico, Décimas, João de Brito e Lima	191
— Ao segundo assunto, Romance, Manoel Ferreira da Luz	192
— Ao segundo assunto, Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria	194
— Amor com amor se paga, mas o certo é que amor com amor se apaga, Silva jocosa, Frei Avertano de Santa Maria	194
— Amor com amor se apaga, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas	198

— Em despique do Muito Reverendo Frei Advertano de Santa Maria contra o Senhor boticário do São Bento conforme o 2.º Assunto; que é Amor com Amor se paga, Silva joco-séria, João Gomes Mênico	199
— Ad 2 ^{um} assumptum, Epigramma, Luís Canelo de Noronha.	202
— Ao segundo assunto, Um Amor com outro se paga, ou se apaga, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	202
— Amor com amor se paga, e o mais certo é, que amor com amor se apaga, Décimas, Antônio de Oliveira	203
— Amor com Amor se paga, e Amor com Amor se apaga. Assunto lírico da presente conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	203
— Amor com amor se paga, e Amor com Amor se apaga, Assunto lírico da presente conferência, Romance, Sebastião da Rocha Pita	204
— Ao Segundo Assunto, Silva joco-séria, Bento Salgado	205
— Ao segundo assunto: Um amor com outro se paga, [João Teixeira]	207
— Outra, João Teixeira	207
— Ao segundo assunto: Um amor co'outro se paga, Décima João Teixeira	208
— Ao segundo assunto: Um amor com outro se apaga, Sonêto, Padre Luís Teixeira	208
— Sendo o assunto amor com amor se paga e com amor se apaga, Silva, Antônio Viegas	209
— Ad 2 ^{um} argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	213

CONFERÊNCIA 13.^a

[ORAÇÃO] Oração Acadêmica, que a 22 de outubro de 1724 em dia dos anos de Sua Majestade, que Deus guarde, na Sala Real do Palácio, governando este Estado do Brasil o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Menezes, disse o Doutor João Calmon, Chantre da Sé da Bahia, Protonotário Apostólico de Sua Santidade, Desembargador da Relação Eclesiástica, Juiz dos Casamentos, comissário do Santo Officio, e da Bula da Santa Cruzada	217
— Praestantissimus praeses nostrae Academiae Dominus Doctor Ioannes Calmon in Bahiensi chori sede Praefectus laudatur hoc Epigrammate, [José da Cunha Cardoso]	232
— Reverendíssimo Senhor Presidente, Décima, Francisco Pinheiro Barreto	232
— Ao muito Reverendo Chantre o Senhor João Calmon Presidente da presente Academia, Décima heróica, Pero Botelho Caldeira	233
— Reuerendo admodum Bahiensis Sedis Chori Praefecto Doctori Ioanni Calmon, [...], Epigramma, Iosephus Pereira de Carvalho	233
— Ao Reverendíssimo Senhor Doutor Presidente, Redondilhas, Jacinto Ferreira Feio de Faria	234
— Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor João Calmon de Almeida, [...], Sonêto, [Caetano de Brito e Figueiredo]	235
— Reuerendíssimo Sapientíssimoque Domini Ioanni Calmon [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal	235
— Ao muito Reverendo Chantre o Senhor João Calmon [...], ([Epigramma], Luís Teixeira de Mendonça	236
— Admodum Reuerendo [...] Ioannem Calmon, Epigramma, Iosephus Ayres Nonfortius	236

Págs.

— Ad Reuerendum admodum Dominum Ioannem Calmon, [...], Epigramma, Luís Canelo de Noronha	236
— Sapientissimo Domino Doctori Ioanni Calmon [...], Epigramma, Antonius de Oliveira	237
— Em louvor do Reverendissimo Presidente o Doutor João Calmon, Décima, Jorge da Silva Pires	237
— Ao muito Reverendo Chantre o Senhor João Calmon [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	238
— Ao muito Reverendo Senhor Doutor o Padre João Calmon, [...], Epigramma, Acenso da Rocha	238
— Outro joco-sério, [Acenso da Rocha]	239
— Em louvor do Senhor Presidente o Reverendissimo Chantre e Doutor João Calmon de Almeida, Sonêto, João Al'vres Soares	239
— Admodum Reuerendo Patri Doctori Ioanni Calmon [...], Epigramma, Constantino da Rocha e Sousa	240
— In Praesidis Laudem, Epigramma Encomiasticon, Ioseph Moreira Teles	240
— Ao Muito Reverendo Chantre o Senhor João Calmon presidindo nesta Conferência de 22 de outubro, Décima, Anônimo	241
— Reverendissimo Presidente, [Sonêto], Idiota do Carmelo	241
— Em louvor do Reverendo Chantre Presidente o Doutor João Calmon, Sonêto, [S.I.A.]	242
[1.º ASSUNTO] Conferência de 22 de outubro. Foi o primeiro assunto celebrar os anos de Sua Majestade que Deus guarde	242
— Ao primeiro assunto. Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	242
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	243
— [Sonêto], Francisco Xavier Caput	243
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Manoel de Mesquita Cardoso	244
— Ad Regium Assumptum, Encomiastice, Emmanuelis Ferreira de Carvalho	244
— Augustissimi Regis Ioannis V Natalitio 22 octobris, Epigramma, [Antônio Ribeiro da Costa]	248
— Assunto. Ao dia de 22 de outubro em que nasceu o nosso Serenissimo Rei, e Senhor, Dom João V, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	248
— Ao primeiro assunto, Romance, Yerônimo Roiz de Crasto	249
— Ao primeiro assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	250
— A El-Rei Nosso Senhor no fausto, alegre dia dos seus anos, Sonêto, Manoel Caetano de Brito e Figueiredo	251
— Aos anos de El-Rei Nosso Senhor, que hoje festeja a Bahia, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	251
— Ao primeiro, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	252
— Sonêto, João de Brito e Lima	253
— Aos anos de El-Rei Nosso Senhor, Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria	253
— Aos felizes, e faustos anos de El-Rei Nosso Senhor, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas	254
— Ad augustissimum Anniuersarium Serenissimi Regis nostri Ioannis V, Epigramma, Luís Canelo de Noronha	254
— Ao Muito alto, e Poderoso Senhor Rei de Portugal Dom João o Quinto. No dia em que fez os seus anos, Sonêto, Antônio de Oliveira	255
— Serenissimo, ac Potentissimo Lusitaniae Regi Ioanni [...], Epigramma, Ioseph de Passos	255

	Págs.
— Ao mesmo argumento, Sonêto, [Ioseph de Passos]	256
— Fazendo anos Sua Majestade, que Deus guarde [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	256
— Fazendo anos Sua Majestade, que Deus guarde, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	257
— Primeiro Assunto, Celebra os anos do Nosso Augustíssimo Monarca o Senhor Rei Dom João o V, Canção, João Alv'es Soares	257
— In laudem serenissimi Rex Ioan V e Sophia matre Nati, Elogium [S.I.A.]	259
— Serenissimo Augustissimoque Regi Ioanni V [...], Epigramma, [S.I.A.]	261
— Serenissimo Augustissimoque Regi Ioanni V [...], Epigramma, [S.I.A.]	261
— Felicissimo, Augustissimi Lusitaniae Regis [...], Elogium, [S.I.A.]	262
— Ad Serenissimum Dominum Ioanem Quintum [...], Epigramma, [S.I.A.]	263
— Natalem diem sortitur Serenissimus Lusitaniae Rex, Dominus Ioannes Quintus, [...] Elogium, [S.I.A.]	263
— Ad Serenissimum Lusitaniae Regem Dominum Ioannem Quintum, [...], Epigramma, [S.I.A.]	264
— Qua die nascitur Serenissimus Lusitaniae Rex, Dominus Ioannes Quintus, [...], Epigramma, [S.I.A.]	265
— Em louvor dos anos da suprema Majestade do nosso soberano [...], Sonêto, [S.I.A.]	265
[2.º ASSUNTO] Conferência de 22 de outubro. Foi o segundo assunto uma açucena	266
— Ao segundo assunto, Redondilhas, [José da Cunha Cardoso] ...	266
— Ao assunto lírico, Romance, Francisco Pinheiro Barreto	268
— Ao segundo Assunto, Sonêto, Pero Botelho Caldeira	270
— [Oitava], Francisco Xavier Caput	270
— Ao segundo Assunto, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso ...	271
— Descrever uma Açucena, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa ...	271
— Décima, André Cravalho	273
— Ao Segundo Assunto, Décimas, Jacinto Ferreira Feio de Faria	272
— Ao Segundo Assunto, Sonêto, Caetano de Brito e Figueiredo ..	272
— Ao Segundo, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama]	273
— Décimas, João de Brito e Lima	274
— Na descrição de uma Açucena, Silva joco-séria, Frei Avertano de Santa Maria	275
— Descrição da Açucena, Pelos dez Predicamentos, Romance, André de Figueiredo Mascarenhas	277
— Descreve-se a Açucena, Décimas, Antônio de Oliveira	279
— Na descrição de uma açucena, Silva, Anastácio Ayres de Penhafiel	280
— Ao Segundo Assunto, em que se manda descrever uma Açucena, Sonêto, Jorge da Silva Pires	282
— A uma Açucena. Assunto lírico da presente conferência, Décimas, Sebastião da Rocha Pita	283
— Descrição de uma Açucena. Assunto lírico da presente conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	284
— Ao segundo assunto, Sonêto, Jaques Draques Baques	285

CONFERÊNCIA 14.^a

[ORAÇÃO] Em 12 de novembro de 1724 conf. ^a 14. Discurso Acadêmico Recitado na Academia Brasilica pelo Doutor Frei Ruperto de Jesus e Sousa. Monje de São Bento	289
[ASSUNTO] Conferência 14. ^a em 5 de novembro aliás em 12. Foi nela Presidente o Reverendo Padre Doutor Frei Ruperto de Jesus Monje Beneditino, e lente atual de Teologia	304
— Ut laudetur admodum Reuerendus et Sapientissimus Doctor [...] Rupertus e Iesu, [...], Epigrammati, [José da Cunha Cardoso]	304
— Conferência 14. ^a . Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Frei Ruperto de Jesus, Religioso Monje do Patriarca São Bento, Sonêto exdrúxulo, Antônio Ribeiro da Costa	305
— Reuerendo [...] Ruperto de IESV, Distichon, [Alberto Ferreira]	305
— Ao mesmo, Sonêto, [Alberto Ferreira]	306
— Ao mesmo outro, Sonêto, Alberto Ferreira Franca	306
— Feito ao Muito Reverendo Padre Mestre e Doutor Ruperto de Jesus, sonêto, [...], Alberto Ferreira	307
— Ao Muito Reverendo Padre Mestre o Doutor Frei Ruperto de Jesus dignissimo Presidente da Academia, Décimas, Frei Plácido de Santa Gertrudes	307
— Ao muito Científico Presidente o Reverendo Doutor Frei Ruperto de Jesus, Sonêto, João de Brito e Lima	309
— Em louvor do Muito Erudito Presidente o Senhor Reverendo Doutor Frei Ruperto de Jesus etc., Décimas, João de Brito e Lima	309
— Ao Muito Reverendo Doutor Presidente Frei Ruperto Monje do Patriarca São Bento, Décima, Frei Avertano de Santa Maria	311
— Ad Reuerendum admodum [...] Fratrem Rupertum de IESU [...], Epigrama, Luís Canelo de Noronha	312
— Em louvor do Reverendissimo e Religiosissimo Presidente o Doutor Frei Ruperto de IESUS [...], Sonêto, Jorge da Silva Pires	312
— In Laudem Reuerendi [...] Patris Fratris Ruperti de IESU [...], Poema, Pascoal dos Santos	313
— In laudem eiusdem, Epigrama, Pascoal dos Santos	314
— In laudem eiusdem Sapientissimi Doctoris, Epigramma, Pascoal dos Santos	314
— In laudem Reuerendi admodum Patris Fratris Ruperti de IESU, [...], Epigrama, Pascoal dos Santos	315
— In laudem Reuerendi admodum Patri Mestri, [...], Fratri Ruperti de IESU [...], Epigramma, Pascoal dos Santos	315
— Admodum Reuerendo Patri [...] Fratris Ruperto de IESU, [...], Epigramma, Pascoal dos Santos	315
— In laudem Sapientissimi Doctoris Domini Fratris Ruperti, Epigramma, João Alv'res Soares	316
— Religiosissimo, ac Ingeniosissimo Fratre Roberto [...], Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	316
— Aliud in eumdem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	316
— In Praesidis laudem, Epigramma, Pater Ioseph Moreira Teles	317
[1.º ASSUNTO] Conferência 14. ^a de 5 de novembro aliás em 12. Foi o primeiro assunto o Estado do Brasil contendendo com o da Índia sôbre qual deve mais ao govêrno do Excelentissimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses: se Goa ou se a Bahia	317
— Ao 1.º assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	317
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	318

	Págs.
— [Décima], Francisco Xavier Caput	318
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	319
— Conferência 14. ^a . Assunto. Quem deve mais ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses, a Índia ou a Bahia? Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	319
— Conferência 14. ^a . Ao mesmo assunto, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	320
— Ao 1. ^o assunto, Romance, Yerônimo Roiz de Crastro	320
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	324
— Assunto primeiro. Por haver sido Vice-Rei da Índia o Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Canção Real Panegírica, Caetano de Brito e Figueiredo	325
— Assunto primeiro. Qual mais deve ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Goa, ou a Bahia, Sonêto, [Gonçalo Soares de França]	327
— Ao assunto heróico, Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca]	328
— Ao assunto heróico, Romance, [Gonçalo Soares da Franca]	328
— Ao 1. ^o , Sonêto, Luís de Siqueira da Gama	331
— Ao 1. ^o Prosopopéia da Bahia, e Goa, Luís de Siqueira da Gama,	332
— A Bahia em competência com a Índia qual delas é mais obrigada ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, Sonêto, [João de Brito e Lima].	334
— Pelos mesmos consoantes ao mesmo assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima].	335
— Ao mesmo Assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima].	335
— Ao mesmo Assunto, Sonêto, João de Brito e Lima.	336
— Julgando igual a obrigação que deve a Índia, e a Bahia ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, Sonêto, [João de Brito e Lima].	336
— Ao primeiro assunto, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz.	337
— Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei. Sôbre o primeiro assunto, Sonêto, Frei Manuel de Santa Maria	337
— Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei. Sôbre o primeiro assunto, Sonêto, Frei Manuel de Santa Maria.	338
— Qual deve mais a Sua Excelência se a Índia, ou a Bahia? Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas.	338
— Ao primeiro assunto. Quem mais deve ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei a Índia ou a Bahia, Sonêto, Luís Canelo de Noronha.	339
— Qual vive mais obrigada ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses a Índia ou a Bahia, Sonêto, Antônio de Oliveira.	340
— Aos dois Estados, do Brasil, e da Índia sôbre qual deve mais ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel.	340
— Ao assunto heróico, em que se trata, quem em mais obrigação esteja ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses se a Índia ou a Bahia, Sonêto, Jorge da Silva Pires	341
— Ao mesmo assunto, e pelos mesmos Consoantes, Sonêto, Jorge da Silva Pires.	341
— Comparando a Índia com o Brasil no Governo do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses. Assunto heróico da presente Conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	342
— Ao mesmo Assunto heróico, mostrando vantagens na América pela posse, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	343
— Mostra-se natural, clara e fácilmente, que a Bahia, ou o Brasil está mais obrigado, Sonêto, João Alv'es Soares	343

— Qualis debeat magis Excelentissimo Caesari India, cui praefuit, an Bahía, quae modo eum in deliciis habet Proregem? Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	344
— Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	344
— Questão, em que se propõe, quem deva mais ao Ilustríssimo, e Augustíssimo César, e Senhor Vasco Fernandes Vice-Rei emeritíssimo da Bahia, se a Índia ou a Bahia, Décima, Emanuel Nunes de Sousa	345
— Bahiensem Metropolem plus Caesari debere, quam Indiam concluditur, cum in illa arces condideret, Epigramma, [S. I. A.]	345
— Contendunt Bahía, Indiaque; et quae nam plus Caesari debeat, inquirunt, Epigramma, [S. I. A.]	345
— Plus Caesari Bahiensem Metropolim, [quam] Indiam cum in illa maximum sub Caesare sit Literarum incrementum debere concluditur, Epigramma, [S. I. A.]	346
— Concluditur plus Caesari Bahiensem debere Metropolim, quam Indiam, cum in illa maximum sit, regnante Caesare, literarum incrementum, Epigramma, [S. I. A.]	346
— Plus Caesari Bahiam debere fatemur, quam Indiam, cum ab illa famen Caesar expulerit, Elogium, [S. I. A.]	347
[2.º ASSUNTO] Conferência 14.ª de 5 de novembro aliás em 12. 1.º o segundo assunto uma dama que tomando o fresco em um jardim quando viu pôr o Sol começou a chorar	348
— Ao 2.º assunto, Idílio, [José da Cunha Cardoso]	348
— Delia Ad funestram sub occasum solis lacrimatur, Epigramma, Carlos de Azevedo.	349
— Ao mesmo intento, Soneto, [Carlos de Azevedo]	350
— Ao assunto lírico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto	350
— [Romance], Francisco Xavier Caput	351
— Ao Segundo Assunto, Romance, Manuel de Mesquita Cardoso	353
— Décima, André Carvalho	354
— Conferência 14.ª. Assunto. Uma Senhora, que estando em um Jardim ao fresco, vendo pôr-se o Sol, se pôs a chorar, Soneto Antônio Ribeiro da Costa	355
— Ao 2.º Assunto, Décimas, Yerônimo Roiz de Crasto	355
— Ao Segundo Assunto, Romance, Jacinto Ferreira Feio de Faria	356
— Uma Dama, que estando em um Jardim, porque se pôs o Sol, se pôs a chorar, Soneto, [Gonçalo Soares da Franca]	358
— Ao assunto lírico, Décimas, [Gonçalo Soares da Franca]	359
— Ao 2.º, Soneto, [Luís de Siqueira da Gama]	360
— Ao Segundo [assunto], Romance, [Luís de Siqueira da Gama]	360
— Uma Dama que tomando o fresco em um jardim vendo recolher-se o Sol, chorou, Oitavas, João de Brito e Lima	363
— Uma Dama que tomando o fresco em um jardim vendo pôr-se o Sol chorou, Romance, João de Brito e Lima	368
— Ao Segundo Assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz	370
— Ao Segundo assunto, Sonetos, Manuel Ferreira da Luz	371
— Ao Segundo assunto, Romance, Manuel Ferreira da Luz	372
— A uma Senhora que saindo a um jardim a tomar o fresco, vendo que se lhe recolhia o Sol se pôs a chorar, Silva joco-séria, Frei Avertano de Santa Maria	374
— Ao 2.º Assunto Lírico, Décima, Frei Avertano de Santa Maria	376
— Uma dama, que entrando em um jardim, se pôs a chorar, porque se punha o Sol, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas	376
— Ao segundo assunto, Epigramma, Luís Teixeira de Mendonça	377
— Andava uma Senhora em um jardim divertindo, e vendo que o Sol se ausentava pôs-se a chorar, Décimas, Antônio de Oliveira	377

— Ao Assunto Lírico, em que se propôs uma Dama, que saindo a divertir-se, porque se punha o Sol, chorou, Canção, Jorge da Silva Pires.	378
— Ao Assunto Lírico, em que se trata de uma Dama que saindo a divertir-se, se pôs a chorar, quando viu que se metia o Sol, Décimas, Jorge da Silva Pires	381
— Uma Dama chorando por ver ao Sol pôr-se no Ocaso. Assunto lírico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	383
— Uma Dama chorando por ver ao Sol pôr-se no Ocaso. Assunto lírico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	383
— Estando uma dama tomando o fresco em um jardim, vendo pôr-se o Sol, se pôs ela a chorar, Soneto, João Alv'res Soares	384
— Puellae, quae dum ambulat in horto inter flores animum ut a curis leuaret, occidente sole in lacrimas soluitur, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa]	384
— Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa	385

ÍNDICE — VOL. I — TOMO 4

15.ª CONFERÊNCIA

Págs.

[ASSUNTO] Conferência 15 de 26 de novembro. Foi nela Presidente o Reverendo Padre Mestre Frei Luís da Purificação Franciscano, e lente jubilado.

— ORAÇÃO que disse o Padre Mestre Frei Luís da Purificação em em 26 de novembro de 1724, Frei Luís da Purificação	7
— Ao Muito Reverendo Presidente, Décimas, [José da Cunha Cardoso]	19
— Ao Reverendíssimo Padre Mestre Presidente, Décima, Francisco Pinheiro Barreto	20
— Ao Muito Reverendo Senhor Presidente, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso	21
— Reuerendo admodum Patre Mestre Fratri Ludouico [...], Epigramma, Pater Stephanus Ribeiro Guimarães	21
— Ao doutíssimo presidente, Décimas, João de Brito e Lima	22
— Ao muito Reverendo Padre Mestre Frei Luís da Purificação Presidente da Academia. Alude àquela Cadeira de Ouro achada nas Praias de Grécia, [...], Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria	23
— Ao Reverendíssimo Senhor Padre Presidente Frei Luís da Purificação etc. ..., Sonêto, Frei Manuel de Santa Maria	24
— Ao Reverendíssimo Senhor Padre Presidente Frei Luís da Purificação etc. ..., Sonêto, Frei Manuel de Santa Maria	25
— Ao Presidente, Décima, Luís Canelo de Noronha	25
— Sapientíssimo Praesidi Fratri Aloisio ab Assumptione, Epigramma, Antonius de Oliveira	26
— Em louvor do Religiosíssimo Presidente o Reverendo Padre Mestre Frei Luís de Cristo da Ordem do Seráfico Padre São Francisco, Sonêto, Jorge da Silva Pires	26
— In laudem sapientissimi Magistri Fratris Ludouici Purificatione [...], Epigramma, De um Anônimo Franciscano	27
— Reuerendo admodum Patre Mestre Fratre Ludouico ac Purificatione [...], Epigramma, De um afetuosíssimo amigo da mesma Ordem	27
— Reuerendo admodum Patre Mestre Fratre Ludouico a Purificatione [...], Epigramma, [Idem]	28
— Aliud, de um afetuosíssimo amigo da mesma Ordem	28
— Ad Sapientissimum Academiae Praesidem Fratrem Aloisium. De eius nomine, Epigramma, De um obrigadíssimo e afetuosíssimo amigo da mesma Ordem.	28

	Págs.
— Ao mesmo Presidente Frei Luís da Purificação, Décimas, De um seu obsequioso discípulo Anônimo da mesma Ordem	29
— Ao Senhor Presidente da Academia o Muito Reverendo Padre Mestre Frei Luís da Purificação [...], Romance, de um seu obsequioso discípulo	30
— Em louvor do Reverendíssimo Padre Mestre Presidente Frei Luís da Conceição, Soneto [S.I.A.]	32
 [ASSUNTO] Conferência 15 de 26 de novembro. Foi o 1.º assunto Cipião desterrado de Roma.	
— Ao 1.º assunto, Soneto, [José da Cunha Cardoso]	33
— Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto	33
— Ao primeiro assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso ...	34
— Ao 1.º assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	35
— Assunto primeiro, O destêrro de Públio Cipião, Soneto, [Caetano de Brito e Figueiredo]	35
— A Cipião desterrado de Roma, Soneto, [1.º e 2.º], Padre Manuel Cerqueira Leal	36
— Ao primeiro assunto, Soneto, Fala Cipião com Roma, João de Barbosa e Lima	37
— Cipião desterrado de Roma, Soneto acróstico, [João de Brito e Lima]	38
— Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Brito e Lima]	38
— Ao mesmo, Soneto, [João de Brito e Lima]	39
— Ao mesmo, Soneto, [João de Brito e Lima]	39
— Ao mesmo [assunto], Soneto [João de Brito e Lima]	40
— Ao mesmo [assunto], Soneto, João de Brito e Lima	41
— Cipião desterrado de Roma. Soneto de Don Francisco de Quevedo, João de Brito e Lima	41
— Ao primeiro assunto, Soneto, [Manuel Ferreira da Luz]	45
— Soneto, [Manuel Ferreira da Luz]	45
— Soneto, Manuel Ferreira da Luz	46
— Romance, Manuel Ferreira da Luz	46
— Ao 1.º assunto de Cipião desterrado, Romance jocoso, Frei Avertano [de Santa Maria]	48
— Cipião desterrado de Roma, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas	52
— Desterra-se Cipião de Roma, Soneto, Antônio de Oliveira ...	53
— Cipião, desterrado de Roma, Assunto heróico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	54
— Ao mesmo Assunto heróico, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	
— Ao 1.º [assunto], Soneto, Do Menos Ocupado	55
— Ao mesmo [assunto], Soneto, [S.I.A.]	55
— De exule Scipione, Epigramma, [S.I.A.]	56
— De exílio Scipionis, Epigramma, [S.I.A.]	56
— De exule Scipione, Epigramma, [S.I.A.]	57
— De exule Scipione propter inuidiam, Epigramma, [S.I.A.] ...	57

	Página.
— De exule Scipione, Epigramma, [S.I.A.]	57
— Scipio Africanus exilium petit, Hexastichum, [S.I.A.]	58
— De exule Scipione, Epigramma, [S.I.A.]	58
— Scipio Africanus, inuidiam fugiens, exilium petit, Epigramma, [S.I.A.]	58
— Scipioni exilium petenti, Epigramma, [S.I.A.]	58
[ASSUNTO] Conferência 15 de 26 de novembro. Foi o segundo assunto Anaxarte convertida em pedra.	59
— Ao segundo assunto, Décimas, [Provavelmente do Secretário José da Cunha Cardoso]	59
— Ao 2.º assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso	60
— Anaxarte convertida em pedra, Décima, André Carvalho	61
— Ao 2.º assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	61
— Assunto 2.º, Anaxarte convertida em pedra, Romance heróico, [Caetano de Brito e Figueiredo]	62
— Anaxarte convertida em pedra, Soneto, Padre Manuel Cerqueira Leal	64
— Anaxarte convertida em pedra, Soneto, João de Brito e Lima	64
— Anaxarte convertida em pedra, Silva joco-séria, João de Brito e Lima	65
— Anaxarte convertida em pedra, Décimas, [João de Brito e Lima]	67
— Anaxarte convertida em pedra, Romance, João de Brito e Lima	69
— Ao 2.º assunto, Romance joco-sério, João de Brito e Lima	71
— Ao 2.º Assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz	74
— Ao 2.º Assunto de Anaxarte convertida em pedra, Romance joco-sério, Frei Avertano de Santa Maria	75
— Anaxarte convertida em pedra, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas	77
— Ad 2 ^{um} Assumptum, Epigramma, Luís Canelo de Noronha	78
— Converte-se Anaxarte em pedra, Décima, Antônio de Oliveira	78
— Anaxarte convertida em pedra. Assunto lírico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	79
— Anaxarte convertida em pedra. Assunto lírico da presente conferência, Décimas joco-sérias, Sebastião da Rocha Pita	79
— Ao 2.º [assunto], Soneto, Menos Ocupado	80
— Ao assunto lírico de Anaxarte convertida em estátua de pedra, Romance, Anônimo Discípulo Obsequioso da Ordem do Padre Presidente Frei Luís da Purificação	81

16.ª CONFERÊNCIA

[ASSUNTO] Oração do Presidente Félix Xavier. 27 de dezembro de 724. Conferência 16.

- Oração Acadêmica em que se discute esta questão curiosa: Qual foi o mais ilustre descobrimento do Brasil: o primeiro, em que nêle se introduziram as armas Portuguezas, ou o segundo, em que nêle se descobriram os tesouros das Academias?
- 85

	Págs.
[ASSUNTO] Conferência 16-21 de dezembro. Foi nela Presidente, o Reverendo Padre Félix Xavier Mestre de Retórica no Convento da Companhia de Jesus	
— In laudem Reuerendi Praesidis Felicis Xauerii, Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	95
— Em louvor do Religiosíssimo Presidente, Sonêto, Antônio de Freitas do Amaral	95
— Ao Reverendíssimo Senhor Presidente, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso	96
— Religiosíssimo Praesidi Academiae, cui nomen est Felix Xauerius, Epigramma, Antonius de Oliveira	96
— Ao muito sábio, e engenhoso Padre Félix Xavier da Companhia de IESU, [...], Oitavas ao joco-sério, Do Guarda dos Pátios	97
— Ao muito Religioso, e Erudito Padre Félix Xavier da Companhia de IESU, [...], Décimas ao joco-sério, Do Mestre do barco do Colégio	98
— Ao Reverendíssimo e Sapientíssimo Padre Félix Xavier [...], Sonêto Mestre Ferreiro do Colégio	99
— Ao muito Reverendo, e Douto Padre Félix Xavier [...], Romance joco-sério, Do Mestre Pedreiro do Colégio	100
— Ao Presidente O Muito Reverendo Padre Mestre de Retórica Félix Xavier da Companhia de IESU, Sonêto, Pilôto da Fragata	102
— Ingenioso, atque Reuerendo Patri Felici Xauerio in Caesareo Musaeo, et in Bahiensi Academia oratorem mirífice agentí, Epigramma, [S.I.A.]	103
— Reuerendo Patri Felici Xauerio inter Bahiensis Academiae Praesidis Praeclarissimo, Epigramma, [S.I.A.]	103
— Reuerendo Patri Felici Xauerio sapientissimo Bahiensis Academiae Praesidi, Epigramma, [S.I.A.]	104
— Reuerendo Patri Felix Xauerio inter Bahiensis Academiae Praesides Praeclarissimo, Epigramma, [S.I.A.]	104
— Sapientissimo, et ingeniosissimo Patri Felici Xauerio Societatis IESU, [...], Epigramma, [S.I.A.]	105
— Reuerendo Patri Felici Xauerio circa orationem, quam habuit ad Bahiensis Academicos, Epigramma, [S.I.A.]	105
— Reuerendo Patri Felici Xauerio circa orationem, quam habuit ad Bahiensis Academicos, Epigramma, [S.I.A.]	106
— Reuerendo Patri Felici Xauerio circa orationem, quam habuit ad Bahiensis Academicos, Epigramma, [S.I.A.]	106
— In laudem Reuerendo Patri Felicis Xauerii Rhetoricae Praeceptoris, et Bahiensis Academiae Praesidis, Elogium, [S.I.A.] ...	107
— In laudem Reuerendo Patri Felicis Xauerii [...], Elogium, [S.I.A.]	108
— Inauguratos Academiae Praeses, Vberrima ingenii facultate oratorem egit, Reuerendus admodum Pater Felix Xauerius, Epigramma, [S.I.A.]	109
— Allud circa idem, [S.I.A.]	109
— Allud circa idem, [S.I.A.]	109

	Págs.
[ASSUNTO] Conferência 16 de 27 de dezembro. Foi o primeiro assunto a modéstia de Alexandre Magno quando se lhe houveram de apresentar a mulher, mãe, e filhas de Dario vencido.	
— Ao 1.º assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	110
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Xavier de Araújo	111
— Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto	111
— Ao 1.º assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	112
— Assunto. A comiserção em que se houve Alexandre, com as filhas de Dario, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	112
— Ao mesmo assunto, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa	113
— Ao primeiro assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	114
— Ao 1.º assunto, Sonêto [Caetano de Brito e Figueiredo]	114
— Sonêto, João de Brito e Lima	115
— Ao mesmo assunto, Sonêto, João de Brito e Lima	115
— Ao 1.º assunto, Sonêto, João de Brito e Lima	116
— Sonêto, Manuel Ferreira da Luz	116
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [Manuel Ferreira da Luz]	117
— Ad ium assumptum Epigramma, Luís Canelo de Noronha	118
— À modéstia com que se houve Alexandre Magno com as Rainhas cativas do Exército de Dario, Sonêto, Antônio de Oliveira	118
— Ao assunto heróico, em que se trata a grande modéstia, e clemência de Alexandre para com a mãe, mulher, e filha de Dario, suas prisioneiras, Sonêto, Jorge da Silva Pires	119
— Ao mesmo assunto, Sonêto, [Licenciado Jorge da Silva Pires]	119
— Ao heróico assunto em que se trata da grande clemência e modéstia de Alexandre Magno para com a mãe, mulher, e filhas de Dario, suas prisioneiras, Canção, Jorge da Silva Pires	120
— Na ação de Alexandre com as filhas, e espôsa de Dario. Assunto heróico da presente conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	124
— Assunto 1.º. A modéstia, e continência de Alexandre Magno em não querer ver a mulher, e filhas de Dario, Sonêto, João Alvres Soares	124
— Ao primeiro [assunto], Sonêto, Acadêmico Menos Ocupado	125
— De Alexandri Magni modestia, qua Dario capta uxorem excepit, Epigramma, [S. I. A.]	126
[ASSUNTO] Conferência 16 de 27 de dezembro. Foi o segundo assunto Pirene transformada em fonte.	
— Ad. 2um argumentum, Epigramma, [José da Cunha Cardoso]	126
— Ao Assunto lírico, Sonêto, Francisco Xavier de Araújo	127
— Ao segundo assunto, Redondilhas, Manuel de Mesquita Cardoso	127
— Ao segundo assunto, Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria ...	128
— Ao segundo assunto, Romance, Jacinto Ferreira Feio de Faria	128
— A Fábula de Pirene, Oitavas, João de Barbosa e Lima	130
— Pirene transformada em fonte, Décimas, João de Brito e Lima	135
— Pirene en fuente, [João de Brito e Lima]	136
— Al mismo asunto, Soneto, João de Brito e Lima	137

	Págs.
— Ao segundo assunto, Romance, Manuel Ferreira da Luz	137
— A Pirene convertida em fonte. No 2.º assunto. Romance jocoso, Frei Avertano de Santa Maria	139
— Pyrene convertida em fonte, Distichon, André de Figueiredo Mascarenhas	143
— Ao 2.º assunto, Glosa em epílogos, Luís Canelo de Noronha	143
— Ao 2.º assunto, Canção Luís Canelo de Noronha	144
— Ao 2.º assunto, Endechas, Luís Canelo de Noronha	146
— Converte a Deusa Diana a Pirene em fonte, Décima, Antônio de Oliveira	148
— Pirene convertida em Fonte. Assunto lírico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	148
— 2.º assunto. Pirene transformada em fonte. Romance insensato, João Alvres Soares	149
— Ao Segundo Assunto, Décima, João de las Vinhas	151
— A Pirene convertida em fonte, Décima, de um Capucho Anônimo	151
— A Pirene convertida em fonte. Romance joco-sério, De um Capucho Anônimo	152
— A Pirene convertida em fonte. Romance joco-sério, De um Capucho Anônimo	154
— Pyrene in fontem conuertitur, Epigramma, [S.I.A.]	156
— Pyrene in fontem conuertitur, Epigramma, [S.I.A.]	156
— Pyrene in fontem conuertitur, Epigramma, [S.I.A.]	156
— Pyrene in fontem conuertitur, Epigramma, [S.I.A.]	157
— Flebilis Pyrene in fontem conuersae Locutio, Elegia, [S.I.A.]	157

17.ª CONFERÊNCIA

— Conferência do Coronel José Pires Carvalho de 21 de janeiro de 725	
[ASSUNTO] Conferência 17 de 21 de janeiro de 1725. Foi nela Presidente o Coronel José Pires de Carvalho Cavaleiro da Ordem de Cristo	161
— Ao Presidente José Pires de Carvalho, Décimas joco-sérias, [José da Cunha Cardoso]	166
— Sobre a oração engenhosa, que fez o Senhor Coronel José Pires de Carvalho debaixo da metáfora de um erudito banquete, com reflexão no sobrenome de Pires, Soneto, Júlio Baculino	167
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho orando engenhosamente na Academia Bahiense, Canção, Júlio Baculino	167
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho sobre a erudita, e engenhosa Oração, que fez na presente Academia, sendo atualmente Cabo de Milícia, Epigrama, Júlio Baculino	169
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho [...], Epigrama, Júlio Baculino	169
— Ao mesmo Senhor Coronel José Pires de Carvalho Presidente desta Academia, com reflexão no seu sobrenome de Pires, Epigrama, Júlio Baculino	170

	Págs.
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho Presidente desta Academia com reflexão no seu sobrenome de Pires, Epigrama, Júlio Baculino	170
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho. Digníssimo Presidente da Academia, Décima, Francisco Pinheiro Barreto	171
— Ao Coronel o Senhor José Pires de Carvalho. Digníssimo Presidente, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso	171
— Em louvor do Senhor Presidente, Coronel José Pires de Carvalho, Sonêto sem a letra vogal A, [Antônio Ribeiro da Costa]	172
— Outro ao mesmo Presidente, sem as duas letras vogais E, e I, [Antônio Ribeiro da Costa]	172
— Em louvor do Senhor Presidente o Coronel José Pires de Carvalho, Décima, Sem as três vogais I, O, e U, Antônio Ribeiro da Costa	173
— Outro ao mesmo Presidente sem as duas vogais O, e U, Antônio Ribeiro da Costa	173
— Ao Presidente José Pires de Carvalho, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	174
— Ad Dominum Tribunum militum Iosephum Pires de Carvalho, [...], Epigramma, Padre Manuel da Fonseca Lemos	175
— Ad Dominum Iosephum Pires de Carvalho Praesidem Academiae, Epigramma, [Padre Manuel da Fonseca Lemos]	175
— Ad eumdem Iosephi nomine dictum, Padre Manuel da Fonseca Lemos	176
— Ao Presidente, Sonêto, Alude ao 1.º assunto, João de Barbosa e Lima	176
— Em louvor do Senhor Coronel José Pires de Carvalho, Décimas, João de Brito e Lima	177
— Ao Coronel José Pires de Carvalho Digníssimo Presidente da Academia, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz	177
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho Presidente da presente Academia, Sonêto, Cristóvão Roiz Marques	178
— Em louvor do eruditíssimo Presidente o Coronel José Pires de Carvalho, Sonêto, Licenciado Jorge da Silva Pires	179
— Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho presidindo na presente conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	179
— Em louvor do Senhor Presidente o Coronel José Pires de Carvalho, Décima, João Alvres Soares	180
[ASSUNTO] Conferência 17 de 21 de janeiro de 1725. Foi o primeiro assunto Diógenes buscando com uma luz nas horas do dia um homem na Praça de Atenas.	
— Ao primeiro assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	181
— Ao Cínico Filósofo, que ao meio-dia com uma facha (sic) acesa na mão [...], Sonêto, Júlio Baculino	182
— Ao 1.º assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso	182
— Ao primeiro assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria	183
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, [Caetano de Brito e Figueiredo]	183
— Ao primeiro assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima	184
— Sonêto, [João de Brito e Lima]	185

	Págs.
— Ao mesmo assunto, Sonêto, João de Brito e Lima	185
— Ao primeiro assunto, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz	186
— Diógenes, que na maior força do dia buscava com uma Luz um homem pelas ruas de Atenas, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas	187
— Ao 1.º assunto, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	188
— Ao 1.º assunto, Sonêto, Luís Canelo de Noronha	188
— Primeiro assunto. Diógenes que buscava com uma candela ao meio-dia, na praça de Atenas um homem sábio etc. Censura-se a demasia dêste filósofo neste sonêto, João Alvres Soares	183
— Diogeni Cynico, Ad propositum argumentum, [S.I.A.]	189
— Diogene Cynico, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	190
— Diogeni ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	190
— Ao 1.º, Sonêto, [S.I.A.]	190
— Ao Assunto heróico, Sonêto burlesco, [S.I.A.]	191
[2.º ASSUNTO] Conferência 17 de 21 de fevereiro de 1725. Foi o segundo assunto um cego trazendo às costas a um coxo, que o governava com a vista, ajudando-se reciprocamente para a comodidade de ambos	
— Ao 2.º Assunto, Epigrama, [José da Cunha Cardoso]	192
— Ao 2.º assunto, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso	192
— Ao segundo assunto, Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria	193
— Ao 2.º assunto, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz	193
— Um cego trazendo um coxo às costas, ajudando-se reciprocamente, Romance, André de Figueiredo Mascarenhas	194
— Ao 2.º assunto, Redondilhas, de quebrados, Luís Canelo de Noronha	195
— Ao assunto lírico, em que se trata de um cego que para haver de andar tomou sôbre os ombros um coxo, e servindo-lhe êste de guia foram caminhando, Sonêto, Jorge da Silva Pires	197
— Ao Assunto lírico, em que se trata que um cego, e um manco; para haver êste de andar se pôs sôbre o cego, para servir de guia; e [usando-lhe] dos pés foram caminhando, Silva joco-séria, Jorge da Silva Pires	198
— Ao 2.º [assunto], Sonêto, Do Menos Ocupado	200
— Caeco, et claudo ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	201
— Caeco, et claudo ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	201
— Mutuo auxilio claudi, et caeci ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	201
— Ao assunto lírico, Sonêto burlesco, [S.I.A.]	202
— Ao 2.º assunto, Espinela, [S.I.A.]	202
— Ao segundo assunto, Romance, [S.I.A.]	203
— Ao segundo assunto, A um cego levando às costas a um manco, [S.I.A.]	205
— Ao segundo [assunto], Romance, [S.I.A.]	207

18.^a CONFERÊNCIA

[ASSUNTO] Conferência 18 de 4 de fevereiro de 1725. Com que se fechou e concluiu o 1. ^o ano. Foi nela Presidente o Padre Manuel de Cerqueira Leal Coadjutor na Freguesia de São Pedro	
— Em louvor do Presidente o Padre Manuel de Cerqueira Leal, Soneto, [José da Cunha Cardoso]	210
— Ao muito Reverendo Senhor Presidente Coadjutor de São Pedro, Romance, Boaventura Afonso	210
— Ao Sábio discreto e erudito Presidente o Muito Reverendo Padre o Senhor Coadjutor de São Pedro Manuel de Cerqueira, Soneto, O Padre Pedro Roiz Annes	212
— Ao Reverendo Padre Coadjutor Manuel de Cerqueira Leal, Presidente da presente Academia, Décima, Francisco Pinheiro Barreto	213
— Em louvor do Reverendo Presidente o Senhor Manuel de Siqueira dignissimo coadjutor da Paroquial Igreja de São Pedro desta Cidade da Bahia, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa	213
— Ao Reverendíssimo Senhor Presidente, Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria	214
— Em louvor do Reverendo Senhor Presidente Manuel Cerqueira Leal, Décimas joco-sérias, João de Brito e Lima	214
— Ao muito Reverendo Senhor Padre Manuel de Cerqueira: Presidente da Academia, Manuel Ferreira da Luz	216
— Em louvor do Reverendíssimo Doutor Presidente da Academia do Entrudo o Senhor Doutor Manuel de Siqueira coadjutor dignissimo da Freguesia de São Pedro, Romance, [Provavelmente de Frei Avertano]	217
— Ad Praesidem, Epigramma macharonicum, Luís Canelo de Noronha	219
— Em louvor do Senhor Padre Manuel de Cerqueira Leal, Ode Alcáica, Antônio de Oliveira	220
— Ao Reverendo Padre Coadjutor o Senhor Manuel de Cerqueira Leal presidindo na última conferência da nossa Academia, Soneto, Sebastião da Rocha Pita	221
— Em louvor do Muito Reverendo Senhor Presidente Dignissimo Coadjutor de São Pedro, Décima, João Alvres Soares	222
— Em louvor do Reverendíssimo Padre Mestre Doutor Manuel de Siqueira [...], Soneto, De um seu grande amigo	222
— Ao Reverendo Senhor Presidente, Soneto, De um seu devoto	223
— Décima heróica ao Prezado Presidente, De um seu amigo, e muito venerador que éle bem sabe	223
— Em louvor do engenhosissimo, e eruditissimo Presidente, Décimas, Sacristão da Igreja Matriz do Senhor São Pedro	224
— Ao Senhor Reverendo Presidente, Décimas, [Sacristão da Igreja Matriz do Senhor São Pedro]	226
— Ao Reverendíssimo Senhor Presidente, Epílogo, De um seu parouquiano afetuoso	227
[ASSUNTO 1. ^o] Conferência 18 de 4 de fevereiro de 1725. Foi o primeiro assunto as damas de Cartago dando as tranças de seus cabelos para enxárcias de uma armada contra seus inimigos	

	Págs.
— Ao 1.º Assunto, Sonêto, [José da Cunha Cardoso]	228
— Ao primeiro assunto, Décima heróica, Jacinto Ferreira Feio de Faria	229
— Faltando cordas para aprestarem as naus cartaginesas deram e cortaram as damas de Cartago os seus cabelos para suprirem a falta. Primeiro Assunto, Romance heróico, [Caetano de Brito e Figueiredo]	229
— Ao primeiro assunto, Romance heróico, [Caetano de Brito e Figueiredo]	231
— Cortando as damas de Cartago os cabelos para enxárcias da Armada, Oitavas, João de Brito e Lima	233
— Cortando as Damas de Cartago os cabelos para enxárcias da Armada, Sonêto, João de Brito e Lima	235
— As damas de Cartago dando as tranças de seus cabelos para enxárcias das naus, que contra seus inimigos armou a pátria, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas	236
— A Cidade de Cartago em louvor das Matronas, que cortaram os cabelos para enxárcias, Sonêto aludindo aos ramos de ouro com que Enéias alcançou de Plutão o falar com seu pai Anquises, Antônio de Oliveira	236
— Dando as Damas de Cartago os seus cabelos para enxárcia da Armada cartaginesa, assunto heróico da presente conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	237
— Primeiro assunto. As damas, que ofereceram as tranças dos seus cabelos para enxárcias da armada etc., Romance chistoso, por variar do vocábulo joco-sério, João Alv'res Soares	238
— Carthaginensibus feminis, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	240
— De Matronis Carthaginensibus, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	240
— De Matronis Carthaginensibus, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	241
— Carthaginensibus feminis, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.I.A.]	241
[2.º ASSUNTO] Conferência 18 de 4 de fevereiro de 1725. Foi o segundo assunto o inspirado [retiro], que fêz de Lisboa o Padre Bartolomeu em 25 de setembro	
— Ao segundo assunto, Epigrama, [José da Cunha Cardoso]	242
— Assunto. A fuga que fêz de Lisboa o Doutor Bartolomeu Lourenço, Décimas, Antônio Ribeiro da Costa	242
— Assunto próprio. Quem foi o primeiro plantador da vide, e os bens, e males que causa o vinho a quem o bebe, Quartetos, Antônio Ribeiro da Costa	243
— Assunto próprio: Quem foi o primeiro que deu princípio às guerras, e os inventores das armas para guerrearem, Romance, Antônio Ribeiro da Costa	249
— Ao Doutor Bartolomeu Lourenço de Gusmão retirando-se ocultamente de Portugal, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas	252
— Na suspensão que faz a nossa Academia com a última conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita	252
— Poema Historiographicum, Do Académico Quebra-ambunda	253
— Ao Segundo assunto, Sonêto, De quem quer que fôr	255
— A Cíntia [...], Décimas, [S.I.A.]	256

ÍNDICE — VOL. I — TOMO 5

	Págs.
CONFERÊNCIAS ALTERCADAS E RESOLUTAS	
— [Explicação]	7
— Dissertação Primeira — Da Origem, e que coisas sejam Política, História, Dissertação, e Brasil	9
— Dissertação Segunda — Da Divisão da Política, História, Dissertação, e Brasil	17
— Dissertação Terceira — Se os Índios Bárbaros do Brasil têm alguma espécie de política?	27
— Dissertação Quarta — Se foi conveniente ao Estado a conquista do Brasil, que se reduzissem os Índios, se os nacionals, por modo de República a grandes povoações	37
— Dissertação Quinta — Da política com que se governam os Índios do Brasil, nas suas aldeias, e qual seja mais conveniente, se serem seus magistrados os patrícios, ou se os Estrangeiros	51
— Dissertação Sexta — Do generoso despacho que deu El-Rei Dom Felipe o primeiro de Portugal a Dom Antônio Felipe Camarão e qual seja maior política, se dilatar o merecimento com a esperança do prêmio, ou antepor o galardão à súplica do beneficiário?	65
— Dissertação Sétima — Da pena que deu o Governador Mem de Sá às arrogâncias do soberbo Cururupeba	81
— Dissertação Oitava — Da política que usou Dom Duarte da Costa para vencer os Índios Tapuias, e Tupinambás; e se fôra glorioso ou não este triunfo	97
— Dissertação Nona — Se fôra decoroso e licito o estratagemas com que Dom Duarte da Costa triunfara dos Índios Tapuias e Tupinambás	109
— Dissertação Décima — De um maravilhoso caso, e apotema célebre devidamente ponderado nas histórias do Brasil	125
 DISSERTAÇÕES ACADÊMICAS, E HISTÓRICAS, NAS QUAIS SE TRATA DA HISTÓRIA NATURAL DAS COISAS DO BRASIL	
— [Explicação]	139
— Aparato Isagógico às Dissertações Acadêmicas nas quais se descreve a natureza das coisas principais do Brasil no que somente pertence à História natural	139
— Dissertação Primeira, na qual se trata da geral, e geográfica descrição de toda a América com abreviada demonstração do mais raro, e admirável, que a Natureza nela produziu em 21 de maio de 1724	147.

	Págs.
— Dissertação Segunda da Origem dos índios, e primeiros povoadores da América, e se tiveram os Antigos dela algum conhecimento	157
— Dissertação Terceira. Descreve-se o Brasil com outras particularidades pertencentes à sua natureza	167
— Dissertação Quarta dos Céus, Planêtas, Constelações, e Climas Brasilicos, em 27 de agosto de 1724	177
— Dissertação Quinta dos Climas, Ares, e Meteoros Brasilicos	187
— Dissertação Sexta — Na qual se trata das Aves do Brasil	195
— Dissertação Sétima na qual se individuum os nomes, côres, e diferenças das Aves Brasilicas	203
— Dissertação Oitava, na qual se descrevem os Insetos Voláteis do Brasil	215
DISSERTAÇÕES DA HISTÓRIA ECLESIASTICA DO BRASIL QUE RECITOU NA ACADEMIA BRASÍLICA DOS ESQUECIDOS — O REVERENDO PADRE GONÇALO SOARES DA FRANCA NO ANO DE 1724.	
— [Explicação]	223
— Antilóquio das Dissertações da História Eclesiástica do Brasil	223
— Primeira Parte — Dissertação Primetra da história eclesiástica do Brasil, trata do seu descobrimento	231
— Dissertação Segunda em que se descreve geográficamente o Brasil	241
— Dissertação Terceira, em que se resolve quem foram os primeiros povoadores do Brasil, quando, e como, a êle passaram	249
— Dissertação Quarta: Se a América passou a São Tomé	257
— Dissertação Quinta: Se os Índios do Brasil tinham alguma Lei, como e quando a êle passou a Católica Romana	271
— Segunda Parte — Dissertação Primeira da história eclesiástica do Brasil: trata da fundação das Igrejas	281
— Dissertação Segunda: Continuam as fundações das Igrejas	293
— Dissertação Terceira em que se prossegue, as erecções das Igrejas	305
— índice Geral do vol. I — tomos 1 a 5	315

GOVÉRNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

*Terminou-se a impressão
dêste livro aos 30 de novem-
bro de 1971, na Imprensa
Oficial do Estado, para a Co-
missão Estadual de Litera-
tura, do Conselho Estadual
de Cultura, da Secretaria da
Cultura, Esportes e Turismo.*

Capa de Luiz A. Diaz Correa

20



GOVÉRNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO
SÃO PAULO — BRASIL
1971